7 João a Atos

Comentário Bíblico Beacon

Ralph Earle
Joseph H. Mayfield

Comentário Bíblico
BEACON

REIS BOOK DIGITAL

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

JOÃO E ATOS

7

Beacon Bible Commentary 10 Volume Set

Edição brasileira publicada sob acordo com a Nazarene Publishing House.

Tradução deste volume: Degmar Ribas Júnior
Preparação de originais: Patrícia Almeida
Revisão: Miriam Anna Liborio
Capa e projeto gráfico: Rafael Paixão
Editoração: Joede Bezerra

CDD: 220 - Comentário Bíblico
ISBN: 85-263-0691-X

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Impresso no Brasil

1ª edição/2006

BEACON HILL PRESS

EDIÇÃO BRASILEIRA

Prefácio

"Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra" (2 Tm 3.16,17).

Cremos na inspiração plenária da Bíblia. Deus fala com os homens pela Palavra. Ele fala conosco pelo Filho. Mas sem a palavra escrita como saberíamos que o Verbo (ou Palavra) se fez carne? Ele fala conosco pelo Espírito, mas o Espírito usa a Palavra escrita como veículo de revelação, pois Ele é o verdadeiro Autor das Santas Escrituras. O que o Espírito revela está de acordo com a Palavra.

A fé cristã deriva da Bíblia. Esta é o fundamento da fé, da salvação e da santificação. É o guia do caráter e conduta cristãos. "Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho" (Sl 119.105).

A revelação de Deus e sua vontade para os homens são adequadas e completas na Bíblia. A grande tarefa da igreja é comunicar o conhecimento da Palavra, iluminar os olhos do entendimento e despertar e aclarar a consciência para que os homens aprendam a viver "neste presente século sóbria, justa e piamente". Este processo conduz à posse da "herança [que é] incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus" (Tt 2.12; 1 Pe 1.4).

Quando consideramos a tradução e a interpretação da Bíblia, admitimos que somos guiados por homens que não são inspirados. A limitação humana, como também o fato inconteste de que nenhuma escritura é de particular interpretação, ou seja, não tem uma única interpretação, permite variação na exegese e exposição da Bíblia.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) é oferecido em dez volumes com a apropriada modéstia. Não suplanta outros. Nem pretende ser exaustivo ou conclusivo. O empreendimento é colossal. Quarenta dos escritores mais capazes foram incumbidos dessa tarefa. São pessoas treinadas com propósito sério, dedicação sincera e devoção suprema. Os patrocinadores e editores, bem como todos os colaboradores, oram com fervor para que esta nova contribuição entre os comentários da Bíblia seja útil a pregadores, professores e leigos na descoberta do significado mais profundo da Palavra de Deus e na revelação de sua mensagem a todos que a ouvirem.

— G. B. Williamson

Agradecimentos

Somos gratos pela permissão para citar material protegido por direitos autorais, cuja relação apresentamos a seguir:

- Abingdon Press, *The Interpreter's Bible.*
- Association Press: Studdert-Kennedy, "The Gambler", *Christ in Poetry.*
- Cambridge University Press: C. H. Dodd, *Interpretation of Fourth Gospel.*
- William B. Eerdmans Publishing Co.: E. M. Blaiklock, *Acts of the Apostles.*
- F. F. Bruce, *Commentary on the Book of Acts.*
- Harper e Row: F. J. Foakes-Jackson, *Acts of the Apostles*; Henry J. Cadbury, *Book of Acts in History.*
- Inter-Varsity Press: F. F. Bruce, *Acts of the Apostles.*
- University of Chicago Press: W. F. Arndt e F. W. Gingrich, *Greek-English Lexicon of the New Testament.*

As citações bíblicas foram utilizadas a partir das seguintes fontes:

- *The Amplified New Testament.* Copyright 1958, The Lockman Foundation, La Habra, California.
- *The Berkeley Version in Modern English.* Copyright 1958, 1959, Zondervan Publishing House.
- *The Bible: A New Translation*, James Moffatt. Copyright 1950, 1952, 1953, 1954, de James A. R. Moffatt. Usado sob a permissão de Harper e Row.
- *The Bible: The American Translation*, J. M. Powis Smith, Edgar J. Goodspeed. Copyright 1923, 1927, 1948 por The University of Chicago Press.
- *New American Standard Bible.* Copyright 1960, 1962, 1963, The Lockman Foundation, La Habra, California.
- *The New English Bible.* © The Delegates of the Oxford University Press and the Syndics of the Cambridge University Press, 1961.
- *The New Testament in Modern English.* © J. B. Phillips, 1958. Usado sob a permissão de The Macmillan Company.
- *Revised Standard Version of the Holy Bible*, com Direitos Autorais de 1946 e 1952 pela Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional de Igrejas.
- *The Weymouth New Testament in Modern Speech.* Copyright, Harper and Row Publishers.
- Charles B. Williams, *The New Testament in the Language of the People.* Com Direitos Autorais de 1937 por Bruce Humphries, Inc., direitos cedidos em 1949 para The Moody Bible Institute of Chicago.

Os editores, bem como os escritores, compartilharam a seleção e a contribuição de sugestões homiléticas e os esboços gerais de ensino ao longo de todo este volume.

Os mapas e diagramas que aparecem no final deste volume são adaptados e reproduzidos a partir da linha de *Mapas e Quadros Bíblicos* da Beacon Hill Press of Kansas City, ou são especialmente preparados para este volume.

Citações e Referências

O tipo negrito na exposição de todo este comentário indica a citação bíblica extraída da versão feita por João Ferreira de Almeida, edição de 1995, Revista e Corrigida (RC). Referências a outras versões bíblicas são colocadas entre aspas seguidas pela indicação da versão.

Nas referências bíblicas, uma letra (a, b, c, etc.) designa parte de frase dentro do versículo. Quando nenhum livro é citado, compreende-se que se refere ao livro sob análise.

Dados bibliográficos sobre uma obra citada por um escritor podem ser encontrados consultando-se a primeira referência que o autor fez à obra ou reportando-se à bibliografia.

As bibliografias não têm a pretensão de ser exaustivas, mas são incluídas para fornecer dados de publicação completos para os volumes citados no texto.

Referências a autores no texto, ou a inclusão de seus livros na bibliografia, não constituem endosso de suas opiniões. Toda leitura no campo da interpretação bíblica deve crítica e cuidadosa.

Como Usar o Comentário Bíblico Beacon

A Bíblia é um livro para ser lido, entendido, obedecido e compartilhado com as pessoas. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi planejado para auxiliar dois destes quatro itens: o entendimento e o compartilhamento.

Na maioria dos casos, a Bíblia é sua melhor intérprete. Quem a lê com a mente aberta e espírito receptivo se conscientiza de que, por suas páginas, Deus está falando com *o indivíduo* que a lê. Um comentário serve como valioso recurso quando o significado de uma passagem não está claro sequer para o leitor atento. Mesmo depois de a pessoa ter visto seu particular significado em determinada passagem da Bíblia, é recompensador descobrir que outros estudiosos chegaram a interpretações diferentes no mesmo texto. Por vezes, esta prática corrige possíveis concepções errôneas que o leitor tenha formado.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito para ser usado com a Bíblia à mão. Muitos comentários importantes imprimem o texto bíblico ao longo de suas páginas. Os editores se posicionaram contra esta prática, acreditando que o usuário comum tem sua compreensão pessoal da Bíblia e, por conseguinte, traz em mente a passagem na qual está interessado. Outrossim, ele tem a Bíblia ao alcance para checar qualquer referência citada nos comentários. Imprimir o texto integral da Bíblia em uma obra deste porte teria ocupado aproximadamente um terço do espaço. Os editores resolveram dedicar este espaço a recursos adicionais para o leitor. Ao mesmo tempo, os escritores enriqueceram seus comentários com tantas citações das passagens em debate que o leitor mantém contato mental fácil e constante com as palavras da Bíblia. Estas palavras citadas estão impressas em tipo negrito para pronta identificação.

Esclarecimento de Passagens Relacionadas

A Bíblia é a melhor intérprete de si mesma quando determinado capítulo ou trecho mais longo é lido para descobrir-se o seu significado. Este livro também é seu melhor intérprete quando o leitor souber o que Ele diz em outros lugares sobre o assunto em consideração. Os escritores e editores do *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) se esforçaram continuamente para proporcionar o máximo de ajuda neste campo. Referências cruzadas, relacionadas e cuidadosamente selecionadas, foram incluídas para que o leitor encontre a Bíblia interpretada e ilustrada pela própria Bíblia.

Tratamento dos Parágrafos

A verdade da Bíblia é melhor compreendida quando seguimos o pensamento do escritor em sua seqüência e conexões. As divisões em versículos com que estamos familiarizados foram introduzidas tardiamente na Bíblia (no século XVI, para o Novo Testamento, e no século XVII, para o Antigo Testamento). As divisões foram feitas às pressas e, por vezes, não acompanham o padrão de pensamento dos escritores inspirados. O

mesmo é verdadeiro acerca das divisões em capítulos. A maioria das traduções de hoje organiza as palavras dos escritores bíblicos de acordo com a estrutura de parágrafo conhecida pelos usuários da língua portuguesa.

Os escritores deste comentário consideraram a tarefa de comentar de acordo com este arranjo de parágrafo. Sempre tentaram responder a pergunta: O que o escritor inspirado estava dizendo nesta passagem? Os números dos versículos foram mantidos para facilitar a identificação, mas os significados básicos foram esboçados e interpretados nas formas mais amplas e mais completas de pensamento.

Introdução dos Livros da Bíblia

A Bíblia é um livro aberto para quem a lê refletidamente. Mas é entendida com mais facilidade quando obtemos um maior entendimento de suas origens humanas. Quem escreveu este livro? Onde foi escrito? Quando viveu o escritor? Quais foram as circunstâncias que o levaram a escrever? Respostas a estas perguntas sempre acrescentam mais compreensão às palavras das Escrituras.

Estas respostas são encontradas nas introduções. Nesta parte há um esboço de cada livro. A Introdução foi escrita para dar-lhe uma visão geral do livro em estudo, fornecer-lhe um roteiro seguro antes de você enfronhar-se no texto comentado e proporcionar-lhe um ponto de referência quando você estiver indeciso quanto a que caminho tomar. Não ignore o sinal de advertência: "Ver Introdução". Ao final do comentário de cada livro há uma bibliografia para aprofundamento do estudo.

Mapas, Diagramas e Ilustrações

A Bíblia trata de pessoas que viveram em terras distantes e estranhas para a maioria dos leitores dos dias atuais. Entender melhor a Bíblia depende, muitas vezes, de conhecer melhor a geografia bíblica. Quando aparecer o sinal: "Ver Mapa", você deve consultar o mapa indicado para entender melhor os locais, as distâncias e a coordenação de tempo relacionados com a época das experiências das pessoas com quem Deus estava lidando.

Este conhecimento da geografia bíblica o ajudará a ser um melhor pregador e professor da Bíblia. Até na apresentação mais formal de um sermão é importante a congregação saber que a fuga para o Egito era "uma viagem a pé, de uns 320 quilômetros, em direção sudoeste". Nos grupos informais e menores, como classes de escola dominical e estudos bíblicos em reuniões de oração, um grande mapa em sala de aula permite ao grupo ver os lugares tanto quanto ouvi-los serem mencionados. Quando vir estes lugares nos mapas deste comentário, você estará mais bem preparado para compartilhar a informação com os integrantes da sua classe de estudo bíblico.

Diagramas que listam fatos bíblicos em forma de tabela e ilustrações lançam luz sobre as relações históricas da mesma forma que os mapas ajudam com o entendimento geográfico. Ver uma lista ordenada dos reis de Judá ou das aparições pós-ressurreição de Jesus proporciona maior entendimento de um item em particular dentro de uma série. Estes diagramas fazem parte dos recursos oferecidos nesta coleção de comentários.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito tanto para o recém-chegado ao estudo da Bíblia como para quem há muito está familiarizado com a Palavra escrita. Os escritores e editores examinaram cada um dos capítulos, versículos, frases, parágrafos e palavras da Bíblia. O exame foi feito com a pergunta em mente: O que significam estas palavras? Se a resposta não é evidente por si mesma, incumbimo-nos de dar a melhor explicação conhecida por nós. Como nos saímos o leitor julgará, mas o convidamos a ler a explanação dessas palavras ou passagens que podem confundi-lo em sua leitura da Palavra escrita de Deus.

EXEGESE E EXPOSIÇÃO

Os comentaristas bíblicos usam estas palavras para descrever dois modos de elucidar o significado de uma passagem da Bíblia. *Exegese* é o estudo do original hebraico ou grego para entender que significados tinham as palavras quando foram usadas pelos homens e mulheres dos tempos bíblicos. Saber o significado das palavras isoladas, como também a relação gramatical que mantinham umas com as outras, serve para compreender melhor o que o escritor inspirado quis dizer. Você encontrará neste comentário esse tipo de ajuda enriquecedora. Mas, só o estudo da palavra nem sempre revela o verdadeiro significado do texto bíblico.

Exposição é o esforço do comentarista em mostrar o significado de uma passagem na medida em que é afetado por qualquer um dos diversos fatos familiares ao escritor, mas, talvez, pouco conhecidos pelo leitor. Estes fatos podem ser: 1) O contexto (os versículos ou capítulos adjacentes), 2) o pano de fundo histórico, 3) o ensino relacionado com outras partes da Bíblia, 4) a significação destas mensagens de Deus conforme se relacionam com os fatos universais da vida humana, 5) a relevância destas verdades para as situações exclusivas da sociedade contemporânea. O comentarista busca explicar o significado pleno da passagem bíblica sob a luz do que melhor compreende a respeito de Deus, do homem e do mundo atual.

Certos comentários separam a exegese desta base mais ampla de explicação. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) os escritores combinaram a exegese e a exposição. Estudos cuidadosos das palavras são indispensáveis para uma compreensão correta da Bíblia. Mas hoje, tais estudos minuciosos estão tão completamente refletidos em várias traduções atuais que, muitas vezes, não são necessários, exceto para aumentar o entendimento do significado teológico de certa passagem. Os escritores e editores desta obra procuraram espelhar uma exegese verdadeira e precisa em cada ponto, mas discussões exegéticas específicas são introduzidas primariamente para proporcionar maior esclarecimento no significado de determinada passagem, em vez de servir para engajar-se em discussão erudita.

A Bíblia é um livro prático. Cremos que Deus inspirou os homens santos de antigamente a declarar estas verdades, para que os leitores melhor entendessem e fizessem a vontade de Deus. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) tem a incumbência primordial de ajudar as pessoas a serem mais bem-sucedidas em encontrar a vontade de Deus conforme revelada nas Escrituras — descobrir esta vontade e agir de acordo com este conhecimento.

Ajudas para a Pregação e o Ensino da Bíblia

Já dissemos que a Bíblia é um livro para ser compartilhado. Desde o século I, os pregadores e professores cristãos buscam transmitir a mensagem do evangelho lendo e explicando passagens seletas da Bíblia. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) procura incentivar este tipo de pregação e ensino expositivos. Esta coleção de comentários contém mais de mil sumários de esboços expositivos que foram usados por excelentes pregadores e mestres da Bíblia. Escritores e editores contribuíram ou selecionaram estas sugestões homiléticas. Esperamos que os esboços indiquem modos nos quais o leitor deseje expor a Palavra de Deus à classe bíblica ou à congregação. Algumas destas análises de passagens para pregação são contribuições de nossos contemporâneos. Quando há esboços em forma impressa, dão-se os autores e referências para que o leitor vá à fonte original em busca de mais ajuda.

Na Bíblia encontramos a verdade absoluta. Ela nos apresenta, por inspiração divina, a vontade de Deus para nossa vida. Oferece-nos orientação segura em todas as coisas necessárias para nossa relação com Deus e, segundo sua orientação, para com nosso semelhante. Pelo fato de estas verdades eternas nos terem chegado em língua humana e por mentes humanas, elas precisam ser colocadas em palavras atuais de acordo com a mudança da língua e segundo a modificação dos padrões de pensamento. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) nos empenhamos em tornar a Bíblia uma lâmpada mais eficiente para os caminhos das pessoas que vivem no presente século.

A. F. Harper

Abreviaturas Usadas neste Comentário

Amplified NT — Novo Testamento Amplificado*
ASV — American Standard Revised Version*
EGT — Expositor's Greek Testament*
ERV — English Revised Version*
HDB — Hastings' Dictionary of the Bible*
IB — Interpreter's Bible*
IDB — The Interpreter's Dictionary of the Bible*
LXX — Septuaginta
NASB — New American Standard Bible*
NEB — New English Bible*
RSV — Revised Standard Version*
VGT — Vocabulary of Greek Testament, by Moulton and Milligan*
Vulg. — A Vulgata

* N. do T.: Neste caso, a tradução do conteúdo destas obras foi feita pelo tradutor deste comentário.

a.C. — antes de Cristo
cap. — capítulo
caps. — capítulos
cf. — confira, compare
d.C. — depois de Cristo
e.g. — por exemplo
gr. — grego
hb. — hebraico
i.e. — isto é
ib. — na mesma obra, capítulo ou página
lit. — literalmente
N. do T. — Nota do Tradutor
op.cit. — obra citada
p. — página
pp. — páginas
s. — e o seguinte (versículo ou página)
ss. — e os seguintes (versículos ou páginas)
tb. — também
v. — versículo
ver — veja
vv. — versículos

Sumário

VOLUME 7

O Evangelho Segundo
JOÃO

Joseph H. Mayfield

Introdução

O quarto Evangelho é um retrato escrito do maior dos eventos históricos. Na verdade, este evento é o tema do Evangelho. "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (1.14). Tudo o que o escritor registrou teve a finalidade de tornar tal evento claro e significativo para o leitor.

Os primeiros leitores do quarto Evangelho provavelmente eram cristãos da segunda e terceira gerações. O que sabiam sobre a vida, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus, aprenderam ou de ouvir falar, ou por meio da leitura dos primeiros relatos cristãos. Existem evidências de que entre os primeiros cristãos havia erros de concepção dos fatos e seus respectivos significados, o que fez surgir algumas heresias.

A. Autoria

Uma antiga evidência externa aponta o apóstolo João como o autor. O testemunho dos patriarcas da igreja é quase unânime em favor desta posição. A evidência interna é dupla em tipo. A evidência indireta indica que o autor era judeu, um judeu da Palestina, uma testemunha, um apóstolo, e que o apóstolo era João[1].

Uma evidência interna direta não é, em si, conclusiva, exceto pelo fato de que está claro que o próprio autor testemunhou grande parte daquilo que registrou. Ela não será conclusiva se o nome da testemunha não for citado. João escreve que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (1.14), indicando que o Deus encarnado esteve entre aqueles com quem o próprio escritor estava associado. Novamente ele declara ser testemunha da cena da crucificação. Quando o soldado perfurou o lado do Senhor, saíram sangue e água. O escritor atesta o seu testemunho: "E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro" (19.35). Sem apresentar seu nome, o autor se identifica, em sua conclusão do Evangelho, como uma testemunha: "Este é o discípulo que testifica dessas coisas e as escreveu" (21.24).

B. O Autor

João era filho de Zebedeu, um pescador, e de Salomé (Mc 15.40; 16.1; cf. Mt 27.56). Pensa-se que era mais jovem do que seu irmão, Tiago. Evidentemente, eram os membros da família de Zebedeu pessoas que detinham posses. Eles haviam contratado empregados (Mc 1.20) e, de acordo com João 19.27, João cuidou de Maria após a morte de Jesus.

Embora o nome do apóstolo não seja mencionado como discípulo de João Batista, há razão para crer que ele era um dos dois discípulos citados em João 1.35-40. Se este for o caso, fica evidente que o apóstolo foi primeiro um discípulo de João Batista e, mais tarde, deixou-o para seguir a Jesus, tornando-se um discípulo que dedicou tempo integral a servir o Mestre (Mt 4.18-22; Mc 1.19-20; Lc 5.1-11; cf. Jo 1.29-46).

João fazia parte do círculo íntimo de discípulos, juntamente com seu irmão, Tiago, e também Pedro. Em várias ocasiões, durante a última metade do ministério de Jesus, os três discípulos foram atraídos para um relacionamento mais íntimo com Jesus, mais do

que os outros discípulos (Mt 17.1-8; Mc 9.2-8; Lc 9.28-36,49ss.; 22.8). Pedro e João foram os únicos a seguir Jesus até o lugar do julgamento (Jo 18.15-16), e somente João foi com Ele até o Gólgota (Jo 19.26). Foram João e Pedro que correram até o sepulcro na primeira manhã de Páscoa (Jo 20.3-4).

O apóstolo é mencionado nove vezes no livro de Atos. Ali, sua presença ficou obscurecida diante do destaque da liderança de Pedro. Paulo o cita nominalmente como um dos líderes da igreja em Jerusalém (Gl 2.9).

O Apocalipse, cuja autoria é comumente atribuída a João, é a última referência das Escrituras ao apóstolo. O seu auto-retrato mostra-o na ilha de Patmos (Ap 1.9), como um profeta e homem de Deus que recebeu visões da parte do Senhor.

A antiga literatura patrística faz referências ocasionais ao apóstolo, deixando evidente que este era morador de Éfeso. Westcott cita Jerônimo, que relatou: "Permanecendo em Éfeso até uma idade avançada — podendo ser transportado para a igreja apenas nos braços de seus discípulos, e incapaz de pronunciar muitas palavras — João costumava dizer não muito mais do que: 'Filhinhos, amai-vos uns aos outros'. Por fim, os discípulos e patriarcas que ali estavam, cansados de ouvir sempre as mesmas palavras, perguntaram: — Mestre, por que sempre dizes isto? — É o mandamento do Senhor — foi a sua digna resposta — e se apenas isto for feito, será o suficiente".[2]

Uma vez que o apóstolo era da Galiléia, e de ascendência judaica, sua formação dava-lhe a amplitude de experiência necessária para entender e interpretar a vida, os ensinos, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus, tanto do ponto de vista judaico quanto do helenístico.

C. Data

As estimativas quanto à data da escrita têm variado entre a metade do século I até a metade do século II. Aqueles que não aceitam a autoria de João tendem a favorecer a data posterior. Alguns estudiosos recentes defendem a primeira data com base nas descobertas arqueológicas na antiga colônia grega de Pella. No entanto, tanto as evidências internas como as externas apontam de forma bastante consistente para uma data em torno de 95 d.C.

D. Propósito

O propósito do autor é claramente declarado: "Jesus, pois, operou também, em presença de seus discípulos, muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.30-31). Uma análise das idéias-chave poderá ajudar-nos a entender melhor esta declaração.

1. *Os Milagres (Sinais)*

A palavra grega usada aqui é *semeion*. Em seu uso clássico, significava: (*a*) uma marca, sinal ou símbolo pelo qual algo é conhecido; um traço, um rastro; (*b*) um sinal dos

deuses, um presságio; (*c*) um sinal para fazer qualquer coisa; um sinal para a batalha.[3] No grego Koinê, a palavra significava "milagre" ou "maravilha", bem como "sinal". A versão *King James*, em inglês, traduz a palavra quatro vezes como "sinal", e treze vezes como "milagre". Sendo utilizada na declaração do propósito de João, a palavra apresenta duas idéias distintas. Certamente refere-se aos milagres realizados por Jesus, alguns dos quais são registrados exclusivamente no quarto Evangelho. Mas ela também oferece uma pista diante da pergunta: Por que ele registrou estes milagres como sinais? Traduzida literalmente, a resposta é: "para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus". João viu os milagres de Jesus como sinais para ação, e designou o ato de fé como sendo a ação desejada.

2. *A Fé*

O substantivo "fé" (*pistis*) não aparece no Evangelho de João. No entanto, o verbo "crer" (*pisteuo*) é usado em várias formas 94 vezes. Ela é uma palavra-chave no Evangelho. O ato da fé é uma resposta total e pessoal àquele que Deus enviou, o Verbo encarnado. De acordo com L. H. Marshall, a fé possui três elementos claramente discerníveis: a crença, a confiança e a lealdade.[4] Assim como a pólvora não é pólvora se um de seus três elementos — carbono, nitrato de potássio e enxofre — estiver faltando, a fé só é genuína se os seus três elementos estiverem presentes. Um exemplo excelente disto está em João 11.

3. *Jesus É o Cristo*

Tanto o produto quanto o objeto da fé são fundidos em uma única essência. O produto de uma fé realizadora é um entendimento correto do fato histórico do cumprimento messiânico na Encarnação. Mas a fé está em sua realização mais elevada quando o seu objeto é Jesus, o Cristo, o Filho de Deus.

João planejou intencionalmente a sua escrita selecionando e colocando em ordem os eventos e as palavras, a fim de mostrar que o *Logos* de Deus, o Verbo encarnado, é o cumprimento completo e final de tudo o que está prefigurado na lei e nos profetas. Embora João não registre a própria declaração de Jesus (Mt 5.17) a este respeito, ele demonstrou por "sinais" cuidadosamente escolhidos que Jesus veio não para destruir a lei e os profetas, mas para cumprir tudo o que fora dito.

4. *A Vida*

A palavra "vida" (*zoe*) é utilizada 36 vezes. Em dezessete, é usada com o adjetivo "eterna" (*aionios*), mas sem qualquer mudança evidente de significado.[5] Além disso, o verbo "viver" (*zen*) ocorre dezesseis vezes, e há três ocorrências de *zoopoiein*, que significa "vivificar". Portanto, fica evidente que "vida" é um grande tema do quarto Evangelho. A forma substantiva (*zoe*) é definida por Arndt e Gingrich tendo o significado de "vida no sentido físico", "*um meio de sustento ou subsistência*". Ela também significa "a vida dos crentes que procede de Deus e de Cristo" e se refere à "vida de graça e santidade [...] Especialmente no uso joanino, o conceito *zoe* é abundantemente empregado, como uma regra para designar o resultado da fé em Cristo; na maioria dos casos é declarado expressamente que o seguidor de Jesus possui vida mesmo neste mundo".[6] Em muitas passagens, como aqui, a palavra "vida" (*zoe*) é usada como sinônimo de vida eterna (*zoe aionios*). Dessa forma, é visto que o propósito de João ao escrever é que o leitor, alcançando a fé, possa se tornar aquele que recebe a vida eterna, uma vida atual de graça e santidade.

E. Palavras-chave

Contrastes vívidos fornecem boa parte da imagem de fundo e do simbolismo no Evangelho. Um destes contrastes é a luz e as trevas — "E a luz resplandece nas trevas" (1.5). A palavra "luz" (*phos*) aparece 21 vezes, e "trevas" (*skotia*) é usada seis vezes. Jesus é a Luz (8.12), e Ele veio para expulsar as trevas (1.5), que representa o mal em todas as suas formas, tanto no sentido individual como cósmico. Há a garantia de que, em última instância no propósito e tempo de Deus, tudo o que a luz representa triunfará, e tudo o que as trevas representam será removido e derrotado (cf. Ap 20.10). É bastante claro que o autor tinha em mente escrever uma polêmica contra a crença gnóstica. Esta era uma doutrina filosófica de um dualismo metafísico de luz e trevas, bem e mal, sem a garantia do triunfo final de Deus e daquilo que é certo.

Um outro conjunto de palavras-chave é "verdade" e "testemunho". Jesus disse diante de Pilatos: "... para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (18.37). A palavra "verdade" (*aletheia*) ou uma forma cognata é usada 49 vezes, enquanto "testemunho", freqüentemente no mesmo contexto da palavra "verdade", aparece 42 vezes. O próprio Senhor Jesus é a Verdade manifestada na carne, o verdadeiro Testemunho (3.33), pois Ele mesmo é a Verdade (14.6). Então, existem aqueles que dão testemunho de Jesus: o Pai (5.37), o próprio Jesus (8.14), João Batista (1.15), as próprias obras ou sinais de Jesus (10.25), as Escrituras (5.39-40), os discípulos (15.27; 21.24), e o Espírito (15.26; 16.14).

"Vida" e "juízo" (*krisis*) também representam idéias-chave. A palavra "vida" foi discutida acima. Da mesma maneira que é usada ao lado do adjetivo "eterna" com riqueza de significado, ela também é colocada em contraste com o juízo ou a morte. A palavra "juízo" é usada 26 vezes e retrata consistentemente a condição atual daqueles que recusaram-se a crer (3.18-19) naquele que é a Luz (9.39-41). A vinda da Luz constitui o juízo final sobre o pecado e a morte (16.8-11).

Esboço

I. Prólogo, 1.1-18

A. O Verbo: Natureza Essencial e Relações, 1.1-5
B. João Batista e a Luz, 1.6-8
C. O Verbo entre os Homens, 1.9-13
D. A Encarnação, 1.14-18

II. Os testemunhos, 1.19-51

A. João Batista, 1.19-42
B. Filipe e Natanael, 1.43-51

III. Os sinais, 2.1—12.50

A. O Vinho Novo, 2.1-12
B. O Novo Templo, 2.13-22
C. Uma Nova Visão do Homem, 2.23—5.47
D. O Novo Pão, 6.1-71
E. O Novo Derramamento, 7.1-52
F. A Seção sobre o Adultério, 7.53—8.11
G. Uma Série de Controvérsias, 8.12-59
H. A Nova Congregação, 9.1—10.42
I. Da Morte para a Vida, 11.1-57
J. O Cristo Universal, 12.1-50

IV. A Última Ceia e os Últimos Discursos, 13.1—16.33

A. A Ceia, 13.1-30
B. Os Últimos Discursos, 13.31—16.33

V. A Oração do Senhor, 17.1-26

A. Jesus Ora por Si Mesmo, 17.1-8
B. Jesus Ora pelos seus Discípulos, 17.9-19
C. Jesus Ora pelos Futuros Crentes, 17.20-26

VI. A Prisão e o Julgamento, 18.1—19.16

A. A Prisão, 18.1-14
B. O Julgamento, 18.15—19.16

VII. A Crucificação e o Sepultamento, 19.17-42

A. A Crucificação, 19.17-37
B. O Sepultamento, 19.38-42

VIII. A Ressurreição e as Aparições, 20.1—21.25

A. A Evidência da Ressurreição, 20.1-10
B. A Aparição Pessoal a Maria Madalena, 20.11-18
C. A Aparição Pessoal aos Dez, 20.19-23
D. A Aparição Pessoal aos Onze, 20.24-29
E. Um Prefácio Postergado, 20.30-31
F. A Aparição Pessoal no Mar de Tiberíades, 21.1-23
G. Conclusão, 21.24-25

Seção I

PRÓLOGO

João 1.1-18

O prólogo é, simultaneamente, uma clara declaração dos grandes temas do Evangelho e uma fusão do melhor do pensamento helenista e da religião judaica. O Logos (Palavra) dos estóicos e Filo é aqui apresentado não como uma "fria abstração filosófica",[1] mas como a Pessoa de Deus vivendo entre os homens que vieram reconhecê-lo e adorá-lo, e que deram testemunho a seu respeito. Embora a palavra *logos* apareça somente em 1.1 e 1.14, fica evidente que a idéia da revelação pessoal de Deus descrita no Verbo nunca está longe da mente do autor (cf. Ap 19.13). Estes primeiros dezoito versículos, com exceção de 6-8 e 15, são, às vezes, chamados de "Hino Logos".

A. O Verbo: Natureza Essencial e Relações, 1.1-5

As palavras de abertura, **No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus** (1), lembram ao leitor a passagem de Gênesis 1.1. Não há maneira mais apropriada de iniciar o relato do maior acontecimento da história. Foi aqui que a religião hebraica começou — "No princípio Deus..." (cf. 1 Jo 1.1). Assim como Deus é eterno, o Verbo também o é. Ele é "o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim" (Ap 1.8). Os verbos **ser** e **estar**, usados neste primeiro versículo, descrevem uma ação contínua, sem levar em consideração o princípio ou o fim. Como diz Westcott, "O tempo verbal imperfeito do original sugere nesta relação, até onde a linguagem humana pode ir, a noção de uma existência supratemporal absoluta".[2]

O Verbo eterno é descrito como **com Deus**. A preposição **com** perde um pouco da força da palavra original, que indica "movimento voltado para" ou "face a face". Assim, o **Verbo** está em um relacionamento mais íntimo com Deus.

A última oração, **e o Verbo era Deus**, levanta a questão: Qual é a natureza essencial do Verbo? Tem havido muitas tentativas de identificar **o Verbo** com a razão universal dos estóicos, ou com o uso de Platão da "palavra", ou até mesmo com o conceito hebraico, às vezes personalizado, de sabedoria. No entanto, todas mostram-se insuficientes em relação ao uso que João faz do termo. Quando João escreveu **E o Verbo era Deus**, queria que o leitor entendesse que a natureza essencial do Verbo é a Divindade, Deus falando ao homem. É uma descrição da "auto-revelação de Deus".[3] Além disso, no grego, o artigo definido não é usado com a palavra **Deus** (*theos*). A omissão do artigo definido enfatiza o tipo ou a qualidade. Assim, a natureza essencial do Verbo é descrita. O retrato que João faz do Verbo, como eterno e como Deus, deve servir para responder àqueles que insistem na idéia de que o Verbo foi apenas uma criatura primogênita divina!

O versículo 2 reitera enfaticamente a eternidade do Verbo. Quando traduzido literalmente, lê-se: "Este (o Verbo) estava no princípio face a face com Deus".

Quatro relações do Verbo são descritas em 1.3-5.

1. *Com o Mundo*

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (3; cf. Sl 33.6,9; Cl 1.15-17; Hb 1.2). A última oração, que é enfática, foi acrescentada para se guardar contra as falsas doutrinas do século I "que atribuíam a origem de certas existências a criadores inferiores, ou consideravam a matéria como auto-existente".[4]

2. *Com a Vida e a Luz*

Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens (4). Aqui, o Verbo é visto como a Fonte da vida. A vida biológica vem dele, com certeza, mas há mais. Regularmente usada neste Evangelho, a palavra **vida** (*zoe*, 36 vezes; nunca *bios*, vida biológica) se refere à vida "do alto" (3.3), à "vida eterna" (3.15-16; 20.31), à vida abundante (10.10). Como Ele é a Fonte de toda a vida, também é Ele a Fonte de toda a luz. A primeira criação do Verbo divino foi a luz (Gn 1.3). Da mesma forma, o salmista fala da vida e da luz juntas: "porque em ti está o manancial da vida; na tua luz veremos a luz" (Sl 36.9). O Verbo encarnado descreve a si mesmo como "a luz do mundo" (Jo 8.12). A luz e a vida estão na ofensiva. A morte está destinada à derrota (11.26); as trevas do túmulo são dispersadas pela luz penetrante e resplandecente.

3. *Com o Homem*

E a vida era a luz dos homens (4). O Verbo é a Revelação pessoal de Deus aos homens. É pessoal porque procede de Deus e é direcionada aos homens. O Verbo é "a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo" (1.9).

4. *Com as Trevas*

E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam (5). O Verbo eterno, em figuras de luz e vida, veio aos homens que estão em trevas e morte. Por todo o quarto Evangelho, estão os retratos da conseqüente luta entre a Luz e as trevas,

geralmente coroados de vitória pela Luz, mas às vezes não. Jesus deu vista (luz) a um homem cego de nascença (cap. 9). Ele trouxe Lázaro do túmulo, da morte e das trevas (cap. 11). Mas um que estava próximo a Ele, Judas Iscariotes, entrou na noite de trevas eternas (13.30). A palavra traduzida como **compreenderam**, significando "entender", também significa "vencer". Embora João pudesse ter em mente ambos os significados, o segundo, juntamente com o tempo aoristo[5] do verbo, é a promessa da vitória definitiva e final para a luz, e para tudo aquilo que ela representa.

B. JOÃO BATISTA E A LUZ, 1.6-8.

Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz (6-8). João Batista é apresentado no início da história. Em seu recital do Hino Logos, na citação da Luz, o autor quer que fique claramente entendido que João Batista não é a Luz. Então, como será visto mais tarde, o escritor João foi um discípulo de João Batista, antes de deixá-lo para seguir a Jesus. Conseqüentemente, estando próximo a João Batista, ele conhecia bem o relacionamento mantido entre João Batista e Jesus.

O autor é cuidadoso em sua escolha de um verbo para descrever a vinda de João. **Houve um homem** significa literalmente "veio a existir (ou apareceu na história) um homem". A sua "vinda" não deve ser confundida com o "ser" do Verbo eterno (1.1).

João Batista representava para a antiga ordem um profeta e sacerdote (Mt 11.9-10), mas para a nova ordem, um mensageiro. O testemunho do próprio João Batista (1.33) deixa claro que ele assim concebeu o seu papel. Os homens creriam através dele. Ele deveria ser a ocasião para que os homens tivessem fé. Mas o objeto da fé dos homens deveria sempre ser o Verbo eterno, Jesus Cristo.

C. O VERBO ENTRE OS HOMENS, 1.9-13

Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo (9). Isaías, o profeta, clamou, "Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti" (60.1). A profecia é cumprida; veio a verdadeira Luz. Cristo é a Luz. O significado de **verdadeira** precisa de esclarecimento. Dizer que Cristo é a **Luz verdadeira** sugere que todas as outras luzes são enganadoras ou falsas. Mas isto não é o que João está dizendo. Antes, Cristo é a Luz real, perfeita e genuína. As outras, por comparação (*e.g.*, João Batista), são imperfeitas, são sombras, ou não têm essência. Entretanto, embora não sejam a luz verdadeira, não são falsas.[6]

O Evangelho de João tem sido freqüentemente chamado de Evangelho Universal, e assim ele é. Aqui, o autor escreve que o Logos, o Cristo, é a **Luz... que alumia a todo homem que vem ao mundo.**

Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam (10-11). Em um estilo majestoso, porém usando uma linguagem mais simples, João retrata o fato, o propósito e o resultado da

Encarnação. O fato: Ele **estava no mundo**, um mundo e um povo de sua própria criação. O propósito: Ele **veio para o que era seu**. Mas o resultado, a resposta do homem à ação de Deus em relação ao próprio homem, foi o fracasso em conhecê-lo, a recusa em recebê-lo. O propósito de Deus e a recusa do homem são colocados aqui em um vívido contraste. Uma tradução literal seria a seguinte: "Ele veio para as suas próprias coisas, e o seu próprio povo não o recebeu". Não foi o mundo natural que recusou aceitá-lo. A recusa e a rebeldia vieram dos corações dos homens. João usa a palavra "conhecer" para abraçar mais do que um entendimento intelectual. "O fracasso em conhecer a Deus é um fracasso sobre um plano ético. É a rejeição voluntária de Deus, e o repúdio à sua justiça".[7] Sem dúvida, a rejeição completa — da melhor e mais elevada revelação de Deus — foi demonstrada pelos líderes de Israel, geralmente descritos por João como "os judeus".[8]

Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus (12-13).

Embora muitos tenham rejeitado a Luz resplandecente, a revelação pessoal de Deus, muitos a receberam. A palavra traduzida como **poder** (ou, melhor, "direito") "não descreve uma mera capacidade, mas uma autoridade legítima e por direito, derivada de uma fonte competente que inclui a idéia do poder" (cf. 5.27; 10.18; 17.2; 19.10-11).[9] Na Encarnação, Deus fez a provisão adequada para que os homens tenham o direito — baseado na autoridade e no poder apropriados — de se tornarem "filhos" de Deus. Tal direito não é uma capacidade humana inerente, separada da graça de Deus. É dado por Deus. Somente os homens que o recebem, *i.e.*, aqueles que têm fé, são filhos de Deus. A auto-revelação de Deus é universal; é para todos os homens (9), mas a resposta do homem, não. Nem todos os homens têm fé.

Há apenas uma maneira de se tornar filho de Deus, que é ser gerado "*de* Deus". Nem mesmo ser o ancestral humano mais ilustre e religioso é suficiente para se fazer parte da família de Deus. A mulher samaritana (4.12) recorreu a Jacó como uma certificação de sua posição religiosa, e os judeus freqüentemente falavam com Jesus a respeito de seu pai Abraão (8.33,39,53,57), como uma justificativa suficiente de sua posição diante de Deus. O ensino de Jesus a Nicodemos, que era um mestre de Israel, centralizou-se neste fato (3.3,5). Somente Deus pode dar vida espiritual.

Um sermão intitulado "A Verdadeira Luz", descrevendo a missão do Verbo vivo poderia ser construído em torno destes pontos: 1. O Verbo é vida (4); 2. O Verbo vence tudo (5); 3. O Verbo é Deus entre os homens (1,14).

D. A ENCARNAÇÃO, 1.14-18

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (14).

Westcott[10] destaca as quatro partes essenciais desta grande declaração.

1. *A Natureza da Encarnação*

O Verbo se fez carne. O termo aqui traduzido como **se fez** na verdade significa "tornou-se" (cf. 1.6); portanto, ele descreve com exatidão a entrada de Jesus na história.

Falando ao mundo grego de seus dias, João disse nos melhores termos possíveis que "o Logos da filosofia é o Jesus da história".[11] Além disso, os gnósticos docéticos daquela época afirmavam que não houve uma encarnação real — pensavam que o corpo de Jesus fosse apenas uma "semelhança". Para eles, Cristo era, no máximo, uma teofania — uma aparição de Deus em forma humana. Alegavam que o Verbo nunca se tornou carne, realmente. Em oposição, João fez uma declaração simples, direta e poderosa: **O Verbo se fez carne** (cf. 1 Jo 4.2; 2 Jo 7). Hoskyns diz:

> *O Verbo se fez carne* — uma linguagem perigosa quando separada de seu contexto no quarto Evangelho, pois o autor não quer dizer que o Espírito se transformou em carne e, portanto, tornou-se inútil, ou que o Espírito ou o Verbo de Deus tornou-se algo visível ao olhar histórico. Ele, porém, quer dizer que a carne de Jesus é o lugar onde os homens creram e descreram, e ainda o fazem; onde a divisão entre aqueles que crêem e aqueles que não crêem torna-se uma divisão definitiva entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo. Qualquer distinção relativa entre a fé e a descrença é impensável.[12]

A natureza da Encarnação, como aqui apresentada, esclarece vários pontos. De acordo com Westcott:

> a. A humanidade do Senhor era completa... (O Verbo se fez *carne*, e não *um corpo* ou coisa semelhante.); b. A humanidade do Senhor era real e permanente... (O Verbo *se fez* carne, e não *se revestiu de* carne); c. As naturezas humana e divina do Senhor permaneceram sem mudanças, cada uma delas cumprindo o seu papel de acordo com as suas próprias leis... (O *Verbo* se fez *carne*, ambos os termos são preservados lado a lado.); d. A humanidade do Senhor era universal e não individual, incluindo tudo o que pertence à essência do homem, sem levar em consideração sexo, raça ou tempo (O Verbo se fez *carne* e não *um homem*.); e. As naturezas humana e divina do Senhor estavam unidas em uma única pessoa...; f. O Verbo não adquiriu personalidade através da Encarnação.[13]

A. T. Robertson argumenta que a declaração **O Verbo se fez carne** é uma alusão à concepção virginal. Ele faz a pergunta retórica: "Que significado inteligente pode-se dar à linguagem de João, aqui, separado da concepção virginal? Que mãe ou pai comum fala de um filho 'tornando-se carne'?"[14]

2. *A Vida Histórica do Verbo Encarnado* (1.14*b*)

Ele **habitou entre nós.** A temporalidade da Encarnação é mostrada na figura de uma tenda para habitação temporária. João escreveu literalmente: "O Verbo levantou um tabernáculo ou uma tenda entre nós". A historicidade da Encarnação é certificada no lugar da habitação — **entre nós** (cf. Sl 85.9-10).

3. *Testemunho Pessoal da Vida Humana-Divina* (1.14*c*)

Vimos a sua glória. Talvez o melhor comentário sobre isto seja feito pelo próprio João em sua primeira epístola: "O que era desde o princípio, o que vimos com os

nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida" (1.1). A oração "o que temos contemplado" é exatamente a mesma forma usada em 1.14 para **vimos**. Este é o aoristo histórico e se refere a um momento definido no passado. O que estas testemunhas apostólicas contemplaram foi a **sua glória**. João "fala por aqueles que têm fé e, portanto, visão".[15] Eles viram a manifestação da presença e do poder de Deus operando entre eles. Esta manifestação estava presente em toda a vida, obra, morte e ressurreição de Jesus. Seus discípulos viram a sua glória e creram nele (2.14; 11.4,40; 12.41; 17.5, 22,24).

4. *O Verbo Encarnado como o Revelador de Deus* (1.14*d*-18)

Uma palavra precisa ser dita sobre a frase **o Unigênito do Pai**. Comparada a Colossenses 1.15, onde Cristo é descrito como "o primogênito de toda a criação", a frase apresenta a filiação de Cristo sob aspectos complementares. "A primeira marca a sua relação com Deus como absolutamente sem paralelos; a outra marca a sua relação com a criação como preexistente e soberana".[16] O significado é claro e poderoso. "A glória do Verbo encarnado era como a glória que o Filho único do Pai eterno derivaria dele, e assim a poderia exibir aos fiéis".[17]

A palavra **graça** só aparece aqui e em 1.16-17. É a graça que Ele veio dar aos homens. **E todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça** (16). A palavra que acompanha graça é **verdade** (17), e a verdade é o caráter essencial do Verbo. Esta é a verdade no sentido filosófico da realidade, no sentido ético da santidade, e no sentido moral do amor. Jesus disse a respeito de si mesmo: "Eu sou... a verdade" (14.6).

O versículo 15 é uma reiteração a respeito de João Batista. Em 1.7 ele testificou da Luz; aqui, ele testifica ou faz uma afirmação que anuncia a vinda de Cristo, enquanto afirma a sua existência eterna. **João testificou dele e clamou, dizendo: Este era aquele de quem eu dizia: o que vem depois de mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu.**

A idéia de abundância do rico depósito da graça infinita de Deus é proeminente em João. A linha de ação é definida aqui no prólogo. **E todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça** (16). Esta idéia de abundância ocorre repetidamente nas palavras e nas obras de Jesus. Em Caná da Galiléia, havia abundância do melhor vinho (2.10). Ele deu à mulher samaritana "uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (4.14). Para a multidão faminta, havia mais do que o suficiente (6.13). Para a alma sedenta, Ele prometeu não só o suficiente para satisfazer, mas um transbordamento de "rios de água viva" (7.38). A vida abundante para os verdadeiros crentes se tornou possível pela entrada de Jesus no mundo (10.10). João não só exibe um evangelho que é universal no sentido explícito (*i.e.*, um evangelho para "todo aquele que quiser"), como também em um sentido implícito. Todas as áreas da vida do homem de fé são permeadas pela graça abundante de Deus.

A expressão **graça sobre graça** é literalmente "graça tomando o lugar da graça". Robertson observa que ela é "como o maná fresco a cada manhã, a nova graça para o novo dia, e para o novo serviço".[18]

Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo (17). Este contraste vívido proporciona simultaneamente: (a) um plano para

a organização dos materiais no quarto Evangelho; e (b) o cenário para o conflito e a controvérsia que culminaram na cruz.

A organização dos materiais no Evangelho de João mostra que a revelação através do Verbo é superior à da lei, e que somente em Jesus Cristo a lei encontra o seu cumprimento completo (Ele veio não para destruir, mas para cumprir). Esta revelação superior é a revelação plena, pessoal e final de Deus (14.9).

Jesus não estava em conflito com a lei. Aqueles que representavam a lei, sim, estavam em conflito com Ele. Isto resultou em uma prolongada controvérsia entre Jesus e os judeus, a qual teve início com a questão relacionada às leis do sábado (5.10) e culminou na cruz (19.18).

Não é que João pensasse na lei e na graça como antitéticas, ou que a lei não fosse verdadeira. Ela era verdadeira, porém limitada. A lei era insuficiente em relação às necessidades mais profundas do homem, ao passo que Cristo é mais do que suficiente, uma vez que Ele é a Fonte de toda a verdade e graça.

Aqui, João usa o nome histórico completo, **Jesus Cristo**. Nos Sinóticos, este nome completo só é encontrado em Mateus 1.1 e Marcos 1.1; e novamente em João, somente em 17.3.

Uma firme tradição judaica afirmava que ninguém jamais vira a Deus com olhos físicos (Êx 33.20; Dt 4.12). Conseqüentemente, João escreveu: **Deus nunca foi visto por alguém** (18). Mas isto proporciona a ocasião para que ele declare a plena verdade que está prestes a descrever em detalhes. **O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer**. Aqui estão descritos em afirmações majestosas: a preexistência de Cristo e o seu relacionamento inigualável com o Pai, **o Filho unigênito**; a sua encarnação, **este o fez conhecer**; e a sua condição como eterno e exaltado, **que está no seio do Pai**. O melhor comentário sobre a expressão **no seio do Pai** foi feito pelo próprio João, quando escreveu uma frase que pode ser literalmente traduzida assim: “O Verbo estava face a face com Deus” (1.1).

Seção II

OS TESTEMUNHOS

João 1.19-51

A. João Batista, 1.19-42

1. *O Testemunho de João a respeito de si mesmo* (1.19-23)

A história do evangelho na verdade começa em 1.19. No prólogo, o autor mencionou João Batista e seu testemunho de uma forma geral (1.6-7,15), mas aqui volta-se para alguns detalhes sobre ele, dentro de um cenário histórico. O tema para a seção é a declaração aberta: "Este é o testemunho de João" (19).

Ninguém estava em posição mais favorável do que João Batista para testificar a respeito do Verbo encarnado. Havia a profecia de que ele viria preparar "o caminho do Senhor" (Is 40.3). De acordo com as próprias palavras de Jesus, esta profecia cumpriu-se através da vinda de João. Jesus disse acerca dele: "E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir" (Mt 11.14).

A investigação cuidadosa dos **sacerdotes e levitas**[1] — uma delegação oficial do Templo, enviada pelos judeus de Jerusalém para descobrir, se possível, a origem e a missão de João — marca o início de uma hostilidade sempre crescente, primeiro a João, depois a Jesus. Isto culminou com o assassinato prematuro de João Batista (Mt 14.3-10) e com a crucificação de Jesus.

A primeira conversa do quarto Evangelho (há muitos diálogos no livro) inicia com a pergunta apresentada pelos sacerdotes e levitas: **Quem és tu?** (19) A primeira resposta de João, **Eu não sou o Cristo** (20), é mais explícita porque afirma o que ele não é. Os homens não deveriam, de forma alguma, pensar nele como o Messias prometido e esperado (Is 7.14; 9.6).

Os interrogadores prosseguiram no assunto, posteriormente. **Então, quem és, pois? És tu Elias?** (21) Com base em Malaquias 4.5, os judeus esperavam a vinda de Elias antes que viesse "o dia grande e terrível do Senhor"; portanto, sua pergunta era apropriada. A resposta de João, **não sou** (21), em nenhuma hipótese é uma contradição das palavras de Jesus em Mateus 11.14, pois embora João Batista estivesse cumprindo o ministério preliminar de que Malaquias falara, ele não era Elias de volta à terra em uma forma corpórea.

A resposta negativa de João evocou uma pergunta adicional: **És tu o profeta?** — aquele predito em Deuteronômio 18.15. A partir de João 6.14 e 7.40, fica claro que os judeus aguardavam **o profeta**, mas a resposta de João Batista foi outro sonoro **Não!** As três respostas para essas perguntas variadas tornaram-se consistentemente curtas, menos explicativas, tendendo mais à negação. Os interrogadores, então, explicaram por que precisavam de uma resposta para a pergunta: **Quem és tu? ... para que demos resposta àqueles que nos enviaram**. E persistiram, **Que dizes de ti mesmo?** (22) A resposta de João é tanto uma afirmação quando uma negação: **Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías** (Is 23). A negativa está implícita. Ele não era o Verbo, mas uma voz para declarar o Verbo. Conseqüentemente, esta era tanto uma afirmação quanto um cumprimento.

2. *O Relacionamento de João com Aquele que Viria* (1.24-28)

E os que tinham sido enviados eram dos fariseus (24). Esta frase pode ser traduzida também da seguinte forma: "Eles tinham sido enviados pelos fariseus". Desse modo, a pergunta foi colocada de uma maneira que cobrisse o assunto já revisto inteiramente, e também tinha a finalidade de introduzir um novo interrogatório a respeito do batismo. **Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?** (25) Visto que o grupo investigador se originara em Jerusalém, do meio dos fariseus, é bastante natural que este devesse ser um ponto de discussão, pois pensavam eles que eram os guardiões da ortodoxia judaica, particularmente relacionada a formas e práticas associadas ao batismo.

A resposta de João é uma pronta admissão desta prática de batismo com água, um rito simbólico de purificação (cf. Mt 3.6; Mc 1.8; Lc 3.3,12; 7.29). Evidentemente, Jesus acompanhava os que estavam presentes quando João falou sobre o batismo, visto que este acrescentou: **Mas, no meio de vós, está um a quem vós não conheceis** (26). Há uma tradução[1] de 1.27 que também é atestada através dos manuscritos gregos: "... aquele que há de vir depois de mim, e ao qual eu não sou digno de lhe desatar a correia das sandálias". João cumpriu a sua missão de arauto ao reconhecer aquele cujo valor é verdadeiro e inestimável, ainda que profundamente ciente de sua própria indignidade em tal Presença.

O autor faz menção do local onde estes eventos ocorreram. **Essas coisas aconteceram em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando** (28). Tais indicações são uma característica do quarto Evangelho, e constituem evidência de que o autor era certamente uma testemunha ocular. A localização exata deste lugar não é conhecida hoje, e o problema complica-se um pouco pelo fato de que nos manuscritos mais antigos lê-se: "Betânia além do Jordão". "Orígenes, um estudioso do século III d.C., que residia na Palestina, insistia em afirmar que o nome correto era Betábara".[2] Provavel-

mente é ele o responsável pela mudança no texto grego. Visto que os primeiros manuscritos não apóiam a posição de Orígenes, pode-se concluir que o autor tinha em mente um lugar chamado Betânia. **Do outro lado do Jordão** seria a leste do Jordão, talvez na margem leste do rio (ver o mapa 1).

3. *O Testemunho de João a respeito do Cordeiro de Deus* (1.29-34)

No dia seguinte, João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (29). O **dia seguinte** foi o dia que sucedeu os eventos iniciais do relato (1.19). **Eis o Cordeiro de Deus**. Este título atribuído a Jesus rapidamente evoca a profecia do Servo sofredor em Isaías 53, particularmente as palavras em 53.7: "... como um cordeiro, foi levado ao matadouro" (cf. Jr 11.19). No Novo Testamento, há abundantes alusões a esta idéia (cf. At 8.32; 1 Co 5.7; 1 Pe 1.19; Ap 5.6,8,13; 6.16; 7.9; 12.11). Fica evidente, a partir destas passagens, que o título aqui atribuído a Jesus sugere a idéia de sofrimento vicário e paciente resignação, bem como um sacrifício apropriado. Como poderia ser de outra forma? O homem não providenciou a redenção; esta procede de Deus. Assim, João Batista declara "ser Jesus a propriedade de Deus, por cuja completa obediência os sacrifícios normais no Templo... foram cumpridos e excedidos" (cf. Êx 29.38-46; Jo 2.18-22).[3]

É bem verdade que o cordeiro pascal não era um sacrifício "para tirar o pecado" em um sentido expiatório, nem tinha a função de levar o pecado para longe, como acontecia com o bode. Contudo, o pleno simbolismo da Páscoa — juntamente com o cordeiro imolado — retratava a luta entre a vida e a morte, a pureza e a impureza, a perfeição e a imperfeição.

A raiz é o pecado. Cristo veio de Deus para tirar o pecado do mundo. "O *pecado* do mundo — não *pecados*, no plural — é aqui contemplado... O *pecado do mundo* é uma mancha mais profunda do que os pecados de homens e mulheres individualmente; e o quarto evangelista, que vê a missão *sub specie aeternitatis*, percebe que o assunto da redenção é o pecado do *kosmos* (cf. v. 9), a impiedade e rebelião de todos os seres criados".[4]

João se refere ao seu testemunho proferido nos dias anteriores (cf. 1.27,30), com uma reafirmação dos seguintes tópicos: 1. Jesus é um ser absolutamente superior e eterno: **Após mim vem um homem que foi antes de mim, porque já era primeiro do que eu** (30); 2. A sua *própria limitação*: **Eu não o conhecia** (31,33); 3. A sua posição favorável como uma testemunha: **Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba** (32), **E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus** (34).

A expressão **Eu não o conhecia** (31,33) provavelmente significa que João não tinha a completa certeza de que Jesus era o Messias. Sendo um parente de Jesus, muito provavelmente o conhecia (cf. Mt 3.14). Mas a completa certeza de que Jesus é o Messias só veio através do sinal do Espírito, que desceu como uma pomba.

E João testificou, dizendo: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba e repousar sobre ele (32). Esta é a primeira menção do Espírito Santo no Evangelho de João. A experiência do Espírito e o ensino a seu respeito eram temas centrais na vida da Igreja Primitiva, e são características evidentes neste Evangelho: João Batista predisse um batismo com o Espírito Santo (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33); o próprio Senhor Jesus foi ungido pelo Espírito Santo (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32); Ele prometeu aos discípulos que lhes enviaria o Espírito Santo (Jo 14.16-17; 15.26; 16.7); e a promessa foi cumprida (20.22; At 1.8).

O testemunho de João Batista a respeito da unção de Jesus apresenta a ocorrência visível e a verdade invisível lado a lado,[5] marcando o início do ministério público de Jesus. "Por isto Ele recebe, como verdadeiro Homem, os dons apropriados. O Espírito por quem os homens são subjetivamente unidos a Deus desce sobre o Verbo que se fez carne, por quem Deus é objetivamente revelado aos homens".[6]

E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo (33). Esta declaração apresenta um vívido contraste. Em declarações ousadas, João simultaneamente afirma a sua genuína ignorância humana, **Eu não o conhecia**, e a completa certeza da revelação certa e compreensível: **esse me disse**. Então, há o contraste dos dois batismos: um com água, o outro com o Espírito. O primeiro fala da antiga aliança — a Lei, os profetas, os ritos e cerimônias judaicas. Era esta aliança a que João pertencia em parte. Mas o seu batismo de arrependimento (Lc 3.3) e confissão (Mc 1.5) conduz à nova aliança realizadora e centralizada na pessoa e obra de Jesus Cristo, e com o clímax no batismo no Espírito Santo (cf. Jl 2.28; At 2.17). O batismo de João é "com água apenas, e por esta razão não pode purificar o povo de Deus. Ele só pode tornar conhecida a necessidade universal de santificação. O batismo de João pode apenas direcionar os homens a Cristo".[7]

Este contraste entre o antigo e o novo — sendo o novo sempre o cumprimento completo e perfeito de tudo o que está encoberto pelo antigo — é um padrão recorrente de modo regular tanto no diálogo quanto nos eventos ao longo de todo o quarto Evangelho. Embora a declaração de Jesus: "não vim ab-rogar, mas cumprir" (Mt 5.17) não apareça em João como uma passagem paralela, seu significado está muitas vezes ilustrado por palavras e ações.

A veracidade do testemunho de João a respeito de Jesus é certificada por seu reconhecimento da pessoa de Jesus como o Filho de Deus. **E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus** (34). Este título, **Filho de Deus,** é atribuído a Jesus por Natanael (1.49) e Marta (11.27), e é usado pelos Sinóticos (Mt 14.33; 26.63; 27.40; Mc 3.11; Lc 22.70). Era um título que possuía "um significado definido aos ouvidos judeus, aplicado com o sentido de 'Messias'".[8]

4. *O Testemunho de João aos seus Discípulos* (1.35-42)

No dia seguinte João estava outra vez ali, na companhia de dois de seus discípulos. E, vendo passar a Jesus, disse: Eis aqui o Cordeiro de Deus! (35-36) Este, o terceiro dia destas cenas de abertura, marca o verdadeiro início do ministério de Jesus. A transição do personagem e da obra de João Batista para Jesus e sua obra é retratada neste texto da Bíblia Sagrada. João passa gradualmente ao segundo plano; Jesus assume rapidamente o lugar de proeminência (3.30).

O testemunho de João a respeito de Jesus, **Eis aqui o Cordeiro de Deus!,** foi expresso na presença de dois de seus discípulos, dos quais um era André (1.41). A identidade do segundo discípulo não foi diretamente declarada, mas se presume que era o apóstolo João. Apontam-se, para tanto, as seguintes razões: 1. O uso da palavra "primeiro" em 1.41, **Este** [André] **achou primeiro a seu irmão Simão,** sugere que André encontrou primeiro seu irmão, e depois, por dedução, o outro discípulo encontrou o seu irmão. Ou André primeiramente encontrou Simão antes de ele mesmo fazer qualquer

outra coisa. Muitos estudiosos (*e.g.*, Westcott, Hoskyns) preferem a primeira interpretação, que aponta para João e seu irmão, Tiago. 2. De acordo com o relato Sinótico, o chamado de André e Pedro está intimamente relacionado com o chamado do outro par de irmãos, Tiago e João (Mt 4.18-22; Mc 1.16-20; Lc 5.4-11). 3. O anonimato do outro discípulo está de acordo com a relutância constante do autor em usar o próprio nome (cf. Jo 13.23; 19.26; 20.2; 21.20).

Tendo estabelecido a identidade dos dois discípulos de João Batista, é apropriado agora seguir a seqüência de eventos naquele importante terceiro dia. Quando testificou a respeito de Jesus, João aparentemente não se dirigiu aos seus dois discípulos, embora leiamos: **E os dois discípulos ouviram-no** [João] **dizer** (37). O testemunho de João também não foi dirigido a Jesus: **vendo passar a Jesus** (36), João deu o seu testemunho, e os dois discípulos **seguiram a Jesus** (37), evidentemente afastando-se de João. Este é o último trecho que lemos a respeito de João, o precursor, até 3.23, onde há uma alusão ao seu batismo.

Quando os dois discípulos o seguiram, Jesus voltou-se e perguntou: **Que buscais?** (38) Estas primeiras palavras de Jesus no Evangelho de João constituem a pergunta para os dois discípulos. São palavras apropriadas para um diálogo significativo. Procuravam os discípulos algo para si mesmos? Sua busca nascera do egoísmo? A mudança de João Batista para Jesus implicava uma busca de vantagens? Esperavam encontrar satisfação para os apetites físicos (cf. 6.26), ou um discipulado fácil que não envolvia arrependimento e confissão? A resposta de ambos mostrou inspiração. Eles estavam procurando *alguém* e não *alguma coisa*. **Rabi, onde moras?** Esta foi uma excelente resposta, pois ao mesmo tempo respondia a pergunta de Jesus e afirmava o seu profundo interesse. "Estes primeiros discípulos substituíram alguma coisa (*o quê?*) por uma Pessoa. Eles precisavam primeiro de Cristo, e não de qualquer dádiva especial de Cristo".[9] O título pelo qual dirigiram-se a Jesus, **Rabi**, é traduzido por João com o significado de "Mestre" (gr., "ensinador"). Este título ocorre freqüentemente no quarto Evangelho, e é geralmente usado para introduzir "uma pergunta ou ação não inteligente, ou ao menos inadequada" (cf. 1.49; 3.2; 4.31; 6.25; 9.2; 11.8; 20.16).[10]

A resposta de Jesus para os discípulos é tanto um imperativo quanto um convite: **Vinde e vede**. Eles associaram o imperativo **Vinde** com a obediência: **Foram**. O convite, **vede,** foi recompensado: **Viram onde morava** (39).

Alexander Maclaren encontra, nos versículos 37-39, "Os Primeiros Discípulos": 1. **Que buscais?** (3); 2. **Vinde e vede** (39); 3. **Foram e viram**, (39).

Os irmãos André e Pedro eram pescadores, assim como Tiago e João (Mt 4.18,21; Mc 1.16; Lc 5.3-10). Foi André que, mesmo sendo um novo discípulo de Jesus, **achou primeiro a seu irmão** (41). Que lugar maravilhoso para testificar — em sua própria casa, aos seus entes queridos! Ali também está implícito um testemunho de busca. Alguns devem ser buscados. Os perdidos devem ser encontrados. Além disso, o testemunho de André foi claro. **Achamos o Messias**. Procurado há muito tempo, prometido por Deus através dos profetas, o Messias foi identificado; Ele foi achado! O testemunho de André não só foi pessoal e claro, mas foi poderoso. **E levou-o a Jesus** (42). Os homens têm de ser levados a uma posição de confrontação com Jesus Cristo.

João não dá nenhuma indicação de que Pedro tenha dito alguma coisa neste primeiro encontro com Jesus. Há um tempo em que Deus fala e tudo o que o homem precisa

fazer é ouvir o que Ele diz. **E, olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)** (42). Jesus não viu Pedro como ele era, mas como poderia se tornar através da graça transformadora de Deus — **Tu és... tu serás**. Seu nome natural era **Simão**, porém o novo homem seria **Cefas** (aramaico) ou Pedro (grego), significando a nova natureza, uma rocha. O nome natural tinha sido dado por seus pais; o nome "Pedro" (uma nova natureza) fora dado como um dom de Deus, um dom que alcança todos aqueles que respondem ao Senhor com fé. O que Deus quer fazer, é capaz de fazer, e fará por qualquer homem que responda com uma fé submissa, está prefigurado aqui, no que aconteceu a Pedro.

B. Filipe e Natanael, 1.43-51

Jesus, então, tomou a iniciativa. Foi seu desejo ir de Betânia para a Galiléia (ver o mapa 1), onde Ele intencionalmente **achou a Filipe, e disse-lhe: Segue-me** (43).[11] O chamado a Filipe — a quem João descreve como sendo da mesma cidade galiléia (Betsaida) de André e Pedro — foi o resultado de sua busca pessoal. E ele testemunhou a Natanael: **Filipe achou Natanael e disse-lhe: Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na Lei e de quem escreveram os Profetas: Jesus de Nazaré, filho de José** (45). Nesta declaração, é importante observar: (a) as palavras do testemunho de Filipe e (b) a pessoa a quem ele testemunhou.

O testemunho de Filipe indica que ele mesmo vinha pesquisando as Escrituras do Antigo Testamento. Esta busca revelara que Moisés e os profetas tinham escrito semelhantemente sobre aquele que deveria vir. A esperança messiânica ardia no peito de Filipe. Também fica evidente que Filipe reconheceu a Jesus de Nazaré como o Messias. No entanto, o seu testemunho não expressou completamente a verdade a respeito da natureza de Jesus, pois ele o descreveu como "**Jesus de Nazaré, filho de José**".[12]

Natanael significa "dom de Deus" e é comparável ao nome grego Teodoro. Alguns o têm identificado como o Bartolomeu dos Sinóticos, particularmente tendo em vista o fato de que Bartolomeu não é mencionado em João, e Natanael só é citado no Evangelho de João.

Natanael era, evidentemente, um estudioso das Escrituras do Antigo Testamento, pois a declaração de Filipe sobre Moisés e a lei era significativa para ele. Baseando-se nas profecias, Natanael também não tinha motivos para esperar que o Messias viesse de uma aldeia tão pobre — **Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?** (46) O ceticismo de Natanael foi logo vencido pela insistência de Filipe; **Vem e vê** (46). Tal ação sempre fornece o cenário para o encontro do homem com Deus.

A pergunta de Natanael, **Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?** (46), provoca uma interrogação à mente humana: Quem é Jesus? O contexto da pergunta proporciona uma resposta esclarecedora: 1. Ele é o Sacrifício adequado para o pecado do homem (29); 2. Ele é aquele que batiza com o Espírito Santo (33); 3. Ele é o grande Mestre dos homens (38); 4. Ele é o Rei, o Único que é digno da mais elevada lealdade do homem (49).

Natanael é a imagem do filho ideal de Jacó, **um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!** (47) Ele é descrito sentado debaixo de sua figueira, um símbolo do mais elevado e do melhor que a antiga aliança da lei e dos profetas poderia produzir (cf. 1 Rs

4.25; Mq 4.4). Foi este tipo de homem que Jesus viu em Natanael, e foi este tipo de homem (um verdadeiro israelita) que ousaria fazer a grande confissão: **Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel** (49).

Jesus, então, pergunta a Natanael: **Porque te disse: vi-te debaixo da figueira, crês? Coisas maiores do que estas verás** (50). Um homem não tem uma fé verdadeira porque vê, ou porque recebe. Antes, um homem de fé é aquele que sabe; e, por saber, ele vê coisas maiores — um céu aberto, e até mesmo a plena revelação de Deus no Filho do Homem. Daí, disse Jesus a Natanael: **Na verdade, na verdade vos digo que, daqui em diante, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do Homem** (51).

A frase **Na verdade, na verdade** só é encontrada no Evangelho de João — e sempre nos lábios de Jesus. Ela significa "verdadeiramente, verdadeiramente".

A imagem do versículo 51 lembra a visão de Jacó (Gn 28.12). Em ambos os casos, os anjos que estavam ministrando aos homens são vistos primeiro subindo ao céu e então descendo novamente para a terra.

A escada que Jacó viu, que ia da terra até o céu, tipificava Cristo Jesus, o único "mediador entre Deus e os homens" (1 Tm 2.5). Os anjos que ministravam foram representados como subindo e descendo sobre Ele. O antigo sonho de Jacó foi cumprido através do Messias de Israel.

Neste primeiro capítulo de João, há oito títulos altamente descritivos e diferentes atribuídos ao Deus encarnado. Ele é o Logos, o "Verbo" vivo (1,14); "O Cordeiro de Deus", o Sacrifício perfeito (29); "O Filho de Deus", o próprio Deus (34,49); "Rabi", o Mestre por excelência (38); "O Messias", "O Cristo", O Ungido (41); "Jesus de Nazaré", o Deus-homem na história (45); "O Rei de Israel", aquele que é coroado Rei por aqueles que nele colocam a sua fé (49); e "O Filho do Homem", completamente humano (51).

[1] N. do T.: Esta é uma tradução de uma versão em inglês para o português.

SEÇÃO III

OS SINAIS

João 2.1—12.50

A partir do capítulo 2, uma série de milagres ou sinais está registrada. Estes sinais são dados com um propósito específico, mencionado no tema do Evangelho: para que o leitor creia "que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus" (20.31).

Uma vez que esta parte do Evangelho de João compreende praticamente a metade de todo o seu conteúdo (caps. 2—12), é importante observar algumas de suas características gerais. É nitidamente claro que o autor organizou o seu material em torno dos milagres e das obras de Jesus, começando com a transformação da água em vinho e terminando com a ressurreição de Lázaro. Contudo, o episódio da purificação do Templo — embora registrado anteriormente no relato de João (2.13-21) — é uma ação que Jesus clara e intencionalmente associou com o maior dos sinais e milagres: a sua ressurreição dos mortos (2.18-22).

A associação de alguns dos sinais com as festas nacionais dos judeus é proposital, e é um padrão que se repete freqüentemente (5.1; 6.4; 7.14,37; 12.1). A razão para isto pode ser, em parte, o fato de que a maioria dos eventos teve lugar na Judéia, mas não poderia ser a causa do comentário que antecede à alimentação das cinco mil pessoas na Galiléia — "E a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima" (6.4). É evidente que esta parte do plano do autor era mostrar Jesus Cristo como o cumprimento perfeito de tudo o que fora prognosticado na lei, conforme retratado nas festas.

Outra característica geral do registro dos sinais de João é que, proporcionalmente, o relato do próprio evento é bastante breve quando comparado com o comentário, discurso, diálogo ou debate que a ele se segue. Na verdade, o diálogo é uma característica proemi-

nente nesta seção (caps. 3,4). Os elementos de debate (6.22-65; 8.12-59) e drama (9.1-41) são usados para intensificar o significado e a importância dos sinais e milagres.

Será bom que o leitor desta seção do Evangelho tenha em mente que existe o tema constante do contraste entre os antigos costumes da lei e os novos, ou seja, a fé em Jesus Cristo. Os antigos são normalmente simbolizados pela água — por exemplo, "seis talhas" (2.6); "nascer da água" (3.5); "Jacó... nos deu o poço" (4.12); "em Jerusalém há... um tanque" (5.2); "Vai, lava-te no tanque de Siloé" (9.7). O novo caminho estava em evidência em cada situação, pois a vinda de Jesus sempre representava realização e perfeição — por exemplo, "tu guardaste até agora o bom vinho" (2.10); "nascer... do Espírito" (3.5); "a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (4.14); "Logo, aquele homem ficou são" (5.9); "[Ele] foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo" (9.7).

A partir da narrativa da cura do homem enfermo, no capítulo 5, os sinais se transformam em ocasiões para debate sobre o significado e o propósito da lei, e a relação de Jesus com ela. Normalmente, são as leis do sábado que estão em discussão. Além disso, este conflito sobre a cura do homem enfermo assinala o início da hostilidade dos judeus, que cresce e finalmente culmina na cruz.

A. O Vinho Novo, 2.1-12

Jesus principiou assim os seus sinais (2.11), frase que só é observada no quarto Evangelho, é uma introdução adequada para tudo o que vem a seguir.

Nenhum outro milagre contém tanta profecia; nenhum outro, portanto, poderia ter iniciado tão apropriadamente todo o futuro trabalho do Filho de Deus. Pois este trabalho poderia ser caracterizado do princípio ao fim como um enobrecer do comum e uma transformação do inferior; uma transformação da água da vida em vinho do céu.[1]

E, ao terceiro dia, fizeram-se umas bodas em Caná da Galiléia (1). A época deste acontecimento tem um duplo significado. O primeiro, puramente cronológico, relaciona este acontecimento com a conversa com Natanael. A tradução literal seria "depois do dia seguinte" ou "dois dias depois". A promessa feita a Natanael de que ele veria o céu aberto não poderia demorar a ser cumprida. Foi neste **terceiro dia** que **Jesus... manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele** (11).

O milagre aconteceu em Caná, pouco mais de catorze quilômetros ao norte da cidade de Nazaré (ver mapa 1).[2] A designação **Caná da Galiléia** provavelmente é feita para distinguir este lugar de outra Caná, próxima de Tiro, ou possivelmente para assinalar a mudança de lugar dos acontecimentos, da Peréia para a Galiléia.

Fizeram-se umas bodas. Embora este fosse um acontecimento histórico, as bodas são uma metáfora freqüentemente usada nos ensinos de Jesus sobre a natureza do Reino que há de vir. O Reino é comparado a um casamento real (Mt 22.2). Jesus descreve a si mesmo como o Noivo, e os seus discípulos como convidados (Mc 2.19-20). Em outra ocasião, Jesus é o Noivo e João Batista é o amigo ou "padrinho" (3.29). Em outro exemplo do Novo Testamento, a Igreja é a noiva e Cristo é o Noivo (2 Co 11.2; Ap 21.2). Em uma metáfora ampliada, Paulo fala da Igreja como a noiva de Cristo (Ef 5.22-32).

E estava ali a mãe de Jesus. E foram também convidados Jesus e os seus discípulos para as bodas (1-2). A mãe de Jesus não é mencionada pelo nome neste Evangelho. É um fato interessante, se nos lembrarmos de que o discípulo João também

não é mencionado pelo nome. A presença dela no casamento parece ter sido anterior à chegada de Jesus e os discípulos. Este fato, além da sua posterior observação a Jesus sobre a falta de vinho, indica que ela tinha algum relacionamento com a família. Por outro lado, explica por que Jesus e os seus discípulos foram convidados.

E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho (3). A primeira frase pode ser traduzida literalmente do seguinte modo: "E quando o vinho tinha acabado". Isto seria uma catástrofe social para as famílias dos noivos. Há um provérbio judaico que diz: "Sem vinho não há alegria", e isto seria particularmente verdadeiro em uma ocasião festiva como um casamento. Pelo fato de as celebrações dos casamentos durarem um período de sete dias, este problema só complicava ainda mais a situação, que já era embaraçosa.

A informação que Maria traz a Jesus — **Não têm vinho** — corrobora a tradução literal, "quando o vinho tinha acabado". A pergunta é: Por que ela disse isto a Jesus? Seria uma sugestão sutil de que deveriam ir embora? Será que ela disse isto em voz alta para que outras pessoas pudessem ouvir e começassem a preparar-se para partir, a fim de evitar constrangimentos para os noivos? Ou imaginava que Jesus, seu Filho, que ela conhecia tão bem, teria uma solução para o problema? De qualquer maneira, aqui está uma lição muito prática. Aprenda a contar a Ele qualquer necessidade, mesmo que a necessidade pareça ser terrena demais.

Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora (4). A resposta de Jesus a sua mãe não é, de modo algum, brusca ou indelicada. A palavra **mulher**, usada como neste tempo, era "perfeitamente respeitosa e até mesmo íntima".[3]

Que tenho eu contigo? Novamente, estas palavras, como aparecem na versão KJV em inglês, parecem ser um pouco bruscas, até mesmo ásperas. Mas não é o caso. Uma tradução literal seria "O que isto tem a ver com você e comigo?" ou "O que há de comum entre o meu ponto de vista e o seu?" Jesus estava perguntando a sua mãe se ela realmente entendia a sua natureza, a sua missão e o seu sacrifício final.

Isto fica ainda mais evidente pela explicação que Ele acrescentou: **ainda não é chegada a minha hora**. O que Jesus queria dizer? Duas idéias ficam claras quando examinamos as outras ocasiões em que esta expressão aparece. Em primeiro lugar, é óbvio que nenhum homem pode alterar o plano e o objetivo da redenção de Deus (7.30; 8.20). Em segundo lugar, de alguma maneira misteriosa e também gloriosa, o "melhor momento" de Jesus seria a cruz. Aquilo que os homens maus tencionavam que fosse morte e vergonha seria transformado em vida e glória (12.23; 13.1; 17.1).

Sua mãe disse aos empregados: Fazei tudo quanto ele vos disser (5). O que quer que se possa conjeturar sobre a compreensão de Maria da natureza e da missão de Jesus, uma coisa é certa: Ele é digno de confiança e de obediência.

E estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam duas ou três metretas. Disse-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima (6-7). Estas talhas eram grandes jarros de pedra com capacidade entre 68 e 102 litros cada uma. Todos os convidados deveriam lavar os pés quando entrassem. Não é coincidência que João mencione este procedimento relacionado-o com **as purificações dos judeus**. Esses recipientes representam o costume da lei, o legalismo, que é exibido da seguinte maneira: 1. Inadequado para as

verdadeiras necessidades do homem (**Não têm vinho**, 2.3); 2. Limitado em comparação com a completa abrangência da abundante alegria no evangelho, simbolizada pelo vinho em grande quantidade (cf; 1.16; 7.38; 16.24); 3. Inferior ao melhor que Deus tem para o homem (cf. 2.10; Hb 10.1). "À antiga religião legal 'falta vinho', toda a energia da vida se esvaiu dela".[4]

Disse-lhes Jesus: **Tirai agora e levai ao mestre-sala. E levaram. E, logo que o mestre-sala provou a água feita vinho (não sabendo de onde viera, se bem que o sabiam os empregados que tinham tirado a água), chamou o mestre-sala ao esposo. E disse-lhe: Todo homem põe primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, então, o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho** (8-10). A presença do Senhor da vida, que dá a verdadeira alegria, transformou toda a cena. Os recursos antes inadequados e insuficientes para suprir as necessidades do homem (3) agora se tornaram abundantes. Os recursos que tinham sido limitados e que representaram uma ameaça à verdadeira alegria do homem agora jorravam em rica profusão. Os recursos que eram menos do que o melhor, **o inferior**, agora são o melhor de Deus para o homem: **Tu guardaste até agora o bom vinho**. Na melhor hipótese, a lei era "a sombra dos bens futuros" (Hb 10.1); mas agora, em Jesus Cristo, os bens futuros chegaram, estão disponíveis a todos, e são adequados às mais profundas necessidades dos homens (cf. 1.17).

É evidente que o "Desapontamento do homem faz parte do desígnio de Deus". 1. A insuficiência do homem é satisfeita pela suficiência e adequação divina (3,7,10). 2. A tristeza se transforma em alegria (3,10). 3. Os parcos recursos do homem são suplantados pelo que Deus tem de melhor (10).

Jesus principiou assim os seus sinais em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele (11). O propósito inicial do sinal ou milagre foi imediatamente cumprido. Era um propósito duplo. **Jesus... manifestou a sua glória**. A respeito disto, Lightfoot comenta:

...qualquer ato do Senhor, o Verbo que se fez carne, é necessariamente uma manifestação da sua glória; mas... uma revelação completa dessa glória somente se faz com a finalização da sua obra, sobre a cruz. Portanto, nos nossos pensamentos sobre a obra do Senhor, a sua vida e a sua morte não podem ser separadas.[5]

A manifestação da glória de Jesus produziu os resultados desejados: **e os seus discípulos creram nele**. Aqui está o clímax de uma seqüência típica do Evangelho de João — um sinal, a glória evidente, a fé (cf. 20.31). Este relato da reação dos discípulos poderia ser perfeitamente traduzido da seguinte forma: "E os seus discípulos depositaram nele a sua fé". Aqui, o discipulado se transforma em fé pessoal, uma fé que é dinâmica, uma fé que é "a absoluta transferência da confiança de uma pessoa para outra".[6]

Sob o título "O primeiro milagre em Caná", Alexander Maclaren observa: 1. A revelação do poder criativo do nosso Senhor (8-10); 2. O objetivo do nosso Senhor de consagrar toda a vida familiar (1-2); 3. O nosso Senhor como aquele que transforma a água da alegria terrena no vinho das bênçãos celestiais (6-8); 4. A glória do nosso Senhor suprindo as deficiências dos recursos terrenos (3).

Depois disso, desceu a Cafarnaum, ele, e sua mãe, e seus irmãos, e seus discípulos, e ficaram ali não muitos dias (12). Esta observação de transição parece simplesmente uma observação geográfica. Deixando Caná da Galiléia, aqueles que ti-

nham sido convidados para o casamento viajaram a Cafarnaum (ver mapa 1), à costa norte do mar da Galiléia, onde permaneceram somente durante alguns dias.

B. O Novo Templo, 2.13-22

E estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém (13). O que irá acontecer a seguir é cuidadosamente descrito, dando-nos informações importantes sobre o tempo e o lugar. O início e o final do ministério público de Jesus estão relacionados à Páscoa dos judeus em Jerusalém. É evidente que uma parte do plano de João é mostrar Jesus, o Cristo, como o completo e perfeito cumprimento da lei, o Melhor, o ponto mais alto do judaísmo. Portanto, é apropriado que este acontecimento público inaugural do ministério de Jesus seja associado com a Páscoa, a maior festa dos judeus, e que isto ocorra em Jerusalém, a única e verdadeira Sião para todos os filhos de Israel.

1. *A Purificação do Antigo* (2.14-17)

E [Ele] **achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados. E, tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, bem como os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas, e disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas** (14-16). A casa de Deus se tornara corrupta. O que deveria ser santificado, consagrado somente para uso sagrado, havia sido profanado. Foi isto o que Jesus encontrou ao entrar no lugar sagrado na Cidade Santa. A lei, com todas as suas garantias contra a profanação do sagrado e do santo, não fora capaz de lidar com os homens maus e egoístas. Assim, aqui estavam eles, mercadores e cambistas, com o seu comércio — moedas romanas e siclos de Tiro para o pagamento do imposto anual para o tesouro do Templo. Este imposto era individual, cobrado de todos os judeus adultos do sexo masculino.

O que Jesus fez está totalmente de acordo com a sua natureza e o seu caráter. Alguns pensam que tudo o que pode ser dito acerca dele é: "Jesus é gentil, meigo e doce". É verdade que Ele é amoroso e perdoa. Ele descreve a si mesmo como sendo "manso e humilde de coração" (Mt 11.29). Mas existe algo além disso, e neste episódio podemos ver outro aspecto da sua natureza. Ele não lida delicadamente com o mal. Ele é a Luz que resplandece nas trevas (Jo 1.5). Ele enviou um recado a Herodes: "Ide e dizei àquela raposa" (Lc 13.32). Os fariseus não achavam suas palavras suaves, nem agradáveis eram as suas designações: "sois... sepulcros caiados" (Mt 23.27); "Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?" (Mt 23.33); "Condutores cegos!" (Mt 23.24). Então, aqui, os homens maus se confrontaram com Jesus, a Fonte da luz, do que é correto, do bem e da integridade. Ele, **tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo**. A palavra traduzida como "lançou" é uma palavra forte que transmite a seguinte mensagem: "Ele os jogou para fora do Templo". Esta cena foi descrita como "uma cena selvagem, com pessoas encolhidas agarrando-se desesperadamente às suas mesas, sendo jogadas de um lado para o outro; ou correndo atrás das suas moedas espalhadas, rolando de um lado para o outro; ou encolhendo-se para escapar dos açoites que não tinham piedade, até que o lugar sagrado estivesse purificado".[7]

E os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devorará (17). A citação das Escrituras é de Salmos 69.9. No original, o verbo está no futuro: "me consumirá". É como se os discípulos vissem que a luta de Jesus contra o mal terminaria em uma cruz, embora não percebessem que a cruz era o complemento do sepulcro vazio.

2. *O Sinal do Novo* (2.18-22)

Responderam, pois, os judeus e disseram-lhe: Que sinal nos mostras para fazeres isso? (18). Embora seja usada aqui a palavra genérica "judeus", a pergunta evidentemente veio do grupo do sumo sacerdote, os saduceus, que controlavam as finanças do Templo.[8] A pergunta era mais do que o pedido de um sinal; ela colocava em dúvida a autoridade de Jesus para fazer o que Ele acabara de fazer no Templo (cf. Mt 23; Mc 11.28; Lc 20.2). Os judeus tinham uma tendência de exigir um milagre como base para aceitar a realidade da verdade divina. Eles só acreditavam naquilo que podiam ver (Jo 6.30).

A resposta de Jesus a sua pergunta foi simples, embora a linguagem tivesse um duplo sentido. **Derribai este templo, e em três dias o levantarei** (19). A palavra usada para **templo** no relato da purificação é *hieron* (2.14), que corresponde a "todo o recinto fechado, com os pátios e pórticos [ver o quadro A], que nunca é usado metaforicamente", ao passo que *naos* (2.19) é "o edifício sagrado propriamente dito, usado logo adiante significando o corpo de Cristo (v. 21) e dos cristãos que formam o seu corpo espiritual" (cf. 1 Co 3.16-17; 6.19; 2 Co 6.16).[9] Fica evidente, a partir da resposta dos **judeus** (20), que eles pensaram que Jesus falava do Templo restaurado, do edifício propriamente dito. Mas Ele estava falando **do templo** (*naos*) **do seu corpo** (21).

Além disso, o que Jesus disse aqui (19) foi usado como um elemento de acusação contra Ele pelas falsas testemunhas no seu julgamento. Uma disse: "Nós ouvimos-lhe dizer: Eu derribarei este templo, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, não feito por mãos de homens" (Mc 14.58). Outra disse: "Este disse: Eu posso derribar o templo de Deus e reedificá-lo em três dias" (Mt 26.61). Os inquisidores na cruz repetiram as acusações (Mt 27.40; Mc 15.29). Na verdade, Jesus não disse "Eu destruirei", nem "Eu sou capaz de destruir", nem "eu construirei outro", nem "eu sou capaz de construir outro". Ele disse **Derribai este templo** (*i.e.*, "Se vocês destruírem este Templo") **... o levantarei**. É óbvio que Jesus falava do papel dos judeus nos acontecimentos da cruz, da ressurreição, do final do antigo sistema judaico de sacrifícios e rituais, da instituição de uma nova aliança com todos os significados que pertencem ao corpo de Cristo. "A sua purificação do templo, portanto, significa dramaticamente que o próprio corpo de Jesus é o lugar onde Deus é propiciado. Sem esta expiação, todos os sacrifícios do templo são vazios; com ela, eles se tornam desnecessários".[10]

Disseram, pois, os judeus: Em quarenta e seis anos, foi edificado este templo, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo (20-21). Em outras palavras: "Foram necessários quarenta e seis anos para construir este templo"; esta expressão reflete o verdadeiro estado de coisas. A construção do Templo de Herodes teve início em 19—20 a.C., e na época deste acontecimento ainda não estava terminada. No entanto, tinham sido necessários quarenta e seis anos para deixá-lo na sua condição em que estava. **Três dias** obviamente se refere ao período entre a crucifica-

ção e a ressurreição, embora de nenhuma maneira isto tivesse ficado evidente para os judeus que ouviam, nem mesmo para os discípulos, até depois da ressurreição de Jesus, conforme João deixa claro. **Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isso; e creram na Escritura e na palavra que Jesus tinha dito** (22). À luz de Atos 13.15, conjetura-se que a **Escritura** que João menciona aqui é Salmos 16.10. "Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção".

C. Uma Nova Visão do Homem, 2.23—5.47

Os três últimos versículos do capítulo 2 são, ao mesmo tempo, uma transição e uma introdução. Eles são uma transição no sentido de que, embora Jesus estivesse lidando até aqui com grupos de pessoas (no casamento e no Templo), Ele agora dedica a sua atenção e as suas palavras aos indivíduos e às suas necessidades básicas. E são uma introdução porque abre-se a porta para o diálogo, um estilo novo e importante no evangelho.

E, estando ele em Jerusalém pela Páscoa, durante a festa, muitos, vendo os sinais que fazia, creram no seu nome (23). É evidente que, na Páscoa, Jesus fez muitos sinais que atraíram o povo. João não nos diz quais foram esses milagres (cf. 20.30). Mas a reação demonstrou uma fé aquém do esperado. Na verdade, alguns julgam que se tratava de uma fé falsa.[11] Não há dúvida de que a fé baseada somente em sinais é menos do que Jesus exige, e não há indicação de que essa fé resulte na vida (cf. 3.16; 6.29,35). O tempo de hoje não é diferente daquela época: alguns só acreditam se virem um sinal — algo incomum ou espetacular.

Mas o mesmo Jesus não confiava neles, porque a todos conhecia, e não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque ele bem sabia o que havia no homem (24-25). Muitas das traduções mais recentes dizem que Jesus "não se confiava a eles". A reserva com a qual Jesus protegeu a sua auto-revelação fica evidente aqui, em termos dos milagres e dos sinais que Ele realizou. Como Ele disse à sua mãe (2.4), a sua "hora" — a cruz, a revelação completa — ainda não era chegada. Ele sabia que quando se entregasse completamente aos homens, a cruz seria inevitável devido ao coração iníquo deles. Quando Deus deu o melhor de Si, a encarnação, Satanás e os homens maus deram o seu pior — a cruz.

O conhecimento divino de Jesus sobre os homens é um fato admirável. João queria que os seus leitores soubessem que, quando um homem é confrontado por Jesus de Nazaré, suas necessidades mais profundas e os seus mais terríveis pecados são expostos. Nicodemos não conseguiu esconder que a sua alma estava morta. A mulher samaritana não encontrou esconderijo para a vergonha do seu passado pecaminoso. O homem no tanque não pôde evitar a revelação do seu próprio desamparo. **Ele bem sabia o que havia no homem** (25). Em nossa época de humanismo, o homem é ensinado durante todo o tempo que é responsável somente perante si mesmo e perante os seus semelhantes. Embora isto pareça correto, é somente uma meia-verdade. A outra metade é que o homem é responsável perante Deus, e qualquer pecado é, antes de mais nada, um pecado contra Deus (Sl 51.4).

1. *Uma Vida Nova Para um Homem Morto — Nicodemos* (3.1-21)

Uma das infelicidades ocasionais nas divisões de capítulos da Bíblia é uma aparente ruptura no pensamento onde não deveria haver ruptura. O início do capítulo 3 é um excelente exemplo disto. João escreveu que Jesus "sabia o que havia no homem" (2.25). Mas João prosseguiu dizendo, sem qualquer quebra de linha nem ruptura de pensamento, que **havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, príncipe dos judeus** (1). É como se João estivesse dizendo: "Jesus tinha o conhecimento perfeito das necessidades mais profundas dos homens. Vamos citar alguns exemplos, começando com um homem, o fariseu Nicodemos". Assim, Nicodemos se torna a "evidência *A*" para ilustrar o que Jesus conhece sobre os homens.

A palavra para **homem** tanto em 2.25 quanto em 3.1 é *anthropos*, que basicamente se refere aos homens como uma classe. É uma palavra genérica. Assim, o que se diz aqui a respeito de Nicodemos, um indivíduo, é dito sobre todos os homens. Esta é uma das muitas universalizações do Evangelho de João. A salvação é para "todos" (16), mas também é verdade que todos os homens precisam do nascimento que vem do céu (cf. Rm 3.23).

O cuidado com que se descreve a situação de Nicodemos na vida religiosa judaica não é uma coincidência. Ele era **um homem** entre os **fariseus,** um **príncipe dos judeus**. Se algum homem, na ordem antiga, conheceu o significado de Deus e dos seus planos e propósitos para o homem, esse foi Nicodemos — ele era profundamente entranhado na tradição monoteísta, além dos ensinos da lei, da história de Israel e das proclamações dos profetas. Mas em algum lugar, de alguma maneira, ele se perdera no caminho, e de alguma maneira exemplificava o que havia acontecido com o judaísmo. Assim, uma vez mais, João estabelece um vívido contraste entre a antiga aliança, com todos os seus mal-entendidos, as suas inadequações e suas falhas, e a nova aliança, que assegura a abundância da vida, que tem o Deus vivo e verdadeiro como a sua Fonte.

Este foi ter de noite com Jesus (2). Há uma grande dose de especulação quanto ao motivo pelo qual Nicodemos veio **de noite**. Alguns dizem ter sido por medo das opiniões alheias, especialmente de seus colegas. Há algo a ser dito a este respeito, à luz de outras duas ocasiões nas quais ele aparece neste Evangelho. A sua defesa de Jesus em 7.50 parece ser um pouco impessoal, e foi José de Arimatéia quem iniciou o pedido do corpo de Jesus (19.39). Talvez Nicodemos quisesse uma reunião tranqüila, à noite. Mas uma pergunta melhor sobre esta visita seria: "Por que ele veio, afinal?" A resposta pode explicar por que ele veio **de noite**. Devido à profunda necessidade da sua alma, ele veio até o Senhor saindo da escuridão na qual ele e os seus companheiros estavam imersos. Compare isto com o ato de Judas. Quando ele deixou Jesus para ir fazer o acordo com os judeus, ele saiu "e era já noite" (13.30). O contraste vívido entre a luz e as trevas aparece regularmente ao longo de todo o Evangelho (cf. 1.5, 9; 3.19; 8.12; 9.4-5; 12.35).

Nicodemos disse: **Rabi, bem sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele** (2). Os milagres que Jesus realizara (2.23) indicavam o caminho para Nicodemos e para aqueles que este representava (observe a forma plural **sabemos**). Por causa desses milagres, eles pensavam que Jesus era um professor especial enviado por Deus. **Rabi... és... vindo de Deus**. Mas isto não significava que Jesus estava sendo reconhecido como o Messias.[12]

Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus (3). Com um discernimento

claro, Jesus foi direto ao centro do problema de Nicodemos. Era necessário um novo tipo de vida, se alguém quisesse ver a presença de Deus, o seu plano e o seu objetivo para o homem. Westcott diz:

Sem este novo nascimento — esta apresentação a uma conexão vital com uma nova ordem de ser, com a correspondente doação de capacidades — nenhum homem consegue ver — consegue perceber exteriormente — o Reino de Deus. Os nossos poderes naturais não conseguem perceber o que é essencialmente espiritual. É necessária uma nova visão para os assuntos da nova aliança.[13]

Mas essa nova visão é impossível, se a pessoa não tiver a nova vida. Jesus é cuidadoso ao indicar a fonte dessa nova vida. A expressão **aquele que não nascer de novo** tem, na verdade, um duplo sentido. A palavra traduzida como "de novo" é *anothen*, que tem vários significados: "de cima", "novamente" e "sob uma nova forma".[14] Essa palavra é usada por João com o óbvio significado de "do céu" em 3.31 e 19.11. Esta poderia ter sido a intenção de Jesus aqui. Se o homem espera ter vida no sentido eterno e real, ela deve vir do céu. A vida biológica se recebe dos pais, mas a vida que vem de Deus somente Ele pode dar (1.13), e esta vem de cima. Acredita-se no significado **de novo** porque a resposta de Nicodemos usa a palavra **tornar**, ou seja, outra vez, uma segunda vez. Evidentemente, isto foi o que Nicodemos entendeu daquilo que Jesus disse. O significado "sob outra forma" fornece uma tradução feliz aqui, porque combina a idéia de alguma coisa nova e diferente — "de cima" — com a idéia de **de novo**.

Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? pode, porventura, entrar novamente no ventre de sua mãe e nascer? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus (4-5). As perguntas de Nicodemos refletem mais do que simplesmente uma má interpretação da declaração de Jesus. Ele pode ter entendido perfeitamente bem! Como ele poderia acreditar que um homem **sendo velho** seria transformado em uma nova criatura? As perguntas podem refletir os seus próprios sentimentos de estar perdido na noite do pecado e da morte, para onde nem mesmo a mais elevada forma de religião foi capaz de trazer luz e vida. Realmente, é inadequada e falsa a religião que não transforma um homem em alguma coisa nova, sem oferecer-lhe um novo nascimento!

A resposta de Jesus a Nicodemos fortalece de uma vez a sua declaração anterior e resume, em uma frase sugestiva, todo o plano de redenção do homem. **Aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus** (5). A palavra aqui traduzida como **aquele** é o pronome indefinido *tis*, que pode significar "qualquer homem". Aqui se faz uma universalização. O que lemos nesta passagem é verdadeiro para qualquer homem, e não apenas para Nicodemos. Mas, por que a mudança de **nascer de novo** (3) para **nascer da água e do Espírito** (5)? Um rápido exame do uso da palavra **água** nesses contextos (1.33; 2.6-7; 4.6-7; 5.2-3; 7.38-39) revela que, neste Evangelho, ela é um símbolo da ordem antiga da lei com os seus rituais de batismos, purificações e limpezas. É necessário ter em mente que: 1. Jesus declarou que Ele veio para cumprir, e não para destruir a lei (Mt 5.17); 2. Em cada um dos exemplos mencionados acima, a ordem representada pela água não foi destruída — por exemplo, as seis talhas não foram quebradas, mas sim enchidas; 3. Em cada um deles, a água está inserida em

um contexto que trata de uma nova ordem — por exemplo, o Espírito (1.33), o vinho novo (2.10), "uma fonte de água a jorrar para a vida eterna" (4.14), a perfeita saúde (5.9), o Espírito (7.39); 4. Neste exemplo (3.10), Jesus está falando com o "professor de Israel". À vista disso, é fácil entender por que Ele disse **nascer da água e do Espírito**. É como se Ele dissesse: "Nicodemos, comece onde você está. Mas a realização, a vida e a solução do seu problema mais íntimo só virão através de um nascimento de cima, o nascimento do Espírito!" Compare 3.5 com 19.34 e com 1 João 5.6-8.

O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito (6). O gerado sempre é semelhante ao que o gerou. A aliança antiga só pode produzir a vida antiga. A escuridão gera a escuridão. A lei, que é para aqueles que estão sem lei, não pode gerar uma vida boa. Se alguém quer ter vida, a fonte deve ser o Espírito. A preposição usada nesta última frase é muito clara. Uma tradução literal seria "O que é nascido *a partir do* Espírito é espírito".

Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito (7-8). Aqui o argumento, por analogia, é particularmente potente, porque se baseia em um jogo com a palavra *pneuma*, que significa tanto "vento" quanto "espírito". O fato do vento ninguém pode negar: o seu comportamento — de onde e para onde — nenhum humano, nem mesmo um professor, conhece em sua totalidade. Existe um elemento de mistério. Então, por que alguém deveria ser "interrompido" pelo elemento do mistério no novo nascimento? "O grande mistério da religião não é a punição, mas o perdão do pecado: não é a permanência natural de caráter, mas a regeneração espiritual".[15]

Nicodemos respondeu e disse-lhe: Como pode ser isso? Jesus respondeu e disse-lhe: Tu és mestre de Israel e não sabes isso? (9-10). A declaração três vezes repetida por Jesus sobre o tema "é necessário nascer de novo" (3,5,7), juntamente com o seu exemplo do fenômeno natural do vento, deixou Nicodemos maravilhado e surpreso. Da mesma maneira, Jesus não pareceu comovido pela falta de compreensão espiritual por parte daquele "professor de Israel". O uso do artigo definido com "professor", que aparece no texto grego, não é acidental. Como Nicodemos representava o melhor do judaísmo, uma falha neste ponto mostra a morte espiritual, a escuridão e a ignorância que caracterizavam a antiga aliança. Foi a esta aliança, assim como a Nicodemos, que Jesus veio para dar vida, a vida abundante (10.10).

Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos, e não aceitais o nosso testemunho. Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como crereis, se vos falar das celestiais? (11-12). O uso das formas no plural, como **dizemos** e **aceitais,** causa alguns problemas para o exegeta. **Sabemos... testificamos**, segundo Westcott, esta frase se refere a Jesus e àqueles que Ele reunira a sua volta.[16] Bernard rejeita esta hipótese com base no fato de que esta conexão entre o testemunho de Jesus e o de seus discípulos não é característica do registro de João. Ele argumenta que este uso da forma **nós** é editorial.[17] De qualquer forma, é instrutivo observar que o **nós** está em vívido contraste com o **vós**. Dar testemunho é um paralelo à rejeição do testemunho. Assim, a totalidade do testemunho (ou seja, a Encarnação e aqueles que acreditam) está contrastando com a rejeição do testemunho pelos judeus (cf. 1.10-11).

Existem muitos que dividem a experiência do mundo e a espiritual. **Coisas terrestres,** para eles, significam a certeza e a realidade. As **celestiais** significam mistério, o irreal e as superstições. Mas, como Jesus tão claramente indicou para Nicodemos, tudo na vida envolve algum mistério. Até mesmo os cientistas que possuem os maiores conhecimentos se intimidam quando enfrentam a questão do significado do universo. Nenhum homem pode viver sem algum tipo de fé em alguém ou em alguma coisa.

Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do Homem, que está no céu (13). A última parte, **que está no céu**, não aparece em vários manuscritos antigos. O versículo fala da Encarnação como a única testemunha dotada de autoridade sobre as coisas celestiais (ou seja, as coisas do Espírito). A expressão **o que desceu do céu** é peculiar a João e se refere claramente à Encarnação (6.33,38, 41-42, 50-51,58). O uso do título **Filho do Homem** simplesmente reforça esta afirmação.

E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (14-15). Como alguns dentre o povo de Israel falaram "contra Deus e contra Moisés... o Senhor mandou entre o povo serpentes ardentes" (Nm 21.5-6). Os sobreviventes arrependidos, ameaçados pela morte, apelaram a Moisés. Seguindo as instruções do Senhor, Moisés fez uma serpente de metal e a colocou sobre uma haste que ficava erguida para que os feridos a vissem. Os que olhavam para ela, permaneciam vivos. **Assim importa que o Filho do Homem seja levantado;** Jesus sabia disto. A necessidade da cruz é dupla. A primeira é o tipo de mundo a que Cristo veio. "A Encarnação, sob as circunstâncias da humanidade, traz consigo a necessidade da Paixão".[18] A segunda é o amor que enviou Jesus. Esse amor é a expressão da natureza divina, um supremo esforço para alcançar e redimir os homens perdidos que estão sob o aguilhão e a sentença de morte. O exemplo como um todo é um tipo de paradoxo que diz: embora a cruz seja um instrumento de morte, nela há vida.

Todo aquele que crê é uma expressão que se refere ao evangelho universal, ou seja, às Boas Novas para todos os homens. Não existem barreiras de nação, de raça ou de tempo. O sacrifício perfeito foi realizado. O homem deve reagir, deve ter fé. O texto grego usa a preposição *eis* — que significa "em", "dentro", "para dentro" — com o verbo *crer*. Uma tradução literal seria "todo aquele que deposita a sua fé nele". A fé é a resposta perfeita do homem ao chamado e à reivindicação de Deus a seu respeito.

Esta é a primeira menção à **vida eterna**, a dádiva que recebem aqueles que têm fé. Que clímax tão adequado para a conversa entre Jesus e Nicodemos, que tinha vindo da escuridão e da morte para aquele que é a Luz e a Vida! A recompensa é a vida eterna.

As autoridades divergem quanto ao ponto onde termina a conversa entre Jesus e Nicodemos. Uns julgam que o fim está no versículo 13, outros no 15, e ainda há outros indicam o versículo 21. No entanto, a maioria dos estudiosos pensa que no versículo 16 têm início a reflexão e o comentário de João sobre o que Jesus disse.

A partir da história de Nicodemos (3.1-15), Alexander Maclaren levanta a questão "Professor ou Salvador?" 1. A confissão imperfeita (1-2); 2. Jesus Cristo lida com a confissão imperfeita (3-15); 3. O corajoso confessor (Jo 7.50-52; 19.38-39).

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (16). Esta é a primeira menção ao amor de Deus neste Evangelho. É um tema dominante no livro,

embora pouco se fale até o capítulo 13. **Deus amou o mundo de tal maneira**. Aqui, novamente, está a idéia do alcance universal. O evangelho é para todos os homens. Nenhum deles está excluído. Isto descreve por que Deus fez o que fez. Ele amou! A palavra em grego é *egapesen*. Este é o amor que se move pelos interesses do outro, sem pensar nos próprios interesses. É um amor que deseja arriscar tudo por alguma vantagem para outra pessoa, que não considera nenhum preço muito alto se outra pessoa puder receber algum benefício. O tempo aoristo do verbo indica que o ato de amor de Deus não é limitado pelo tempo e simultaneamente é único e completo. É o amor absoluto!

Deu o seu Filho unigênito. Embora este ato seja muito mais freqüentemente descrito pelo verbo "enviar" (*e.g.*, 3.17,34; 6.29,38-40), aqui a idéia enfatizada é a do presente de Deus para o homem (cf. 4.10). Outra vez, o tempo do verbo **dar** se refere a um ato absoluto e completo (cf. Hb 10.14). Ele deu **o seu Filho unigênito**, ou seja, a Dádiva que era mais preciosa, e "o título 'unigênito' é acrescentado para destacar este conceito".[19]

... Todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. As alternativas estão definidas. Elas são a vida e a morte! A Dádiva de Deus tornou possível que o homem faça a escolha, a resposta da fé. Os verbos **perecer** e **ter** estão em tempos diferentes no original. O primeiro está em aoristo e significa "de uma vez por todas", expulso para a escuridão exterior. O último está no presente, indicando uma vida eterna presente e duradoura.

Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele (17). A palavra **condenar** pode ser traduzida como "julgar", e isto se aplica ao seu uso nos dois versículos seguintes. O propósito da Dádiva de Deus não era levar os homens a um julgamento, mas sim à salvação. Apesar disso, o julgamento é inevitável, e é o próprio homem que o causa, quando se recusa a aceitar a Dádiva mediadora e expiatória de Deus. "O homem é livre para escolher o tormento sem Deus ao invés da felicidade em Deus; é como se ele tivesse o direito de ir para o inferno".[20]

O julgamento e a condenação não vêm para o homem que tem fé, porque **quem crê nele não é condenado** (18). A tradução literal seria: "Aquele que põe a sua fé nele [*i.e.*, em Jesus Cristo] não está sendo julgado". **Quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus**. Esta afirmação forte por si mesma adquire um novo peso de advertência quando consideramos o tempo dos dois verbos: **está condenado** e **não crê**. No grego, ambos estão em tempo passado perfeito, apresentando um estado presente que é o resultado de uma ação passada. Assim, nesta vida, a condenação é um fato porque **quem não crê** já foi julgado. A condenação é um estado presente porque o que não crê se recusou a crer.

Existe uma "porta aberta para a vida", a vida de Deus para os homens. Ela tem três características: 1. É o presente de Deus que vem de cima (3,16); 2. Só vem para aqueles que têm fé (15-16); 3. A alternativa para a vida é o julgamento de Deus (18).

Com o versículo 19, o exemplo passa da vida para a luz, e da falta de fé para as trevas. A razão pela qual os homens passam pelo julgamento e pela condenação é: **Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más** (19; cf. 1.4, 9-11; 8.12; 9.4-5).

A descrença e a fé têm as suas conseqüências naturais e inevitáveis, que estão cuidadosamente descritas nos versículos 20 e 21. A falta de fé resulta em atos iníquos.

Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz e não vem para a luz para que as suas obras não sejam reprovadas (20). A seqüência está clara — falta de fé, escuridão, atos iníquos. A falta de fé e uma existência ligada à iniqüidade andam de mãos dadas. O homem que afirma que não faz diferença em que ele acredita também está dizendo que as ações não têm valor ou significado moral. Por outro lado, e em vívido contraste, está o homem de fé. **Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus** (21). Observe a seqüência — fé, vida, luz, boas obras. Para ter uma vida santa é necessário ser um homem santificado (cf. Mt 7.16-20). As duas coisas são inseparáveis. Uma das palavras-chave no Evangelho de João é *verdade*. A verdade é sempre pessoal; está sempre baseada na natureza e no caráter de Deus, e é a maneira pela qual o homem deve viver em seu relacionamento tanto com Deus quanto com os demais homens. A verdade deve ser dita e também praticada — **quem pratica a verdade**.

2. *O Novo Mestre* (3.22-36)

Os três primeiros versículos desta seção assinalam uma transição tanto de lugar quanto de pessoas. Jesus tinha estado em Jerusalém, onde realizou muitos milagres, e então conversou com Nicodemos. **Depois disso, foi Jesus com os seus discípulos para a terra da Judéia; e estava ali com eles e batizava** (22). A expressão **para a terra da Judéia,** no Novo Testamento, só ocorre aqui e provavelmente se refere "aos distritos do interior da Judéia... algum lugar próximo aos rios rasos nas proximidades de Jericó" (ver o mapa 1).[21]

Uma vez que toda esta seção está dedicada a uma explicação ampliada do relacionamento entre João Batista e Jesus, os dois ocupam o centro da cena, enquanto os judeus, os discípulos de João e os discípulos de Jesus só aparecem em segundo plano. **Ora, João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas; e vinham ali e eram batizados. Porque ainda João não tinha sido lançado na prisão** (23-24). Não se sabe onde ficava este local em que João batizava, e que é mencionado aqui, mas provavelmente não estava situado no Jordão. Normalmente, julga-se que **Salim** ficava de "seis a oito quilômetros a leste de Siquém, onde hoje existe uma pequena aldeia com o mesmo nome".[22] Duas ou três possíveis localizações de **Enom** foram sugeridas, mas não há certeza sobre nenhuma delas. Talvez a palavra signifique "abundante em fontes" (cf. "**havia ali muitas águas**").

A época da conversa que se segue fica clara pela seguinte afirmação: **João ainda não tinha sido lançado na prisão** (24; cf. Mt 4.12; Mc 1.14).

O testemunho que João Batista estava prestes a dar é contrastado com o cenário de uma questão relativa à purificação. **Houve, então, uma questão entre os discípulos de João e um judeu, acerca da purificação. E foram ter com João e disseram-lhe: Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com ele** (25-26). O velho procedimento da religião ritualista, mas vazia e sem poder, é representado aqui pelos judeus (cf. 2.6). Eles colocavam muita ênfase na **purificação** (lavagem cerimonial) do corpo. O amanhecer de um novo dia, um caminho melhor, uma proclamação profética é representada por João (cf. 1.33). A consumação é encontrada na pessoa daquele que estava com João além do Jordão.

A resposta de João aos judeus indica que ele soube imediatamente o que eles realmente queriam saber. "Qual é a sua opinião sobre este homem que está competindo com você, um Homem a quem você batizou, um Homem que está arrebatando a sua multidão?" A resposta de João teve quatro partes. Na primeira, ele lembrou-lhes que todos os homens estão, em última análise, sujeitos à soberania de Deus. **O homem não pode receber coisa alguma, se lhe não for dada do céu** (27; cf. 3.3). Na segunda, ele deixou claro o seu verdadeiro relacionamento com o Cristo, lembrando aos seus inquisidores uma afirmação anterior: **Eu não sou o Cristo** (28; cf. 1.20). Como veremos posteriormente (ver o comentário sobre 4.26), o autor usa as afirmações do tipo "Eu sou" como afirmações diretas da divindade de Jesus. Da mesma maneira, aqui, a forma negativa da frase de João, **eu não sou**, é uma renúncia clara e firme, mostrando que João não era o Messias. Contudo, ele reconhece e afirma o seu próprio papel como alguém que está relacionado a Cristo: **Sou enviado adiante dele** (28). Na terceira parte de sua resposta, ele usou o exemplo do noivo, da noiva e do amigo. Devido ao noivo ser quem de fato é, existe uma verdadeira alegria e deleite no coração do amigo. O completo cumprimento e a plenitude da alegria pertencem àqueles que reconhecem Jesus como quem Ele realmente é, e àqueles que encontram em sua voz a fonte de puro prazer. **O amigo... alegra-se muito com a voz do esposo. Assim, pois, já essa minha alegria está cumprida** (29; cf. 16.24).

Finalmente, todo o relacionamento é resumido na declaração de auto-anulação de João, feita no verdadeiro espírito de uma vida santificada: **É necessário que ele cresça e que eu diminua** (30).

Alguns estudiosos concordam que o versículo 31 dá início aos comentários do autor sobre aquilo que havia acabado de ocorrer, ao passo que outros argumentam que esta seção (31-36) está fora de lugar e deveria ser colocada imediatamente depois do versículo 21. Lightfoot defende a atual localização desta passagem. Ele declara que ela é "um apêndice adequado para 3.22-30".[23] Um bom exame do conteúdo desta seção dá sustentação a este ponto de vista. **Aquele que vem de cima é sobre todos**, e **Aquele que vem do céu é sobre todos** (31). Estas são frases que obviamente se referem a Jesus, ao passo que **aquele que vem da terra é da terra e fala da terra** claramente se refere a João. Então se segue uma descrição daquele **do céu** que **é sobre todos**.

Ele é, em primeiro lugar, uma Testemunha **daquilo que ele viu e ouviu** (32). "A mudança do tempo do verbo parece marcar um contraste entre aquilo que pertence à existência (*viu*, ++raken) e a missão (*ouviu*, +kousen, e não *tinha ouvido*) do Filho".[24] O testemunho, rejeitado por alguns (32), foi recebido por outros (33). Qualquer pessoa que receba o "testemunho o sela, declarando que Deus é verdadeiro" (33, na versão NASB em inglês), "sentindo que aquele cuja Palavra é a verdade é completamente confiável e irá manter as suas promessas, por mais impossíveis que elas pareçam; testemunhando posteriormente que as experimentam, e que elas se mostraram verdadeiras na prática, declaram que Deus realmente expressa os seus planos e cumpre o que diz".[25]

Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus (34). Este é a Palavra viva (1.14), trazendo uma completa revelação de Deus (1.18). Existe uma tríplice razão para isto. 1. Quando Deus dá, Ele o faz espontaneamente e sem limites. "Pois não lhe dá Deus o Espírito por medida" (34; cf. 1.16; 4.10; 7.38-39). 2. **O Pai ama o Filho** (35). O dom espontâneo e completo daquele que encarnou é dado por amor (cf.

3.16). 3. A missão completa de redimir o homem tornou-se responsabilidade do Filho. Não foi estabelecido nenhum outro modo de salvação. **O Pai... todas as coisas entregou nas suas mãos** (35).

Finalmente, o autor deixa a alternativa clara ao comparar a fé e a incredulidade com as suas conseqüências inevitáveis: a vida eterna e a ira de Deus. **Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece** (36). A fé resulta na vida eterna, que é a possessão atual daquele que acredita, pois o verbo **tem** está no presente (cf. 5.24; 6.47, 54; Rm 8.2-4). A expressão **aquele que não crê** pode ser traduzida como "aquele que não obedece", ou ainda "quem desobedece". O oposto da fé é, na verdade, a recusa a obedecer. Quando a fé é fraca ou defeituosa, é bom que se dê atenção à obediência. Quando uma pessoa obedece, a fé se torna uma conseqüência natural. Para aqueles que se recusam a obedecer, ou o fazem de forma negligente, existe a inevitável **ira de Deus**. Esta linguagem é um tanto surpreendente depois das elevadas expressões do amor de Deus pelo homem. Mas ela ressalta o fato de que o pecado mais grave do homem é a falta de fé, que é uma desobediência. O amor de Deus não seria mais do que uma fraca indulgência se Ele não fosse fiel à sua palavra e à sua santa natureza. Gossip se expressa bem, ao dizer:

> ... Cristo nunca é mais bondoso do que quando os seus olhos — quando Ele olha para nós — se mostram como chamas de fogo e Ele nos fala palavras terríveis; quando Ele não se mostra disposto a ser transigente para conosco, mas exige a obediência instantânea, aqui e agora, sob a pena de nos separarmos dele. Se não nos tivesse amado o suficiente para ser severo conosco, Ele teria perdido a nossa alma. Com temor e humildade precisamos agradecer a Deus, tanto pela sua ira quanto pela sua misericórdia.[26]

3. *A Nova Adoração* (4.1-30)

Os versículos iniciais desta seção são uma transição cuidadosamente escrita, dando explicações sobre o trabalho e o caminho de Jesus. A seqüência é simples. **Os fariseus** tinham ouvido o que Jesus fazia e que batizava **mais discípulos do que João**. Quando o Senhor veio a saber disto, Ele deixou a Judéia e foi para a Galiléia (1,3; ver o mapa 1). Aqui há três pontos de interesse. Em primeiro lugar, são os fariseus que representam os judeus hostis; os saduceus ou herodianos não são mencionados pelo nome no Evangelho de João. Em segundo lugar, não há indicação de que o autor desejasse descrever nenhum conhecimento sobrenatural por parte de Jesus. **O Senhor veio a saber** (1) indica simplesmente que os relatos da sua obra eram amplamente conhecidos. Em terceiro lugar, a observação entre parêntesis **ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos** (2) tinha a finalidade de corrigir os rumores (3.26; 4.1).

E era-lhe necessário passar por Samaria (4). O termo **necessário** expressa uma obrigação que pode ter uma dupla natureza. A rota mais curta entre a Judéia e a Galiléia era através de Samaria. Entretanto, devido à profunda animosidade entre os judeus e os samaritanos, muitos judeus que iam da Judéia para a Galiléia se encaminhavam pelo lado leste passando pelo Jordão, pelo norte através da Peréia, e novamente pelo Jordão até a Galiléia. Pode ter ocorrido que, para ganhar tempo, o Senhor Jesus

tenha passado por dentro de Samaria. Entretanto, é mais provável que a necessidade expressa aqui esteja relacionada ao propósito e à missão do Senhor. Samaria, e especialmente a mulher samaritana, precisavam dEle.

Foi, pois, a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó tinha dado a seu filho José. E estava ali a fonte de Jacó (5-6). Séculos de história são trazidos ao cenário (cf. Gn 33.19; 48.22; Js 24.32). O objetivo evidente é mostrar que os procedimentos antigos, identificados com Jacó e José, e até mesmo a fonte de Jacó, só adquirem significado e só se cumprem em Cristo Jesus. A maioria das autoridades concorda que **Sicar** é identificada como a atual aldeia de Askar, ao pé do monte Ebal. Ela está situada cerca de 800 metros ao norte da fonte de Jacó (ver o mapa 1).

Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isso quase à hora sexta (6). Da mesma maneira como é cuidadoso para mostrar a divindade de Jesus, João toma cuidado para destacar a sua perfeita humanidade. Jesus estava cansado da viagem e sentou-se (cf. 1.14; 19.28; Hb 4.15). A expressão **assentou-se** contém um advérbio que significa "desta maneira", o que já provocou várias interpretações. Uma é que esta história de Jesus e da samaritana foi contada muitas vezes. Quem a conta poderia demonstrar, ao chegar neste ponto, a postura de Jesus. **Jesus... assentou-se assim** — *i.e.*, desta maneira — **junto da fonte. Era isso quase à hora sexta** — *i.e.*, era quase meio-dia, sob o calor do dia e à hora do almoço (cf. 4.8).

a. A Água Velha e a Nova (4.7-15). A hora e o lugar estão claros. No palco, por assim dizer, está a Figura central, completamente Deus e completamente homem, aquele que conhece todos os homens (2.25). Para a fonte, vem **uma mulher de Samaria tirar água** (7). A mulher mal suspeitava que neste dia, enquanto estivesse envolvida com a cansativa rotina de carregar água, chegaria o maior tesouro da sua vida (cf. Mt 13.44). Ela nem sequer poderia imaginar que se tornaria a "evidência *B*" no Evangelho de João, exemplificando que Jesus realmente "sabia o que havia no homem" (2.25).

A palavra **água** introduz o tema do diálogo que vem a seguir, e no final se eleva para "significar a água da vida eterna" (cf. 1.33; 2.6-7; 3.5).[27] **Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber** (7). Neste supremo exemplo de testemunho pessoal, Jesus inicia a conversa em um ponto em que a mulher poderia entender, em alguma coisa em que ela já estivesse pensando.

Como para explicar por que Jesus pediu água somente para si mesmo, o autor inseriu uma observação explanatória sobre os discípulos que tinham ido à cidade comprar comida (8).

Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos)? (9). A resposta da mulher a Jesus foi natural, por causa da hostilidade histórica entre os judeus e os samaritanos, e também por causa de um choque contra a moralidade de costumes: o fato de Ele, um homem, pedir alguma gentileza a uma mulher estranha. A palavra original para **comunicar** "sugere as relações familiares, e não as de negócios".[28]

A resposta de Jesus à mulher afirmou a ignorância dela sobre a sua verdadeira natureza e, ao mesmo tempo, despertou nela uma profunda curiosidade. **Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele**

te daria água viva (10). A palavra para **dom**, *dorea*, transmite a idéia de "presente gratuito", ou seja, um presente incondicional (cf. 3.16). "*Dom* aqui é uma palavra régia, usada como uma referência aos favores de um rei ou de um homem rico. Ela é sempre aplicada ao dom do Espírito no livro de Atos".[29] O próprio Senhor é como esse Dom! Mas a mulher não sabia disto. Se o soubesse, teria feito o pedido e Ele a atenderia. O que ela e todos os que pedem com fé poderiam receber é a **água viva**. Com que cuidado Jesus a levou de onde estava — pensando na água da fonte de Jacó — a um conceito mais elevado e satisfatório! A **Água viva** é aquela que é "perene, que jorra de uma fonte inesgotável, sempre fresca".[30] Isto **ele... daria** a ela. Assim, a atenção dela é levada da água até Ele — o que o coloca em um contraste imediato com Jacó e com tudo o que está associado a ele. Como conseqüência, ocorre a pergunta dela: **Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu maior do que Jacó, o nosso pai?** (11-12)

O contraste entre a moda antiga, representada pela fonte de Jacó, e a nova, **a água que eu lhe der** (14), é vívido e claro nas palavras de Jesus à mulher. A moda antiga, da lei, dos profetas e especificamente a ênfase da samaritana no Pentateuco não eram suficientes para satisfazer as necessidades mais profundas dos homens. **Qualquer que beber desta água tornará a ter sede** (13). A mulher samaritana sabia muito bem que Jesus estava falando a verdade a respeito dela. Não era apenas que ela vinha diariamente, durante anos, até a fonte de Jacó para buscar água; o verdadeiro problema era que durante toda a sua vida a sua religião não tinha matado a sede da sua alma enfraquecida. Muitas pessoas fazem tudo o que a sua religião exige, mas, não tendo nunca bebido daquele que é a Água Viva, sua vida não se modifica, e assim continuam secas e infrutíferas. A promessa que Jesus faz à mulher é universal: **Aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna** (14). Aqui está! O superlativo da vida oferecido a uma criatura pecadora, necessitada, ignorante. A forma exterior é substituída por uma nova fonte interior. Os tanques estagnados da alma são transformados em um poço que jorra água. A alma enfraquecida e morta do homem passa a participar da "vida eterna". A mulher pouco entendeu sobre a importância dessa promessa. Ainda pensando em termos do seu monótono e morto mundo materialista, ela respondeu: **Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede e não venha aqui tirá-la** (15). Ela teve um vislumbre de luz. A expressão **para que não tenha mais sede** pode ter sido mais do que uma descrição de uma necessidade física de água.

b. A Vida Antiga e a Nova (4.16-30). De uma forma repentina e abrupta, Jesus muda o rumo da conversa. Ele passa do apelo e da promessa para a inquisição e para a ordem. Não se pode reivindicar os benefícios do evangelho, uma fonte de água e de vida eterna — sem satisfazer as exigências do evangelho, que são a confissão e o arrependimento. **Vai, chama o teu marido e vem cá** (16). A pergunta era aguda, atingindo o ponto mais profundo do seu ser, investigando a história do seu triste passado. A sua confissão foi simples e mesmo assim evasiva. Senhor, **Não tenho marido** (17). Refletindo perfeitamente o conhecimento que Jesus tinha dos homens (2.25), esta solicitação penetrou nela de forma profunda. **Disseste bem: Não tenho marido, porque tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; isso disseste com verdade** (17-18).

Aparentemente, a mulher agora estava vivendo com um amante sem o benefício do rito do casamento, possivelmente sem ter se divorciado do último dos seus cinco maridos. Todas as evidências apontam para uma mulher de pouca moral cuja forma de religião não tinha sido capaz de libertá-la das cadeias dos maus costumes. Jesus reconheceu a sua admissão não como uma evasão, mas sim como uma confissão. Ele disse literalmente: "O que você disse é verdade". Existe um antigo clichê que afirma que a verdade machuca. Seria melhor dizer "A verdade ajuda!" Nenhum homem jamais perdeu ao enfrentar as completas evidências da verdade (cf. 1.14, 19; 3.21; 4.24; 14.6).

Ela agora aclamava aquele que primeiro considerou ser apenas um judeu (4.9). **Senhor, vejo que és profeta** (19). "Esse tipo de conhecimento, e não meramente uma previsão, é a principal característica dos profetas".[31] Neste diálogo existe um excelente exemplo da progressão dos ensinos em estágios — a água (4.7), a água viva (4.10), uma fonte de água (4.14). Eles acompanham uma progressão na compreensão da natureza de Jesus — um judeu (4.9), um profeta (4.19), o Cristo (4.29) (cf. 9.11, 17, 38).

Tendo admitido o conhecimento de Jesus a seu respeito, a mulher rapidamente mudou o assunto da conversa para um tema que seria mais seguro para ela, e ao mesmo tempo estaria no âmbito de um profeta. **Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar** (20). Esta afirmação reflete um apelo à própria religião que ela professava. **Nossos pais adoraram neste monte**. Isto reflete também uma tentativa de usar as diversidades e as divisões dentro da religião. A expressão **e vós dizeis** funciona como uma desculpa para os seus próprios fracassos na vida. Este é um antigo padrão que é utilizado até mesmo em tempos modernos.

Neste monte. O Monte Gerizim tinha um papel significativo na tradição dos samaritanos. Aqui "Abraão preparou o sacrifício de Isaque, e aqui também... ele encontrou Melquisedeque... e no Pentateuco samaritano, Gerizim, e não Ebal, é a montanha onde se erigiu o altar (Dt 28.4)".[32]

A questão sobre onde adorar foi respondida pela clássica frase de Jesus sobre a natureza da verdadeira adoração, relacionada com a sua missão. A expressão **a hora vem** (21,23) deve ser interpretada em termos do seu completo sacrifício, que tornaria possível a verdadeira adoração (cf. 2.4; 7.30; 8.20; 12.23; 13.1; 17.1). **A hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai** (21). Esta afirmação também está relacionada com a destruição dos próprios templos dedicados à adoração. O Templo de Jerusalém foi destruído em 70 d.C., e Hircano tinha destruído o templo dos samaritanos em Gerizim em 129 a.C.

Vós adorais o que não sabeis (22). Os samaritanos rejeitavam todo o Antigo Testamento, exceto o Pentateuco. A avaliação de Jesus da inferioridade dos seus ritos e adoração se reflete no uso do termo neutro **o que**. O objeto da sua adoração era impessoal, pouco compreendido e vago, não apenas para a mulher, mas também para todos os da sua nação. Não existe uma adoração genuína baseada na ignorância ou no que não se conhece. Tais práticas levam ao fanatismo ou ao legalismo humanístico. Por outro lado, os judeus, com quem Jesus se identificava, são reconhecidos como o instrumento da revelação de Deus: **Nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus** (22).

Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem (23). Agora é o momento para que as antigas formas, limitadas em termos de lugar e de

nação, sejam transformadas em uma adoração que é ao mesmo tempo pessoal, **em espírito**, e inteligente, **em verdade**. "Adorar *em espírito* significa que nós entregamos as nossas vontades à vontade de Deus, os nossos pensamentos e planos aos que Deus tem para nós e para o mundo... *Em verdade* significa que não estamos adorando uma "imagem" de Deus, feita segundo as nossas próprias idéias... somente Cristo nos apresentou ao Deus 'verdadeiro' ou real".[33] A palavra-chave em toda esta idéia é **Pai**. Ele é o Objeto de adoração e aquele que procura os que o adoram em espírito e em verdade. "Quando Deus se revelar como o Pai universal... as limitações de espaço estarão acabadas e tanto o conhecimento quanto a adoração a Deus serão mediados por meios puramente espirituais".[34] A natureza do objeto de adoração, **Deus é Espírito** (24; cf. 1 Jo 1.5; 4.8), determina as condições necessárias para a adoração. **Importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade** (24).

A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo (25). A expectativa messiânica samaritana não se baseava na grande riqueza de predições dos profetas, porque eles só aceitavam o Pentateuco. As esperanças deles provavelmente se baseavam em Escrituras como Gênesis 3.15 e Deuteronômio 18.15. A menção que a mulher faz do Messias, "O Ungido", abriu a porta para a grande auto-revelação de Jesus. **Eu o sou, eu que falo contigo** (26), ou, literalmente, "Eu sou, este que está falando com você". Esta é a primeira ocorrência da expressão "Eu sou", que Jesus usa muitas vezes no Evangelho de João para revelar a sua verdadeira natureza. Algumas delas são afirmações diretas como esta (*e.g.*, 6.20; 8.24, 58). Outras aparecem metaforicamente (*e.g.*, 6.35; 8.12; 14.6). A expressão, em uma ou outra forma, aparece 27 vezes no Evangelho de João. A forma em grego é *ego eimi*, e é a primeira pessoa do singular, no presente do indicativo do verbo *eimi*, que transmite a idéia da existência essencial ou do ser. A existência pessoal é intensificada pelo uso do pronome pessoal da primeira pessoa do singular, *ego*. Isto assume um tremendo significado quando comparado com a auto-revelação de Deus para Moisés como "Eu sou" (Êx 3.14). Jesus estava dizendo para aquela samaritana: "Este que está falando com você é o 'Eu sou', o próprio Deus!" Assim terminou a conversa, e adequadamente, porque já não havia nada mais a dizer. O próprio Deus havia falado.

E nisso vieram os seus discípulos e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela? (27) A surpresa dos discípulos não teve como causa a nacionalidade da mulher nem o seu caráter, porque eles nada sabiam sobre o seu passado. Eles se surpreenderam porque Jesus estava falando com uma mulher. "Um homem não deveria ter uma conversa com uma mulher na rua, nem mesmo com a sua própria esposa, menos ainda com qualquer outra mulher, para que os homens não o caluniassem".[35] Os discípulos não fizeram perguntas. Não há necessidade de fazer perguntas a alguém em quem se confia.

A conversa terminara, mas para esta mulher uma nova vida havia começado. A nova vida era marcada por três coisas. A primeira era o abandono da vida antiga, uma religião sem significado, uma sede nunca satisfeita — ela **deixou... o seu cântaro** (28). Ela já não precisava mais dele, porque agora tinha dentro de si uma inesgotável fonte de água (4.14). A segunda, o seu testemunho era pessoal e produtivo. Ela disse aos homens da cidade: **Vinde e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito... Saíram,**

pois, da cidade e foram ter com ele (29-30; cf. 39,42). Finalmente, a pergunta que ela fez aos seus ouvintes era uma mostra da sua própria surpresa e de sua ligeira dúvida — "Não é este o Cristo?" (4.29). A pergunta também serviu para levantar uma importante questão na mente dos homens da aldeia.

O fato de a mulher ter deixado o seu cântaro na fonte sugere que ela deixou todo o seu antigo modo de vida. Uma mensagem intitulada "Abandonando a vida antiga" poderia ser estruturada sobre três idéias: 1. Uma nova fonte de alegria e de vida (14); 2. Uma nova testemunha (29-31); 3. Da desgraça moral à vida produtiva (18,39-42).

4. *Os Novos Campos de Colheita* (4.31-42)

A conversa entre Jesus e a samaritana começou com a sede física e terminou com a dádiva da água da vida. Então, aqui o apetite físico — **Rabi, come** (31) — fornece a oportunidade para ensinar os discípulos sobre a verdadeira satisfação das necessidades mais profundas da vida. **Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis.... A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra** (32, 34). Para que o Filho cumpra a sua missão, Ele precisa obter força do Pai, que o enviou (cf. 5.19,26; 6.57; 8.29). Esta comida divina, com a qual o Filho vive, tem uma dupla natureza. Primeiramente, é **fazer a vontade daquele que... enviou** o Filho (cf. Sl 40.8; Hb 10.7-10). É evidente que a vontade de Deus é prover e convocar os homens para uma vida santificada (1 Ts 4.3). Em segundo lugar, é a vontade de Deus que o Filho "realize a sua obra" (34, tradução literal; cf. 17;4). "A sua missão é não somente a de ensinar ou de 'anunciar', mas a de realizar a obra da salvação do homem; i.e.,... de realizar a transformação de água em vinho, de erigir o novo templo, de trazer (por meio da sua vinda e ascensão) a possibilidade do nascimento +k pne+matoò, de dar a água viva que jorra para a vida eterna — em uma palavra, de abrir para a humanidade uma vida verdadeiramente espiritual ou divina".[36]

Realizar a sua obra necessariamente envolve olhar a tarefa de uma forma atenciosa e realista. Uma mulher samaritana tinha vindo, mas lá fora estão as **terras que já estão brancas para a ceifa** (35). A nação como um todo estava necessitando da dádiva da vida eterna, e já estava pronta para ela. Postergá-la ou atrasá-la intencionalmente é algo fora da realidade. "**Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa?**" A hora é agora! Se esta geração deve receber o evangelho, esta geração deve levá-lo até o povo.

Se deve haver uma colheita, também deve haver a semeadura, assim como a ceifa, e ambas envolvem um trabalho árduo. Aquele que semeia vê a promessa do final no começo; aquele que ceifa percebe os resultados do começo no final. Então ambos **se regozijam** (36), pois o fruto do seu trabalho mútuo é **a vida eterna** (36). "Não há necessidade de falar, neste contexto, de um antes e um depois, deste homem ou daquele, pois todo o trabalho parecerá um só" (cf. 17.20-23).[37] Embora exista uma divisão de trabalho — **um é o que semeia, e outro, o que ceifa** (37) — há uma unidade, pois o produto final é um só. **Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho** (38). "Todos, sendo ceifeiros, merecem a recompensa que estão recebendo, a partir do trabalho de outros".[38]

O perfeito exemplo da seara é encontrado naquilo que aconteceu em Samaria. A mulher testificou: **Disse-me tudo quanto tenho feito** (39), com o resultado de que

muitos dos samaritanos daquela cidade creram nele pela (lit., "por causa da") **palavra da mulher** (39). A semeadura, um testemunho pessoal, produziu frutos, a fé nele. Tal foi o impacto do testemunho da mulher que os samaritanos vieram ver Jesus, e **rogaram-lhe que ficasse com eles; e ficou ali dois dias** (40).

Por mais importante que o testemunho seja quando procuramos trazer as pessoas a Cristo, ele é, em última análise, apenas um meio de se atingir este objetivo. Cada homem tem de chegar a sua própria confrontação final sobre onde se baseia a sua fé, não no que outra pessoa disse, mas em Cristo e na sua Palavra eterna. Assim foi com estes homens. **E muitos mais creram nele, por causa da sua palavra. E diziam à mulher: Já não é pelo que disseste que nós cremos, porque nós mesmos o temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo** (41-42). O que aconteceu aqui foi, ao mesmo tempo, intensamente pessoal — **nós cremos... nós mesmos o temos ouvido... sabemos** — e caracterizado pela destruição das barreiras do nacionalismo e do sectarismo religioso. Eles reconheceram a este em quem creram como sendo **o Salvador do mundo** (42), não apenas um Messias para os samaritanos. O primeiro e o último pensamento daquele que crê em Cristo é a missão com alcance mundial.

5. *Um Novo Nível de Fé* (4.43-54)

Dois dias depois, partiu dali e foi para a Galiléia (43). Os **dois dias** se referem a sua estada em Samaria (40), e **dali** a sua saída de Samaria. **Porque Jesus mesmo testificou que um profeta não tem honra na sua própria pátria** (44). A **sua própria pátria** foi interpretada com o seguinte significado: 1. A Galiléia em geral; 2. Nazaré; 3. A baixa Galiléia, não incluindo Cafarnaum; 4. A Judéia. Os três primeiros parecem significados improváveis em João, à luz de 1.11 e 7.41-42. A Judéia parece ser o significado mais provável. Westcott escreve: "O Senhor não tinha sido recebido com a devida honra em Jerusalém. A sua reivindicação messiânica não tinha sido bem-vinda. Ele não confiava a si mesmo os judeus dali, e foi forçado a partir. Se muitos o seguiram, podemos estar certos de que não eram os representantes do povo, e a sua fé repousava nos milagres".[39]

Em contraste com esta resposta artificial e a rejeição final na Judéia, estava a recepção de braços abertos no Norte. **Os galileus o receberam, porque viram todas as coisas que fizera em Jerusalém no dia da festa; porque também eles tinham ido à festa** (45).

Ao apresentar o cenário do acontecimento que será descrito, o autor faz menção do primeiro milagre que Jesus realizou em **Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho** (46). Isto parece ser um convite para comparar os dois milagres, e eles realmente têm semelhanças intrigantes. Ali (2.1-11), o relato está centrado na água que se torna vinho; aqui (49) o quase morto volta à vida. Ali é a fé da mãe de Jesus que consegue o milagre; aqui, é a fé do oficial. Os dois acontecimentos passam da tristeza para a alegria, e se tornam a razão para que os outros creiam — ali, os discípulos (2.11), aqui o oficial e **toda a sua casa** (53).

E havia ali um oficial do rei, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum (46). Segundo Arndt e Gingrich, a palavra traduzida como **oficial** poderia se referir a "um parente da família real (de Herodes)", mas provavelmente se refere a "um oficial real".[40]

As narrativas dos milagres de Jesus em Jerusalém (2.23) tinham evidentemente chegado antes dele à Galiléia, e o primeiro milagre em Caná sem dúvida fora o assunto de muitas conversas em Cafarnaum, que ficava a somente 24 quilômetros (ver o mapa 1). Assim, este oficial, **ouvindo... que Jesus vinha da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e rogou-lhe que descesse e curasse o seu filho, porque já estava à morte** (47). A palavra traduzida como **foi** significa literalmente "ele se foi", indicando que o pai deixou o filho, doente como estava, para ir fazer o seu pedido a Jesus. O verbo **rogou** está no imperfeito no texto grego, indicando um pedido repetido e continuado.

A resposta de Jesus, embora aparentemente uma recusa, na realidade era um teste para a fé do oficial. **Se não virdes sinais e milagres, não crereis** (48). Esta é uma questão inquisitiva. Os sinais e milagres são o motivo ou o resultado da fé? Este acontecimento espetacular, o milagre, é a experiência estática de uma coisa a ser buscada por si mesma? É o produto de uma fé dinâmica e devidamente embasada, ou é a porta aberta para ela? Ou seja, a fé nele e na sua Palavra? Em João, a palavra **milagres** aparece somente aqui. As duas palavras, **sinais e milagres,** combinadas "assinalam os dois principais aspectos do milagre: o aspecto espiritual, pois sugerem alguma verdade mais profunda do que aquela que o olho vê, para o qual eles são, de alguma maneira, símbolos e garantias; e o aspecto externo, pois a sua estranheza arrebata a atenção".[41]

O apelo renovado do oficial baseou-se na questão da vida e da morte. Ele não estava preparado para entrar em uma discussão teológica quando a sua necessidade imediata parecia tão grande. **Senhor, desce, antes que meu filho morra** (49). A resposta de Jesus foi um teste ainda maior à fé do homem. **Vai, o teu filho vive** (50). O oficial viera buscar Jesus (47,49); agora tudo o que ele obtinha era a promessa de vida para o seu filho. Ele poderia crer, não tendo visto? (cf. 20.29). É possível confiar na Palavra de Deus sem hesitação? Este homem fez isso! **E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse e foi-se** (50). A sua fé sem hesitação é enfatizada pelo tempo do verbo ser, **foi-se**, que poderia ser traduzido literalmente como "ele tomou o seu caminho".

Os versículos 51-53 são uma espécie de epílogo para certificar o que já havia sido realizado. O relato dos servos para o oficial: **O teu filho vive** (51) aparece nos melhores manuscritos como um discurso indireto — literalmente "que o seu filho estava vivo". O que Jesus havia prometido se cumprira com exatidão! Assim como o teste para a fé do oficial foi feito uma segunda vez, assim também a certificação foi assegurada, sem quaisquer dúvidas. A pergunta do pai sobre a **hora** em que o filho **se achara melhor** (52) revela o fato de que **era aquela hora a mesma em que Jesus lhe disse: O teu filho vive** (53). O que tinha sido a crença na promessa específica de Jesus (50) agora adquire um aspecto mais profundo e amplo da fé pessoal. **E creu ele, e toda a sua casa** (53).

Jesus fez este segundo milagre [sinal] **quando ia da Judéia para a Galiléia** (54). A observação da série de sinais em Caná da Galiléia serve para marcar as visitas de Jesus ali, que estão relacionadas e intercaladas com viagens a Jerusalém (cf. 2.11,13; 4.3).

Em 4.46-54, encontramos: 1. O nosso Senhor lamentando uma fé inadequada (46-48); 2. O nosso Senhor testando, e conseqüentemente fortalecendo, uma fé crescente (49-50); 3. Cristo ausente recompensando uma fé que fora testada (51-53). (Alexander Maclaren)

6. *O Novo Caminhar* (5.1-47)

a. O Sinal e sua Conseqüência (5.1-18). Em sua visita anterior a Jerusalém (2.13-22), Jesus encontrara a oposição e hostilidade dos judeus. Agora, a sua segunda visita fornece a oportunidade para o começo da controvérsia sobre o sábado, que resulta em uma discussão, na hostilidade dos judeus e na rejeição final, tendo como auge o calvário. "Em todo este Evangelho, quanto maior a sua obra pelos homens, maior é o preço que Ele tem de pagar, e maior é a manifestação da sua glória".[42] A sua visita anterior tinha sido na época da Páscoa (2.13); agora, a viagem de Jesus a Jerusalém deveu-se a uma festa não identificada pelo nome. **Depois disso, havia uma festa entre os judeus, e Jesus subiu a Jerusalém** (1; cf. 6.4; 7.37; 13.1).

O cenário do episódio está descrito nos seguintes aspectos: lugar, época, nome, pessoas e tradição. O lugar é Jerusalém, em um tanque **próximo à Porta das Ovelhas** ("Portão", em algumas versões, no v. 2). A época é **uma festa entre os judeus** (1). Estes dois fatos fornecem um cenário de simbolismo que está de acordo com outros cenários de milagres de Jesus (cf. 2.6,13; 3.5; 4.13-14; 6.4; 9.7). O nome do lugar aparece nos textos com grafias variadas, e com conseqüentes significados diferentes. Algumas das grafias são: **Betesda**, "casa de misericórdia"; Betezata (em algumas versões), "casa da oliveira", confirmada por bons manuscritos e aceita de maneira geral; e Betsaida, "casa da pesca", um nome aparentemente inadequado para um lugar em Jerusalém.[43] O tanque é descrito tendo **cinco alpendres** onde **jazia grande multidão de enfermos: cegos, coxos e paralíticos** (2-3). Os melhores manuscritos não incluem a última parte do versículo 3, e nenhuma parte do versículo 4; por isso, essas partes não são encontradas em algumas traduções modernas. A maioria dos estudiosos concorda que elas possam representar uma adição posterior, provavelmente de acordo com a tradição judaica. Alguns copistas acrescentaram estas explicações para deixar claro o motivo por que os doentes ali estavam, e para explicar o significado do versículo 7. Toda a cena — o tanque, a multidão de enfermos — é de miséria, desapontamento e fracasso.

E estava ali um homem que, havia trinta e oito anos, se achava enfermo (5). A maneira de apresentar o personagem central no episódio é característica de João (cf. 3.1; 4.7). Adicionalmente, este homem é apresentado como um representante de todos os homens. **Um homem,** sem nome, certamente, mas ainda assim descrevendo algo sobre todos os homens — a total incapacidade de ajudar a si mesmo. Assim, este relato se torna a "evidência *C*" daquilo que Jesus conhece sobre os homens (cf. 2.25, Nicodemos; 4.7, a mulher samaritana). O homem é descrito como alguém que **havia trinta e oito anos se achava enfermo**. A menção a este período foi interpretada por alguns como uma referência ao período do castigo dos israelitas no deserto (Dt 2.14). Porém é mais provável que tenha sido adicionado "simplesmente para assinalar a longa permanência da doença" (cf. 9.1) [44].

Jesus, vendo este deitado e sabendo que estava neste estado havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? (6) A compaixão de Jesus e o seu conhecimento das necessidades mais profundas do homem (cf. 5.14) uniram-se para produzir esta pergunta. À primeira vista, isto parece um pouco tolo. Claro que o homem queria ficar bem, caso contrário não estaria no tanque, uma fonte de cura. Mas Jesus sabia que as pessoas acabavam se acostumando a uma vida de desgraça e infelicidade, perdendo a vontade de responder a uma adequada fonte de ajuda. Assim, esta era sem dúvida uma boa pergunta!

O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me coloque no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim (7). Que situação! Ele não tinha amigos — **não tenho homem**. Ele estava **enfermo**, incapaz de ajudar a si mesmo, embora lutasse — **enquanto eu vou**. Não é que ele tivesse perdido a vontade; ele ainda não tinha chegado à fonte correta, ou melhor, a fonte correta de ajuda ainda não tinha chegado até ele. Aqui está retratada, na imagem do tanque, a inadequação da lei (judaísmo) para satisfazer as verdadeiras necessidades do homem. As lutas mais intensas do homem não podem salvá-lo da paralisia do pecado.

Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma tua cama e anda (8). **Toma a tua cama** significa "apanhe a sua esteira" (Berk). Três imperativos em seqüência! E cada um deles é uma ordem absurda para um paralítico. É fácil imaginar como o enfermo deve ter se sentido. Durante 38 anos, como vítima desta doença, ele só tinha sido capaz de mover-se com grande dificuldade. E agora deve levantar-se, apanhar a sua cama e andar. Impossível? Sim, era impossível a partir de um ponto de vista puramente humano. Mas para Jesus este homem era o objeto da sua compaixão, e a sua ordem significa que o Senhor lhe concedia a capacitação. Lutando pela libertação, o homem viu um brilho de esperança e acreditou em Jesus e na sua Palavra.

Logo, aquele homem ficou são, e tomou a sua cama, e partiu (9). A cura foi imediata e completa, como indica o tempo aoristo do verbo (**ficou**). A resposta obediente do homem à ordem de Jesus foi a oportunidade para a sua cura. Tudo o que Jesus pediu, o homem obedientemente realizou: **Levanta-te**, ele se levantou (por implicação); **toma tua cama** (aoristo), ele **tomou a sua cama** (aoristo); **anda** (presente); ele **partiu** (imperfeito, melhor traduzido como "estava andando"). O uso do aoristo indica que a vida antiga, que o tinha afligido durante 38 anos, já não tinha mais nenhum domínio sobre ele (cf. Rm 6.14). O caminhar, retratado pelo imperativo presente (8) e pelo imperfeito do indicativo (9) seria a nova maneira de uma vida contínua e habitual.

E aquele dia era sábado (9). Esta observação é importante, porque assinala o começo de uma controvérsia longa, firme e cada vez mais aguda sobre o relacionamento de Jesus com a lei e com os judeus (cf. 5.16; 7.23; 8.5; 9.14).

Então, os judeus disseram àquele que tinha sido curado: É sábado, não te é lícito levar a cama (10). A **cama** (esteira) era um tipo de esteira leve e flexível usada pelas pessoas pobres. Podia ser enrolada e facilmente carregada, mas mesmo assim não deveria ser carregada em um sábado (cf. Ne 13.19; Jr 17.21). De acordo com o Mishnah, trinta e nove tipos de trabalho eram proibidos no sábado.[45]

A tendência humana de atribuir a culpa a outra pessoa se reflete na resposta do homem aos judeus: **Aquele que me curou, ele próprio disse: Toma a tua cama e anda** (11). Mas mesmo que o homem curado tivesse a tendência de transferir a culpa por uma transgressão à lei do sábado, ele também deu um testemunho claro sobre o que sabia — ele fora curado. A experiência do homem com Jesus foi inequívoca — Ele **me curou**. Os judeus continuaram com a sua inquisição. **Quem é o homem que te disse: Toma a tua cama e anda?** (12) Eles não podiam ter certeza de que este responsável pelo desrespeito ao sábado podia ser o Senhor do sábado; assim, perguntaram, **Quem é o homem?** (cf. 9.11,24)

Aqui o autor acrescenta uma observação explanatória. **E o que fora curado não sabia quem era, porque Jesus se havia retirado** (literalmente "mover a cabeça para

o lado, para evitar um golpe")[46] **em razão de naquele lugar haver grande multidão** (13). Jesus simplesmente misturou-se com a multidão e se retirou. Ainda não era chegada a sua hora, quando Ele traria às últimas conseqüências o conflito entre o velho e o novo. Mas havia um ponto de conflito, um assunto importante que tinha de ser trazido à tona. Era o relacionamento entre o homem curado e Jesus. Assim, **depois, Jesus encontrou-o no templo e disse-lhe: Eis que já estás são; não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior** (14). O Senhor que sempre procura (cf. Lc 15.3-10) **encontrou-o**. Pelo menos, o homem não tinha voltado ao seu antigo lugar, o tanque. Ao invés disso, ele estava **no templo**, possivelmente dando graças pela sua restauração. Jesus primeiramente lembrou-o daquilo que ele agora sabia tão bem: **já estás são**, e então passou para o grande imperativo: **não peques mais** (no tempo presente, literalmente "não continue a pecar"). Precisamos recordar: 1. Foi Jesus quem deu a ordem; 2. Ele capacita as pessoas a fazerem aquilo que Ele ordena; 3. Ele não pediria a uma pessoa algo que não pedisse a todas; 4. Viver acima do pecado é o plano de Deus para os homens. A última parte da frase de Jesus reflete duas coisas. A primeira é que parece que os 38 anos da enfermidade tinham sido o resultado da própria tolice e do pecado do homem, sem implicar que este seja o caso em todas as doenças (cf. 9.3). A segunda é que há uma indicação de um elemento de juízo (cf. 3.18-19; 5.22-29).

Um estudo sob o título "O Poder de Deus Encontra a Impotência do Homem" poderia ter três partes: 1. A impotência do homem (8); 2. A ordem de Deus é a capacitação do homem (8-9,14); 3. A fé obediente é a chave (9,14).

Depois disso, o homem tomou a iniciativa, voltou aos judeus e contou-lhes **que Jesus era o que o curara** (15; cf. 9.35-38; Rm 10.9). A confissão do homem aos judeus precipitou uma crise contínua. **E, por essa causa, os judeus perseguiram Jesus e procuravam matá-lo, porque fazia essas coisas no sábado** (16). A primeira frase poderia ser traduzida como "Os judeus costumavam perseguir, ou estavam perseguindo Jesus", indicando que este era um padrão de comportamento contínuo. Isto está de acordo com o tempo do verbo na última frase, que poderia ser lido como "Ele [Jesus] costumava fazer, ou continuamente fazia, estas coisas no sábado". Evidentemente houve muitos outros "desrespeitos ao sábado" nos milagres de Jesus, os quais não estão registrados (cf. 20.30).

A resposta de Jesus aos judeus foi como um combustível para as chamas. Ele disse: **Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também** (17). Todo o problema da discussão anterior tinha sido o trabalho no sábado. Agora, deixava Jesus implícito que não era somente uma questão da sua própria atividade no sábado, mas também da atividade do seu Pai? O trabalho deles é único (19); portanto, o que é atributo de um pertence também ao outro. "O descanso do Pai no sábado, corretamente entendido, é a atividade desimpedida do amor, para que nas obras de misericórdia realizadas no sábado o trabalho do Pai e do Filho seja um só".[47]

Uma afirmação desse tipo, vinda de Jesus, forneceu o terreno para que acusação mais grave lhe fosse feita. **Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus** (18). "Colocando os seus atos no mesmo nível dos atos de Deus", Ele estava **fazendo-se igual a Deus.**[48] Tal reivindicação levantou sérias questões na mente dos judeus, que se dedicavam à crença e à defesa de um rigoro-

so monoteísmo. Assim, em um sentido bastante profundo, o ensino de Jesus que se segue (5.19-47) é uma defesa completa do monoteísmo cristão, em que o Pai e o Filho são um só.

b. A Relação do Pai com o Filho (5.19-24). Este parágrafo cuidadosamente explicado provavelmente foi endereçado a um público pequeno e educado, talvez até mesmo ao Sinédrio.[49] O centro da questão é **que todos honrem o Filho, como honram o Pai** (23). Para chegar a esta conclusão, Jesus apresentou quatro etapas, cada uma iniciada pela palavra **porque**. Primeiramente, o Filho, em toda a sua atividade e obra é completamente dependente do Pai, **porque tudo quanto ele** [o Pai] **faz, o Filho o faz igualmente** (19). Em segundo lugar, a união deve-se ao amor e à perfeita confiança; o fruto da união é **maiores obras. Porque o Pai ama ao Filho e mostra-lhe tudo o que faz; e ele lhe mostrará maiores obras do que estas, para que vos maravilheis** (20). Ou seja, Deus mostraria obras ainda maiores por meio de Cristo, para que os descrentes pudessem se maravilhar. Em terceiro lugar, a unidade é evidente na grande questão da vida e da morte. **Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer** (21). Evidências deste tipo de avivamento são vistas no ensino de Jesus a Nicodemos (3.3), aqui, nos versículos 24,26, na figura do pão (6.27), e mais especificamente na cena da morte e ressurreição no túmulo de Lázaro (11.25-26; cf. 1.4; 3.36). E, finalmente, por ser **o Filho do Homem** (27), a prerrogativa do juízo lhe foi dada pelo Pai. **E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo** (22; cf. 5.30; 8.16). E Ele fez isto **para que todos honrem o Filho, como honram o Pai** (23). "Positivamente, o trabalho de Cristo é trazer a vida e a luz; negativamente, ele resulta no juízo sobre aqueles que recusam a vida e se afastam da luz".[50]

O Filho é totalmente dependente do Pai, e assim está unido a Ele pelo laço perfeito do amor e da confiança, para que as questões da vida, da morte e do juízo tenham uma solução perfeita. O Filho merece a mesma honra que o Pai. Na verdade, a unidade é tão perfeita que **quem não honra o Filho não honra o Pai, que o enviou** (23).

Estas profundas ponderações teológicas são seguidas por um apelo caloroso e pessoal: **Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna** (24). Os três verbos estão no presente: ouve, crê, tem, todos apresentam uma realidade presente. A vida eterna começa quando se ouve e se crê (cf. 20.31). Além disso, devido à união descrita acima, crer no Pai, que enviou o Filho, é equivalente a crer no Filho (cf. 3.16; 6.29).

c. A Relação do Filho do Homem (5.25-29). A afirmação **Em verdade, em verdade vos digo** (25), "citada neste Evangelho, sempre introduz uma afirmação majestosa" (cf. 1.51).[51] Realmente, é uma afirmação majestosa, pois **vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão** (25). "A nova aliança está penetrando na antiga" (cf. 4.23).[52] Aqueles que estão espiritualmente mortos ouvirão, e aqueles que responderem com fé viverão (cf. 5.21,24). O que eles ouvem, **a voz do Filho de Deus**, é a Palavra falada, a completa revelação e consumação do resgate de Deus dos homens que estão mortos nas transgressões e no pecado.

Este resgate do homem só é possível por causa da unidade de ação entre o Pai e o Filho. **Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo** (26). É por causa desta unidade tão evidente nas obras do

Filho encarnado que o Pai **deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do Homem** (27). Em vista de o artigo definido no original não acompanhar os dois substantivos em **Filho do Homem** (na tradução literal), é evidente que "a prerrogativa do juízo está ligada à verdadeira humanidade de Cristo (*Filho do Homem*) e não ao fato de Ele ser o representante da humanidade (*O Filho de Homem*)".[53]

As idéias de vida e de juízo na nova aliança (25) agora são levadas um pouco mais adiante. **Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação** (ou "juízo"; 28-29). **Vem a hora**, *i.e.*, não a época atual com a promessa e a realização da vida espiritual (cf. 5.25), mas a época em que **todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz**. Aqui, o homem responde, **sairão** — não porque ele queira ou porque creia, mas porque Deus o chamou para um balanço, "segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal" (2 Co 5.10). "A concepção cristã é que os homens são responsáveis pelas obras feitas na carne. A exclusão da carne na morte não significa o abandono do lado mau da natureza humana, enquanto a alma é salva".[54]

d. O Testemunho do Filho (5.30-47). Até aqui (5.19-29), a discussão nos mostrou: 1. que o Filho é dependente do Pai em uma unidade dinâmica; e 2. que o homem precisa encontrar a vida no Filho se deseja viver agora (5.24) e no futuro (5.29). Isto foi descrito por alguns como o testemunho do Pai em relação ao Filho. Assim, o Filho não procura a sua própria vontade, **mas a vontade do Pai,** que o enviou (30). E é por causa disto que o seu **juízo é justo**. Se somente Ele fosse dar testemunho de si mesmo, seu testemunho não seria verdadeiro (31)[55] — *i.e.*, "admissível como uma evidência legal" (versão NASB em inglês, marg.).

Outro testemunho para o Filho é aquele dado por João Batista. **E sei que o testemunho que ele dá de mim é verdadeiro** (32). Jesus lembra os seus ouvintes do questionamento anterior de João, e de sua resposta. **Vós mandastes a João, e ele deu testemunho da verdade** (33; cf. 1.15,19,27,32). Mas, por mais claro e certo que fosse o testemunho de João, não foi o seu testemunho para o Filho o que certificou o relacionamento do Filho com o Pai. **Eu, porém, não recebo testemunho de homem** (34). Antes, Jesus estava fazendo aos seus ouvintes todos os apelos possíveis, para lhes trazer a salvação — **mas digo isso** (cf. 24), **para que vos salveis** (34). **Ele** [João] **era a candeia que ardia e alumiava; e vós quisestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz** (35). A palavra **era** reflete a admissão de Jesus da prisão ou da morte de João. A última frase lembra os seus ouvintes da atitude hesitante deles em relação a João, primeiro aceitando-o e depois voltando-se contra ele, quando a sua solicitação de arrependimento tornou-se altamente inconveniente para eles.

Outro testemunho, **maior... do que o de João**, é o testemunho das obras: **porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que eu faço testificam de mim, de que o Pai me enviou** (36; cf. 10.25). Por **obras** se entende "toda a manifestação externa da atividade de Cristo, tanto aqueles atos qu e chamamos de sobrenaturais quanto aqueles ditos naturais. Todos são realizados para o cumprimento de um plano e por um único poder".[56] A rejeição das obras de Jesus, que no plano incluíam a cruz, era uma rejeição não apenas do testemunho do Pai (37), mas também do Filho, **porque naquele que ele** [o Pai] **enviou não credes vós** (38).

O testemunho final do Filho, para o qual Jesus chama a atenção dos seus ouvintes, é o testemunho das Escrituras. **Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna** (39). O verbo inicial pode ser tanto imperativo quando indicativo, mas o indicativo parece fazer um sentido melhor neste contexto. Seria, literalmente, "Vocês estão examinando as Escrituras, porque nelas acham que terão a vida eterna".

Nesta seção (39-47), as Escrituras são descritas: 1. Como um testemunho do Filho — **são elas que de mim testificam** (39); 2. Como o que acusa os ouvintes sem fé — **Há um que vos acusa, Moisés, em quem vós esperais. Porque, se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim, porque de mim escreveu ele** (45-46). O Filho, de quem as Escrituras dão testemunho (39), é visto como: 1. A fonte da vida (40); 2. Aquele que vem em nome do Pai (43) e não recebe glória dos homens (41). Contra este cenário, os ouvintes, os judeus (ver o comentário sobre 5.19-24), são descritos em uma linguagem vívida. Apesar de lerem muito as Escrituras, eles se recusam a vir a Jesus, a verdadeira Fonte de vida (40); não amam a Deus (42); são capazes de aceitar impostores (43); têm uma escala de valores errada (44); e, ironicamente, nem mesmo acreditam nas Escrituras que estão continuamente analisando (38,46).

O versículo 41 parece significar que Cristo não procurava a glória (grego) dos homens. Mas Ele sabia que se eles tivessem **o amor de Deus** (42), eles lhe dariam a glória.

D. O Novo Pão, 6.1-71

1. *O Sinal dos Pães* (6.1-14)

Depois disso, partiu Jesus para o outro lado do mar da Galiléia, que é o de Tiberíades (1, ver o mapa 1). Novamente a cena passa de Jerusalém (5.1-2) para a Galiléia, onde Ele foi agora, pela terceira vez (2.1; 4.3). A expressão **depois disso** é característica de João, e aqui ela resume o que havia acontecido recentemente em Jerusalém. A estada de Jesus na Galiléia desta vez fora mais longa, evidentemente por causa da oposição que Ele havia encontrado em Jerusalém (5.16; 7.1). O uso de [mar de] **Tiberíades** é peculiar de João (6.23; 21.1). Este foi um nome posterior que começou a ser usado depois da fundação da cidade de Tiberíades, na costa oeste do mar da Galiléia, por Herodes Antipas (aprox. 25 d.C.).

E grande multidão o seguia, porque via os sinais que operava sobre os enfermos (2). Os verbos **seguia** e **operava** estão no tempo imperfeito em grego. Eles poderiam ser assim traduzidos, respectivamente: "estava continuamente seguindo" e "estava continuamente operando". A atividade de cura de Jesus regularmente atraía as multidões da Galiléia.

E Jesus subiu ao monte e assentou-se ali com os seus discípulos (3). Esta frase, junto com a afirmação no versículo 1, e comparada com Lucas 9.10, indica que o lugar estava próximo a Betsaida Júlia, na costa nordeste do mar da Galiléia. Por **monte** "se entende um planalto mais alto que o lago, e não um cume em particular".[57]

E a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima (4). Esta é uma afirmação surpreendente, porque a Galiléia está longe de Jerusalém, onde a Páscoa era tradicionalmente celebrada. A melhor explicação parece ser que o autor chama a atenção para esta

principal festa dos judeus, com a finalidade de colocar o judaísmo em um nítido contraste com o que Jesus diz à mesma multidão em Cafarnaum (6.24,59). Muito do que o nosso Senhor disse ali tinha uma natureza altamente sacramental (*e.g.*, 53). O velho pão (o maná, 31) e tudo o que ele representa (o judaísmo, a lei) são inadequados para a verdadeira necessidade de vida eterna do homem, enquanto Jesus proclama que Ele mesmo é "o pão que desceu do céu" (41), o "pão da vida" (48).

Este é o único milagre de Jesus que está registrado nos quatro Evangelhos (cf. Mt 14.13-21; Mc 6.30-44; Lc 9.10-17). **Então, Jesus, levantando os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pão, para estes comerem?** (5) O registro aqui não menciona o fato de que Jesus tivesse compaixão da multidão (cf. Mt 14.14; Mc 6.34). Ao contrário, a sua vinda é a oportunidade para que Filipe seja posto à prova. **Mas dizia isso para o experimentar** (6). A observação de João — **porque ele bem sabia o que havia de fazer** — é típica. "Em todo o seu Evangelho, o evangelista fala como alguém que tem um íntimo conhecimento da mente do Senhor".[58]

A resposta de Filipe, **Duzentos dinheiros de pão não lhes bastarão, para que cada um deles tome um pouco** (7) lida com o problema "a nível do mercado".[59] **Dinheiros** significa literalmente "denários", que eram as moedas de prata romanas, com valor aproximado de dezoito a vinte centavos de dólar americano, "um salário médio de um dia de trabalho de um operário".[60] Então ainda permanece a pergunta: "De onde sairá o pão para a multidão?" Filipe, e cada cristão, "deve ser levado a perceber que toda obra missionária se origina de uma interpretação humana adequada dos objetivos divinos, e não é um mero desejo humano de divulgar as nossas próprias convicções religiosas limitadas pelos nossos recursos materiais".[61]

A resposta de Filipe foi calculista e hesitante. A sugestão de André foi otimista, e indicava a possibilidade de aproveitar completamente a oportunidade (cf. 1.41-42), por menos promissora que ela pudesse parecer à primeira vista. **Está aqui**, disse ele, **um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tantos?** (9) A quantidade de comida era muito pequena e a qualidade não era das melhores. **Pães de cevada** eram o alimento das pessoas pobres, e os **dois peixinhos** eram peixes do tipo da sardinha.

Então Jesus deu a ordem: **Mandai assentar os homens** (10). O fato de que **havia muita relva naquele lugar** sugere que era primavera (cf. 6.4), o que está em harmonia com a referência à Páscoa (4). A palavra usada para **homens** indica que os **cinco mil** não incluíam as mulheres nem as crianças (cf. Mt 14.21). **E Jesus tomou os pães e, havendo dado graças, repartiu-os... pelos que estavam assentados; e igualmente também os peixes, quanto eles queriam** (11). As palavras **pelos discípulos** e **os discípulos** não estão nos melhores manuscritos e, portanto, são omitidas nas versões mais recentes. Mas os relatos Sinóticos indicam que Jesus usou os discípulos para alimentar a multidão. A palavra traduzida como **havendo dado graças**, *eucharistesas*, é ao mesmo tempo bonita e altamente significativa. Daí se origina a palavra "eucaristia", que significa a Ceia do Senhor. Muito do que vem a seguir (6.51-58) é eucarístico, no seu tom e significado (cf. Mt 26.27; Mc 14.23; Lc 22.19).

O recorrente tema da abundância da dádiva da graça de Deus e do seu Espírito no homem começa a brilhar aqui — eles **estavam saciados** (12; cf. 1.16; 2.7; 4.14; 7.38-39).

Depois que todos tinham comido, mediante uma ordem de Jesus, os discípulos **encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobejaram aos que haviam comido** (13).

Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo (14, cf. Dt 18.15). Esta reação ao sinal é típica e semelhante a outras reações neste Evangelho (cf; 4.19; 7.40; 9.17). Também era a força motivadora que os fazia tentar **arrebatá-lo, para o fazerem rei** (15); e tendo fracassado nesse intento, esta motivação os levava a procurá-lo no outro lado do lago (6.24-25). Para evitar um possível levante que o colocaria em uma posição de Messias-Rei — porque estas eram as conotações das palavras **profeta** e **rei** — Jesus **tornou a retirar-se, ele só, para o monte** (15).

2. *O Sinal do Mar Acalmado* (6.15-24)

Esta seção é uma espécie de interlúdio de transição para o tema principal — o Pão da Vida. Ela tem pelo menos três objetivos principais. Primeiramente, fornece o relato da mudança de cenário de Betsaida Júlia, o lugar do milagre dos pães e peixes, para Cafarnaum (ver o mapa 1), o cenário do discurso a respeito do Pão da Vida. Isto é de particular interesse, uma vez que os discípulos primeiro **passaram o mar** (17) na direção oeste, em um barco açoitado por um mar tempestuoso (16-19). Mais tarde, Jesus atravessou, **andando sobre o mar** (19) e subindo no barco com os discípulos (21). Mais tarde ainda (no dia seguinte), a multidão entrou **também nos barcos** e foi a **Cafarnaum** (24).

Um segundo objetivo é o de mostrar a completa inadequação do homem diante da adversidade, quando deixado sozinho com os seus próprios recursos. A imagem é clara. **Era já escuro** (17), e conseqüentemente os discípulos não eram capazes de manter um curso exato. Eles estavam sozinhos, separados da Fonte da ajuda adequada — **ainda Jesus não tinha chegado perto deles** (17). A adversidade natural da vida os superou — **e o mar se levantou, porque um grande vento assoprava** (18). Os seus medos multiplicaram-se com a aparição da Presença não reconhecida — **e temeram** (19). **Vinte e cinco ou trinta estádios** seriam cerca de 5 a 6,5 quilômetros.

Finalmente, este foi o cenário em que os discípulos aprenderam que a Presença divina vem ao homem não somente na hora da adoração no lugar sagrado, mas nos momentos inesperados e de maior necessidade (cf. Hb 4.16). Jesus chegou dizendo **Sou eu** (literalmente, "Eu sou"); a divina Presença está aqui; não tenham medo (20).

Então, eles, de boa mente, o receberam no barco; e logo o barco chegou à terra para onde iam (21). Aqui está um bonito epílogo para todo o drama. **Logo** provavelmente significa "rapidamente".

3. *O Pão Eterno* (6.25-65)

a. O Verdadeiro Trabalho (6.25-34). As multidões que comeram os pães e os peixes do milagre não se desanimavam facilmente. Eles não podiam perder o contato com aquele que lhes providenciara uma refeição sem que houvessem tido nenhum custo ou trabalho. Julgando que Ele tinha partido de Betsaida Júlia rumo a Cafarnaum, eles foram para lá, à sua procura (24). **E, achando-o no outro lado do mar, disseram-**

lhe: Rabi, quando chegaste aqui? (25) Encontrando-o no dia seguinte, essas pessoas tinham fome novamente. Elas tentaram dar a impressão de que tinham atravessado o lago por causa de quem Ele era, mas a verdadeira razão é que esperavam conseguir alguma coisa para si mesmos. E Jesus, sabendo disso (cf. 2.25), disse: **Na verdade, na verdade vos digo que me buscais não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes** (26). Então, Jesus lhes deu uma ordem e ao mesmo tempo uma promessa. A ordem tem um aspecto positivo, e outro negativo. **Trabalhai não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna** (27). A promessa é que crer no Filho (27) provê mais do que a comida perecível; esta atitude traz uma dádiva que **permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará** (27). O contraste das duas palavras **trabalhai** e **dará** "é essencial para o sentido da passagem. O trabalho do crente, no final, não traz uma recompensa como se fosse a título de salário, mas garante uma dádiva, uma bênção".[62] Aquele que dá a dádiva é a própria Dádiva (cf. 6.51), **porque a este o Pai, Deus, o selou** (27), *i.e.*, "o comissionou para este exato propósito".[63]

A próxima pergunta feita pelo povo é uma pergunta deliberativa — do tipo que espera uma resposta imperativa. Poderia ser traduzida literalmente como: "Que devemos fazer para executar as obras de Deus?" (28) Embora pareça enigmática, a resposta de Jesus foi simples: "A obra que realmente importa é ter fé em Cristo" (cf. At 16.30-31). **A obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou** (29). O tempo presente do verbo **crer** é importante aqui, e significa "que vocês possam ter fé continuamente, que vocês possam viver uma vida de fé".[64]

O pedido de Jesus para que eles tivessem fé **naquele que** Deus **enviou** fez com que desafiassem a sua autoridade (cf. 2.18; 4.11). Por que deveriam crer **nele**? **Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu?** (30) A volta deles para a religião tradicional, embora vazia, é típica na narrativa de João. **Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu** (31; cf. 4.12,20; 5.10; 9.16). É como se essas pessoas estivessem dizendo a Jesus: "Ontem, você nos alimentou. Hoje o procuramos para ter outra refeição e tudo o que você nos dá é essa conversa sobre ter fé. Moisés fez melhor do que isto. O maná estava fresco todas as manhãs. Então, ou você nos dá comida, ou não o seguiremos mais!"

Aqui Jesus corrige a impressão deles. Até mesmo as dádivas, como por exemplo **o maná** da antiga aliança, não vieram de Moisés, mas sim de Deus — **Moisés não vos deu o pão do céu** (32). E mesmo as dádivas de Deus da antiga aliança, como o maná, não tinham outra intenção senão a de anunciar o **verdadeiro pão** (cf. Hb 10.1). **Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo** (33; cf. 4.14).[65] Assim como a samaritana havia pedido, "Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede e não venha aqui tirá-la" (4.15), estas pessoas disseram: **Senhor, dá-nos sempre desse pão** (34) [66].

b. "O Verdadeiro Pão" (6.35-40). Jesus agora lhes declarou abertamente aquilo que ficara oculto no sinal e no simbolismo. Se realmente quisessem o pão que Ele lhes daria, precisariam saber que Ele era aquele pão. **Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede** (35; cf. 4.14; 6.48,58; 7.37-38). Até agora, no Evangelho de João, a expressão **Eu sou** já ocorreu duas vezes em

declarações diretas de Jesus sobre a sua divindade (4.26; 6.20). Aqui começa o uso de metáforas fortes e expressivas. Elas aparecem dezessete vezes e os exemplos mudam: por exemplo, **Eu sou o pão da vida**; “Eu sou a luz do mundo” (8.12); “Eu sou a porta” (10.9). Westcott escreve: “Os exemplos com que se conecta [Eu Sou] fornecem um estudo completo da obra do Senhor”.[67]

Os verbos **vem** e **crê** no presente retratam uma ação continuada e persistente, e são importantes nesta seção. A implicação é que deixar de vir ou de ter fé também significa a descontinuidade da satisfação da fome e da sede.

O povo tinha pedido um sinal (6.30) e agora Jesus lhes diz que eles têm um sinal — a Encarnação — embora não acreditem. **Já vos disse que também vós me vistes e, contudo, não credes** (36).

Nos versículos 37-40, há dois temas principais. Primeiro, a vontade de Deus se torna efetiva para o homem por meio do Filho, e tem como resultado a vida eterna. O Filho realiza a vontade do Pai — **porque eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou** (38; cf. Mt 26.39, 42). Graças ao perfeito desempenho do Filho em realizar a vontade do Pai, o plano de Deus para o homem é: 1. uma completa comunhão com Cristo (37); 2. orientação e graça para aqueles que vêm (37) e assim “continuam tendo fé nEle” (lit., 40); 3. a vida eterna, *i.e.*, a vida no seu nível mais elevado, aqui e agora — a vida santificada (cf. 1 Ts 4.3). Posteriormente, haverá a transformação completa (cf. 2 Co 3.18) com a participação na sua ressurreição. A frase **eu o ressuscitarei no último Dia** (40) aparece como um tipo de refrão por toda esta seção (39-40,44,54).

O segundo tema é que a vida eterna, tanto no seu significado presente quanto no escatológico, está aberta para o homem. Isto não se deve ao mérito do homem, mas somente à graça de Deus. A interpretação negativa da frase **Tudo o que o Pai me dá virá a mim** (37), como base para uma doutrina de reprovação, significa o retorno à lógica inflexível. Gossip comenta: “Existem coisas mais verdadeiras do que isso na vida... tudo o que ela diz é que se somos cristãos, então somos dele não por causa de alguma coisa que tenhamos feito... mas unicamente porque Deus se propôs a nos ganhar”.[68]

c. As Objeções São Anuladas (6.41-51). Os judeus objetaram a afirmação de Jesus de que Ele era **o pão que desceu do céu** (41), com base no fato de que eles conheciam os seus pais humanos (42). Como, pois, Ele pode ser o Pão do céu? Jesus anulou as suas objeções ressaltando que foi o Pai quem tomou a iniciativa de redimir os homens (44), e que tudo o que eles vêem ou deveriam ver é a completa revelação daquele que Deus enviou (44,46). Isto, Ele disse, deveriam saber por terem lido as palavras dos profetas (Is 54.13; Jr 31.34). Se tivessem seguido os ensinos dos profetas, teriam sido **todos ensinados por Deus** e viriam até o filho (45). Tão perfeita e adequada é a revelação de Deus no Filho, que Ele podia dizer: **Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna** (47).

Os judeus haviam apelado para a sua religião tradicional como se esta fosse mais adequada do que a promessa de Jesus (6.31). Agora Jesus, declarando-se como o **pão da vida** (48), com sutil humor acrescentou: **Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram** (49). A antiga aliança não satisfez a mais profunda necessidade do homem. Mas quanto ao Pão novo e eterno, **o que dele comer não morre** (50). Além

disso, o novo Pão está aqui, disponível para todos os homens por meio da cruz. **O pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo** (51).

d. A Comida e a Bebida Verdadeiras (6.52-59). A promessa de Jesus de que Ele daria a sua **carne... pela vida do mundo** (6.51) causou uma discussão ("um violento debate", segundo a versão NEB em inglês) entre os judeus, e eles perguntaram: **Como nos pode dar este a sua carne a comer?** (52) Naturalmente, Jesus falava figuradamente da sua conciliação, mas eles vacilaram, e os homens ainda vacilam, com respeito à idéia da cruz, e da sua elevada provisão. Eles não perguntaram: "Como podemos comer?" E sim: "Deus consegue fazer isso?".[69] Os homens ainda fazem a mesma pergunta, de uma forma ligeiramente diferente: "Deus é capaz de santificar completamente um homem?"

A resposta de Jesus descreve a maneira exclusiva da santidade cristã e ao mesmo tempo proclama a grande promessa da possibilidade da vida eterna, da vida de santidade. **Se não comerdes** (ou seja, não existe alternativa) **a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem** [no presente] **a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último Dia** (53-54). Aquele que participa, pela fé, da sua natureza, da vida de santidade, *tem* a vida eterna. A santidade de coração é a essência do significado da Ceia do Senhor.

Dois temas para posterior desenvolvimento aparecem na resposta de Jesus. **Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu, nele** (56). A mesma palavra aqui traduzida como **permanecer** aparece como "estar em" no exemplo da videira e das varas no capítulo 15. O tema da unidade do Pai, do Filho e do crente é evidente no versículo 57. **Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim quem de mim se alimenta também viverá por mim** (cf. 17.21).

O resumo final da resposta de Jesus mostra a completa inadequação da antiga aliança e a satisfação duradoura que há no novo Pão. **Vossos pais... comeram o maná e morreram; quem comer este pão viverá para sempre** (58).

e. Um Discurso Severo (6.60-65). **Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isso, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?** (60) O discurso era duro, não por ser ininteligível, mas porque transmitia as exigências completas e elevadas da cruz. "Ele reivindicava a completa submissão, a autodevoção, e a auto-entrega dos discípulos. Ele significativamente apontava para a morte".[70] **Quem o pode ouvir?** significa "Quem pode aceitar isso?" (Phillips)

A resposta de Jesus (61-64) à sua reclamação foi realmente uma volta a sua pergunta. Se eles hesitavam em relação às completas implicações da Encarnação, o que fariam se vissem **subir o Filho do Homem para onde primeiro estava?** (62) Se é difícil acreditar que Deus veio em carne (cf. 1.14), como alguém poderia acreditar que **o espírito é o que vivifica** (63) e que até mesmo na morte na cruz existe glória (cf. Fp 2.8-9)? **A carne para nada aproveita** (63), *i.e.*, "A nova era que Jesus inaugura... não deve ser definida em termos de milagres chocantes no plano dos fenômenos, no plano s*Ü*rx... mas em termos daquela ordem de ser, que é real e eterna".[71]

Apesar de as palavras de Jesus serem **espírito** e **vida** (63), Ele sabia que alguns não estavam reagindo com fé: **Bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os**

que não criam e quem [Judas Iscariotes] **era o que o havia de entregar** (64; cf. 2.25). No versículo 65, Jesus repete o que já havia dito no versículo 44. Outra vez encontramos aqui a realidade da soberania divina em ação com a liberdade humana.

4. *Os Discípulos nas Encruzilhadas* (6.66-71)

Não há palavras mais surpreendentes no Evangelho de João do que as seguintes: **Desde então, muitos dos seus discípulos tornaram para trás e já não andavam com ele** (66). Alguns o haviam seguido por razões erradas (6.26); outros tinham muita vontade de refugiar-se na religião tradicional (6.31); outros acharam o chamado da santidade de coração e vida excessivamente exigente (6.53) — então **tornaram para trás!**

Por que eles voltaram? Um desenvolvimento intitulado "Discípulos nas Encruzilhadas" poderia ser estruturado em torno de três idéias básicas: 1. Alguns estavam mais interessados em ganhos materiais (pães) do que em permitir que Jesus dirigisse as suas vidas (26-27); 2. Alguns estavam completamente satisfeitos com uma forma de religião isenta de comprometimento (30-31); 3. Alguns, particularmente Judas, enxergaram o custo do verdadeiro discipulado, da santidade de coração (53,70-71).

Então Jesus voltou-se para os doze e disse: **Quereis vós também retirar-vos?** (67) Pedro tivera uma visão de primeira mão das "possibilidades da graça" — a promessa de tornar-se um participante da natureza de Jesus (6.54) e a garantia de compartilhar a sua ressurreição (6.39-40,44,54). Neste cenário, Pedro pronunciou estas palavras memoráveis: **Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus** (ou "O Santo de Deus"; 68-69).

Judas e a sua traição a Jesus são mencionados duas vezes nesta seção (64,70-71). Será possível que, assim como Pedro viu as "possibilidades da graça" conduzindo à santidade de coração, Judas tenha visto uma cruz, e não um Reino celestial logo à frente? Será que ele enxergou que não há maneira de servir a Deus exceto tornando-se um participante da sua natureza (6.53)? Será possível que, a partir deste dia em que Judas compreendeu o tema da santidade de coração, ele tenha definido como a sua direção a rejeição da luz, culminando em uma separação final? "Ele... saiu logo: e era já noite" (13.30).

E. O Novo Derramamento, 7.1-52

1. *Jesus e os seus Irmãos* (7.1-9)

E, depois disso [os eventos do cap. 6], **Jesus andava** [lit., "estava andando"] **pela Galiléia e já não queria andar pela Judéia, pois os judeus procuravam matá-lo** (1). Isto leva o leitor de volta aos eventos de 5.10-47, quando Jesus estava na Judéia. Como Ele tinha curado o homem enfermo no sábado, e declarara que Deus era o seu Pai, "os judeus ainda mais procuravam matá-lo" (5.18). Esta rejeição na Judéia explica o motivo por que Jesus foi para a Galiléia. A época da sua partida foi a primavera, antes da Páscoa (6.4), e Ele evidentemente ficou na Galiléia até o outono daquele mesmo ano. **E estava próxima a festa dos judeus chamada de Festa dos Tabernáculos** (2). Uma vez mais, o autor associa a atividade de Jesus em Jerusalém a uma das festas nacionais (cf. 2.13,23; 5.1; 13.1). A Festa dos Tabernáculos era celebrada durante sete dias, no outono, e comemorava a peregrinação no deserto (Lv 23.33-43; Nm 29.12-39; Dt 16.13-

17). Esta era uma das grandes festas dos judeus, superada apenas pela Páscoa. Josefo descreve-a como "uma festa extremamente santa e importante".[72]

Disseram-lhe, pois, seus irmãos: Sai daqui e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque não há ninguém que procure ser conhecido que faça coisa alguma em oculto. Se fazes essas coisas, manifesta-te ao mundo (3-4). Alguns pensam que **Seus irmãos** pode ser uma referência aos "filhos das irmãs da sua mãe, Maria"[73] ou podem ser os filhos de José com uma esposa anterior.[74] Mas a melhor interpretação, e a mais simples, é assumir que eram filhos de José e Maria. A sugestão de partir pelas razões dadas era uma sutil tentação para que o Senhor substituísse a vontade divina pelo aplauso e pelas exigências dos homens; para que Ele seguisse o calendário dos homens, e não os tempos indicados por Deus; "e que fizesse as coisas certas pelas razões erradas".[75] Neste Evangelho, o objetivo dos sinais, ou **obras**, é que as pessoas possam ver e crer. O pedido deles foi apenas: ...que **os teus discípulos vejam as obras que fazes**. Não é feita nenhuma menção à fé. Eles tinham entendido de forma completamente errada os motivos pelos quais Jesus realizava milagres. "Porque", disseram, "não há ninguém que procure ser conhecido [manifestamente] que faça coisa alguma em oculto" (4). A palavra aqui traduzida como "manifestamente" em algumas versões significa, literalmente, "com coragem". Que pensamento oposto ao espírito do Cristo na cruz!

Tanto naquela época quanto hoje, as coisas do Espírito devem ser percebidas espiritualmente. Assim, estes irmãos de Jesus não eram capazes de entender, "porque nem mesmo seus irmãos criam nele" (5).

A resposta de Jesus aos pedidos dos seus irmãos lhes declara a razão da sua falta de compreensão, e também a ordem divina da sua própria vida. O fracasso deles em entender devia-se a sua afinidade com o mundo, e a sua falta de sensibilidade em relação ao plano de Deus. Jesus lhes disse: "O vosso tempo sempre está pronto" (6) e **O mundo não vos pode odiar** (7).

Em um vívido contraste com esta atitude dos irmãos, está a própria consciência que Jesus tinha da vontade de Deus, e a sua submissão a ela. Ao pedido de que fosse à festa, Ele respondeu: **Ainda não é chegado o meu tempo** (6, cf. 8; 2.4; 7.30; 8.20; 12.23; 17.1). "A Festa dos Tabernáculos era uma festa de peculiar alegria pelos trabalhos realizados. Em uma festa como esta, Cristo não tinha lugar naquele momento".[76] Ao invés disso, era para a cruz que toda a vida de Cristo apontava. Hoskyns diz muito bem: "A época da sua Jerusalém é a época da sua morte, o Tempo que lhe foi dado pelo Pai".[77] Os seus irmãos incrédulos tentaram persuadi-lo a procurar a aclamação dos homens, mas não conseguiam penetrar na verdade de que a Encarnação deve inevitavelmente ter a sua cruz. Estas diferenças entre o ponto de vista de Jesus e o dos seus irmãos evocavam diferentes reações por parte do mundo. **O mundo não vos pode odiar, mas ele me odeia a mim, porquanto dele testifico que as suas obras são más** (7).

De maneira similar, tais diferenças devem resultar em ações diferentes por parte de Jesus e de seus irmãos. **Subi vós a esta festa; eu não subo ainda a esta festa, porque ainda o meu tempo não está cumprido** (8). O significado deste versículo depende muito da negativa de Jesus, usada na sua declaração de propósito. A versão RSV em inglês, diz: "Eu não vou à festa". Isto, com base em boas evidências de manuscritos, ocasiona um problema, tendo em vista o fato de que Jesus mais tarde foi à festa (10).

Entretanto, também existem boas evidências de manuscritos (incluindo os primeiros testemunhos, Papiro 66) de que a negativa é "ainda não" (*ouro*). Como colabora para a coerência, esta leitura é provavelmente a que deve ser adotada.

2. *Jesus Sai da Galiléia* (7.10-13)

Mas, quando seus irmãos já tinham subido à festa, então, subiu ele também não manifestamente, mas como em oculto (10). Este é o "adeus" de Jesus à Galiléia, o cenário de grande parte do seu ministério público. Ele foi **em oculto**, não com o grande grupo de peregrinos que viajavam para a festa. A sua chegada à festa fez com que os judeus o procurassem (provavelmente os líderes hostis); também **havia grande murmuração** ("discussão dissimulada", Phillips) **entre a multidão a respeito dele. Diziam alguns: Ele é bom. E outros diziam: Não; antes, engana o povo** (12). Nem mesmo a melhor avaliação do povo era suficientemente boa nem completamente precisa. Jesus é mais do que um homem bom, e aqueles que o aclamam somente como tal deixaram de compreender o significado da sua encarnação, vida, crucificação, morte e ressurreição (cf. Mc 10.18). A acusação de que Ele estava "enganando o povo" foi feita muito provavelmente porque Ele curara o homem enfermo no sábado (5.10), e também por Ele ter afirmado que Deus era o seu Pai (5.17-18). Embora tivessem divergências nas avaliações que faziam acerca de Jesus, as pessoas estavam de acordo em sufocar os seus comentários a respeito dele: **ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus** (13).

3. *Conversas durante a Festa* (7.14-36).

a. Jesus Ensina o Povo (7.14-24). A festa propriamente dita durava sete dias; um oitavo dia era adicionado como uma convocação sagrada (Lv 23.36) e era chamado de "o grande dia da festa" (cf. Jo 7.37). A aparição de Jesus na festa provavelmente se deu no quarto dia, **no meio da festa** (14). Ele **subiu... ao templo e ensinava** (literalmente, "e Ele estava ensinando"). Esta é a primeira referência do Evangelho de João ao ensino de Jesus em Jerusalém.

E os judeus maravilhavam-se, dizendo: Como sabe este letras, não as tendo aprendido? (15) Aqueles que fizeram esta pergunta, os judeus, eram da oposição a Jesus (cf. 5.16,18; 7.1,13; 9.22; 10.31). A implicação da pergunta não é que Jesus não fosse instruído, mas sim que, em comparação com o que eles aprendiam nas escolas rabínicas, Ele era alguém sem instrução, ignorante em relação à lei e aos seus significados. A presunção do homem, baseada na sabedoria humana, é algo chocante!

A resposta de Jesus identifica a fonte do seu ensino e ao mesmo tempo declara o seu relacionamento com o Pai. **A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou** (16). O seu aprendizado e o seu ensino, em contraste com os dos judeus, têm origem e alicerces em Deus. Se algum homem questionar a veracidade da afirmação de Jesus poderá ser posto à prova. **Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina** [ensino], **conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo** (17). O teste absoluto e final da veracidade e autoridade é a vontade de Deus. O conhecimento da vontade de Deus e o cumprimento da sua vontade são coisas inseparáveis. A ação e a fé andam juntas.

Aquele que fala e age com a autoridade de outra pessoa reflete o caráter daquele que ele representa, e simultaneamente dá crédito a sua própria veracidade e integridade. Assim, Jesus, enviado por Deus (16,28-29), não é como um professor que **fala de si mesmo** e **busca a sua própria glória** (18). Antes, **o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele injustiça** (lit., "falsidade"; 18).[78]

Momentaneamente, Jesus abandonou o assunto — a defesa do seu direito e da sua capacidade para falar — e voltou-se para os seus oponentes. Foi um ataque em duas partes. Primeiramente, Ele fez a pergunta retórica: **Não vos deu Moisés a lei?**, seguida pela devastadora acusação contra eles: **E nenhum de vós observa a lei** (19). Como evidência de que eles falhavam em respeitar a lei perfeitamente, Jesus citou a prática de circuncidar os meninos no oitavo dia, mesmo que fosse um sábado: **no sábado circuncidais um homem** (22). Em seguida, embora pudessem fazer julgamentos acertados onde estivessem envolvidas leis conflitantes, eles tinham feito julgamentos errados quando havia valores reais em jogo. **Se o homem recebe a circuncisão no sábado, para que a lei de Moisés não seja quebrantada, indignais-vos contra mim, porque, no sábado, curei de todo um homem?** (23) Os judeus, para observar a lei, reprimem um homem; Jesus, ao realizar **uma obra** (21),[79] satisfaz a lei mais elevada, libertando um homem. Uma ênfase na moralidade legalista pode levar facilmente a julgamentos errados que resultam na destruição dos verdadeiros valores. Como conseqüência, aqui está o resumo de Jesus sobre o assunto: **Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça** (24).

No decorrer do debate, Jesus perguntou: **Por que procurais matar-me?** (19) Embora o povo negasse esta acusação (29), provavelmente em razão da falta de informações sobre os desígnios dos líderes religiosos, é evidente, como foi visto acima, que o plano para matar Jesus já estava sendo executado (1,25). Mas "o povo nada sabia disso",[80] *i.e.*, os peregrinos da Galiléia ignoravam o fato.

b. O Povo Reage (7.25-31). Então, alguns dos de Jerusalém diziam: **Não é este o que procuram matar? E ei-lo aí está falando abertamente, e nada lhe dizem** (25-26). Evidentemente, alguns dos líderes judeus em Jerusalém estavam entre o grupo de pessoas com quem Jesus falava. De qualquer forma, eles conheciam o plano para matá-lo e estavam surpreendidos por verem que Ele era corajoso e aberto em suas palavras. Ainda mais surpreendente para o povo era o fato de que **nada lhe diziam**. Esta situação paradoxal levou o povo a fazer muitas perguntas. A primeira procurava estabelecer a identidade de Jesus como aquele que procuravam **matar**. A segunda levantou um problema: se Ele podia ou não falar aberta e corajosamente porque os governantes o reconheciam como o Messias. **Sabem, verdadeiramente, os príncipes, que este é o Cristo?** (26) A forma da pergunta no texto grego indica que o povo esperava uma resposta negativa. Era mais uma questão de dúvida e de interesse casual do que uma busca séria pela verdade. Para apoiar a sua dúvida, eles afirmaram conhecer a origem de Jesus — Nazaré. **Todavia, bem sabemos de onde este é** (27). Mas, sabiam eles realmente de onde Jesus tinha vindo? O seu conhecimento parcial levou-os a uma conclusão completamente equivocada sobre a verdadeira natureza de Jesus — sobre o fato de que Ele é o Messias, Jesus Cristo, o Filho de Deus (cf. 8.14; 9.29-30; 19.9; Hb 4.14).[81] Eles também argumentaram que a vinda do Messias seria

algo misterioso. **Mas, quando vier o Cristo, ninguém saberá de onde ele é** (27). Existe um provérbio judeu que diz: "Três coisas vêm de forma completamente inesperada: O Messias, um enviado de Deus, e um escorpião".[82]

Em resposta à afirmação sobre a vinda do Messias, Jesus confirmou o conhecimento parcial que tinham a seu respeito, e declarou a sua origem: **Clamava, pois** (cf. 7.37; 12.44), **Jesus no templo, ensinando e dizendo: Vós me conheceis e sabeis de onde sou; e eu não vim de mim mesmo, mas aquele que me enviou é verdadeiro, o qual vós não conheceis. Mas eu conheço-o, porque dele sou, e ele me enviou** (28-29). Eles conseguiam ver a Encarnação; conheciam a origem humana de Jesus. Mas não conheciam o seu relacionamento com aquele que **é verdadeiro** (genuíno, real) e de quem Ele tinha vindo. Assim, eles não conheciam nem Jesus, o Cristo, nem aquele que o enviara, como qualquer judeu verdadeiro deveria ter conhecido (cf. 14.9). Aqui, "Deus é descrito como... um Pai real, enviando um Filho real".[83] A expressão **Dele** (*para*) **sou** (29) implica "uma comunhão de ser entre o Pai e o Filho".[84]

A reação do povo foi dividida. Alguns **procuravam... prendê-lo** (30) enquanto outros **creram nele** (31). O primeiro grupo foi detido na sua ação porque **ainda não era chegada a sua hora** (30; cf. 2.4; 8.20; 12.23; 13.1; 17.1). Neste Evangelho, a **hora** de Jesus é a sua morte, que resultaria "na hora da sua exaltação e glorificação, e no poder da luz sobre o poder das trevas".[85]

Aqueles que creram nele o fizeram porque pensaram: **Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem feito?** (31) "A razão dada... para a fé no Senhor pode ser considerada como tipicamente inadequada... mas a fé com base no número de sinais que Ele realizou é particularmente imperfeita".[86]

c. A Tentativa de Prender Jesus (7.32-36). Ao ouvirem **que a multidão murmurava dele essas coisas** [lit., eles "ouviram a multidão balbuciando essas coisas a respeito de Jesus", 31] **os fariseus e os principais dos sacerdotes mandaram servidores para o prenderem** (32). Esta é a primeira referência a uma tentativa organizada, provavelmente instigada pelo Sinédrio, para levar Jesus à força.[87] Jesus enfrentou esta situação extremamente tensa com "uma frase suficientemente enigmática para perturbar os seus inimigos, mas transparente, clara e significativa para apaziguar os leitores do Evangelho".[88] A sua resposta foi: **Ainda um pouco de tempo estou convosco e, depois, vou para aquele que me enviou. Vós me buscareis e não me achareis** (33-34). A frase **um pouco de tempo**, que aparece freqüentemente neste Evangelho (12.35; 13.33; 14.19; 16.16), é histórica, pois se refere à brevidade da Encarnação, e é profética, visto que é uma advertência aos judeus de que o tempo que têm para reagir é curto. Embora Jesus tenha dito "buscai e encontrareis" (Mt 7.7), aqui avisava Ele que, mesmo na hora da aflição, a busca deles seria fútil, porque "a busca pode ser retardada por um período tão longo que a promessa já não possa mais ser reivindicada. Assim, a advertência aqui trata do perigo da demora".[89]

E aonde eu estou vós não podeis vir (34). Muitos interpretaram esta frase como uma referência à ida de Jesus para o céu, o que provavelmente está correto. No entanto, uma cuidadosa comparação desta passagem com outras do texto de João, onde se expressa a mesma idéia (8.21; 13.33, 36-37), indica que a intenção era um significado muito mais amplo. O verbo (com a negativa) **não podeis** significa literalmente "falta de poder"

ou "falta de capacidade". Se o problema é estar onde Ele está, ou ser como Ele (cf. 6.53), então a exigência é a santidade de coração, e isto só se consegue pelo Espírito de Deus, através de Cristo. Então aqui, "quando o Senhor está perante os seus oponentes, eles não podem ir até onde Ele está, porque não compartilham os seus pensamentos... a separação dele é causada não pela distância no espaço, mas sim pela falta de similaridade de coração, de pensamento e de espírito".[90]

As questões levantadas pelos judeus nos versículos 35 e 36 indicam que eles não entenderam o verdadeiro âmago da afirmação de Jesus. Apesar disso, a pergunta **Irá, porventura, para os dispersos entre os gregos** [os judeus espalhados pelos países gentios] **e ensinará os gregos?** (35) era altamente profética (cf. 11.49-52). Este foi precisamente o curso tomado pelo cristianismo primitivo.

4. *O Último Dia da Festa* (7.37-52)

a. Rios de Água Viva (7.37-39). O clímax do significado da vida, dos ensinos e da morte de Cristo, como relatado na Festa dos Tabernáculos, veio **no último dia, o grande dia da festa** (37). O fato de Jesus ter vindo a esta festa onde o povo estava agitado, erigindo tendas em memória da presença protetora e orientadora de Deus no deserto, recorda-nos que "o Verbo se fez carne" (1.14) e "verdadeiramente *tabernaculou* em meio ao seu povo".[91]

O ritual do último dia da festa, que simbolizava a entrada dos israelitas em Canaã, era caracterizado por um plano cuidadosamente trabalhado. As multidões de peregrinos estavam em uma disposição festiva. Cada peregrino levava, na sua mão direita, o *lulabh*, um ramo de murta e um de salgueiro atados de cada lado de uma palmeira. Na sua mão esquerda estava o *ethrog*, ramos de árvores sagradas, a chamada árvore do paraíso, uma espécie de limoeiro (Lv 23.40). Os peregrinos dividiam-se em três grupos. Um preparava-se para o sacrifício matinal no Templo. Outro juntava os ramos de salgueiro para adornar o altar. O terceiro grupo, o mais importante, ia até o tanque de Siloé (cf. 9.7), de onde o sacerdote trazia água em um jarro dourado até o Templo, despejando-a na base do altar, como uma oferta líquida ou libação. Enquanto a água era derramada, o grande Halel (Sl 113—118) era entoado em duas vozes.[92] Alguns pensam que foi imediatamente depois do rito simbólico de derramar a água, com a resposta em duas vozes, que **Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre** (ou coração; 37-38).

Este acontecimento no **último dia, o grande dia da festa** (37) ressalta diversas idéias de grande importância. Em primeiro lugar, temos Siloé (enviado), lembrando-nos que, na nova ordem, Jesus é o Enviado do Pai e pelo Pai (cf. 3.17,34; 5.38; 6.29,57; 7.29; 8.24; 10.36; 11.42; 17.3,8,18,21,23,25), e Ele cumpre tudo o que já foi representado pelo tanque e pela cerimônia de derramamento da água. Em segundo lugar, pode-se ver que o que era externo e limitado, trazido do exterior para o Templo, agora se torna interno, dinâmico, fluente e abundante. Em seguida, a vida cheia do Espírito é caracterizada pela abundância, tanto com relação à sua Fonte, Jesus, a Rocha que foi golpeada e da qual flui a corrente da vida (Nm 20.8; 1 Co 10.4), como em relação ao seu fluxo, que deve alcançar todos os homens em todas as nações (Lc 24.47-49; At 1.8). Finalmente, o relato anuncia o fato de que Jesus tornou o Pentecostes possível. "Todo o simbolismo da festa,

começando com a colheita concluída, da qual era uma festa de ação de graças, apontando para o futuro... a cerimônia do derramamento de água era considerada de vital importância, a ponto de dar à festa o nome de 'Casa do Derramamento de Água' e simbolizava o derramamento do Espírito Santo".[93] Esta é a intenção óbvia do escritor do Evangelho, que comentou: **E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado** (39).

Um sermão para o Domingo de Pentecostes, intitulado "O Pentecostes Profetizado", pode ser claramente visualizado aqui. 1. O Pentecostes simbolizado (37); 2. Pentecostes significa ter o Espírito de Deus dentro de si (37-38); 3. Pentecostes é vida, a vida de Deus, abundante (38).

b. Reações Divididas (7.40-52). A afirmação de Jesus de ser a completa Fonte da satisfação dos mais profundos anseios do ser humano encontrou reações variadas entre o povo. Alguns diziam: **Verdadeiramente, este é o Profeta. Outros diziam: Este é o Cristo** (40-41). Devido a estas avaliações conflitantes a respeito da Pessoa e da natureza de Jesus, alguns tentaram resolver o problema através da aplicação das profecias messiânicas: **Vem, pois, o Cristo da Galiléia? Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e de Belém, da aldeia de onde era Davi?** (41-42; cf. Sl 132.11; Jr 23.5; Mq 5.2). As Escrituras citadas estavam corretas e eram verdadeiras; mas, como é freqüente, o povo deixou de investigar os fatos relativos à origem de Jesus, e só baseou as suas conclusões em rumores. Portanto, considerando somente a metade da verdade, eles chegaram a conclusões erradas, e **entre o povo havia dissensão por causa dele** (43). Os ânimos se elevaram tanto que **alguns deles queriam prendê-lo** [lit., "pegá-lo com intenções hostis"], **mas ninguém lançou mão dele** (44).

Entre aqueles que tinham ouvido Jesus no Templo, estavam os oficiais comissionados pelos principais dos sacerdotes e fariseus, para prendê-lo (32). Quando estes homens foram se reportar aos superiores, os principais dos sacerdotes e fariseus perguntaram: **Por que o não trouxestes? Responderam os servidores: Nunca homem algum falou assim como este homem** (45-46). Tendo ouvido as palavras de Jesus, eles ficaram impotentes em sua presença (cf. 18.1-9).[94] Os homens maus, com más intenções, estão sujeitos aos planos e propósitos de Deus, e até mesmo as suas mais poderosas realizações ocorrem sempre e somente dentro da vontade permissiva de Deus. A resposta simples e positiva dos oficiais não conseguiu, de maneira alguma, suavizar a malícia destes iníquos. As perguntas retóricas feitas aos oficiais poderiam ser traduzidas literalmente como: "Não é possível que vocês também tenham sido enganados, não é mesmo? Nenhum dos superiores [provavelmente o Sinédrio] ou dos fariseus acreditou nele, não é verdade?" (47-48) Até mesmo os oficiais cujas vidas são altamente regradas precisam tomar uma decisão pessoal quando estão diante da pergunta: O que farei com Cristo? Nenhum ser moral pode fugir a esta questão. A afirmação, **Mas esta multidão, que não sabe a lei, é maldita** (49) reflete a confiança que os judeus têm na lei para a salvação. As pessoas que não conheciam a Lei (Torá, Mishnah) estavam sujeitas ao julgamento de Deus.

Mas entre os superiores havia alguém que estava interessado na justiça e que também conhecia pessoalmente a Jesus. **Nicodemos, que era um deles (o que de noite**

[ou, "antes"] **fora ter com Jesus), disse-lhes: Porventura, condena a nossa lei um homem sem primeiro o ouvir e ter conhecimento do que faz?** (50-51; cf. Dt 1.16; Êx 23.1). Isto representava um desafio à afirmação dos fariseus em 48-49. Aqui estava um superior que conhecia a lei e que, embora um pouco debilmente, posicionou-se em defesa de Jesus. A reação dos fariseus: **És tu também da Galiléia?** (52) era uma zombaria, porque sabiam perfeitamente bem que Nicodemos não era da Galiléia. E a autodefesa posterior que aqueles homens expressaram, evidentemente causada pela ira, não era a verdade. **Examina e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu** (52). Como aqueles homens foram capazes de ignorar Jonas, Oséias, Naum e outros profetas do norte? As explosões de emoção não trazem a expressão da verdade!

F. A Seção sobre o Adultério, 7.53—8.11

Os doze versículos desta seção não são encontrados em nenhum dos mais antigos manuscritos unciais, exceto Bezae (*D*), um manuscrito do século VI. Dois manuscritos (*L* e Delta) dos séculos VIII e IX os omitem, mas deixam um espaço em branco. Eles aparecem na Vulgata de Jerônimo (do final do século IV) e em algumas versões posteriores siríacas e cópticas. No entanto, nenhum dos comentaristas gregos, durante mil anos depois de Cristo, faz menção a eles. Entre eles estão Orígenes e Crisóstomo. Uma análise cuidadosa do vocabulário e do estilo parece mostrar que eles não são de João. Parece também evidente que o texto foi mal transmitido no processo de cópia; nos textos onde esses versículos aparecem, "as várias leituras são mais numerosas do que em qualquer outra parte do Novo Testamento".[95] Em diferentes manuscritos, eles se encontram depois de 7.36; 21.24 e Lucas 21.38. No texto grego de Nestle, eles estão em uma nota de rodapé, como também na versão RSV em inglês.

Entretanto, não há nada na narrativa que coloque em dúvida a autenticidade ou a historicidade desta seção. Como diz Bernard, "se parece com as histórias dos Sinóticos sobre Jesus; a sua ternura e seriedade indicam que representa fielmente o que Jesus disse e fez quando uma mulher, que havia pecado contra a castidade, foi trazida à sua presença".[96] Assim, o evento pode muito bem ser usado com propósitos homiléticos.

Vamos ao episódio. **E cada um foi para sua casa** (53). As divisões e as diferenças tinham sido tão profundas que agora, em um sentido muito literal, cada um tomou o seu caminho. Isto fica evidente pelo fato de que **Jesus foi para o monte das Oliveiras** (1). Aqui é feita a única referência a este monte no quarto Evangelho.

E, pela manhã cedo, voltou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava (2). A palavra usada aqui para **cedo** (*orthrou*) não é característica de João. Além disso, este é o único ponto no Evangelho de João onde Jesus é visto sentado enquanto ensina o povo. O verbo **ensinava** está no imperfeito, e poderia ser melhor traduzido como "estava ensinando", indicando que esta era uma ação habitual e costumeira para Jesus.

E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato (3-4). Somente aqui João menciona os escribas, embora a expressão **escribas e fariseus** apareça com freqüência nos Sinóticos. O quadro é ilustrativo. Jesus e muitas

pessoas estavam sentados enquanto Ele ensinava no Templo; no meio deles, estes pomposos personagens chegaram com uma criatura desprezível e a puseram **no meio**. A sua ação não tinha interesse na justiça, nem há um fio de evidência de que tivesse nascido da compaixão. Eles não estavam preocupados se esta demonstração pública traria embaraço tanto à mulher pecadora quanto ao Jesus sem pecado. Os acusadores prosseguiram: **Na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?** (5) "A mulher não foi trazida perante Jesus para um julgamento formal, mas para fazer com que Ele expressasse a sua opinião sobre um aspecto da Lei Mosaica, que poderia posteriormente ser usada contra Ele..."[97] Um exame do código mosaico indica que o apedrejamento como punição para o adultério era exigido somente nos casos em que uma virgem noiva ou uma mulher casada fosse considerada culpada (Dt 22.21-24).

João deixa claro que o único objetivo dos escribas e fariseus que trouxeram a mulher era o de fazer Jesus cair em uma armadilha: **Isso diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar** (6, "alguma base de acusação"). A armadilha foi armada sob a forma de um dilema. Se Jesus tivesse dito que ela era culpada e eles tivessem executado o castigo, eles o teriam levado perante os romanos por incitar um assassinato. Mas se Ele tivesse se inclinado a um tratamento misericordioso "os seus críticos o teriam declarado um blasfemador que não aceitava os decretos da lei sagrada".[98]

Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra [como se não os tivesse ouvido] (6). O fato de que Jesus se inclina não é estranho aqui, pois Ele estava sentado para ensinar (2); Ele simplesmente se inclinou para frente para escrever no chão. Este é o único registro feito de alguma ocasião em que Jesus escreveu, e o que Ele escreveu foi logo apagado pelos passos, ou pelo vento. Assim é inútil tentar determinar com segurança o que Ele escreveu, embora tenham surgido muitas hipóteses interessantes. Alguns dizem que Ele não escreveu nenhuma mensagem, mas somente estava tirando a atenção da mulher para si mesmo; daí se justificam as palavras, muito certamente um comentário posterior, **como se não os tivesse ouvido**. Outros dizem que Ele se inclinou para escrever por causa do seu constrangimento tanto pela mulher quanto por si mesmo. Outros ainda dizem que a palavra traduzida como **escrevia** (*kategraphen*) também pode significar "registrar", e com base nisto opinam que: a) Ele estava registrando a queixa contra a mulher, que não seria mais permanente (perante Ele) do que escrever na areia; ou b) Ele estava registrando os pecados daqueles que tinham feito a acusação. A última hipótese se reflete em um comentário do manuscrito *U* e algumas observações em itálico que dizem "o pecado de cada um deles". Outros, ainda, argumentam que esta era a maneira de Jesus declarar que não seria dada nenhuma resposta. Diz-se que T. W. Manson afirmou: "O Senhor, pelo seu ato, diz na verdade: 'Vocês estão me convidando para usurpar as funções do procurador. Muito bem, eu vou fazer isso; e foi fazer isso da maneira normal romana'. Então, Ele se inclina e parece escrever no chão a sentença, e em seguida Ele diz: 'Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela'. O Senhor derrota os seus adversários adotando a forma de pronunciar a sentença à maneira romana, mas por atos e palavras Ele assegura que ela não pode ser executada".[99]

E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: **Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra** (7-8). A insistência persistente dos escribas e fariseus evocou de Jesus as suas únicas palavras para eles nessa ocasião. A sua resposta foi o

coup de grace (golpe de misericórdia)·para o cuidadoso plano e para a sutil armadilha daqueles homens. A resposta do Senhor é um excelente exemplo de argumentação *ad hominem* (*i.e.*, Ele atacou os seus oponentes ao invés de lidar com a questão do que fazer com a mulher). As palavras-chave na resposta são **sem pecado** (*anamartetos*).

Esta é uma referência à absoluta falta de pecado, ou a pecados de algum tipo especial? Não é provável a segunda possibilidade, adotada por muitos, a qual implica que todos os homens eram culpados do pecado do adultério em pensamentos ou em ações. É mais provável uma alusão ao fato de que somente aquele que era sem pecado naquele grupo poderia pronunciar uma sentença. "A única questão levantada pela resposta de Jesus é a capacidade dos homens pecadores de agir como os agentes de Deus, lidando com os homens e as mulheres".[100] Estes homens não serviam para ser agentes de Deus, porque eles mesmos morreriam pelos pecados que praticaram (cf. 8.15, 21,24). E para separar-se da arrogância hipócrita deles, **tornando a inclinar-se** [Jesus] **escrevia na terra** (8).

Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos... ficaram só Jesus e a mulher, que estava no meio (9). As duas frases, "acusados pela própria consciência" (que só consta em algumas versões) e **até os últimos,** são claramente intercalações, indicadas em parte pelo itálico na versão KJV em inglês. A ordem de saída, começando pelos mais velhos, provavelmente nada mais era do que uma questão de respeito por parte dos mais jovens.

E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? [lit. "onde estão eles?"] **Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais** (10-11; cf. 5.14). Aqui não há indicação de que a misericórdia é a permissão para o pecado! A graça nunca é aumentada ou exaltada pela multiplicação do pecado. Ao contrário, o Cristo da cruz possibilita que o homem se abstenha dos pecados que Ele ordena que o homem abandone. Para esta mulher, havia agora uma porta aberta. "A sua palavra final não é de condenação nem de perdão, mas uma ordem de abandonar o seu antigo modo de vida".[101] Na análise final deste relato, fica claro que a lei é inadequada para as necessidades tanto do homem quanto dos seus acusadores.

G. Uma Série de Controvérsias, 8.12-59

1. *"Eu Sou a Luz do Mundo"* (8.12-20)

Os escribas e os fariseus saíram rapidamente do Templo, enquanto Jesus continuou a ensinar ali. Ele disse: **Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida** (12). Nesta ocasião, a sua afirmação de ser a **luz do mundo** é melhor compreendida quando lembramos que os grandes candelabros eram acesos no Templo durante a Festa dos Tabernáculos. Isto era feito para lembrar a coluna de fogo que orientou os filhos de Israel durante a noite nas suas peregrinações no deserto (Êx 13.21). Da mesma maneira como Jeová era o seu Guia e Iluminador naquela ocasião, assim também Jesus é o **Eu sou**, sempre presente, sempre iluminando, dispersando a escuridão (cf. 1.5,9; 3.19; 9.5; 12.46; também 4.26; 6.35,48; 10.7-9; 11.25; 13.19; 14.6; 15.1; 18.5-6,8). C. H. Dodd diz: "O fato determinante do Evangelho... é que o arquétipo da

luz se manifestou na pessoa de Jesus Cristo. Ele é a Luz na qual vemos a luz... Assim, quando João fala da luz vinda ao mundo, ele está sempre pensando na aparição de Jesus Cristo na história".[102] **Quem me segue não andará em trevas** [*i.e.*, na ignorância, no pecado, na limitação, e na morte]**, mas terá a luz da vida.** A luz e a vida andam juntas (cf. 1.4) e é a vida eterna o que Ele veio trazer aos homens (3.16; 20.31).

A afirmação de Jesus a respeito de si mesmo define o cenário para a controvérsia. **Disseram-lhe, pois, os fariseus: Tu testificas de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro** (13). Em determinado sentido, o que eles diziam era certo, pois a certificação do caráter, em uma maneira legal ou formal, não se busca da pessoa em questão, mas sim de outra; e foi neste ponto que Jesus deu a sua resposta em duas partes. Primeiramente, o julgamento que fizeram dele estava errado, porque não conheciam a sua verdadeira natureza. **Vós não sabeis de onde vim, nem para onde vou** (14). Além disso, o julgamento deles só se baseava na aparência. **Vós julgais segundo a carne** (15). Jesus disse: **Eu a ninguém julgo,** *i.e.*, **segundo a carne,** como vocês fazem. Em segundo lugar, em contraste com a ignorância dos fariseus sobre a sua verdadeira natureza, Jesus tinha perfeito conhecimento de si mesmo. **Sei de onde vim e para onde vou** (14). O julgamento rápido deles, baseado somente nas aparências, também interpretou mal a verdadeira missão de Jesus, que era "não de condenação, mas de salvação (3.17; 12.47; 20.31). E, ainda assim, uma vez que a rejeição dos judeus envolve a atual (3.18) e definitiva (12.48) condenação, a obra da salvação é também inevitavelmente uma obra de condenação; e se Ele condena, a sua condenação é também verdadeira e genuína; não há como escapar dela".[103] Finalmente, o Senhor respondeu a objeção a sua autocertificação mostrando que, na verdade, Ele tem outro Testemunho adequado. **E, se, na verdade, julgo, o meu juízo é verdadeiro, porque não sou eu só, mas eu e o Pai, que me enviou. E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. Eu sou o que testifico de mim mesmo, e de mim testifica também o Pai, que me enviou** (16-18).

Quando Jesus reivindicou o seu Pai como Testemunha, os fariseus levantaram a questão: **Onde está teu Pai?** (19) Como não conheciam a verdadeira natureza de Jesus, os inquisidores também não começaram a compreender a sua inseparável união com o Pai. **Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai** (19; cf. 14.7-9).

Neste ponto, João deixa claro que a reivindicação de Jesus de união com o Pai foi feita **no lugar do tesouro,** quando o Senhor estava **ensinando no templo** (20). Embora a afirmação de Jesus fosse uma grande ofensa para os judeus, **ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada a sua hora** (20; cf. 2.4; 7.30; 12.23; 13.1). É bom lembrar que nenhum homem pode frustrar definitivamente o plano divino!

2. *"Para Onde Eu Vou Não Podeis Ir"* (8.21-30)

Esta seção apresenta, ao mesmo tempo, uma declaração da divindade de Jesus (24,28) e do maior pecado do homem — o pecado da falta de fé, que resulta na morte (21,24). O abismo entre Deus e o homem pecador não pode ser transposto pelo homem. **Eu retiro-me** ["eu vou embora"], **e buscar-me-eis e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou não podeis vós ir** (21; cf. 7.34,36; 13.33,36-37; 14.6). Westcott diz: "A busca era a busca do desespero sob a pressão da calamidade opressora; e o resultado não era so-

mente o fracasso, mas a morte, e a morte em pecado, pois a busca sob falsos motivos, com falsos resultados, era por si mesma um pecado, um abandono declarado da vontade divina".[104] A pergunta dos judeus, **quererá matar-se a si mesmo?** (22), era uma profecia involuntária da morte sacrificial voluntária de Jesus (10.18; cf. 11.51; 12.24-25).

Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo (23). Contrastes vívidos — de **baixo** e de **cima**, **deste mundo** e **não... deste mundo** — são características do Evangelho de João (cf. luz, trevas; verdade, falsidade; vida, morte; visão, cegueira; dia, noite). Eles sempre ilustram — como aqui — que o homem separado de Deus está desesperadamente perdido: **vos disse que morrereis em vossos pecados** (24). No versículo 21, a palavra **pecado** está no singular, mostrando o pecado como único na sua essência; aqui, o termo está no plural, **pecados**, e é desdobrado nas suas manifestações.[105] O que separou o homem de Deus e o mantém separado de Deus tem somente um antídoto. Jesus disse literalmente: "se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados" (24). "A afirmação absoluta de Jesus se caracteriza pelo majestoso *Eu sou*: majestoso e espantoso por causa do seu contexto, o Antigo Testamento".[106] O único caminho da morte para a vida é através da fé em Cristo, que é completamente Deus, e completamente homem.

A persistência dos judeus em perguntar **Quem és tu?** (25) indicava a contínua ignorância daqueles homens em relação a sua verdadeira natureza. A resposta de Jesus é uma daquelas passagens que, por alguma mudança de pontuação nos manuscritos ou nas versões posteriores, podem ser lidas com diferentes significados. Ela pode ser interpretada corretamente como **Isso mesmo que já desde o princípio vos disse** (25), ou "Por que afinal estou falando com vocês?" (RSV, nota de rodapé), ou "Basicamente, Eu Sou o que estou dizendo a vocês".[107] **Muito tenho que dizer e julgar de vós** (26) significa: "Há muita coisa em vocês sobre o que eu poderia falar e que eu poderia condenar" (Phillips). O que Jesus tinha a dizer era verdade porque Ele falou **ao mundo** as coisas que ouvira do Pai, que o enviou, e que **é verdadeiro**. Mas **não entenderam que ele lhes falava do Pai** (27).

Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, conhecereis quem eu sou e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou (28). Esta é a exaltação por meio da cruz, uma cruz preparada pelos judeus. Mas esta veio a ser a ocasião para que todos os homens conhecessem a verdadeira natureza de Cristo. Embora sendo **Filho do Homem**, Ele é o eterno **Eu sou**. Oh, o glorioso mistério e significado da Encarnação, com a sua inevitável cruz!

Embora a encarnação significasse, sob certo sentido, uma separação entre o Pai — **aquele que me enviou** (29) — e o Filho, ainda assim o Filho tem a certeza da presença do pai: [Ele] **... está comigo; o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que lhe agrada**. "O Pai estava pessoalmente presente com o Filho... permanecia uma comunhão perfeitamente intacta".[108] **Dizendo ele essas coisas, muitos creram nele** (lit. "muitos puseram a sua fé nele", 30). "A fé em Cristo se deve mais ao que Ele disse, do que aos 'sinais' que Ele operou".[109]

3. *"A Verdade Vos Libertará"* (8.31-38)

Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos (31). Não é acidental que

João aqui descreva a reação dos **judeus que criam nele** de modo diferente da reação mencionada no versículo 30 (veja as versões NASB, NEB em inglês). Esta distinção aponta para os níveis da fé. Crer nele (31) implica uma impressão favorável, uma concordância com o que Jesus dizia, mas não necessariamente uma decisão de comprometimento com o discipulado. Crer nele (30) significa depositar a fé nele pelo que Ele é, mais do que pelo que Ele faz, e este é o caminho para o verdadeiro discipulado. Assim, enquanto uma pessoa permanecer na Palavra de Jesus, será verdadeiramente seu discípulo. Este relacionamento é de verdade e de liberdade. **E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará** (32). O que é que torna um homem verdadeiramente livre? Uma interessante combinação de fatores importantes é dada aqui, em 30-32. Crer nele (30), permanecer na sua palavra (32), o verdadeiro discipulado (31), e o conhecimento da verdade (32) — tudo isto torna um homem livre. A verdade que gera a liberdade é viva e pessoal e não pode ser outra, senão a verdade encarnada, o Filho (36).

A menção de Jesus à liberdade evocou nos judeus uma pergunta. **Responderam-lhe** [os que criam nele (31)]**: Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres?** (33) Sem saber, os judeus estavam em uma escravidão, que era do pior tipo. O que é que faz um homem escravo? Três coisas são evidentes: 1. Pecado — **todo aquele que comete pecado é servo do pecado** (lit., "é um escravo do pecado"; o artigo definido em grego sugere a personificação do pecado como um senhor, 34); 2. A separação da única fonte verdadeira de liberdade — **o servo não fica para sempre em casa** (35);[110] *i.e.*, **o servo do pecado** (34), pela sua própria situação de servo, não tem direito a nenhum dos privilégios que pertencem a um filho, por exemplo, a herança, a permanência na residência, a liberdade; 3. Uma motivação completamente errada — **contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não entra em vós** (lit., "A minha palavra não obtém progresso em vocês", 37). Aqui está a "Imagem dos homens que crêem nele, que reconhecem o poder da personalidade e da mensagem, mas se ressentem enormemente quando descobrem que a defesa da moralidade convencional e tradicional que apresentam é inspirada por motivos pecaminosos. Eles são levados a pensar, de forma equivocada, que uma profunda preocupação pela elevada moralidade traz consigo a libertação do pecado".[111]

A última e definitiva diferença entre a liberdade e a escravidão pode ser rastreada até a fonte de cada uma delas. **Eu falo do que vi junto de meu Pai, e vós fazeis o que também vistes** [ou "o que ouvistes", conforme algumas versões] **junto de vosso pai** (38). "A revelação perfeita, por meio do Filho, se baseia no conhecimento perfeito e direto".[112] Sem dúvida, a alusão a **vosso pai** não é a Abraão, mas sim ao "pai deles, o diabo", explicitada no versículo 44.

Nunca servimos a ninguém era a falsa afirmação dos judeus e de muitos outros espíritos orgulhosos e pecadores. Nesta seção (29-36), Alexander Maclaren destaca: 1. A nossa escravidão (34); 2. A nossa ignorância em relação à escravidão (33); 3. A conseqüente indiferença à oferta de Cristo de liberdade (33).

4. *"Antes Que Abraão Existisse, Eu Sou"* (8.39-59)

a. A Verdadeira Paternidade (8.39-47). Os judeus não tinham dúvida sobre a sua filiação.[113] **Nosso pai é Abraão** (39). Isto era verdade, no que se refere à sua descendên-

cia física. Mas, como filhos de Abraão, a vida deles deveria ter sido caracterizada pela obediência à verdade, à fé em Deus e à verdade absoluta. **Jesus disse-lhes: Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão** (39). Uma boa tradução, também baseada em firmes evidências de manuscritos, seria: "Se vocês fossem filhos de Abraão estariam fazendo as obras de Abraão". **Mas, agora, procurais matar-me a mim, homem que vos tem dito a verdade que de Deus tem ouvido** (40). Este é o único ponto em que Jesus aplica o título **homem** em relação a si mesmo. A expressão é de particular interesse aqui, porque nesta seção o argumento básico é que Jesus é o Enviado de Deus (42), Deus é o seu Pai (49), e Ele próprio é a Divindade (58). Assim, de uma maneira dramática, o leitor vê o Verbo que tornou-se carne (1.14) enfrentando os iníquos no terreno deles (41,44), e também tendo um completo confronto com a iniqüidade cósmica que se manifesta na pessoa do Diabo (44). A bendita verdade — Ele é completamente Deus *e* completamente homem! A última afirmação, **Abraão não fez isso** (40), significa que Abraão dava as boas-vindas aos mensageiros celestiais que vinham com a verdade na qual se devia acreditar (Gn 18.1-8). Mas estes homens, pretendendo ser filhos de Abraão, procuravam matar aquele que Deus tinha enviado (42). Na realidade, faziam as obras do pai deles (41), que era o Diabo (44).

Os judeus, agora começando a entender que Jesus estava falando da paternidade espiritual, disseram: **Nós não somos nascidos de prostituição; temos um Pai, que é Deus** (41). Eles estavam dizendo, usando uma metáfora do Antigo Testamento: "Nós não devemos a nossa posição à deserção idólatra em relação a Jeová".[114] Jesus respondeu: **Se Deus fosse o vosso Pai, certamente, me amaríeis** (42). Tal seria o caso por causa da inseparável unidade entre o Pai e o Filho. **Eu saí e vim de Deus** [lit., "Eu estou aqui"]**; não vim de mim mesmo, mas ele me enviou** (42). A rejeição ao Filho é a rejeição ao Pai (cf. 15.23).

Jesus, vendo a falta de compreensão daqueles homens, fez a pergunta: **Por que não entendeis a minha linguagem?** (43) Então passou a respondê-la sistematicamente. Existem cinco razões. 1. "Por não poderdes ouvir a minha palavra" (43). "A incapacidade deles era... uma surdez espiritual, e não uma mera estupidez intelectual".[115] 2. Sem dúvida, era um problema de linhagem espiritual. **Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai** (44). Para reforçar isto, Jesus deu uma nítida descrição do pai deles. **Ele foi homicida desde o princípio** — sem dúvida uma alusão à morte espiritual de Adão e Eva (Gn 2.17); ele é incapaz de dizer a verdade porque ele não **se firmou na verdade** (44); e ele fala "do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira" (44). 3. Eles eram incapazes de encarar a verdade. **Mas porque vos digo a verdade, não me credes** (45). 4. Devido à perversa natureza que tinham, eles só podiam estar cegos pelo puro brilho da revelação da santidade de Jesus. **Quem dentre vós me convence** [ou, pode provar que eu sou culpado] **de pecado?** (46; cf. Hb 4.15). 5. Finalmente, como um tipo de resumo, Jesus encerrou todo o assunto com uma pergunta que Ele mesmo respondeu. **E, se vos digo a verdade, por que não credes? Quem é de Deus escuta as palavras de Deus; por isso, vós não as escutais, porque não sois de Deus** (46-47).

b. Vida Verdadeira (8.48-59). Como Jesus declarou o seu verdadeiro relacionamento com o Pai (38), Ele agora faz saber aos judeus a sua verdadeira natureza (58) e o que

Ele veio dar aos homens (51). Os judeus não aceitaram o julgamento de Jesus de que eles não eram de Deus (47), e retrucaram: **Não dizemos nós bem que és samaritano e que tens demônio?** (48) Evidentemente, Jesus era com freqüência chamado de samaritano como um epíteto depreciativo. Como se isso não fosse suficientemente severo, eles também o acusaram de estar possuído por um espírito mau. **Eu não tenho demônio** (49). Mas Ele não respondeu à acusação de ser um samaritano. Às vezes é melhor ignorar algumas coisas. "Ele não reconhecia o significado que eles atribuíam a uma diferença de raça".[116] **Antes, honro a meu Pai, e vós me desonrais. Eu não busco a minha glória; há quem a busque e julgue** (49-50). Pai e Filho são um só. Desonrar um deles é desonrar o outro. Jesus não tomou o insulto como dirigido a Ele, porque não estava procurando a sua própria glória. Em última análise, o julgamento equivocado daqueles homens não resultou em nada, porque Deus é aquele que pode buscar e julgar (50). O ódio e a desonra dos homens não valem nada quando algo ou alguém é aprovado por Deus.

A expressão **em verdade, em verdade** do versículo 51 é usada no texto de João sempre que uma nova e importante idéia vai ser proferida. Aqui está a promessa da vitória sobre a morte: **vos digo que, se alguém** [lit. "qualquer homem"] **guardar a minha palavra, nunca verá a morte** (51). O oposto disso foi estabelecido em 8.24, pois a falta de fé em Jesus significa morrer nos próprios pecados. Esta falta de fé era a posição constante dos judeus durante a conversa. Eles até podiam confiar em Abraão... mas aceitar a Jesus, jamais! Apesar disso, a promessa é para todos os homens, judeus ou gentios, que guardarem a Palavra de Jesus. **Guardar** aqui transmite a idéia de uma vigilância intencional, "a observância de toda a revelação na sua plenitude orgânica".[117] A "palavra" (observe o singular) a ser guardada é o próprio Cristo (cf. 1.1,18; 14.23). "As palavras e a personalidade devem ser tomadas como um todo que tem vida".[118] Obviamente, a frase **nunca verá a morte** (51) não se refere à continuação da existência biológica, mas sim à vida eterna, que tem início quando a pessoa crê.

Eles agora declaravam como um fato garantido aquilo que anteriormente fora apenas uma opinião equivocada dos judeus a respeito de Jesus (48). **Agora, conhecemos que tens demônio** (52). Eles baseavam o seu julgamento na declaração de Jesus de que aquele que guarda a sua Palavra nunca verá a morte. Disseram: **Morreu Abraão e os profetas; e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, nunca provará a morte** (52). Na verdade, Jesus tinha dito "nunca **verá** a morte" (51). Ou eles não entenderam Jesus ou o citaram mal. Ou ainda, como uma simples provocação, usaram a expressão que é quase equivalente em significado. Eles já tinham pronunciado o seu julgamento final a respeito de Jesus — **Tens demônio** (52), mas ainda fizeram outra pergunta. Era mais uma zombaria do que uma inquisição sincera, pois a forma da pergunta implicava que só poderia haver uma resposta negativa. "És tu maior do que Abraão, o nosso pai, que morreu? [cf. 4.12] E também os profetas morreram; quem te fazes tu ser?" (53, trad. lit.). A resposta de Jesus para a sua pergunta final está centrada na idéia de que o seu **Pai** que o **glorifica** é precisamente aquele que os judeus dizem ser o seu **Deus** (54). Mas ambos não podem ser a verdade. Então Jesus disse: **E vós não o conheceis, mas eu conheço-o; e, se disser que não o conheço, serei mentiroso como vós; mas conheço-o e guardo a sua palavra** (55). A veracidade da afirmação de Jesus baseia-se na sua natureza, e é expressa na sua própria atividade pessoal. **Conheço-o e guardo**.

Estas são as mesmas exigências para que o crente tenha a vida eterna (cf. 51; 17.3). Se Jesus tivesse negado o seu conhecimento do Pai, Ele teria traído a sua própria natureza. Ele não poderia fazer outra coisa; deveria falar daquilo que conhecia.

Se os judeus tivessem realmente sido como o seu pai Abraão, teriam conhecido o Pai (55) e teriam honrado o Filho (49, 54). Jesus disse: **Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se** (56). Que grande contraste existe entre a blasfêmia dos judeus e o reconhecimento de Jesus por Abraão! Existem dois pontos de vista sobre **Abraão... exultou... viu... alegrou-se**. Alguns dizem que, tendo em vista os três passados (aoristos), este é um fato histórico e se refere ao ato de fé de Abraão pelo qual ele viu o cumprimento das promessas que o Senhor Deus lhe fizera. Outros argumentam que esta é a rejeição de Jesus à afirmação dos judeus de que Abraão estava morto (52-53); ao contrário, Abraão está vivo, como Moisés e Elias (cf. Mt 17.3; Mc 9.4; Lc 9.30) e é uma alegre testemunha do cumprimento das promessas que o Senhor Deus lhe fez.

Os judeus, literais até um final amargo, disseram: **Ainda não tens cinqüenta anos e viste Abraão?** (57) A última frase, com base em variadas leituras textuais, poderia ser traduzida da seguinte forma: "Abraão viu você?" (RSV, nota de rodapé). Esta leitura poderia tender a substanciar a segunda interpretação do versículo 56 expressa acima. Os judeus tinham entendido que Jesus se referiu a Abraão como se o patriarca ainda estivesse vivo.

A resposta de Jesus também foi a sua suprema auto-revelação. **Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou** (58). Os dois verbos, **existir** e **ser,** são palavras diferentes em grego. A palavra traduzida aqui como **existisse** significa literalmente "entrasse na história" e tem uma conotação temporal. O verbo **ser** não transmite uma idéia temporal, mas se refere a um sentido definitivo. Daí o vívido contraste entre Abraão e Jesus (cf. 1.1 e 1.6, onde existe o mesmo contraste entre a Palavra e João Batista).

Então, pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou (59). O comentário de Strachan é muito adequado: "É como se as ondas iradas se afastassem para lançar as estrelas".[119]

H. A Nova Congregação, 9.1—10.42

Os capítulos 9 e 10 são uma unidade, e é melhor considerá-los juntos. O ato de devolver a visão ao cego de nascença não só ilustra o brilho da Luz nas trevas (1.5), mas também torna-se a oportunidade para o início de uma nova comunidade (9.34). Esta comunidade é composta por aqueles que crêem em Jesus como o Senhor (9.38), e cujo Senhor é o Pastor das ovelhas (10.2).

1. *Da Cegueira à Visão* (9.1-7)

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença (1). Alguns assumem que este fato ocorreu imediatamente após a Festa dos Tabernáculos e os acontecimentos registrados no capítulo 8,[120] ao passo que outros pensam que é mais provável que ele esteja relacionado com a festa da Dedicação (10.22), que ocorreu algumas semanas mais tarde,

no inverno.[121] Quando se considera o relacionamento íntimo dos capítulo 9 e 10, a última opinião parece ser a mais plausível. De qualquer maneira, este versículo introdutório define o cenário para o que vai acontecer. Os dois personagens principais atraem toda a atenção — um mendigo, cego de nascença, e Jesus, que passava pela estrada.

E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? (2) Isto nos diz que os discípulos estavam presentes, embora a pergunta que fizeram seja a sua única participação nos eventos, além de serem expectadores. A pergunta reflete a crença dos judeus da época de que os pecados dos pais são castigados nos filhos (cf. Êx 20.5; 34.7; Nm 14.18; Dt 5.9). Ela também sugere o ponto de vista mantido por alguns de que era possível que o homem tivesse pecado "ainda no útero da sua mãe, ou em alguma existência anterior... As duas especulações são encontradas na literatura judaica".[122]

Jesus respondeu: Nem ele pecou, nem seus pais (3). Aqui o caso é diferente daquele do homem enfermo, cuja enfermidade estava evidentemente relacionada com o seu próprio pecado (5.14). Este homem e os seus pais eram todos vítimas de uma sociedade pecadora em que o inocente freqüentemente sofre com a culpa. Nesses casos, não existe necessariamente uma conexão entre as enfermidades e as desgraças com o indivíduo e o seu pecado pessoal. Os homens de elevada moral são freqüentemente as vítimas de uma sociedade imoral. A frase: **Mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus** (3) poderia ser traduzida do seguinte modo: "Mas isto veio a acontecer para que as obras de Deus possam se manifestar nele". Deus não deve ser considerado culpado de causar as desgraças, os pecados e os sofrimentos do homem. Antes, o homem pecador, orgulhoso, em terríveis dificuldades, só pode ser resgatado por Deus, e isto glorifica a Deus.

Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo (4-5). Em alguns textos, a primeira frase é: "Nós devemos trabalhar" (NASB), o que indica que Jesus incluía os discípulos e talvez até o homem cego (7) no imperativo divino de fazer as obras de Deus. A frase **aquele que me enviou**, referindo-se a Deus, que freqüentemente aparece neste Evangelho,[123] é de particular importância aqui, tendo em vista o significado de Siloé ("enviado", ver o comentário sobre o v. 7).

Existem, aqui, contrastes que representam de forma ilustrativa a luta cósmica entre o bem e o mal — trabalhar, não trabalhar; dia, noite; trevas, luz; cegueira, visão; cegueira espiritual, visão espiritual (9.39-41). A obra de Deus e a obra do homem são para a luz e todos os seus corolários. Os apóstolos "... pelo poder do Espírito e como testemunhas do que eles tinham visto, se tornaram filhos da luz pela iluminação do mundo".[124] Era o hábito de Phineas Bresee, independentemente da hora do dia, usar a saudação "Bom dia". Também é bom recordar que "para o crente sempre é dia".[125]

A expressão **Enquanto estou no mundo** (5) pode ser traduzida como "Em qualquer momento em que Eu estiver no mundo". Esta é a idéia da universalidade da missão de Jesus, e é remanescente da afirmação do prólogo, a respeito da Luz (1.5,7-9).

Tendo dito isso, cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego (6). Durante todo este primeiro episódio, o homem cego não disse absolutamente nada. Jesus, a Luz, está comandando tudo! (cf. Ap 1.13-18). "A luz só pode brilhar".[126]

Foram dadas várias sugestões sobre a razão para o uso da argila e da saliva. Uma delas é que se supunha que o cuspe tivesse poder de cura; assim Jesus usou o meio de que dispunha. Irineu sugere que o primeiro homem foi feito de argila; assim, "aquilo que o Criador — a Palavra — tinha deixado de formar no útero (*i.e.*, os olhos do homem), Ele então forneceu em público".[127] Outra explicação é que a argila e o cuspe na verdade foram usados para selar os olhos do homem, fornecendo assim a oportunidade para que o homem fosse mandado ao tanque de Siloé. Isto foi feito, em primeiro lugar, para testar a fé e a obediência do homem; em segundo lugar, para dizer a todos que "o verdadeiro Enviado" cumpriu tudo o que fora representado por Siloé. Assim, Jesus lhe disse: **Vai, lava-te no tanque de Siloé** (que significa "o Enviado") (7).

O tanque ficava situado a sudeste de Jerusalém (fora do muro atual; ver o mapa 2) e era alimentado por uma fonte. Um túnel de cerca de 500 m de comprimento os unia. O uso do símbolo da água ocorreu regularmente no Evangelho, sempre representando a imperfeição e a inadequação do judaísmo, e encontrando a completa perfeição na pessoa de Cristo (cf. 1.33; 2.6-7; 3.5; 4.13; 5.3-4,7; 7.38-39). "A corrente que saía do coração da rocha era uma imagem de Cristo... portanto, aqui Cristo trabalha através 'do tanque', o 'Enviado', aquele que foi diretamente enviado por Deus, para poder liderar os discípulos e uma vez mais ligar tanto Ele quanto a sua obra às promessas dos profetas".[128]

Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo (7). Assim como Naamã foi lavar-se sob a ordem de Eliseu, este homem também obedeceu e recebeu a visão. Não foi um caso de recuperar alguma coisa que havia sido perdida, porque ele tinha nascido cego. "Tornar-se um cristão não é recuperar... mas sim receber uma iluminação nova e completa".[129]

E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé.... Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo (7). Neste texto, Norman R. Oke encontra o tema: "A desgraça pode se transformar em graça". 1. O homem que nasceu cego enfrentava problemas que foram herdados (9.1); 2. O homem também passava por circunstâncias difíceis (8.59; 9.2); 3. Ele descobriu que olhos abertos levam a um coração aberto (9.34-38).

2. *Das Trevas para a Luz* (9.8-41)

Evidentemente, ao receber a visão, o homem foi a sua casa, onde a próxima cena ocorre. Curado, agora ele se torna o personagem central no drama, enquanto os vizinhos, parentes, fariseus, judeus, principais da sinagoga vêm e vão. É somente no final que Jesus e ele se encontram novamente. Durante estas rápidas mudanças de cena, existem duas tendências que são evidentes. Uma é a crescente consciência por parte do homem curado sobre quem é Jesus. A consciência crescente avança do **homem** (11), para o **profeta** (17), e para o **Senhor** (38). A outra tendência é a crescente descrença e o julgamento preconceituoso por parte dos judeus. A descrença, começando no mesmo ponto, no **homem** (16) move-se chamando Jesus de **pecador** (24), e finalmente acusando-o de estar possuído por um "demônio" (10.20). Quando os homens são confrontados por Jesus, alguma coisa inevitavelmente acontece. Eles podem ser melhores ou piores. Eles acreditam, ou se recusam a acreditar. Eles saem para encontrar a luz, ou refugiam-se nas trevas exteriores (13.30). Não existe uma base neutra quando alguém está perante aquele que é a Luz (5).

a. Ele é um Homem (9.8-12). **Então, os vizinhos e aqueles que dantes tinham visto que era cego diziam: Não é este aquele que estava assentado e mendigava?** (8) Isto identifica o homem que havia sido cego como um mendigo, e conhecido dos vizinhos. Mas o fato de que ele agora podia ver causou algumas divisões especulativas entre aqueles que o conheciam. **Uns diziam: É este. E outros: Parece-se com ele** (9). No entanto, não havia dúvida na mente do homem. Embora o mundo que ele conhecia tivesse se modificado rapidamente, ele ainda conhecia a sua própria identidade, e assim fez o registro dizendo diretamente: **Sou eu** (9). Tendo este fato sido estabelecido plenamente, os seus vizinhos, com natural curiosidade, perguntaram: **Como se te abriram os olhos?** (10) Ele imediatamente identificou o seu benfeitor como **o homem chamado Jesus** (11), e continuou contando os acontecimentos em ordem — argila, olhos ungidos, lavagem em Siloé, visão. Parece que o relato da fabricação do lodo, que constituía uma transgressão à lei do sábado, tornou-se a razão para outras perguntas: **Onde está ele?** (12), ao que o homem respondeu **Não sei** (12), e então foi levado aos **fariseus** (13).

b. Ele é um Profeta (9.13-17). Os fariseus perguntavam agora o que os vizinhos tinham perguntado antes — **como vira** (15). A resposta — que era a verdade — era a mesma: lodo, olhos ungidos, lavagem, visão. Quando os fariseus ouviram isto, o seu julgamento foi imediato. **Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado** (16). Mal sabiam eles que estavam julgando o Senhor do sábado! Outros espectadores, que não eram os fariseus, com algum bom raciocínio diziam: **Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles** (16).

A primeira pergunta dos fariseus se relacionava diretamente ao acontecimento. Agora as perguntas se relacionavam com a pessoa de Jesus. **Tu que dizes daquele que te abriu os olhos?** (17) Não pode haver uma verdadeira separação entre o que Jesus faz e quem Ele é, se alguém desejar verdadeiramente avaliar a sua obra ou a sua pessoa. O homem curado tinha tido um conhecimento experimental da obra de Jesus, e estava se movendo em direção ao verdadeiro entendimento da natureza de Jesus quando respondeu: **É profeta** (17).

c. Ele é Senhor (9.18-41). Quando confrontado com evidências contrárias aos seus preconceitos, a primeira inclinação das pessoas é questionar as evidências. Assim, **Os judeus não creram que ele tivesse sido cego e que agora visse, enquanto não chamaram os pais do que agora via. E perguntaram-lhes, dizendo: É este o vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora?** (18-19). As duas perguntas provocavam respostas muito diferentes. A primeira não podia ser negada pelos pais. **Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego**. Mas eles lidaram cuidadosamente com a segunda pergunta. Diante da ameaça — **os judeus tinham resolvido que, se alguém confessasse ser ele** (Jesus) **o Cristo, fosse expulso da sinagoga** (22) — eles deram uma resposta cuidadosa: **Mas como agora vê não sabemos; ou quem lhe tenha aberto os olhos não sabemos; tem idade; perguntai-lho a ele mesmo, e ele falará por si mesmo** (21). Aqueles "que apelaram para a Quinta Emenda" foram motivados pelo medo da excomunhão, que não era pouca coisa. Ser **expulso da sinagoga** significava o ostracismo social, econômico e familiar, assim como o anátema dos principais da sinagoga. Mas o homem curado esta-

va sujeito à mesma ameaça e ao mesmo medo, e como os seus pais se esquivaram de assumir a sua responsabilidade, todo o peso da decisão recaiu sobre ele.

Uma vez que os fariseus eram incapazes de abalar as evidências com base no questionamento da identidade do homem, agora se voltaram a ele e disseram: **Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador** (24). A frase **Dá glória a Deus** foi usada como "um termo técnico, um apelo à verdade",[130] e significa simplesmente "Agora diga a verdade!" Mas o próprio conceito de verdade daqueles homens estava tão deturpado que chamavam aquele que é a Verdade de pecador. A verdade é um caminho, e o homem curado estava naquele caminho. Com grande discernimento e inspiração, ele respondeu: **Se é pecador, não sei; uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo** (25). Existe alguma coisa que é absolutamente inequívoca sobre a genuína experiência religiosa. E se alguém já teve uma experiência que transforma a cegueira espiritual em visão espiritual, deve-se seguir uma teologia sadia. O cético, ou aquele que duvida, dificilmente encontra uma resposta para o testemunho de uma vida transformada.

O questionamento insistente dos fariseus: **Que te fez ele? Como te abriu os olhos?** (26) produziu um comprometimento e uma zombaria por parte daquela vítima potencial. Phillips traduz este trecho da seguinte forma: "Vocês não estavam ouvindo? Por que querem ouvir tudo outra vez?" **Quereis vós, porventura, fazer-vos também seus discípulos?** (ou, traduzido literalmente, "Vocês não estão querendo ser seus discípulos também, estão?" 27). A forma da pergunta indica que ele esperava uma resposta negativa por parte deles. Ele sabia muito bem que eles não iriam se tornar discípulos. No entanto, o uso da palavra **também** indica que ele mesmo estava determinado a ser um discípulo de Jesus.

Então, o injuriaram e disseram: Discípulo dele sejas tu; nós, porém, somos discípulos de Moisés. Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é (28-29). O verbo traduzido como **injuriaram** (cf. 1 Pe 2.23) é uma palavra forte que significa "maltratar" ou "abusar". Estes homens estavam discutindo forçosamente pela sua forma de religião, e ao mesmo tempo se afastavam tanto de Jesus quanto do seu novo discípulo. Os discípulos de Moisés é que deveriam saber de onde vinha Jesus. Mas todo o problema estava no fato de que eles nem mesmo eram verdadeiros seguidores de Moisés (cf. 8.39). A reivindicação que faziam de uma experiência religiosa válida, em termos de uma origem antiga e autêntica, era falsa.

A rejeição a Jesus por parte dos judeus e a ignorância confessa destes homens em relação à origem do Senhor (29) pareceram, para o novo discípulo, uma posição ilógica à luz daquilo que lhe havia acontecido. Usando um pouco de lógica baseada na experiência, ele atacou a posição deles. **Nisto, pois, está a maravilha: que vós não saibais de onde ele é e me abrisse os olhos** (30). Começando com o que ele conhecia como um fato (a visão em lugar da cegueira), ele argumentou que tal conseqüência deveria ter uma causa adequada. Jesus não poderia ser um pecador como eles tinham afirmado (24), porque **Deus não ouve a pecadores** (31). Esta observação era mais do que casual, ou o resultado de considerações pragmáticas. Ela estava bem fundamentada nos ensinos do Antigo Testamento (veja Jó 27.9; Sl 66.18; Is 1.15; 59.2; Mq 3.4; Zc 7.13). Por outro lado, Deus ouve a **alguém** que é **temente a Deus e faz a sua vontade** (31). Aliado a isto está o fato do acontecimento sem precedentes — a abertura dos **olhos a um cego de nascença** (32). Somente Deus, ou alguém

que tenha um íntimo relacionamento com Ele, poderia ser a causa adequada daquilo que havia acontecido. **Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer** (33).

Evidentemente isto estava certo. A evidência da sua experiência, a força da sua lógica, e o humor nada sutil nos seus ataques (27) constituíam uma ameaça ao prestígio e à posição dos judeus. Eles precisavam degradá-lo porque não podiam responder nem ao seu testemunho nem à sua lógica. **Tu és nascido todo em pecados e nos ensinas a nós?** (34) Eles tomaram a sua cegueira de nascença, que eles mesmos tinham questionado previamente, como sendo prova segura de que a sua origem era um "completo pecado" (RSV). Assim tentavam desesperadamente desacreditar a veracidade do seu testemunho e a validade da sua lógica. Talvez soubessem muito bem que a verdade vence, e isso não podiam tolerar; então **expulsaram-no** (lit. "o lançaram fora", 34). "Os 'fariseus' expulsaram do rebanho de Deus o homem que o próprio Cristo iluminou".[131]

Para o homem cego de nascença, isto marcou o começo de um novo relacionamento pessoal, e envolveu uma separação deliberada da antiga vida de escuridão; significou o comprometimento com Jesus como Senhor (38). Também foi "o começo de uma nova Sociedade, distinta do judaísmo dominante",[132] exemplificando uma vez mais o contraste entre o antigo e o novo (cf. 1.33; 2.10,18,22; 3.5; 4.13-14; 5.8-9; 6.49-50). Esta nova sociedade torna-se o tema do capítulo 10, com a imagem do rebanho, do aprisco e do pastor.

Quando um homem toma deliberadamente uma decisão pelo que ele sabe que é certo, e especialmente quando faz isso sob grave coerção e contra grande oposição, todas as forças da verdade e da justiça estão ao seu lado e vêm ao seu auxílio. **Jesus ouviu que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus?** (35) Jesus o encontrou! Oh, que pensamento abençoado! O "caçador" do céu não vai abandonar a alma honesta e que procura a verdade. A pergunta de Jesus literalmente traduzida seria: "Você está colocando a sua fé no Filho do Homem?" A leitura "Filho do Homem" ou "Filho de Deus" recebe um forte apoio textual, e se encaixa particularmente bem no contexto que vem a seguir, onde o tema dominante é o do julgamento. "Pela primeira vez, o Senhor se oferece como o objeto da fé, e como 'o Filho do Homem' no seu caráter universal em relação à humanidade. Anteriormente, Ele tinha convocado os homens a segui-lo: Ele se revelara e aceitara a humilde homenagem dos crentes: mas agora Ele propõe um teste de comunhão. A sociedade universal se baseia na confissão de uma nova verdade".[133]

O homem respondeu a pergunta de Jesus com uma outra pergunta: **Quem é ele, Senhor, para que nele creia?** (36). **E Jesus lhe disse: Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo** (37). "Jesus se revela como o Cristo. Vê-lo e reconhecê-lo é a visão perfeita e o esclarecimento; é, na verdade, a visão de Deus" (cf. 14.9).[134] O clímax de toda a narrativa é a afirmação firme e dinâmica do homem: **Creio, Senhor** (lit., "estou tendo fé, Senhor"). **E o adorou** (38). A fé religiosa prática freqüentemente excede o conhecimento teológico técnico. Aqui o homem aclama Jesus como o Senhor. Ele afirma a sua fé em Jesus pelo que Jesus é, e não simplesmente pelo que Ele fez. O reconhecimento levou à fé, e a fé resultou na adoração. O tempo do verbo (aoristo) **adorou** indica uma atitude e postura de vida definitivas. Com isso, o homem curado já não é mais mencionado. Mas o que aconteceu com ele mostrou o caminho que vai das trevas até aquele que é a Luz, e o caminho de uma instituição legalista, morta e sem sentido (o judaísmo) até uma sociedade e comunhão dos redimidos, onde Cristo é o Pastor (cap. 10). Aqui os estranhos (10.5) e os mercenários (10.12-13) não encontram lugar.

Uma breve revisão dos versículos 8-41 mostra a progressão da fé do homem curado. Começando pela sua própria experiência, ele respondeu a pergunta: "O que você acha de Cristo?" em três etapas: 1. Ele é um homem (8-12); 2. Ele é um profeta (13-17); 3. Ele é o Senhor (18-41).

Adicionalmente, o que aconteceu nesse episódio mostrou que o julgamento é o resultado inevitável da vinda daquele que é a Luz. **E disse-lhe Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam e os que vêem sejam cegos** (39). Os fariseus suspeitavam que estivessem sob esse julgamento e perguntaram: **Também nós somos cegos?** (lit., "Nós não somos cegos também, somos?", 40). A pergunta implicava a esperança de uma resposta negativa. Mas Jesus disse: **Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas como agora dizeis: Vemos, por isso, o vosso pecado permanece** (41). Lightfoot comenta: "Quando o Senhor enuncia a verdade primordial de que o seu evangelho envolve uma discriminação que confunde todos os julgamentos e padrões aceitos pelo mundo, os fariseus, que percebiam que as Palavras dele envolviam o desafio — se eles se colocavam na Luz ou nas trevas — notam, ao fazer a pergunta ao Senhor, que a sua reivindicação de visão, a sua crença de que conseguem enxergar, é, na verdade, a sua própria condenação".[135]

3. *O Pastor das Ovelhas* (10.1-42)

A abertura, **Na verdade, na verdade** (1), é caracteristicamente usada por João para apresentar uma mudança de assunto, mais do que um novo episódio. Aqui, as palavras de Jesus estão intimamente ligadas ao que aconteceu anteriormente. O **vos digo** (1) dedica o discurso a seguir tanto ao homem curado (9.35) quanto aos fariseus que estavam com ele (9.40). Para o homem Ele teve palavras de conforto e força (3-4,7,9-10); para os fariseus, palavras de condenação e de julgamento (1,5,10-13).

a. A Nova Sociedade (10.1-18). A parábola ou ilustração (1-5) que Jesus usou não era de todo nova para os seus ouvintes. Em Ezequiel 34, aparece o mesmo exemplo do pastor e das ovelhas. Ali os governantes são condenados como negligentes, tirânicos, não se importando com as suas responsabilidades (4). Eles abusam da sua função (3) e se alimentam, ao invés de alimentar as ovelhas (2-3,8). Como resultado, as ovelhas se espalham (5) e tornam-se presas fáceis para todas as feras do campo (8). Conseqüentemente, Deus irá julgar os pastores indignos (10), e Ele mesmo irá reunir o rebanho desgarrado (12), alimentá-lo (14) e dar-lhe abrigo (15). Deus irá indicar um Pastor, da raiz de Davi (o Messias), e Ele mesmo alimentará o rebanho e será o seu Pastor (23). Então o rebanho terá paz, segurança (25), e possuirá todas as bênçãos da terra bem regada (26). O rebanho é Israel (30) e pertence ao Senhor Deus (31).

Outros usos do mesmo exemplo no Antigo Testamento são encontrados em Salmos 23; 74.1; 78.52, 71; 79.13; 80.1; 95.7; 100.3; Isaías 40.11; Jeremias 23.1-4. Falsos pastores aparecem em alguns casos; por exemplo, em Jeremias 2.8; 10.21; 12.10; Zacarias 11.3-9, 15-17. A mesma linguagem metafórica também aparece em outras partes do Novo Testamento; por exemplo, em Marcos 6.34; 14.27; Lucas 12.32; 15.3-7; Mateus 9.36; 15.24; 18.11-13; 26.31; Hebreus 13.20; 1 Pedro 2.25; 5.4.

A razão para o uso freqüente do exemplo pastor-rebanho é, sem dúvida, o fato de que os judeus tinham sido um povo pastoril durante muitas gerações. Este tipo de linguagem

era fácil de ser entendido por todos. À medida que Jesus utiliza o exemplo aqui, todos os elementos essenciais aparecem: o rebanho, o aprisco, a porta, o pastor, os ladrões, os mercenários e os estranhos. Seria uma violência para a parábola tentar encontrar um equivalente exato e constante para cada um dos elementos, embora algumas coisas sejam evidentes.

Primeiramente, só existe uma entrada verdadeira para o curral. **Aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador** (1). O motivo e o método de abordagem do rebanho marcam as diferenças entre o ladrão e o pastor. O pecado e os seus agentes querem enganar e destruir, ao passo que o Bom Pastor (14) dá a sua vida pelas ovelhas (15).

Em segundo lugar, existe o Bom Pastor (11), que entra no aprisco pela porta — **Aquele, porém, que entra pela porta é o pastor das ovelhas** (2). A palavra **pastor** é *anarthrous* em grego, e conseqüentemente "fixa a atenção no caráter, como algo distinto da pessoa".[136] "O pastor não é *um* exemplo na parábola, ele é *o* exemplo; e é sobre a descrição do seu comportamento que se apóia a narrativa, para que a atenção dos leitores possa se concentrar ali. Não somente as ovelhas são as suas próprias ovelhas; não apenas ele tem toda a autoridade para aproximar-se delas; não apenas ele chama as suas ovelhas pelo nome; não apenas elas ouvem a sua voz, mas ele as traz para fora e, quando faz sair todas as suas ovelhas, vai diante delas, e elas o seguem".[137]

Em terceiro lugar, Ele é o Criador da nova sociedade de crentes, *i.e.*, daqueles que crêem nele. **A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas e as traz para fora. E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz** (3-4). A menção do **porteiro** ou guarda do portão é incidental na história. Mas uma coisa é importante. Existe um relacionamento entre o Pastor e as ovelhas que se baseia na natureza do Pastor — a sua voz, o seu conhecimento das ovelhas, a sua liderança, a sua orientação. Estas palavras devem ter significado muito para o homem que tinha sido curado da sua cegueira, e que fora excomungado da sua sinagoga (9.34) e expulso da sua família. Agora, ele era um membro da nova sociedade, um seguidor do Bom Pastor. A palavra usada para **tirar para fora** é a mesma traduzida como "expulsar" em 9.34. Assim, realmente, ser expulso, sob o ponto de vista de Deus, é ser chamado para fora. Assim é a *ekklesia* (lit., "os chamados para fora"), a Igreja, a nova sociedade.

Em quarto lugar, aqueles que pertencem a esta nova sociedade, a Igreja, são submissos a uma única voz, **...porque conhecem a sua voz. Mas, de modo nenhum, seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos** (4-5). Existe uma gloriosa exclusividade em ser um membro do rebanho de Cristo — existe somente uma voz, um caminho, uma vontade que realmente importa. Em uma época de uma vida excessivamente complexa, o caminho garantido para a paz de espírito, para o enfoque nos propósitos corretos, e o comprometimento significativo é encontrado quando reconhecemos somente a **sua voz**. Esta "audição seletiva" é uma proteção não somente contra a heterodoxia, mas também contra a desintegração da personalidade (cf. 14-15). Thomas R. Kelly chama isto de "orientação habitual de todo o ser para aquele que é o Foco".[138]

Tendo registrado a parábola, o autor insere uma observação sobre a reação de alguns dos ouvintes. **Jesus disse-lhes esta parábola, mas eles não entenderam o**

que era que lhes dizia (6). A palavra aqui traduzida como **parábola** aparece somente cinco vezes no Novo Testamento, quatro delas no texto de João (16.25,29; 2 Pe 2.22). Ela significa um exemplo simbólico, e especialmente no uso de João significa dizeres misteriosos, uma "figura de linguagem" (NASB) "na qual se escondem idéias particularmente grandiosas".[139] Talvez ela seja melhor traduzida como "alegoria" (Moffatt). As palavras, **Eles não entenderam,** assumem um interessante contraste com a expressão mais usual de João; "não creram" (cf. 38). A familiaridade direta com (o conhecimento) o chamado (a voz) de Deus e a sua reivindicação (a propriedade), além do comprometimento pessoal com esse chamado (a fé), são corolários definitivos no encontro divino-humano.

Agora se segue uma explicação da parábola (vv. 7-18), e essa explicação também é dada em uma linguagem altamente figurada (cf. a parábola do semeador e sua explicação, Mt 13.3-23). **Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas** (7). **Em verdade** representa a mudança, da parábola para a explicação, que começa com a revelação de Jesus de sua natureza divina (cf. os comentários sobre 4.26; 6.20; também sobre 6.35,41,48,51; 7.34,36; 8.12,24,28,58; 10.9,11,14,36; 11.25; 13.19; 14.6; 15.1,5; 17.24; 18.8). A exclusividade deste caminho de fé em Cristo nunca foi melhor colocada do que quando Jesus disse: **Eu sou a porta.** Cristo é o Caminho para Cristo, pois Ele é ao mesmo tempo a Porta e o Aprisco. Parece atraente quando os homens dizem que todos aqueles que têm ideais éticos elevados comparáveis aos do Sermão da Montanha são cristãos. Mas como isso parece vazio quando colocado ao lado do desafio pessoal: **Eu sou a porta!** Não existe outra! Assim, **Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram** (8). Certamente isto não deve ser interpretado como uma referência àqueles verdadeiros mensageiros de Deus do Antigo Testamento, mas inclui todos aqueles que falsamente se intitulam mensageiros de Deus. Mesmo os fariseus, que corromperam os ensinos de Moisés como se estes mesmos fossem capazes de dar vida, estão sob esta condenação. "Não há um ponto na história humana que esteja além do horizonte dos ladrões e mercenários das parábolas. Quando o homem afirma anunciar o dom da vida, à parte da fé em Jesus, ele se proclama como ladrão e mercenário, e a sua atividade foi, é, e será, uma atividade destrutiva".[140]

Outra vez Jesus se declara como sendo **a porta** (9), mas desta vez retrata os benefícios que vêm àquele que entra. **Se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens** (9). É agora um assunto de vida ou morte para as ovelhas. A única e verdadeira entrada significa a vida — a salvação, a segurança, o sustento. Mas a morte é encontrada no caminho falso, pois **o ladrão não vem senão a roubar, a matar e a destruir** (10) — perda, morte, destruição. Contra este cenário se delineia o tema supremo do evangelho — a vida abundante pela fé em Cristo. **Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância.** Todo o propósito da missão de Jesus é dar a vida (20.31), e que esta vida seja de qualidade suprema (eterna), assim como infinita em quantidade (cf. 1.16; 2.6ss.; 4.14; 6.13; 7.38). O propósito e o plano de Deus não são apenas salvar o homem da morte, da destruição, da culpa, mas também torná-lo santo, "conforme a imagem do seu Filho" (Rm 8.29). Tal propósito só pode ser atingido de uma maneira; por meio da morte voluntária de Jesus. Simplesmente por ser **o bom pastor,** Ele dá a **sua vida pelas ovelhas** (11). Literalmente, **o bom pastor** pode ser traduzido como "O Pastor, aquele que é bom". A sua bondade é tão grande que Ele não encontra comparação — não existe Pastor como Ele. Alguns levantaram a questão de como Cristo

pode ser ao mesmo tempo a Porta e o Pastor. Mas isto significa estar limitado pelos detalhes da parábola, porque Ele certamente é a Porta do aprisco, a única Entrada para a vida, e Ele é o Pastor das ovelhas, o Único que se preocupa o suficiente para dar a sua vida pelas ovelhas (cf. 6.51).

Um novo personagem é introduzido no versículo 12 — o mercenário. **Mas o mercenário, que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebata e dispersa. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado das ovelhas** (12-13). Não existe um exame de razões para serviço mais intenso nem mais concentrado do que este. Não é preciso ser um ladrão, um bandido, ou um lobo para destruir as ovelhas — basta um trabalhador assalariado, *i.e.*, alguém que pensa somente em termos do que ele pode conseguir, nunca em termos do que pode dar. A menos que vigie de perto os motivos para manter-se puro, quando a crise chega (**o lobo**), o homem fica oprimido e foge, abandonando a responsabilidade e o rebanho.

O relacionamento entre o Bom Pastor e o seu rebanho baseia-se na natureza do relacionamento entre Jesus e o Pai. **Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido** ("As minhas me conhecem", NASB). **Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai e dou a minha vida pelas ovelhas** (14-15). Cada um dos seis verbos destes versículos está no presente, e assim o retrato é ilustrativo. Particularmente, o verbo **conhecer** no presente significa conhecer por familiaridade, por experiência. As ovelhas "têm a experiência de conhecer a Jesus como o seu próprio Pastor. Aqui (neste conhecimento recíproco) está o segredo do seu amor e da sua lealdade".[141]

A observação universal do quarto Evangelho se destaca na afirmação de Jesus: **Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor** (16). Observe que há **outras ovelhas**, não bodes. "O rebanho de Cristo não está limitado àqueles que estão encerrados no curral judaico, seja na Palestina, seja em outros lugares" (cf. 11.52; 12.32).[142] O amor de Deus é para *todo* o mundo (3.16). A urgência moral de trazer essas outras ovelhas para o curral está expressa nas palavras, **também me convém agregar estas**. O verbo **ouvir** "assume o genitivo, como quando tem a conotação de ouvir com entendimento e obediência".[143] **Haverá um rebanho**[144] tem o verbo no plural nos melhores manuscritos, e a palavra "rebanho" é a tradução correta do termo grego *poimne* (cf. Ez 34.20-24). "Todos (judeus e gentios) formarão um único rebanho sob um único Pastor".[145]

O sacrifício voluntário e de auto-doação de Jesus provê não apenas a linha de pensamento desta seção, como também um tipo de clímax na sua interpretação da parábola. A idéia já foi mencionada anteriormente, mas agora o assunto fica explícito. O amor do Pai e a auto-doação do Filho estão ligados de maneira inseparável (6.51; 10.11,15). **Por isso, o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la** (17-18). Pela primeira vez nesta seção, a idéia da ressurreição é introduzida, e é vista como "a inevitável conseqüência da obediência a Jesus".[146]

Não existe conflito entre a auto-doação voluntária de Jesus e a sua afirmação: **Esse mandamento recebi de meu Pai** (18). Os objetivos auto-escolhidos em termos da von-

tade perfeita de Deus constituirão a liberdade melhor e mais elevada da vida. Quando Jesus se colocou de acordo com a vontade do Pai, a ressurreição se fez possível e verdadeira. "A comunidade concreta de cristãos do mundo foi trazida à existência por um conjunto histórico e concreto de obediência, e toda a vida da igreja deve ser controlada pela fé em Jesus. Nele, o amor de Deus e a fé dos homens se encontram, e se encontram na morte de Jesus, porque ali a vontade de Deus foi finalmente cumprida: cumprida, porque a sua morte não foi nem o resultado das manobras dos judeus ou de alguns impetuosos, nem uma decisão excêntrica de Jesus de render-se aos seus inimigos. Foi o clímax de uma necessidade divina, e toda a sua vida e ministério se dirigiram a ela".[147]

b. As Divisões (10.19-21). As declarações de Jesus a respeito de si mesmo, assim como o seu ato de cura do homem nascido cego, geraram uma **divisão entre os judeus** (19). Esta divisão era mais profunda do que nunca (cf. 9.16). Alguns levantavam a questão da natureza de Jesus, dizendo que Ele era um pecador por ter desobedecido às leis do sábado, ao passo que outros diziam que nenhum pecador é capaz de abrir os olhos a um homem cego. A **divisão** (dissensão, cisma) aqui era tão aguda que **muitos deles diziam: Tem demônio e está fora de si** (20).[148] No encontro divino-humano, existe uma lei que diz que os homens não serão os mesmos depois de terem um encontro com o Homem da Galiléia. A reação será a fé ou a descrença. A fé resulta de um conceito verdadeiro de quem Jesus é, como no caso do homem curado. A descrença — começando no mesmo ponto, em Jesus encarnado (9.15-16) — avança até o ponto onde eles o chamaram de pecador (9.24), e agora vai até à maior de todas as blasfêmias: **Tem demônio** (cf. 7.20; 8.48,52).

Como os seus inimigos acreditavam que Jesus estava possuído pelo demônio, a pergunta deles, como uma oposição, era natural: **Por que o ouvis?** (20). O verbo **ouvir**, como é usado aqui, significa "escutar com atenção e apreço",[149] tornando o cisma **entre os judeus** ainda mais compreensível.

A réplica da oposição baseava-se puramente nas premissas pragmáticas. A conclusão deles se enquadrava no que eles tinham visto, e no fato de que as afirmações de Jesus a seu respeito não poderiam ser as **palavras** de um **endemoninhado**. Os argumentos deles se depararam com a pergunta retórica: **Pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?** (21)

c. O Último Testemunho Público (10.22-42). O lugar é o mesmo de 7.10-10.21, **Jerusalém**, mas agora é **inverno** e a ocasião é a **Festa da Dedicação** (22). Estes poucos versículos (10.22-42) é tudo o que João tem a dizer sobre o período entre os eventos e sermões da época da Festa dos Tabernáculos (7.8), e os eventos e sermões próximos da última Festa da Páscoa durante o ministério terreno de Jesus (12.1). A **Festa da Dedicação** foi a última das grandes festas judaicas a ser estabelecida. Ela foi instituída para comemorar a purificação do Templo em 164 ou 165 a.C., por Judas Macabeu e seus irmãos, trazendo a um fim a profanação do Templo sob o rei sírio Antíoco Epifânio. Ainda celebrada hoje em dia pelos judeus, é chamada de Hanukkah e é realizada perto da época do Natal.[150] Também é conhecida como a Festa das Luzes.

Aqui, como em outras partes do texto de João, o sermão está associado a uma festa (cf. 2.23; 5.1; 6.4; 7.2, 38-39) e tem um significado especial em termos do objetivo da festa. Houve sugestões de que "aqui o ministério do Senhor, que atinge o seu clímax na

Paixão, é definido como a verdadeira dedicação, que deve superar e substituir a festa judaica".[151] Da mesma maneira, a menção que o autor faz ao fato de que **era inverno** parece ser mais do que uma mera observação, porque era a "estação da morte, interior e exterior" (cf. 13.30).[152]

O fato de que **Jesus passeava no templo, no alpendre de Salomão** (23, ver o quadro *A*) pode ser devido ao tempo frio. Era ali que os rabinos conversavam com os seus alunos e discutiam a lei. Quando Jesus se uniu a eles, veio a inevitável pergunta: **Até quando terás a nossa alma suspensa?** que também é traduzida como "Até quando você nos manterá em suspense (na dúvida)?" (ASV). Embora estas traduções sejam aceitáveis, o verbo grego *aireis* usado aqui é a mesma palavra que aparece no versículo 18, onde é traduzido como "tomar". Foi sugerido que uma tradução igualmente adequada seria: "Por quanto tempo você vai continuar a tirar a nossa vida?" Hoskyns comenta: "O ministério e a morte de Jesus envolvem a destruição do judaísmo... Jesus está tirando a vida deles".[153]

Em relação à exigência dos judeus: **Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente** (24), Jesus deu uma resposta em quatro partes. 1. Os judeus não crêem, embora a Palavra lhes tenha sido dita, **Já vo-lo tenho dito**, e as suas obras **testificam** a respeito dele (25). A comunicação pessoal de Deus com os homens, na sua melhor hipótese, não tinha resultado na fé por parte dos judeus. 2. A razão pela qual eles não tinham fé, **vós não credes**, é porque, como disse Jesus: **não sois das minhas ovelhas**. 3. Em contraste com aqueles que não crêem, existem aqueles que Ele chama de **minhas ovelhas** (27). Quatro fatos caracterizam as suas ovelhas: (*a*) elas **ouvem** a sua **voz**, e, como foi escrito aqui, elas ouvem com atenção e consideração (20); (*b*) Ele as conhece (lit., "Eu tenho um relacionamento pessoal com elas"; 14-15); (*c*) elas o seguem (lit. "elas estão me seguindo"); e (*d*) Ele lhes dá a **vida eterna** (27-28).[154] 4. Aquelas que ouvem, aquelas com quem Ele tem um relacionamento pessoal, e a quem Ele dá a vida eterna, **nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará das** suas **mãos** (28). Alguns assumiram que isto significa que uma pessoa está eternamente segura, independentemente do que faz a respeito do seu relacionamento com Deus. Mas a garantia de segurança — que é uma promessa magnífica e adequada — é que nada exterior ao homem pode destruí-lo, enquanto ele estiver depositando a sua fé em Deus. Westcott diz: "Se o homem peca, em qualquer estágio da sua vida espiritual, não é devido à vontade da graça divina, nem ao poder opressor dos adversários, mas pela sua negligência em usar o que pode usar ou não. Não podemos ser protegidos contra nós mesmos, apesar de nós mesmos".[155]

Esta garantia para aquele que tem fé se baseia na própria natureza de Deus, pois Jesus disse: **Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las das mãos de meu Pai** (29). Existe um problema textual na versão KJV quanto à tradução da primeira parte do versículo 29. O texto que representa a autoridade mais antiga diz: "Aquilo que o Pai me deu" que é a versão preferida por alguns comentaristas. A mesma idéia é expressa em 6.39 e 17.2. No entanto, as duas leituras transmitem a mesma idéia básica. "O Pai é a única fonte de segurança dos crentes em Jesus. Eles pertencem a Jesus porque foram dados a Ele pelo Pai".[156]

Além disso, a garantia do crente está baseada no relacionamento entre o Pai e Jesus, porque Ele disse: **Eu e o Pai somos um** (30). Qual é a natureza deste relacionamento? Em que sentido o Pai e o Filho são um? Uma tradução literal seria: "Eu e o Pai,

nós somos um". Westcott diz: "Todas as palavras desta frase tão importante estão repletas de significado. A palavra é *Eu*, e não *o Filho*; *o Pai*, e não *meu Pai*; uma essência, e não apenas uma pessoa; *somos*, e não *sou*. A revelação é a natureza de Cristo na totalidade da sua natureza dupla, do Filho encarnado na plenitude do seu ser manifestado, e em relação com *o Pai*, com Deus, pois Ele é, ao mesmo tempo, Pai do Filho, e Pai dos homens".[157] Barclay, usando outras afirmações de Jesus a respeito da unidade entre Jesus e o Pai e os crentes (17.11,20-22) argumenta que a unidade aqui descrita é basicamente uma união moral. Ele diz: "O laço da unidade é o amor; a prova do amor é a obediência. Os cristãos são unidos uns com os outros quando são unidos pelo laço da unidade, e obedecem às palavras de Cristo. Jesus é uno com Deus porque Ele obedeceu a Deus e Ele amou a Deus como ninguém jamais o fez. A sua unidade com Deus é uma unidade de amor perfeito, que resulta em uma obediência perfeita".[158] Embora esta união moral seja um fato, ela se baseia na suposição da verdade de uma união de naturezas.

Quando **os judeus pegaram, então, outra vez, em pedras para o apedrejarem** (31), essa não foi uma atitude nova por parte deles (cf. 1.11; 5.17-18; 6.40-43,51-52,60,66; 7.29-30; 8.58-59) e atingiu o seu clímax na crucificação. A razão alegada para o seu ato foi a **blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo** (33). A reação de Jesus a esta acusação foi um apelo à sua reverência pelas Escrituras. Ele citou Salmos 82.6, **Eu disse: sois deuses?** (34) Isto se aplicava "a todos os homens inspirados do Antigo Testamento, incluindo os profetas, e preparava o caminho para o contraste entre aqueles a quem vieram tanto a Palavra de Deus, quanto Jesus, que é verdadeiramente o Filho de Deus".[159] Como **a Escritura não pode ser anulada** (35), por que o título **Filho de Deus** (36) não se aplicaria àquele **a quem o Pai santificou e enviou ao mundo** (36)?[160]

Jesus queria submeter a sua reivindicação ao teste pragmático. Se a sua afirmação, **Sou Filho de Deus** (36), é verdadeira, as suas obras deveriam ser avaliadas com base nessa afirmação. **Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis** (37). Os judeus não tinham contestado as boas obras de Jesus (cf. 33), mas hesitavam em uma descrença com respeito a sua verdadeira natureza. É fácil para o homem aceitar as bênçãos e os benefícios de Deus, mas é mais difícil colocar a fé em Cristo por Ele ser quem é. Este é o tema constante no Evangelho de João: a fé que assegura a vida eterna nunca é menor do que a fé em Jesus por ser Ele quem é. Isto não quer dizer que as obras de Jesus não tenham um valor instrumental. Ele exortou o povo a crer... **nas obras, para que conheçais e acrediteis** ["percebais", NEB] **que o Pai está em mim, e eu, nele** (38). Bernard traduz **conhecer** e **acreditar** com maior precisão: "Para que vocês possam perceber e assim alcançar a firme convicção do conhecimento".[161] Mas os judeus não toleravam nenhuma transigência e **procuravam, pois, prendê-lo outra vez** (39). Entretanto, como a sua hora ainda não era chegada (cf. 7.30; 8.20), **ele escapou de suas mãos**.

Este foi o "último encontro direto do Senhor com os judeus durante o seu ministério".[162] Terminada a discussão, Ele **retirou-se outra vez para além do Jordão, para o lugar onde João tinha primeiramente batizado, e ali ficou** (40; cf. 1.28). Esta localização não pode ser identificada com precisão, mas seria algum lugar a leste do Jordão, em Peréia ou Decápolis (ver o mapa 1). Este retorno ao lugar onde Ele iniciara o seu ministério público não era um acidente. A tranqüilidade daquele lugar solitário, e a lembrança de uma grande visitação de Deus são necessárias na vida de qualquer pessoa

que esteja enfrentando uma crise, como Jesus (cf. Gn 35.1-5). Porém, nem mesmo neste lugar houve alívio para o nosso Senhor por parte das multidões, pois **iam ter com ele** (41) e **ali creram nele** (42). Neste ponto, há uma última menção a João Batista neste Evangelho. É um tipo de avaliação comparativa entre as obras e palavras de João e Jesus. **João não fez sinal algum, mas tudo quanto João disse deste era verdade** (41).

I. DA MORTE PARA A VIDA, 11.1-57

Este é o último dos "sinais" registrados por João como evidência de que Jesus é o Cristo, e outra oportunidade para a fé por parte daqueles que estão lendo (cf; 20.30-31). Este milagre, freqüentemente chamado de "o maior", é um clímax adequado para as obras terrenas de Jesus. É o melhor exemplo do que Jesus pode fazer pelos homens — trazê-los da morte para a vida. "Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância" (10.10).

Com freqüência, surge a questão a respeito do fato de que este milagre está registrado somente por João, e não é mencionado nos Sinóticos. Devemos nos lembrar de que existem outros milagres de ressurreição dos mortos registrados nos Sinóticos: a filha de Jairo (Mt 9.18-26; Mc 5.22-43; Lc 8.40-56) e o filho da viúva (Lc 7.11-17). Os Sinóticos também trazem afirmações gerais sobre tais milagres caracterizando a obra e o ministério de Jesus (Mt 11.4-5; Lc 7.22).

É necessário dizer pelo menos três coisas. A primeira, João não menciona esses dois milagres registrados nos Sinóticos; nenhum autor, exceto Lucas, fala do filho da viúva. Descartar a ressurreição de Lázaro somente com base na falta de evidências de apoio requereria descartar a ressurreição do filho da viúva também. A segunda, existe o registro de uma testemunha ocular, João; assim, a necessidade das provas recai sobre o homem que diz "não aconteceu". Finalmente, se Jesus era Deus encarnado, não há dificuldades insuperáveis no relato. Se Ele é menos que isso, toda a história do Novo Testamento é inteiramente inacreditável. Assim, a pergunta realmente é: Quem você acha que Ele é?

1. *A Morte de Lázaro* (11.1-16)

A introdução da narrativa apresenta os personagens principais. Há duas irmãs, Maria e Marta (cf. Lc 10.38-42). Elas são identificadas como residentes em Betânia (ver o mapa 2), uma aldeia no declive sudeste do monte das Oliveiras, cerca de três quilômetros de Jerusalém. Maria é descrita como **aquela que tinha ungido o Senhor com ungüento e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos** (2, cf; Mt 26.6-13; Mc 14.3-9). Lázaro,[163] o irmão das duas mulheres, não é mencionado em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Mas aqui ele é um personagem importante, embora passivo. No estilo característico de João, ele é apresentado como **um certo** Lázaro e como **enfermo** (1), "um fato de extrema importância".[164] A doença de Lázaro retrata a condição de todos os homens separados de Deus. A aflição é o pecado, que é universal (Rm 3.23), e o seu fim é sempre a morte (Rm 6.23).

Na sua hora de desespero, por causa da terrível doença de Lázaro, as irmãs enviaram um recado a Jesus, que estava em Peréia (10.40), talvez a uma distância entre trinta e cinqüenta quilômetros (ver o mapa 1), dizendo: **Senhor, eis que está enfermo**

aquele que tu amas (3). A mensagem foi enviada "com a afeição natural de seu relacionamento pessoal".[165] A reação inicial de Jesus foi dizer três coisas: a primeira, **Esta enfermidade não é para morte** (4). Estas palavras "significam, para os ouvintes, que a doença é temporária, mas para Jesus elas significam que a morte de Lázaro não é mais do que uma morte temporária",[166] porque Ele sabia o que iria fazer (cf. 6.6). A segunda, esta doença é **para glória de Deus**. "A cura indubitavelmente capacitaria os homens a ver a glória de Deus em ação".[167] Em terceiro lugar, esta enfermidade é **para que o Filho de Deus seja glorificado por ela**. O milagre de ressuscitar Lázaro dos mortos é, no Evangelho de João, a justificativa para o julgamento e a morte de Jesus (ver 11.47-48,57), que é também a sua hora de glorificação (12.23; 17.1).

Alguns hesitam e chegam a tropeçar naquilo que parece ser um paradoxo. **Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro** (5), mas ainda assim, **ouvindo... que estava enfermo, ficou ainda dois dias no lugar onde estava** (6). Se Ele **amava**, por que demorou? Esta não é uma pergunta pouco freqüente na mente dos homens que são afligidos pela tristeza e pela morte. Mas Jesus tinha as suas razões. "Como o Senhor amava a família, Ele foi no exato momento em que a sua visita seria mais frutífera, e não quando foi convidado".[168] Em todas as outras partes do quarto Evangelho, Jesus também decide agir estritamente pela sua própria iniciativa, nunca simplesmente pelo convite ou pela solicitação dos homens (cf. 2.4; 7.3-10). Assim, aqui, na hora certa, Ele disse aos seus discípulos: **Vamos outra vez para a Judéia** (7).

Esta proposta de voltar para a Judéia motivou uma considerável discussão entre Jesus e os seus discípulos. O seu conteúdo provê uma reflexão sobre o milagre e as conseqüências que iriam ocorrer. É evidente que os discípulos estavam bem cientes da profunda hostilidade dos judeus que **procuravam apedrejar** Jesus (cf. 10.31,39). Naturalmente eles perguntaram: **E tornas para lá?** (8)

A resposta de Jesus a esta objeção está em uma linguagem francamente figurada. **Não há doze horas no dia?** (9).[169] Trench comenta assim a paráfrase: "Enquanto durar o dia, o tempo indicado pelo meu Pai para o meu trabalho terreno, enquanto houver qualquer obra para que eu realize, eu estarei seguro, e vocês estarão seguros na minha companhia".[170] Mesmo diante do mais formidável inimigo, a morte, não devemos nos render tão rapidamente ao desespero em um momento de crise. Jesus conhecia a sua hora e estava pronto no momento indicado.

A idéia sugerida pela palavra **dia** se desenvolve em figuras características de João: **luz**, **andar** sem tropeçar, o que se torna possível porque uma pessoa **vê a luz deste mundo** (9, cf. 1.5,9; 9.5). Estes exemplos positivos estão intimamente associados com a vida (1.4; 8.12). Eles devem superar a noite e as trevas, onde os homens tropeçam (10) e onde reina a morte (13-14). Os versículos 9-14 definem o tema de todo o capítulo. Existe uma luta cósmica entre as trevas e a luz, a morte e a vida, o mal e o bem. Esta luta é particularizada aqui em um homem — Lázaro. Ele **está morto** (14). Nesta situação humana, Jesus deve entrar para evocar a fé naqueles que vivem, para dar a vida a quem estava morto.

Quando Jesus disse: **Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono** (11), Ele estava usando a palavra "**sono**" com duplo sentido. Como usada no Novo Testamento, ela tem o sentido eufemístico de "morte" em treze ocorrências, contra somente três vezes no sentido de "sono normal".[171] Mas os discípulos pensaram que Jesus

se referia ao sono normal, daí a sua observação: **Senhor, se dorme, estará salvo** ("ele se recuperará", NEB, 12). Para deixar esta situação perfeitamente clara para os discípulos, Jesus disse **claramente: Lázaro está morto** (14).[172] A ausência de Jesus junto àquele leito de morte se converteria em uma coisa boa para os discípulos. Jesus disse: **folgo, por amor de vós, de que eu lá não estivesse, para** ["com a finalidade de", Berk] **que acrediteis. Mas vamos ter com ele** (15). Ressuscitar Lázaro dentre os mortos seria um milagre que traria um convencimento maior do que curar a sua enfermidade.

Já não havia protestos por parte dos discípulos quanto ao perigo que espreitava na Judéia; mas Tomé, com o seu pessimismo característico, em um tipo de desespero leal insistiu com os discípulos para que acompanhassem o destino do seu Mestre:[173] **Vamos nós também, para morrermos com ele** (16). Sobre Tomé, Westcott diz: "Ele será capaz de morrer pelo amor que sente, porém jamais fingirá uma fé que não sente".[174]

2. *Jesus e Marta* (11.17-27)

A viagem da Peréia (além do Jordão, ver o mapa 1) a Betânia levou cerca de dois dias. Jesus ficou onde estava por **dois dias** (6) depois que recebeu a mensagem das irmãs. Assim, quando Ele chegou em Betânia, **já havia quatro dias que** [Lázaro] **estava na sepultura** (17).

A proximidade entre Betânia e Jerusalém, **quinze estádios** (18; ver o mapa 2), pouco mais de três quilômetros, era conveniente para **muitos dos judeus** que **tinham ido consolar a Marta e a Maria, acerca de seu irmão** (19).

As duas irmãs reagem à chegada de Jesus nesta ocasião com a mesma personalidade que demonstraram em Lucas 10.38-42. Marta é ocupada, ativa e lidera, ao passo que Maria é pensativa, devota e espera. Assim... **ouvindo, pois, Marta que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou assentada em casa** (20).

A conversa de Jesus com Marta neste episódio poderia ser chamada de "uma lição sobre o significado da fé". Pois a fé, para ser eficiente, deve ser não apenas dinâmica, mas também completa, *i.e.*, deve ser caracterizada por aquelas reações que envolvem a pessoa como um todo. L. H. Marshall compara a fé com a pólvora, que é composta por carbono, enxofre e salitre, e cada um desses compostos deve estar na mistura antes que haja uma explosão. Da mesma forma, a fé genuína tem os seus elementos de confiança, a reação emocional; a fé, a reação de compreensão, ou a resposta intelectual; e também de lealdade, o exercício da vontade.[175] Jesus desafia Marta a ter esse tipo de fé.

Não havia dúvida sobre a sua confiança, pois as suas primeiras palavras a Jesus foram: **Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá** (21-22). Este ato inicial de fé confiante tentara "alcançar aquilo que não conseguiria agarrar".[176] Marta deve ter sentido pouco consolo ou esperança quando Jesus sugeriu que o seu **irmão** *iria* **ressuscitar**. Ela expressou imediatamente a sua esperança judaica quando disse: **Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último Dia** (24). Ela ainda não tinha percebido que "na presença de Jesus, a ressurreição é uma realidade iminente e presente; e aquilo que para os judeus é uma esperança futura, para os cristãos é uma realidade presente".[177]

Para levar Marta a compreender a imediata presença da ressurreição, Jesus declarou: **Eu sou a ressurreição e a vida** (25).[178] Embora esta afirmação se expresse na

forma das muitas similitudes, em João, que expressam a idéia da divindade — por exemplo, "Eu sou o pão da vida" (6.48) ou "Eu sou a videira verdadeira" (15.1) — esta não é uma similitude. Antes, "é a referência a Ele mesmo daquilo que Marta tinha dito sobre a ressurreição final... a ressurreição da qual Ele é potencialmente a Fonte, assim como o Agente".[179] Assim, o próprio Jesus é o dom da vida, tanto presente quanto futuro, para o homem, pois... **quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá** (25-26; cf. 6.39-40,44,54). Dodd, fazendo uma tradução literal, coloca estes versículos em uma interessante forma correlata:

Eu sou a ressurreição:	aquele que tem fé em mim, ainda que esteja morto, viverá novamente.
Eu sou a vida:	aquele que vive e tem fé em mim nunca morrerá.

Então ele compara a afirmação de Jesus em 5.28 com o evento do capítulo 11, mostrando que esta é uma "imagem da ressurreição".

Aqueles que estão nos sepulcros	Ele encontrou Lázaro na sepultura (11.17)
ouvirão a sua voz	Ele clamou com grande voz: "Lázaro, vem para fora!" (11.43)
e sairão	O defunto saiu (11.44)[180]

Assim se pode ver que "a Ressurreição é... uma comunicação pessoal do próprio Senhor, e não uma graça que Ele tem que obter de outro. Marta tinha falado de um dom a ser obtido de Deus e dispensado por Cristo... Ele *é* aquilo que os homens necessitam. Ele não alcança a bênção para eles; Ele é a própria bênção".[181]

A questão primordial para Marta, agora, não era se Jesus *podia* fazer alguma coisa, mas se ela realmente sabia quem Ele era. Assim, Ele perguntou: **Crês tu isso?** (26) Este é um novo teste para a fé dela, um exame da sua reação intelectual. A sua resposta foi rápida e direta. **Sim, Senhor, creio**[182] **que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo** (27; cf. 1.49; 6.69; Mt 16.16; Mc 8.29). Não é exato falar de uma fé cega ou ignorante. Tais expressões facilmente desculpam mentes preguiçosas e inteligências entorpecidas. O crente precisa ter familiaridade com o objeto da sua fé. Aquilo que se chama freqüentemente de fé é simplesmente uma confiança mal colocada, ou um palpite tolo. Paulo disse, "eu sei em quem tenho crido" (2 Tm 1.12).

3. *Jesus e Maria* (11.28-32)

Uma das mais belas mensagens pessoais já enviadas foi a que Marta levou de Jesus a Maria. Tendo deixado Jesus onde o encontrara, Marta disse **em segredo** a Maria: **O Mestre está aqui e chama-te** (28). A palavra *didaskalos*, aqui traduzida como **Mestre**, significa literalmente "professor". Porém **Mestre** é uma boa tradução, porque Marta "está falando de alguém que ela acredita ser o Mestre em todas as situações dolorosas e angustiantes".[183] Assim que Maria ouviu o chamado, **levantou-se logo e foi ter com ele** (29), encontrando-o no mesmo **lugar onde Marta o encontrara** (30).

Como os sepulcros ficavam fora da cidade, pode ser que o lugar onde Marta se encontrou com Jesus fosse próximo do lugar onde Lázaro estava sepultado. Portanto, Jesus esperou onde Ele encontrou primeiramente Marta enquanto ela foi chamar Maria (28). Por Maria ter saído tão rapidamente, os judeus de Jerusalém que tinham vindo para consolar as irmãs supuseram que ela tinha ido **ao sepulcro para chorar ali** (31). O versículo 31 é uma espécie de nota de rodapé que visa explicar a sua movimentação em direção ao local onde Lázaro estava sepultado.

O encontro entre Jesus e Maria lembra ao leitor uma cena anterior na casa em Betânia, quando "Maria... assentando-se... aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra" (Lc 10.39); aqui ela **lançou-se aos seus pés** (32). É difícil pensar em Maria em qualquer outra posição perante Jesus a não ser em uma postura de adoração, expectativa e humildade. As suas palavras para Jesus foram exatamente as mesmas que Marta havia pronunciado — **Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido** (32).

O encontro entre Jesus e Maria poderia receber um título: "O Chamado do Mestre", e possuir três aspectos: 1. O chamado é pessoal (28); 2. O chamado vem aos homens onde eles estão (28-29); 3. O chamado nasce do desejo de Cristo em relação ao homem, e da necessidade que o homem sente em relação a Ele (32-33).

4. *Jesus e os Judeus* (11.33-37)

A cena ao longo da estrada onde Jesus se encontrou com Maria foi de choro, tanto por parte de Maria como também dos **judeus... que com ela vinham** (33). Quando Jesus viu isto, **ele moveu-se muito** [ou "foi tomado pela indignação", ASV, margem] **em espírito e perturbou-se** (33). Estas palavras foram interpretadas de diversas maneiras pelos comentaristas. O que João quis dizer com isso? É evidente que "a sua tristeza é descrita em uma linguagem muito mais intensa do que aquela que retrata a dor de Maria e a dos judeus".[184] A palavra traduzida como **moveu-se muito** é forte e ilustrativa, e aqui significa "ficou profundamente comovido".[185] Mas a pergunta permanece: O que foi que fez com que Jesus ficasse tão comovido? Alguns consideram que isto foi basicamente uma imagem da perfeita humanidade de Jesus (Bernard, Lagrange). Outros vêem o fato como uma tristeza pelo pecado humano que resultou na morte (Zahn, Loisy). Há ainda outros que consideram o fato como um resultado da "indignação" (ASV) de Jesus devido à hipocrisia e à falta de fé dos judeus "chorosos" (Plummer, Bauer).[186]

Quando Jesus perguntou: **Onde o pusestes?** (34), veio a resposta: **Senhor, vem e vê** (34). Evidentemente foi no caminho para o sepulcro que **Jesus chorou**[187] (35; cf. Lc 19.41) e os judeus exclamaram, **Vede como o amava** (36). A observação seguinte, por parte dos espectadores, foi somente um olhar para o passado. **Não podia ele**, disseram, **que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?** (37) Na sua descrença, mal sabiam eles da grande verdade revelada a Marta — a ressurreição pessoal e presente — Jesus Cristo o Senhor.

5. *Jesus e Lázaro* (11.38-44)

Quando o grupo chegou **ao sepulcro**, viu-se que era **uma caverna, e tinha uma pedra posta sobre ela** (38). "O sepulcro usual na Palestina... não tinha porta, mas na frente da abertura havia uma ranhura, e na ranhura se colocava uma grande pedra, como uma roda de carreta, e essa pedra era rolada pela entrada até selar a caverna".[188]

Quando Jesus viu o sepulcro, Ele disse: **Tirai a pedra** (39). Por que aquele por quem "todas as coisas foram feitas" (1.3) e que estava prestes a trazer à vida um homem morto há quatro dias, pediria a alguém para **tirar a pedra?** Poderia ter sido um desafio para a fé de Marta, que estava crescendo, mas que ainda era inadequada e incompleta? Foi Marta quem respondeu: **Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias** (39). A sua objeção, sob o ponto de vista humano, tinha um bom fundamento, pois em um clima quente, onde não se praticava o embalsamamento, o processo de decomposição já estaria muito adiantado. Observando o que era impossível na vida, ela se esqueceu daquele que é especialista em fazer as coisas que são consideradas impossíveis. Este foi o teste ácido da sua fé. Poderia ela ser leal, *i.e.*, obediente a sua ordem? Será que alguém ousaria sugerir que não poderia haver ressurreição dos mortos, que não poderia ser dada a vida aos homens há muito tempo mortos em transgressões e pecados, a menos que os colaboradores de Deus (1 Co 3.9) oferecessem os seus ombros para remover a pedra do sepulcro, tirando-a do caminho?

Falando sobre a questão "Como está a sua fé?", um possível esboço poderia ser: 1. Confiança, a resposta das emoções (21-22); 2. Fé, a reação do pensamento (23-27); 3. Lealdade, a reação da vontade (38-41).

A palavra tranqüilizadora de Jesus a Marta foi: **Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?** (40) Estas são como as palavras ditas aos discípulos em Peréia (11.4), e elas refletem a auto revelação de Jesus a Marta em 25-27. "Qualquer que fosse a visão prometida, a intenção é que fosse uma visão *espiritual*, pois o verbo (ver, *optomai*) é sempre usado no texto de João como uma referência a enxergar realidades espirituais ou celestiais".[189] Mediante esta Palavra de Jesus, **tiraram, pois, a pedra** (41) defronte do local onde estava o morto.

Então Jesus, o Filho de Deus, orou: **Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves** (41-42). "A sua vida é uma vida de completa obediência à vontade de Deus, e a sua oração não admite uma resposta que contenha a incerteza".[190] Assim, a verdadeira oração é a "realização consciente da vontade divina".[191] **Eu disse isso por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste** (42). É evidente que Jesus queria que todos entendessem que o grande poder de Deus flui através da vida daquele que está em perfeito acordo com a vontade de Deus.

"A oração que é ouvida" (a) vem do clamor do coração (33-35); (b) está de acordo com a vontade de Deus (42); e (c) tem certeza da resposta divina (43).

Tendo tratado cada item da contagem regressiva preliminar — a fé de Marta, o choro, a devoção e a adoração de Maria, a incredulidade dos judeus, a certeza da vontade de Deus — Jesus **clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora** (43). Deus chama os seus (cf. 5.28; 10.3) e, quando Ele chama, não há poder que possa retê-los, nem mesmo a própria morte. O milagre aqui é "a história de Jesus caminhando para enfrentar a morte, afim de vencer a morte" (cf. 1 Co 15.26-27, 55).[192]

A morte não foi capaz de reter Lázaro, pois ele **saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto, envolto num lenço** (44). Algumas vezes surge a pergunta: como poderia Lázaro, atado desta forma, ter saído do sepulcro? Podemos supor que os seus membros estavam envoltos separadamente, como era o costume egípcio. Ou, se preferirmos, podemos aceitar o comentário de Westcott: "Não é necessário especular sobre como Lázaro saiu do sepulcro, estando tão envolto".[193] Tudo isto faz parte do

milagre de derrotar a morte, e da libertação das trevas e da noite do sepulcro (11.10). Mas, como no caso da remoção da pedra, há agora uma obra que os homens devem realizar. Jesus disse: **Desligai-o** ("desamarrai-o", Phillips) **e deixai-o ir** (44).[194] Somente o poder de Deus pode trazer a vida e a luz para as almas mortas e envoltas em trevas. Mas a tarefa do homem é essencial — desamarrar os nós e curar as cicatrizes deixadas pela devastação do pecado, cujo salário é a morte.

6. *Jesus e o Sumo Sacerdote* (11.45-57)

Houve reações divergentes a esse milagre. **Muitos... dentre os judeus que tinham vindo a Maria... creram nele** (lit., "puseram a sua fé nele"), ao passo que outros **foram ter com os fariseus e disseram-lhes o que Jesus tinha feito** (45-46). Foi o ato deste último grupo que precipitou a grande hostilidade contra Jesus, e a decisão do conselho que finalmente culminou em sua crucificação.

Os principais dos sacerdotes e os fariseus (*i.e.*, os principais membros do Sinédrio)[195] se congregaram em uma reunião do **conselho** (Sinédrio) com o objetivo expresso de decidir o que fazer a respeito daquele Jesus que estava fazendo tantos milagres. **Que faremos?** Isto é, "O que podemos fazer?" (Phillips, 47). Eles tinham duas alternativas. **Se o deixamos assim**, disseram, **todos crerão nele**. A conseqüência inevitável disto seria: **virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar** [o Templo] **e a nação** (48). A outra alternativa foi expressa por **Caifás... que era sumo sacerdote naquele ano** (49).[196] A expressão **naquele ano** é característica de João e se refere ao ano em que o sacrifício foi feito de uma vez por todas (Hb 10.10-12). A expressão também atribui a Caifás uma função profética. Como sumo sacerdote, ele tinha o "dever de entrar no Santo dos Santos e oferecer a expiação para *aquele* ano. Assim, ele inconscientemente proferiu uma profecia sobre a eficácia da Expiação que estava prestes a ser oferecida sobre a cruz. Este era o ano aceitável do Senhor".[197] A proposição de Caifás foi simples. Ele disse: **Nos convém que um homem morra pelo povo e que não pereça toda a nação** (50). O que ele quis dizer foi: "É melhor sacrificar um homem do que deixar que a nação inteira sofra".

João observou duas coisas importantes na afirmação do sumo sacerdote: 1. Esta era realmente uma profecia, proferida pelo sumo sacerdote na sua verdadeira função. **Ele não disse isso de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou** (51). 2. Ela implicava um sacrifício universal. Jesus morreria não apenas pelos judeus (51), mas **também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos** (52; cf. 3.16; 10.16; 12.32).

O conselho tomou a decisão de o matar (53), e por essa razão **Ele já não andava manifestamente entre os judeus** (54). O Senhor deixou as redondezas de Betânia e foi **para a terra junto do deserto**,[198] **para uma cidade chamada Efraim; e ali andava** ["permanecia", NASB] **com os seus discípulos** (54). Efraim, que "fica aproximadamente 24 quilômetros ao norte de Jerusalém, e cerca de dez quilômetros a leste-nordeste de Betel... agora é chamada de Et-Taiyibeh".[199]

Os versículos 55-57 são o contexto para os eventos relacionados com a Paixão, o julgamento e a morte de Jesus. A ocasião é mencionada aqui pela primeira vez: **estava próxima a Páscoa dos judeus** (55; cf. 12.1; 13.1; 18.28). Devido à proximidade desta grande festa, **muitos daquela região subiram a Jerusalém... para se purifica-**

rem (55; cf. At 21.24), ou seja, para serem declarados cerimonialmente limpos antes do início da Páscoa (cf. 18.28; Lv 7.21; Nm 9.10). É de fato natural, à luz do recente milagre e dos eventos posteriores, que as multidões procurassem **Jesus** nas proximidades do Templo, e discutissem a improbabilidade de que Ele viesse à festa. Phillips traz o seguinte texto: "O que você acha? Parece que Ele não virá à festa, não?" (56). Evidentemente, a decisão do conselho era conhecida do povo, pois eles deram **ordem para que, se alguém soubesse onde ele estava, o denunciasse** ["informasse", NASB]**, para o prenderem** (57).

J. O Cristo Universal, 12.1-50

1. *A Homenagem através da Unção* (12.1-11)

Foi depois de um curto período de tempo que sucedeu os acontecimentos do capítulo 11, e somente **seis dias antes da Páscoa**, que Jesus voltou a **Betânia** (1). O relato chama imediatamente a atenção para Lázaro, a quem Jesus ressuscitara dos mortos, como se ele fosse a principal atração. A ocasião era uma ceia na qual Marta, na sua função característica, **servia** (2).[200] Especial atenção recebe o fato de que Lázaro, em perfeita saúde, era **um dos que estavam à mesa com Ele** (2). Evidentemente, "a festa era um reconhecimento de gratidão pela obra realizada entre eles".[201]

Embora Maria seja a última a ser introduzida à cena, o seu ato de devoção amorosa é o tema central de todo o relato.[202] Ela tomou **uma libra** — uma libra romana de cerca de doze onças (453 g) — **de ungüento de nardo puro, de muito preço,**[203] **ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos** (3). A despeito do que os outros membros da casa de Betânia pudessem ter pensado de Jesus, uma palavra descreve o sentimento de Maria — amor.

Aqui é visto "o dom do amor": 1. Em exorbitante extravagância, **ungüento... de muito preço**; 2. Na humildade, ela **ungiu os pés do Senhor**; 3. No completo desprendimento, **enxugou-lhe os pés com os seus cabelos.**[204] Existe uma qualidade universal em um amor como esse. João escreveu em linguagem poética — **e encheu-se a casa do cheiro do ungüento** (3)[205] — ou melhor, "da fragrância do perfume".

Judas Iscariotes, que também estava na ceia, levantou uma objeção ao ato de Maria, dizendo: **Por que não se vendeu este ungüento por trezentos dinheiros** [denários]**, e não se deu aos pobres?** (5) João é rápido em acrescentar seus comentários. Ele questionou os motivos de Judas. **Não pelo cuidado que tivesse dos pobres** (6). Então ele declara o problema. Judas era **ladrão** (6). Como o tesoureiro do grupo dos discípulos ("Ele tinha a caixa do dinheiro", NASB. Ou ainda, como em algumas traduções, "Ele tomava conta da bolsa de dinheiro", NTLH), era a sua prática "tirar o que ali se lançava" (6, tradução literal). Já se perguntou por que Judas tinha sido escolhido para essa função, uma vez que ela lhe causaria tentações incomuns. Westcott responde: "A tentação normalmente nos sobrevém através de áreas de nossa vida em que já apresentamos alguma tendência a pecar".[206]

Maria e Judas estão em um vívido contraste. "Maria, na sua devoção, inconscientemente provê a honra dos mortos. Judas, no seu egoísmo, inconscientemente traz a própria morte".[207]

Jesus veio rapidamente em defesa de Maria. **Deixai-a; Ele disse: para o dia da minha sepultura guardou isto** (7) — literalmente, "para que ela possa guardar isto para o dia do meu sepultamento" (NASB). A linguagem neste ponto é difícil, mas parece indicar, segundo Hoskyns, que "Maria conscientemente admitiu a necessidade da morte de Jesus, e também, reconhecendo que a hora era chegada, antecipou o seu sepultamento com um ato de devoção inteligente".[208]

O pedido de Judas pelos pobres não escapou da resposta de Jesus. **Os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes** (8; cf. Dt 15.11). O agudo senso de oportunidade de Maria não podia passar despercebido. "Há algumas coisas que podemos fazer a qualquer momento, e existem algumas coisas que nunca faremos, a menos que agarremos a oportunidade de fazê-las no momento certo".[209]

Quando se espalhou a notícia de que Jesus estava com Lázaro em Betânia, **muita gente** ["uma grande multidão", Phillips]**... soube que ele estava ali; e foram, não só por causa de Jesus, mas também para ver a Lázaro** (9). **Como muitos dos judeus... criam em Jesus** (11), **os principais dos sacerdotes tomaram deliberação para matar também a Lázaro** (10). Fica claro que aqueles principais dos sacerdotes — sendo o grupo saduceu, e não acreditando na ressurreição — sentiram-se obrigados a livrar-se das evidências contrárias à sua doutrina.

2. *A Homenagem através da Aclamação* (12.12-19)

De uma maneira característica, João nota a ocasião da Entrada Triunfal.[210] **No dia seguinte** (12) — *i.e.*, no dia seguinte à unção feita por Maria, ou cinco dias antes da Páscoa (cf. 12.1). Isto significa que a entrada aconteceu no domingo. "João seguiu a tradição cristã ao posicionar a entrada triunfal no Domingo de Ramos".[211]

A notícia de que **Jesus vinha a Jerusalém** (12) logo se espalhou, e **uma grande multidão que viera à festa... saiu-lhe ao encontro** (12-13). Eles tomaram **ramos de palmeiras** (13), "o símbolo do triunfo real"[212] e clamavam: Hosana!, que é o correspondente em hebraico a "viva!" Aqui, o grito era quase equivalente a "Deus salve o Rei!" O termo Hosana, juntamente com a frase Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor!, é extraído de Salmos 118.25-26, que foi escrito para "a Festa dos Tabernáculos depois do Retorno" (ver Ne 8.14-18).[213] Portanto, o povo estava cheio de grandes expectativas.[214] Depois do que ocorrera em Betânia, eles viam em Jesus o Herói conquistador, o Ungido, o Libertador, e o aclamavam como tal.

Em um breve comentário, João fala de Jesus encontrando um jumentinho (cf. o relato Sinótico detalhado, Mt 21.1-11; Mc 11.1-10; Lc 19.29-38), e que Ele **assentou-se sobre ele** (14). Isto era o cumprimento da profecia de Zacarias 9.9: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta".

Através deste ato, Jesus deixou inequívoca a reivindicação de ser o Messias, o Ungido de Deus. Este ato também mostrou-o como um Messias espiritual e não militar, pois "o jumento, em contraste com o usual cavalo de batalha de um líder vitorioso, é um símbolo de humildade e de paz" (cf. Jz 10.4; 2 Sm 17.23; 19.26).[215]

Embora tudo isto estivesse acontecendo, no princípio estava além da compreensão dos discípulos, mas, **quando Jesus foi glorificado** (16), as peças do quebra-cabeças se encaixaram, e eles começaram a compreender. A glorificação de Jesus sem dúvida tinha

dois significados para João. Um deles se refere à exaltação por meio da cruz (12.23-25; 13.31-32; 17.1). A outra exaltação é a ressurreição (12.32), Jesus indo até o Pai (15.26) e o envio do Espírito Santo (o Paracleto, 16.7), e tudo isto mostra "a natureza espiritual da soberania do Senhor".[216]

João acrescenta alguns comentários interessantes no final do seu relato. A multidão que estava com Ele quando **Lázaro foi chamado da sepultura** e quando **ele o ressuscitara dos mortos** (17) "estava testificando" o que havia acontecido. Evidentemente, foi esse testemunho que trouxe de Jerusalém a multidão que o aclamava, pois **tinham ouvido que ele fizera este sinal** (18).

Tudo isto culminou em uma situação desesperadora para os fariseus. Os seus planos cuidadosos de colocar um ponto final em Jesus e na sua obra tinham terminado com o que parecia ser uma completa frustração. **Eis que todos vão após ele** (19), disseram. O fracasso do seu esquema maldoso fez com que se voltassem uns contra os outros, culpando-se entre si, dizendo: **vedes que nada aproveitais?** (19)

3. *A Chegada dos Gregos* (12.20-36)

Não se sabe ao certo se os gregos que estavam entre os que tinham subido a adorar no dia da festa estavam ali por curiosidade (cf. At 17.21), ou se haviam se tornado prosélitos e "por esta razão participavam das festas dos judeus".[217] Estes homens tinham um pedido fervoroso, talvez muito melhor do que eles mesmos percebessem. A sua aproximação de Filipe pode ter sido ocasionada pelo fato de que ele tinha um nome grego. De qualquer forma, ao ouvir o pedido: **Senhor, queríamos** [ou "queremos", NASB] **ver a Jesus** (21), **Filipe** contou a **André** (22) e os dois o disseram a **Jesus** (cf. 1.43-45).

Quando João escreveu que **Jesus lhes respondeu** (23), ele deixou uma ambigüidade com relação ao termo "lhes". Não há uma indicação de que o termo inclua mais pessoas além de Filipe e André, embora não se descarte a possibilidade de que os gregos tenham ouvido isso. A sua pergunta "trouxe a ocasião para o grande sermão de Jesus sobre a necessidade da sua morte e a *salvação universal* (32) que desta resultaria... Embora Jesus, na carne, se limitasse principalmente aos judeus (Mt 15.24), pelo poder do seu Espírito Ele também traria os gentios a si".[218]

Embora muitas vezes antes desta ocasião Jesus tivesse falado da sua hora (2.4; 7.30; 8.20), esta é a primeira vez em que Ele diz: "é chegada a hora", e agora esta expressão irá persistir (12.27; 13.1; 17.1). O propósito da sua hora é que **o Filho do Homem há de ser glorificado** (23). A sua glorificação consiste naqueles eventos que "podemos chamar de 'O complexo da sua paixão'".[219] Ao menos para alguns judeus, a expressão **Filho do Homem** "significava o invencível conquistador do mundo, enviado por Deus".[220] Para aqueles que ouviam, as palavras de Jesus eram mais excitantes porque o povo entendia "glorificado" como "o reino subjugado na terra se humilharia aos pés do conquistador; porém, através do termo *glorificado* Ele quis dizer crucificado".[221]

Para dar um exemplo exato do que Ele queria dizer com a sua glorificação, Jesus proferiu uma curta parábola que poderia ser perfeitamente óbvia a todos os que a ouvissem. **Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto** (24; cf. 1 Co 15.36). Não poderia haver alusão mais clara a sua própria morte, ao seu sepultamento e a sua ressurreição. Da mesma forma, Ele estava dizendo que "os verdadeiros discípulos do Filho de Deus não se prendem à vida com afeição apai-

xonada — esta é a morte improdutiva e permanente — antes, eles odeiam a vida neste mundo, e, pelo paradoxo da lei de Deus, eles a preservam para sempre".[222] Jesus expandiu o óbvio significado da parábola através de outros paradoxos. Amar a sua vida, a *psyche*,[223] é equivalente a perdê-la, ao passo que **quem aborrece** (ama menos) **a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna** (25)[224] Lightfoot diz: "O egoísmo sempre é a morte da verdadeira vida do homem"[225] Da mesma forma, quando uma pessoa precisa tomar uma decisão entre Cristo e as coisas mais queridas da sua vida, o contraste é tão grande que ela aborrece as últimas (cf. Lc 14.26-27). Assim, o crente é um servo, um seguidor, para quem está reservada a garantia: **onde eu estiver** (*ego eimi*, ver os comentários sobre 6.20), **ali estará também o meu servo** (26). Assim, "a cruz é o símbolo não apenas da salvação do homem, mas também do modo de vida cristão".[226]

Barclay fornece um esboço interessante: 1. Somente através da morte vem a vida (24); 2. Somente gastando a vida é que podemos reter a vida (25); 3. A grandeza só vem através do serviço (26).[227]

Este sermão sobre a sua hora trouxe Jesus face a face com a dura realidade do sofrimento e da morte.[228] Sem qualquer observação de mudança de tempo ou lugar por parte de João, sabemos que Jesus ora: **Agora, a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora** (27).[229] Como um verdadeiro homem enfrentando a morte, esta era uma oração completamente natural e necessária. Não há fingimento aqui! "O conflito, como na tentação, é real".[230] O reconhecimento do propósito da sua vinda — **para isso vim a esta hora** (27) — e a submissão à vontade do Pai — **Pai, glorifica o teu nome** (28) — trouxeram a ministração celestial que Ele tinha de ter na sua hora: **Então, veio uma voz do céu** (28; cf. Lc 22.43). O que Jesus ouviu era importante. A voz disse: **Já o tenho glorificado e outra vez o glorificarei** (28). "O 'Nome' do Pai, ou o seu verdadeiro caráter, já havia sido manifestado através das obras de Jesus, e em breve se manifestaria na Paixão e no seu resultado, no triunfo da ressurreição e nas vitórias do Espírito através da pregação do Evangelho".[231]

A multidão que ali estava sabia que alguma coisa incomum estava acontecendo, mas os seus relatos são bastante indefinidos. Alguns disseram que havia sido **um trovão**, enquanto outros pensaram que era **a voz de um anjo** (29). As coisas do Espírito são discernidas espiritualmente. Não é possível ouvir aquilo que não se está preparado para entender. "Infelizmente, a multidão, devido à meia-luz em que vive, não pode discernir ou apreciar a importância de um pronunciamento do céu".[232] A **voz**, embora não compreendida pelo povo, **veio... por amor**... a eles (30; cf. 11.42); ou seja, para que eles pudessem crer. Deus falou, tanto por voz quanto pela Palavra, e os homens entorpecidos deixam de entender ou reagir. Assim agora, é **o juízo deste mundo** (31), *i.e.*, "agora o mundo dos homens como vocês será julgado".[233] O julgamento é uma idéia central no texto de João. Onde estão a Palavra e o testemunho, o julgamento é inevitável (3.17-19; 5.22-30; 8.15-18, 50; 9.39; 12.47-48; 16.8-11), e no evento final será expulso o príncipe deste mundo (31).[234] Hoskyns diz: "A obediência concreta do Filho... explica a importância universal da morte de Jesus, e assinala o momento da destronização do Diabo da tirania que exercia sobre os homens".[235]

Esta afirmação da derrota definitiva e final do príncipe deste mundo é balanceada pela declaração do poder universal de atração da cruz. **E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim** (32).[236] Westcott, comentando o termo "atrairei" (pelo Espí-

rito), diz: "Existe a necessidade desta violência amorosa, pois os homens são 'reprimidos pelo inimigo'".[237] Por um lado, **levantado** é uma alusão a ser levantado na cruz, **significando de que morte havia de morrer** (33). Mas existe outro significado implícito na palavra "da", que literalmente significa "fora da". A cruz tem uma conseqüência inevitável: a ressurreição!

Foi com sentimentos misturados que o povo ouviu a afirmação de Jesus sobre a sua própria morte. Eles não podiam harmonizar o **Filho do Homem** que seria **levantado** (*i.e.*, crucificado), com o **Cristo** que **permanece para sempre** (34; cf. Ez 37.25; Sl 89.4; 110.4; Is 9.7). "Os judeus não esperavam um Messias sofredor".[238] Jesus não deu uma resposta direta à pergunta: **Quem é esse Filho do Homem?** Ao invés disso, Ele lhes falou em termos figurados sobre a luta entre a **luz** e as **trevas**,[239] com o imperativo de **andar na luz**, pois **quem anda nas trevas não sabe para onde vai** (35). Como **a luz** está aqui somente por **um pouco de tempo** (35), **crede na luz, para que sejais filhos da luz** (36). Obviamente, Jesus é a Luz; a recusa a crer nele é a extinção da Luz, e aí os resultados são as trevas e a desorientação. Jesus, **retirando-se, escondeu-se** (lit.) **deles.** Eles foram deixados nas trevas da sua incredulidade.

4. *Fé e Incredulidade* (12.37-50)

Em ousadas pinceladas, João, usando as Escrituras do Antigo Testamento, esforça-se para mostrar por que **ainda que tivesse feito tantos sinais diante deles, não criam nele** (37). Primeiramente, ele cita Isaías 53.1 verbalmente, a partir da Septuaginta. **Senhor, quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?** (38). Estas são as palavras de abertura da conhecida profecia do Servo Sofredor de Isaías. A pregação era o que os judeus tinham ouvido de Jesus, e o braço do Senhor claramente se refere às "poderosas obras ou milagres (Lc 1.51; At 13.17) de Jesus, que eram as obras do seu Pai (5.19-21)... nem a verdade que Jesus proclamou nem os milagres que Ele operou levaram os judeus à fé".[240]

A segunda citação é de Isaías 6.9-10. A ocasião aqui foi a visão no Templo, **quando** — a melhor leitura grega é "porque" — [Isaías] **viu a sua glória e falou dele** (41). João prefaciou esta citação: **Por isso, não podiam crer, pelo que Isaías disse** (39). Esta, juntamente com a citação posterior: **Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure** (40), "parecem a afirmação mais severa possível de uma doutrina nua de predestinação. E ainda pode-se afirmar confiantemente que esta não é a intenção do autor".[241] O que é realmente uma predição divina parece ser uma necessidade divina. Mas este não é o caso. A luz rejeitada se transforma em trevas. A oportunidade de ter fé, se ignorada, negligenciada ou recusada, torna-se a incredulidade calejada. O amor desprezado se transforma na escuridão da noite e na morte (13.30). Mas embora os judeus, como uma nação, rejeitassem a Jesus (1.11), e em troca fossem rejeitados, sempre haveria alguns, um remanescente, que creriam. Assim, aqui, João destaca: **Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele** (42).

Estes **principais** que creram **não o confessavam... para não serem expulsos da sinagoga** (42). A razão era óbvia para João. Eles **amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus** (43). Barclay comenta: "Por repetidas vezes, os homens deixaram de apoiar alguma causa grandiosa porque esta interferia em alguma

coisa de menor interesse. Quando Joana D'Arc percebeu que ficara abandonada e sozinha, disse: 'Sim, estou sozinha na terra: eu sempre estive sozinha. Meu pai disse aos meus irmãos que me afogassem se eu não quisesse cuidar das suas ovelhas, enquanto a França estava sangrando até morrer; a França poderia morrer, desde que o nosso rebanho estivesse a salvo'".[242]

Os sete últimos versículos do capítulo 12 são uma reafirmação de alguns dos principais temas do Evangelho. João não diz em que ocasião, ou para quem, Jesus teria feito essas afirmações. Mas ele destaca a sua importância através da introdução: **Jesus clamou e disse** (44; cf. 7.28, 37), o que indica a importância da proclamação que será feita a seguir. Alguns dos temas são:

(*a*) O Filho é a Revelação do Pai. Ter fé no Filho é ter fé naquele que enviou o Filho (44; cf. 3.15-16; 5.36-38,46; 6.29,35,40; 7.38; 8.19,24,42, 45-46; 13.20). Ter visto o Filho é ter visto aquele que... enviou o Filho (45; cf. 1.18; 6.40; 8.19,42; 10.30,38; 14.7,9).

(*b*) Jesus "veio como a luz ao mundo" (46, NASB),[243] e rejeitá-lo é permanecer nas trevas (cf. 1.4-5; 8.12; 9.5; 12.35-36).

(*c*) Uma vez que Jesus veio[244] não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo (47), é a **palavra** que Ele falou que julgará aquele que o rejeitar e não receber as suas palavras (48; cf. 3.17-18; 5.24-45; 8.15,31,40). Jesus não veio para julgar o mundo neste sentido. O nosso Senhor tem sempre o objetivo de salvar os homens, ao invés de rejeitá-los e destruí-los. Mas a própria oferta de salvação requer uma decisão a favor ou contra aquele que faz a oferta. A rejeição a Cristo traz o julgamento à vida das pessoas. Hoskyns comenta: "No último dia, o critério do julgamento final é preciso; é o ensino de Jesus, que é a palavra de Deus".[245]

(*d*) O **Pai** que **enviou** o Filho também lhe deu **um mandamento** sobre o que Ele há de dizer (49). O cumprimento obediente de Jesus deste mandamento possibilitou que Ele dissesse: **sei que o seu mandamento é a vida eterna** (Berk., 50; cf. 5.30; 6.38; 7.16-17; 8.28,38; 10.18; 14.10).[246] Os mandamentos de Deus são expressões da sua natureza, e nenhum fato é mais essencial do que este: Ele é Santo. Não é possível evitar o fato de que aspirar à vida eterna é ter sede da santidade de coração. Não ousemos esquecer o antigo mandamento: "Sereis santos, porque eu sou santo" (Lv 11.44), e a advertência de que sem a santificação "ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14).

Assim é concluída a seção que foi chamada de "O livro dos Sinais". Talvez o leitor deva recordar as próprias palavras de João acerca dos fatos que ele registrou: "Estes [sinais] foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (20.31 trad. literal).

SEÇÃO IV

A ÚLTIMA CEIA E OS ÚLTIMOS DISCURSOS

João 13.1—16.33

A. A CEIA, 13.1-30

1. *O Cenário Teológico* (13.1-3)

O cenário para a Última Ceia é apresentado por meio de uma terminologia teológica característica do quarto Evangelho. Há menção de que ela ocorreu antes da **festa da Páscoa** (1), mas não há nenhuma indicação das circunstâncias físicas, ou qualquer alusão à instituição do sacramento da Ceia do Senhor (cf. Mt 26.17-20; Mc 14.12-16; Lc 22.7-12).[1] Antes, os comentários de João são uma revisão das proposições teológicas básicas, em que Jesus é visto estando plenamente ciente do significado de tudo o que aconteceu à luz do que estava prestes a suceder. Jesus sabia que **era chegada a sua hora** (1; cf. 2.4; 7.30; 8.20; 12.23). O tempo para a oferta do sacrifício feito uma vez por todas (Hb 10.10) não foi determinado por homens ardilosos. Ninguém tiraria a sua vida. Ele a entregaria em sacrifício, rigorosamente, por sua própria iniciativa (10.18).

Houve duas coisas que o levaram a **sua hora** e tornaram esta possível. Em primeiro lugar, Ele amou os seus. Embora o amor de Deus pelo mundo tenha enviado o Filho (3.16), é o amor do Filho pelos seus que estavam no mundo o que fez com que o sacrifício de amor se tornasse realidade. Que tipo de amor é este que demandava tal ação? Algumas versões têm a seguinte tradução: "[Ele]... amou-os até o fim". Mas isto será errôneo se entendermos que "o fim" é simplesmente a conclusão temporal da encarnação. As palavras traduzidas como "até o fim" (*eis telos*) indicam grau: "completamente", "plenamente", "absolutamente", e aqui (13.1) combina os significados "até o fim" e "até o final".[2]

Macgregor traduz: "Até os limites máximos do amor",[3] e Hoskyns apresenta: "Ele os amou completa e finalmente, até o final, até a morte" (cf. 1 Ts 2.16).[4]

Em segundo lugar, a hora de Jesus foi possível por causa de sua profunda consciência do seu relacionamento com o Pai. Logo, Ele iria **passar deste mundo para o Pai** (1). Ele também sabia que **o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus, e que ia para Deus** (3). Ele estava "consciente da sua missão divina e de seu destino divino".[5]

O cenário teológico também leva em consideração a oposição. Até então, foram os judeus que se opuseram a Ele e procuraram matá-lo (7.30,44; 8.59; 9.22; 10.20,39; 11.53,57). Mas, agora, tudo o que é mal, na pessoa do **Diabo** (2), conspirando com um dos discípulos escolhidos de Jesus (6.70), **Judas Iscariotes**, constitui o inimigo. A maneira pela qual Jesus enfrentou e venceu esta oposição provê os temas básicos para aquilo que está prestes a ocorrer. Um é o seu "extraordinário ato de auto-humilhação" (4-5);[6] o outro, uma exibição de um amor abrangente que inclui os inimigos (13.26,34).

2. *A Auto-humilhação de Jesus* (13.4-20)

Pelo fato de a declaração de abertura do capítulo 13 ser longa e detalhada, o leitor deve considerar que o início da cena da ceia ocorre na primeira oração do versículo 2: **E, acabada a ceia** (o texto grego diz "durante a ceia"), e então continua com a primeira oração no versículo 4: **levantou-se da ceia**. Ao fazê-lo, o Senhor **tirou as vestes** (4, cf. 10.17; Fp 2.5-8); *i.e.*, a túnica externa. Então, **tomando uma toalha, cingiu-se**, o que "marca a ação de um escravo".[7] Assim preparado, Ele **pôs água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido** (5). João não declara por que algum dos discípulos não executou esta tarefa servil, mas evidentemente havia ocorrido alguma "busca de posição" entre os doze (Lc 22.24). Além disso, Jesus era o único naquela sala que poderia executar até mesmo o simbolismo da purificação — pois só Ele estava limpo no sentido teológico e moral da palavra (cf. 17.19; Hb 13.12). Ele veio para dar ao homem a possibilidade de tornar-se puro, moralmente limpo, santo.

Quando Jesus foi lavar os pés de Pedro, este lhe disse: **Senhor, tu lavas-me os pés a mim?** (6) A resposta de Jesus, **não o sabes tu, agora**, não só afirmava a ignorância de Pedro em relação às coisas espirituais (*e.g.*, a vinda do Espírito), como também incluía uma promessa: **tu o saberás depois** (7).[8] **O que eu faço** era a humilhação do Senhor, simbolizada no ato de lavar-lhes os pés; na verdade, porém, Ele estava proporcionando toda a obra redentora de Deus para o homem. Hoskyns comenta que a reação de Pedro não é um contraste entre o orgulho de Pedro e a humildade de Jesus, mas, antes, "entre o conhecimento de Jesus, o qual é a base da ação, e a ignorância de Pedro, que ainda não percebe que a humilhação do Messias é a causa efetiva da salvação cristã" (cf. 2.22; 7.39; 12.16; 14.25-26; 15.26; 16.13; 20.9).[9] Mas o entendimento do futuro estava longe demais para Pedro. Ele só via a incongruência imediata da situação — Jesus lavando os seus pés. Impulsivamente, ele declarou: "Nunca em nenhum momento lavarás os meus pés — para sempre" (tradução literal). Pedro esperava colocar um ponto final em tudo aquilo. Mas Jesus conhecia o caminho para o coração de Pedro — a ameaça de ser excluído da presença de Jesus, a quem Pedro amava. **Se eu te não lavar, não tens parte comigo** (8; cf. Hb 12.14). "Não há lugar na sociedade dos cristãos para aqueles que não forem

purificados pelo próprio Senhor Jesus".[10] Se a comunhão só poderia ser adquirida pela purificação (cf. 1 Jo 1.7), então Pedro queria *tudo* o que pudesse ter — **pés, mãos** e **cabeça** (9).[11]

Jesus fez uma aplicação geral da idéia sobre a qual conversava com Pedro: "Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés.[12] Ele está todo limpo".[13] "Vós estais limpos, mas não todos" (10). Hoskyns comenta que, no ato da lavagem dos pés, Jesus "simbolicamente declara a completa purificação deles através da humilhação da morte do Messias. O cristão fiel é *purificado pelo sangue de Jesus*" (1 Jo 1.7; cf. Rm 6.1-3; 1 Co 10.16).[14] Se a santidade de coração estiver no coração da *Eucaristia* (ver o comentário sobre 6.53), a pureza do coração está no coração do *Pedilavium* (lavagem dos pés). Tudo isto era uma prefiguração simbólica da obra do Espírito que se tornaria possível através da sua vinda (14.15-17,25-26; 15.26; 16.7-15).

Mas, e quanto a Judas? Ele estava limpo? Jesus sabia, e soube (6.70-71), quem o haveria de trair; por isso, disse: **Nem todos estais limpos** (11). Bernard diz: "No que diz respeito à limpeza do corpo, não há dúvida de que ele estava nas mesmas condições dos outros, mas não no sentido espiritual".[15]

Tendo lavado os pés dos discípulos e vestido a sua túnica, Jesus, estando à mesa, outra vez perguntou aos discípulos: **Entendeis o que vos tenho feito?** (12) Macgregor comenta: "Quando 'veste a sua túnica', Jesus assume a sua vida novamente (10.17ss.) no poder do Espírito, e assim esclarece todas as coisas" (7).[16] Sem esperar por uma resposta, Jesus explicou que isto tinha sido **um exemplo** (15), ou modelo, "que estimula ou deve estimular alguém a imitá-lo".[17] Da mesma forma que Ele, seu **Mestre** (literalmente, "Ensinador") e **Senhor**, lhes tinha feito, assim deveriam fazer uns aos outros (13-14; cf. 34). Hoskyns diz: "Seu ato de lavar os pés dos discípulos expressa a própria essência da autoridade cristã".[18] Não parece haver qualquer evidência de que Jesus quisesse que a lavagem dos pés fosse instituída como um sacramento. Mas fica claro que Ele estava ensinando, pelo exemplo básico e axiomático, embora paradoxal, que a única maneira de ser "o maior" (Lc 22.24) ou de ser **bem-aventurado** (17) é tomar a estrada do serviço amoroso (13.34) e do sacrifício (10.15), baseado no conhecimento da vontade de Deus para nós. A palavra traduzida como **bem-aventurado** no texto das Beatitudes é *makarioi* (Mt 5.3-12).

Um dos doze, no entanto, está se excluindo da execução do serviço amoroso, e conseqüentemente das bem-aventuranças implicadas. Sem dúvida alguma pensando em Judas, o Mestre disse: **Não falo de todos vós** (18). Então, como para enfatizar o fato de que o próprio Judas escolhera desempenhar o papel do traidor como um cumprimento das Escrituras, Ele acrescentou: **eu bem sei os que tenho escolhido**. Bernard traduz esta frase com exatidão: "Sei o *tipo de homem* que escolhi".[19] A expressão traduzida por: **para que se cumpra a Escritura**[20] é um pouco enganosa. O ensino claro das Escrituras é que as escolhas morais do homem são deixadas dentro de seu próprio campo de decisão. Barclay esclarece bem a questão quando comenta: "Toda esta tragédia que está acontecendo, de alguma maneira, está dentro do propósito de Deus... Foi como as Escrituras disseram que seria".[21] O trecho das Escrituras que Jesus citou é Salmos 41.9: aquele **que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar**. Compartilhar o pão era uma promessa de amizade. **Levantou... o seu calcanhar** descreve um ato de violência brutal, como o coice repentino de um cavalo. Como foi profético! Em poucos momentos,

Judas sairia, tendo ainda em sua boca o gosto do bocado da escolha que foi partilhado com Jesus. Ele então retornaria com uma turba de assassinos, perpetrando o ato violento e brutal jamais dantes praticado, nem sequer equiparado.

Jesus tinha uma razão especial para expor o problema básico diante dos discípulos. Isto se tornaria para eles mais uma evidência, a fim de que entendessem a sua verdadeira natureza. Ele lhes contou o evento da traição antes que acontecesse, e explicou a razão: **para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou** (19). O **eu sou** (*ego eimi*) é outra das declarações de Jesus de sua divindade (cf. 16.4; 14.29; Ez 24.24; Mt 24.25). Westcott diz a respeito do **eu sou**: "... em mim está a fonte da vida e luz e força; Eu vos apresento a majestade invisível de Deus; Eu uno a virtude do meu Ser essencial, o que se vê e o que não se vê, o finito e o infinito".[22]

Embora seja verdade que **não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou** (16), Jesus assegura aos seus discípulos o relacionamento com Ele e com o Pai. Pois **se alguém receber o que eu enviar, me recebe a mim, e quem me recebe a mim recebe aquele que me enviou** (20).

3. *O Amor Abrangente de Jesus* (13.21-30)

Ainda à mesa, onde Ele e seus discípulos partilhavam sua última refeição juntos neste mundo, Jesus... **turbou-se em espírito** (21; cf. 11.33; 12.27; 14.1). Quando se aproximou o momento da sua separação de Judas, mesmo estando plenamente ciente de sua própria unidade com Deus (20), Jesus foi verdadeiramente humano em sua reação. Poderia se dizer que a sua mágoa foi mais profunda e intensa do que a de um homem comum, pois Ele sabia melhor que qualquer outro o que realmente significa a separação de Deus.

Jesus precedeu o seu anúncio com as palavras: **Em verdade, em verdade**... dessa forma chamando a atenção para a gravidade daquilo que se seguiria. O anúncio, **um de vós me há de trair** (21), trouxe para o círculo íntimo o que depois deve ter parecido apenas uma ameaça distante (cf. 11.8; 13.18). Não é de admirar que os discípulos olhassem uns para os outros, **sem saberem de quem ele falava** (22).

A fim de entender a cena seguinte, é importante imaginar a disposição dos lugares em que os participantes se sentavam à mesa. Na verdade, a postura dos convidados em um banquete era reclinada, de lado, sobre divãs ou sofás. Uma vez que a mesa tinha a mesma altura dos sofás, a pessoa colocava o seu cotovelo esquerdo em uma almofada sobre a mesa, e a mão direita ficava livre para pegar a comida. Os pés ficavam estendidos para longe da mesa. A mesa tinha a forma de *U* e os sofás ficavam em volta do lado externo. Na disposição dos assentos, "o anfitrião ou a pessoa principal ficava no centro, e o lugar de honra ficava acima dele, *i.e.*, à esquerda. O próximo lugar de honra abaixo deste ficava a sua direita. Portanto, a pessoa à direita do anfitrião se sentaria de forma que a sua cabeça ficasse próxima ao peito do anfitrião, e assim seria fácil dizer-lhe uma palavra de forma confidencial".[23] Assim, quando lemos que **um de seus discípulos... estava reclinado no seio de Jesus** (23), é fácil entender como isto poderia ser possível.

Este reclinado no seio de Jesus é designado como o discípulo **a quem Jesus amava** (23). Tal frase é o método indireto utilizado pelo escritor para referir-se a si mesmo (cf. 19.26; 20.2; 21.7,20). Tradicionalmente, ele tem sido identificado como João, filho de Zebedeu e autor do quarto Evangelho (ver a *Introdução*). Isto significa que Jesus estava

no centro da mesa, o lugar do anfitrião, tendo João a sua direita. A próxima questão diz respeito à pessoa à esquerda de Jesus, aquele que estava no lugar de honra. Neste ponto as autoridades divergem. Westcott pensa ter sido Pedro, com base no seguinte: estando atrás de Jesus, Pedro não poderia facilmente conversar com Ele, então sinalizava a João para perguntar a Jesus o nome do traidor.[24] Barclay, concordando com Bernard, afirma: "Judas estava em uma posição em que Jesus poderia falar-lhe em particular sem que os outros pudessem ouvir. Há uma espécie de conversa particular ocorrendo aqui entre Jesus e Judas... Ele deve ter se sentado do lado esquerdo de Jesus... *O lugar à esquerda do anfitrião era o lugar de mais alta honra, deixado para o amigo mais íntimo*".[25] Se Judas ocupou o assento de honra naquela noite decisiva, deve ter sido a convite de Jesus, pois esta era uma prerrogativa do anfitrião. Até a última hora, Jesus estava buscando o perdido (Lc 19.10).

Quando Pedro fez sinal (24, lit., "fez sinal com a cabeça") a João, este perguntou: **Senhor, quem é?** (25) Jesus respondeu: **É aquele a quem eu der o bocado molhado** (26). Embora esta devesse ser uma resposta à pergunta de João, estava tão velada que nem João nem o outro discípulo captaram seu impacto total. Antes, o fato de Jesus molhar o bocado e dá-lo a Judas indicava para eles a idéia contrária. Quimby comenta: "No oriente era costume... quando os convidados estavam presentes, se o anfitrião desejasse honrar especialmente um deles, dobrar um pedaço de pão em forma de colher, mergulhá-lo no prato e, segurando algum pedaço escolhido, entregá-lo ao convidado como um favor especial".[26] Assim, este não foi um movimento para expor Judas; foi um esforço para protegê-lo, e o Senhor o fez muito bem. **Nenhum dos que estavam assentados à mesa compreendeu** (28) por que Jesus disse a Judas, que havia pego o bocado: **O que fazes, faze-o depressa** (27). João comenta que os discípulos pensaram que Jesus dera a Judas, que era o tesoureiro, alguma instrução especial sobre a compra de mantimento para a **festa** da Páscoa ou **que desse alguma coisa aos pobres** (29).

A ocultação da hipocrisia de Judas foi quase perfeita. Mas o exterior não era indicação do que realmente acontecia com ele. Quando tomou o bocado, professando aceitar a oferta de amor de Jesus, **entrou nele Satanás** (27). Algo terrível acontece com o homem que rejeita o amor mais sublime (13.1). Judas saiu logo. E era já noite (30; cf. 1.5; 3.19; 9.4; 11.10). Quando João escreveu estas palavras, sem dúvida lembrou-se de ver Judas abrir a porta, afastar-se da Luz, e sair pela noite adentro. "É sempre noite quando um homem abandona Cristo para seguir os seus próprios propósitos".[27]

Aqui podemos ver claramente o amor mais sublime delineado: 1. Amor que encontra uma maneira de servir (4-9); 2. Amor que pode saber o pior, e ainda assim amar ao máximo (26-29); 3. A vida passa a uma situação de trevas quando este amor é rejeitado (30).

B. Os Últimos Discursos, 13.31—16.33

Uma palavra precisa ser dita a respeito da ordem dos últimos discursos. Bernard argumenta que deve ter havido desvios na ordem do texto. Seu plano geral é colocar os capítulos 15 e 16 imediatamente após 13.31*a*, então 13.31*b*-38, seguido pelo capítulo 14. Seu objetivo é fazer o que lhe parece ser uma representação mais próxima da "intenção do escritor original".[28] Macgregor (que segue Moffatt) simplesmente posiciona o capítulo

14 após os capítulos 15 e 16, com base na alegoria da videira (cap. 15), que deveria vir após a entrega do novo mandamento (13.34).[29] Pode haver razões para se suspeitar que existiram alguns desvios, mas a maioria das tentativas de reordenar parece não ajudar muito, principalmente por causa dos critérios altamente subjetivos que proporcionam a base para a nova aliança. Na análise final, o melhor procedimento é seguir a evidência textual como encontrada na análise objetiva da crítica textual. Não há evidência textual para a tentativa de "reordenar" mencionada acima.

1. *O Discurso à Mesa* (13.31—14.31)

a. Introdução (13.31-35). Deixado com os onze discípulos fiéis, **tendo** Judas **saído** (31),[30] Jesus falou da "glória" ou da honra "quádrupla".[31] Primeiro, há a glória da cruz, pois **agora é glorificado o Filho do Homem** (31). Segundo, "em Jesus, Deus foi glorificado" — **Deus é glorificado nele** (31). Isto se deve à obediência perfeita de Jesus à vontade do Pai, e à identificação com Ele até mesmo a ponto de Jesus poder dizer: "Quem me vê a mim vê o Pai" (14.9). Terceiro, "em Jesus, Deus glorifica a si mesmo". A suprema glória de Deus é o fato de que Ele veio aos homens como um deles, venceu o pecado e a morte na cruz. Quarto, assim como a encarnação é uma glória a Deus, assim ela o é para Jesus, pois também Deus o glorificará em si mesmo e **logo o há de glorificar** (32). É por causa disto que "Deus o exaltou soberanamente" (Fp 2.9). No texto grego, o verbo para glorificar está tanto no tempo verbal aoristo (passado) como no futuro, e descreve "a glorificação do Filho do Homem... [como] passado, presente e futuro: qualquer distinção lógica sucumbe, visto que o significado da morte e da vinda do Espírito aos crentes, eventos no tempo como são, não podem ser limitados a este evento".[32]

Nesta aura de glória, Jesus chamou os discípulos de **filhinhos** (33). "Ele se dirige a eles carinhosamente, como o cabeça de sua pequena família".[33] E então prossegue com um tema que foi primeiramente apresentado em 7.33-34, ali falado aos judeus, porém aqui aos onze. A linguagem é quase idêntica. **Ainda por um pouco estou convosco. Vós me buscareis, e, como tinha dito aos judeus: para onde eu vou não podeis vós ir, eu vo-lo digo também agora** (33). É óbvio que Jesus está falando da proximidade de sua morte e da sua volta para aquele que o enviou (7.33).

Alexander Maclaren destaca "a glória da cruz" em 31-32: 1. O Filho do Homem glorificado na cruz (31); 2. Deus glorificado no Filho (31); 3. O Filho do Homem glorificado no Pai (32).

À luz dos eventos que acabaram de ocorrer, Jesus coloca em um odre o vinho novo de um novo amor: **Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis** (34). O mandamento de amar o próximo não era novo (Lv 19.18; Lc 10.27). Mas a expressão ameis... como eu vos amei a vós — isto era novo! O amor do nosso Senhor alcançou um Judas (13.5,26), que o trairia, e um Pedro, que o negaria (13.38; 18.15-18,27). Na verdade, este tipo de amor foi um evento tão inigualável que um novo vocábulo teve de ser providenciado para expressá-lo. O *eros* (não no NT) dos gregos descrevia apenas um amor egoísta; e *philia* (no NT apenas em Tg 4.4) descrevia não mais que o amor de amizade que pensa em termos de obter, e também dar. Mas o sacrifício altruísta de Jesus, sua disposição de dar tudo sem qualquer garantia de resposta humana, tinha de ser expresso com uma

palavra mais forte. Então *ágape*,[34] uma rara palavra para *amor* antes de Paulo, passou a ser usado na literatura cristã primitiva a fim de descrever o tipo de amor que Jesus demonstrou, e a qualidade de amor que deve caracterizar a vida de seus verdadeiros discípulos.

Através de um amor como este, disse Jesus, **todos os homens conhecerão que sois meus discípulos... se vos amardes uns aos outros** (35). Macgregor diz: "Deve haver um novo círculo de amor, a igreja cristã, dependente de um novo centro de amor, Cristo". Ele então cita Tertuliano, dizendo: "Os pagãos estão habituados a exclamar com admiração: Veja como estes cristãos amam-se uns aos outros".[35]

b. As Perguntas dos Discípulos (13.36—14.14). Nesta seção, encontramos duas perguntas (de Pedro e de Tomé) e um pedido (de Filipe).

(1) *A pergunta de Pedro* (13.36—14.4). Não é de admirar que os discípulos estivessem cheios de perguntas, tanto sobre as coisas que tinham acabado de acontecer (*e.g.*, a lavagem dos pés e a partida de Judas) como sobre o fato de Jesus haver dito que estava prestes a ir onde eles não poderiam ir (33). Pedro, de acordo com sua natureza impulsiva, perguntou: **Senhor, para onde vais?** (36) A resposta de Jesus: **Para onde eu vou não podes, agora, seguir-me, mas, depois, me seguirás** (36), tem um significado duplo. O significado óbvio é que Jesus ia para a sua morte e, posteriormente, Pedro sofreria por amor a Jesus e morreria em defesa da verdade (cf. 21.8).[36] O significado mais profundo é visto no uso da palavra "podes". Esta é uma tradução do verbo grego *dynamai*,[37] que significa "eu posso, eu sou capaz". O substantivo cognato é *dynamis*, e significa "poder, força".[38]

Este verbo, com o negativo, aparece não menos de oito vezes[39] no contexto deste tema geral, cada vez expressando ou sugerindo a incapacidade total do homem e sua fraqueza quando está separado do Espírito capacitador de Cristo. Assim, a grande pergunta é: Como Pedro poderia seguir a Jesus no desempenho total do novo mandamento (34,36)? Esta pergunta persistente por parte dos discípulos fornece muito do cenário para que Jesus dê a promessa do Espírito, e use a figura da vinha para declarar: "Sem mim nada podereis fazer" (15.5, tradução literal).

Com forte desejo e intento, Pedro estava disposto a tentar. Pensando apenas em termos da crise iminente, ele insistiu em sua pergunta: **Por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a minha vida** (37). Jesus conhecia o seu discípulo (cf. 2.25). Pretender fazer o que é certo é importante. Querer cumprir o novo mandamento é essencial para a vida espiritual. Mas amar até o fim (13.1) não está dentro da capacidade da força humana. Para o Pedro pré-Pentecostes, Jesus possuía apenas uma predição: Não cantará o galo, enquanto me não tiveres negado três vezes (38; cf. Mt 26.31ss.; Mc 14.27ss.; Lc 22.31ss.).

Há uma pausa no pensamento entre a conclusão de 13.38 e o início do capítulo 14. Jesus acabou de indicar a Pedro a sua futura negação, e não há nenhuma introdução para um novo tema. Por essa razão, alguns comentadores desenvolveram várias teorias de desvios textuais (ver o comentário no início da seção *B* acima).

No entanto, se estes versículos de abertura (1-4) tivessem sido prefaciados por um simples "Ele disse a Pedro" ou "Ele lhes disse", a dificuldade estaria resolvida. Seria fácil encontrar não só uma continuidade de pensamento, mas também um propósito muito

significativo nestas palavras quando relacionadas com o que Jesus acabara de dizer a Pedro. A forte afirmação de fidelidade de Pedro tinha sido confrontada pelo anúncio de sua negação. Seu desejo e disposição de seguir a Jesus até mesmo na morte (13.37) pareciam estar fadados ao fracasso. Portanto, a promessa e a reafirmação das palavras de Jesus a Pedro e aos outros dez discípulos eram desesperadamente necessárias. Jesus, que conhecia por experiência a angústia de um espírito atribulado (11.33; 12.27; 13.21), poderia dizer com toda autoridade e entendimento solidário: **Não se turbe o vosso coração** (14.1). Então, como para defender a fé tardia em todos os seus ouvintes, Ele deu dois grandes imperativos, ambos no plural: "Tenham fé em Deus, e tenham fé em mim" (1, tradução literal).[40]

O que está preparado para aqueles que têm fé? **Na casa de meu Pai há muitas moradas** (recintos) (2).[41] Westcott observa que a palavra "moradas" vem da Vulgata, *mansiones*, "que eram lugares de descanso, e especialmente as 'estalagens' em uma grande estrada onde os viajantes encontravam repouso", sugerindo a idéia tanto de repouso como de progresso.[42] Bernard diz que estes são "lugares de habitação", não estalagens meramente temporárias em uma jornada.[43] No entanto, o fato de ser a casa do Pai já diz o suficiente. "O lar de Deus (Mt 5.34; 6.1), o antítipo eterno do Templo transitório em Jerusalém e da habitação do Pai e do Filho no crente (14.23; 17.21), é espaçoso e tem muitos cômodos".[44] Com base na evidência de um excelente manuscrito, a versão RSV em inglês — juntamente com Strachan, Bauer, Bernard e Moffatt — traduz a parte restante do versículo 2 como uma pergunta: "Se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, vou preparar-vos lugar?" A objeção a isto é que "em nenhuma passagem no Evangelho Jesus disse que Ele irá 'preparar lugar'".[45]

A promessa aos seus discípulos foi: **virei outra vez** (3; lit., "estarei vindo novamente").[46] A principal referência é à segunda vinda. Mas ela também sugere um outro pensamento: "Cristo está, desde o momento de sua ressurreição, vindo para o mundo, para a igreja e para os homens como o Senhor ressurreto".[47]

Pedro tinha feito a pergunta: **Senhor, para onde vais?** (13.36) A resposta de Jesus descreveu a fraqueza de Pedro (13.36) e a sua negação (13.38), e também incluiu algumas promessas grandes e gloriosas (14.1-3). Agora, em uma declaração conclusiva dirigida a todos os discípulos, o Senhor responde categoricamente: **Mesmo vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho** (4).

(2) *A Pergunta de Tomé* (14.5-7). A última declaração de Jesus dirigida à pergunta de Pedro apenas levantou uma outra na mente de Tomé, que é descrito como "o tipo daqueles que exigem 'provas tangíveis e definições precisas'".[48] Ele perguntou: **Senhor, nós não sabemos para onde vais e como podemos saber o caminho?** (5) Certamente, esta pergunta retirou de Jesus uma das declarações mais completas e profundas que Ele já pronunciou com respeito a sua própria natureza: **Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida** (6). O **Eu sou** (*ego eimi*) é aqui usado como uma metáfora, simultaneamente identificando Jesus com a divindade[49] e como a satisfação para as necessidades básicas do homem. Pode o homem perdido achar um caminho? Cristo é o Caminho, o único Caminho, para Deus (cf. Hb 10.19-22). "A estrada para Deus é o conhecimento da verdade, e a regeneração, a iluminação e a posse da Vida. A Verdade e a Vida não são abstrações ideais. Elas estão presentes de forma concreta no Filho encarnado de Deus, que é tanto

a Verdade como a Vida".[50] Há uma espécie de exclusividade gloriosa sobre Cristo, o Caminho. **Ninguém vem ao Pai senão por mim** (6). A glória aqui não está na exclusão de qualquer outra. Antes, por ser quem Ele é, e pelo que fez, o Caminho é um caminho universal. "Quem quiser tome de graça da água da vida" (Ap 22.17; cf. Jo 3.16). Thomas à Kempis escreveu em adoradora meditação:

Sem o Caminho, não há como ir; sem a Verdade, não há o que saber; sem a Vida, não há o que viver. Eu sou o Caminho que deveis seguir; a Verdade que deveis crer; a Vida pela qual deveis ter esperança. Eu sou o Caminho inviolável, a Verdade infalível, a Vida sem fim. Eu sou o Caminho que é o mais reto, a Verdade que é a mais elevada, a Vida que é verdadeira, a Vida abençoada, a Vida não criada. Se permanecerdes no meu Caminho, *conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará*, e tomareis posse da vida eterna.[51]

Embora amassem a Jesus, Tomé e os outros não o tinham realmente "conhecido".[52] Com uma reprovação gentil, Jesus disse: "Se tivésseis me conhecido, teriam tido um conhecimento certo e seguro do Pai" (7, tradução literal). **E já desde agora** marca "o momento da Paixão... A Revelação do Pai não estaria completa até que Jesus tivesse removido a sua presença visível. Somente depois disto é que os discípulos começaram a entender quanto Ele havia revelado da natureza e do propósito de Deus".[53]

(3) *O Pedido de Filipe* (14.8-14). A afirmação de Jesus de que os discípulos deveriam ter conhecido o Pai (7) induziu Filipe a pedir alguma revelação especial, talvez uma teofania (cf. Ex 24.9-11; 33.18). Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta ("ficaremos satisfeitos", RSV, 8). Com um misto de ternura e repreensão Jesus disse: **Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe?** (9) Bernard observa: "As ovelhas conhecem o seu pastor (10.14), e por aquele tempo, Filipe já devia 'conhecer' Jesus. Mas falhar em ver a Deus em Jesus é o mesmo que falhar em conhecer a Jesus".[54]

Há duas razões pelas quais Filipe já deveria ter conhecido que o Pai e o Filho são um (10.30), e pelas quais Jesus pôde dizer: **Eu estou no Pai, e o Pai está em mim** (10). Uma consiste nas palavras de Jesus, que não são suas, mas do Pai que o enviou (12.49). A outra são as obras que Jesus fez. Estas são obras do **Pai, que está em mim**... [Ele] **é quem faz as obras** (10). Tanto as Palavras como as obras de Jesus são do Pai, e são razões suficientes para que os discípulos (note a mudança para o plural) creiam que **estou no Pai, e o Pai, em mim** (11). Se, por causa da fraqueza humana, um homem não puder crer em Jesus através de sua Palavra, há um segundo nível de fé — **crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras** (11; cf. 5.36; 10.38). Bernard comenta: "A fé que é gerada por um recurso deste tipo não é o tipo de fé mais elevado, mas não é desprezada por Jesus".[55]

Jesus expôs em uma linguagem simples que as obras são secundárias, e que a fé nele por quem Ele é, e não apenas pelo que Ele faz, vem em primeiro lugar. **Na verdade, na verdade... aquele que crê em mim** (lit., "aquele que coloca a sua fé em mim") **também fará as obras que eu faço** (12). Quando as obras são o produto da fé dinâmica nele, são caracterizadas por uma certa superioridade. O crente é capaz de fazer obras maiores do que estas.

Duas perguntas precisam ser consideradas. Primeiro: Qual é a base para estas obras maiores? Três pontos são evidentes. 1. Há uma fé corretamente colocada. É "aquele que tem fé em Jesus" que faz as obras que Ele faz. 2. **Porque eu vou para meu Pai**. Da

mesma forma que o Pai enviou o Filho, agora, com o seu retorno ao Pai, Ele está enviando os crentes ao mundo (17.18). Eles são enviados com uma missão.[56] 3. A operação das obras está intimamente ligada à oração. Junto com a promessa de obras maiores também há a promessa: **Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei** (13-14; cf. 15.7; 16.23-24).[57] O que significa orar em nome de Jesus? Embora tudo ou alguma coisa pareça incluir todas as coisas, estas palavras não são a garantia de que todas as nossas orações serão atendidas. O grande qualificador é a expressão "em meu nome". Isto só se refere ao que está dentro da vontade de Deus. Barclay escreve: "A oração em que no final se diz "seja feita a tua vontade" é sempre respondida".[58]

A segunda pergunta a ser considerada é: Em que sentido estas obras são maiores do que as obras feitas por Jesus? (12) Robertson diz: "Maior em quantidade".[59] Clarke vai além, e afirma: "É certamente o maior milagre da graça divina converter o coração obstinado e perverso do homem... do pecado para a santidade. Isto foi feito em inúmeros casos pelos discípulos".[60] Seguindo em boa parte este mesmo pensamento, Westcott observa que **maiores** significa "os efeitos espirituais mais amplos da pregação dos discípulos que se seguiu após o Pentecostes".[61]

"A Verdadeira Visão de Deus" pode ser observada em 8-11. 1. Todos precisamos que Deus se torne visível para nós (8); 2. A habitação divina em cada um de nós é que torna esta visão possível (9-10); 3. A fé à qual Cristo nos convida (11) (Alexander Maclaren).

c. A Promessa do Espírito (14.15-31). Obediência, amor e fé são os pré-requisitos para que o crente receba o maior dom de Deus para o homem. Aquele que crê, *i.e.*, que tem fé, é aquele que recebe (12. cf. At 15.8-9; 26.18). É para aquele que ama que Jesus se faz real — **E aquele que me ama... eu o amarei e me manifestarei a ele** (21). Então aqui, a obediência e o amor estão inseparavelmente ligados. Não há lei mais elevada do que a lei do amor. Ela não exige obediência. Antes, a obediência é a sua conseqüência inevitável. **Se me amardes, guardareis os meus mandamentos** (15).[62]

Em 14.12-18, podem-se encontrar alguns "Pré-requisitos para o Dom do Espírito": 1. Fé para receber (12-14); 2. Amor suficiente para obedecer (15; cf. 15.9-10); 3. A recompensa pela obediência (16-18).

Jesus ousadamente anunciou o Dom — o Espírito: **E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade** (16-17). Aqui está a primeira de várias passagens nesta seção que descrevem a vinda do Consolador (cf. 14.26; 15.26; 16.7). A palavra grega traduzida como "Consolador" é *parakletos*, que tem sido adaptada ao nosso idioma como "paracleto" — "advogado", "intercessor", "solicitante" — e personalizada como o Espírito Santo. A palavra grega "originalmente significava, no sentido passivo, 'aquele que é chamado para ajudar alguém'", e tem o significado mais geral de *"aquele que aparece em favor de outro, mediador, intercessor, ajudador"*.[63] Várias traduções têm usado palavras diferentes em um esforço de extrair da palavra grega [64] o seu significado pleno — por exemplo, "Conselheiro" (RSV), "Ajudador" (Moffatt, NASB), "Ajudador Divino" (Phillips), "Advogado" (Weymouth). A palavra é traduzida como "Advogado" em 1 João 2.1, onde se refere a Cristo.

O Paracleto é identificado como o **Espírito da verdade** (17), "que traz a verdade e a imprime na consciência do mundo".[65] Mas este Dom não é para todos os homens. O

mundo não pode recebê-lo, pela simples razão de que este **não o vê, nem o conhece** (17). "Aquilo que é espiritual não pode ser compreendido pelos homens ímpios, mas somente por aqueles cujas almas estão harmonizadas com o reino espiritual".[66] Mas a promessa é íntima, pessoal e preciosa para aqueles que o conhecem: **vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós** (17; cf. At 2.4; Rm 8.9; 1 Jo 2.27; 2 Jo 2). Uma vez que habitava em Jesus, o Espírito estava com os discípulos. Mas quando Jesus ascendeu aos céus e o Espírito veio, no Pentecostes, Ele passou a estar dentro deles. Esta bênção é recebida através do batismo no Espírito.

Jesus continuou as suas palavras de encorajamento prometendo aos discípulos: **Não vos deixarei órfãos;**[67] **voltarei** (lit., "estou voltando") **para vós** (18). O uso do tempo presente do verbo enfatiza vindas repetitivas do Senhor — na ressurreição, no Pentecostes, no juízo e nos corações dos homens que nele crêem — ou pode ser o presente futurístico, "estou vindo (em breve)". "A vida da Igreja consiste no cumprimento da vinda Pentecostal do Senhor, que deverá ser coroada pela sua vinda para Juízo".[68] Com uma clara referência a sua ascensão e eterna presença com os homens de fé, Ele disse: **Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis** (19). Isto é possível por causa do poder e do significado da ressurreição — **porque eu vivo, e vós vivereis** (19).

Alexander Maclaren fala do "Consolador que É Dado" em 16-18. 1. O Cristo em oração e o Pai doador (16); 2. O Dom que habita em nós (16-17); 3. Os discípulos que o recebem (17-18).

A frase **Naquele dia** (20; cf. 16.23,26) refere-se "primeiro à Ressurreição",[69] e depois a "cada crise vitoriosa da nova compreensão do Cristo ressurrecto".[70] **Naquele dia,** três coisas se tornarão claras — **conhecereis** (20). 1. Não haverá dúvida quanto à habitação mútua, interior e recíproca do Pai, Filho e crente: **estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós** (20). 2. Será visto que o amor e a obediência são inseparáveis: **Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama** (21). 3. O crente que pratica a obediência amorosa **será amado de meu Pai, e eu** [o Filho] **o amarei e me manifestarei**[71] **a ele** (21).

A última declaração de Jesus provocou Judas (Tadeu; ver os comentários sobre Mt 10.3 no volume 6 do comentário Beacon), que perguntou: **Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós e não ao mundo?** (22) Em resposta, Jesus reiterou o que acabara de dizer. O amor não pode ser separado da obediência. **Se alguém me ama, guardará a minha palavra** (23). É neste relacionamento ativo que ocorre a manifestação do Filho. "O poder de receber uma Revelação divina depende da obediência ativa, que se baseia no amor pessoal".[72] Judas tinha evidentemente esperado que Jesus fosse de alguma maneira manifestar-se abertamente, para que todos os homens pudessem vê-lo. Mas a resposta é que "todo o poder da divindade está presente na vida e no testemunho do crente"[73] — **e viremos para ele e faremos nele morada** (23; cf. 17.21). A manifestação do Espírito ocorre através daqueles que nele crêem, que o amam e lhe obedecem. A oração **e viremos**, por causa do pronome *nós*, "sugere necessariamente a reivindicação da divindade por parte de Cristo".[74] A frase **faremos nele morada** precisa ser entendida à luz de 14.2, pois a mesma palavra grega (*mone*) é usada em ambos os versículos — ali moradas, aqui morada. Hoskyns comenta: "O santuário e lar de Deus, que está no céu, e que estava revelado apenas de forma incompleta no Templo em Jerusalém, descerá sobre cada cristão que mantiver a sua fé".[75]

Aqueles que fazem uma profissão altamente religiosa e falham em refleti-la consistentemente através de conduta e atitudes éticas precisam lembrar-se de que "não amar" e "não guardar as palavras de Jesus" são inseparáveis (24). "Não há união espiritual com Ele que também não seja uma união moral".[76]

A segunda promessa da vinda do Espírito é prefaciada pelas palavras de Jesus: **Tenho vos dito**[77] **isso, estando convosco** (25). Neste anúncio da vinda do Consolador (Paracleto), Jesus identifica-o inequivocamente com o Espírito Santo[78] **que o Pai enviará em [seu] nome** (26). A vinda do Espírito significa a percepção, por parte da nova comunidade cristã, do significado pleno e verdadeiro da vida, do ensino, da morte e da exaltação de Jesus. **Ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito** (26; cf. 16.12-14,22-23,25; 1 Co 1.18; 2.13). Embora a obra do Espírito seja fazer lembrar os ensinos de Jesus, "sua obra é mais que uma reminiscência da *ipissima verba* [as próprias palavras] do Filho de Deus: ela é uma representação viva de tudo o que Ele falara aos seus discípulos, uma exposição criativa do Evangelho".[79] De uma maneira muito prática, Barclay diz: "O Espírito Santo nos guarda da arrogância e do erro no modo de pensar".[80]

Em 25-27, vemos "O Espírito Ensinador". 1. O Ensinador prometido (25-26); 2. A lição que este Ensinador dá (26); 3. Os alunos deste Ensinador (26-27). (Alexander Maclaren)

Para os seus discípulos, e para todos os que nele crêem, Jesus deixou um duplo legado. Estas são aspirações muito discutidas na atualidade — paz, **Deixo-vos a paz**, e liberdade em relação ao medo, **Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize** (27). Esta paz não é a mera ausência de problemas. Ela "significa tudo o que contribui para o nosso mais elevado bem".[81] É uma paz da conquista que é "manifestada em uma união intacta com o Pai, mantida em luta constante com o mundo, na perseguição, na humilhação, e na morte para a glória de Deus".[82] Será que esta paz dinâmica vem somente para aqueles que possuem o Espírito Santo? Quimby observa que a vinda do Espírito "é como uma transfusão de sangue para uma vida corajosa. Jesus partiu para que o Fortalecedor pudesse vir".[83]

Se pudessem ter enxergado mais à frente, os discípulos teriam se regozijado por Jesus haver dito: **Vou para o Pai, porque o Pai é maior do que eu** (28). Esta frase tem provocado muita discussão. A controvérsia ariana do século IV centrava-se em sua interpretação.[84]

Bernard argumenta que **o maior** consiste no fato de que "o Pai *enviou* o Filho e lhe *deu* todas as coisas".[85]

Reconhecendo que o cumprimento de sua hora estava às portas, Jesus disse: **Já não falarei muito convosco** (30). O maior conflito entre as forças cósmicas do bem e do mal estava prestes a acontecer: **se aproxima o príncipe deste mundo** (30; cf. Lc 4.13; 22.53). "O próprio Satanás se aproximava... e Jesus agora se preparava para enfrentar o seu último ataque".[86] Entretanto, mesmo em antecipação ao ataque final, Jesus sabia que seria o Vencedor. A frase **o príncipe deste mundo** [Satanás] **e nada tem em mim** (30) assume um significado adicional em algumas versões: "Ele não tem poder sobre mim". A pureza absoluta de Jesus é retratada aqui. Não há "nenhum elemento da natureza de Cristo que sucumbirá" a Satanás.[87] Westcott diz: "Em outros, ele acha aquilo que é seu próprio, e reforça a morte como seu dever; mas Cristo se ofereceu voluntariamente".[88]

Mesmo diante da morte, a obediência amorosa foi a marca da ação de Jesus. **Eu amo o Pai e [...] faço como o Pai me mandou** (31). Logo, não há razão para adiamento ou demora. Há alguns problemas que o tempo não resolve. **Levantai-vos, vamonos daqui** (31).

2. *Os Discursos ao Longo do Caminho* (15.1—16.33)

a. A Figura da Videira (15.1-17). Não há indicação no Evangelho de João de nenhum lugar especial onde os discursos dos capítulos 15 e 16 ou a oração do capítulo 17 tenham sido pronunciados. Depois que Jesus e os onze discípulos deixaram a sala em que haviam comido a ceia, a próxima anotação de lugar é o ribeiro de Cedrom, sobre o qual Jesus e seus discípulos passaram (18.1; ver o mapa 2). Não há nem mesmo qualquer indicação de um evento ou lugar que possa sugerir o uso da figura da videira. Tem-se suposto que havia uma videira crescendo do lado de fora da janela do cenáculo, ou que, quando Jesus e seus discípulos passaram pela estrada, Ele viu uma vinha, ou ainda que eles passaram pelo Templo e viram o filigrana de videiras e uvas douradas na porta deste. Outros defendem a opinião de que foi o uso de vinho na celebração da primeira Ceia (Mt 26.26-29; Mc 14.22-25; Lc 22.15-20) que tornou a figura tão apropriada.[89] Isto realmente tem algum mérito, pois, no quarto Evangelho, um banquete ou sinal regularmente proporciona a base e/ou a ocasião para um discurso sobre uma questão importante (5.1; 6.4; 7.37; 9.34; e cap. 10).[90]

Qualquer das situações acima poderia ter proporcionado a ocasião para este discurso. No entanto, não havia necessidade para tal sugestão. A figura da videira ou vinha aparece freqüentemente no Antigo Testamento (Is 5.1-7; Jr 2.21; Ez 19.10-14; Sl 80.8-19). Israel é retratado como uma videira degenerada com frutos ressequidos, e uma videira definhada consumida pelo fogo (Ez 19.12), quando deveria ter sido "a videira excelente", dando "uvas" (Is 5.2).

É contra este cenário que Jesus usou a figura **Eu sou a videira verdadeira** (1). Não deve haver engano sobre isto! Não é o sangue judeu, mas a fé em Jesus que constitui o caminho para a salvação de Deus. Se este discurso é melhor entendido nas sombras da santa Ceia e da cruz, então o fruto da videira, o cálice (cf. 6.55-56), e o sangue (19.34) estão unidos na figura para retratar a purificação: **Vós já estais limpos** (3) — produzindo muito fruto (5) e prestando uma obediência amorosa (9-10).

A função de uma vinha é produzir frutos. A responsabilidade do lavrador (jardineiro) é cultivar videiras de qualidade, de forma que elas sejam produtivas. Para fazer isto, duas coisas são necessárias: *a*) **Toda vara em mim que não dá fruto, a tira** (2; cf. Lc 13.6-9). Isto pode se referir especificamente a Judas; certamente, a qualquer apóstata. O corpo de Cristo não deve ser enfraquecido por aqueles que apenas o professam, mas se recusam a dar fruto. *b*) **E limpa** [poda] **toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto** (2).[91] É aqui que a ação do Pai "é revelada na purificação moral dos verdadeiros discípulos que estão em seu Filho... O Pai *tira* as varas inúteis, e *limpa* aquelas que dão fruto".[92]

Está claro que Jesus tinha em mente a idéia da purificação. Ele disse: **Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado** (3; cf. 13.10). A questão é: "Quando os discípulos foram limpos?" Westcott diz: "A obra espiritual representada por esta 'purifi-

cação' foi completada potencialmente pelos apóstolos, os representantes da Igreja de Cristo. Ela deveria ser realizada por eles".[93] O registro indica que a purificação foi efetuada no Pentecostes (At 15.8-9). Macgregor mostra que enquanto "limpo" em 13.10 significava "limpo do pecado", aqui o sentido é mais de ação e "virtualmente significa 'capaz de dar frutos'".[94] H. Orton Wiley costumava dizer que a purificação em santificação envolve duas coisas: O "limpar" inicial e o contínuo "manter-se limpo" (1 Jo 1.7,9). "É por causa do Verbo habitando neles (7) que eles são mantidos puros".[95] Hoskyns mostra que "há um elemento duplo na purificação dos discípulos: a purga inicial ocasionada pela Palavra de Jesus (6.63; cf. Ef 5.26), e a sua conservação através da permanência de uma união duradoura com Ele, que é afetada pela habitação de suas Palavras neles".[96]

O aspecto positivo da purificação contínua é apresentado na figura de ligação da vara podada que dá fruto à videira. Por isso, temos o imperativo **Estai em mim**, com seu resultado **e eu, em vós** (4). O mandamento é apropriado, pois na esfera espiritual o ato de 'estar nele' não é mantido sem a constante e consciente vontade própria dos discípulos".[97] Ao mesmo tempo, é por causa da capacitação do **eu em vós** que o crente é capaz de permanecer. **Porque sem mim**[98] **nada podereis fazer** (5).[99]

Se a impotência espiritual pertence àqueles que estão separados de Cristo, a geração de frutos e a produtividade caracterizam aqueles que permanecem nele. **Quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto** (5; cf. 8,16). A razão de existência da Igreja é ser produtiva e dar fruto. "A igreja sem um senso de missão não é Igreja".[100] O ato de "estar nele" é a base para uma vida de oração bem-sucedida e satisfatória, assim como é a base para se dar fruto. **Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito** (7; cf. 14.13-14; 15.16; 16.23-24). No versículo 3, a purificação é pela palavra (*logos*), enquanto aqui (7) são as palavras (*rhemata*) que devem estar em nós. Westcott comenta: "As *palavras* (*rhemata*), os discursos definidos... formam 'a Palavra'" (cf. 8.43,47,51; 12.47-48; 17.6,8,14).[101]

A idéia de juízo também é apresentada na figura. Aquele que não está nele (*i.e.*, aquele que por uma atitude ou ato voluntário corta-se a si mesmo da videira verdadeira) **será lançado fora, como a vara, e secará** (6). Westcott mostra que este definhar "não é uma conseqüência futura, como no juízo final, mas uma conseqüência inevitável da separação".[102] No entanto, na frase seguinte há uma clara referência ao juízo e à separação final, pois as varas secas são juntadas, lançadas **no fogo e ardem** (6). Neste universo, que tem a sua lei moral bem como as suas leis naturais, algo terrível acontece quando um homem se separa de Cristo (cf. 13.30; Mt 27.5).

Há algumas qualidades significativas que caracterizam a videira frutífera. É o orgulho do lavrador. **Nisto é glorificado meu Pai: que deis muito fruto** (8). Na videira, está também o teste do discipulado, pois dando muito fruto os crentes provarão ser **discípulos** do Senhor (8).[103] No relacionamento lavrador-videira-vara, sugere-se com regularidade o tema recorrente da obediência amorosa. **Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permanecei no meu amor** (9). A lógica da obediência amorosa é simples: 1. Tenho guardado os mandamentos de meu Pai. 2. Permaneço no seu amor. 3. Deveis guardar os meus mandamentos. 4. Permanecereis no meu amor (10). Hoskyns comenta: "A fidelidade em amor é provada e demonstrada através da obediência".[104]

Um outro tema retratado aqui é o da alegria. Certamente está sugerido que a videira frutífera é uma alegria para o lavrador (8). Mas, igualmente importante, é o relacio-

namento da videira-vara que garante a comunicação da alegria para o crente. **Tenho-vos dito isso para que a minha alegria** [lit., "a alegria que é minha"] **permaneça** [gr., "esteja"] **em vós, e a vossa alegria seja completa** (11; cf. 16.20-24; 17.13).

Em 5-8, Alexander Maclaren mostra "As Verdadeiras Varas da Videira Verdadeira". 1. A união com o nosso Senhor garante a geração de frutos (5); 2. O definhamento e a destruição vêm depois da separação dele (6); 3. A união com Cristo é a condição para termos os nossos desejos satisfeitos (7); 4. A união com Cristo traz glória a Deus e produz um discipulado crescente (8).

"Permanecer no Amor" é o tema que Alexander Maclaren encontra em 9-11. 1. O amor em que devemos permanecer (9); 2. A obediência pela qual devemos permanecer no amor de Cristo (10); 3. A alegria que segue a obediência (11).

Jesus reiterou o que chamou de "novo mandamento" (13.34, ver o comentário): **Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei** (12). Mas agora, mais próximo da sombra da cruz, Ele apresenta um outro tema com freqüência recorrente: a sua morte voluntária pelos homens (6.51; 10.17-18; 12.24-25), a prova suprema de seu amor. **Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos** (13). O que Jesus estava prestes a fazer por todos os homens (morrer na cruz), Ele estava fazendo por seus amigos, os discípulos. **Vós sereis meus amigos**, Ele disse, **se fizerdes o que eu vos mando** (14). A palavra "amigo" tem um significado especial. Abraão "foi chamado de amigo de Deus" (cf. 2 Cr 20.7; Is 41.8; Tg 2.23). A palavra aqui enfatiza "a intimidade do amor".[105] Este relacionamento de amizade não é o de um servo (lit., "escravo"), porque este **não sabe o que faz o seu senhor**. Mas os amigos, os discípulos, sabem: **porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer** (15).

A base deste relacionamento de amizade não está no mérito nem no trabalho do homem. **Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós** (16). Não se deseja aqui negar ao homem a sua livre ação moral, mas afirmar que fora de Cristo o homem é impotente (15.1). Conseqüentemente, Cristo nos nomeou para que demos fruto, e que este fruto **permaneça** (16). Westcott observa: "O poder do ofício dos apóstolos residia, para eles, no fato de que esta não fora uma escolha própria".[106] O homem autonomeado estará destinado a uma triste derrota quando tentar, fora de Cristo, produzir o fruto que permanece.

O tema principal e reiterado resume o ensino na figura da videira. **Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros** (17), "pois as varas não podem dar fruto se não estiverem ligadas à videira, e, da mesma forma, nenhum de nós poderá dar frutos sem o auxílio mútuo".[107]

b. Os Discípulos e o Ódio do Mundo (15.18-27). O que é este **mundo** (18) que aborrece a Jesus e seus discípulos? A palavra "mundo" aparece cinco vezes em 18-19. Uma coisa é evidente desde o princípio: são as pessoas que aborrecem[108] a Jesus. Não foi o mundo físico que o rejeitou. Foi o seu próprio povo (ver comentário sobre 1.11). Assim, a rejeição a Jesus não foi uma mera questão de conveniência política ou o desejo de preservar as velhas e grandes tradições. Ela nasceu de um ódio intenso contra Ele, porque Ele e seus ensinos penetravam diretamente na pecaminosidade egoísta deles. Logo, se o mundo aborrecia a Jesus, também aborreceria os seus seguidores. Há um vívido contraste entre aqueles que não são do mundo e o mundo (19).

Quando se trata de lealdade, não há meio termo. É uma questão de branco e preto. Não há uma cor cinza. Um homem é do mundo ou não é do mundo!

Não só os judeus odiavam a Jesus. Como Jesus disse, o mesmo ódio (tanto dos judeus como dos pagãos) estava acumulado sobre aqueles primeiros cristãos. Paulo foi odiado pelos judeus e sofreu muito nas mãos deles (2 Co 11.24). Os judeus espalharam uma propaganda difamatória entre os pagãos sobre os seguidores de Cristo, rotulando-os de: *a*) revolucionários, por causa de sua recusa a adorar a César; *b*) canibais, por causa de sua prática de lembrar a morte do Senhor comendo o pão partido, como símbolo de seu corpo; *c*) incendiários, em razão de sua expectativa de que "a terra e também as obras nela contidas seriam queimadas" (2 Pe 3.10); *d*) imorais, relatando os banquetes de amor como orgias; *e*) desintegradores da família (em parte verdade) por causa da lealdade a Cristo, por parte de ao menos um único membro da família.[109] Não é de admirar, portanto, que o ódio dos judeus inflamasse os pagãos a perseguirem os cristãos. A própria intensidade com a qual o mundo perseguiu os seguidores de Jesus e o ódio implacável por seus amigos "é o sinal da veracidade desta amizade".[110]

Há um resultado interessante para a proposição: **Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardarem a minha palavra, também guardarão a vossa** (20). "Os discípulos poderiam olhar para trás e discernir o que tinham de esperar: alguns seguidores corajosos, alguns ouvintes fiéis... [mas também algumas] multidões descuidadas e hostis".[111]

O argumento agora muda. Jesus esteve dizendo que, uma vez que o odiava, o mundo também odiaria a seus discípulos. Agora, o mesmo tipo de argumento é aplicado ao ódio do mundo também ao **Pai** (23). A razão pela qual farão tudo isso é o seu nome ("por minha causa", RSV). **Tudo isso vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou** (21; cf. 8.55; 14.17; 17.25). Não conhecer o Filho é não conhecer o Pai (14.9). O próprio fato da encarnação, o Verbo que se fazer carne (1.14), intensificou a culpa e o pecado do mundo. A sua luz apenas intensificou a noite do mundo. A Bíblia ensina claramente uma relação entre o conhecimento que temos a respeito de Deus e a nossa responsabilidade para com Ele (cf. Lc 12.47-48). Portanto, agora que Ele veio, eles (o mundo) **não têm desculpa do seu pecado** (22; cf. 16.7-9). A vida de Jesus revela perfeitamente o pecado do mundo.

Não são somente as palavras de Jesus (22) que condenam o mundo, mas também as suas obras. **Se eu, entre eles, não fizesse tais obras, quais nenhum outro têm feito, não teriam pecado** (24). As obras que deveriam ter produzido a fé (10.38; 14.11), tendo sido rejeitadas pelo mundo, geraram ódio e pecado (24). Todo o ódio e todas as perseguições que o mundo acumulou sobre Jesus e seus seguidores são vistos como o cumprimento das Escrituras: **Aborreceram-me sem causa** (25; cf. Sl 35.19; 69.4). Jesus raramente mostrava tal imparcialidade do Antigo Testamento, como é aqui sugerido, chamando as Escrituras de **sua lei** (25). A expressão provavelmente indique *a obrigação deles de aceitar* o que está na lei, em vez da dissociação de Jesus em relação à lei.

Chegará um tempo, Jesus disse, quando haverá um amplo e verdadeiro testemunho dEle. As testemunhas são duas. A primeira é o Consolador, o Paracleto. Jesus o enviará aos discípulos da parte do Pai. Ele, o Paracleto, é o Espírito da verdade. Jesus disse: **testificará de mim** (26). O Paracleto é descrito como "aquele que procede do Pai". Esta

frase tem sido chamada de "A Eterna Procedência". Ela gerou "disputas sem fim entre o oriente e o ocidente quanto à 'Procedência' do Espírito vindo do Filho bem como do Pai".[112] Bernard sustenta que a frase "não se refere ao misterioso relacionamento entre as Pessoas da santa Trindade, mas somente ao fato de que o Espírito... veio de Deus".[113]

Pode bem ser que a palavra grega *parakletos* (Paracleto) poderia ser traduzida como "advogado" neste contexto, pois ele é apresentado como aquele que testificará em favor de Jesus. Macgregor diz: "O Espírito é aquele que fará a igreja vencer em seu processo contra o mundo, e aparece como uma 'testemunha' decisiva para a defesa".[114]

A segunda testemunha deve consistir nos próprios discípulos. **E vós também testificareis** (27). Eles se colocam em uma posição excepcionalmente favorável para servirem de testemunhas, pois estiveram com Ele desde o princípio. Por isso, também se preparam para receber poder especial (At 1.8) através da vinda do Espírito no Pentecostes. Quando se olha para toda a obra e todo o testemunho do Espírito, podemos perceber que Ele está "três vezes mais circunscrito [apoiado]. Seu testemunho é o testemunho do Pai para o Filho através dos discípulos".[115]

Barclay sugere a partir desta passagem (15.26-27) três aspectos do testemunho cristão: 1. Vem a partir de uma longa comunhão e intimidade com Cristo (27); 2. Vem de uma convicção interior (26); 3. Profere um testemunho exterior (27).[116]

c. As Perseguições São Prometidas (16.1-4*a*). A frase freqüentemente repetida, **Tenho-vos dito essas coisas** (1; 14.25; 15.11; 16.4,6,25,33), abre outra vez o tema das futuras perseguições. A razão para o aviso antecipado concedido aos discípulos é: **para que vos não escandalizeis.** A palavra traduzida como escandalizeis é *skandalisthete*, que significa "*fazer com que seja pego ou caia*, i.e., *fazer pecar* (o pecado pode consistir em uma quebra da lei moral, uma descrença ou a aceitação de falsos ensinos). A forma passiva pode também significar *deixar que alguém seja levado a pecar, cair*".[117] A tradução da NASB apresenta: "que você seja impedido de tropeçar". Westcott diz que se trata da "imagem de tropeçar em algum obstáculo no caminho" (cf. 9.22,34; Mt 15.12; Mc 4.17; 14.27,29; Lc 7.23; 1 Jo 2.10).[118] O aviso de perseguição (cf. Mt 5.11-12) era também uma advertência apropriada e necessária. Embora muito seja dito sobre a perseverança e o heroísmo dos primeiros cristãos, há evidências de que alguns caíram sob a pressão da perseguição. Plínio, o governador da Bitínia, examinou o povo para determinar se eles eram ou não cristãos. Ele escreveu para Trajano dizendo que alguns admitiram "ter sido cristãos, mas que o haviam deixado de ser há muitos anos, alguns há cerca de vinte anos".[119]

Jesus foi específico e profético em sua declaração sobre o que aconteceria. **Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus** (2). Sem dúvida, "eles" se referem aos judeus, e toda a declaração faz alusão "ao ódio assassino dos judeus".[120] A expulsão da sinagoga era temida por todo judeu devoto (9.22), e aqueles que confessavam a Cristo eram expulsos (9.34). Há um Midrash sobre Números 25.13 que declara: "Todo homem que derramar o sangue do ímpio será como alguém que oferece um sacrifício".[121] Pensava-se que a perseguição aos cristãos mesmo até a morte era um serviço, a oferta de um sacrifício, a Deus (cf. At 26.9-11). A razão para esta ação racionalizada e imoral da parte dos judeus já havia sido explicada pelo Senhor Jesus: **não conheceram ao Pai nem a**

mim (3; 15.21; cf. Lc 19.44). Dificilmente há uma desculpa por eles não o conhecerem, pois os judeus, de todos os povos, "*deveriam* conhecê-lo" (cf. Rm 9.4-5).[122]

Jesus teve um propósito especial ao revelar aos seus discípulos a futura perseguição. Aquele que conhece as dificuldades de antemão pode também preparar-se de antemão. **Mas tenho-vos dito isso, a fim de que, quando chegar aquela hora** [lit., "a hora deles"], **vos lembreis de que já vo-lo tinha dito** (4). "A frase 'chegar aquela hora', usada em outras passagens como uma referência à hora da crucificação (12.23; 13.1; 16.32), está aqui estendida para incluir a hora da correspondente humilhação dos discípulos... Ele prediz a perseguição que eles sofrerão a fim de que a lembrança das suas palavras possa lhes proporcionar uma proteção adicional".[123]

d. O Paracleto Prometido (16.4*b*-11). As advertências sobre as futuras perseguições e a promessa do Espírito Santo não foram concedidas aos discípulos no princípio porque Jesus estava com eles (4). Agora há motivos suficientes. **Vou para aquele que me enviou** (5). A ida de Jesus para o Pai é um tema que ocorre com freqüência nos últimos discursos (14.12; 16.10,17,28). Anteriormente, os discípulos haviam perguntado: "Para onde vais?" (13.36; 14.5). Agora, no entanto, Jesus diz: **e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?** Sobre esta falta de entendimento espiritual ou até mesmo curiosidade salutar, Strachan diz: "O mundo espiritual em que Jesus estava prestes a entrar era, contudo, irreal e incerto para os discípulos". Desse modo, aplicando isto à cena contemporânea, ele continua: "O interesse exclusivo, hoje, no Jesus histórico, como distinto do Senhor ressurrecto e assunto, ainda exemplifica esta recusa a fazer a pergunta que Ele desejava que os seus discípulos fizessem: *Para onde vais?*"[124]

Foi inevitável que, na reiteração de Jesus de sua breve partida, a tristeza[125] enchesse os corações dos discípulos (6). **Todavia**, apesar da tristeza, **digo-vos a verdade** (7; cf. Rm 9.1; 1 Tm 2.7). Ele é a Verdade (14.6) e o que Ele diz é verdade (1.17; 8.40, 45-46). A verdade é: **que vos convém** ["é para a vossa vantagem", Weymouth] **que eu vá** (7). Quais são exatamente as vantagens? Há pelo menos quatro.

Aqui vemos "A Maravilha do Espírito que Habita dentro de Nós". 1. Na pessoa de Jesus o Espírito estava *com* os discípulos. Agora, o Espírito estará *dentro* deles (14.17); íntimo, precioso, pessoal, Ele é o próprio sopro da vida espiritual. 2. A encarnação, por sua própria natureza, estava sujeita aos limites do espaço, do tempo e da morte (Fp 2.6-8). Mas a vinda do Espírito saltaria as fronteiras da Palestina e os limites dos 33 anos e meio do calendário. Através da vitória de Cristo (16.33; 1 Co 15.57), a morte não teria domínio sobre o Espírito universal e eternamente presente. Westcott comenta: "A retirada de sua Presença corporeamente limitada preparou de modo necessário o caminho para o reconhecimento de uma Presença universal".[126] 3. Há aqueles que dizem: "Teria sido maravilhoso estar com Jesus naquela ocasião, *i.e.*, quando Ele estava na terra". Bernard diz: "Há uma educação melhor no discipulado do que aquela que pode ser fornecida por um Mestre visível... O discípulo mais corajoso e mais perfeito é aquele que pode andar pela fé, e não somente por vista" (cf. 20.29).[127] 4. A familiaridade e o conhecimento ainda melhores acerca de Jesus e de suas palavras são garantidos através da vinda do Espírito. A ausência do Filho seria preenchida, porém, ainda mais importante, a sua presença se tornaria completa e significativa.

A vinda do Paracleto[128] depende da partida de Jesus. Assim, há a premissa: **se eu for, enviar-vo-lo-ei** (7). "Jesus será capaz de fazer todas as coisas, pois Ele mesmo estará agora vivendo no Espírito na presença do Pai, que é a fonte da missão do Espírito" (15.26).[129]

A obra do Espírito Santo, **quando ele vier** (lit., "aquele, ao vir", 8), é cuidadosamente exposta para que os discípulos a entendam. Ele convencerá ("condenará", ASV; "trará convicção", Weymouth; "convencerá", Phillips; "repreenderá", Tyndale). Nesta variedade de traduções, fica evidente que a palavra grega *elegxei* possui dois significados básicos: "convencer", no sentido de *provar* ou *demonstrar*, e "condenar", no sentido de *reprovar, corrigir* ou *castigar*.[130] "A palavra é quase equivalente à palavra "expor", que tem precisamente o mesmo duplo sentido: *exibir para a apreciação pública, explicar, desmascarar, mostrar, expressar reprovação*".[131]

Já vimos como a obra do Espírito é o seu testemunho do Filho (15.26) — sua função de ensinar e lembrar as palavras e ensinos de Jesus (14.26) — e a força interior constante e permanente que Ele é para o crente (14.16-17).[132] Mas neste papel Ele alcança o lado exterior do círculo de crentes até **o mundo** (8). No entanto, observe que Ele alcança o mundo *somente quando vem aos crentes*. É operando através dos crentes que o Espírito está convencendo e condenando aqueles que não crêem, aqueles que estão em rebelião contra Deus. Ele os convence do pecado, da justiça, e do juízo.

Ele convence **do pecado, porque não crêem em Jesus** (9). Em seus ensinos, Jesus deixou claro que a recusa a crer nele é equivalente a morrer em pecado (8.24). Assim, o Espírito mostra o que o pecado é em sua essência. Ele é "o egoísmo que se coloca longe de Deus e, portanto, contra Ele. Não é definido por nenhuma regra limitada, mas expressa um espírito geral. Crer em Deus é adotar o princípio da auto-entrega a Deus. Não crer em Deus é romper com o aspecto legal de dever e serviço que envolve um completo mal-entendido da essência do pecado".[133] Bernard comenta: "Ele é a pedra de toque do caráter moral para discernir Deus em Cristo" (cf. 3.18,36; 20.30-31; At 2.36-37; 1 Jo 5.10).[134]

Ele convence da justiça, **porque vou para meu Pai, e não me vereis mais** (10). A palavra grega para "justiça", *dikaiosune*, só aparece aqui em João. É a qualidade do caráter moral que foi perfeitamente exibido em cada motivo e ato de Jesus, e que estava sempre de acordo com a vontade do Pai. "Jesus é o *Justo* (1 Jo 2.1), nenhum pecado pode ser encontrado nele (8.46; 14.30)".[135] Além disso, por causa da natureza e da vida sem pecado de Jesus, resta somente ao Espírito demonstrar e convencer os homens de que é possível viver uma vida justa neste mundo. "Esta revelação uma vez dada foi terminada... Foi estabelecido, para todas as épocas, que através dela a estimativa de justiça de todos os homens poderia ser tentada".[136]

Ele convence do juízo, **porque já o príncipe deste mundo está julgado** (11).[137] Estas palavras descrevem sucintamente a luta cósmica entre o bem e o mal, Deus e Satanás, ao passo que dão a certeza do triunfo final de Deus e do bem. O príncipe deste mundo é a personificação do mal (8.44; 13.27; 1 Co 2.8; 1 Jo 3.12). Seu destino está selado, pois o juízo já foi decretado (cf. 3.18; 12.31; 16.33; Ef 2.2-10; 1 Jo 2.13-14). "O Diabo está lutando uma batalha perdida".[138]

Nesta seção, vemos "O Dom do Espírito Santo". 1. Ele é dado especialmente aos crentes que não podem ter a presença física de Jesus (4). 2. Sua vinda significa, para o cristão, mais do que ter conhecido Jesus na carne (5-7). 3. **Quando Ele vier** aos cristãos, Deus poderá ter a sua obra completa neste mundo (8-11).

e. "O Espírito da Verdade" (16.12-15). Jesus aproximava-se do final de suas conversas com os discípulos. Mesmo assim, Ele disse: **Ainda tenho muito que vos dizer** (12), indicando as inesgotáveis riquezas de sua sabedoria e verdade para os homens. Ao mesmo tempo, Ele colocava um alicerce para a obra do **Espírito da verdade** (13) que viria. Além disso, havia o fato da incapacidade dos discípulos de compreenderem a verdade espiritual, ou de a "suportarem" ainda que a entendessem (13.33,36-37; 14.17; 15.4-5). Mas há um que vem para guiar os discípulos. **Mas**[139] **quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade**. A palavra grega para "guiará" é *hodegesei* e significa literalmente "conduzir ou guiar ao longo de um caminho". Assim, "Jesus é o Caminho em que os discípulos devem ser conduzidos pelo Espírito, e Ele também é a Verdade para a qual eles devem ser guiados"(cf. Nm 24.8; Dt 1.33; Sl 25.5,9; 143.10; Is 63.14).[140] A expressão **toda a verdade** não faz alusão "a uma nova verdade adicional, mas... à verdade completa a respeito do que foi apresentado de forma concreta e concisa pelo Filho de Deus".[141] Fica também bastante claro, a partir do contexto, que a frase **toda a verdade** não deve ser interpretada para significar primeiramente as descobertas dos fatos científicos, ou ainda o conhecimento rapidamente expandido das obras de Deus na natureza, embora estes não devam ser excluídos (considere o testemunho do cientista negro, Dr. George Washington Carver, que simplesmente convidava Deus para ir com ele até o seu laboratório de pesquisa todas as manhãs). A direção do Espírito está, entretanto, primeiramente relacionada com a obra, o ensino, a morte e a ressurreição de Jesus. Ele **não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará [...] Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar** (13-15). Hoskyns comenta: "O poder do Espírito não consiste em revelações secretas e místicas, mas na pregação externa do evangelho, que faz com que os homens se afastem do mundo com repugnância e liguem-se à Igreja".[142]

Nos versículos 12-15, vemos "A Direção do Espírito". 1. O Espírito Santo é concedido aos seguidores de Cristo como um Guia espiritual (13). 2. Suas revelações vêm quando estamos prontos para elas, dia a dia, ao invés de virem de uma só vez (12). 3. Não há reino da verdade fechado à possibilidade da direção do Espírito (13). 4. Sua direção sempre está em harmonia com os ensinos de Jesus (14-15). 5. Seguir a liderança do Espírito Santo sempre resulta em honra e glória refletidas sobre o nosso Senhor e Salvador (14).

f. A Tristeza Transformada em Alegria (16.16-24). Em uma linguagem repetitiva e pouco velada, Jesus falou aos discípulos sobre a sua morte e ressurreição. **Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis, porquanto vou para o Pai** (16). A frase **e ver-me-eis** deve referir-se às aparições pós-ressurreição de Jesus aos discípulos, mas foi provavelmente aplicável ao Pentecostes, como também à Parousia.[143] A expressão **um pouco** sem dúvida alguma expressa a proximidade da Paixão e da Ressurreição (cf. 7.33; 13.33; 14.19). Pela primeira vez desde a colocação de Filipe em 14.8, há uma pergunta entre os discípulos a respeito do significado da declaração de Jesus (17). Mesmo não falando abertamente, disseram: **Que quer dizer isto: um pouco? Não sabemos o que diz** (18). Mas Jesus conhecia os seus homens (2.25) e o desejo que tinham de o **interrogar** (19). Pela quarta vez em 16-19, a declaração inicial de Jesus é dada — **um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis** (19). Em três delas, aparece o verbo "ver". Nestes três casos, o primeiro "ver" no grego é

theoreite e o segundo é *opsesthe*. O primeiro tem uma grande variedade de significados, mas é usado principalmente no sentido de *observar, perceber, olhar com os olhos físicos*,[144] enquanto o segundo é usado por João como "a visão das realidades espirituais".[145] Assim, muito habilmente — pelo uso de palavras similares, contudo diferentes — ali é mostrado o movimento do Senhor, da encarnação até a ressurreição e glorificação. Isto também proporciona a base para a mudança da tristeza para a alegria.

Sabendo completamente o que aconteceria nas poucas horas seguintes, Jesus disse aos discípulos: **Na verdade, na verdade vos digo que vós chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará** (20). Os inimigos de Cristo estariam certos de que tinham vencido a batalha e se ocupariam em celebrar (por pouco tempo), enquanto os discípulos, certos de que tudo estava perdido, se ocupariam dos "prantos e lamentações sonoros habituais no oriente após uma morte".[146]

Para ilustrar o ponto de que há "beleza nas cinzas", alegria na tristeza para o verdadeiro discípulo, Jesus usou a figura de uma mulher dando à luz uma criança. **A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora; mas, depois de ter dado à luz a criança, já se não lembra da aflição, pelo prazer de haver nascido um homem** [*anthropos*, "ser humano"] **no mundo** (21).[147] Da mesma forma que é chegada a hora da mulher, assim é a hora de Jesus (12.23; 13.1). A questão de ambos é a nova vida. A dele é a vida da ressurreição, que trará alegria aos discípulos: **mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria, ninguém vo-la tirará** (22). "A alegria deles será estável... Eles terão inimigos, mas... seus inimigos não prevalecerão".[148]

Naquele dia, quando a alegria plena e permanente chegar aos discípulos, substituindo a sua tristeza, eles não perguntarão nada a Jesus ("não me farão nenhuma pergunta", NASB, 23; cf. vv. 17-19). A pergunta deles tomará outra forma: **tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar**. Muitos tradutores e alguns comentadores (Westcott, Macgregor) posicionam a frase **em meu nome** no final da sentença, onde o grego a coloca. Assim, "não só a oração é oferecida em nome de Cristo (24; 15.16), mas também a resposta é dada em seu nome".[149]

De uma maneira inigualável, a nova administração da oração que pertence à vida cheia do Espírito (23-24; 14.13-14; 15.7) é a base para uma **alegria** que é completa (24). Esta é a oração que deve ser feita ao **Pai** (23) e pedida **em nome** de Jesus (24; cf. 14.13-14, 26; 15.16; 16.26).[150]

g. Vitória Assegurada (16.25-33). Pela sexta vez nos últimos discursos, a frase **Disse-vos isso** (25) é usada. Certamente algumas das palavras de Jesus foram proferidas por parábolas (figuras) — por exemplo, a videira (15.1-17) e a tristeza das dores de parto transformadas em alegria (16.16-24).[151] Mas chegaria o tempo (cf. v. 23, **naquele dia**) em que, em vez de parábolas, Ele abertamente falaria acerca do Pai (25). A palavra "falar" é *apanggelo*, no grego, e "marca a origem em vez do destino da mensagem".[152] A palavra "abertamente" é *parresia*, que significa "*sinceridade, franqueza, clareza* de discurso, que nada esconde e nada omite".[153]

Quando o crente ora em nome de Jesus, ele não deve fazê-lo com a idéia de que o Filho é o Intercessor que tem de rogar em favor do homem e aplacar a ira do Pai: **não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai** (26). A palavra grega para "rogar" é *erotao*; "Ela

expressa um pedido feito com base na comunhão, e é usada no evangelho somente com relação às petições do Senhor".[154] Há razão suficiente para a declaração de Jesus: **pois o mesmo Pai vos ama** (27). Observe a palavra enfática "mesmo". Não deve haver nenhum erro quanto ao amor do Pai por seus filhos. A razão para a certeza deste amor é: **vós me amastes e credes que saí de Deus**. "Ter crido nesta bênção é ter aceitado a mensagem central do evangelho".[155]

Em quatro frases compactas, Jesus entregou aos discípulos a sua "biografia" completa. **Saí do Pai** — sua preexistência; **vim ao mundo** — sua encarnação; **deixo o mundo** (lit., "estou partindo") — sua morte; **vou para o Pai** (lit., "estou indo") — sua ascensão (28). Aqui, os discípulos estavam persuadidos de que o discurso claro substituíra a parábola (29), e afirmaram a sua certeza de que Jesus sabia tudo (30; cf. 2.25), a ponto de "não ser mais necessária nenhuma pergunta" (30, Phillips).[156] **Por isso** (cf. 1 Jo 2.3,5; 3.16,19,24; 4.9-10,13,17; 5.2) **cremos que saíste de Deus.** (30)

As observações finais nos discursos são simultaneamente um exame da fé dos discípulos e uma predição asseguradora da vitória certa sobre as forças do mal. O próprio Senhor Jesus respondeu a sua pergunta, dirigindo-se aos discípulos: **Credes, agora?** (31) Eles tinham afirmado a sua crença, mas ainda havia tempos de provação pela frente. Na melhor hipótese, a sua fé era instável. Jesus lhes disse que se aproximava a hora (32; cf. 12.23; 13.1) em que eles seriam dispersos, cada um para sua casa, e o deixariam só. Contudo, apesar de sua fé vacilante e de seu próprio senso de serem deixados sozinhos, o Senhor assegurou-os da firmeza do Pai: Ele **está comigo** (32) — e também lhes prometeu a paz (33).[157] Para estes discípulos inseguros e instáveis, viria uma nova paz que estaria em grande contraste com as aflições... **no mundo** (33). Esta paz viria de um conhecimento claro dos fatos que se lhes tornaram conhecidos através do Senhor Jesus, e de uma fé firme nele. Assim, Ele pôde lhes dizer, quando o seu ministério público parecia ter fracassado:[158] **eu venci o mundo** (33). O verbo grego para "venci" é *nenikeka*, no tempo verbal perfeito, e indica um estado presente que é o resultado de uma ação passada. A vitória final está garantida! O pronome "eu" é um *ego* enfático, e aqui mostra que é a própria vitória pessoal de Jesus sobre o mundo — descrença, rebelião, pecado, morte — a base para a garantia da vitória final. Portanto, **tende bom ânimo**.

Seção V

A ORAÇÃO DO SENHOR

João 17.1-26

Esta é a mais longa, e talvez a mais importante, das orações de Jesus que foram registradas. Enfrentando **a hora** (1; cf. 12.23; 13.1), era natural que Ele orasse, como sempre fazia, ao ser confrontado com uma grande prova ou crise (Mc 1.35; 6.46; Lc 3.21; 5.16; 6.12; 9.18,28; 11.1; Jo 11.41; cf. Mt 11.25-27). Não se conhece o local exato onde esta oração foi proferida, mas talvez tenha sido em algum lugar entre o cenáculo (14.31) e o ribeiro de Cedrom (18.1; ver o mapa 2).

A oração reflete a vitória que Ele já tinha reivindicado (16.33), "Uma vitória que ainda seria vencida, no campo da história, nos acontecimentos dos capítulos 18 a 20, mas já alcançada na esfera da vontade e do espírito".[1] Toda a oração está recheada de idéias que já apareceram em 13.31—16.33. "O ensino é coroado pela oração".[2]

Os diferentes títulos dados a esta oração são de interesse. A maioria chama-a de "A Elevada Oração Sacerdotal". Westcott a chama de "A oração da Consagração".[3]

A oração tem três temas principais: 1. Jesus ora por si mesmo (1-8); 2. Jesus ora pelos seus discípulos (9.19); 3. Jesus ora pelos futuros crentes (20-26).[4]

A. Jesus Ora por Si Mesmo, 17.1-8

Essas coisas (1) seriam as palavras do capítulo 16. A expressão representa uma breve transição do que a antecede. **Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pai**. Aqui estão a facilidade de acesso, uma relação confiante e um hábito de vida (11.41; cf.

Mc 6.41; 7.34; At 7.55; contraste com Lc 18.13). Por toda a oração se repete esta maneira de dirigir-se ao Pai (5,11,21,24-25). Os títulos adicionais "Pai santo" (11) e "Pai justo" (25) assinalam "o rumo da oração, da morte de Cristo até à glorificação da igreja".[5] **É chegada a hora** de que esta obra se realize (cf. 12.23,27; 13.1; 16.32; Mc 14.41; também cf. "não é chegada", 2.4; 7.6,8,30; 8.20).

Do ponto de vista da Divindade, todo o propósito da **hora** está resumido nas palavras de Jesus, **glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti**. Hoskyns comenta: "A glorificação do Filho não deve ser interpretada como a recompensa da virtude. A glorificação do Filho é para a glorificação do Pai, e a glorificação do Pai é a salvação dos homens" (7.39; 8.54; 9.3; 11.4; 12.16,23,28; 13.31-32; 14.13; 15.8; 16.14; Fp 2.11).[6] Bernard ressalta que esta oração — **glorifica a teu Filho** — é mais do que uma súplica por apoio ou ajuda na provação da morte. É mais como "um mártir oraria para que tais medidas de graça fossem concedidas no dia do julgamento, para que todos os que compreenderem a sua coragem e fé possam reconhecer que Ele foi honrado por Deus".[7]

A glorificação do Pai e do Filho é possível porque o Pai lhe deu **poder** [*exousia*, lit., "autoridade"] **sobre toda a carne.**[8] "A *autoridade* é dada para que Cristo possa libertar os homens do pecado"[9] e dar-lhes a **vida eterna**. A frase **a todos quantos lhe deste** é introduzida por um pronome neutro no original, e literalmente significa "tudo o que lhe deste". No contraste entre *toda a carne* e *tudo o que lhe deste* está expressa a inevitável tragédia da misericórdia de Deus; ela é oferecida a todos, mas recebida por poucos".[10]

O que é esta *vida eterna* (2-3) que Ele dá? É para **que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste** (3). O verbo **conhecer** (*ginosko*) significa conhecer pessoalmente, com a experiência. É um verbo no presente, e assim reflete o conhecimento continuado e crescente. É o conhecimento do **único Deus verdadeiro** "em contraste com os deuses irreais do mundo pagão".[11] O título **Jesus Cristo**, com o nome humano e também o divino, aparece neste Evangelho somente aqui e em 1.17. O fato de que Jesus se designasse assim em uma oração ao Pai pareceu estranho para alguns. No entanto, a expressão é apropriada para aquele que foi enviado pelo **único Deus verdadeiro**.

Do ponto de vista de Jesus, quando Ele olha para os anos passados da sua curta permanência na terra (1.14), há quatro coisas específicas e evidentes que Ele realizou e que o haviam trazido até **a hora**. 1. **Eu glorifiquei-te na terra** (4). Ele teve uma **glória** com o Pai **antes que o mundo existisse** e Ele antevia que isto seria restaurado. **Glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo** (5; cf. 24). Colocado em linguagem moderna, Ele estava dizendo que, a partir da perspectiva divina, a Encarnação era um celebrado sucesso. 2. **Tendo consumado a obra que me deste a fazer** (4). O verbo grego para **consumar** é *teleiosas*, que significa "*completar, trazer ao final, terminar, realizar... trazer ao objetivo ou à realização*, no sentido de superação ou suplantação de um estado imperfeito de coisas por alguém que está livre de objeções".[12] A **obra** é a redenção do homem, e está **consumada** da maneira mais perfeita (cf. 19.30). Não se pode deixar de exclamar "Aleluia, está consumado!" 3. **Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste** (6). A palavra grega para **manifestar** é *ephanerosa*, que significa "tornar conhecido pelas palavras transmitidas... embora aqui o ensino seja acompanhado por uma revelação que vem da obra".[13] Na adoração judaica, era proibido pronunciar

o nome de Jeová (Yahweh). Mas agora o nome **Pai** tornou-se conhecido e os homens "já não precisam ter medo de pronunciar o nome sagrado".[14] 4. **Eu lhes dei as palavras que me deste** (8). Ele, a eterna Palavra viva, deu aos homens as palavras que eles **receberam**. Disto vem o conhecimento — eles **têm conhecido** a verdadeira natureza [de Jesus]; **saí de ti** — e a fé — **e creram** na sua missão; **que me enviaste** (8; cf. 18,21,23,25). Strachan comenta: "Os discípulos foram capazes, ouvindo as 'palavras' de Jesus, de manter a Palavra de Deus (6). 'Manter' quer dizer mais do que obedecer. Quer dizer proteger e comunicar ao mundo a revelação que Deus confiou a sua Igreja".[15]

B. Jesus Ora pelos seus Discípulos, 17.9-19

Embora os discípulos tenham sido mencionados na oração (6-8), somente agora o pedido é *por eles*. **Eu rogo por eles** (9). O próprio Jesus está na função de Advogado (1 Jo 2.1). Duas grandes forças se unem pelos homens, **Eu**, o Requerente, e o **Pai**, a quem se pede. Com esse tipo de ajuda, um discípulo nunca fracassará (cf. 10.28; Jd 24).

Quem são esses discípulos em cujo nome tão fervorosa intercessão é feita? Eles são os onze (cf. v. 20). Eles pertencem ao Pai — eles **são teus** — e foram dados ao Filho. Assim pertencem a ambos, em uma propriedade mútua: **todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas** (10). Eles **estão no mundo** (11) mas **não são do mundo** (14). É por eles que Ele roga.[16]

O que é que Ele pede[17] por eles? Três coisas.

1. Guardá-los. **Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste** (11). A tradução da KJV baseia-se em um texto sem grandes documentações, e a versão RSV deve ser preferida. Comentando sobre o significado, Bernard diz: "Em Cristo, Deus foi revelado com o amor e proteção providenciais; o seu 'Nome', *i.e.*, a sua natureza essencial como Pai, foi exibido no Filho Encarnado. Assim, 'o Nome' do Pai foi 'dado' a Cristo e esta é outra forma de expressar a unidade essencial entre o Pai e o Filho".[18] A súplica é feita ao nosso **Pai santo**, e é pelo seu **nome** que os discípulos serão guardados (protegidos). Hoskyns afirma com grande clareza: "A santidade de Deus assinala a sua separação da descrença e da maldade do mundo, que está sob o poder do Diabo (1 Jo 5.19). É precisamente esta santidade que marca os verdadeiros discípulos de Jesus, que estão no mundo, mas que não são do mundo, e que provê a base para a sua unidade".[19]

Há um momento de trágica reminiscência na oração. É sobre Judas. Todos os discípulos foram **guardados, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição** (12). As palavras gregas para **perdeu** e **perdição** são cognatas e referem-se a "perecer de forma final". Em Marcos 14.4, a mesma palavra é usada para "desperdício". "Possivelmente, este incidente estava sendo recordado quando Judas foi chamado de 'filho da perdição', o homem que realmente desperdiçou o que era precioso".[20] Assim, não é de admirar que Jesus tenha orado: **Que os livres do mal** ("do maligno", 15; cf. Mt 6.13). Para estarem protegidos do "maligno", eles não devem ser tirados **do mundo**, apesar de que **o mundo os odiou** (14). **Para que a Escritura se cumprisse** provavelmente é uma referência a Salmos 41.9-10.

2. **Que tenham a minha alegria completa em si mesmos** (13; cf. 15.11; 16.20-22,24). A obra de Jesus pelos homens está terminada. Esta é a sua alegria; e agora o que

falta é somente que esta obra tenha resultado sobre os discípulos — *i.e.*, que sejam guardados, protegidos (11,15), santificados (17-18) e unidos pelo laço do amor (22,26).

3. **Santifica-os na verdade** (17). O verbo grego *hagiazo*, aqui um imperativo aoristo, significa "consagrar, dedicar, santificar, tratar como sagrado, reverenciar, purificar".[21] O seu adjetivo cognato é *hagios*, que significa "santo". A forma substantiva plural *hoi hagioi* é "os santos". O fato de que o verbo seja um imperativo aoristo indica claramente que a santificação dos discípulos seria uma experiência de crise. "Não é possível que signifique um processo incompleto, mas um ato definitivo de santificação".[22]

Qual é a natureza da santificação que Jesus pede ao Pai para os discípulos? (*a*) É claro que isto só poderia se dar pelo poder de Deus. O próprio fato de que o pedido foi feito ao Pai, e não foi uma ordem para os discípulos, evidencia isto. O homem não pode santificar-se a si mesmo. Ele não é capaz, nem adequado. (*b*) Ela acontece **na verdade** (17,19). Assim, uma pessoa é "verdadeiramente santificada".[23] Westcott destaca: "A verdade pela qual eles são odiados e pela qual eles são fortalecidos (v. 14) é o poder pelo qual são transformados".[24] Bernard diz: "A verdade deveria ser o meio da sua consagração como... o 'Espírito da Verdade' deveria ser o Agente (cf. 16.13).[25] Isto também se torna efetivo por meio da autoconsagração de Jesus. Ninguém mais poderia ter dito **E por eles me santifico a mim mesmo** (19). Ele se dedicou, consagrou-se à morte, um Sacrifício voluntário (10.18), para tornar possível a purificação, a consagração e a santificação dos crentes (cf. Hb 13.12). Strachan comenta: "Jesus é ao mesmo tempo o sacerdote e a vítima. Portanto, o seu sacrifício é um sacrifício voluntário. Ao 'santificar' a si mesmo, Jesus consagra a si mesmo a Deus, para morrer".[26] (*c*) É a preparação para a saída dos crentes ao mundo. **Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo** (18).

A ordem de Jesus foi para que eles, em primeiro lugar, permanecessem (Lc 24.49) e depois saíssem e fossem testemunhas (At 1.8). É também uma preparação para "viver" as implicações éticas da santidade cristã. Uma pessoa deve estar pura para servir (13.14).[27] "Como a consagração Divina necessariamente precisa envolver a santidade moral pessoal, Ele ora para que eles não sejam contaminados pelo mundo, e para que possam ser preservados do poder do maligno".[28] Algumas vezes, existe uma tendência de enfatizar a experiência interna da santificação para negligenciar ou excluir as suas necessárias implicações morais. Fazer isto é ser falso quanto ao ensino das palavras de Jesus: **Para que também eles sejam santificados na verdade** (19).[29] Segundo Bernard, o verbo "conota não tanto a seleção de um homem para uma obra importante quanto a sua capacitação e adequação para o cumprimento da sua tarefa".[30]

C. Jesus Ora pelos Futuros Crentes, 17.20-26

Quando Jesus orou **não somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim**, Ele mostrou que "a sua obra se cumpre em círculos de influência cada vez maiores".[31] É *a partir* do Pai e do Filho, *por meio* do Espírito *nos* discípulos *pelo* mundo que a *sua* obra prosseguirá. Para isto, deve haver uma unidade **para que todos sejam um** — o **Pai**, o Filho e **eles** (os discípulos, 21). Os discípulos são

trazidos à unidade com o Pai e o Filho como resultado da sua santificação, pela qual Jesus orou aqui. O propósito desta unidade é, diz Jesus, **para que o mundo creia que tu me enviaste** (21).

Quais são as características desta unidade pela qual Jesus orou? 1. É evidente que ela se baseia no objetivo definitivo pelo qual Cristo foi enviado ao mundo, e pelo qual deu a sua vida — a redenção do homem, que é a glorificação do Pai e do Filho. **E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um** (22).[32] Em um sentido muito real, aqueles que são lavados pelo sangue são um só, feitos assim por aquele que é o sacrifício perfeito (Hb 10.12-14). 2. É uma unidade que resulta na perfeição. **Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade** (23). O verbo grego no particípio perfeito passivo *teteleiomenoi*, traduzido como **perfeitos**, é uma forma da mesma palavra traduzida como "consumado" no versículo 4 (ver o comentário, v. 4; cf. Fp 3.12, 15; 1 Jo 2.5; 4.12, 17-18). O particípio perfeito aqui retrata uma perfeição realizada em termos de um objetivo ou propósito definido. Strachan diz que o valor desta unidade "é proporcional à presença do Espírito e à influência com que Ele se apossa dos corações dos homens. *Eu neles e tu em mim*. A base desta unidade é religiosa. Mesmo sendo chamada de união "ecumênica", a igreja do mundo permanece imperfeita, sem uma unidade na nossa doutrina de Deus e da salvação, e uma unidade de objetivo na nossa missão. O tamanho e a extensão da igreja por si só não impressionam o mundo. Esta unidade interior expressa em uma missão e em uma mensagem comuns irá, por si só, impressionar o mundo".[33] 3. Esta unidade deve ser uma demonstração do amor *agape*, para **que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim** (23). 4. É uma unidade cheia de esperança — esperança pelo futuro, esperança para o homem, esperança pela promessa de que em alguma ocasião, de alguma maneira, **aqueles que me deste... também eles estejam comigo** (24; cf. 7.34; 13.33,36; 14.3,5). **Pai**, isto **quero**,[34] foi a oração de Jesus (cf. Mt 8.3; 23.37; 26.36-39; 1 Ts 4.3). Bernard comenta: "Neste momento de exaltação espiritual, o clímax da sua consagração de si mesmo à morte, Ele percebe a perfeita coincidência da sua vontade com a do Pai, e assim Ele pode dizer *thelo* (quero)".[35]

O amor incomparável de Jesus pelos seus discípulos lhes foi repetidamente declarado em obras e palavras. **Eu lhes fiz conhecer o teu nome** (26); só se sabe que será por uma cruz.

Seção VI

A PRISÃO E O JULGAMENTO

João 18.1—19.16

A. A Prisão, 18.1-14

1. No Jardim (18.1-11)

É chegada a hora (13.1; 17.1)! As conversas com os discípulos (13.31—16.33) e a oração ao Senhor por si mesmo, pelos seus discípulos e por todos os que algum dia seriam crentes (cap. 17) tinham terminado. **Tendo Jesus dito isso, saiu** (1). Aqueles que reorganizam o texto nos capítulos 14—16 (*e.g.*, Moffatt, Bernard) dizem que Ele foi ao cenáculo. No entanto, o texto como está sugere que Ele tinha deixado o cenáculo anteriormente (14.31). Então, é mais provável que Ele tenha saído da cidade de Jerusalém **para além do ribeiro de Cedrom.**[1] Esta observação é característica de João. O vale de Cedrom (cujo nome moderno é Wady Sitti Maryam) fica entre Jerusalém e o monte das Oliveiras (ver o mapa 2).

Do outro lado do ribeiro, havia **um horto, no qual ele entrou com os seus discípulos** (1). A palavra **no** indica que era uma área fechada. A menção ao **horto** (ou jardim) é importante. Foi o horto em que Ele foi preso; também foi o lugar da sua ressurreição, e "havia um horto naquele lugar onde fora crucificado" (19.41; cf. 20.15). "A Paixão e a Ressurreição que realizaram a salvação do mundo estão em contraste com a queda no Jardim do Éden".[2] Não há menção ao nome Getsêmani na narrativa de João. No entanto, a linguagem do versículo 11, **Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?**, é semelhante à oração de agonia no horto (Mt 26.38; Mc 14.36; Lc 22.42). Alguns comentaram que João propositadamente omitiu a oração da agonia por causa

da sua inclusão da exaltação espiritual no capítulo 17. Bernard destaca: "Os momentos de maior depressão e provação espirituais normalmente vêm logo após os sentimentos da maior exaltação espiritual".[3]

Um dos primeiros inimigos da fé cristã, Celso, disse que Jesus foi até o horto para esconder-se, e "foi preso enquanto tentava esconder-se e fugir do modo mais infeliz".[4] Mas esta é uma interpretação preconceituosa, pois **Judas, que o traía, também conhecia aquele lugar** (2). O particípio *paradidous*, traduzido como **traía**, está no presente, indicando uma ação que está acontecendo. Uma tradução literal seria "Judas, que está no meio do ato de traí-lo, conhecia o lugar". Parece que Jesus foi deliberadamente até um lugar que Judas conhecia. Ele estava se dando em um ato completamente voluntário (10.18), o que de nenhuma maneira deve ser interpretado como uma maquinação dos homens.

O grupo que veio para prender Jesus constituía-se de três elementos: **Judas**, o traidor, que tem um papel muito passivo no texto de João (cf. 5; Mt 26.49; Mc 14.44-45; Lc 22.47-48); **oficiais dos principais sacerdotes e fariseus** (as duas principais facções do Sinédrio); e um bando de homens (**coorte**) (3; a versão RSV diz que são soldados e sugere que Judas os tinha procurado). A palavra *speiran*, traduzida como **coorte**, é equivalente à palavra latina *cohors* (cf. NASB — "a coorte romana"), que se constituía de 600 ou 1.000 homens. Se fosse o último caso, haveria 240 cavaleiros e 760 homens a pé (cf. At 21.31). Toda a *speiran* era comandada por um *chiliarchos* (comandante ou **tribuno**, 12). Não se sabe ao certo se toda a *speiran* veio até o horto. De qualquer forma, foi um destacamento daquele grupo. Os **oficiais** eram "membros da polícia do Templo, que estavam sob as ordens do Sinérdio".[5] Todos esses vieram para prender Jesus. Hoskyns diz: "No relato de João, as forças das trevas, as autoridades romanas e judaicas e o discípulo apóstata estavam contra o Cristo desde o princípio".[6] Todos foram liderados por Judas, a personificação de Satanás.[7] Vindo para prender aquele que é a Luz do Mundo (1.9; 9.5), eles carregavam **lanternas** e **archotes** (ou tochas) (3). Os **archotes** eram *phanos* feitas de tiras de madeira, amarradas juntas, e as **lanternas** eram *lampas*, archotes normais. Eles também levavam armas (*hoplon*), que eram "espadas e porretes" (Lc 22.52).

Jesus não esperou que o bando de homens o procurasse. Como Ele sabia **todas as coisas que sobre ele haviam de vir** (cf. 13.1; 17.1)**, adiantou-se e disse-lhes: A quem buscais?** (4) Em resposta à pergunta, eles usaram o nome pelo qual Ele era mais conhecido — **Jesus, o Nazareno** (7), literalmente "Jesus de Nazaré" (cf. Mt 26.71; Mc 10.47; 14.67; 16.6; Lc 4.34; 18.37; 24.19; At 2.22). O nosso Senhor imediatamente identificou-se como aquele a quem eles procuravam. **Sou eu** (6; cf. 8.24,28; 13.19).[8] Westcott diz que esse **Sou eu** (*ego eimi*) somente revela "a pessoa procurada, e não a sua natureza".[9] Entretanto, Macgregor afirma que "Jesus é retratado como em completo comando da situação, e agora a falta de autoridade de todo o bando que o atacava, perante a sua divina majestade, fica ainda mais evidente".[10] Esta observação tem fundamento, pois João observa que, depois da afirmação de Jesus, **recuaram e caíram por terra** (6). Sobre isto, Hoskyns diz: "O instrumento do mal cai prostrado perante o verdadeiro comandante".[11] Westcott modifica ligeiramente a sua afirmação anterior quando explica o fato de cair **por terra** como "o efeito que a presença do Senhor, na sua serena majestade, teve sobre aqueles que vieram para prendê-lo".[12]

A mesma pergunta do versículo 4 é repetida a Jesus pelo grupo de homens, e houve a mesma resposta. Agora Jesus respondeu: **Já vos disse que sou eu; se, pois me buscais a mim, deixai ir estes** (8). É o mercenário que foge quando o lobo se aproxima, mas "o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas" (10.12; cf. 15.13). Jesus, que logo seria aprisionado e condenado como um criminoso comum, estava conduzindo as coisas que estavam relacionadas a si mesmo. O seu cuidado providencial pelos homens é possível pelo seu sacrifício eterno. João viu no apelo de Jesus pela segurança dos discípulos um cumprimento da frase: **Dos que me deste nenhum deles perdi** (9. cf; 6.39; 10.28; 17.12).

Sobre 6-9, Alexander Maclaren fala de "Cristo e os seus captores". 1. Uma manifestação momentânea notável da glória de nosso Senhor (6); 2. O voluntariado do sofrimento do nosso Senhor (7-8); 3. O cuidado sacrificial de Cristo por nós (8).

Deve ter sido por ordem de Jesus que os homens vieram para levá-lo. Quando o bando se aproximou, isto foi demais para Pedro, que tinha jurado defender e proteger Jesus, mesmo com risco da sua própria vida (13.37). Pedro tinha uma espada (Lc 22.38). Ele **desembainhou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita** (10).[13] Podemos ter certeza de que Pedro teria desejado algo mais do que uma orelha! **O nome do servo** ["escravo", NASB] **era Malco**. Estes detalhes, por exemplo, **orelha direita** e **Malco** — muito característicos da narrativa feita por João da prisão, do julgamento, da crucificação e do sepultamento — dão mais evidências de que o autor do quarto Evangelho foi uma testemunha ocular desses eventos.[14]

O que o Mestre disse a Pedro, **Mete a tua espada na bainha** (11), foi uma clara indicação da natureza da luta em que Jesus estava envolvido, e que Ele mesmo a deveria levar até o final (19.30; cf. Mt 26.52; Ef 6.12). Parece que o homem está sempre pronto para assumir algum meio externo de acertar diferenças profundas, esquecendo-se de que a verdadeira luta é interna, e que uma solução satisfatória só pode ser encontrada nas obras do Espírito. O homem, como Pedro, pergunta em tom de clamor: "Senhor, por que não sou capaz de seguir-te agora?" (13.37, tradução literal). Jesus disse a Pedro por que a espada não era a resposta: **Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?**[15] O ato de Jesus foi de "aceitação confiante".[16]

2. *Os Sumos Sacerdotes* (18.12-14)

Quando lemos o relato de João sobre a prisão, somos levados a sentir que, em cada etapa, Jesus está no pleno comando, mesmo que os servos do mal estejam envolvidos em realizar o seu trabalho. Assim foi que **a coorte, e o tribuno** [*chiliarchos*]**, e os servos dos judeus prenderam a Jesus, e o manietaram** (12). Provavelmente ataram[17] as suas mãos às suas costas. Agora, Ele estava à mercê deles, ou sujeito a sua falta de misericórdia, mas somente porque Ele assim o desejava.

De acordo com um plano idealizado anteriormente, eles **conduziram-no primeiramente a Anás** (13). Somente João menciona a aparição perante Anás (cf. Lc 3.2; At 4.6). Edersheim diz: "Nenhuma pessoa é mais conhecida na história judaica contemporânea do que Anás; nenhuma pessoa foi considerada mais afortunada ou com mais sucesso; mas também nenhuma foi mais execrada do que o último sumo sacerdote.[18] Ele foi afortunado porque, embora ele mesmo tenha sido sumo sacerdote somente de 6 a 15 d.C., tendo sido deposto por Valério Grato, foi sucedido pelos seus cinco filhos, pelo seu genro

Caifás José, e por um neto. Esse monopólio familiar não era facilmente sustentável. Havia subornos e corrupção em nome da religião, e tudo isto se destinava diretamente ao acúmulo de riquezas e à perpetuação no cargo. "Por meio da exploração dos adoradores, pelo comércio dos sacrifícios sagrados... Anás tinha acumulado uma fortuna".[19] Barclay cita um trecho do Talmude que reflete o ódio que até mesmo os judeus devem ter sentido por Anás e seus herdeiros: "Tristeza para a casa de Anás! Tristeza para o silvo da serpente! Eles são sumos sacerdotes; os seus filhos são os guardiões do tesouro; os seus genros são os guardiões do Templo; e os seus servos batem no povo com varas".[20]

Não é de admirar que Anás fosse "o líder real em toda a ação".[21] Os seus interesses adquiridos estavam sendo seriamente ameaçados por este homem que tinha expulsado do Templo os mercadores e os cambistas de Anás (Mt 21.12-17; Mc 11.15-19; Lc 19.45-48; Jo 2.13-17).

Caifás José, o genro de Anás, era o verdadeiro sumo sacerdote nessa época, indicado pelo procurador romano Valério Grato. Ele se manteve no posto durante dezoito anos (18 a 36 d.C.) e foi deposto por Vitélio.[22] Quando se diz que ele **era o sumo sacerdote daquele ano** (13), não se está fazendo referência ao seu mandato, mas sim àquele "ano funesto", o ano em que Cristo foi crucificado. Evidentemente, isto era importante, segundo o modo de pensar de João, pois ele escreveu que **Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus que convinha que um homem morresse pelo povo** (14; ver os comentários sobre 11.49-52).

B. O JULGAMENTO, 18.15—19.16

1. *A Primeira Negação de Pedro* (18.15-18)

Aparentemente, todos os discípulos fugiram (se "dispersaram", 16.32) depois da prisão de Jesus, exceto **Simão Pedro** e **outro discípulo** (15), que **seguiam a Jesus**. O **discípulo** cujo nome não é mencionado é descrito como **conhecido do sumo sacerdote**. Ele era suficientemente conhecido, pois pôde entrar **com Jesus na sala do sumo sacerdote** (ver o mapa 2).

Quem era este **outro discípulo**? Houve diversas conjeturas: Nicodemos, José de Arimatéia ou até mesmo Judas, com base no fato de que ele ficara conhecido quando auxiliou nos planos para a prisão de Jesus. No caso de Judas, é inimaginável que Pedro conversasse com ele (16) diante do que havia acabado de acontecer no horto, ou que João tivesse deixado de mencioná-lo pelo nome (cf. 6.70-71; 12.4; 14.22). A tradição, bem embasada, é de que o **outro discípulo** aqui era o discípulo amado, João, o filho de Zebedeu.[23]

Como João, um pescador da Galiléia, poderia ter tão íntimo relacionamento com o sumo sacerdote? A esse respeito, houve duas sugestões. Uma delas se baseia em uma tradição lendária, atribuída a uma afirmação de "Polícrato, um bispo de Éfeso no final do século II, de que 'João, o amado do Senhor, era um sacerdote que usava o *petalon*'. A palavra grega *petalon* é usada na Septuaginta em Êxodo 28.36, como uma referência à placa de ouro que se amarrava na frente da mitra do sumo sacerdote".[24] Se a lenda for verdadeira, ela explica o fácil acesso de João. A outra idéia é a de que o pai de João, Zebebeu, era um rico pescador que tinha um negócio próspero. Isto envolvia o comércio

do peixe salgado, que ele vendia para a casa do sumo sacerdote. Barclay fala sobre uma cafeteria árabe nas ruas de trás de Jerusalém que alguns franciscanos afirmam ter sido a filial em Jerusalém da empresa de peixe salgado de Zebedeu, "e esta é a razão por que João podia entrar na casa do sumo sacerdote".[25]

De qualquer forma, João estava dentro, enquanto **Pedro estava da parte de fora, à porta** (16). Como nos primeiros dias do discipulado (1.41), João **saiu... levando Pedro para dentro.** Havia uma **porteira** (empregada) ou uma encarregada da porta. Pedro precisava passar por ela. Quando ele o fez, ela disse: **Não és tu também dos discípulos deste homem?** (17) Estas palavras devem ter passado como uma flecha pelo coração de Pedro. Até agora ele tinha conservado as suas intenções boas e fortes (13.37). Nenhum outro sacou a espada, embora outro discípulo tivesse uma (Lc 22.38). Outros tinham fugido, mas Pedro **seguiu** (15). Deve ser dito, a favor de Pedro, que embora tenha fracassado, ele fracassou tentando com toda a sua força humana. É muito melhor tentar e falhar do que não tentar.

A resposta de Pedro à mulher: **Não sou** (17) pareceu satisfazer à mulher, mas abalou Pedro. Inseguro de si mesmo, incerto sobre onde estava e incapaz de ver o seu Senhor, ele moveu-se para ocultar a sua identidade entre **os servos e os criados**, que tinham feito brasas, e **se aquentavam**. **Com eles estava Pedro, aquentando-se também** (18).

2. *Perante Anás* (18.19-23)

Estes versículos só aparecem no texto de João. Os Sinóticos não fazem menção de uma audiência perante Anás. Mas não é difícil ver que **o sumo sacerdote** (19) Anás[26] "enquanto viveu, supostamente manteve uma posição patriarcal".[27] Pode ter acontecido que Caifás estivesse presente, mas não no comando. Além disso, como Jesus ameaçara seriamente o seu poder, a sua posição e o seu prestígio, "Anás queria ser o primeiro a tripudiar sobre a prisão, a derrota, e a frustração deste galileu perturbador".[28]

Esta audiência perante Anás não foi uma assembléia formal do Sinédrio. Não foram chamadas testemunhas. Parece ter sido uma tentativa de fazer com que Jesus se incriminasse. As perguntas feitas a Jesus foram acerca **dos seus discípulos e da sua doutrina** (19). A resposta de Jesus indicou que a sua obra e os seus ensinos não tinham sido secretos ou encobertos. **Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se ajuntam, e nada disse em oculto** (20; cf. 6.59; 7.4,12,14,26; 10.23; 11.54; 12.19). A expressão **na sinagoga** (*en synagoge*) se refere às ocasiões "em que o povo se reunia em assembléia solene".[29] A palavra **abertamente** (*parresia*) transmite a idéia de "*franqueza, simplicidade* de discurso, que não esconde nada e que não passa por cima de nada".[30] Aqui somos recordados das palavras de Sócrates: "Se alguém disser que já ouviu ou aprendeu alguma coisa em particular comigo, que todos os demais não podem ter ouvido, saibam que tal pessoa não fala a verdade".[31]

Como "era um princípio reconhecido da lei que a prova de um homem sobre si mesmo era suspeita",[32] Jesus devolveu a pergunta a Anás. **Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito** (21). Era um princípio fundamental da lei judaica que não se devia fazer perguntas ao prisioneiro sobre si mesmo, que, caso respondidas, pudes-

sem incriminá-lo. Barclay cita Maimonides, um estudioso medieval judeu: "A nossa verdadeira lei não inflige a penalidade da morte sobre um pecador com base na sua própria confissão".[33] A tentativa de Jesus de injetar algo parecido com justiça aos procedimentos ilegais de Anás encontraram uma rejeição imediata. **Um dos criados que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: Assim respondes ao sumo sacerdote?** (22) Este "uso de violência somente mostrou a fraqueza do criado".[34] O ato do criado é outra indicação de que não se tratava de uma reunião formal do Sinédrio. Tal ato não teria sido tolerado ali.

A resposta de Jesus ao golpe recebido foi um lembrete digno de que a justiça sempre deve estar em ordem. **Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, porque me feres?** (23) A palavra **ferir** (*dero*) quer dizer literalmente "bater, golpear". Westcott observa: "Os antigos comentaristas viam na censura calma uma verdadeira interpretação do preceito (Mt 5.39)".[35]

3. *Jesus É Enviado a Caifás* (18.24)

A única menção de Caifás em ligação com esse julgamento de Jesus é a de que **Anás mandou-o, manietado, ao sumo sacerdote Caifás** (24). O verbo grego para **mandar** é *apesteilen*, um tempo aoristo, não mais-que-perfeito; assim será melhor traduzido como **mandou**, como em várias versões. Mesmo que Caifás estivesse presente durante o processo informal perante Anás, era necessária a ação oficial do Sinédrio antes que o caso pudesse ser submetido ao procurador romano, para a decisão final. Caifás, sendo o sumo sacerdote oficial, presidiu aquela audiência (Mt 26.57; 27.2; Mc 14.53-65; 15.1; Lc 22.54, 63-71). "Nada é dito aqui sobre a audiência... que era somente uma formalidade, uma vez que já tinha sido tomada a decisão na reunião espúria na casa de Anás".[36] Westcott destaca que a reunião "se realizou para confirmar a decisão já tomada anteriormente, e assim satisfazer a forma da lei, que, contudo, foi desrespeitada pela imposição e execução da sentença no mesmo dia do julgamento".[37]

4. *A Segunda e a Terceira Negação de Pedro* (18.25-27)

O relato de João das negações de Pedro é interrompido pelo registro do acontecimento perante Anás. Alguns sugeriram que tanto Caifás quanto Anás viviam no mesmo lugar, *i.e.*, ocupavam diferentes apartamentos que estavam ao redor de um pátio comum, e que tudo era parte da residência do sumo sacerdote (ver o mapa 2). De qualquer modo, a cena de Pedro junto ao fogo continua no versículo 25. **Simão Pedro estava ali e aquentava-se**. Mesmo que Pedro tivesse esperança de ocultar a sua identidade infiltrando-se no meio dos "servos e... criados" (18), eles (evidentemente, mais de um) **disseram-lhe: Não és também tu um dos seus discípulos?** (25) A colocação das palavras no original indica que eles esperavam uma resposta negativa. Estava além da sua compreensão que qualquer homem pudesse ser tão tolo para identificar-se com um Homem que já estava condenado à morte. Mas eles tinham subestimado o poder de atração do amor de Cristo. Ele obriga os homens a agir de uma maneira que é incompreensível para o mundo. Pedro não estava se rebelando contra o Senhor — ao contrário, ele estava incapaz (impotente, 13.36) perante os homens acusadores. Assim, **ele negou e disse: Não sou** (25).

Aquilo que tinha começado como uma acusação impessoal e geral dos servos e criados repentinamente tornou-se muito pessoal e específico. Desta vez, o acusador era **um**

dos servos [lit., "escravos"] **do sumo sacerdote**, e **parente** (Weymouth) daquele **a quem Pedro cortara a orelha** (26). Não há nada indireto sobre a sua pergunta. Da colocação das palavras em grego, fica evidente que a resposta esperada era afirmativa: **Não te vi** [ou seja, com os meus próprios olhos] **eu no horto com ele?** (26) João, fiel aos fatos, mas não dando maiores detalhes sobre a fraqueza do seu colega discípulo, escreveu simplesmente: **Pedro negou outra vez** (cf. Mt 26.74; Mc 15.71). Assim que Pedro pronunciou a sua terceira negação, **o galo cantou** (27; cf. 13.38).[38]

5. *Perante Pilatos* (18.28-19.16)

a. A Acusação (18.28-32). A cena passa da audiência formal perante Caifás e do Sinédrio para **a audiência** (28), que era o *praitorion*, transliterado como "pretório" (NASB). Originalmente, a palavra designava as instalações de um general no campo, e mais tarde a residência oficial do governador. A localização do pretório em Jerusalém não é certa. Alguns dizem que era o palácio construído por Herodes, que ficava sobre a colina de Sião, na parte oeste da cidade. Outros acham que era o Castelo de Antônia, que ficava ao norte da área do Templo (ver o mapa 2). "A maioria dos estudiosos é favorável à segunda localização".[39]

Quando **levaram Jesus** ao pretório **era pela manhã cedo**. A palavra para **cedo** (*proi*) refere-se à quarta vigília, das 3 às 6 horas da manhã. Como "uma audiência romana podia acontecer a qualquer hora depois do nascer do sol", esta ida até o governador deve ter acontecido tão cedo quanto possível".[40] Mas eles (sacerdotes, criados, servos do sumo sacerdote) **não entraram na audiência, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa** (28). Como era sexta-feira, e a Páscoa começava oficialmente ao pôr-do-sol, um judeu, para estar cerimonialmente puro, não ousaria entrar em uma corte ou casa de um gentio, de onde não tivesse sido removido o pão levedado (Êx 12.15). Bernard observa: "Aqueles homens estavam prestes a corromper as suas almas pelo testemunho inescrupuloso que levaria Jesus a uma morte horrível, mas não queriam incorrer na impureza técnica ou cerimonial ao dar esses testemunho. Não há perversão tão sinistra quanto a da consciência humana".[41] Eles foram o exemplo perfeito de coar um mosquito e engolir um camelo. Sobre eles, Hoskyns diz: "Aqueles que fingem tão grande devoção são, na verdade, culpados de enorme superstição, pois a execução do Messias se torna a preparação da sua festa solene".[42]

Pilatos, a quem Jesus foi trazido, conhecia bem os costumes e as práticas religiosas dos judeus. Ele tinha aprendido, da pior maneira, que deixar de reconhecer e cooperar com esses costumes só trazia problemas — e ele não queria mais ter problemas. Assim, **Pilatos saiu** (29) — ele se encontrou com eles fora do pretório.

Quem é este Pilatos, e qual era o seu relacionamento com os judeus? O imperador Tibério nomeara Pilatos como procurador romano em 26 d.C. A sua província abrangia parte da Síria, que incluía a Judéia, Samaria e Iduméia. As suas obrigações eram tanto militares quando administrativas. Embora tecnicamente sob a jurisdição do governador da província da Síria, ele tinha praticamente jurisdição absoluta em sua própria província, exceto quando havia um cidadão romano envolvido. A política de Roma era a de conceder um elevado grau de autogoverno às províncias, e devido aos costumes e às práticas religiosas dos judeus, esta política conciliatória "era levada a instâncias incomuns,

de modo que o governo da Judéia era excepcionalmente difícil".[43] Pilatos manteve esse posto por dez anos, apesar de períodos de extrema turbulência. Ele é retratado como um homem que era "obstinado, sem tato e teimoso".[44]

Pode ser que Pilatos tenha sido avisado da prisão, provavelmente na hora em que o "bando" de soldados foi reunido. Assim, quando eles trouxeram Jesus, pela manhã, ele **saiu**, disposto a ouvir as suas queixas. Ele perguntou: **Que acusação trazeis contra este homem?** (29) De modo hostil e insolente, eles responderam: **Se este não fosse malfeitor** [lit., "alguém que pratica o mal"], **não to entregaríamos** (30). A intenção da resposta era indicar a Pilatos que eles já tinham feito um julgamento. Tudo o que eles queriam era a ratificação necessária para a sua execução. Mas não era fácil encurralar Pilatos. Uma vez que eles já tinham realizado um julgamento, como a sua resposta deixava claro, o governador os desafiou: **Levai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei** (31). Se os judeus pudessem ter atingido o seu objetivo maléfico "sozinhos", eles o teriam feito. Sem dúvida, no seu ardiloso planejamento, tinham considerado todos os ângulos possíveis. A sua resposta deixava claro o seu dilema: **A nós não nos é lícito matar pessoa alguma** (31).[45]

João, na sua maneira característica, interpreta isto como uma parte do plano divino previamente mencionado pelo próprio Senhor Jesus... **significando de que morte havia de morrer** (32; cf. 12.32). Ao considerar isto, Hoskyns assume a opinião de que, como deveria haver derramamento de sangue para a salvação do mundo, "Os judeus, ao insistir na crucificação, são motivados pela necessidade divina de que são totalmente inconscientes. Toda a narrativa conduz à conclusão abrangente do julgamento perante Pilatos: [*Ele*] *entregou-lho, para que fosse crucificado*" (19.16).[46]

b. Onde Está Jesus-Rei? (18.33-38*a*). Lucas lembra o fato de que Jesus tinha sido, perante Pilatos, acusado de dizer que era um rei (Lc 23.2). Embora João não registre isso, existem evidências de que tal acusação tenha sido feita. Pilatos **tornou, pois, a entrar na audiência, e chamou a Jesus** (33).[47] Imediatamente, **disse-lhe: Tu és o rei dos judeus?** (33).[48] O próprio fato de Pilatos ter levantado essa questão sobre o reinado de Jesus fornece a Jesus a oportunidade de inquirir Pilatos sobre a natureza do seu interesse. Teria Pilatos perguntado por causa da sua própria admissão de que estava na presença de um soberano, ou em nome de outros? (34) Pilatos afirmou, em sua resposta, que tinha sido por sugestão de outros. **Porventura, sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?** (35)

É Jesus rei? Ele mesmo deu a resposta afirmativa. Ele tem um Reino, **meu Reino**, mas que **não é deste mundo** (36). Nele estão os seus servos, que, devido à sua natureza e propósito (eles não são deste mundo, 17.16), não podem lutar para assegurar a libertação de Jesus (18.11) dos judeus. O Reino de Jesus não é do tipo que pode ser defendido pelo escudo, ou propagado pela espada.[49] Pilatos supôs que isto significava que Jesus professava ser um rei e disse: "**Logo tu és rei?**" (37, trad. lit.) Jesus confirmou o seu reinado: **Tu dizes que eu sou rei** (37), e Pilatos concordou com isto. Mas a pergunta continua: Pilatos entendeu que o reino de Jesus é o Reino da verdade, e que Ele é o Soberano da verdade? **Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade**. "A natureza da sua soberania corresponde à natureza da sua missão. Ele é o Rei da verdade, e Ele manifesta o seu poder real não pela força, mas pelo

testemunho que Ele dá em relação à verdade" (3.32; 5.33).[50] Como para colocar a questão de modo pessoal e intencional para Pilatos, Jesus disse: **Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz** (37; cf. 10.16,27).

Aqui, nos versículos 37-38, está o antigo conflito entre a fé e o cinismo. Aqui está a oportunidade de um homem seguir a verdade e o que é direito, não importando as conseqüências. E aqui também está a tentação de rejeitar a verdade e as ações honradas, quando isto for custoso. Se pelo menos os homens pudessem ouvir Jesus e crer nele! Se pelo menos os homens pudessem se unir à fé de Lowell:

> *A verdade, sempre, no patíbulo,*
> *O engano sempre no trono —*
> *Mas o patíbulo governa o futuro,*
> *E, por trás do escuro desconhecido,*
> *Está Deus em meio às sombras,*
> *Protegendo os seus.*
> (Da obra *The Present Crisis*)

Pilatos ouviu a voz de Jesus? Evidentemente não, pois a sua pergunta, **Que é a verdade?** (38) "meio triste, meio cínica, implica que, mesmo nos assuntos rotineiros, a verdade não é alcançável".[51]

Jesus nunca deu a Pilatos uma resposta verbal a esta pergunta. Mas o que o nosso Senhor fez, para que todos os homens vissem, foi mostrar o caminho da verdade. A verdade é o caminho da vida, mesmo quando é o caminho da cruz.

c. O Rei dos Judeus, ou Barrabás? (18.38*b*-40) Pilatos estava convencido da inocência de Jesus, ainda que não completamente atraído pela Verdade. Quando foi ter com os judeus, disse-lhes: **Não acho nele crime** [*aitia*, "causa para punição, crime"][52] **algum** (38). Então, Pilatos tentou escapar entre as garras do dilema em que ele se encontrava. Por um lado, ele estava persuadido de que Jesus não era culpado. Por outro, sabia que algum favor ou clemência teria de ser oferecido aos judeus. Então lembrou-se do costume de libertar um prisioneiro na época da Páscoa.[53] Eles queriam que ele soltasse **o rei dos judeus?** (39) Uma vez que Pilatos tinha estado tão cego quanto à verdadeira natureza e missão de Jesus, este título que ele empregou pode ter sido apenas uma maneira de demonstrar o seu desprezo pelos judeus.

A tentativa de Pilatos de resolver o dilema propondo uma terceira solução fracassou completamente. Pois **todos voltaram a gritar, dizendo: Este não, mas Barrabás!** (40) "Existe uma impressionante emoção na curta frase"[54] com que João conclui o assunto: **E Barrabás era um salteador**.

d. O Flagelo e a Zombaria (19.1-12). Mateus (27.26) e Marcos (15.15) indicam que o flagelo ocorreu depois de a crucificação ter sido decretada. O registro de João coloca-o como uma terceira tentativa, por parte de Pilatos, de eximir-se da responsabilidade ou de libertar Jesus (cf. 18.31,39). Quando os judeus escolheram a libertação de Barrabás, **Pilatos, pois, tomou, então, a Jesus e o açoitou** (1) "como uma punição que provavelmente iria satisfazer os judeus".[55] O açoite era, por si mesmo, uma provação sangren-

ta e terrivelmente dolorosa. "A vítima era amarrada, curvada sobre uma coluna baixa, e açoitada com tiras que tinham chumbo ou ossos em suas extremidades".[56]

Pilatos cometeu um erro fatal com este ato, como fazem todos os que usam as oportunidades somente como uma base para os julgamentos morais. Ele mesmo estava persuadido de que Jesus era completamente inocente (18.38), mas ainda assim, com este ato, mostrou aos sacerdotes e demais requerentes que Jesus era digno de alguma punição. Os Jesus tinham provado a sua causa! O ligeiro comprometimento com o mal é também o começo de uma completa rendição às suas exigências.

O que aconteceu a seguir foi "o jogo brutal de um soldado".[57] **Os soldados, tecendo uma coroa de espinhos** ["tecendo alguns espinhos em forma de coroa", Moffatt]**, lha puseram sobre a cabeça e lhe vestiram uma veste de púrpura** (2), "provavelmente um manto militar, vermelho, como aqueles que eram usados pelos oficiais romanos".[58] Tendo feito de Jesus uma visão ridícula e digna de pena, tanto quanto as suas más imaginações poderiam idealizar, eles se enfileiraram com um "Ave" (*chaire*) **Salve, rei dos judeus!** Então **davam-lhe bofetadas** (3), exibindo a tradicional crueldade tão típica dos antigos soldados.

Enquanto acontecia esta zombaria, Pilatos saiu novamente e anunciou aos judeus: **Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum** (4). **E saiu, pois, Jesus, levando a coroa de espinhos e a veste de púrpura. E disse-lhes Pilatos: Eis aqui o homem** (*Ecce homo*, 5). Pilatos pode ter tido a esperança de que a visão de Jesus com a roupa ridícula mostrasse quão tola era realmente a acusação de motim. Com a expressão **Eis aqui o homem** (*idou ho anthropos*), ele pode ter desejado dizer: "Vejam o pobre sujeito".[59] Macgregor argumenta que Pilatos pretendia demonstrar desprezo por Jesus, chamando-o de "criatura". Ao mesmo tempo, ele admite que "o artigo definido (*ho*) confere dignidade e sugere que as palavras de Pilatos são uma profecia inconsciente da qualidade única de Jesus: 'Aqui está *o* Homem' — o Filho do Homem, o Homem por excelência predito pelos profetas".[60] Se Macgregor tiver razão, o *Ecce homo* de Pilatos é um título de desprezo e zombaria de um coração mau e de uma mente totalmente incapaz de reconhecer a verdade (18.38; cf. 1.29, 36; Is 40.9).

Mas nem mesmo a visão do Jesus sem pecado naquela **veste** (ou manto) de escárnio e usando **uma coroa de espinhos** levou **os principais dos sacerdotes e os servos** (6) a um humor conciliatório. Ao invés disso, **gritaram, dizendo: Crucifica-o! Crucifica-o!** Embora já se tivesse feito anteriormente (18.31) uma alusão à exigência da crucificação, agora ela era pronunciada pela primeira vez. Estes homens não ficariam satisfeitos com nada menos do que tirar a vida de Jesus, e através da crucificação.

A resposta de Pilatos foi, ao mesmo tempo, uma zombaria dos judeus e uma afirmação da sua fé na inocência de Jesus. **Tomai-o vós e crucificai-o**. "Em um ataque de exasperação [ele desafia], os judeus superaram os seus poderes e assumiram com as suas próprias mãos a crucificação".[61] "Crucificai-o, se ousais!" Pela terceira vez, Pilatos declara que Jesus é inocente: **nenhum crime acho nele** (cf. 18.38; 19.4; Lc 23.4,14,22). Hoskyns observa: "Tanto Pilatos quanto os judeus são testemunhas inconscientes da verdade cristã. Pilatos proclama a falta de pecados de Jesus, e os judeus declaram a sua morte como sendo o cumprimento da lei"(cf. 11.50-51).[62]

Aqui os judeus apresentam uma nova acusação. Como Pilatos não concorda com a acusação de motim, um assunto político, o assunto deverá ser levado ao terreno religioso.

Nós temos uma lei, e, segundo a nossa lei, deve morrer (7). A lei a que se faz referência é: "E aquele que blasfemar o nome do Senhor certamente morrerá; toda a congregação certamente o apedrejará" (Lv 24.16).[63] A acusação, **porque se fez Filho de Deus** (*huion theou*, 7), provavelmente era compreensível a Pilatos, pois a expressão de filiação divina era "entendida de várias maneiras no mundo helenístico da época".[64] Westcott observa que a ausência do artigo no texto grego "chama a atenção sobre o caráter genérico da natureza reivindicada (Filho de Deus) como distinta da personalidade especial".[65]

E Pilatos, quando ouviu essa palavra, mais atemorizado ficou (8), ou ficou "supersticiosamente atemorizado".[66] Como afirma Macgregor: "Ele agora está dominado por aquele medo supersticioso que tão freqüentemente assombra os céticos".[67] Será que Pilatos havia "zombado de forma infame daquele que, de alguma maneira, havia sido enviado pela divindade nacional?"[68]

Agora, movido pelo medo, não dos judeus, mas de uma Presença incerta, Pilatos **entrou outra vez na audiência e disse a Jesus: De onde és tu?** (9) Esta pergunta não se relacionava com a origem geográfica ou nacional de Jesus. Ele sabia que Jesus era um judeu, e da Galiléia (Lc 23.6-7).[69] **Mas Jesus não lhe deu resposta**. Alguns afirmam que Jesus estava fisicamente incapaz de responder por causa do suplício dos açoites. Mas isto é improvável, tendo em vista o fato de que o silêncio de Jesus perante os seus acusadores aconteceu algumas vezes antes dos açoites (cf. Mt 26.63; 27.14; Mc 14.61; 15.5; Lc 23.9). Bernard comenta: "A sua recusa em responder a perguntas que não são feitas com sinceridade, mas por mera curiosidade ou com a intenção de levá-lo a trair-se em alguma confissão perigosa, é explicável em bases morais. Na verdade, a dignidade do seu silêncio perante os seus acusadores dispensa qualquer explicação".[70]

O silêncio digno de Jesus irritou Pilatos. **Não me falas a mim?** Ele estava indignado. A ordem literal das palavras e a tradução são: "A mim não está falando?" colocando assim ênfase em "a mim". **Não sabes tu** [lit., "Sabes, não sabes?"] **que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?** (10) Não há nada mais imprudente e presunçoso do que a ignorância moral. É como a formiga dizendo ao elefante: "Afaste-se para um lado, se não quiser que eu o esmague com o meu pé".

Para colocar Pilatos no seu devido lugar, **respondeu Jesus: Nenhum poder terias contra mim, se de cima te não fosse dado** (11). A palavra para **poder** é *exousia*, que significa "*liberdade* ou *poder* para agir; *direito, autoridade*".[71] O "direito de exercer autoridade de Pilatos era derivado e não inerente. O governo humano só é válido como expressão da vontade divina".[72] Bernard diz: "Não é um poder arbitrário que pode ser exercido caprichosamente sem culpa moral".[73] Comparando Jesus e Pilatos a esse respeito, Strachan diz: "Jesus faz mais do que simplesmente afirmar o seu divino poder e a sua origem. Ele os assume. Em um contraste chocante, Pilatos *afirma* o seu poder".[74]

Aqui Jesus injeta um novo personagem no quadro. **Aquele que me entregou a ti maior pecado tem**. De quem Jesus está falando? Como a expressão **entregou** (*ho paradous*) é freqüentemente aplicada a Judas (cf. 6.64,71; 12.4; 13.2,11,21; 18.5; 21.20), alguns julgaram que isto se referia a ele. Mas a verdade é que Judas não entregou Jesus a Pilatos. Assim, é Caifás que **maior pecado tem**, e a comparação é entre ele e Pilatos. Pilatos usou mal um poder que lhe fora delegado. Caifás usurpou um poder judicial que não lhe pertencia (cf. 10.1). "O sumo sacerdote sem dúvida era culpado,

tanto por usar mal um poder mais elevado (espiritual) quanto por transgredir as suas legítimas regras de atuação".[75] Macgregor afirmou que "quanto mais santo o poder, mais digno de culpa é o seu mau uso".[76]

Completamente persuadido da inocência de Jesus (18.38; 19.4,6), e dominado pelo medo supersticioso (8), **desde então, Pilatos procurava** [lit., "estava procurando repetidamente"] **soltá-lo** (12). A linguagem aqui sugere que houve outras tentativas — não registradas — de Pilatos para soltar Jesus. Mas nenhuma delas teve efeito. **Os judeus gritavam** ["continuavam gritando", Weymouth)],[77] **dizendo: Se soltas este, não és amigo do César!** (lit., "um amigo de César"). Esta pode ter representado uma ameaça mais séria a Pilatos do que aparenta ser à primeira vista. "Amigo do imperador era um título oficial, como 'Conselheiro Privado', concedido a pessoas distintas".[78] Alguns, como por exemplo, Strachan,[79] julgam que Pilatos provavelmente tinha recebido esse título. Com esta ameaça pessoal a Pilatos, que envolvia o seu futuro político, os judeus repetiram a sua acusação de traição e motim contra Jesus. **Qualquer que se faz rei é contra o César!**

e. Pilatos Capitula (19.13-16). Evidentemente, foi **esse dito** a respeito do relacionamento de Pilatos com César que levou o governador a uma decisão relutante. O encontro interior com a verdade estava em conflito com as pressões externas. A maneira como um homem resolve esses encontros revela o seu verdadeiro caráter. Ele **levou Jesus para fora e assentou-se no tribunal** [*bema*],[80] **no lugar chamado Litóstrotos, e em hebraico o nome é Gabatá** (13). A tradução de Moffatt apresenta: "Ao ouvir isto, Pilatos levou Jesus para fora e o sentou no tribunal" (*bemates*). A maioria das autoridades concorda que o texto grego seria traduzido com precisão desta maneira. Em defesa deste significado, Macgregor diz:

> Sem dúvida, o significado é que Pilatos colocou Jesus sobre o tribunal, e não que ele se sentou para pronunciar o julgamento final na presença da multidão... esta interpretação torna a cena muito mais dramática e só ela já torna adequadas as palavras "Eis aqui o vosso rei"... Dramaticamente, os judeus são mostrados rejeitando o seu Rei. Pilatos faz uma última tentativa de remover o caso de seu tribunal; mas João não pensa no ridículo, e sim na profecia inconsciente: o Rei e Juiz é realmente Jesus.[81]

A maioria dos comentaristas rejeita esta opinião. Eles argumentam que o verbo **assentar-se** (*ekathisen*) é sempre usado por João na forma intransitiva, e assim é usado aqui. Bernard comenta: "É inconcebível que um procurador romano pudesse ter tão pouca consideração pela sua dignidade, estando prestes a proferir uma sentença de morte, como para fazer um gracejo do assunto".[82]

João foi cuidadoso para anotar o horário desta fase do episódio, tanto no contexto religioso quanto no temporal. **E era a preparação** [*paraskeue*] **da Páscoa e quase à hora sexta** (14). Marcos (15.25) diz que Jesus foi crucificado na "hora terceira" (9h da manhã), usando o horário judeu. Aqui João está usando a hora civil romana, que começa à meia-noite. Mal sabiam os sumos sacerdotes que **quase à hora sexta** (6h da manhã) "o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8) estava sendo preparado como um Sacrifício eterno.

Enquanto Jesus estava ali no Litóstrotos (*lithostroton*, lit., "um lugar coberto de pedras"), Pilatos disse **aos judeus: Eis aqui o vosso rei**. Uma interpretação desta afirmação é a de que Pilatos, inconsciente, embora oficialmente, pronunciou a verdade a respeito de Jesus. Ele é o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores!

Novamente os judeus **bradaram: Tira! Tira! Crucifica-o!** Disse-lhes Pilatos: **Hei de crucificar o vosso rei?** (15) Com grande sutileza, Pilatos tinha levado os judeus a uma posição onde eles profeririam um julgamento não somente a respeito de Jesus, mas sobre si mesmos (cf. Mt 27.25). Quando **os principais dos sacerdotes** (Anás e Caifás) **responderam: Não temos rei, senão o César** (15), eles "negaram a soberania de Deus, e abdicaram do seu direito de ser o seu povo escolhido".[83] Strachan comenta: "Israel havia cometido a apostasia final, rejeitando assim a antiga concepção teocrática (Sl 74.12; 84.3; 95.3) de que somente Deus é o Rei de Israel".[84] Os judeus, que tinham tido um papel principal no quarto Evangelho, agora desaparecem da cena, com exceção de referências de passagem (19.21,31; 20.19).

Não existe registro de que Pilatos tenha pronunciado uma sentença formal de morte, mas pode-se concluir isto a partir do cenário (*bema*) e da pergunta de Pilatos: **Hei de crucificar o vosso rei?** (15) Embora o versículo 16 dê a entender que foram os judeus que receberam Jesus de Pilatos, e que **o levaram** (16),[85] foram os soldados romanos que executaram a horrível tarefa ordenada pelo procurador romano, porém instigada pelos judeus.

Alexander Maclaren tem uma exposição da narrativa dos versículos 1-16 sob o título puramente histórico "Jesus sentenciado". 1. Crueldades infligidas no Pretório (1-3); 2. Pilatos tenta outra solução (4-8); 3. Novamente no Pretório (9-11); 4. **Entregou-lho** (12-16).

SEÇÃO VII

A CRUCIFICAÇÃO E O SEPULTAMENTO

João 19.17-42

A. A CRUCIFICAÇÃO, 19.17-37

1. *As Cruzes* (19.17-22)

O caminho do pretório até o Gólgota é agora conhecido como a "Via Dolorosa", a "estrada da tristeza".[1] Ao longo desta estrada, Jesus levou **às costas a sua cruz** (17). O costume era que o homem condenado, rodeado por um quaterno de soldados romanos (quatro soldados), carregasse a sua cruz até o local da execução. "O fato de que Jesus carregou a própria cruz novamente sugere simbolicamente a natureza voluntária do seu sacrifício" (cf. Gn 22.6).[2] João não menciona a queda de Jesus pelo peso da cruz, nem o recrutamento forçado de Simão, um cireneu, para carregar o peso (Mc 15.21).

No Gólgota, eles — *i.e.*, os quatro soldados romanos — **o crucificaram** (18). Este tipo de execução foi chamado por Cícero de "a morte mais cruel e horrível... uma ação nefasta como esta não é possível de descrever com nenhuma palavra, pois não existe nenhuma adequada para descrevê-la".[3] Jesus foi executado como um criminoso comum, e havia dois criminosos com ele, um de cada lado, e Jesus no meio. João não apresenta a conversa entre Jesus e os ladrões (cf. Lc 23.29-43), mas a situação da cruz do Senhor entre as outras duas é notada, atestando, assim, "a sua dignidade real".[4]

Era costume que um título (*titlon*) — "o nome técnico da placa que exibia o nome do condenado, ou o seu crime, ou ambas as coisas" — fosse colocado em cima da cruz. Pilatos fez isto.[6] Ele escreveu: **JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS** (19). Ele foi cuidadoso em escrever o título em hebraico, grego e latim, para que todos os judeus que passas-

sem pudessem ler, pois **o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade** (20). O fato de o título estar escrito em três línguas representando a religião, a cultura e o governo era "uma profecia inadvertida do reinado universal de Cristo".[7] "Assim, Pilatos *disse aos pagãos que o Senhor é Rei*" (Sl 94.10).[8]

Pilatos pretendia que o título fosse um ataque e um insulto aos judeus. Como esperado, os principais sacerdotes dos judeus objetaram. Eles disseram: **Não escrevas, Rei dos judeus, mas que ele disse: Sou Rei dos judeus** (21). A resposta de Pilatos ao pedido foi inflexível: **O que escrevi escrevi** (22). Os verbos idênticos *gegrapha* estão no tempo perfeito e aqui indicam "uma profecia verdadeira".[9] O título, uma vez escrito e afixado na cruz, "era a expressão de uma decisão legal".[10]

2. *Os Soldados* (19.23-24)

As pessoas que na verdade crucificaram Jesus foram os quatro soldados romanos (um quaterno). A recompensa que eles recebiam para executar esta tarefa brutal era a roupa das vítimas. Não é provável que a recompensa viesse em grande quantidade dos dois ladrões. João, tendo aparentemente tomado notas especiais como uma testemunha ocular, descreveu detalhadamente como os soldados dividiram o espólio. Eles tomaram as vestes de Jesus e **fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte, e também a túnica** (23). Havia algo de especial com a sua túnica, pois era tecida toda de alto a baixo, não tinha costura ("em uma única peça", Weymouth). Vendo que dividir a túnica destruiria o seu valor, os soldados concordaram entre si: **Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será** ("para ver quem fica com ela", Phillips, 24). A túnica (*chiton*) era usada sob o manto, junto ao corpo.

O acordo dos soldados de não rasgar (*schisomen* é o verbo, e *schisma* é o substantivo cognato) a túnica parece ter uma significado especial para João. A mesma palavra é usada para descrever divisões e facções (7.43; 9.16; 10.19; cf. 1 Co 1.10; 11.18; 12.25). Hoskyns sugere: "A peça indivisível, que está intimamente associada ao corpo do Senhor, pode, portanto, simbolizar a unidade dos crentes que se unem ao Senhor e se alimentam do seu Corpo, em contraste com as divisões dos judeus, que se separam em facções por causa dele".[11]

Em tudo isto, João viu o cumprimento de Salmos 22.18. Neste paralelismo hebraico, ele encontrou a explicação completa para a ação dos soldados. Algumas das roupas foram divididas: **Dividiram entre si as minhas vestes** — eles jogaram pela túnica — **e sobre a minha túnica lançaram sortes** (24). Indicando que ele pensava ser a ação dos soldados altamente significativa, e que ele tinha visto tudo, João escreveu um *finis* — **Os soldados, pois, fizeram essas coisas**.

Estes jogadores, ao pé da cruz, dramatizam muito o fato de que em um sentido "Jesus apostou tudo na sua completa fidelidade a Deus; Ele apostou tudo na cruz".[12] O poema de Studdert-Kennedy diz bem:

> *E, sentados, eles o observavam ali,*
> *Os soldados o fizeram;*
> *Ali, enquanto jogavam os dados,*
> *Ele fez o seu sacrifício,*

E morreu sobre a cruz para livrar
O mundo de Deus do pecado.
Ele também era um jogador, o meu Cristo,
Ele tomou a sua vida e apostou-a
Por um mundo redimido.
E antes que a sua agonia terminasse,
Antes que o sol se pusesse,
Coroando aquele dia com a sua coroa vermelha,
Ele soube que tinha vencido.[13]

3. *A Sua Mãe* (19.25-27)

Os discípulos tinham abandonado o seu Mestre (16.32; 18.8), com a exceção de Pedro e João, durante a audiência perante o sumo sacerdote (18.15), e João na cruz (26). Mas havia um grupo de mulheres fiéis e amorosas que estavam **junto à cruz de Jesus** (25). Eram quatro: sua mãe, Maria; a irmã de sua mãe, que se acredita ser Salomé, mulher de Zebedeu, portanto a mãe de Tiago e João [14]; Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena.

As primeiras palavras que Jesus disse na cruz, registradas por João, foram dirigidas à sua mãe. Jesus, **vendo ali sua mãe e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho** (26). Jesus orara pelo perdão daqueles que o tinham crucificado (Lc 23.34). Ele havia feito promessas e dado esperanças a um ladrão penitente à beira da morte (Lc 23.43). Mas agora o seu olhar está fixo em sua mãe. "É verdade, na experiência humana, que quando a morte se aproxima, o interesse do moribundo se estreita e se dirige àqueles que são os mais próximos e os mais queridos".[15]

A palavra que Jesus dirigiu a sua mãe — **Mulher** — não é nem fria nem brusca, como talvez possa parecer nesta tradução (ver o comentário sobre 2.4). Evidentemente, João estava presente, dando-lhe o seu consolo e conforto. Os dois "eis" — **eis aí o teu filho e eis aí tua mãe** (27) — deram tanto a Maria quanto a João instruções a respeito do seu relacionamento futuro. João deveria cuidar da mãe de Jesus. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.

4. *"Está Consumado"* (19.28-30)

João fornece uma ambientação teológica profunda para as palavras de Jesus: **Tenho sede** (28). Mesmo neste momento da morte, Jesus está plenamente consciente e dedicado ao cumprimento da sua missão. Sabendo (*eidos*, cf. 13.1) Jesus que já todas as coisas estavam terminadas (*tetelestai*, exatamente a mesma forma que é traduzida como "consumado" no versículo 30), para que a Escritura se cumprisse (*hina teleiothe*),[16] disse: **Tenho sede** (28; cf. Sl 42.2; 63.1; 69.21). Westcott ressalta que o verbo *cumprir* "parece assinalar não o cumprimento isolado de um tratado particular no quadro das Escrituras, mas o perfeito cumprimento de todo o quadro profético".[17] "A morte de Jesus é o cumprimento das Escrituras".[18]

Os soldados devem ter trazido um vaso (um jarro, um cântaro) cheio de vinagre (*oxos*, 29). Este "*oxos* ou *posea* era o vinho azedo, a bebida usual dos legionários".[19] Quando Jesus disse **Tenho sede**, encheram de vinagre uma esponja e, pondo-a num hissopo,

lha chegaram à boca. Tendo em vista o fato de que hissopo não é uma planta com um caule suficientemente resistente para suportar uma esponja molhada, este texto apresentou alguns problemas. Há um manuscrito do século XI que traz a palavra *hyssa*, a palavra grega para a lança de um soldado, ao invés de *hyssopo,* hissopo. Strachan[20] e Bernard[21] sustentam que esta interpretação resolve o problema. Por outro lado, Hoskyns aceita a leitura mais autenticada, e vê no uso de hissopo (cf. Lv 14.4, 6; Nm 19.18; Sl 51.7) um cumprimento do simbolismo do Antigo Testamento. Ele diz: O hissopo era usado para aspergir sangue nas "portas das casas dos judeus durante a época da Páscoa, em memória de Êxodo 12.22. Como Jesus, no Quarto Evangelho, é tanto o Cordeiro de Deus quanto a Porta (10.7), a ação dos soldados é apropriadamente significativa e de valor, para lembrar o leitor de que a Páscoa judaica é cumprida no sacrifício do verdadeiro Cordeiro Pascal".[22]

Com notável precisão e adequada dignidade, João descreve o final. Quando Jesus tomou o vinagre, disse: **Está consumado** [*tetelestai*]. **E, inclinando a cabeça, entregou o espírito** (*pneuma*, "o seu espírito", 30). "Todas as frases neste versículo enfatizam a voluntariedade do seu sacrifício".[23] O fato de o verbo *tetelestai*, que significa "tornar completo, no sentido de um objetivo determinado", estar no tempo perfeito, fornece dupla ênfase à idéia da realização completa. O plano da redenção está completo no sentido histórico, e está perfeitamente adequado para satisfazer todas as necessidades do homem pecador. "*Tetelestai* não é um grito de alívio de que tudo terminou; é um grito de vitória"(cf. Mt 27.50; Mc 15.37).[24]

5. *A Fonte Aberta* (19.31-37)

Era um costume romano abandonar os cadáveres na cruz, deixando-os aos cães e abutres. Mas havia uma lei judaica que "proibia deixar um corpo no local da execução de um dia para outro".[25] Por essa razão, e porque era a preparação, *i.e.*, a véspera do sábado,[26] os judeus... **rogaram a Pilatos que quebrassem as pernas das vítimas, e fossem tirados** (31). Esta prática brutal, conhecida como *crurifragium*, era usada como um meio de apressar a morte. Ela envolvia a quebra das pernas das vítimas com uma grande marreta. Os soldados fizeram isto com os dois ladrões que foram crucificados com Jesus (32). **Mas, vindo a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas** (33). João registra aqui o cumprimento das Escrituras: **Nenhum dos seus ossos será quebrado** (36; cf. Êx 12.46; Nm 9.12). Jesus foi o sacrifício perfeito, tanto na morte quanto na vida.

Mas João viu mais do que isto, pois embora não lhe quebrassem as pernas... um dos soldados **lhe furou o lado com uma lança** [*logche*],[27] **e logo saiu sangue e água** (34).[28] Hoskyns opina que a água e o sangue são símbolos dos dois sacramentos; o Batismo e a Ceia do Senhor. Ele diz:

> João percebeu que a purificação (a água) e a nova vida (o sangue) corriam do sacrifício completo do Cordeiro de Deus... e, além disso, como os benefícios do sacrifício no calvário são apropriados pelo cristão fiel quando ele renasce do céu através da água e do Espírito (3.3-5) — a morte de Cristo, a efusão do Espírito (v. 30), o sangue, e a água são declarados como a verdadeira instituição do Batismo cristão e da Ceia do Senhor".[29]

Westcott vê isto como "um sinal da vida na morte, que mostra tanto a sua verdadeira humanidade quanto — "de alguma maneira misteriosa" — a permanência da sua vida humana... quando estava suspenso na cruz, Ele foi mostrado abertamente como sendo a fonte do duplo poder de purificação e vivificação, que se seguiu a sua morte e vida".[30]

Para este autor, parece que o sangue e a água são uma testemunha da obra completa do Encarnado. Foi visto que João usa consistentemente a água como um símbolo daquilo que há de melhor no judaísmo, o qual Jesus veio cumprir (ver os comentários sobre 1.33; 2.6; 3.5; 4.12-14; 5.2; 7.37-39; 9.7). O sangue é a encarnação, e a completa redenção que possibilitou a vida eterna ao homem (6.53-54). Agora, a obra está consumada — *tetelestai* (30) e o lado perfurado pela lança fornece este testemunho (cf. 1 Jo 5.6-8).

João conclui as suas observações sobre a perfuração do corpo do nosso Senhor, ressaltando que tudo isto aconteceu como uma parte do cumprimento das Escrituras: **Verão aquele que traspassaram** (37; cf. Zc 12.10).

B. O Sepultamento, 19.38-42

Na hora da indescritível humilhação e sujeição à morte por parte de Jesus, dois de seus discípulos secretos, membros da aristocracia judaica, vieram a público. Como é verdade que "Cristo na cruz tem um poder maior até do que Jesus, o Rabi, para 'atrair os homens' a si" (12.32)![31]

Primeiro, havia José de Arimatéia.[32] Embora fosse um membro do Sinédrio, ele não tinha consentido com a morte de Jesus (Lc 23.50). Ele pediu a Pilatos que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Com a permissão concedida, então **foi e tirou o corpo de Jesus** (38).

Nicodemos é descrito como aquele que **anteriormente... de noite** (cf; 3.2) com a implicação de que houve outras visitas subseqüentes. Ele também era um membro do Sinédrio. Talvez Nicodemos fosse um homem tímido, pois foi José que enfrentou Pilatos para assegurar a permissão necessária. Ele devia ser realmente muito rico, pois quase cem libras[33] de um composto de mirra e aloés seriam muito custosas. O que ele levou foi "a expressão da homenagem de um homem rico".[34] As especiarias eram uma mistura da goma da árvore da mirra e madeira de aloés em pó.

O modo judaico de sepultar não envolvia o embalsamamento do corpo, nem a cremação, mas o envolvimento "do corpo do morto em lençóis, colocando especiarias entre as dobras do tecido. Nicodemos trouxe especiarias suficientes para o sepultamento de um rei".[35]

Eles sepultaram o corpo de Jesus no horto, num sepulcro novo... **naquele lugar onde fora crucificado** (41). Parece que o fizeram com alguma pressa por causa da Páscoa que rapidamente se aproximava — o dia da **preparação dos judeus** (42). O fato de o sepulcro estar perto tornou a tarefa mais fácil de realizar.

Sob o título "José e Nicodemos", Alexander Maclaren discute 38-42: 1. O discipulado secreto e as suas causas (38-39); 2. Os sofrimentos do discipulado secreto — **depois disso** (38); 3. A cura para a covardia — **tomaram, pois, o corpo de Jesus** (40).

Seção VIII

A RESSURREIÇÃO E AS APARIÇÕES

João 20.1—21.25

A. A Evidência da Ressurreição, 20.1-10

Os séculos cristãos retinem com as palavras: **E, no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro** (túmulo, 1; cf. Mc 16.1-2). Assim tem início a narrativa de João sobre a ressurreição. Se o seu relato "da Paixão é a história da queda do egoísmo à apostasia, a sua história da ressurreição é a história da elevação do amor à fé absoluta".[1] É altamente apropriado que ele comece o seu relato com a experiência de Maria Madalena (Lc 8.2).[2] Muito lhe havia sido perdoado, e o seu amor pelo Senhor era tão grande quanto esta história demonstra. O que Maria viu foi de tremenda importância — a primeira evidência visual da ressurreição. "A pedra tinha sido removida" (Weymouth) da abertura do sepulcro.[3]

Sem demora, Maria voltou-se e correu a Simão Pedro e ao outro discípulo a quem Jesus amava com a perturbadora notícia: **Levaram o Senhor do sepulcro, e[4] não sabemos onde o puseram** (2). Maria, "o grande exemplo do amor desnorteado",[5] tinha a prova, mas havia chegado à conclusão errada.

Quando Pedro e o outro discípulo (João) ouviram isto, correram juntos: **mas o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro** (4). Houve muitas conjeturas a respeito do motivo por que João venceu a corrida. A explicação mais plausível é a agilidade. João era o mais jovem dos dois, e estava apenas registrando um fato interessante através do seu testemunho ocular.

João foi surpreendido por uma visão impressionante. Quando se inclinou (*parakupsas*)[6] para olhar o interior, **viu no chão os lençóis** [panos]**; todavia, não entrou** (5). A recompensa por haver vencido a corrida era mais que ampla, pois ele vira a segunda evidência da ressurreição, os lençóis. Quando Pedro chegou, mantendo-se fiel à sua natureza impulsiva, imediatamente entrou no sepulcro. No interior, Pedro e João, que o seguiu (8), puderam ver algo mais. Não viram apenas os lençóis, mas também que o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus **não estava com os lençóis, mas enrolado, num lugar à parte** (7). Macgregor diz que a palavra "enrolado" significa "torcido como um turbante, como se tivesse sido colocado ao redor da cabeça".[7]

Qual foi o significado de todas estas coisas? Havia três evidências da ressurreição que eram cumulativamente convincentes. Primeiro, a pedra fora removida da entrada (1). Em segundo lugar, a maneira ordenada com que estavam dispostos os lençóis. Na verdade, se a primeira suspeita de Maria, de que alguém tivesse levado o Senhor (2), tivesse sido correta, não haveria nenhum lençol ali, porque todos teriam sido levados com o corpo. Macgregor observa: "Toda a linguagem parece ter sido cuidadosamente escolhida para sugerir que o corpo físico de Jesus havia se tornado um corpo ressuscitado e 'glorificado' sem mover os lençóis, que simplesmente ficaram dentro do sepulcro em suas posições originais".[8] A terceira evidência, não mencionada especificamente, mas evidente em todas as partes, era a ausência do corpo do Senhor — o sepulcro vazio.

Quando João viu essas coisas, ele **creu** (*episteusen*, 8). O verbo está no tempo aoristo, que indica um ato decisivo, e não um processo. "Ele não teve a visão do Cristo ressuscitado, mas a visão dos lençóis abandonados foi suficiente para lhe dar a certeza de que Jesus havia ressuscitado dos mortos" [9] (cf. 16.16; Lc 24.12). Fica evidente, a partir dos versículos 25, 27 e 29, que "*creu* representa a fé na ressurreição do Senhor".[10] De fato, Hoskyns sustenta que "a importância da fé do discípulo amado é o clímax da narrativa".[11]

A esta altura, João descreve a compreensão muito limitada que ele e Pedro tinham a respeito da ressurreição, mesmo quando confrontados com estas evidências aparentemente inconfundíveis. Ele escreve: **Porque ainda não sabiam a Escritura** [Sl 16.10]**, que diz que era necessário que ressuscitasse dos mortos** (9). Evidentemente, eles "não tinham lido o ensino do Antigo Testamento, mesmo com o auxílio dos ensinos do Senhor".[12]

B. A Aparição Pessoal a Maria Madalena, 20.11-18

Parece que os dois discípulos deixaram o sepulcro (10) antes que Maria conseguisse voltar ao horto, depois de ter-lhes dado a notícia sobre a pedra (2). Assim, deixada sozinha com sua tristeza e angústia, ela chorava fora, junto ao sepulcro ("soluçando", Moffatt"). **Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro** (11). Não há menção de que ela tenha visto os lençóis ou o lenço que estava "enrolado, num lugar à parte" (6-7). Ao invés disso, ela viu **dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés** (12). Os quatro Evangelhos falam das aparições de anjos no sepulcro: "o anjo" (Mt 28.5); "um jovem" (Mc 16.5); "dois varões" (Lc 24.4; cf. Ap 3.4-5; 4.4). Estes mensageiros vestidos de branco se sentavam "marcando o lugar onde o corpo tinha estado, testemunhando o mistério da ressurreição"[13]

Foi feita a seguinte pergunta a Maria: **Mulher, por que choras?** (13) Ela não se mostrou assustada nem surpresa com a sua aparição, nem com as suas palavras, porque somente uma coisa preocupava a sua mente — o Senhor. Ela tinha uma razão mais do que suficiente para a sua tristeza: **Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram**. Ela ainda não percebia a incoerência da sua conclusão. As roupas no sepulcro vazio, que tinham sido evidências suficientes para levar João a uma fé ativa e completa (ele "creu"; 8) não tinham chamado a atenção de Maria. É importante lembrar que Deus vem até os homens de várias maneiras, segundo os seus diferentes temperamentos e as suas capacidades distintas para entender e reagir. Neste sentido, o que está representado aqui é um Evangelho universal. Cristo é o Senhor ressuscitado para todos os homens.

Como se estivesse indo embora, Maria **voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus** (14). A pergunta que os anjos fizeram a Maria foi repetida por Jesus: **Mulher, por que choras? Quem buscas?** (15) Mas ela não reconheceu Jesus! Ela julgou que era o hortelão. Por que ela não o reconheceu? Barclay sugere dois motivos: "O fato simples e pungente é que ela não podia vê-lo através das suas lágrimas... ela não conseguia tirar os olhos do sepulcro, e estava de costas para Jesus. Ela insistia em ficar olhando para o lado errado".[14]

Há comentários sobre três motivos por que Maria não reconheceu Jesus. Em uma forma esquemática, eles fundamentam um sermão baseado em 20.11-18. 1. Maria estava procurando um Cristo morto (11-13); 2. Não foi Maria Madalena que encontrou Cristo, mas Cristo a encontrou (14-16); 3. Embora ela o estivesse procurando com todo o seu ser, Maria não reconheceu Cristo quando ela o viu (14).[15] Ele vem de maneiras inesperadas.

O versículo 16 é o registro daquilo que tem sido chamado de "a maior cena de reconhecimento da história".[16] Quando Jesus lhe disse: **Maria!**, ela o reconheceu imediatamente. "Aquilo que a palavra de uso comum (*mulher*) não pôde fazer, a palavra da simpatia individual fez imediatamente".[17] Ou, como diz Hoskyns: "O verdadeiro Governador do Paraíso (Jardim) de Deus, aquele que dá a vida, chamou a sua própria ovelha pelo nome, e ela reconheceu a sua voz" (10.3-4).[18] Ela reconheceu a sua voz chamando o seu nome. Ela o encarou: Voltando-se, disse-lhe: **Raboni (que quer dizer Mestre)** (16). Hoskyns argumenta, de acordo com a autoridade de Strack-Billerbeck, "que Raboni, na literatura judaica antiga, é um termo diferente de *Rabi*. É raramente usado para referir-se aos homens, e nunca para dirigir-se a eles. A palavra é reservada para dirigir-se a Deus". Hoskyns comenta a seguir: "O uso da palavra por Maria aqui, portanto, deve provavelmente ser interpretado como uma declaração de fé, correspondente àquela de Tomé (v. 28)".[19]

Embora isto não seja especificamente afirmado por João, parece que Maria, em adoração e com profunda emoção, abraçou os pés de Jesus (cf. Mt 28.9), e em resposta Ele lhe disse: **Não me detenhas** ("Deixe de me agarrar", Moffatt; "Não me segure agora", Phillips, 17). À luz do versículo 27, quando Tomé foi convidado pelo Senhor ressuscitado a "chegar" a sua mão e colocá-la no seu lado perfurado, este versículo tem deixado leitores e comentaristas igualmente perplexos. O que Jesus disse a Maria foi: **porque ainda não subi para meu Pai** (17; cf. 16.10; também 7.33; 16.5; também 14.12,28; 16.28). Compreensivelmente, Maria não queria deixá-lo ir embora novamente. A palavra traduzida como "deter" (*haptou*) significa "agarrar-se a algo com o desejo

de conservar a posse disso" [20]. Mas este relacionamento íntimo, precioso, do qual ela e os seguidores de Cristo desfrutavam agora, assumiria uma nova forma e um novo significado. No entanto, ainda não (cf. 2.4; 7.6,8,30,39; 8.20) seria consumado, assim como Ele havia dito sobre a promessa do Consolador (Paracleto) que viria (16.7-8). Com uma aguda visão, Hoskyns afirma:

Ele agora declara a Maria, e por meio dela aos discípulos, que chegou a hora da sua ascensão ao Pai e, portanto, da inauguração da nova ordem. A ordem para que Maria deixasse de detê-lo se refere ao período intermediário entre a ressurreição e a ascensão — e unicamente a esse período. Tão íntimo será o relacionamento com Jesus que, embora Maria precise por enquanto deixar de tocá-lo, por que Ele precisa ascender e ela precisa transmitir a sua mensagem, ainda assim, depois da ascensão, tanto ela quanto os discípulos estarão concretamente unidos com Ele de uma maneira que pode verdadeiramente ser descrita como "tocando-o", e daí comer do corpo de Cristo e beber do seu sangue (6.51-58) como a ilustração mais comovente.[21]

Sem colocar ênfase na Ceia do Senhor, como faz Hoskyns, Macgregor vê esta passagem como um ensino de que "as verdadeiras provas da ressurreição e da posse verdadeira do Cristo ressuscitado devem... ser interpretadas na experiência espiritual normal de cada crente".[22]

As próximas palavras de Jesus a Maria foram: **Vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus** (17). Assim como o relacionamento de Maria com Jesus, daqui por diante, não deveria "ser dependente da percepção dos sentidos",[23] isto também se aplicava aos discípulos — **meus irmãos** (*adelphous*), com quem Ele tinha se unido e identificado na sua encarnação. A sua perfeita humanidade se reflete não apenas na expressão **meus irmãos**, mas também em **meu Deus**. Strachan comenta: "Jesus é agora a escada que une o céu e a terra (cf. 1.51), participando dos dois mundos (a luz e a escuridão, ou a falta de fé), e capacitando os homens a entrar no mundo superior. A ascensão é a partida final de Jesus da vida humana normal dos homens, para ir estar com o Pai. A partir de agora, Ele está em comunhão com a sua igreja por meio do seu *alter ego*, o Espírito".[24]

Por ordem de Jesus, Maria Madalena **foi** ["saiu Maria de Magdala", Moffatt] **e anunciou aos discípulos que vira o Senhor e que ele lhe dissera isso** (18).

C. A Aparição Pessoal aos Dez, 20.19-23

Era de manhã bem cedo (1) quando Jesus conversou com Maria, "no primeiro dia da semana" — o Dia da Ressurreição. Na **tarde daquele dia** (19), os discípulos, dez deles (24) estavam reunidos em uma sala, talvez o lugar da Última Ceia (ver o mapa 2). Estavam **cerradas as portas... com medo dos judeus** (19). "Os líderes dos judeus suspeitavam, sem dúvida, de qualquer reunião dos discípulos de Jesus".[25] Neste cenário, chegou Jesus, e **pôs-se no meio** (19). João não comenta, e nem precisa fazê-lo, como Jesus entrou, estando todas as portas fechadas. Ele apenas observa o fato, como fez no caso dos lençóis arrumados no sepulcro. Deve-se observar, neste ponto, que a pedra removida da entrada do sepulcro deveu-se ao testemunho ocular de Maria e dos discípulos, e não à saída do Senhor ressuscitado.

As palavras de Jesus, ao entrar, foram: **Paz seja convosco!**, uma saudação hebraica normal. Mas neste contexto (21,26), e à luz da promessa de 14.27, parece ser um lembrete da "sua paz como um presente de despedida para os seus discípulos".[26] Também é um lembrete, como diz Strachan, de que "esta *paz* não está em conflito com as dificuldades da vida, mas é a paz alcançada através da luta contra um mundo hostil, e da vitória contra este".[27]

Como testemunhos da intensidade da batalha e da certeza da vitória, Ele lhes mostrou **as mãos e o lado** (20).[28] Tendo ouvido a saudação de Jesus, e visto as evidências da sua ressurreição, os discípulos se alegraram ("se encheram de alegria", Weymouth).

Nesta aparição aos discípulos, o Senhor não veio somente para lhes dar a garantia da **paz** (repetida no versículo 21), mas também uma comissão, baseada na autoridade do relacionamento entre Ele e o Pai. Ele disse: **Assim como o Pai me enviou** [*apestalken*], **também eu vos envio** [*pempo*] **a vós** (21). A primeira frase "é o tema constante do Cristo de João, quando fala sobre a sua autoridade".[29] Em que sentido Jesus está, aqui, dando uma comissão aos seus discípulos? É instrutivo observar que os verbos **enviou** e **envio** são palavras e tempos diferentes no texto grego. O primeiro verbo, *apestalken*, está no tempo perfeito e fala da missão de Cristo nos seus aspectos eternos. O segundo, *pempo*, está no presente, e assim enfatiza a atividade contínua que é designada aos discípulos. Westcott comenta: "Nesta tarefa, o Senhor apresenta a sua própria missão como a missão permanente do Pai; Ele a cumpre através da sua igreja. Os seus discípulos não recebem uma nova comissão, mas desempenham a dele".[30]

A tarefa dos discípulos de assumir a obra de Jesus é compatível com a sua garantia de concessão de autoridade para a tarefa, através da vinda do Espírito. Ele **assoprou** [*enephysesen*] **sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo** [*pneuma hagion*, 22]. Surgem imediatamente as perguntas: Qual é a relação entre esta dádiva do Espírito e o seu derramamento no Pentecostes? As duas ocasiões se referem à mesma vinda do Espírito? Há muitas e diversas respostas para estas perguntas.[31] Hoskyns interpreta esta dádiva do Espírito aos discípulos sob a mesma luz que outras cenas da ressurreição, *i.e.*, como "preparatória para a grande comissão". O derramamento do Espírito no Pentecostes está relacionado com a "missão em público, pelo poder do Espírito que vem do Pai e do Filho, que estão no céu".[32] Westcott chama esta ocasião (22) de avivamento do Espírito (cf. Gn 1.7; Ez 37.9), e o advento do Pentecostes, de "revestimento" no Espírito.

Este derramamento do **Espírito** (22) não é o mesmo descrito em Atos 2.4. O primeiro ocorreu enquanto Jesus estava com os seus discípulos, e o último depois da sua ascensão ao céu. O primeiro foi uma doação aos discípulos, que eram certamente filhos de Deus (17.9), "um depósito", ao passo que o segundo foi "a sua vinda manifesta e a sua permanência duradoura neles, pelo seu representante, o Paracleto".[33] O primeiro não foi o cumprimento das promessas de Jesus, a respeito da vinda do Consolador (7.39; 16.7), mas foi uma concessão verdadeira, uma concessão antecipada do Pentecostes.

A comissão dos discípulos — **também eu vos envio** (21) — também foi acompanhada pela autoridade específica a respeito do perdão ou não dos pecados. **Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e, àqueles a quem os retiverdes** [*kratete*], **lhes são retidos** (23; cf. Mt 16.19; 18.18). Qual é a natureza desta autoridade, e a quem ela é conferida? Não existe uma indicação de que ela se limitasse apenas aos dez discípulos. Robertson diz: "O que ele comissiona aos discípulos e a nós é o poder e o

privilégio de dar a certeza do perdão dos pecados por Deus, pelo anúncio correto dos termos do perdão".[34] Strachan diz que estas palavras se aplicam a "qualquer discípulo de Cristo e a todo membro da comunidade cristã que permaneça em íntima comunhão com o seu Senhor, que mantenha a sua consciência pura e esclarecida pelo conhecimento de outras consciências cristãs, e que compartilhe a sua fé e adoração na comunidade".[35]

Sob o título "A comissão e o dom do Senhor ressuscitado" (19-23), podemos ver: 1. A missão cristã (21); 2. A capacitação cristã (22); 3. O poder cristão sobre o pecado (23). (Alexander Maclaren)

D. A Aparição Pessoal aos Onze, 20.24-29

Somente João registra este episódio, que está relacionado com a fé — ou a falta de fé — de Tomé. O seu outro nome, Dídimo, significa "o gêmeo". João parece ter especial interesse neste companheiro (11.16; 14.5), que é apresentado como um homem de temperamento pessimista. Os acontecimentos dos últimos dias pareciam ter confirmado os piores medos de Tomé. **Chegou Jesus** (19), e por alguma razão desconhecida, **Tomé... não estava com os demais discípulos** (24). Ele cometeu um grande erro. "Tomé se retirou da companhia cristã. Ele procurou a solidão, ao invés da união".[36]

Quando Tomé voltou, e ouviu o relato dos dez, **Vimos o Senhor** (25; cf. 18), a sua atitude normal em relação à vida fechou a porta para a fé. O fato da morte de Jesus era real para ele. Era um fato difícil e indiscutível. Antes de poder acreditar no relato de que Jesus estava vivo, ele teria de ter uma prova que se equiparasse ao fato de uma cruz e de um sepulcro. Assim, definiu o seu próprio critério para uma prova: **Se eu não vir o sinal dos cravos** [pregos] **em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei** (lit., "nunca, jamais crerei", 25). Evidentemente, os dez lhe haviam dito que tinham visto os ferimentos dos pregos e da lança, mas Tomé exigiu a experiência pessoal sensorial, tanto da visão, quanto do toque.

A oportunidade chegou oito dias mais tarde — que significam "uma semana" depois. Outra vez (cf. 19) **estavam... os seus discípulos dentro** ("na sala", NEB), e, desta vez, estava com eles Tomé. **Chegou Jesus... e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco!** (26) Jesus imediatamente dirigiu as suas palavras a Tomé, repetindo quase literalmente a exigência que Tomé tinha feito diante dos dez discípulos. A seguir, o nosso Senhor acrescentou à exortação: **não sejas** [*ginou*, lit., "não se torne"] **incrédulo, mas crente** [lit., "cheio de fé, 27]. "Ele conhece as palavras que usamos para expressar as nossas dúvidas".[37] Tomé deve ter ficado chocado por ver que o seu Senhor ressuscitado tinha estado presente (14.23,28), embora não pudesse ser visto nem por eles, nem pelos demais, naquela ocasião específica (cf. 2.25). Não há nenhuma indicação de que Tomé tenha aplicado os testes que havia exigido. Ao contrário, a fé foi ativada, e Tomé exclamou: **Senhor meu, e Deus meu!** (28). "A idéia central com que se iniciou o Evangelho (1.1) ocorre novamente no seu final: para o cristão fiel, Cristo é *o próprio Deus*".[38] Westcott afirma que "as palavras, sem dúvida, são dirigidas a Cristo e são uma confissão de sua pessoa... as palavras que se seguiram mostraram que o Senhor aceitou a declaração da sua divindade, como uma verdadeira expressão de fé".[39]

A resposta de Jesus a Tomé indica que existem níveis de fé na vida cristã. Alguns confiam em evidências visíveis, e não conseguem perceber a bênção que vem sobre aqueles que crêem nele por quem Ele é, e não pelo que Ele faz por eles. Aqueles que somente confiam nas evidências visíveis vivem a sua fé cristã em um pequeno mundo de valores espirituais rodeados pelas limitações de ordem temporal. Aqueles que crêem em Cristo por quem Ele é, pela fé expandem os seus horizontes a um vasto mundo de valores espirituais onde desfrutam as bênçãos que pertencem àqueles que **não viram e creram** (29).

E. Um Prefácio Postergado, 20.30-31

Embora na Introdução, Seção *D*, haja um comentário detalhado sobre esta passagem, é apropriado dedicar um pouco de atenção a ela aqui. Estes versículos são uma declaração do objetivo da escrita do livro. Nesse sentido, eles têm a mesma função do prefácio de um livro moderno.

No entanto, existem alguns comentaristas, por exemplo, Hoskyns, que opinam que os **muitos outros sinais** (30) e **estes** (31, sinais) se referem somente ao período posterior à ressurreição. Outros, por exemplo, Westcott, interpretam estas frases como referindo-se a todo o livro, e assim consideram os versículos 30-31 como a conclusão do escrito original.

Também houve a sugestão de que 30-31 estão fora de lugar, e deveriam aparecer depois de 21.23, no lugar de 24-25. Mas não há evidências textuais para tal deslocamento. Além disso, palavras de estilo similar aparecem em 1 Jo 5.13, indicando assim que este estilo de descrição pode ter sido simplesmente a maneira como João pensava e se expressava.

F. A Aparição Pessoal no Mar de Tiberíades, 21.1-23

A maioria das autoridades sustenta que o último capítulo do texto de João é um apêndice ou epílogo. Alguns argumentam que ele não foi escrito pelo mesmo homem a quem se atribui a autoria dos vinte primeiros capítulos. Outros vêem evidências claras, tanto na linguagem quanto em conteúdo, de que o autor é o mesmo.

Entre os comentaristas modernos, Hoskyns representa uma minoria que afirma que o capítulo é uma parte integrante do Evangelho, e que foi escrito pelo mesmo autor. Ele comenta: "Por meio de duas cenas curtas, os leitores recebem total confiança na universalidade e no poder da Igreja. A captura de 153 peixes, e o cuidado apostólico paciente com as ovelhas e os cordeiros formam o clímax do Evangelho, não da fé de Tomé".[40] Westcott, que considera que é um epílogo, mas do mesmo autor, diz: "A manifestação do Senhor, que é descrita com detalhes, tem a intenção de exemplificar a sua atuação na sociedade".[41]

1. *Os Discípulos Vão Pescar* (21.1-14)

Antes da crucificação, Jesus dissera aos seus discípulos que, depois da sua ressurreição, Ele iria antes deles para a Galiléia (Mt 26.32; Mc 14.28). As cenas posteriores à ressurreição nos Evangelhos Sinóticos também fazem referência a um encontro ali, com

o Senhor ressuscitado (Mt 28.7,10,16; Mc 16.7). Mas somente João detalha a cena no mar de Tiberíades,[42] onde Jesus **manifestou-se** [*ephanerosen*, lit., "apareceu, se revelou"]... **outra vez aos discípulos** (1). Esta linguagem indica que "ele não era *continuamente* visível entre a sua ressurreição e a sua partida final".[43] Ele se revelava somente segundo a sua vontade, em termos das necessidades dos seus seguidores (ver o quadro C).

A cena é iniciada com a expressão **e manifestou-se assim** (1), que, traduzida literalmente, significa "ele se revelou desta maneira". **Depois disso** seria depois das aparições posteriores à ressurreição, registradas no capítulo 20.

Estavam juntos sete dos discípulos. O primeiro mencionado é Simão Pedro (cf. 1.40-41), indicando a sua posição de liderança entre os discípulos. Quatro outros são também mencionados: Tomé, Natanael e os filhos de Zebedeu [Tiago e João] (2).[44] Havia outros dois dos discípulos presentes, mas seus nomes não são fornecidos.

Apesar do fato de que estes homens tinham visto o seu Senhor ressuscitado, e tinham falado com ele em duas ocasiões diferentes (Tomé, somente em uma), eles ainda eram como ovelhas sem um pastor. Nada mais natural para eles do que pensar em termos da sua profissão anterior. Pedro, Tiago e João tinham sido pescadores. Assim, Pedro disse: **Vou pescar** (3, lit., "vou sair para pescar"). Ele encontrou pronta aceitação da sua proposta pelos outros seis, que disseram: "Também nós vamos contigo" (Weymouth). Westcott sugere: "Os discípulos pareciam ter continuado com o seu trabalho normal, esperando calmamente pelo sinal que iria determinar o seu futuro".[45]

Eles **subiram logo**[46] **para o barco** (3).[47] A melhor pescaria acontecia durante a noite. Mas, mesmo durante as horas favoráveis naquela noite, nada apanharam (cf. 9.4; 11.10). Se a noite e a escuridão eram a ocasião do fracasso, uma hora onde a verdadeira obra da vida não pode ser realizada, o antídoto deve ser encontrado quando vem a luz. Não é meramente uma questão de estilo que leva João a colocar a chegada da luz — **sendo já manhã** — em um contexto imediato com a chegada da "Luz verdadeira" (1.9) — **Jesus se apresentou na praia** (4). Jesus não foi reconhecido imediatamente. Os discípulos não conheceram que era Jesus (cf. 20.14; Lc 24.16, 31). Alguns comentam que o não reconhecimento por parte dos discípulos deveu-se à distância da praia (cerca de noventa metros, "duzentos côvados", 8), à insuficiência de luz no amanhecer, ou a um nevoeiro no lago. Mas nenhuma dessas explicações é necessária em vista do fato de que Jesus se revelava somente segundo a sua vontade, de acordo com as necessidades dos seus seguidores. Bernard diz: "O Senhor ressuscitado não era reconhecível, a menos que Ele decidisse "se manifestar".[48] Westcott sugere que eles estavam "preocupados com o seu trabalho... de modo que a visão do divino ficou obscurecida".[49]

Jesus iniciou a conversa com uma pergunta. Uma tradução literal seria: "Rapazes, vocês não pescaram nada, não é mesmo?"[50] **Responderam-lhe: Não** (5). Como resposta, Jesus deu instruções específicas aos seus desapercebidos discípulos: **Lançai a rede à direita do barco e achareis** (6). Seguindo a sugestão (na verdade, era uma ordem) do Estranho não reconhecido na praia, **lançaram-na, pois, e já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes**. Alguns pensam que a grande quantidade de peixes não foi milagrosa. Bernard diz: "O mar da Galiléia ainda abunda em peixes". Além disso, "essa grande pescaria não é descrita como um *semeion* (sinal, milagre), nem se sugere que possa ter sido milagrosa".[51] No entanto, Trench debate o assunto sob o título "A segunda pesca milagrosa de peixes" (cf. Lc 5.5-11).[52] À vista do fato de que o autor do Evangelho, o

discípulo amado, recorda este momento como o momento do reconhecimento, quando disse: **É o Senhor** (7), ele deve ter presenciado na pescaria mais do que uma grande quantidade de peixes.

Neste episódio, João e Pedro são vistos nas suas verdadeiras personalidades. Foi João, um homem muito perspicaz, "um gênio espiritual"[53] (cf. 20.8), quem viu Jesus no milagre. Foi Pedro, "um líder fervoroso, impulsivo, afetuoso",[54] quem partiu para a praia (cf. 18.10; 20.6). Ele vestiu as suas roupas,[55] pois estava nu, para trabalhar, e mergulhou no mar (7, RSV).

Em uma mensagem sobre 21.1-7, Alexander Maclaren usa como texto e assunto a descoberta e a exclamação de João, **É o Senhor** (7): 1. Só vê corretamente aquele que vê Cristo em tudo (3-4); 2. Somente aqueles que amam podem ver a Cristo (7); 3. Aqueles que amam sabem que Cristo os ama (5-6).

Seguindo Pedro, os outros discípulos foram com o barco (barco pequeno, barco a remo) **levando a rede cheia de peixes** (8). O barco maior (*ploion*) não podia se aproximar da praia por causa da pouca profundidade, assim os seis homens pegaram o barco a remo, que eles usavam para trazer a pesca até à praia.

Na praia, **viram... brasas, e um peixe posto em cima, e pão** (9). Jesus os convidou: **Trazei dos peixes que agora apanhastes** (10). Pedro assumiu a liderança, subiu e puxou a rede para terra, **cheia de cento e cinqüenta e três grandes peixes** (11). As interpretações deste número (153) têm sido variadas e numerosas. Alguns exemplos são: três elementos simples, 100 + 50 + 3, representando "a tolice dos gentios", "os remanescentes de Israel" e "a Santíssima Trindade", respectivamente (Cirilo de Alexandria); *dez* é a Lei, *sete* é a graça, desta forma dezessete é o cumprimento da divina revelação, e os números de 1 a 17 somados resultam em 153, o que "significa todos aqueles que estão incluídos na operação de salvação da graça divina (Agostinho)".[56] Outra interpretação sugerida com freqüência é a de que os gregos acreditavam que havia 153 tipos de peixes. Assim, "os discípulos realizaram a pesca perfeita",[57] simbolizando a universalidade do Evangelho. A maioria dos comentaristas modernos assume que se trata simplesmente de um registro do número de peixes apanhados. Hoskyns comenta: "Não existe um significado simbólico no número por si mesmo; é importante como um número, e deve ter sido interpretado assim pelos gregos instruídos e, portanto, pode ser usado, em transferência, para simbolizar uma pescaria única e perfeita".[58]

Mesmo com esta pescaria incomum, não se rompeu a rede. É claro que todo o episódio é um retrato da igreja trabalhando para reunir homens — homens de todos os "tipos". A rede intacta, um item observado pelo ex-pescador João, acrescenta algo a este quadro. "Os recursos da igreja, com Cristo no seu meio, nunca recebem uma tensão excessiva".[59]

Por um lado, a cena é bastante casual; como exemplo, temos a pergunta de Jesus do versículo 5, e aqui (12), quando Ele disse: "Venham, tomem o café da manhã" (trad. lit.).[60] Por outro lado, não havia essa facilidade de comunicação que tinha caracterizado as perguntas e respostas dos capítulos 13 e 14. **Nenhum dos discípulos ousava** [tinha a coragem de] **perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor** (12).

Como era o seu costume, Jesus presidiu a refeição. Ele **tomou o pão, deu-lho, e, semelhantemente, o peixe** (13). Embora alguns tenham tentado encontrar aqui a refeição eucarística, não há evidências suficientes de que o autor tivesse esta intenção (cf.

6.11). Como para enfatizar o objetivo de todo o evento, João observa que esta **era a terceira vez que Jesus se manifestava** [revelava] **aos seus discípulos depois de ter ressuscitado dos mortos** (14). Para uma lista completa das aparições posteriores à ressurreição do nosso Senhor, veja o quadro *B*.

2. *Jesus e Pedro* (21.15-19)

Imediatamente depois do final do café da manhã, Jesus dedicou-se à segunda principal preocupação daquela manhã. Ele dirigiu-se a Pedro. **Simão, filho de Jonas** [João], **amas-me** [*agapas*] **mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor; tu sabes que te amo** (*philo*) (15). Duas perguntas devem ser consideradas. A primeira, qual era a comparação que Jesus tinha em mente quando disse **mais do que estes**? A linguagem e a sintaxe admitem três possíveis comparações. 1. Você me ama mais do que você ama estes discípulos? 2. Você me ama mais do que você ama barcos, redes e pescarias? 3. Você me ama mais do que estes discípulos me amam? (Cf. Mc 14.29; Lc 22.33; Jo 13.37). Pode ser que aquilo que parece ser uma ambigüidade na verdade pretenda ser uma implicação de consagração completa. O Mestre queria deixar clara uma exclusão geral de tudo o que pudesse interferir no amor de Pedro pelo seu Senhor. É abundantemente verdadeiro que o amor cristão por Jesus deve ser exclusivo, e é a única atitude em que nunca houve um excesso conhecido. Em última análise, "a pergunta se refere somente a uma coisa, e essa é o *amor* de Pedro por Jesus... se ele *ama*, já é suficiente. Esta é a única condição essencial para o serviço e o ministério apostólico".[61] A segunda pergunta colocada aqui é debatida depois (17). Qual é a diferença significativa, se houver, no uso de palavras diferentes (*agapao* e *phileo*) significando amor?

É instrutivo observar que Pedro, mesmo na sua primeira resposta, estava desejoso de submeter toda a sua intenção ao escrutínio do seu Senhor — **tu sabes**. "Com a lembrança da sua negação, Pedro não pode apelar para a sua própria história, mas pode apelar para a compreensão do seu Mestre".[62] Sem nenhuma indicação direta de qualquer aceitação ou rejeição da resposta de Pedro, Jesus disse: **Apascenta** [*boske*] **os meus cordeiros** [*arnia*] (15).

Uma segunda vez Jesus fez a mesma pergunta, somente omitindo o comparativo **mais do que estes**, e usando sinônimos na tarefa, **Apascenta** [*poimaine*, tomar conta] **as minhas ovelhas** [*probatia*] (16). Jesus coloca a pergunta pela terceira vez. A maioria dos comentaristas concorda que as três perguntas quase idênticas foram feitas porque Pedro tinha negado o Senhor, quase da mesma maneira, três vezes (18.17,25-26). As barreiras erigidas pelas negações pessoais ao Senhor não são destruídas rapidamente. Enquanto se aquecia junto ao fogo feito pelos inimigos de Jesus, Pedro o negou três vezes. Agora, junto ao fogo acendido pelo seu Senhor, que o ama, Pedro deve afirmar o seu amor três vezes.

A terceira pergunta e a terceira resposta assumem uma forma ligeiramente diferente. **Simão, filho de Jonas, amas-me** [*phileis*]**?** Com esta terceira pergunta, Pedro entristeceu-se ("magoou-se profundamente", Phillips) e disse: **Senhor, tu sabes** [*oidas*] **tudo; tu sabes** [*ginoskeis*] **que eu te amo** [*philo*] (17). Não era apenas uma questão de intuição divina, de conhecimento absoluto (*oidas*) sobre Pedro; o conhecimento de Jesus também se baseava no relacionamento pessoal (*ginoskeis*) vivido com ele. Uma vez mais, o Senhor disse: **Apascenta** [*boske*] **as minhas ovelhas** [*probatia*].

A maioria dos comentaristas modernos afirma que os dois verbos gregos que significam "amar" (*agapao* e *phileo*) são usados como sinônimos por João não somente aqui, mas também em outras partes do seu Evangelho.[63] No entanto, Westcott argumenta que a alternância no uso das palavras[64] tem o seu significado. Ele comenta: "Então, *Pedro entristeceu-se* não somente porque a pergunta foi feita mais uma vez, mas porque nesta *terceira vez* a frase foi mudada... como para suscitar uma dúvida se ele realmente poderia afirmar corretamente aquele amor modificado que ele tinha professado".[65]

Nesta segunda parte do episódio na praia do mar da Galiléia, duas coisas se destacam claramente. A primeira é que o amor, o amor puro, é a única base adequada para o serviço — **apascenta as minhas ovelhas** (cf. 13.8-9, 34). A segunda é que aqueles que recebem a responsabilidade pela tarefa (20.21) têm um mandamento dado por Deus, de serem pastores do rebanho, o que significa, basicamente, alimentar e cuidar das ovelhas.

Jesus tinha alguma coisa a mais a dizer a Pedro. **Quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias: mas, quando já fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde tu não queiras** (18). Era chegado o momento final da irresponsabilidade moral para Pedro. Hoskyns diz: "A liberdade irresponsável e impetuosa da juventude agora chegou ao fim. Ele não mais pode agir como tinha acabado de agir, quando se vestiu e deixou os peixes no meio da pescaria e nadou sozinho até à praia".[66] As palavras **estenderás as mãos** eram "uma predição inequívoca do martírio na cruz".[67] Certamente João entendeu assim. **Jesus disse isso significando com que morte havia ele de glorificar a Deus** (19). Segundo Westcott, "a crucificação de Pedro em Roma é confirmada por Tertuliano e por autores posteriores. Orígenes afirmou, adicionalmente, que ele foi crucificado de cabeça para baixo, atendendo ao seu próprio pedido".[68] Antes da crucificação de Jesus, Pedro tinha valentemente afirmado a sua vontade de morrer pelo seu Senhor, mas Jesus tinha declarado a incapacidade de Pedro em segui-lo, e tinha predito as suas negações (13.36-38). Agora o teste tinha sido o do amor — um teste em três partes (cf. 13.34-35). Aparentemente, a capacidade de seguir Jesus "por todo o caminho" é determinada não somente pela vontade ou disposição de alguém, mas muito mais pela qualidade do amor desse alguém — o amor perfeito. Por isso, agora Jesus diz a Pedro: **Segue-me** (19). O fato de que esta ordem está no presente no texto grego indica uma ação que será contínua, habitual, costumeira. Não haverá mais negações.

3. *Jesus e João* (21.20-23)

Tendo recebido a ordem, e disposto a seguir Jesus, Pedro, voltando-se, **viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava** (20). Podemos interpretar essa palavra — seguia — de duas maneiras. João estava andando com Jesus e Pedro na praia. Mas isso parece improvável, pois não há nenhuma indicação de que estivessem indo a algum lugar. Mais provável, em vista do que acabara de acontecer (18-19), é que Pedro soubesse que João era espiritualmente perspicaz (cf. 20.8; 21.7), e aquele que no sentido mais elevado e verdadeiro estava seguindo Jesus.

Em vista do fato de que seguir Jesus significaria, para Pedro, a morte pela crucificação (18), a curiosidade natural o dominou. Ele perguntou: **Senhor, e deste que será?** (21). Jesus respondeu: "Se a minha vontade *thelo* é que ele fique *menein* até que eu venha, o que você tem com isso, Pedro? Você deve me seguir" (22, Phillips). Sofrer o

martírio como um seguidor de Jesus era o destino de Pedro. Mas a glória de um homem não é o martírio. É a realização da vontade de Deus — **Se eu quero que ele fique** (23). Assim, não é uma questão de como um seguidor morre, mas sim de como ele vive, de como ele cumpre a vontade de Deus.

G. A CONCLUSÃO, 21.24-25

A conclusão do Evangelho de João é uma confirmação da autoria — **Este é o discípulo que testifica dessas coisas e as escreveu** (24); também é uma confirmação da veracidade dos registros — **sabemos que o seu testemunho é verdadeiro** (24). A primeira afirmação, segundo os estudiosos conservadores, se refere a João. O nós sabemos que a segunda afirmação se refere às testemunhas da comunidade cristã. Quimby afirma: "Sobre a verdade do seu livro, estávamos tão certos quanto o nascer do sol... vinte séculos de experiência cristã substanciaram o seu testemunho. Vinte séculos de vida cristã, o *único* lugar onde a verdade do Evangelho pode ser provada, confirmaram isso".[69]

A afirmação da conclusão é o que Hoskyns chama de "uma expressão muito apropriada de insuficiência literária".[70] Como é verdadeira a afirmação de que a Palavra Viva jamais pode ser expressa em palavras escritas! Neste sentido, **nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem** (25).

Notas

INTRODUÇÃO

[1]B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John* (Londres: John Murray, 1908), pp. 5-25.

[2]*Ib.*, p. 34.

[3]Lidell e Scott, *Greek-English Lexicon* (Abridged, vigésima quinta edição; Chicago: Follett Publishing Company, 1927), p. 633.

[4]*The Challenge of New Testament Ethics* (Londres: Macmillan and Co., 1950), p. 271.

[5]C. H. Dodd, *The Interpretation of the Forth Gospel* (Cambridge: The University Press, 1954), p. 144.

[6]*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: The University of Chicago Press, 1952), p. 341.

SEÇÃO I

[1]Richard Francis Weymouth, revisado por James Alexander Robertson, *The New Testament in Modern Speech* (5. ed.; Boston: Pilgrim Press, 1943), p. 212.

[2]*Op. cit.*, p. 2.

[3]C. H. Dodd, *op. cit.*, p. 330.

[4]*Ib.*, p. 269.

[5]O tempo verbal aoristo em grego define um ato como único e simples, sem qualquer referência a ser contínuo ou repetitivo. Logo, aqui, a incapacidade do mal vencer o bem é definitiva, final e absoluta.

[6]J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, ed. A. H. McNeile ("The International Critical Commentary"; Edinburgo: T. & T. Clark, 1928), I, 11.

[7]C. H. Dodd, *op. cit.*, p. 159.

[8]A palavra *judeu* aparece 66 vezes neste Evangelho, ao passo que, nos Sinóticos, consta apenas quinze vezes. A recusa dos judeus a crer em Jesus e a rejeição que demonstraram em relação a Ele são as principais idéias contidas no Evangelho de João.

[9]Westcott, *op. cit.*, p. 9.

[10]*Op. cit.*, p. 10.

[11]Bernard, *op. cit.*, p. 19.

[12]Edwyn Clement Hoskyns, *The Fourth Gospel*, ed. Francis Noel Davey (Londres: Faber and Faber Limited, 1947), p. 85.

[13]*Op. cit.*, p. 11.

[14]A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Broadman Press, 1930), V, 12.

[15]C. H. Dodd, *op. cit.*, p. 186.

[16]Westcott, *op. cit.*, p. 12

[17]Bernard, *op. cit.*, p. 24.

[18]*Op. cit.*, p. 16.

SEÇÃO II

[1]Os levitas eram os responsáveis pelo ensino da lei (2 Cr 35.3; Ne 8.7-9). Os levitas não são mencionados nos Sinóticos, exceto em Lucas 10.32 (e no NT, somente em At 4.36).

[2]George Ernest Wright e Floyd Vivian Filson, *The Westminster Historical Atlas of the Bible* (Filadélfia: The Westminster Press, 1946), p. 85.

[3]Hoskyns, *op. cit.*, p. 176.

[4]Bernard, *op. cit.*, p. 47.

[5]Hoskyns, *op. cit.*, p. 177.

[6]Westcott, *op. cit.*, p. 21.

[7]Hoskyns, *op. cit.*, p. 169.

[8]Bernard, *op. cit.*, p. 52.

[9]Westcott, *op. cit.*, p. 24.

[10]Hoskyns, *op. cit.*, p. 179.

[11]A leitura do melhor texto grego permitiria a Pedro ser o sujeito do verbo "achar", o que na opinião de alguns tornaria a seqüência muito mais interessante: André acha e traz Pedro; Pedro acha Filipe; e Filipe acha Natanael. Todos eles eram galileus e amigos.

[12]Bernard, *op. cit.*, p. 62.

SEÇÃO III

[1]Richard Cheneviz Trench, *The Miracles of Our Lord* (Nova York: D. Appleton and Company, 1873), p. 105.

[2]O local tradicional é Kefr Kenna, 6,5 quilômetros ao nordeste de Nazaré, a caminho de Cafarnaum. Mas a maioria dos estudiosos da atualidade prefere Khirbet Qana, 15 quilômetros ao norte de Nazaré. O nome significa "lugar das canas".

[3]G. H. C. Macgregor, *The Gospel of John*, "The Moffatt New Testament Commentary" (Nova York: Harper and Brothers Publisher, n.d.), p. 51.

[4]Macgregor, *loc. cit.*

[5]*Op. cit.*, p. 102.

[6]Westcott, *op. cit.*, p. 39.

[7]Arthur John Gossip, "The Gospel According to St. John" (Exposição), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, VIII (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952), 497.

[8]*Ibid.*, p. 499.

[9]Westcott, *op. cit.*, p. 41.

[10]Carl F. H. Henry, "John", *The Biblical Expositor*, editor consultor, Carl F. H. Henry (Filadélfia: A. J. Holman Company, 1960), III, 163.

[11]Westcott, *op. cit.*, p. 45.

[12]Bernard, *op. cit.*, p. 101.

[13]*Op. cit.*, p. 48.

[14]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 76.

[16]Westcott, *op. cit.*, p. 49.

[16]*Ibid.*, p. 52.

[17]*Op. cit.*, p. 110.

[18]Westcott, *op. cit.*, p. 53.

[19]*Ibid.*, p. 55.

[20]Nicholas Berdyaev, *Freedom and the Spirit* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1935), p. 324.

[21]Bernard, *op. cit.*, p. 127.

[22]Macgregor, *op. cit.*, p. 89.

[23]*Op. cit.*, p. 120.

[24]Westcott, *op. cit.*, p. 61.

[25]Gossip, *op. cit.*, p. 517.

[26]*Ibid.*, p. 519.

[27]Dodd, *op. cit.*, p. 311.

[28]Westcott, *op. cit.*, p. 69.

[29]R. H. Strachan, *The Fourth Gospel* (3 ed.: Londres: Student Christian Movement Press Ltd., 1941), p. 151.

[30]Westcott, *ibid.*

[31]Macgregor, *op. cit.*, p. 102.

[32]Westcott, *op. cit.*, pp. 72-73.

[33]Strachan, *op. cit.*, p. 157.

[34]Macgregor, *op. cit.*, p. 103.

[35]Strack e Billerbeck, *Kommentar zum NT aus Talmud und Midrasch*, II, 438.

[36]Dodd, *op. cit.*, p. 316.

[37]Lightfoot, *op. cit.*, p. 126.

[38]*Ibid.*

[39]*Op. cit.*, p. 77.

[40]*Op. cit.*, p. 136.

[41]Westcott, *op. cit.*, p. 78.

[42]Lightfoot, *op. cit.*, p. 138.

[43]Macgregor, *op. cit.*, pp. 167-68.

[44]Westcott, *op. cit.*, p. 82.

[45]Wilbert F. Howard, "The Gospel According to St. John" (Introdução e Exegese), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, VIII (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952), 542.

[46]Westcott, *op. cit.*, p. 83.

[47]Lightfoot, *op. cit.*, p. 140.

[48]Westcott, *op. cit.*, p. 84.

[49]*Ibid.*, p. 81, 84.

[50]C. H. Dodd, *op. cit.*, p. 256.

[51]*Ibid.*

[52]Macgregor, *op. cit.*, p. 178.

[53]Westcott, *op. cit.*, p. 87.

[54]Strachan, *op. cit.*, p. 172.

[55]Westcott, *op. cit.*, p. 89.

[56]*Ibid.*, p. 90.

[57]Macgregor, *op. cit.*, p. 127.

[58]Westcott, *op. cit.*, p. 96.

[59]Lightfoot, *op. cit.*, p. 157.

[60]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 178.

[61]Strachan, *op. cit.*, p. 179.

[62]Westcott, *op. cit.*, p. 100.

[63]Macgregor, *op. cit.*, p. 138.

[64]Bernard, *op. cit.*, p. 193.

[65]Sem dúvida, o leitor observou a intrigante similaridade de estilo e de estrutura entre este diálogo e o anterior, entre Jesus e a mulher samaritana, no capítulo 4.

[66]A palavra traduzida aqui como Senhor é *kyrie*, a mesma palavra que é assim traduzida em 4.15. Neste contexto parece que, em inglês, a forma mais polida, "sir" (meu senhor) seria uma boa tradução porque estas pessoas não reconhecem Jesus como o Senhor. Isto indicaria que o pedido "dá-nos sempre desse pão" seria uma resposta cínica e não um pedido sincero.

[67]*Op. cit.*, p. 102.

[68]*Op. cit.*, pp. 569-70.

[69]A palavra traduzida como "pode" em 6.52 é *dynatai*, que significa "ter a habilidade ou poder para fazer algo".

[70]Westcott, *op. cit.*, p. 109.

[71]Dodd, *op. cit.*, p. 336.

[72]Flávio Josefo, *Antiquities of the Jews*, trad. por William Whiston (Filadélfia: David McKay), p. 253.

[73]Adam Clarke, *The New Testament with a Commentary and Critical Notes* (Nova York: Abingdon Press, n.d.), I, 567.

[74]Westcott, *op. cit.*, p. 116. Para uma discussão mais ampla, veja as notas sobre Mt 13.55 (BBC, VI, 139-40).

[75]T. S. Eliot, *Murder in the Cathedral* (Nova York: Harcourt, Brace, c. 1935), p. 44.

[76]Westcott, *op. cit.*, p. 117.

[77]*Op. cit.*, p. 312.

[78]Clarke, *op. cit.*, p. 569.

[79]Uma obra, *hen ergon*, se refere não tanto à obra como uma entre muitas, mas sim ao fato de que a cura do homem enfermo (cf. 5), embora fosse uma transgressão à lei do sábado, era um cumprimento da missão de Jesus como aquele que fora enviado pelo Pai (cf. 4.34; 9.4; 10.25; 17.4).

[80]Bernard, *op. cit.*, p. 262.

[81]Dodd, *op. cit.*, p. 258.

[82]Westcott, *op. cit.*, p. 120.

[83]*Ibid.*, p. 121.

[84]Bernard, *op. cit.*, p. 275.

[85]Lightfoot, *op. cit.*, p. 180.

[86]*Ibid.*

[87]O Sinédrio era composto por três grupos principais: os principais dos sacerdotes (ex-sumos sacerdotes e provavelmente os seus filhos), os anciãos e os escribas (na maioria, fariseus). Os principais sacerdotes eram os saduceus. Talvez os anciãos pertencessem aos dois grupos.

[88]Hoskyns, *op. cit.*, p. 319.

[89]Bernard, *op. cit.*, p. 279.

[90]Lightfoot, *op. cit.*, p. 181.

[91]Hoskyns, *op. cit.*, p. 310.

[92]Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943), pp. 157-60.

[93]*Ibid.*, pp. 149-50.

[94]Lightfoot, *op. cit.*, p. 185.

[95]J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, ed. A. H. McNeile ("The International Critical Commentary", Edinburgh: T. & T. Clark, 1928), II, 717.

[96]*Ibid.*, p. 716.

[97]Bernard, *op. cit.*, p. 717.

[98]*Ibid.*, p. 718.

[99]Lightfoot, *op. cit.*, pp. 347-48.

[100]Hoskyns, *op. cit.*, p. 570.

[101]Lightfoot, *op. cit.*, p. 348.

[102]*Op. cit.*, p. 204.

[103]Hoskyns, *op. cit.*, p. 331.

[104]*Op. cit.*, p. 142.

[105]*Ibid.*, p. 130.

[106]Hoskyns, *op. cit.*, p. 334.

[107]Bernard, *op. cit.*, p. 302.

[108]Westcott, *op. cit.*, p. 132.

[109]Bernard, *op. cit.*, p. 304.

[110]Westcott (*op. cit.*, p. 134) dá esta explicação para o problema da correlação entre 34 e 35. "A transição do pensamento da escravidão do pecado para a liberdade por meio do Filho está resumida... assim existe uma mudança dupla no pensamento, (1) da escravidão do pecado [34] para a idéia da escravidão [35], e (2) da idéia da filiação (contrastada com a idéia da escravidão) para o Filho".

[111]Strachan, *op. cit.*, p. 212.

[112]Westcott, *op. cit.*, p. 135. Neste versículo, a evidência dos manuscritos para "vistes" e "ouvistes" está praticamente equilibrada.

[113]O debate aqui é sobre o relacionamento dos judeus com Abraão, o pai da nação de Israel, e não com Moisés, que lhes deu a lei.

[114]Westcott, *op. cit.*, p. 136.

[115]Bernard, *op. cit.*, p. 313.

[116]Westcott, *op. cit.*, p. 138.

[117]*Ibid.*

[118]Strachan, *op. cit.*, p. 215.

[119]*Op. cit.*, p. 217.

[120]Hoskyns, *op. cit.*, p. 352.

[121]Westcott, *op. cit.*, p. 143.

[122]Hoskyns, *op. cit.*, p. 353.

[123]A frase "aquele que me enviou" é mencionada 26 vezes por Jesus, e outras 18 vezes em expressões sinônimas.

[124]Hoskyns, *op. cit.*, p. 153.

[125]Strachan, *op. cit.*, p. 218.

[126]Macgregor, *op. cit.*, p. 226.

[127]Hoskyns, *op. cit.*, p. 354.

[128]Westcott, *op. cit.*, p. 145.

[129]Hoskyns, *op. cit.*, p. 352.

[130]Wilbert F. Howard, *op. cit.*, p. 617.

[131]Dodd, *op. cit.*, p. 359.

[132]Westcott, *op. cit.*, p. 149.

[133]*Ibid.*

[134]Hoskyns, *op. cit.*, p. 359.

[135]*Op. cit.*, p. 137.

[136]Westcott, *op. cit.*, p. 152.

[137]Hoskyns, *op. cit.*, p. 372.

[138]*A Testament of Devotion* (Nova York: Harper and Brothers, 1941), p. 44.

[139]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 634.

[140]Hoskyns, *op. cit.*, pp. 368-69.

[141]A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 180.

[142]Westcott, *op. cit.*, p. 155.

[143]Bernard, *op. cit.*, p. 363.

[144]"Um certo problema na compreensão do v. 16 foi causado pela tradução, na Vulgata, da palavra grega, que significa *rebanho*, como a palavra latina que significa *aprisco*" (Hoskyns, *op. cit.*, p. 379).

[145]Robertson, *op. cit.*, p. 181.

[146]Hoskyns, *op. cit.*, p. 379.

[147]*Ibid.*

[148]A expressão "está fora de si" significa literalmente "estar fora do próprio juízo" (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 487).

[149]Bernard, *op. cit.*, p. 342.

[150]William Barclay, *The Gospel of John*, II (2 ed.; "The Daily Study Bible"; Filadélfia: Westminster Press, 1956), 80-81.

[151]Lightfoot, *op. cit.*, p. 212.

[152]*Ibid.*

[153]*Op. cit.*, pp. 386-87.

[154]Quanto ao significado da vida eterna, veja a Introdução, seção 4, "Vida".

[155]*Op. cit.*, p. 158.

[156]Hoskyns, *op. cit.*, p. 389.

[157]*Op. cit.*, p. 159.

[158]*Op. cit.*, p. 87.

[159]Hoskyns, *op. cit.*, p. 391.

[160]A palavra aqui traduzida como "santificou" é uma forma do termo grego *hagiazo*, que significa "separar para uso sagrado", "consagrar", "tornar santo". Aplicada a Jesus, a palavra significa "consagrar", "separar" (cf. 17.19). Aqui, no aoristo, ela mostra a característica atemporal do sacrifício eterno.

[161]*Op. cit.*, p. 369.

[162]Lightfoot, *op. cit.*, p. 211.

[163]Uma forma curta de Eleazar, significando o homem cuja *ajuda é Deus* (ou o homem *a quem Deus ajuda*).

[164]Hoskyns, *op. cit.*, p. 399.

[165]Westcott, *op. cit.*, p. 165.

[166]Hoskyns, *op. cit.*, p. 399.

[167]Barclay, *op. cit.*, p. 94.

[168]Westcott, *op. cit.*, p. 165.

[169]O dia judeu era dividido em 12 horas iguais, do nascer ao pôr-do-sol. Assim, a duração de uma hora podia variar de acordo com a estação do ano.

[170]*Op. cit.*, p. 420.

[171]Bernard, *op. cit.*, p. 378.

[172]O uso do tempo aoristo do verbo traduzido como está morto indica que naquela hora Lázaro já havia morrido.

[173]Strachan, *op. cit.*, p. 234.

[174]*Op. cit.*, p. 167.

[175]*Op. cit.*, pp. 271ss.

[176]Westcott, *op. cit.*, p. 168.

[177]Hoskyns, *op. cit.*, p. 402.

[178]Deve-se observar que a palavra "vida" não aparece do papiro Chester-Beatty do século III, embora seja incluída em outras fontes, e seja totalmente corroborada pelos ensinos de Jesus em outras partes deste Evangelho.

[179]Bernard, *op. cit.*, p. 387.

[180]*Op. cit.*, p. 365.

[181]Westcott, *op. cit.*, p. 168.

[182]O verbo é *pepisteuka*; está no tempo perfeito e significa literalmente: "Eu acreditei, e ainda tenho fé". O tempo perfeito descreve um estado presente resultante de uma ação passada.

[183]Strachan, *op. cit.*, p. 237.

[184]Strachan *op. cit.*, p. 403.

[185]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 254.

[186]Hoskyns, *op. cit.*, pp. 403ss.

[187]Esta expressão pode ser traduzida como "Jesus irrompeu em lágrimas" (Moffatt).

[188]Barclay, *op. cit.*, p. 115.

[189]Bernard, *op. cit.*, p. 396.

[190]Hoskyns, *op. cit.*, p. 406.

[191]Westcott, *op. cit.*, p. 173.

[192]Dodd, *op. cit.*, p. 367.

[193]*Op. cit.*, p. 173.

[194]Comparável a "deixem que ele vá para casa".

[195]O Sinédrio era a corte e o conselho mais elevado dos judeus. Era composto por 71 membros (tanto saduceus quanto fariseus) e presidido pelo sumo sacerdote. Foi abolido com a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

[196]A função de sumo sacerdote era uma função vitalícia. Mas sob a lei romana, os homens mantinham esse posto por períodos variados, de acordo com o capricho da autoridade imperial.

[197]Bernard, *op. cit.*, p. 404.

[198]A região do deserto a nordeste de Jerusalém.

[199]Macgregor, *op. cit.*, p. 257.

[200]A festa ocorreu no anoitecer, depois do final do sábado (Westcott, *op. cit.*, p. 176).

[201]*Ibid.*

[202]Cenas similares estão registradas em Mc 14.3-9 e Lc 7.36-50. Para uma excelente discussão sobre as semelhanças e diferenças, veja a abrangente obra de Bernard, *op. cit.*, pp. 409-14. Existem fortes evidências de que João estava bem familiarizado com o relato de Marcos.

[203]De acordo com a estimativa de Judas, o valor era de trezentos denários (5). Um denário, uma moeda de prata romana, equivale a cerca de 18 centavos de dólar americano, sendo o pagamento por um dia de trabalho de um trabalhador comum; assim, o presente de Maria era equivalente a cerca de um ano de salário (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 178).

[204]Barclay, *op. cit.*, pp. 127-28.

[205]Bernard rejeita qualquer interpretação alegórica desta frase (*op. cit.*, p. 418; cf. Mc 14.9). A afirmação reflete a "impressão pessoal de João naquela época" (Westcott, *op. cit.*, p. 177).

[206]*Op. cit.*, p. 177.

[207]*Ibid.*

[208]*Op. cit.*, p. 416. Plummer (*op. cit.*, p. 252) auxilia com a sugestão: "As palavras são pronunciadas sob o ponto de vista do passado, quando o ato de Maria ainda era apenas um objetivo".

[209]Barclay, *op. cit.*, pp. 130-31.

[210]Os relatos Sinóticos da entrada em Jerusalém são encontrados em Mt 21.4-9; Mc 11.7-10; Lc 19.35-38.

[211]Bernard, *op. cit.*, p. 423.

[212]Hoskyns, *op. cit.*, p. 420.

[213]Westcott, *op. cit.*, p. 179.

[214]Estes mesmos versículos foram cantados pelo povo que deu as boas-vindas a Simão Macabeu, "depois que ele conquistou Acra e a arrebatou do domínio sírio, mais de cem anos antes" (Barclay, *op. cit.*, p. 136).

[215]Macgregor, *op. cit.*, p. 263.

[216]Westcott, *op. cit.*, p. 179.

[217]Bernard, *op. cit.*, p. 430. "Para tais prosélitos, o Átrio dos Gentios no distrito do Templo era apropriado" (*ibid.*) (Ver o quadro *A*)

[218]Macgregor, *op. cit.*, p. 264.

[219]Lightfoot *op. cit.*, p. 240.

[220]Barclay, *op. cit.*, p. 142.

[221]*Ibid.*

[222]Hoskyns, *op. cit.*, p. 424.

[223]A *psyche* aqui significa a vida física dos sentidos.

[224]A palavra traduzida aqui como "guarda-la-á" significa "vigiar, tomar conta, defender" (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 876).

[225]*Op. cit.*, p. 434.

[226]Howard, IB, VIII, 663.

[227]*Op. cit.*, pp. 143-45.

[228]Não há uma cena do Getsêmani como aquela que João registrou. Entretanto, estes versículos (27-31) transmitem grande parte do mesmo tema, e alguns dos detalhes encontrados nos relatos dos Sinóticos (cf. Mt 26.39; Mc 14.35-36; Lc 22.42). Não está claro por que João decidiu colocar estas palavras aqui.

[229]Muitas versões modernas assumem esta última frase como sendo uma pergunta. No entanto, tanto a estrutura da frase quanto a comparação com os relatos Sinóticos parecem indicar que esta é uma oração, e não uma pergunta.

[230]Westcott, *op. cit.*, p. 182.

[231]Macgregor, *op. cit.*, p. 266.

[232]Lightfoot, *op. cit.*, p. 241.

[233]Bernard, *op. cit.*, p. 441.

[234]Veja outras referências ao "príncipe deste mundo": Mt 4.8-9; Lc 4.6; 2 Co 4.4; Ef 2.2; 6.12.

[235]*Op. cit.*, p. 425.

[236]A palavra traduzida como "levantado" significa "elevar" — como a serpente na haste (3.14) e Jesus na cruz (32-33) e, também, em um sentido figurado, "exaltar" (At 5.31). "Para João, este 'levantar' não deve ser separado da sua 'exaltação' no céu, uma vez que a exaltação celestial pressupõe a terrena" (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 858).

[237]*Op. cit.*, p. 183.

[238]Bernard, *op. cit.*, p. 444.

[239]Compare este texto com a linguagem de 9.4-5; 11.9-10 e 12.46-48.

[240]Hoskyns, *op. cit.*, p. 428.

[241]*Ibid.*, p. 429. Algumas vezes, nas Escrituras, os resultados são expressos na linguagem que usaríamos para indicar objetivos.

[242]Barclay, *op. cit.*, p. 155.

[243]O verbo "vir" está no tempo perfeito no texto em grego, e retrata um estado presente como um resultado de uma ação passada. Isto é, Jesus *é* "a luz do mundo".

[244]O verbo "vir" está no tempo aoristo no texto grego, e aqui representa a encarnação, de uma única vez, final, completa.

[245]*Op. cit.*, p. 431.

[246]Veja a seção sobre a "Vida", na Introdução.

SEÇÃO IV

[1]Bernard faz uma tentativa de harmonizar os Sinóticos e os relatos de João referentes à Última Ceia (*op. cit.*, pp. 456-58). Veja também Ralph Earle, "The Gospel According to Matthew", *Beacon Bible Commentary*; Kansas City: Beacon Hill Press, 1964), pp. 233-35.

[2]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 228.

[3]*Op. cit.*, p. 274.

[4]*Op. cit.*, p. 436.

[5]Macgregor, *op. cit.*, p. 274.

[6]Strachan, *op. cit.*, p. 265.

[7]Hoskyns, *op. cit.*, p. 437. Ele também cita um Midrash sobre Gn 21.14. "Abraão a dispensou [Agar] com uma carta de divórcio e tomou um pano e o cingiu em torno de seus lombos, para que os homens soubessem que ela era uma escrava".

[8]Os dois verbos traduzidos como "sabes... saberás" são palavras diferentes no grego. O primeiro é um conhecimento "absoluto e completo", enquanto o segundo é "o conhecimento que é adquirido pela experiência gradual" (Westcott, *op. cit.*, p. 191).

[9]*Op. cit.*, p. 438.

[10]*Ibid.*

[11]Foi Pedro que, após o Pentecostes, testificou que a purificação desfrutada na ocasião chegou ao seu coração (At 15.8-9). E assim ele o soube, por experiência, depois (7).

[12]A frase "senão os pés" não aparece em alguns escritos antigos que são aceitos como autoridades. Alguns comentadores (Macgregor, Westcott) omitem a frase; Hoskyns prefere a leitura mais curta.

[13]A palavra traduzida como "limpos" é *katharos* (cf. catharsis), e é usada em relação à pureza espiritual (15.3).

[14]*Op. cit.*, p. 439.

[15]*Op. cit.*, p. 463.

[16]*Op. cit.*, p. 277.

[17]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 851.

[18]*Op. cit.*, p. 440.

[19]*Op. cit.*, p. 467.

[20]A conjunção que é a tradução do termo *hina*, que é aqui usado elipticamente, e seu significado final (*i.e.*, sua indicação de propósito) estão perdidos. Arndt e Gingrich (*op. cit.*, p. 378) dizem: "Com muita freqüência o significado final é grandemente enfraquecido, ou desaparece totalmente". Eles também notam (p. 379) que, às vezes, *hina*, com o subjuntivo, é usado para um imperativo (cf. Phillips, "Mas deixai que esta Escritura se cumpra").

[21]*Op. cit.*, p. 166.

[22]*Op. cit.*, p. 131.

[23]Bernard, *op. cit.*, p. 471.

[24]*Op. cit.*, p. 194.

[25]*Op. cit.*, p. 169.

[26]*Op. cit.*, p. 177.

[27]Barclay, *op. cit.*, p. 171.

[28]*Op. cit.*, I, xx.

[29]*Op. cit.*, p. 286.

[30]Westcott observa que esta é uma indicação de que Judas partiu por seu próprio livre-arbítrio (*op. cit.*, p. 196).

[31]Barclay, *op. cit.*, pp. 171-73.

[32]Hoskyns, *op. cit.*, p. 450.

[33]Bernard, *op. cit.*, II, 526.

[34]A palavra ocorre sete vezes neste Evangelho e dezoito vezes em 1 João.

[35]*Op. cit.*, p. 284.

[36]Adam Clarke, *op. cit.*, p. 620.

[37]As palavras "dinamite", "dinâmico", etc., são derivadas desta palavra.

[38]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 206.

[39]Cf. 7.34; 13.33, 36-37; 14.17; 15.4-5; 16.12.

[40]A KJV traduz a primeira frase como um indicativo... "vós creiais". No entanto, a maioria dos comentadores concorda, com base no contexto, em que o imperativo é a melhor tradução.

[41]A palavra grega traduzida como "moradas" é *mone*, e significa (*lugar de*) *habitação, sala, moradia* (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 529).

[42]*Op. cit.*, p. 200.

[43]*Op. cit.*, p. 533.

[44]Hoskyns, *op. cit.*, pp. 452-53.

[45]Macgregor, *op. cit.*, p. 305.

[46]Este é um bom exemplo do "presente profético", que pode bem ser traduzido como futuro (cf. RSV, NEB, NASB).

[47]Westcott, *op. cit.*, p. 201.

[48]Hoskyns, *op. cit.*, p. 454.

[49]Veja os comentários sobre 4.26; 6.20, 35.

[50]*Ibid.*, p. 455.

[51]*The Imitation of Christ*, tradução revisada (Nova York: Grosset e Dunlap, s.d.), p. 253.

[52]Robertson, *op. cit.*, p. 250.

[53]Bernard, *op. cit.*, p. 539.

[54]*Ibid.*, p. 541.

[55]*Ibid.*, p. 542.

[56]O verbo grego para "enviar" em 17.18 é *apostello*, e significa "enviar com uma missão".

[57]Algumas autoridades traduzem o v. 14 como: "Se me pedirdes alguma coisa...", com base no pronome grego *me* que aparece em alguns manuscritos.

[58]*Op. cit.*, p. 193.

[59]*Op. cit.*, p. 251.

[60]*Op. cit.*, p. 623.

[61]*Op. cit.*, p. 204.

[62]A tradução literal é "guardareis" — futuro simples do indicativo — e está bastante de acordo com o sentido da passagem como um todo.

[63]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 623.

[64]Uma discussão excelente e exaustiva da origem, usos e traduções da palavra pode ser encontrada em Hoskyns, *op. cit.*, pp. 465-70. Veja também Bernard, *op. cit.*, pp. 496-98.

[65]Bernard, *op. cit.*, p. 499.

[66]Macgregor, *op. cit.*, p. 309.

[67]A palavra grega traduzida como "órfãos" é *orphanos*, que significa literalmente, *desprovido de pais* (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 586).

[68]Westcott, *op. cit.*, p. 206.

[69]Hoskyns, *op. cit.*, p. 460.

[70]Westcott, *op. cit.*, p. 207.

[71]A palavra grega para "manifestarei" é *emphanizo*. Ela significa literalmente *revelar*. Em um sentido figurado, refere-se àquilo que transpira dentro da alma de alguém (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 257).

[72]Westcott, *op. cit.*, p. 207.

[73]Strachan, *op. cit.*, p. 286.

[74]Westcott, *op. cit.*, p. 208.

[75]*Op. cit.*, p. 460.

[76]*Ibid.*

[77]Esta expressão aparece sete vezes nos últimos discursos (15.11; 16.1,4,6,25,33).

[78]A palavra grega traduzida como "Espírito" é *pneuma*, de onde vem a palavra "pneumático", que significa *vento, fôlego, e espírito*. A versão KJV em inglês apresenta conotações atuais que deixam algo a desejar em relação a um título para a bendita Terceira Pessoa da Trindade.

[79]Hoskyns, *op. cit.*, p. 461.

[80]*Op. cit.*, p. 199.

[81]*Ibid.*

[82]Hoskyns, *op. cit.*, p. 461.

[83]*Op. cit.*, p. 185.

[84]Veja Westcott, *op. cit.*, pp. 213-16, para uma excelente revisão das opiniões dos primeiros escritores representativos.

[85]*Op. cit.*, p. 555; cf. Mc 13.32; Fp 2.6; 1 Co 15.27.

[86]Bernard, *op. cit.*, p. 556.

[87]Macgregor, *op. cit.*, p. 313.

[88]*Op. cit.*, p. 210.

[89]Bernard, *op. cit.*, p. 478.

[90]Deve-se notar que alguns tomam a expressão "Levantai-vos, vamo-nos daqui" (14.31) como antecipatória. De acordo com esta opinião, Jesus continuou a falar, concluiu o seu discurso, e pronunciou a grande oração sumo sacerdotal (cap. 17) enquanto o grupo ainda permanecia no cenáculo.

[91]Há um jogo de palavras gregas nestas duas frases do v. 2. A palavra para "tirar" é *airei*, e "limpar" é *kathairei*. A segunda significa literalmente *deixar limpo*; por exemplo, uma sala varrida, ou *podar* removendo um ramo desnecessário (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 387).

[92]Hoskyns, *op. cit.*, p. 475.

[93]*Op. cit.*, p. 217.

[94] *Op. cit.*, p. 287.

[95]Bernard, *op. cit.*, p. 480.

[96]*Op. cit.*, p. 475.

[97]Bernard, *op. cit.*, p. 481.

[98]A palavra grega aqui traduzida como "sem" é *choris*, e significa "longe de" ou "separado de".

[99]Cf. 13.33, 36-37; 14.17; 15.4-5; 16.12.

[100]Strachan, *op. cit.*, p. 290.

[101]*Op. cit.*, p. 218.

[102]*Ibid.*

[103]Alguns manuscritos possuem o verbo *genesthe*, um imperativo expressando necessidade, o qual bem justifica a tradução acima. Um discípulo é um "aprendiz", e é difícil conceber o aprendizado sem testes e provas. Conta-se que Inácio, quando a caminho de seu martírio, disse: "Agora estou começando a ser um discípulo" (Bernard, *op. cit.*, p. 483).

[104]*Op. cit.*, p. 477.

[105]Macgregor, *op. cit.*, p. 289.

[106]*Op. cit.*, p. 221.

[107]Hoskyns, *op. cit.*, pp. 478-79.

[108]A palavra grega para "aborrecer", *miseo*, é uma palavra muito forte e significa "detestar, abominar, perseguir com ódio" (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 524).

[109]Barclay, *op. cit.*, pp. 214-16.

[110]Hoskyns, *op. cit.*, p. 479.

[111]Westcott, *op. cit.*, p. 223.

[112]Bernard, *op. cit.*, p. 499.

[113]*Ibid.*

[114]*Op. cit.*, p. 293.

[115]Hoskyns, *op. cit.*, p. 482.

[116]*Op. cit.*, pp. 219-20.

[117]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 760.

[118]*Op. cit.*, p. 225.

[119]Barclay, *op. cit.*, p. 221.

[120]Hoskyns, *op. cit.*, p. 482.

[121]*Ibid.*

[122]Bernard, *op. cit.*, p. 501.

[123]Hoskyns, *op. cit.*, p. 483.

[124]*Op. cit.*, p. 293.

[125]A palavra "tristeza" (*lupe*) só aparece neste capítulo (20-22).

[126]*Op. cit.*, p. 227.

[127]*Op. cit.*, p. 504.

[128]Veja o comentário sobre 14.16.

[129]Bernard, *op. cit.*, p. 296.

[130]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, pp. 248-49.

[131]Hoskyns, *op. cit.*, p. 484.

[132]Cf. Mt 10.19; Mc 13.11; Lc 12.11-12; 21.15.

[133]Westcott, *op. cit.*, p. 229.

[134]*Op. cit.*, p. 506.

[135]Hoskyns, *op. cit.*, p. 485.

[136]Westcott, *op. cit.*, p. 229.

[137]Em grego, a expressão "está julgado" está no tempo verbal perfeito, descrevendo um estado que hoje existe como um resultado de uma ação passada. Satanás já está sob o julgamento de Deus.

[138]Strachan, *op. cit.*, p. 298.

[139]Esta palavra não aparece no texto original.

[140]Hoskyns, *op. cit.*, p. 486.

[141]*Ibid.*, p. 485.

[142]*Ibid.*, p. 486.

[143]Westcott, *op. cit.*, p. 232.

[144]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 360.

[145]Bernard, *op. cit.*, p. 513.

[146]*Ibid.*, p. 514.

[147]A alegria na tristeza, ilustrada pelo nascimento de uma criança, é uma figura do AT. Veja Is 26.17-20; 66.7-14; Os 13.13-15. "Esta é a imagem da ressurreição messiânica do AT" (Hoskyns, *op. cit.*, p. 488).

[148]Westcott, *op. cit.*, p. 233.

[149]*Ibid.*, p. 234.

[150]Veja o comentário sobre 14.14.

[151]Para um comentário sobre a palavra "provérbio" (*paroimia*), veja 10.6.

[152]Westcott, *op. cit.*, p. 234.

[153]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 635.

[154]Westcott, *op. cit.*, p. 234.

[155]Bernard, *op. cit.*, p. 520.

[156]Hoskyns cita uma leitura baseada no Sinaítico Siríaco — "que deveis pedir a qualquer homem" (*op. cit.*, p. 491).

[157]Veja o comentário sobre 14.27.

[158]Bernard, *op. cit.*, p. 524.

SEÇÃO V

[1]Lightfoot, *op. cit.*, pp. 295-96.

[2]Westcott, *op. cit.*, p. 237.

[3]*Ibid.*, p. 236.

[4]Embora quase todos os comentaristas dividam a oração em três partes, Clarke e Westcott, divergindo dos demais com respeito ao ponto da divisão, concluem a primeira parte no versículo 5 e começam a segunda parte no versículo 6.

[5]Hoskyns, *op. cit.*, p. 495.

[6]*Ibid.*, p. 497.

[7]*Op. cit.*, p. 560.

[8]Uma expressão hebraica que significa "a humanidade, com as suas fraquezas e transitoriedades, em contraste com a majestade de Deus" (Lightfoot, *op. cit.*, p. 300).

[9]Strachan, *op. cit.*, p. 301.

[10]Hoskyns, *op. cit.*, p. 498.

[11]*Ibid.*, VIII, 744.

[12]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 817.

[13]*Ibid.*, p. 860.

[14]Strachan, *op. cit.*, p. 301.

[15]*Ibid.* p. 302.

[16]Com isto, não se deve interpretar que Jesus nunca orou pelos seus inimigos, mas sim que nesta ocasião Ele orou especialmente pelos seus discípulos (cf. Lc 13.34; 23.34).

[17]O verbo grego traduzido como rogar é *erotao* e significa basicamente pedir ou exigir.

[18]*Op. cit.*, p. 569.

[19]*Op. cit.*, p. 500.

[20]Bernard, *op. cit.*, p. 571.

[21]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, pp. 8-9.

[22]H. Orton Wiley, *The Epistle to the Hebrews* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1959), p. 326.

[23]*Ibid.*, p. 321.

[24]*Op. cit.*, p. 244.

[25]*Op. cit.*, p. 574.

[26]*Op. cit.*, p. 304.

[27]Veja os comentários sobre 13.4-17.

[28]Hoskyns, *op. cit.*, pp. 501-2.

[29]O termo grego *hegiasmenoi* está em um tempo perfeito, que retrata um estado presente e continuado como resultado da ação anterior (17).

[30]*Op. cit.*, p. 573.

[31]Westcott, *op. cit.*, p. 242.

[32]C. K. Barrett (*The Gospel According to St. John* [Nova York: Macmillan Co., 1955], p. 428) diz: "... a glória de Cristo se obtém pela crucificação, e por ela é mais completamente expressa. A Igreja recebe a glória precisamente nos mesmos termos, pela unidade na fé na morte e ressurreição de Jesus, e a expressa em obediência".

[33]*Op. cit.*, p. 304.

[34]Moffatt traduz 24. "Pai, é a minha vontade que estes, que tu me deste, possam estar comigo onde eu estiver".

[35]*Op. cit.*, p. 579.

SEÇÃO VI

[1]Cedrom significa literalmente "torrente de inverno", indicando o fato de que é normalmente seco, e a água só flui na estação das chuvas.

[2]Hoskyns, *op. cit.*, p. 509.

[3]*Op. cit.*, p. 583.

[4]Citado por Macgregor, *op. cit.*, p. 324.

[5]Westcott, *op. cit.*, p. 252.

[6]*Op. cit.*, p. 509.

[7]A. Plummer (*The Gospel According to St. John* "Cambridge Greek Testament"; Cambridge University Press, 1882], p. 308) escreve: "Existe uma ironia suprimida nos detalhes deste versículo: 'Todas estas forças contra uma, que não oferecia resistência; contra uma que com uma única palavra (cf. 6; Mt 26.53) poderia tê-los eliminado'".

[8]Ver o comentário sobre 4.26.

[9]*Op. cit.*, p. 253.

[10]*Op. cit.*, p. 375.

[11]*Op. cit.*, p. 509.

[12]*Ibid.*

[13]Todos os Evangelhos Sinóticos registram o episódio (Mt 26.51; Mc 14.47; Lc 22.50), mas somente João menciona os nomes Pedro e Malco. Somente Lucas menciona a cura do servo.

[14]Ver a Introdução, "Autoria".

[15]Ver os comentários sobre o versículo 1 desde capítulo. Também cf. Mt 20.22; Mc 14.36; Sl 75.8; Is 51.17, 22; Ez 23.31-34.

[16]Strachan, *op. cit.*, p. 307.

[17]O verbo é *deo*, que significa "atar ou amarrar". O substantivo cognato é *doulos*, que significa "escravo", "servo preso" (cf. Is 53.11).

[18]*Op. cit.*, II, 547.

[19]Barclay, *op. cit.*, II, 264-65.

[20]*Ibid.*, p. 265.

[21]Westcott, *op. cit.*, p. 256.

[22]Hoskyns, *op. cit.*, p. 411.

[23]Ver a Introdução, "Autoria".

[24]Howard, IB, VIII, 440.

[25]*Op. cit.*, II, 268.

[26]Algumas autoridades, por exemplo Macgregor e Westcott, afirmam que o sumo sacerdote mencionado no versículo 19 é Caifás. Macgregor transpõe o versículo 24 para seguir-se ao 13. No entanto, Bernard, seguindo atentamente a evidência dos manuscritos, considera que a cena até o versículo 24 acontece perante Anás.

[27]Hoskyns, *op. cit.*, p. 513.

[28]Barclay, *op. cit.*, II, 265.

[29]Westcott, *op. cit.*, p. 256.

[30]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 635.

[31]Platão, *Diálogos*. "Apology". 33B.

[32]Bernard, *op. cit.*, p. 601.

[33]*Op. cit.*, p. 265.

[34]Lightfoot, *op. cit.*, p. 307.

[35]*Op. cit.*, p. 257.

[36]Bernard, *op. cit.*, p. 605.

[37]*Op. cit.*, p. 258.

[38]"Foi feita uma sugestão interessante de que isto se refere ao *gallicinium*, o sinal dado pela trombeta ou clarim, quando ocorria a troca da guarda das tropas romanas, no final do terceiro turno da noite, chamado de 'canto do galo', *alektorophonia*" (Howard, IB, VIII, 766).

[39]George A. Turner e Juluis R. Mantey, *The Gospel According to John* ("The Evangelical Commentary"; Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 360.

[40]Westcott, *op. cit.*, p. 258.

[41]*Op. cit.*, p. 606. Para uma argumentação sobre o problema da harmonização com os relatos Sinóticos, ver os comentários sobre Mt 26.17 (BBC, VI, 233-35).

[42]*Op. cit.*, p. 42.

[43]Lightfoot, *op. cit.*, p. 324.

[44]*Ibid.*

[45]Este versículo foi interpretado com o significado de que "os judeus não podiam infligir uma pena capital nesta ocasião especial (a Páscoa), ou da maneira particular que desejavam fazê-lo (a crucificação). Mas não há nada no contexto que justifique essa limitação de significado... As palavras devem ser tomadas como uma afirmação simples e direta de que os judeus não podiam condenar ninguém à morte sem a autoridade do governador" (Westcott, *op. cit.*, p. 266). No entanto, Strachan e Hoskyns argumentam que a extensão da competência legal dos judeus é excessivamente obscura antes de 70 d.C. Bernard diz que a crucificação é "uma forma de execução nunca empregada pelos judeus, mesmo quando tinham o poder" (*op. cit.*, p. 334). Se os judeus tivessem condenado Jesus à morte, teria sido por apedrejamento (cf. At 7.58). Mas Cristo tinha predito que morreria crucificado (12.32-33), o método romano. Assim, Jesus tinha de ser levado até o governador. Este é o objetivo dos versículos 31 a 32.

[46]*Op. cit.*, p. 519.

[47]No contexto deste Evangelho, a entrada de Jesus no pátio pagão, na véspera da Páscoa, tem uma importância enorme. O Cordeiro Pascal não foi contaminado. Não há fronteiras de raça nem de tempo que possam deter o fluxo vermelho do seu sangue. Ele é um sacrifício universal, feito *de uma vez por todas*.

[48]A ordem das palavras no texto grego, *su ei*... coloca a ênfase no pronome pessoal. Literalmente, seria "*Tu* és o Rei dos judeus?" Neste sentido, a observação de Pilatos era muito mais um menosprezo sarcástico do que uma verdadeira pergunta. É quase possível ouvir o seu riso cheio de desprezo.

[49]Bernard opina que os **servos** (*huperetai*, 36) não eram os discípulos, mas as "legiões de anjos" mencionadas em Mt 26.53.

[50]Hoskyns, *op. cit.*, pp. 520-21.

[51]Westcott, *op. cit.*, p. 261.

[52]G. Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (3 ed.; Edinburgh: T. & T. Clark, 1937), p. 14.

[53]A menção a este costume só é encontrada nos Evangelhos (cf. Mt 27.15; Mc 15.6; Lc 23.17).

[54]Westcott, *op. cit.*, p. 262.

[55]Westcott, *op. cit.*, p. 267.

[56]Macgregor, *op. cit.*, p. 338. Cf. Is 53.5.

[57]Strachan, *op. cit.*, p. 315.

[58]Macgregor, *op. cit.*, p. 339.

[59]Bernard, *op. cit.*, p. 616.

[60]*Op. cit.*, p. 339.

[61]*Ibid.*

[62]*Op. cit.*, p. 523.

[63]Os judeus haviam anteriormente acusado Jesus de blasfêmia (ver 10.33, 36).

[64]Lightfoot, *op. cit.*, p. 325.

[65]*Op. cit.*, p. 270. Em grego, o uso do artigo enfatiza a identidade individual. Se o artigo não é empregado, a ênfase está no tipo ou qualidade — neste caso, a divindade.

[66]Strachan, *op. cit.*, p. 316.

[67]*Op. cit.*, p. 340.

[68]Westcott, *op. cit.*, p. 270.

[69]Pilatos enviou Jesus a Herodes para um interrogatório quando soube do ministério de Jesus na Galiléia. Somente Lucas registra esta audiência perante Herodes.

[70]*Op. cit.*, p. 619.

[71]Abbott-Smith, *op. cit.*, pp. 161-62.

[72]Westcott, *op. cit.*, p. 270.

[73]*Op. cit.*, p. 619.

[74]*Op. cit.*, p. 316.

[75]Westcott, *op. cit.*, pp. 271-72.

[76]*Op. cit.*, p. 341.

[77]A tradução de Weymouth aqui se baseia no tempo imperfeito do verbo, que aparece em alguns manuscritos.

[78]Strachan, *op. cit.*, p. 316.

[79]Bernard assume uma posição contrária, justificando que o título não era conhecido antes do imperador romano Vespasiano, 69-79 d.C.

[80]A *bema* era uma plataforma elevada, algumas vezes temporária, outras vezes permanente, onde se administrava oficialmente a justiça. Esta provavelmente era uma *bema* temporária, erigida apressadamente no exterior do Pretório, onde toda a multidão poderia ouvir o pronunciamento do julgamento.

[81]*Op. cit.*, p. 342.

[82]*Op. cit.*, p. 622.

[83]Hoskyns, *op. cit.*, p. 525.

[84]*Op. cit.*, p. 317.

[85]Na verdade, a expressão **o levaram** não aparece nas melhores leituras textuais.

SEÇÃO VII

[1]A localização exata do Gólgota não é conhecida, mas geralmente se assume que era uma colina com contorno semelhante a uma caveira, fora da cidade, embora próxima (ver o mapa 2). "As execuções não eram permitidas dentro dos limites dos muros da cidade" (Bernard, *op. cit.*, p. 626). Entretanto, não se tem certeza da posição dos muros da cidade nos tempos de Jesus (ver os comentários sobre Mt 27.33 em BBC, VI, 246-47).

[2]Macgregor, *op. cit.*, p. 344.

[3]Citado por Barclay, *op. cit.*, p. 291.

[4]Hoskyns, *op. cit.*, p. 528.

[5]Bernard, *op. cit.*, p. 627.

[6]Somente João observa que Pilatos escreveu o título.

[7]Macgregor, *op. cit.*, p. 345.

[8]Hoskyns, *op. cit.*, p. 528.

[9]*Ibid.*

[10]Bernard, *op. cit.*, pp. 628-29.

[11]*Op. cit.*, p. 529.

[12]Barclay, *op. cit.*, p. 295.

[13]Stuert-Kennedy, "The Gambler", *Christ in Poetry*; uma antologia, ed. por Thomas Curtis e Hazel Davis Clark (Nova York: Association Press, © copyright 1952), p. 120.

[14]Isto indicaria que Jesus e João, o discípulo amado, eram primos (cf. Mt 27.56; Mc 15.40).

[15]Strachan, *op. cit.*, p. 319.

[16]O verbo grego usual para cumprir é *pleroo*, como por exemplo em 19.24, que significa "tornar inteiro, completo". Mas aqui o verbo *teleioo* traz consigo a idéia de "tornar completo, no sentido de um objetivo determinado".

[17]*Op. cit.*, p. 277.

[18]Hoskyns, *op. cit.*, p. 531.

[19]Bernard, *op. cit.*, p. 638.

[20]*Op. cit.*, p. 330.

[21]*Op. cit.*, p. 640.

[22]*Op. cit.*, p. 531.

[23]Macgregor, *op. cit.*, p. 349.

[24]Bernard, *op. cit.*, p. 638.

[25]Macgregor, *ibid.*

[26]Este era, na verdade, um "sábado duplo", pois o dia seguinte, que começava no pôr-do-sol, era a Páscoa. João o descreve como "um grande dia".

[27]"A *logche* era uma lança comprida e fina, não tão pesada quanto hyssos" (Bernard, *op. cit.*, p. 645).

[28]Este versículo, juntamente com 1 Jo 5.6-8, provocou muitos comentários e muitas teorias. Para excelentes resumos, veja Westcott, *op. cit.*, pp. 284-86, e Macgregor, *op. cit.*, pp. 644-48.

[29]*Op. cit.*, p. 533.

[30]*Op. cit.*, p. 279.

[31]Macgregor, *op. cit.*, p. 352.

[32]Arimatéia se localizava cerca de 21 quilômetros a leste-nordeste de Lida, ou cerca de 96 quilômetros de Jerusalém.

[33]Cerca de 32 quilos, na escala avoirdupois.

[34]Macgregor, *op. cit.*, p. 353.

[35]Barclay, *op. cit.*, p. 306.

SEÇÃO VIII

[1]Westcott, *op. cit.*, p. 287.

[2]Bernard afirma que Maria Madalena é a Maria de Betânia (*op. cit.*, p. 657). Mas isto é muito improvável.

[3]Para a descrição de um sepulcro palestino normal, veja os comentários sobre 11.38.

[4]O uso do plural "nós não sabemos" indica que outras mulheres tinham vindo com ela (cf. Mt 28.1; Mc 16.1; Lc 23.56). Maria fala por todas.

[5]Barclay, *op. cit.*, p. 309.

[6]Segundo Bernard, esta palavra, na Septuaginta "sempre significa 'espiar' através de uma porta ou janela" (*op. cit.*, p. 659).

[7]*Op. cit.*, p. 356.

[8]*Ibid.*

[9]Bernard, *op. cit.*, p. 661.

[10]Hoskyns, *op. cit.*, p. 540.

[11]*Ibid.*

[12]Westcott, *op. cit.*, p. 290.

[13]Hoskyns, *op. cit.*, p. 542.

[14]*Op. cit.*, pp. 312-13.

[15]*Op. cit.*, pp. 792-93.

[16]Macgregor, *op. cit.*, p. 358.

[17]Westcott, *op. cit.*, p. 292.

[18]*Op. cit.*, p. 542.

[19]*Ibid.* Macgregor, Westcott, Bernard opinam que a palavra "Raboni" é praticamente equivalente a *Rabi* (cf. Mc 10.51).

[20]Macgregor, *op. cit.*, p. 359.

[21]*Op. cit.*, pp. 542-43.

[22]*Op. cit.*, p. 359.

[23]Strachan, *op. cit.*, p. 326.

[24]*Ibid.*, p. 328.

[25]Bernard, *op. cit.*, p. 672.

[26]Lightfoot, *op. cit.*, p. 335.

[27]*Op. cit.*, p. 329.

[28]É somente em Lc 24.39-40 que os pés marcados pelos pregos são mencionados. Alguns entendem que os diferentes relatos da crucificação não fornecem os detalhes sobre a maneira como ela se deu, *i.e.*, se Jesus foi amarrado por meio de tiras de couro ou se foi pregado à cruz. Porém os ferimentos indicados aqui e no texto de Lucas indicam claramente que ele foi pregado.

[29]Bernard, *op. cit.*, p. 676.

[30]*Op. cit.*, p. 298. Esta observação feita por Westcott está baseada em um abrangente estudo do uso que João faz dos dois verbos.

[31]Hoskyns fornece um bom resumo de diferentes opiniões (*op. cit.*, pp. 546-47).

[32]*Ibid.*

[33]Daniel Steele, *The Gospel of the Comforter* (Boston e Chicago: The Christian Witness Company, 1904), p. 155.

[34]*Op. cit.*, p. 315.

[35]*Op. cit.*, p. 329.

[36]Barclay, *op. cit.*, p. 321.

[37]Macgregor, *op. cit.*, p. 362.

[38]*Ibid.*, p. 363.

[39]*Op. cit.*, p. 297.

[40]*Op. cit.*, p. 550.

[41]*Op. cit.*, p. 229.

[42]João é o único autor dos Evangelhos que usa este nome para o mar da Galiléia (cf. 6.1).

[43]Bernard, *op. cit.*, p. 693.

[44]Somente aqui o nome Zebedeu é mencionado no texto de João.

[45]*Op. cit.*, p. 300.

[46]A palavra *logo* não aparece no texto grego.

[47]A palavra aqui é *ploion*, que é usada para descrever "grandes barcos para viagens no mar", ou um "*barco* como os pequenos pesqueiros no lago de Genesaré" (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 679).

[48]*Op. cit.*, p. 695.

[49]*Op. cit.*, p. 300.

[50]A ordem das palavras dessa pergunta no texto em grego indica que Jesus esperava uma resposta negativa.

[51]*Op. cit.*, p. 697.

[52]*Op. cit.*, pp. 480-504.

[53]Bernard, *op. cit.*, p. 698.

[54]*Ibid.*

[55]O verbo aqui é *diezosato*, que "significa que Pedro amarrou a roupa com o seu cinturão antes de ir até a praia nas águas rasas" (*ibid.*).

[56]Westcott, *op. cit.*, pp. 306-7. Existem muitas outras teorias engenhosas, porém improváveis.

[57]Hoskyns, *op. cit.* 554.

[58]*Ibid.*, 556.

[59]Strachan, *op. cit.*, p. 336.

[60]A palavra *aristao* pode significar "tomar o café da manhã" e também "jantar".

[61]Bernard, *op. cit.*, pp. 701-2.

[62]Macgregor, *op. cit.*, p. 373.

[63]Para uma excelente análise sobre este assunto, veja Bernard, *op. cit.*, pp. 702-4.

[64]Assume-se que *phileo* significa "o sentimento do amor natural", e *agapao* é a "palavra sublime" (*op. cit.*, p. 303). Charles B. Williams destaca a diferença básica entre os dois verbos na sua tradução do versículo 16. "Jesus porém lhe disse, pela segunda vez, 'Simão, filho de João, és verdadeiramente dedicado a mim?' Simão disse a Jesus, 'Sim Senhor, tu sabes que te amo ternamente'" (veja também Weymouth).

[65]*Ibid.*

[66]*Op. cit.*, pp. 556-57.

[67]Bernard, *op. cit.*, p. 709.

[68]*Op. cit.*, p. 304.

[69]*Op. cit.*, p. 203.

[70]*Op. cit.*, p. 561.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

BARCLAY, William. *The Gospel of John*. Vol. II. Segunda Edição. "The Daily Study Bible" Philadelphia: Westminster Press, 1956.

BARRETT, C. K. *The Gospel According to St. John*. New York: Macmillan Co., 1995.

BERNARD, J. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*. Editado por A. H. McNeile. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928.

CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*. Vol. I. New York: Abingdon Press, s.d.

DODD, C. H. *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Cambridge: The University Press, 1954.

GOSSIP, Arthur John. "The Gospel According to St. John" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. VIII. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952.

HENRY, Carl F. H. "John". *The Biblical Expositor*. Editado por Carl F. H. Henry, Vol. III. Philadelphia: A. J. Holman Company, 1960.

HOSKYNS, Edwyn Clement. *The Fourth Gospel*. Editado por Francis Noel Davey. London: Faber and Faber, Limited, 1947.

HOWARD, W. F. "The Gospel According to St. John" (Introduction and Exegesis). The Interpreter's Bible. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. VIII. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952.

LIGHTFOOT, R. H. *St. John's Gospel, A Commentary*. Editado por C. F. Evans. Oxford: At the Clarendon Press, 1957.

MACGREGOR, G. H. C. *The Gospel of John*. "The Moffatt New Testament Commentary". New York: Harper and Brothers Publishers, s.d.

PLUMMER, A. *The Gospel According to St. John*. "Cambridge Greek Testament". Editado por J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1882.

QUIMBY, Chester Warren. *John, The Universal Gospel*. New York: The Macmillan Company, 1947.

ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. Vol. V. Nashville: Broadman Press, 1930.

STRACHAN, R. H. *The Fourth Gospel*. Terceira Edição. London: Student Christian Movement Press, 1941.

STRACK, H. L. & BILLERBECK, PAUL. *Kommentar zum N. T. aus Talmud und Midrasch*. Vol. II. Munich: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung 1956.

TURNER, George A. & MANTEY, Julius R. *The Gospel According to John*. "The Evangelical Commentary". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.

WESTCOTT, B. F. *The Gospel According to St. John*. London: John Murray, 1908.

II. OUTROS LIVROS

ABBOTT-SMITH, G. *A Manual Greek Lexicon of the New Testament*. Terceira Edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1937.

ARNDT, William F. & GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1952.

BERDYAEV, NICHOLAS. *Freedom and the Spirit*. New York: Charles Scribner's Sons, 1935.

EARLE, RALPH. "The Gospel According to Matthew". *Beacon Bible Commentary*. Editado por A. F. Harper, *et al.* Kansas City: Beacon Hill Press, 1964.

EDERSHEIM, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*. Vol. II. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943.

ELIOT, Thomas Stearns. *Murder in the Cathedral*. London: Faber and Faber, Ltd., 1935.

HEADLAM, Arthur C. *The Life and Teaching of Jesus the Christ*. New York: Oxford University Press, 1923.

HOWARD, W. F. *Christianity According to St. John*. Philadelphia: The Westminster Press, 1946.

JOSEPHUS, Flavius. *Antiquities of the Jews*. Traduzido por William Whiston. Philadelphia: David McKay, s.d.

KELLY, Thomas R. *A Testament of Devotion*. New York: Harper and Brothers, 1941.

KEMPIS, Thomas A. *The Imitation of Christ*. Tradução Revisada. New York: Grosset e Dunlap, s.d.

LIDDELL and SCOTT. *Greek-English Lexicon*. Edição Resumida. Vigésima-quinta Edição. Chicago: Follett Publishing Company, 1927.

MARSHALL, L. H. *The Challenge of New Testament Ethics*. London: Macmillan and Co., 1950.

PLATO. *The Dialogues of Platô*. Vol. I. Traduzido por B. Jowett. New York: Random House, 1937.

STEELE, Daniel. *The Gospel of the Comforter*. Boston and Chicago: The Christian Witness Company, 1904.

STUDDERT-KENNEDY, G. A. "The Gambler". *Christ in Poetry: An Anthology*. Editado por Thomas Curtis Clark e Hazel Davis Clark. New York: Association Press, 1952.

TRENCH, Richard Chenevix. *The Miracles of Our Lord*. New York: D. Appleton and Company, 1873.

____. *Synonyms of the New Testament*. New York: Redfield, 1857.

WEYMOUTH, Richard Francis. *The New Testament in Modern Speech*. Revisado por James Alexander Robertson. Quinta Edição. Boston: The Pilgrim Press, 1943.

WILEY, H. Orton. *The Epistle to the Hebrews*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1959.

WRIGHT, George Ernest & FILSON, Floyd Vivian. *The Westminster Historical Atlas of the Bible*. Philadelphia: The Westminster Press, 1946.

LIVRO DOS

ATOS DOS APÓSTOLOS

Ralph Earle

Introdução

A. Importância

O livro de Atos tem um lugar único no Novo Testamento. Ele estabelece uma conexão lógica entre os Evangelhos e as epístolas. Seria muito mais difícil ler as epístolas de Paulo de modo compreensível sem o histórico fornecido pelo livro de Atos. Dois ou três exemplos da primeira epístola aos Tessalonicenses podem provar isto. Paulo diz que ele e seu companheiro tinham sido "agravados em Filipos" (1 Ts 2.2). Em Atos 16.19-24, descreve-se este vergonhoso tratamento. Novamente, Paulo escreve: "Pelo que, não podendo esperar mais, de boa mente quisemos deixar-nos ficar sós em Atenas; e enviamos Timóteo... para vos confortar e vos exortar" (1 Ts 3.1-2). Voltando ao livro de Atos, vemos que Timóteo uniu-se ao grupo em Listra, na segunda viagem missionária de Paulo (At 16.1-3). Também podemos ler, no capítulo 17, como Paulo foi forçado a deixar Tessalônica e Beréia, em razão da perseguição dos judeus, e foi a Atenas. Dali, ele enviou Timóteo de volta a Tessalônica. O livro de Atos nos fornece, assim, o contexto histórico das epístolas de Paulo (exceto as pastorais). É a primeira história escrita da Igreja, embora abranja um período de cerca de apenas trinta anos (30—61 ou 62 d.C.).

B. Autoria

A voz universal da Igreja Primitiva declara que o livro de Atos foi escrito por Lucas. Isto é particularmente significativo porque Lucas é mencionado somente três vezes no Novo Testamento. Era comum, nos séculos II e III, atribuir evangelhos apócrifos, o livro de Atos e epístolas aos vários apóstolos, mas não a homens obscuros. Isto já é um argumento forte em favor da autoria de Lucas para o livro de Atos.

As três referências a Lucas estão nas epístolas de Paulo. Em Filemom 24, Paulo inclui Lucas entre os seus "cooperadores". Em Colossenses 4.14, ele o descreve como "Lucas, o médico amado". E, em 2 Timóteo 4.11, ele escreve: "só Lucas está comigo". Estes escritos mostram que Lucas era um companheiro de Paulo, médico, e que somente ele estava com Paulo nos últimos anos da vida do apóstolo — provavelmente como o seu médico.

A evidência externa para a autoria de Lucas é adequada. A respeito do testemunho de Irineu sobre Atos, na última parte do século II, Grant escreve: "Ele não apenas o usou, mas também forneceu a prova clássica de que o livro foi escrito por Lucas: a informação detalhada nas passagens "nós" (At 16.9-18; 20.5-21.18; 27.1-28.16) prova que ele foi escrito por um companheiro de Paulo, o qual foi com ele a Roma; este companheiro deve ter sido Lucas, na prisão em Roma (Cl 4.14), e posteriormente (2 Tm 4.11).[1] O Fragmento Muratório (de aprox. 200 d.C.) diz:

Além disso, os atos de todos os apóstolos são escritos em um único livro. Lucas [portanto] os reúne para o excelentíssimo Teófilo, porque os eventos individualmente ocorreram na sua presença — como ele mostra claramente omitindo a paixão de Pedro, como também a partida de Paulo, quando este saiu da cidade [de Roma] em direção à Espanha.[2]

A evidência interna, embora não tão definida, é forte. A justificativa básica é a de Irineu, como observado anteriormente. As passagens "nós" provam que o autor do livro de Atos era um companheiro de Paulo. Existe uma concordância universal entre os estudiosos do Novo Testamento de que estas passagens mostram tal unidade de estilo e de vocabulário com o restante do livro de Atos, o que indica que todo o livro foi claramente escrito pela mesma pessoa. Dos companheiros de Paulo mencionados destacadamente por ele nas suas epístolas, somente dois não aparecem no livro de Atos — Tito e Lucas. Quando se trata de escolher entre estes dois, podemos deixar que a tradição unânime da Igreja Primitiva decida o assunto em favor de Lucas.

Outra evidência interna precisa ser mencionada. Em 1882, Hobart publicou um livro em que afirmou que existe um uso suficiente de linguagem médica no Evangelho de Lucas e no livro de Atos, para provar que o autor destes dois livros era um médico.[3] Harnack, o grande estudioso alemão, apoiou fortemente esta tese. Depois de realizar pessoalmente uma nova investigação sobre o assunto, ele escreveu: "A evidência é de uma força estarrecedora; parece-me que não pode haver dúvida *de que o terceiro Evangelho e o livro de Atos dos Apóstolos foram escritos por um médico*".[4] Zahn declarou: "W. K. Hobart provou, para a satisfação de quem estivesse aberto à convicção, que o autor do trabalho de Lucas estava familiarizado com a linguagem técnica da medicina grega e, portanto, era um *médico grego*".[5] Moffatt opinou que o estudo de Harnack "provou isto muito conclusivamente".[6] A. B. Bruce, escrevendo sobre os Evangelhos Sinóticos em *The Expositor's Greek Testament*, adota a opinião de Hobart nos seus comentários sobre o Evangelho de Lucas.

Na direção contrária a tudo isto, Cadbury afirmou que Hobart estava errado, que não existem evidências de um vocabulário médico técnico no Evangelho de Lucas, nem no livro de Atos. Ele escreveu: "É duvidoso se o interesse de Lucas pelas doenças e pelas curas excede o dos seus companheiros evangelistas ou outros contemporâneos que não eram médicos, pois as palavras que ele partilha com os escritores médicos são amplamente encontradas em outros tipos de literatura grega para podermos supor que eles apontam para qualquer vocabulário específico".[7]

Com todo o respeito que este autor tem pelos estudos do seu antigo professor em Harvard, não é possível concordar com ele na sua afirmação. Embora Hobart se excedesse nas suas declarações, existe um inegável resíduo de evidência de que o autor do terceiro Evangelho e do livro de Atos mostra o ponto de vista de um médico. O autor concordaria com Major, que diz: "Não obstante, existem passagens nos textos de Lucas, que, embora não se possa afirmar que provem, apóiam a hipótese de que o autor era um médico".[8] Semelhantemente, Wikenhauser, depois de observar que "o argumento lingüístico por si mesmo" não prova que "somente um médico poderia ter escrito estes dois livros", ainda assim prossegue dizendo: "Apesar disso, não se deve abandonar a tradição, que ainda pode ser apoiada, pois o autor demonstra familiaridade com a terminologia médica".[9]

C. Local da Escrita

Existe uma tradição de que Lucas escreveu o livro de Atos na Acaia (*i.e.*, na Grécia).[10] Mas parece ser melhor supor que ele o escreveu em Roma, onde conclui a história (At 28.16-31).

D. Data

No século XIX, muitos estudiosos afirmaram que o livro de Atos foi escrito na metade do século II. John Knox propôs esta opinião em anos recentes.[11] Mas ele tem poucos adeptos. Moffatt sustenta uma data aproximadamente ao redor do ano 100.[12] Mais popular é a opinião de Goodspeed [13] e Scott[14] de que o livro de Atos foi escrito aproximadamente no ano 90 d.C. Os dois homens sustentam a autoria de Lucas. Zahn julgou que o ano 75 d.C. seria a melhor data.[15]

Por outro lado, Harnack argumentou fortemente a favor de uma data anterior a 70 d.C., "talvez próxima ao começo da sétima década do século I"[16] (*i.e.*, logo depois do ano 60 d.C.). Torrey opina que o terceiro Evangelho foi escrito aproximadamente no ano 60 d.C., e o livro de Atos logo depois.[17] Parece razoável afirmar que Lucas escreveu o seu Evangelho durante os dois anos da prisão de Paulo em Cesaréia — ou pelo menos nessa ocasião reuniu os seus materiais — e que ele escreveu o livro de Atos enquanto Paulo passava dois anos aprisionado em Roma. Esta é a dedução mais natural com base no fato de que a história termina naquele ponto. Isto fixaria a data do livro ao redor do ano 62 d.C.

E. Propósito

A escola Tuebingen de críticos na Alemanha, na última parte do século XIX, sustentou que o objetivo do livro de Atos era o de reconciliar os grupos de Paulo e de Pedro na igreja, os quais estavam em clima de batalha. Mas esta teoria "tendencial" foi largamente abandonada à luz das últimas pesquisas. Na verdade, Henshaw chega a ponto de dizer: "As investigações agora refutam completamente a teoria".[18]

Normalmente, os estudiosos da atualidade sustentam que o prefácio do Evangelho de Lucas (1.1-4) também se aplica ao livro de Atos. Se este for o caso, o primeiro propósito seria, como já afirmamos aqui, que Teófilo pudesse conhecer "a certeza das coisas" de que já estava "informado". Uma leitura do mesmo livro parece apoiar claramente a afirmação de Clogg de que o objetivo de Lucas era mostrar: "(1) o poder possuído pelos apóstolos por meio do Espírito Santo... (2) a expansão gradual da igreja, em parte em números, por meio do poder dos apóstolos, em parte em extensão geográfica".[19]

Kirsopp e Silva Lake sugerem um objetivo triplo, que talvez forme uma afirmação mais adequada do caso. Eles afirmam que entre os motivos para escrever o livro estavam:

(a) Um desejo de provar a inspiração e a orientação sobrenatural dadas à igreja no dia de Pentecostes... (b) Um desejo de mostrar que os melhores magistrados romanos nunca tomaram nenhuma decisão contra os cristãos... (c) Um desejo puramente histórico de mostrar como a igreja deixou de ser judia e tornou-se grega, porque os judeus rejeitaram a mensagem da salvação, porém os gregos a aceitaram.[20]

F. O texto

Há uma coisa que deve ser dita sobre o texto do livro de Atos. Ele tem características peculiares não encontradas em nenhum outro livro do Novo Testamento.

Quatro tipos de textos do Novo Testamento são normalmente distinguidos pelos estudiosos. O primeiro é o Texto Bizantino, encontrado no volume dos últimos manuscritos. Este foi a base do assim chamado *Textus Receptus* (Texto Recebido) usado pelos tradutores da Versão King James em inglês. A opinião quase universal é que este é o texto grego mais pobre.

O melhor texto é o que Westcott e Hort chamaram de Texto Neutro (não editado). Este nome foi amplamente abandonado na atualidade em favor de uma designação mais exata, a do Texto Alexandrino. Em geral, isto é o que é encontrado nos dois grandes manuscritos do século IV, o Vaticano e o Sinaítico. Somente os manuscritos em papiro de partes do Novo Testamento são mais antigos do que estes. Os tradutores modernos usaram este texto com base nos manuscritos mais antigos.

O terceiro texto é conhecido como o Texto Ocidental. É encontrado no Codex Bezae (designado como *D*), do século V, e também na antiga versão em Latim da África do Norte.

A quarta família, mais recentemente isolada pelos estudiosos, é chamada de texto Cesareano. Mas ela não é particularmente significativa para o estudo do livro de Atos.

No livro de Atos, o texto Ocidental é caracterizado por longas leituras que não são encontradas no texto Alexandrino. O grande problema que os estudiosos textuais enfrentam é saber qual destas leituras pode ser genuína, se é que alguma realmente o pode. Algumas provavelmente representam tradições autênticas. Mas parece improvável que alguma pertença, na verdade, ao texto original. Uma comparação completa dos textos de Atos de Vaticano e de Bezae, com copiosas observações, poderá ser encontrada no volume III de *Beginnings of Christianity.*

Esboço

I. INTRODUÇÃO

A. Os Quarenta Dias, 1.1-11
B. Os Dez Dias, 1.12-26

II. O TESTEMUNHO EM JERUSALÉM, 2.1—7.60

A. A Pregação por meio de Testemunhos, 2.1-47
B. Testemunhas Realizando um Milagre, 3.1-26
C. Testemunhas Perseguidas, 4.1-22
D. As Testemunhas Orando, 4.23-37
E. Testemunhas Perseguidas, 5.1-42
F. O Avanço das Testemunhas, 6.1-7
G. Testemunhas Enviadas à Morte, 6.8—7.60

III. O TESTEMUNHO NA JUDÉIA E SAMARIA, 8.1—12.25

A. Testemunhando em Samaria, 8.1-25
B. Testemunhando ao Eunuco Etíope, 8.26-40
C. A Conversão da Testemunha, 9.1-31
D. Testemunhando na Judéia, 9.32-43
E. Testemunhando aos Gentios, 10.1-11.30
F. Testemunhas Perseguidas, 12.1-25

IV. TESTEMUNHANDO NO MUNDO GENTÍLICO, 13.1—28.31

A. Chipre, 13.1-12
B. A Ásia Menor, 13.13-14.28
C. O Concílio de Jerusalém, 15.1-35
D. Novamente a Ásia Menor, 15.36—16.10
E. A Macedônia, 16.11—17.15
F. Grécia, 17.16—8.17
G. Ásia, 18.18—20.38
H. A Viagem a Jerusalém, 21.1-16
I. Jerusalém, 21.17—23.35
J. Cesaréia, 24.1—26.32
K. A Viagem a Roma, 27.1—28.16
L. Roma, 28.17-31

Seção I

INTRODUÇÃO

Atos 1.1-26

O primeiro capítulo do livro de Atos é uma introdução. Os "atos" começam verdadeiramente no capítulo 2, quando o Espírito Santo já capacitou os apóstolos e outros para agirem com eficácia. O primeiro capítulo estabelece uma ligação entre os Evangelhos, terminando com a ascensão e o início da história da igreja no Pentecostes.

O conteúdo consiste em uma breve afirmação daquilo que ocorreu nos quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Cristo (1-11), e é a única descrição que temos do que aconteceu durante os dez dias entre este período e o Pentecostes (12-26). Assim, este primeiro capítulo é de grande importância histórica.

A. Os Quarenta Dias, 1.1-11

Embora esteja implícito que Jesus apareceu aos seus discípulos de tempos em tempos durante os quarenta dias (veja o quadro *B*), somente duas dessas aparições são mencionadas aqui. Na primeira (4-5), Jesus ordenou que eles esperassem pelo Espírito Santo prometido. Na segunda (6-9), Ele fez a promessa do poder para testemunhar.

1. *O Mandamento* (1.1-5)

Este parágrafo pode ser adequadamente chamado de prefácio ou prólogo ao livro de Atos, embora alguns restrinjam o prólogo aos dois primeiros versículos. Talvez a melhor conclusão seja esta: "O livro de Atos começa com uma transição, e não com um

prefácio".[1] Na atualidade, os estudiosos no Novo Testamento geralmente opinam que a intenção do prefácio do Evangelho de Lucas (1.1-4) era a de servir também como o prefácio do livro de Atos.

Lucas se refere imediatamente ao **primeiro tratado** (1). A palavra grega para "primeiro" é *protos*, que no grego clássico era usada para designar o "primeiro" de três ou mais itens. Com base neste fato, alguns julgaram que Lucas pretendia escrever um terceiro volume. Eles opinam que isto talvez ajude a explicar por que o livro de Atos termina tão abruptamente. Mas a maioria dos estudiosos da atualidade concordaria com Lumby, que escreve: "O uso de *protos* como a anterior ou a primeira entre duas coisas não era incomum no grego mais recente".[2] Exemplos disso no Novo Testamento estão em Mateus 21.28; 1 Coríntios 14.30; Hebreus 8.7; 9.15; Apocalipse 21.1. O uso de "primeiro" em lugar de "anterior" é comum na língua inglesa atual.

A palavra grega para "tratado" é *logos*, que é traduzida como "palavra" em 218 de suas 330 ocorrências no Novo Testamento. Somente aqui ela é traduzida como "tratado". Mas este uso está confirmado por Xenofontes (século IV a.C.), que se refere a um "livro" de sua obra *Anabasis* como um *logos*.[3] O primeiro tratado é, sem dúvida, o Evangelho de Lucas, que também é dedicado a Teófilo.

O Evangelho de Lucas e o livro de Atos são os dois livros mais longos do Novo Testamento. Juntos, eles totalizam cerca de uma quarta parte do conteúdo total. É provável que os limites destes dois livros fossem definidos pelo fato de que era impraticável elaborar um rolo de papiro com mais de onze metros, aproximadamente. O Evangelho de Lucas e o livro de Atos atingem, cada um deles, cerca de dez metros — um rolo suficientemente incômodo para se carregar!

O nome **Teófilo** ("amigo de Deus", ou "aquele que ama a Deus") é encontrado somente aqui e em Lucas 1.3, onde ele é chamado de "excelentíssimo" (ver comentários sobre aquele versículo). Houve alguma especulação quanto ao motivo pelo qual o título é omitido aqui. Blaiklock menciona três possíveis motivos: "um aprofundamento da amizade, o abando do ofício ou a conversão ao cristianismo".[4] Mas talvez a justificativa mais simples seja a de que Lucas não viu a necessidade de repetir o título.

Lucas diz que no **primeiro tratado** ele escreveu acerca de **tudo que Jesus começou não só a fazer, mas a ensinar**. Muitos dos estudiosos mais recentes negaram que a palavra "começou" tenha qualquer significado, sustentando que se trata meramente de uma palavra auxiliar semita — "começou a fazer" significa um pouco mais que "fez".[5] Mas F. F. Bruce acertadamente objeta esta opinião. Ele interpreta a frase da mesma maneira como o fazem muitos dos comentaristas mais velhos: "Da mesma maneira como o Evangelho nos conta o que Jesus *começou* a fazer e ensinar, assim também o livro de Atos nos conta o que Ele *continuou* a fazer e ensinar pelo seu Espírito na vida dos apóstolos, depois da sua ascensão".[6]

A expressão em duas partes — fazer e ensinar — chama a atenção para os dois principais aspectos do ministério de Jesus — as suas *obras* e *palavras*. Ambas tinham em si o poder divino.

Lucas indica que no seu **primeiro tratado**, o Evangelho que leva o seu nome, ele descrevera as palavras e as obras de Cristo **até o dia em que Ele foi recebido em cima** (2). É um fato intrigante que o Evangelho de Lucas, e somente ele, termine com uma descrição da ascensão.

A expressão **ter dado mandamentos** é um particípio em grego, "tendo mandado". É melhor traduzido no singular — "ter dado mandamento" (ASV). Isto se refere à Grande Comissão (Mt 28.18-20), que foi o mandamento final de Cristo para os seus discípulos.

Padecido (3) é usado apenas aqui no Novo Testamento significando o sofrimento e a morte de nosso Senhor. As primeiras versões em inglês apresentam a palavra *paixão* em cerca de meia dúzia de passagens, segundo a Septuaginta, que apresenta *passio* (grego, *pathema*, "sofrimento").[7]

Apresentou (3) é a melhor tradução, em lugar de "mostrou". Literalmente, "Ele se colocou ao lado deles" nas suas aparições depois da sua ressurreição, de tal maneira que eles não poderiam duvidar que fosse Ele (cf. Lc 24.30-31).

Infalíveis provas é uma palavra, "provas" (ASV). Mas existe uma outra mais forte (*tekmerion*), encontrada somente aqui no Novo Testamento. Ela significa "um sinal seguro, uma prova positiva".[8] Thayer define isto como "meio pelo qual algo é certamente e plenamente conhecido; uma evidência indubitável, uma prova".[9] Arndt e Gingrich dizem que significa "uma *prova* convincente, decisiva", e eles assim traduzem a frase: "muitas provas convincentes".[10]

Sendo visto por eles por espaço de quarenta dias (lit., "durante quarenta dias") significa que Jesus aparecia aos seus seguidores periodicamente durante este período (ver o quadro *B*), como sabemos a partir dos relatos dos Evangelhos. Esta é a única passagem no Novo Testamento onde é mencionada a extensão do seu ministério pós-ressurreição.

O assunto das conversas de Cristo com os discípulos durante esses quarenta dias era o **Reino de Deus**. Esta expressão, freqüentemente encontrada nos Evangelhos, quer dizer o *reinado* ou *a lei* de Deus no coração dos homens. Sem dúvida, Jesus falava sobre a natureza espiritual do Reino. Mas a verdade penetrava muito lentamente. O fato de que os discípulos ainda vislumbravam este Reino como um reino político é demonstrado na sua pergunta no versículo 6: **Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?**

Estando com eles (4) é uma única palavra em grego (*synalizomenos*). Cadbury e Lake adotam uma leitura alternativa, encontrada em Eusébio, *synaulizomenos*, que quer dizer "passar a noite com, hospedar-se com".[11] Esta é evidentemente a base da tradução "estando com eles". Provavelmente, a melhor tradução é aquela encontrada na margem das versões mais atuais em inglês: "comendo com eles". Esta opinião é compartilhada por C. S. C. Williams em sua tradução "compartilhando refeições com eles".[12]

Determinou, em grego, não é a mesma palavra encontrada no versículo 2 (ver os comentários sobre este texto). Abbott-Smith indica que a palavra usada na passagem anterior "aponta mais para o conteúdo do mandamento", ao passo que o termo encontrado aqui é usado "especialmente para as ordens transmitidas por um comandante militar".[13] Os discípulos ainda não estavam adequadamente capacitados para a sua principal ofensiva contra o inimigo. Assim, o seu General ordenou que eles esperassem (lit., "esperar nas redondezas") até serem autorizados pelo Espírito Santo a executarem a sua tarefa.

O mandamento de **que não se ausentassem de Jerusalém** sugere que os discípulos estavam planejando retornar ao seu território natal na Galiléia. Os governantes judeus de Jerusalém tinham causado a morte do seu Mestre, e naturalmente espera-

va-se que perseguissem os seus seguidores. Além disso, os anjos no sepulcro vazio tinham avisado, por meio das mulheres, que os discípulos deveriam encontrar o seu Senhor ressuscitado na Galiléia (Mt 28.7; Mc 16.7). Jesus os tinha encontrado ali (cf. Mt 28.16-20; Jo 21.1-14). Portanto, parece completamente lógico que os discípulos retornassem para lá.

Mas o Mestre tinha outros planos para eles. Ele ordenou que esperassem em Jerusalém pela **promessa do Pai**, *i.e.*, a promessa feita pelo Pai (cf. Is 44.2-5; Ez 39.28-29; Jl 2.28-29). Esta é uma promessa **que de mim ouvistes** (cf. Lc 24.49; Jo 14.16, 26; 15.26). Rackham observa que "a repentina mudança do estilo direto para o indireto (a expressão **disse ele** não consta no texto grego) é característico do estilo dramático de Lucas".[14]

A afirmação do versículo 5 é intimamente correspondente às palavras de João Batista encontradas em Mateus 3.11; Marcos 1.8 e Lucas 3.16. Da mesma maneira que Jesus repetira o principal texto da pregação de João (cf. Mt 3.2; 4.17), agora Ele também ecoava a antiga declaração de João Batista. Esta forte ênfase no batismo no Espírito Santo como maior e mais essencial do que o batismo nas águas antecipa o impulso central do livro de Atos. Qualquer cristianismo que negligencie o batismo pelo Espírito é incompleto e pré-pentecostal. Na verdade, ainda não se iguala à pregação de João Batista. Sem esse batismo, não teria existido o livro de Atos, e na verdade nem a Igreja de Cristo hoje. Sem o batismo no Espírito Santo como uma experiência pessoal, não existe uma capacitação adequada para uma vida vitoriosa e um serviço eficaz.

A última frase do versículo 5 é, literalmente: "não depois destes muitos dias". Williams comenta: "A ordem curiosa das palavras... pode ser do aramaico (Torrey e Burney) ou possivelmente um latinismo (Blass).[15] Ela provavelmente significa "não muitos dias depois de hoje".[16]

2. *A Promessa* (1.6-11)

Aqui se inicia um novo parágrafo. Isto está indicado claramente no texto grego pelo uso de *hoi men oun* — literalmente: "portanto eles verdadeiramente..." Esta fórmula introdutória aparece nada menos do que oito vezes no livro de Atos,[17] além de cinco vezes em que *men oun* é usado com outro pronome.[18] Esta aparição de Jesus aos discípulos em conexão com a ascensão é provavelmente uma variação da descrição de 4 e 5.

Nesta reunião entre o Mestre e os seus discípulos, eles lhe perguntaram: **Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?** Williams comenta: "Eles esperavam um reino material, porque o Espírito ainda não havia descido sobre eles para dar-lhes uma concepção mais esclarecida sobre os fatos".[19] De maneira similar, Lumby escreve: "A mudança do espírito que estabelece a pergunta neste versículo, para aquele segundo o qual Pedro pregou arrependimento e perdão a todos aqueles a quem o Senhor chamou (At 2.38,39), é uma das grandes evidências do milagre do Pentecostes".[20]

Em certo sentido, não nos surpreende que os discípulos tenham feito essa pergunta. Na ressurreição, Jesus tinha triunfado sobre os seus inimigos. Não era esse o sinal para o estabelecimento do Reino? Além disso, o seu ministério ficara quase inteiramente restrito a Israel. Isto não indicava que as promessas do Antigo Testamento, da glória futura do povo de Deus, deveriam ser cumpridas, agora que o Messias tinha vindo? Ficara conclusivamente provado, pela ressurreição, que Jesus era o Messias.

Mas Cristo lembrou aos seus discípulos que a escolha da época adequada era um segredo pessoal do Pai (cf. Mt 24.36; Mc 13.32). Não lhes cabia conhecer **tempos ou estações** (7). A palavra grega para **tempos** é *chronos*, que significa simplesmente "o tempo no sentido de duração".[21] Mas a palavra para **estações** (*kairos*) significa tempo "no sentido de um período fixo e determinado".[22] Trench diz que as estações são "os períodos críticos que marcam época, pré-ordenados por Deus".[23] F. F. Bruce assim destaca a diferença entre as duas palavras: "*Chronous* refere-se ao tempo que deve transcorrer antes do estabelecimento final do Reino; *kairous*, aos acontecimentos críticos que acompanham esse estabelecimento".[24] Winn diz que os discípulos não conheciam "a duração do tempo, nem os momentos-chave".[25]

Poder deveria ser "autoridade". A palavra grega não é *dynamis*, como é no versículo 8, mas sim *exousia*. Assim, significa propriamente: "liberdade para exercer a força ou a faculdade interior expressa por *dynamis*", portanto "direito" ou "autoridade".[26] De maneira similar, Cremer chama a atenção para o fato de que *exousia* e *dynamis* são também encontradas em conexão íntima em Tucídides e Plutarco. Ele observa esta diferença: *dynamis* implica a "posse da capacidade de fazer sentir o poder", ao passo que *exousia* "afirma que o movimento livre está garantido para aquela capacidade".[27]

Em Atos 1.8, está o versículo-chave deste livro significativo. Ele mostra, simultaneamente, o *poder* e o *programa* da Igreja de Jesus Cristo. O *poder* é o Espírito Santo. O *programa* é a evangelização do mundo. Para uma pessoa, reivindicar ser cheia do Espírito e apesar disso não estar vitalmente preocupada com as missões do mundo é equivalente a negar a sua profissão de fé. Quando o Espírito Santo enche o coração humano com o seu poder e a sua presença, Ele gera a necessidade de obedecer aos mandamentos de Cristo. O inverso também é verdadeiro: a Grande Comissão não pode ser realizada sem o poder do Espírito.

Este versículo também indica as três principais divisões do livro de Atos: 1. O testemunho em Jerusalém (caps. 1—7); 2. O testemunho em toda a Judéia e Samaria (caps. 8—12); 3. O testemunho no mundo gentio (caps. 13—28). Assim, a Igreja seguiu a definição das suas atividades, dadas pelo próprio Senhor.

A adequação deste esquema ao conteúdo do livro pode ser vista claramente. Todos os eventos registrados nos sete primeiros capítulos aconteceram em Jerusalém, ou nas suas proximidades — a ascensão de Jesus e a escolha de Matias (cap. 1), o Pentecostes e o primeiro sermão de Pedro (cap. 2), a cura do homem coxo e o segundo sermão de Pedro (cap. 3), a primeira perseguição e uma reunião de oração (cap. 4), a morte de Ananias e Safira e a segunda perseguição (cap. 5), a escolha dos sete e a prisão de Estevão (cap. 6), a defesa e a morte de Estêvão (cap. 7).

Semelhantemente, os capítulos 8 a 12 descrevem a expansão dos testemunhos por toda a Judéia e Samaria. No capítulo 8, Filipe vai em direção ao Norte, até Samaria, e então para o Sul, em direção a Gaza (o Sul da Judéia). No capítulo 9, Saulo é convertido e Pedro evangeliza Lida e Jope (a oeste da Judéia, perto do Mediterrâneo). No capítulo 10, Pedro tem uma visão em Jope e ministra em Cesaréia — ambas na costa do mar Mediterrâneo (Cesaréia era a capital romana da Judéia). No capítulo 11, Pedro se apresenta em Jerusalém e uma igreja é fundada em Antioquia, na Síria (fora da Judéia e Samaria). No capítulo 12, temos a libertação de Pedro (em Jerusalém) e a morte de Herodes (em Cesaréia).

Nos capítulos 13 a 28, encontramos a propagação dos testemunhos do Evangelho pela Ásia Menor, pela Macedônia, pela Grécia, e finalmente em Roma. Para o povo de Jerusalém, isto seria "os confins da terra". Na verdade, esta expressão é usada referindo-se a Roma em um livro apócrifo — *Salmos de Salomão* 8.16 (século I a.C.).

A palavra grega para **poder**, como já foi observado, é *dynamis* (cf. "dinamite", "dínamo"). Isto significa "poder, força".[28] Alford diz que aqui ela significa "*aquele* poder, *especialmente* mencionado em 4.33, relacionado com o ministério de dar o testemunho da ressurreição; mas também com todos os outros poderes espirituais".[29]

A primeira frase desse versículo afirma claramente que o **poder** (a virtude) vem quando o Espírito Santo vem. Isto porque Ele *é* poder. Não existe poder espiritual da parte de Deus, separado da presença do Espírito de Deus. É por isso que todo cristão precisa estar cheio do Espírito.

Ser-me-eis testemunhas é, no melhor texto grego, "minhas testemunhas" (*mou*, em lugar de *moi*). Isto torna o assunto um pouco mais pessoal. O nosso testemunho de Cristo é subjetivo, baseado na experiência, e também objetivo, baseado na observação. A palavra **testemunhas** (tanto no singular quanto no plural) aparece treze vezes no livro de Atos.

Os apóstolos deveriam ser testemunhas de Cristo, em primeiro lugar, em Jerusalém, tão logo recebessem o Espírito Santo ali (cf. 4). Em seguida, deveriam sair da capital e espalhar-se por toda a Judéia — de Jerusalém, a leste, até o rio Jordão; ao sul, para Hebrom; e a oeste, para o Mediterrâneo. Diretamente ao norte de Jerusalém está Samaria, habitada por povos que eram parcialmente judeus e parcialmente gentios. A antiga cidade de Samaria, capital do Reino do Norte de Israel, fora conquistada pelos assírios em 722 ou 721 a.C. As pessoas de melhor nível foram levadas como cativas e se estabeleceram em regiões a leste da Mesopotâmia. Ao mesmo tempo, as pessoas desses territórios do leste foram levadas a Israel. Esta política era adotada pelos assírios para romper com todo o espírito nacionalista e, dessa forma, evitar revoltas contra o seu poder supremo. Conseqüentemente, os samaritanos eram um tipo de raça mestiça, encarados com desprezo pelos judeus da Judéia e da Galiléia. Mas Jesus ordenou que os seus discípulos judeus os evangelizassem.

O limite final da tarefa era **até aos confins da terra**. Alexander comenta: "*aos* não representa plenamente a preposição grega (*heos*), que só pode ser expressa por formas como *até mesmo, tão longe quanto*, sugerindo a idéia de grande distância".[30]

Esta frase, **até aos confins da terra**, é encontrada na mesma forma em grego, na Septuaginta, em Isaías 48.20; 49.6; 62.11, assim como novamente em Atos 13.47 ("até aos confins da terra"), onde a citação é de Isaías 49.6. Ela enfatiza o fato de que o Evangelho deve ser transmitido às pessoas em todas as partes do mundo.

Winn faz uma observação significativa sobre a mudança de direção que é enfatizada em Atos 1.8. Ele diz: "Israel já não mais esperará que as nações venham até ela, trazendo ofertas a Jerusalém (ver Is 2.3; 45.14; 60.4-7); ao contrário, as testemunhas de Jesus sairão de Jerusalém e irão até às nações". E acrescenta: "Pode uma igreja, que permanece no seu lugar e está satisfeita em ministrar simplesmente àqueles que vêm até ela, afirmar ser fiel ao seu mandamento?"[31]

A ascensão é descrita nos versículos 9-11. Jesus foi elevado da terra às alturas e desapareceu em **uma nuvem** (9). Encontramos uma nuvem mencionada em relação à transfiguração (Mt 17.5; Mc 9.7; Lc 9.34). A nuvem era um símbolo da glória de Deus.

Enquanto os discípulos tinham **os olhos fitos no céu** (10) — o verbo "indica um olhar fixo, imóvel, prolongado"[32] — dois varões, que eram anjos, apareceram vestidos de branco (cf. Mt 28.3; Jo 20.12). Estes visitantes angelicais anunciavam a segunda vinda de Cristo (11), assim como já haviam anunciado o seu nascimento (Mt 1.20; Lc 1.26-35), e a sua ressurreição (Mt 28.5-7; Mc 16.5-7; Lc 24.4-7).

Os anjos se dirigiram aos discípulos como **varões galileus**. Praticamente todos os seguidores de Jesus tinham vindo desta parte norte da Palestina. Para eles, foi feita a promessa de que **esse Jesus** – o texto grego assim afirma – haveria de vir novamente. Knowling comenta: "Se a menção a sua pátria, ao norte, lembrou aos discípulos que eles tinham sido anteriormente escolhidos por Cristo, e acerca de tudo o que Ele tinha representado para eles, o nome pessoal **Jesus** lhes asseguraria que o seu Mestre ainda seria um Amigo humano e um Salvador Divino".[33] **Assim como**, ou "exatamente da mesma maneira" (Weymouth), sugere que da mesma maneira que a sua partida foi visível, o seu retorno também o será.

Aqui encontramos "A necessidade desesperada". 1. A necessidade desesperada (1.4); 2. A preparação detalhada (1.12-14); 3. Os resultados desejados (2.1-4). (Kenneth H. Pearsall)

B. OS DEZ DIAS, 1.12-26

1. *O Cenáculo* (1.12-14)

Lucas indica aqui que a ascensão aconteceu no **monte chamado das Oliveiras** (12). Esta forma do nome, encontrada somente aqui no Novo Testamento, vem do latim. O topo do monte das Oliveiras, como é mais comumente chamado, fica distante de Jerusalém à distância do caminho de um sábado — cerca de 800 metros (ver o mapa 2), e a pouco mais de 60 metros acima da área do Templo.

No Evangelho de Lucas (24.50), foi dito que Jesus levou os seus discípulos "fora, até Betânia", para a ascensão. Como Betânia está há pouco mais de três quilômetros de Jerusalém, do lado oposto do monte das Oliveiras, parece haver uma contradição entre os relatos. Mas ao invés de *eis*, "até", os melhores manuscritos gregos apresentam *pros*, que dá suporte à tradução "do lado oposto a Betânia" (ASV). Esta seria uma descrição correta do topo do monte das Oliveiras.

E, entrando (13), *i.e.*, quando retornaram a Jerusalém, os discípulos subiram ao cenáculo, onde habitavam os onze apóstolos. Blunt diz: "O *cenáculo* pode ter sido o lugar onde se realizou a última ceia; provavelmente a casa pertencia a Maria, a mãe de João Marcos, pois encontramos a sua casa mencionada em Atos 12.12 descrita como o principal local das reuniões cristãs".[34]

Com exceção de Judas Iscariotes, esta lista dos apóstolos é semelhante àquelas que são encontradas nos Evangelhos Sinóticos (ver a comparação das listas nos comentários sobre Mt 10.2-4). Uma ou duas diferenças adicionais podem ser observadas. Somente nesta lista João aparece imediatamente depois de Pedro (no melhor texto grego — cf. ASV). Isto provavelmente se deve ao fato de que esses dois apóstolos estão intimamente associados diversas vezes nos primeiros capítulos de Atos (3.1; 4.13; 8.14). Adicionalmente, somente aqui Tomé aparece depois de Filipe: "ambos foram trazidos ao primeiro plano na paixão e na ressurreição".[35]

Tanto no seu Evangelho (Lc 6.14-16) quanto aqui, no Livro de Atos, Lucas menciona Simão, o Zelote, em lugar de "Simão, o cananeu". O epíteto de Lucas pode significar simplesmente que Simão era uma pessoa zelosa. Pode também indicar que ele pertencia ao grupo dos zelotes, da Palestina. Os estudiosos freqüentemente argumentam que os zelotes não formavam um grupo até a revolta dos judeus contra Roma, em 66—70 d.C. Mas Farmer diz que os fariseus, essênios e zelotes "atuavam como grupos de resistência contra as forças de ocupação e os agentes de colaboração" (os saduceus) na época de Jesus.[36]

Ao invés de Tadeu (Mateus e Marcos), Lucas menciona Judas, filho de Tiago, tanto no seu Evangelho quanto aqui. O forte paralelismo entre as quatro listas sugere que esses dois nomes diferentes pertencem à mesma pessoa. É possível que durante algum tempo, depois da morte de Jesus, Judas preferisse ser chamado de Tadeu, devido ao estigma ligado a Judas Iscariotes.

Estes apóstolos (14) perseveravam unanimemente (*homothymadon*) em oração.[37] Lucas usa este advérbio dez vezes no livro de Atos. Ele não aparece em nenhuma outra parte do Novo Testamento, exceto em Romanos 15.6. A palavra se origina de *homos*, "mesmo", e *thymos*, "mente" ou "espírito", e desta maneira significa "com o mesmo espírito ou com o mesmo pensamento".

Perseveravam literalmente significa "continuavam firmemente" — um perifrástico imperfeito (*esan proskarterountes*) de um verbo poderoso que se compõe da preposição *pros*, "com", e do adjetivo *karteros*, "forte, firme". É uma palavra favorita de Lucas (seis vezes no livro de Atos)[38] e significa "freqüentar com constância, continuar com firmeza". Robertson afirma: "Eles 'se prendiam' à oração... até que a resposta chegasse".[39]

No versículo 14 sugere-se a "preparação para o Pentecostes". Os discípulos continuavam em oração e súplicas, (a) até que os seus espíritos estivessem unidos — unanimemente; (b) até que os seus anseios se tornassem um desejo dominante — oração e súplicas; (c) até que a sua consagração se aprofundasse em um comprometimento final e completo com a vontade de Deus (1.4-5); (d) até que a sua fé crescesse e alcançasse o pico da expectativa pelo cumprimento imediato da promessa (2.1-2). (G. B. Williamson)

Também foi dito que havia mulheres no grupo. Como não há nenhum artigo no texto grego, isto provavelmente significa "algumas mulheres". Acrescentar **e Maria** parece estranho, uma vez que ela era uma mulher. Bruce traduziu **e** (*kai*) como "incluindo", ou "em especial".[40] Ela é destacada com ênfase especial por ter sido a mãe de Jesus.

É surpreendente ler que seus irmãos estavam presentes. Eles não tinham crido nele anteriormente (Jo 5.7). Mas Paulo nos diz que, depois da sua ressurreição, Jesus apareceu a Tiago (1 Co 15.7) — normalmente identificado como o irmão do Senhor e aquele que se tornou o principal líder da Igreja Primitiva em Jerusalém (At 12.17; 15.13; 21.18).

Existem três principais pontos de vista sobre como a palavra "irmãos" deve ser interpretada. No século IV, Epifânio afirmou que eles eram meios-irmãos, filhos de José em um casamento anterior. Esta opinião foi apoiada nos tempos modernos por Westcott e defendida extensivamente por Lightfoot.[41] Helvídio (em aproximadamente 380 d.C.) ensinou que os irmãos eram, na verdade, filhos de Maria e José. Em resposta a isso, Jerônimo (382 ou 383 d.C.) estabeleceu uma nova teoria — a de que eles eram "primos" de Jesus. Esta seria a visão oficial católica romana,[42] que também foi apoiada por comentaristas tão notáveis como Lange e Ellicott. Mas a maioria dos protestantes interpreta a palavra "irmãos" no seu sentido mais natural, como uma referência aos filhos de José e Maria. Esta opinião é totalmente defendida por Mayor.[43]

2. *A Escolha de Matias* (1.15-26)

Somente um episódio é relatado como tendo ocorrido durante os dez dias entre a ascensão e o Pentecostes. Foi a escolha de um décimo segundo apóstolo para ocupar o lugar de Judas Iscariotes.

Pedro (15) novamente assumiu a sua posição de líder do grupo (o seu nome encabeça as quatro listas de apóstolos.) Embora tivesse negado o Senhor três vezes, ele fora perdoado (ver Mc 16.7, "e a Pedro"; Lc 24.34) e reconduzido à sua posição como pastor do rebanho (Jo 21.15-17).

Levantando-se Pedro — uma expressão característica de Lucas encontrada dezessete vezes no seu Evangelho e dezenove vezes no livro de Atos — **no meio dos discípulos**. Os mais antigos manuscritos gregos apresentam a expressão "dos irmãos". Talvez o termo "discípulos" tenha sido introduzido pelos copistas posteriores para evitar qualquer possível confusão com os irmãos de Jesus mencionados no versículo anterior. A expressão "irmãos" era comum nos círculos judaicos, e foi adotada pela igreja apostólica para designar aqueles que faziam parte da comunhão de crentes.

O tamanho do grupo que, no cenáculo, esperava pela vinda do Espírito Santo é mencionado aqui como **quase cento e vinte**, ou seja, dez vezes o grupo dos doze apóstolos. A palavra grega para "multidão" é *ochlos*, que aparece cerca de cento e cinqüenta vezes nos Evangelhos (traduzida como "multidão" e "pessoas" por aproximadamente a mesma quantidade de vezes). Nesta passagem, a versão ASV fala de "uma multidão de pessoas". Tendo em vista o tamanho relativamente pequeno do grupo, talvez "uma assembléia" (RSV) fosse a melhor tradução, embora 120 pessoas em um pequeno lugar de reuniões possa parecer uma multidão. O termo "nomes" (que consta nos textos em inglês) significa "pessoas", e este fato é confirmado pelo uso da palavra grega em papiros contemporâneos (*e.g.*, em um papiro de 13 d.C.)[44] e também na Septuaginta (Nm 1.2, 18, 20; 3.40, 43; etc.).

A conotação de **junta** não é certa. Cadbury e Lake traduzem a expressão grega como "somando" e acrescentam: "Este é um significado costumeiro de *epi to auto* nos papiros".[45] Eles também fazem esta significativa afirmação sobre o número **cento e vinte**: "É notável que *Sanhedr* 1.6 decrete que o número de funcionários (em um Sinédrio) em uma comunidade deva ser de um décimo da população total, e que 120 é o número mínimo que pode constituir um 'pequeno Sinédrio'".[46]

A **Escritura** (16) é uma referência a Salmos 69.25 e 109.8, ambos citados no versículo 20. A frase **que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi** afirma a inspiração divina daqueles salmos, e aparentemente a autoria de Davi.

A afirmação no versículo 17 é um lembrete patético do lugar e do privilégio que Judas Iscariotes tinha perdido. **Contado** é uma forte palavra composta em grego, encontrada somente nesta passagem do Novo Testamento. Judas, na verdade, era contado como um dos doze apóstolos. Também tinha obtido uma **sorte** no **ministério** dos discípulos — a palavra grega significa literalmente "um lote", e é a base da palavra latina *clerici* e da portuguesa "clero". Ele tinha sido escolhido pelo próprio Mestre como um dos seus clérigos ordenados. Contudo, traiu o seu Senhor.

A palavra para **ministério** é *diakonia*. Ela é usada somente uma vez nos Evangelhos, em Lucas 10.40, na ocasião em que Marta "servia". Além de Apocalipse 2.19, ela aparece em outras partes do Novo Testamento somente no livro de Atos (oito vezes) e nas epístolas

(vinte e quatro vezes). Ela significa "o ofício e o serviço de um diácono"[47] (um servo). Assim, ela significa "serviço" ou "ministério", e implica tanto privilégio quanto responsabilidade.

Pedro declarou que Judas **adquiriu um campo com o galardão da iniqüidade** (18). Mas em Mateus 27.7 está registrado que os príncipes dos sacerdotes compraram o campo. No entanto, como a terra foi comprada com o dinheiro que Judas recebera pela sua traição a Jesus, pode-se dizer, adequadamente, que ele comprou o campo.

Mais difícil é a questão da segunda metade deste versículo. A descrição da morte de Judas parece contradizer aquela encontrada em Mateus 27.5, onde lemos que o traidor enforcou-se devido ao remorso que sentiu. Aqui está dito: **precipitando-se, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram**. A expressão **precipitando-se** significa literalmente "tendo-se inclinado", *i.e.*, "tendo se espatifado". Orígenes sugeriu que as palavras significam "inchaço", "aumento de tamanho", e esta interpretação foi apoiada por alguns estudiosos modernos.[48] Mas a melhor solução parece ser a de Agostinho, que sugeriu que o enforcamento e a queda podem estar combinados. Knowling conclui: "Se a corda arrebentou, ou se um galho cedeu sob o peso de Judas, a narrativa de Lucas pode facilmente complementar a de Mateus".[49] Isto seria especialmente verdadeiro se Judas tivesse amarrado a corda a uma árvore sobre o profundo precipício do Vale de Hinom. Hackett conta como ele próprio ficou olhando para os rochedos acima e para as pedras de pontas agudas abaixo, observando as árvores sobre o precipício, e "sentiu que a explicação proposta acima é completamente natural".[50]

Outra questão surge no versículo 19, onde foi dito que o campo é chamado na sua própria língua — literalmente, "no seu próprio dialeto" (*dialektos*), que era o aramaico — **Aceldama**, que significa **Campo de Sangue**. A implicação é bastante clara: a razão para esse nome foi a morte sangrenta de Judas. Mas em Mateus 27.6-8, está indicado que o nome foi dado porque o campo foi comprado com "preço de sangue". Knowling sensatamente pergunta: "Por que não pode haver duas razões?"[51] As duas tradições estão igualmente corretas, e podem ter estado em circulação na época em que esses livros foram escritos.

O termo **bispado** (20) corresponde ao grego *episcope*, de onde vem "episcopal", e realmente significa "supervisão". Um *episcopos* era um supervisor. Finalmente, este substantivo, traduzido como "bispo", foi atribuído aos supervisores da igreja. É provável que a melhor tradução aqui seja "ofício" (ASV).

As principais qualificações e funções de um apóstolo estão declaradas nos versículos 21 e 22, pelo menos como entendidas por Pedro. O escolhido para assumir o lugar de Judas deve ser alguém que tenha estado associado com Jesus, desde o seu batismo por João até a sua ascensão. A principal função do apóstolo é ser testemunha da ressurreição.

Dois homens foram indicados para esta posição: José Barsabás, palavra aramaica que significa "filho do sábado", e Matias ("presente de Jeová"). Em seguida, os discípulos oraram pedindo a orientação divina na escolha do candidato correto entre os dois. **E, lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias**, que assumiu o seu lugar com os onze apóstolos (26). "O método empregado pelos judeus era o de colocar os nomes escritos em pedras dentro de um recipiente e agitá-lo até que uma das pedras caísse".[52] Os apóstolos tinham orado antes das suas indicações e também antes de lançarem sortes? Não sabemos. Mas depois do Pentecostes, não se lê mais que os discípulos tenham lançado sortes. O Espírito Santo, que passou a habitar em cada um, guiava-os.

Seção II

O TESTEMUNHO EM JERUSALÉM

Atos 2.1—7.60

Como observamos nos comentários sobre Atos 1.8, esta seção descreve o testemunho dos discípulos em Jerusalém e nas suas proximidades. Foi ali que aconteceu o Pentecostes — tanto a vinda do Espírito Santo quanto a conversão de três mil pessoas em um único dia. Foi nessa cidade que Pedro pregou e os apóstolos foram perseguidos. Aqui também teve lugar o primeiro martírio cristão, o de Estêvão.

A. A Pregação por meio de Testemunhos, 2.1-47

O poder para a proclamação — foi isto o que o Espírito trouxe. No mesmo dia em que o Espírito Santo desceu sobre eles, os apóstolos começaram a sua pregação, com resultados surpreendentes. Era o método de Deus de transmitir o Evangelho — as Boas Novas daquilo que Cristo realizara pelos homens pecadores na sua morte e ressurreição.

1. *As Testemunhas Recebem o Poder* (2.1-13)

Antes de poder pregar, as testemunhas precisavam ser preparadas. Assim, encontramos neste parágrafo das Escrituras a história de como os discípulos foram cheios do Espírito Santo.

a. Pentecostes (2.1-4). Este é o acontecimento mais importante do livro de Atos. Sem ele, o livro nunca teria sido escrito. Foi este grandioso ato de Deus de derramar o

Espírito Santo sobre os primeiros crentes que precipitou todos os atos dos homens autorizados pelo Espírito, sobre os quais podemos ler na história do início da igreja cristã. Winn sugere que o livro de Atos poderia ser chamado de "o livro mais emocionante que já foi escrito".[1]

Cumprindo-se o dia de Pentecostes[2] literalmente significa "quando o dia de Pentecostes estava sendo completado". Isto pode se referir ao final das sete semanas que precederam o Pentecostes.[3] Mas como a palavra **dia** está no singular, e uma vez que o dia dos judeus começava no pôr-do-sol, pode-se assumir melhor que a frase indica que, naquela manhã, "o dia de Pentecostes estava se cumprindo".[4] Robertson diz: "Lucas pode querer dizer que o dia de Pentecostes ainda não estava terminado; ainda estava em curso".[5]

Mas o verdadeiro significado da frase é provavelmente mais teológico do que cronológico. Lenski escreve: "Lucas está pensando na promessa do Senhor e de como agora se aproxima o seu cumprimento. A chegada deste dia conclui a medida do tempo que o Senhor contemplava quando Ele fez a promessa".[6] O retrocesso é anterior a isto — até às profecias do Antigo Testamento sobre o derramamento do Espírito Santo, como a referência de Joel 2.28. Todas estas promessas se cumpririam em Jerusalém, em 30 d.C.

Pentecostes é a palavra grega que significa "cinqüenta". Este nome para a festa é encontrado pela primeira vez nos escritos apócrifos do período intertestamentário, em Tobias 2.1 e em 2 Macabeus 12.32. A designação do Antigo Testamento é Festa das Semanas (Êx 34.22; Dt 16.10), assim chamada porque a festa era celebrada sete semanas depois da Festa das Primícias, que marcava o começo da colheita de cevada (Lv 23.9-16).

Todo homem judeu adulto deveria comparecer a três festas anuais — a Festa dos Pães Asmos (relacionada com a Páscoa), a das Semanas e a dos Tabernáculos (Dt 16.16). Os judeus da Palestina vinham em grande número a Jerusalém para a Páscoa, que comemorava o início da sua vida nacional e também assinalava o início do seu ano religioso. Mas os judeus da dispersão tinham a sua maior celebração no Pentecostes. Isto se devia ao fato de que a viagem pelo Mediterrâneo era muito mais segura em maio ou junho (Pentecostes) do que em março ou abril (Páscoa).[7] Encontramos um exemplo disto no caso de Paulo. Na sua última viagem a Jerusalém, ele não teve tempo para visitar Éfeso, porque "apressava-se... para estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes" (At 20.16). Em uma ocasião anterior, ele tinha escrito aos coríntios: "Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes" (1 Co 16.8). Estas são as três únicas passagens do Novo Testamento onde aparece a palavra **Pentecostes**.

Existe uma tradição entre os judeus de que a Festa das Semanas comemorava a entrega da Lei no Sinai. Não se sabe ao certo se esta era a opinião na época de Jesus. Purves observa que não há menção disto no Antigo Testamento, nem em Filo nem em Josefo, e conclui: "Provavelmente foi depois da queda de Jerusalém que se iniciou esta tradição".[8] Dosker é ainda mais específico quando escreve: "Ela originou-se com o grande rabino judeu Maimonides [século XII] e foi copiada pelos escritores cristãos".[9] Mas Foakes-Jackson declara: "Não podemos deixar de recordar a cena da entrega da Lei no monte Sinai, quando Israel se tornou uma comunidade estritamente religiosa, e há razão para supor que o Pentecostes já era a festa comemorativa da entrega da lei".[10] O Pentecostes era o cumprimento de Jeremias 31.33 — "porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração". Aqui há uma completa submissão à vontade de Deus. É simultaneamente a base e o fruto da completa santificação do crente.

Na nova edição revisada da obra de Hasting, em um volume, o *Dictionary of the Bible*, afirma-se que tanto os fariseus quanto os saduceus consideravam o Pentecostes como "a festa que concluía a Páscoa".[11] Este fato tem nuanças teológicas. A crucificação de Cristo, quando Ele se ofereceu como um sacrifício pelo pecado do homem, e a ressurreição, que validou o seu sacrifício como aceito divinamente, seriam incompletas sem o derramamento do Espírito. De certa maneira, a sexta-feira santa e o domingo de Páscoa não seriam senão um prelúdio para o dia de Pentecostes. A crucificação, a ressurreição e a ascensão, juntas, formam o êxodo[12] de Jesus da terra de volta para o céu, que era a preparação necessária para o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes. Jesus disse: "... vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (Jo 16.7). Quando Maria encontrou pela primeira vez o Cristo ressuscitado, ela abraçou os seus tornozelos, em um abraço que não queria deixá-lo ir (cf. Mt 28.9). Mas Jesus gentilmente a advertiu: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai" (Jo 20.17), *i.e.*, "não se agarre a mim" na carne, que é limitada em tempo e espaço, mas deixe-me ir, para que você possa receber-me no Espírito. Sem dúvida, Maria madalena era uma das "mulheres" (1.14) que estavam esperando no cenáculo. Quando o Espírito Santo encheu o seu coração no dia de Pentecostes, ela teve a presença do seu Senhor ressuscitado consigo durante todo o tempo e em todos os lugares.

No dia de Pentecostes, os discípulos **estavam todos reunidos no mesmo lugar**. O melhor texto grego diz: "juntos em um lugar" — *homou* ao invés de *homothymadon*. Daí, a força total da última expressão, **reunidos**, não deve ser ressaltada aqui. No entanto, tanto a palavra *homou* (juntos) quanto o contexto sugerem um espírito de unidade. Uma das traduções recentes afirma: "Eles estavam todos harmoniosamente em um lugar" (Berk).

A primeira parte do versículo 2 diz literalmente: "e, de repente, veio do céu um som (grego *echos*), como de um vento veemente e impetuoso", *i.e.*, como o rugido reverberante de um tornado. Ele encheu toda a casa. Alguns estudiosos sugeriram que o derramamento do Espírito sobre os discípulos pode ter ocorrido no Templo.[13] Mas Lenski provavelmente está correto quando diz: "Se Lucas tivesse em mente uma sala no Templo, ele certamente teria escrito *hieron*".[14]

Este som, como o rugido do vento, serviu como um alerta para todos os que estavam reunidos. Se alguém tinha estado sonolento, agora estaria completamente desperto. Assim, todos eles viram as **línguas repartidas, como que de fogo** (3). O texto grego diz: "línguas como que de fogo distribuindo-se" (ou "sendo distribuídas").[15] Hackett descreve a cena corretamente quando diz: "A aparição semelhante ao fogo apresentou-se primeiramente em um corpo único, e então repentinamente repartiu-se em todas as direções, para que uma porção pousasse sobre cada um dos presentes".[16]

A importância desses dois símbolos — o vento e o fogo — é demasiado óbvia para ser perdida. Knowling diz: "O fogo, como o vento, era símbolo da presença divina (Êx 3.2) e do Espírito que purifica e santifica (Ez 1.13, Ml 3.2,3)".[17] Blaiklock escreve: "O *vento* (2) e o *fogo* (3) eram uma simbologia aceita da operação poderosa e purificadora do Espírito de Deus".[18] Isto é, quando o Espírito Santo enche o coração do crente, Ele confere tanto o poder quanto a pureza. Ninguém pode ter uma coisa sem ter a outra. Receber o Espírito Santo na sua totalidade é sentir ambas as coisas, simultaneamente.

Qual era o propósito da combinação sobrenatural do som e da visão, do vento e do fogo? É muito instrutiva a comparação com o que teve lugar no monte Sinai, em relação à entrega da Lei. Lemos que "Houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um sonido de buzina mui forte... E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subia como fumaça de um forno, e todo o monte tremia grandemente" (Êx 19.16-18). Uma nova época passava a existir; nascia uma nova era. Era importante que os israelitas percebessem a suprema importância do momento. Eles deveriam estar fortemente conscientes da autoridade divina da Lei que lhes estava sendo entregue.

Assim foi com o Pentecostes. A revelação do Espírito Santo iniciava-se. Os discípulos deveriam estar alertas e ativos para o que estava acontecendo. Os símbolos do vento e do fogo ajudariam-nos a entender o significado daquilo que acontecia.

Mas estas coisas, juntamente com o falar em outras línguas, não eram senão acompanhamentos do Pentecostes; eram acessórios temporários. O tema central era que **todos foram cheios do Espírito Santo** (4). Este foi o grande milagre, que de longe superou os demais.

O fato de que o derramamento do Espírito Santo purificou os corações dos discípulos é indicado claramente pelas palavras de Paulo no Concílio de Jerusalém. Falando das pessoas na casa de Cornélio (cap. 10), ele declarou: "E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé" (At 15.8-9). Essas duas coisas — encher com o Espírito Santo e purificar o coração — estão assim equiparadas (ou, pelo menos, foi afirmado que são simultâneas).

Qual é o significado da afirmação de que os discípulos cheios do Espírito Santo **começaram a falar em outras línguas**? (4). Os versículos seguintes parecem indicar claramente que os discípulos falavam em linguagens articuladas e compreensíveis. O propósito disso parece ter sido a evangelização mais eficaz da multidão de judeus e prosélitos, muitos dos quais compreenderiam melhor a mensagem do evangelho na sua **própria língua** (8) do que no grego ou no aramaico normalmente falado.

Os primeiros quatro versículos poderiam se esquematizados assim: Pentecostes — (1) O lugar; (2) O som; (3) A visão; (4) A importância.

b. Perplexidade (2.5-13). O versículo 5 afirma que em Jerusalém **estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu**. A palavra grega para **habitando**, *katoikountes*, sugere a acomodação em um lugar para ficar. Moulton e Milligan escrevem: "Usado mais tecnicamente, o verbo se refere aos 'residentes' permanentes de uma cidade ou aldeia, assim distinguida daqueles 'residentes como estrangeiros' ou 'peregrinos' (*paroikountes*)".[19] Com base nisto, Lenski diz: "Lucas se preocupa somente com esta classe de judeus que tinham nascido ou sido criados em regiões estrangeiras, mas agora eles estavam definitivamente estabelecidos na Cidade Santa para ali terminar os seus dias".[20] Lumby escreve: "Provavelmente, além dos visitantes que tinham vindo para a festa, muitos judeus religiosos de regiões estrangeiras eram moradores permanentes de Jerusalém, porque era muito desejado pelos judeus poder morrer e ser sepultado perto da Cidade Santa".[21] Apoiando este último ponto, ele cita esta frase rabínica: "Todo aquele que for sepultado na terra

de Israel estará tão bem como se fosse sepultado sob o altar".[22] Assim, a multidão se compunha tanto de residentes em Jerusalém quanto de visitantes para a festa.

Muitos comentaristas afirmam que os **varões religiosos** eram os judeus, e não os gentios. Somente Lucas utiliza esta palavra (*eulabeis*), e nas outras três ocasiões em que o faz (Lc 2.25; At 8.2; 22.12) inquestionavelmente se refere aos judeus.

Correndo aquela voz (6) significa, literalmente, "quando esse som [*phone*] aconteceu". Existe uma diferença de opinião quanto ao que isso significa. Cadbury e Lake comentam: "O som mencionado aqui é *phone*, a voz de oradores inspirados, e não o *echos* do versículo 2".[23] Mas Lechler declara: "Ao contrário, nada, a não ser *echos* no versículo 2 pode significar *phone aute*".[24] Alford pensa que o som era tão alto a ponto de ser ouvido "provavelmente por toda Jerusalém".[25] Mas Bruce dá o que provavelmente parece ser a melhor conclusão: "O último (v. 4) parece mais provável, mas não devemos excluir o anterior (v. 2)".[26] Isto é, a primeira referência é às pessoas ouvindo a pregação inspirada dos apóstolos.

Qualquer que tenha sido o som, ele causou um ajuntamento da multidão. Lucas utiliza *plethos*, "um grande número". Esta é uma palavra favorita nos seus textos, que aparece vinte e cinco vezes no seu Evangelho e em Atos, e somente sete vezes em outras partes do Novo Testamento.

Cada um ouviu os discípulos falando na sua própria língua. A palavra é a mesma usada em 1.19 — *dialektos*. Ela aparece somente no livro de Atos. Em geral, significa linguagem, embora algumas vezes transmita o sentido mais restrito de "dialeto".[27]

Algumas vezes perguntou-se se o milagre foi o fato de eles falarem ou de a multidão os ouvir. Lechler parece plenamente justificado quando comenta a respeito deste último: "Mas sem mencionar que isto é muito mais difícil de imaginar, transfere-se o milagre daqueles que tinham o Espírito Santo para aqueles que não o tinham; isto é contra a linguagem simples do texto, que nos conta que 'começaram a falar em outras línguas'".[28]

Os ouvintes reconheciam os que falavam como sendo galileus (7).[29] Como os galileus eram desprezados por terem pouca cultura, era especialmente surpreendente que eles falassem em várias línguas. E os ouvintes os ouviam falando, cada um na sua própria língua (*dialektos*; o mesmo que "língua", v. 6).

Partos e medos, elamitas (9) viviam a leste do rio Tigre. Esses, juntamente com os que habitam na Mesopotâmia constituiriam um grupo geográfico, os da região Tigre-Eufrates. Como um resultado do cativeiro de Israel e de Judá (2 Rs 17.6; 25.11), "havia milhões de judeus nessas regiões".[30]

O nome mais problemático da lista inteira é Judéia. Aqui ela aparece entre a Mesopotâmia e uma lista de cinco nomes que se referem a partes da Ásia Menor. Mas não é aí que se situa a Judéia. Knowling chama a atenção para o fato de que Jerônimo a substituiu por "Síria", e Tertuliano sugeriu "Armênia".[31] Lenski acompanha Zahn, mudando Judéia por "judeus", deixando somente catorze países listados, ao invés de quinze.[32] Mas a melhor explicação é oferecida por Lake e Cadbury. Falando sobre a lista de nove nações, que se inicia com a Mesopotâmia e termina com a Líbia (junto a Cirene), eles dizem: "Se a Judéia for interpretada, no sentido profético, como o país 'do Eufrates até o rio do Egito', isto abrange, em uma ordem razoavelmente metódica, todos os distritos a leste do Mediterrâneo".[33]

A seguir vêm cinco distritos da Ásia Menor — Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia e Panfília (9-10; ver o mapa 3). Com exceção da Frígia, todos são nomes de províncias romanas. A Frígia era um território racial, na sua maioria na província da Ásia, mas parcialmente na Galiléia. Como a Frígia é citada em separado, é possível que **Ásia** aqui seja "usada no seu sentido popular, como denotando as terras costeiras do Egeu, e excluindo a Frígia" (cf. comentário sobre 16.6).[34] No Novo Testamento, o termo "Ásia" refere-se à província romana do mesmo nome e nunca ao continente asiático, como o conhecemos hoje.

O Egito tinha uma grande população judaica, a qual se diz que chegava a um milhão de pessoas. Cirene era uma cidade litorânea na parte norte da área geral da Líbia, no Norte da África. Josefo cita Estrabão, o famoso geógrafo e historiador grego da época de Cristo, como tendo dito: "Agora esses judeus já chegaram a todas as cidades; e é difícil encontrar um lugar na terra habitável que não tenha admitido esta tribo de homens e não seja possuída por eles; e aconteceu que o Egito e Cirene... imitaram o seu modo de viver, e mantêm grandes grupos desses judeus em uma maneira peculiar".[35]

Forasteiros romanos evidentemente significa "visitantes de Roma", como aparece na maioria das versões modernas (lit., "hóspedes de Roma"). Esta é a décima terceira região mencionada como uma que trazia pessoas à Festa do Pentecostes. Schuerer diz: "Roma era a sede de uma comunidade judaica que chegava a ter milhares de pessoas".[36]

Judeus e prosélitos é interpretado por Bruce [37] e Lenski [38] como referindo-se somente àqueles de Roma. Mas parece melhor aplicar esta dupla divisão ao povo de todas as quinze nações, como é feito talvez pela maioria dos comentaristas recentes.

O termo **prosélitos** (extraído diretamente do grego) é encontrado no Novo Testamento somente em Mateus 23.15 e três vezes no livro de Atos (2.11; 6.5; 13.43). Um prosélito é literalmente "aquele que chegou", e portanto "um estrangeiro". Mas a palavra é geralmente usada em referência aos convertidos a alguma religião (aqui, ao judaísmo). Os judeus de Roma eram particularmente zelosos em buscar conversões (ver os comentários sobre Mt 23.15). Os prosélitos do judaísmo tinham de satisfazer quatro exigências: 1. instrução; 2. circuncisão; 3. batismo; 4. sacrifícios. Kirsopp Lake aparentemente estabeleceu o fato de que havia somente um tipo de prosélitos — aqueles que satisfaziam as exigências e podiam pertencer à sinagoga — e que o uso da expressão "prosélitos do portão" dos antigos autores deve agora ser abandonado.[39] Naturalmente, depois da destruição do Templo em 70 d.C., já não houve sacrifícios nem pelos judeus nem pelos prosélitos. Parcialmente por causa da inconveniência da circuncisão aos convertidos do sexo masculino, havia mais mulheres do que homens que se tornavam prosélitos.

Cretenses [40] **e árabes** (11) é interpretado, por muitos comentaristas, como uma idéia posterior. Knowling diz que "a introdução dos dois nomes sem nenhuma conexão aparente com o restante deve mostrar que não estamos lidando com uma lista artificial, mas sim com um registro genuíno das diferentes nações representadas na Festa".[41] Lake e Cadbury ressaltam: "Os cretenses e os árabes representam os dois extremos do Oeste e do Sudeste que não foram abrangidos pelos nomes anteriores".[42] A ilha de Creta está situada a sudeste da Grécia e a oeste da Palestina (ver o mapa 3). Bruce escreve que "a Arábia, no uso greco-romano, geralmente significava o reino dos árabes nabateus, que na ocasião estava no ápice do seu poder sob Aretas IV (9 a.C.— 40 d.C.).[43] Isto representava o Sul e o Leste da Palestina.

Plumptre sugere que esta lista de quinze nações fornece uma espécie de "visão-de-pássaro mental do império romano", e acrescenta, de acordo com o comentário de Knowling, que a "ausência de algumas nações que esperaríamos encontrar na lista" é uma indicação da autenticidade do registro.[44]

Línguas é a mesma palavra grega (*glossa*) do versículo 4, mas diferente daquela traduzida como "língua" (*dialektos*) no versículo 8. A frase final dos ouvintes maravilhados destaca um contraste com o que aconteceu com a confusão de línguas em Babel (Gn 11.7). As grandezas de Deus incluiriam principalmente a ressurreição de Jesus Cristo dos mortos.

O deslumbramento foi seguido pela perplexidade: **Que quer isto dizer?** (12) A explicação dada por alguns foi a de que os discípulos estavam **cheios de mosto** (vinho novo; 13).[45] A primeira colheita da uva não acontecia antes de agosto, e agora era junho. Assim, alguns estudiosos afirmaram ter encontrado um erro aqui. Mas Lake e Cadbury escrevem que "o problema é solucionado por Columella... que dá uma receita para impedir que *gleukos* se azede".[46] A expressão pode referir-se ao vinho misturado com mel.[47] Uma tradução melhor é "vinho doce", que é o que significa *gleukos* (cf. "glucose"). O escritor romano, Cato, dá esta receita: "Se você deseja manter o vinho novo doce durante o ano inteiro, coloque-o numa jarra, cubra a tampa com breu, coloque a jarra em um lago de peixes, retire-a depois de trinta dias; você terá vinho doce durante o ano inteiro".[48] Se surgir a pergunta de como os homens poderiam ficar embriagados com suco de uva não fermentado, a resposta pode ser que os que zombavam estavam falando sarcasticamente. Este "vinho doce", se armazenado apropriadamente, pode muito bem ter sido o que Jesus e os seus discípulos bebiam.

2. *A Exposição do Testemunho* (2.14-36)

O sermão de Pedro no Dia de Pentecostes é o primeiro de um considerável número de longos sermões no livro de Atos (cf. o sermão curto de Pedro em 1.16-22). Selwyn, no seu excelente comentário sobre a primeira carta de Pedro, destacou inúmeros paralelos entre este sermão e a primeira epístola de Pedro.[49] Embora muitos estudiosos recentes tenham afirmado que os discursos no livro de Atos foram feitos pelo autor do livro e colocados na boca dos seus personagens — de acordo com o costume daquela época [50] — é digno de nota que Macgregor aceite a força da apresentação de Selwyn. Ele também diz que a ausência de idéias teológicas avançadas "nos primeiros discursos de Pedro colabora fortemente para o uso das fontes documentais primitivas".[51] Selwyn faz referência ao "estilo semita áspero e à doutrina primitiva que marcam partes dos discursos de Pedro".[52]

a. A Profecia de Joel (2.14-21). Pedro levantou-se com os onze — seus companheiros apóstolos — **levantou a voz e disse-lhes** (14). Temos a impressão de que o falar em várias línguas tinha terminado e que toda a multidão ouviu quando Pedro fez o seu sermão. **Disse** não é o verbo normal, *lego*, mas um composto forte, *apophthengomai*, que aparece somente aqui e em 26.25. Pode ser traduzido como "falou" (ASV) ou "advertiu-os". "A implicação é que o discurso de Pedro é uma manifestação inspirada e que estava em uma linguagem bem articulada".[53] Os três verbos no começo deste versículo sugerem três coisas que todo pregador deveria fazer no púlpito: levantar-se ("endireitar-se"), erguer a voz, e falar.

Varões judeus (em algumas versões, "homens da Judéia") pode ser traduzido como "companheiros judeus".[54] Pedro procurava ganhar a atenção da sua audiência por essa forma cortês e amigável de falar. **Escutai** é, mais exatamente, "dêem ouvidos" (ASV). A palavra grega, encontrada somente aqui no Novo Testamento, é um composto das palavras que significam "dentro" e "orelha". Assim, sugere a idéia de "ligar-se". É isso o que um pregador deseja que a sua audiência faça.

A primeira coisa que Pedro fez foi negar a acusação de embriaguez. Ele chamou a atenção para o fato de que era somente a terceira hora do dia (nove horas da manhã), muito cedo para que alguém estivesse embriagado. "O costume judeu era o de não comer antes dessa hora, que era a hora da oração matinal".[55] Lumby escreve: "Os judeus bebiam vinho somente com carne, e, segundo o costume estabelecido em Êxodo 16.8, eles comiam pão pela manhã e carne à tarde, e assim não bebiam vinho antes das horas finais do dia".[56]

Qual é, então, a explicação? Pedro declarou: **isto é o que foi dito pelo profeta Joel** (16). Estes homens não estavam embriagados; eles estavam cheios do Espírito (cf. Ef 5.18).

Em 2.1-18, encontramos "o significado de Pentecostes". O assunto é a pergunta do versículo 12, **que quer isto dizer?** 1. O que quer dizer este vento impetuoso? O poder sobrenatural agora está disponível para transformar vidas e capacitar e igreja a obedecer a Grande Comissão (2.1-2, 1.18); 2. Que querem dizer as línguas repartidas como que de fogo que pousaram sobre cada um deles? Que os seus corações estavam purificados, que eles poderiam ser cheios do Espírito Santo (2.3; 15.8-9); 3. Que quer dizer o falar em outras línguas? Que o Evangelho deve ser transmitido universal e eficazmente (7-8, 16-18). (G. B. Williamson)

A citação encontrada nos versículos 17-21 é tomada de Joel 2.28-32. A primeira parte (vv. 17-18) foi cumprida no dia de Pentecostes, quando o Espírito foi derramado sobre os discípulos que esperavam. Mas e os versículos 19-20? Estes sinais não foram cumpridos literalmente nesta ocasião.

A chave para a resposta parece ser a frase **últimos dias** (17). Lumby diz: "Na linguagem dos profetas do Antigo Testamento, estas palavras significam a vinda do Messias (cf. Is 2.2; Mq 4.1)".[57] Isto é, os últimos dias são os dias do Messias. Eles se iniciaram com a sua primeira vinda e continuarão durante a sua segunda vinda. Os versículos 19-20 referem-se basicamente ao retorno de Cristo no final dessa era. Mas isto já está no quadro negro divino. Winn adequadamente afirma: "O sentido da vida nos últimos dias marca todo o Novo Testamento".[58] Na mesma linha, Bengel escreve: "Todos os dias do Novo Testamento são os últimos dias".[59] Com respeito à frase **do meu Espírito** (genitivo partitivo), ele diz: "No texto de Joel, a expressão é *meu Espírito*; a expressão de Pedro é '*do* meu Espírito', tendo especial respeito ao Pentecostes, em particular".[60] O cumprimento da profecia de Joel não acabou naquele dia, mas prossegue durante toda esta era.

No pensamento do próprio Joel, provavelmente toda a carne significava toda a nação de Israel, ou seja, todas as classes de israelitas — velhos e jovens, servos e senhores. Mas na mente do Espírito, e como é usada no Novo Testamento, a expressão tem um significado universal.

A frase **e profetizarão** (18) não está no texto de Joel. Ela se repete aqui e no versículo 17 para enfatizar que os servos e as servas, assim como os filhos e as filhas, profetizarão.

Em lugar da palavra **glorioso** (20), citada da Septuaginta, o texto em hebraico de Joel tem uma outra palavra que significa "terrível". Este adjetivo é usado para descrever o dia do Senhor em Joel 2.11,31.

Nos versículos 16-18, vemos as "possibilidades do Pentecostes". Toda a carne — o Pentecostes desconsidera qualquer limite. Últimos dias — o Pentecostes ultrapassa a própria história. 1. O Pentecostes preserva a glória do passado (16); 2. O Pentecostes provê a realidade no presente (16); 3. O Pentecostes promete a vitória para o futuro (17-18). (G. B. Williamson)

O versículo 21 resume o Evangelho em poucas palavras: **todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo**. Em Joel, **Senhor** se referia a Deus Pai, mas aqui é transferido a Cristo. Knowling escreve: "Na sua relação com a divindade do nosso Senhor, este fato é de importância básica, porque não é simplesmente que os primeiros cristãos se dirigiam ao seu Senhor ascendido tantas vezes pelo mesmo nome que é usado para 'Jeová' na LXX — embora certamente seja notável que em 1 Tessalonicenses o nome se aplique a Cristo mais de vinte vezes — mas que eles não hesitavam em referir a Ele os atributos e as profecias que os grandes profetas da nação judaica tinham associado com o nome de Jeová".[61]

Para os israelitas, **salvo** significava "libertado" (cf. Jl 2.32). Mas a aplicação que Pedro faz mostra que ele a interpretava como a salvação espiritual por meio da fé no nome de Jesus (cf. 38).

b. Jesus de Nazaré (2.22-28). **Varões judeus** significa, literalmente, "homens, israelitas" (cf. 14). Como no versículo 14, Pedro pede para a audiência: **escutai estas palavras** (22). Os versículos 14-21 constituem a introdução para o sermão. Negativamente, o falar em várias línguas não se devia à embriaguez. Positivamente, simbolizava o fato de que o Espírito Santo tinha sido derramado sobre os discípulos que estavam esperando e que, cheios do Espírito, eles iriam pregar o Evangelho por todo o mundo (cf. 1.8).

O sermão propriamente dito se inicia no versículo 22 e se estende até o 36. Pedro falou a respeito de Jesus: 1. O seu ministério de realização de milagres (22); 2. A sua crucificação (23); 3. A sua ressurreição (24-32); 4. A sua ascensão e exaltação (33-36). Ele o apresenta como Jesus, o Homem, e como Jesus, o Senhor. Este primeiro sermão de Pedro pode ser interpretado como um bom exemplo do conteúdo da pregação apostólica (*kerygma*). O seu tema principal era Jesus — crucificado, ressuscitado, glorificado. Ele é ao mesmo tempo Salvador e Senhor.

Aprovado (22) significa "confirmado, certificado" (RSV) ou "divinamente certificado" (Berk.). O verbo grego era usado nos papiros daquele período no sentido de "proclamar" uma indicação a uma função pública.[62] Pedro afirma que os milagres que Jesus realizou eram as suas credenciais divinas, proclamando a indicação de Deus de Cristo como o Messias.

O versículo 22 contém as três palavras usadas para significar milagres nos Evangelhos. **Prodígios** significa literalmente "poderes" (*dynameis*), *i.e.*, "obras poderosas" (ASV). **Maravilhas** (*terata*) é uma palavra menos comum (16 vezes no Novo Testamento, em comparação com 120 vezes de *dynamis*). Ela aparece somente uma vez em Mateus, Marcos e João, mas 9 vezes no livro de Atos. Sempre é traduzida como "maravilha". **Sinais** (*semeia*) é traduzido como "milagre" 23 vezes no Novo Testamento (KJV), em um total de

77 vezes. Mas o seu significado correto é "sinal". A primeira destas três palavras para os milagres de Jesus enfatiza a sua natureza (obras poderosas), a segunda chama a atenção para o efeito produzido, "maravilha", e a terceira ressalta o seu objetivo e importância: aqueles eram "sinais" da divindade de Jesus. A segunda palavra nunca ocorre no Novo Testamento sem a terceira. O significado destes milagres era mais importante do que o aspecto de "maravilhar".

Um dos grandes paradoxos da vida é o fato duplo da soberania divina e da liberdade humana. No versículo 23, estas se unem. Jesus foi "entregue" (ASV) pelo determinado conselho e presciência de Deus. Ao mesmo tempo, foram os homens que o tomaram e crucificaram. Embora a morte de Cristo estivesse no plano divino da redenção, isto de nenhuma maneira diminui a culpa daqueles que o mataram, porque eles agiram de livre e espontânea vontade.

A palavra grega para **presciência** é *prognosis*. Ela é usada somente aqui e em 1 Pedro 1.2. Esta é uma das muitas correspondências entre a primeira epístola de Pedro e os seus sermões no livro de Atos. Uma distinção cuidadosa é feita entre os judeus que tomaram Jesus e os gentios que o crucificaram. **Pelas mãos de injustos** significa literalmente "pelas mãos de homens sem lei", ou seja, homens que não seguiam a Lei de Moisés. Esta expressão "sem lei" era "freqüentemente usada na literatura judaica em relação aos romanos",[63] e esse é o seu significado aqui.

Mas a crucificação foi revertida pela ressurreição — **ao qual Deus ressuscitou** (24). O termo **ânsias** pode ser traduzido como "dores" (ASV), pois a palavra grega significa literalmente "dores do parto". É usada no seu sentido literal em 1 Tessalonicenses 5.3. Aqui, como em Mateus 24.8 e Marcos 13.8, ela provavelmente sugere as dores do parto de uma nova era.

A longa citação dos versículos 25-28 é tomada de Salmos 16.8-11. O salmo aqui é atribuído a Davi, que se alegra de que o Senhor não deixará a sua alma no Hades (ou Seol), o lugar dos mortos.

c. Jesus, o Senhor (2.29-36). **Varões irmãos** (29) significa literalmente "homens, irmãos". Pedro iniciou o seu sermão com "Varões judeus" (14). Depois da introdução, ele começou o corpo do sermão com "varões israelitas" (22). Agora, ele diz "varões irmãos" (cf. 1.16; 2.37). Com muito tato, o apóstolo procurava a atenção da sua audiência, que era basicamente judaica.

Pedro toma as palavras de Davi e aplica-as a Cristo. Davi morreu e foi sepultado. Neste ponto, Pedro está certo de que não haverá contradição. **Seja-me lícito dizer-vos livremente** pode ser traduzido como "Eu posso confiantemente dizer a vocês" (NASB). Além disso, entre nós está até hoje a sua sepultura. Ali o corpo — ou pelo menos os ossos — ainda poderia ser encontrado. Não seria a mesma coisa com o corpo de Jesus, o que foi provado pelo sepulcro vazio.

Pedro declarou que Davi escreveu como um **profeta** (30), que acreditou na promessa de Deus de que um dos seus descendentes sentar-se-ia no seu trono.[64] Sendo um **profeta**, ele previu, pelo menos de certo modo (cf. 1 Pe 1.10-12), a **ressurreição de Cristo** (31) — literalmente, "o Cristo" (*i.e.*, "o Messias").

Então Pedro marcou um ponto: "Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas" (32). Assim, a profecia foi cumprida. A expressão **do que** pode

igualmente significar "de quem" ou "da qual". A preferência provavelmente recai sobre "da qual", referindo-se à ressurreição.

A relação íntima da ressurreição (32) e a ascensão (33) também é encontrada em 1 Pedro 3.21-22 — outra evidência da autenticidade dos sermões de Pedro no livro de Atos. **Derramou** é o mesmo verbo que é corretamente traduzido da mesma maneira nos versículos 17 e 18. A imagem não é a de espalhar algo como ao tirar a roupa de alguém, mas como despejar algo de um recipiente. Foi desse derramamento do Espírito que Jesus tão claramente falara aos discípulos: "Se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (Jo 16.7).

A multidão podia ver e ouvir os resultados do derramamento do Espírito sobre os discípulos. Eles podiam ver a mudança nos apóstolos, e podiam ouvir a nova mensagem que estava sendo pregada. A referência também pode ter sido a visão das línguas de fogo e a audição do som como um vento veemente e impetuoso (2-4).

No versículo 34, o apóstolo retorna ao contraste entre Davi e Cristo. Davi não subiu aos céus, *i.e.*, corporeamente. Mas Jesus sim. No Salmo 110 — o capítulo do Antigo Testamento mais freqüentemente citado no Novo Testamento, e que os judeus afirmam ser messiânico — Disse o Senhor [*Jeová*] ao meu Senhor [*Adon*]: Assenta-te à minha direita. Este sempre era o lugar especial de honra, da mesma maneira que o convidado de honra se senta hoje à direita do anfitrião. **Ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés** (35) é uma referência ao antigo costume dos vencedores de colocar o pé no pescoço dos vencidos (cf. Js 10.24).

Finalmente, Pedro chega ao clímax do seu sermão: **a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo** (36). O que chocava os judeus era que Pedro ousava igualar Jesus ao Deus Jeová do Antigo Testamento.[65]

3. *O Testemunho Eficaz* (2.37-47)

Provavelmente, nenhum sermão já pregado jamais teve um efeito maior. Isto se deveu ao recente derramamento do Espírito.

a. O Arrependimento do Povo (2.37-42). Quando o povo ouviu a mensagem de Pedro, eles **compungiram-se em seu coração** (37). O verbo forte (somente aqui no Novo Testamento) significa "perfurar, espetar agudamente, alfinetar, ferir".[66] Esta é uma vívida descrição da obra do Espírito Santo para convencer o coração humano do pecado (cf. Jo 16.8). Em resposta a esta condenação, o povo dizia: Que faremos?

A resposta de Pedro foi simples e específica: **Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado** (38). A palavra grega para "arrepender" (*metanoeo*) significa "modificar o seu pensamento", *i.e.*, modificar a sua atitude em relação a Deus, ao pecado, ao mundo, a si mesmo. Aqui, ela significa que o povo deveria mudar a sua atitude com relação a Jesus. Ao invés de rejeitá-lo, deveriam aceitá-lo como "Senhor e Cristo" (36), ou seja, o seu Messias. Como testemunho público disso, eles deveriam ser batizados em nome de Jesus. **Cada um de vós seja batizado** significa, literalmente, "Que cada um de vós seja batizado". Esta deveria ser a etapa seguinte ao arrependimento, como no ministério de João Batista (Mc 1.4). Mas aqui o batismo deveria ser em nome de Jesus Cristo — um batismo cristão inconfundível. Isto deveria acontecer para perdão dos pecados. A. T. Robertson diz que o significado disso é "com base no perdão dos pecados que eles já tinham recebido".[67] Assim, eles se tornavam aptos a receber o dom do Espírito Santo.

A promessa não era apenas para os judeus de Jerusalém, e para os seus descendentes, mas também a **todos os que estão longe** (39), ou seja, os gentios, definidos também como **tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar**. Esta expressão deve ser interpretada à luz do versículo 21 — "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo", ou seja, a promessa é feita a todos aqueles que responderem ao chamado de Deus.

E com muitas outras palavras (40) Pedro testificava ("declarava solenemente") e exortava o povo para que se salvasse daquela geração perversa — literalmente "distorcida" (cf. Dt 32.5; Sl 78.8; Fp 2.15).

Os resultados foram espantosos. Quase três mil almas (pessoas) somaram-se ao relativamente pequeno grupo de crentes que tinham sido cheios com o Espírito naquele mesmo dia. Era uma tremenda demonstração do poder do Espírito Santo. Estes novos convertidos perseveravam na doutrina (melhor "ensino", *didache*) dos apóstolos, e na comunhão (*koinonia*). Isto é, havia uma unidade de fé e de espírito. O **partir do pão** provavelmente se refere a uma celebração freqüente da Ceia do Senhor. As orações aconteciam tanto nas casas particulares quanto no Templo (cf. v. 46).

b. O Progresso se Repete (2.43-47). Este último parágrafo do capítulo parece, à primeira vista, descrever uma comunidade de bens na Igreja Primitiva em Jerusalém. Mas o texto grego dá uma impressão um pouco diferente daquela resultante da tradução em português. O tempo imperfeito, que significa uma ação contínua ou repetida, aparece nada menos que oito vezes nestes cinco versículos (43-47). Em 44 e 45, o uso do imperfeito é excessivamente significativo para a exegese correta. Os crentes "tinham tudo em comum" (tradução literal de 44*b*); ou seja, eles deixavam todas as suas posses à disposição da igreja, para que fossem usadas conforme a necessidade.

O versículo 45 pode ser adequadamente parafraseado assim: "E de tempos em tempos eles vendiam as suas posses e os seus bens, e os repartiam entre todos, segundo as necessidades que cada um tinha de tempos em tempos". A implicação é a de que, quando surgiam as necessidades especiais, algum crente, ou alguns crentes, vendiam propriedades e tornavam os resultados da venda disponíveis para solucionar a emergência. A mesma coisa ainda acontece hoje entre os cristãos consagrados.

Os primeiros discípulos — a maioria composta por judeus — continuavam a adorar diariamente no templo (46). Isto era natural. Posteriormente, a perseguição aos judeus expulsou-os do Templo, e também das sinagogas.

Eles também partiam o pão em casa. O texto grego também poderia ser traduzido como "de casa em casa". Não havia edifícios para igrejas no início, e a maioria das reuniões de adoração era conduzida nas casas.

Louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo (47) é uma combinação desejada na igreja de todos os tempos e lugares. O Senhor estava acrescentando diariamente novas pessoas ao número de crentes. Esta era uma igreja em crescimento. A última frase, **aqueles que se haviam de salvar**, é uma tradução completamente injustificável. Não existe aqui nenhuma indicação de predeterminação ou predestinação. O texto grego diz claramente: "todos os dias acrescentava[68] o Senhor à igreja aqueles que estavam sendo salvos". Isto simplesmente afirma que aqueles "que estavam sendo salvos" uniam-se ao crescente grupo de discípulos em Jerusalém.

Este capítulo sugere "o milagre do Pentecostes". 1. As condições do Pentecostes (1). Os discípulos estavam juntos em Jerusalém, em *obediência* ao mandamento de Cristo (1.4), e pela *fé* de que Ele cumpriria a sua promessa (1.5). 2. Os acompanhamentos do Pentecostes (2-3). Estes foram o *som* de um vento tempestuoso e a *visão* das línguas repartidas — ambos símbolos do Espírito Santo. 3. As conseqüências do Pentecostes (37-42): *convicção* (37), *conversão* (41), *comunhão* (42).

B. Testemunhas Realizando um Milagre (3.1-26)

1. *A Cura* (3.1-10)

Pedro e João (1) são mencionados juntos desta maneira somente uma vez nos Evangelhos, quando foram enviados por Jesus para preparar a Páscoa para o Mestre e os seus discípulos (Lc 22.8). Durante a noite que se seguiu, eles foram aparentemente os únicos apóstolos que estavam à noite, na casa do sumo sacerdote, quando Jesus estava sendo julgado ali pelo Sinédrio (Jo 18.15). Eles passaram juntos uma noite na prisão (4.3,13), e constituíram o grupo enviado a Samaria pelos apóstolos de Jerusalém (8.14). É claro que estes apóstolos trabalhavam em íntima colaboração nos primeiros tempos da igreja.

Estes dois apóstolos líderes subiram ao Templo (*hieron*, a área do Templo) à tarde, à hora da oração, que era a nona hora (3 horas da tarde). Josefo diz que, mesmo durante o cerco de Jerusalém pelos romanos (70 d.C.), os sacerdotes "ainda ofereciam os seus sacrifícios no altar duas vezes por dia, pela manhã e aproximadamente à hora nona".[69] Schuerer afirma que o incenso era oferecido no altar de ouro, no Santuário (ou Lugar Santo), antes que a oferta queimada fosse feita no altar de bronze pela manhã e à tarde, "para que a oferta queimada diária fosse, por assim dizer, envolta pela oferta do incenso".[70] Ele acrescenta: "Enquanto isso acontecia, o povo também se reunia no templo, para orar".[71]

Todos os dias um homem, que era coxo desde o seu nascimento, era deixado à porta Formosa do Templo (2). Provavelmente, esta entrada deve ser identificada com a porta de Nicanor, que comunicava o pátio dos gentios com o pátio das mulheres (ver o quadro A). Josefo diz que ela media aproximadamente 22 metros de altura por 18 de largura, e era feita de bronze de Corinto revestido com uma espessa camada de ouro e prata.[72]

Quando o homem coxo viu que Pedro e Paulo entravam no Templo, ele lhes pediu **uma esmola** (3), O tempo imperfeito sugere que ele pode ter estado pedindo repetidamente, embora também possa significar "começou a pedir". Pedir esmolas era e ainda é muito comum em terras orientais.

Fitando os olhos (4) é uma única palavra em grego. É o mesmo verbo que é traduzido como "estar com os olhos fitos no céu" em 1.10. Indica um olhar fixo. Quando Pedro fixou os seus olhos no homem coxo e disse: **Olha para nós**, o homem naturalmente esperou uma generosa soma de dinheiro (5). Ele ficou desapontado quando ouviu de Pedro: **Não tenho prata nem ouro** (6). No entanto, o apóstolo não parou aí, mas prosseguiu dizendo: **mas o que tenho** ["possuo"]**, isso te dou**. Então veio a ordem: **Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda.**[73] Pedro conhecia o poder daquele Nome, e não hesitou em invocá-lo.

Para encorajar a fé do homem, Pedro, **tomando-o pela mão direita, o levantou** (7). O poder divino também entrou imediatamente em ação, pois os seus **pés** e **tornoze-**

los se firmaram. Os substantivos em grego para **pés** e **tornozelos** encontram-se apenas aqui no Novo Testamento. O verbo "firmar-se", além desta passagem, aparece somente no versículo 16 e em 16.5. As três palavras são encontradas com freqüência em textos de autores médicos.[74] Knowling sustenta que a combinação de palavras aqui "foi levada justamente ao ponto da descrição técnica de um médico".[75]

Saltando (8) — o verbo composto grego só é encontrado aqui no Novo Testamento — o homem **pôs-se em pé, e andou.** A sua fé respondeu às palavras de Pedro e ao toque da mão do apóstolo. Este é um exemplo adequado do que acontece com o pecador, que espiritualmente é um aleijado desamparado. Quando ele reage com fé e obediência, como fez este homem, encontra vida nova e poder para ficar em pé e caminhar pelos caminhos da justiça.

Quando o ex-aleijado já podia caminhar, o primeiro lugar para onde se dirigiu foi o Templo. Este era o lugar mais apropriado para louvar a Deus. Um homem que tinha sido incapaz de caminhar durante quarenta anos (cf. 4.22) não deveria ser criticado por estar saltando e louvando a Deus. As suas ações e as palavras eram um testemunho vivo do milagre que acabara de acontecer.

Muitas pessoas estavam no Templo na hora vespertina da oração. Elas viram o homem **andar e louvar a Deus** (9) e o reconheceram como o ex-mendigo que ficava na **Porta Formosa** (10). Mal podendo acreditar no que seus olhos viam, ficaram cheios de pasmo e assombro — *ekstasis* (êxtase), literalmente; "ficaram fora de si". O homem curado era um anúncio ambulante do poder de Deus. As obras de Jesus tinham a sua continuidade pelo poder do Espírito Santo operando através dos discípulos (ver os comentários sobre 1.1). Assim como o milagre da Encarnação possibilitou os milagres do ministério de Jesus, o milagre do Pentecostes possibilitou os milagres da Igreja Primitiva.

Nesta seção, podemos ver um quadro do pecado e da salvação no "Coxo que Caminhou": 1. Desamparo (2); 2. Esperança (3-5); 3. Cura (6-10).

2. *A Multidão* (3.11-16)

A gratidão do homem curado era tão grande que ele se apegou a Pedro e João (11), *i.e.*, agarrou-se a eles, expressando o seu agradecimento. Enquanto isso, o povo vinha correndo para ver o que havia acontecido. A curiosidade é uma das principais características de uma multidão. Eles reuniram-se no alpendre de Salomão, que era um pórtico, ou um passeio coberto, com colunas, junto ao muro externo (leste) da área do Templo. Hoje, um passeio similar pode ser visto junto ao muro interno (oeste). O pórtico leste era chamado de alpendre de Salomão devido a uma lenda corrente na época, a de que foi construído por Salomão na metade do século X a.C. Josefo escreveu sobre esta colunata leste (ou a sua fundação): "Era uma obra do rei Salomão, que em primeiro lugar construiu todo o Templo".[76] (Ver o quadro *A*.)

Pedro, respondendo aos olhares maravilhados da multidão, perguntou: **por que vos maravilhais disto?** (12) Os discípulos não tinham realizado este milagre pela sua própria virtude ou santidade, mas pelo **Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó.** Assim, Pedro ligou o novo movimento ao Antigo Testamento.

Alguns se preocuparam com a mudança de **Filho Jesus** para "Servo Jesus" (ASV, NASB), ou "servo Jesus" (RSV, NEB). A palavra grega em questão é *pais*. Arndt e Gingrich observam que o termo era usado em tempos antigos para expressar diversos relaciona-

mentos. Do ponto de vista de idade, significava "rapaz" ou "jovem"; em termos de descendência, "filho"; de posição social, "servo" ou "escravo". Considerando Cristo na sua relação com Deus, eles dizem: "Neste contexto, tem o significado de *servo*, por causa da identificação do 'servo de Deus' em algumas passagens do Antigo Testamento sobre o Messias".[77] Os chamados "cânticos do servo" de Isaías refletem este uso (cf. Is 42.1; 50.10; 52.13). Com respeito à escolha entre "filho" e "servo" em Atos 3.13,26; 4.27,30, Arndt e Gingrich concluem: "É difícil decidir qual dos significados é o melhor".[78] Mas a maioria dos comentaristas da atualidade, tanto os conservadores quanto os liberais, definitivamente preferem "servo" como a tradução correta nestas passagens. Por exemplo, F. F. Bruce escreve: "*Pais* deve ser traduzido como 'Servo'... o próprio Senhor observou explicitamente a sua natureza messiânica em termos do servo de Isaías... e da mesma maneira escrevem os autores do Novo Testamento em geral".[79] A palavra *pais* é traduzida dez vezes como "servo" no Novo Testamento da versão KJV, e somente três vezes como "filho" (3.13, 26; Jo 4.51). Aqui, deve ser "Servo".

Este Jesus, o seu Messias, os judeus entregaram a Pilatos. Diante do governador, eles o negaram, quando Pilatos estava determinado a fazer com que fosse solto. Esta afirmação está perfeitamente de acordo com os relatos expressos nos Evangelhos.

O Santo e o Justo são títulos messiânicos (cf. Is 53.11). No apócrifo 1 Enoque 38.2; 53.6, o Messias é chamado de "O Justo". Essa expressão também se encontra diversas vezes em outras partes do Novo Testamento (cf. At 7.52; 22.14; 1 Pe 3.18; 1 Jo 2.1).

O contraste entre os versículos 14 e 15 é surpreendente. O que os judeus fizeram? **Pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida**. Eles mataram a única Fonte de vida e escolheram um perigoso assassino para ser solto no seu meio. De certa maneira, isto é o que todo pecador relutante faz. Rejeita o Autor da vida e escolhe o pecado, a fonte da morte.

Como no seu primeiro sermão (cf. 2.23-24), Pedro enfatizou a morte e a ressurreição de Cristo — **ao qual Deus ressuscitou dos mortos**. Ele acrescentou: **do que nós somos testemunhas**. A afirmação dos apóstolos de que Cristo tinha ressuscitado era negada pelos judeus, portanto ela deveria ser documentada.

O poder do nome de Jesus é destacado no versículo 16. A fé no Nome tinha tornado o aleijado um homem forte e de perfeita saúde. Todo o povo podia observar isto.

Para os versículos 14 e 15, Alexander Maclaren sugere o seguinte esquema: 1. O paradoxo da escolha fatal do homem; 2. O paradoxo da aparente derrota do Senhor da Vida pela morte; 3. O paradoxo divino triunfante da vida doada, e da morte derrotada, por meio de uma morte.

3. *O Desafio* (3.17-26)

Depois da penetrante acusação de assassinato no versículo 15, Pedro agora adota um tom gentil e suplicante. Chamando os seus ouvintes de **irmãos**, ele reconhece que foi pela ignorância que eles cometeram este crime horrível. **Eu sei** (17) significa "eu reconheço" (Berk.). Eles não tinham realmente percebido que Jesus era o Messias. O testemunho de Paulo forma um paralelo: "Dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade" (1 Tm 1.13). Mas Paulo finalmente aceitou Jesus como o Messias. A maioria dos líderes judeus se recusava a fazer isto, mesmo tendo o testemunho dos apóstolos.

Como Paulo fez posteriormente, pregando aos judeus em Tessalônica (17.3), Pedro ressaltou que os profetas do Antigo Testamento haviam predito um Messias sofredor. **Cristo** (18) deve ser traduzido como "o Messias". A morte de Jesus era um obstáculo para que os judeus aceitassem a sua reivindicação messiânica. Era necessário chamar a atenção para os ensinos desta fase do Antigo Testamento, a fim de preparar o caminho para a aceitação de Jesus pelos judeus (cf. Is 52.13-53.12).

Como no seu primeiro sermão, Pedro pediu o arrependimento. Anteriormente, a solicitação era: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado" (2.38). Agora, é: **Arrependei-vos... e convertei-vos** (19). O último verbo, *epistrepsate*, significa literalmente "voltar" (RSV, ASV) ou "regressar" (NASB). Ele é usado desta maneira na Septuaginta. Estes dois verbos são encontrados juntos em Joel 2.14.

O resultado do arrependimento e do retorno a Deus seria os pecados apagados — cf. o "perdão dos pecados" (2.38) — quando virão **os tempos do refrigério** (reavivamento) **pela presença do Senhor**. A palavra grega que significa **refrigério** aparece somente aqui no Novo Testamento, e somente uma vez na Septuaginta (Êx 8.11). Arndt e Gingrich dizem que ela é usada de forma figurada para falar da época messiânica, e traduzem esta frase como "tempos de descanso".[80] Alford diz que ela significa "a grande época de alegria e repouso, que se entende que seria trazida pela vinda do Messias na sua glória".[81]

Quando os judeus se arrependerem e retornarem a Deus, Ele enviará Jesus Cristo, que **já dantes vos foi pregado** (20). Mas o melhor texto grego apresenta a palavra "designado" (ASV, RSV, NEB, NASB). Jesus é o Messias designado para Israel. Não há outro e os judeus devem aceitá-lo ou ficarão completamente perdidos.

Enquanto isso, durante esta época da igreja, **convém que o céu** o **contenha** (21). Ele ascendeu e está à direita do Pai, intercedendo por nós (2.33-36; Rm 8.34; Hb 7.25). Ele estará ali **até os tempos da restauração de tudo**. Esta frase tem sido combatida ansiosamente pelos universalistas, que afirmam que, no final, toda a humanidade será restaurada à graça de Deus. Mas a expressão é limitada pela frase que a segue: **Dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas**.

O termo traduzido como **restauração** é raro, encontrado somente aqui no Novo Testamento, e não encontrado na Septuaginta. No século II a.C., foi usado para a restauração do santuário de uma deusa, e para o conserto de uma via pública.[82] Josefo fala da "restauração" dos judeus do exílio".[83] Oepke escreve no seu artigo sobre *apokatastasis*, na obra *Theological Dictionary of the New Testament*, de Kittel:[84] "*Apokatastasis* não pode significar a conversão de pessoas, mas apenas a reconstituição ou o estabelecimento de coisas". Ele opina que **refrigério** refere-se ao subjetivo, e **restauração** ao lado objetivo da restauração que deve ocorrer. Talvez a melhor tradução seja: "o tempo de estabelecer tudo aquilo de que Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde a antiguidade" (RSV).

O versículo 22 contém uma citação de Deuteronômio 18.15 (cf. 7.37). É um excelente exemplo daquilo que é chamado de princípio "telescópico" de profecias. Normalmente, uma predição ao Antigo Testamento tem um cumprimento parcial na época do profeta, e a seguir um cumprimento completo em Cristo. Aqui, a primeira aplicação da profecia se dá, inquestionavelmente, com Josué, que sucederia Moisés como o líder dos israelitas. Mas Pedro e Estêvão corretamente aplicam-na a Jesus, o Josué maior. *Jesus*

(grego) e *Josué* (hebraico) significam a mesma coisa: "Jeová é salvação". Lumby observa que os judeus "freqüentemente identificavam o profeta de quem Moisés falava com o Messias".[85]

O versículo 23 é provavelmente uma citação livre de Deuteronômio 18.19. A última frase é diferente.

O versículo 24 implica que Samuel foi o primeiro da grande linhagem de profetas. Ele está na divisão do período do reinado de Israel, como o último dos juízes e o primeiro dos profetas. Embora tenha havido, anteriormente, profetas individuais como Moisés, o principal período de profecias teve início com Samuel. Todos os profetas antigos, afirma Pedro, **anunciaram** — mais acertadamente, "falaram a respeito de" (NASB) ou "proclamaram" (RSV) — **estes dias**, ou seja, os dias do Messias.

O apóstolo concluiu o seu sermão de modo gentil e suplicante. Ele recordou os seus ouvintes de que eles eram os **filhos dos profetas** (25), ou seja, herdeiros das promessas feitas por meio dos profetas — e do concerto — "*i.e.*, herdeiros das suas promessas e obrigações".[86] A citação na última parte do versículo é de Gênesis 22.18.

A expressão **primeiro o enviou a vós** (26) concorda com a expressão de Paulo "primeiro do judeu" (Rm 1.16; 2.10). A vontade de Deus era que a salvação fosse primeiramente disponibilizada aos judeus, e através destes fosse proclamada ao mundo. Esta ordem foi inaugurada no Pentecostes. Esta também é a ordem seguida no livro de Atos. Paulo sempre pregou primeiramente nas sinagogas judaicas, todas as vezes que as encontrava.

Sobre o termo **ressuscitando**, Lumby diz: "Esta palavra é usada aqui não a respeito da ressurreição de Jesus, mas recordando a promessa de Moisés, citada no versículo 22, de que um profeta seria *levantado*... e enviado ao povo".[87] Talvez uma referência dupla deva ser permitida — tanto à encarnação quanto à ressurreição (cf. 4.2).

Para que... vos abençoasse significa literalmente "abençoando-vos". Como? **Desviando cada um das suas maldades**. Esta é uma ênfase comum no Antigo Testamento, onde a mesma palavra grega que significa "desviar" é usada na Septuaginta (*e.g.*, em Ez 3.19; 18.27; 33.14; Jn 3.10). Esta é a maior bênção de Deus a toda a humanidade: a salvação do pecado. Esta é a principal mensagem tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

C. Testemunhas Perseguidas, 4.1-22

1. *Presos pelos Saduceus* (4.1-4)

No seu primeiro sermão, no dia de Pentecostes, Pedro tinha acusado os judeus de terem matado Jesus, e afirmara a sua ressurreição (2.23-24). Milagrosamente, talvez por causa da resposta de três mil conversões, Pedro foi poupado de qualquer perseguição. Mas quando ele curou um aleijado conhecido, e em um segundo sermão denunciou os judeus ainda mais enfaticamente por terem assassinado o seu Messias, isto já foi demais. A primeira perseguição teve início, e Pedro e João foram levados à prisão.

Os oficiais vieram enquanto Pedro ainda estava pregando. O texto grego diz "estando eles falando". Diversas vezes, no livro de Atos, encontramos o orador sendo interrompido (cf. 7.54; 10.44; 17.32; 22.22).

Sobrevieram os sacerdotes, e o capitão do templo — "o comandante da guarda do Templo" (Weymouth) —, **e os saduceus** (1). Todos eles pertenciam ao grupo dos saduceus. Normalmente, admite-se que os sacerdotes eram saduceus. O capitão do Templo era um sacerdote. Shuerer escreve: "A este funcionário era confiada a principal superintendência dos arranjos para preservar a ordem dentro do Templo e ao seu redor".[88] Ele era "subordinado somente ao próprio sumo sacerdote".[89]

Os saduceus [90] são mencionados somente 14 vezes no Novo Testamento — sete vezes em Mateus, uma vez em Marcos e em Lucas, e cinco vezes no livro de Atos. Os fariseus são mencionados cem vezes — noventa nos Evangelhos, nove vezes no livro de Atos, e uma vez em Filipenses 3.5.

Doendo-se (2) pode ser traduzido como "exasperados" (NEB), ou "enormemente perturbados" (NASB). O verbo grego (somente aqui e em 16.18) significa "indignar", "estimular".[91] Moulton e Milligan traduzem-no em um papiro como "aborrecer".[92]

O que aborrecia os saduceus era que os apóstolos estavam ensinando e anunciando em Jesus — literalmente, "através do caso de Jesus" (Weymouth) — a ressurreição dos mortos, ou seja, a ressurreição tinha ocorrido no caso de Jesus.

Nos Evangelhos, encontramos os fariseus como os principais oponentes de Cristo. Mas quando Jesus purificou o Templo, Ele provocou a ira dos saduceus ao ameaçar tanto o seu prestígio quanto os seus bolsos. A partir daí, eles se tornaram os principais instigadores que o levaram à morte (ver os comentários sobre Mt 21.15).

Agora, um segundo fator deixa claro o motivo por que os saduceus assumiram a liderança na perseguição aos apóstolos. Este grupo em particular negava qualquer idéia de ressurreição (cf. 23.8). Ter os apóstolos proclamando a doutrina da ressurreição dos mortos e provando-a no caso da ressurreição de Jesus tornava-os "completamente enfurecidos" (Phillips).

Assim, eles prenderam Pedro e João e os encerraram na prisão até o dia seguinte. Já era muito tarde para fazer qualquer outra coisa naquele dia.

Apesar da oposição dos saduceus, **muitos dos que ouviram a palavra** proclamada pelos apóstolos **creram** (4). Isto é, eles aceitaram a verdade da natureza messiânica de Jesus e a ressurreição.

Alguns concluem, a partir da afirmação na segunda metade deste versículo, que mais cinco mil convertidos se somaram nesta ocasião. Entendemos que o texto grego não indica isto. Ele fala em "se tornar". O número total de crentes chegava a cinco mil, a esta altura. Isto incluía os três mil salvos no Pentecostes.

2. *Levados a Juízo Perante o Sinédrio* (4.5-12)

E aconteceu, no dia seguinte, reunirem-se em Jerusalém os seus principais, os anciãos, os escribas — os três grupos que compunham o Sinédrio (5). Não existe uma informação exata sobre onde se realizou essa reunião, exceto que foi em Jerusalém (5-6). Josefo parece indicar que o lugar normal das reuniões do Sinédrio era fora do muro oeste da área do Templo.[93] O Talmude fala que se realizavam dentro. Como Josefo viveu na Palestina enquanto o Templo ainda estava em pé, provavelmente o seu testemunho deva ser preferido ao do Talmude, que foi escrito mais tarde.[94]

A expressão **os principais** constitui, evidentemente, outra designação dos principais dos sacerdotes (cf. Mc 14.53). Aparentemente, eles representavam a influência do-

minante no Sinédrio. **Anciãos** era o nome geral dos membros daquele grupo respeitável. Os **escribas** eram os professores da Lei. Parece que eram setenta membros, além do sumo sacerdote, que o presidia.[95] Isto honrava a memória de Moisés e dos setenta anciãos de Israel no deserto.

Quatro dos líderes do Sinédrio são mencionados pelo nome. **Anás** é descrito como **o sumo sacerdote** (6). Oficialmente, ele conservou esse cargo aproximadamente entre 6 e 15 d.C. Mas durante os anos seguintes, quando cinco dos seus filhos e um dos seus genros foram sumos sacerdotes, Anás continuou com as rédeas nas mãos. Caifás, seu genro, era na verdade o sumo sacerdote nessa época (18 a 36 d.C.). Lucas, em outra passagem, usa a expressão "sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes" (Lc 3.2). Provavelmente, a população acreditava que Anás exercia a autoridade do cargo melhor do que Caifás. F. F. Bruce diz, sobre Caifás: "Como sumo sacerdote, ele seria o presidente do Sinédrio, embora possa ter transferido essa função a Anás devido a sua idade, quando este último estivesse presente".[96]

Ao invés de "João", o texto ocidental traz o nome "Jônatas". Caifás foi sucedido em 36 d.C. por Jônatas, filho de Anás, e este pode ser o homem mencionado aqui. Sobre Alexandre, nada sabemos, exceto que ele era da linhagem do sumo sacerdote. Anás era um político astuto, que conhecia as vantagens de manter os membros da sua família em posições de influência.

Quando o Sinédrio estava reunido, Pedro e João foram tirados da prisão e postos... **no meio** (7). Eles se encontraram diante de um semicírculo de rostos zombeteiros. Este era o mesmo grupo que tão recentemente havia condenado o seu Mestre à morte.

Gracejando,[97] os governantes judeus perguntaram: Com que poder ou em nome de quem fizestes isto? Anteriormente, os principais dos sacerdotes tinham perguntado a Jesus com que "autoridade" (*exousia*) Ele havia purificado o Templo e ensinava o povo (Mt 21.23). Mas agora, eles perguntaram aos apóstolos com que poder (*dynameis*) eles tinham curado o homem coxo. Alexander parafraseia a pergunta assim: "No uso de que misterioso poder, e como representantes de quem, ou pela invocação de qual nome, vocês realizaram esta extraordinária cura?"[98]

Pedro (8), uma vez mais, aparece como orador. Antes do Pentecostes, ele normalmente assumia essa função, mas freqüentemente dizia as coisas erradas. Especificamente, ele havia enfraquecido diante da acusação de uma criada e declarado, sob juramento, que não conhecia o seu Senhor. Mas agora ele estava cheio do Espírito Santo. F. F. Bruce diz: "Devemos fazer uma diferença entre este uso do passivo aoristo, que denota um momento especial de inspiração, e o uso do adjetivo *pleres* ('cheio'), que denota o caráter permanente de um homem que recebeu o Espírito (cf. Estêvão, em 6.5)".[99]

Cheio do Espírito Santo é a frase essencial do livro de Atos, encontrada cinco vezes no livro (cf. 2.4; 4.31; 9.17; 13.9). Em Atos 2.4 e 9.17, ela se refere ao enchimento *inicial* com o Espírito Santo. Em Atos 4.31, ao *recente* derramamento sobre aqueles que precisavam de poder para testemunhar sob a perseguição. Aqui, em Atos 4.8 (como em 13.9), sugere a inspiração instantânea que Jesus prometeu em Mateus 10.19-20. A expressão intimamente relacionada, "cheio do Espírito Santo", aparece três vezes (6.5; 7.55; 11.24). Este é o segredo sobre o qual podemos ler neste livro emocionante. Deus entrou na personalidade humana e liberou o seu poder na vida dos seus servos.

Embora Pedro tivesse se tornado ousado pelo Espírito, ele ainda demonstrava que era o Espírito de Deus que o possuía. De forma cortês, dirigiu-se aos seus juízes como **Principais do povo** e **anciãos de Israel**. As duas designações poderiam ser aplicadas aos membros do Grande Sinédrio de Jerusalém. Aqui não se tratava da fraqueza da bajulação aduladora, mas sim da força da verdadeira cortesia cristã.

Interrogados (9) é um termo forte, usado somente por Lucas e Paulo, e indica uma investigação judicial, podendo ser traduzido como "levados a juízo". A força de hoje é assim esclarecida por Alexander: "Vivemos para ver o dia quando os homens serão chamados a responder pelas suas boas obras?"[100] **Benefício** é uma palavra que, em grego, significa "um ato de bondade". **O modo como** pode ser traduzido como "por quem", e indica a natureza pessoal do verdadeiro poder espiritual.

Pedro não estava hesitante nem tímido ao dar a sua resposta à pergunta dos governantes. Na verdade, ele queria que **todo o povo de Israel** (10) soubesse. Foi **em nome de Jesus Cristo, o Nazareno** que aquele homem enfermo tinha sido curado. Este foi **aquele a quem vós crucificastes** (cf. 2.36), e também **a quem Deus ressuscitou dos mortos**. O prisioneiro em julgamento no Sinédrio tinha se tornado um advogado em defesa de Deus. Pedro enfrentou os juízes da suprema corte de Israel e corajosamente acusou-os de terem matado o Messias da nação. Foi um momento de tensão. O apóstolo declarou que Jesus era a pedra fundamental divinamente escolhida, mas tinha sido rejeitada — "tratada como nada" — **por vós, os edificadores** (11). Deus enviara o seu Filho para ser a Pedra Principal do templo dos seus verdadeiros adoradores. Os líderes judeus tinham posto esta Pedra de lado, mas ela ainda seria a cabeça de esquina no novo templo, a igreja. Este versículo é uma citação de Salmos 118.22 (cf. Mt 21.42).

Então, Pedro fez uma das afirmações mais significativas que se podem encontrar na primeira parte do livro de Atos. Ele declarou, a respeito de Jesus: **E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos** [101] **ser salvos** (12). Esta é uma das maiores ênfases do Novo Testamento: a salvação se dá somente por Cristo. A última palavra, **salvos**, é o mesmo verbo grego que é traduzido como "curado" no versículo 9. É *sozo*, usado nos Evangelhos principalmente a respeito de curas físicas, e, nas epístolas, para a salvação espiritual. O seu uso aqui no versículo 9 e no 12 indica a transição. A cura do corpo é um símbolo da cura da alma.

Em 4.1-12, G. B. Williamson encontra "O nome incomparável". 1. O nome de Jesus é salvador (10); 2. Esse nome é único (12); 3. O seu nome é soberano (11).

3. *Ameaçados pelo Sinédrio* (4.13-22)

Os governantes dos judeus espantam-se com o fato de Pedro e João mostrarem tanta **ousadia** (13). A palavra grega é *parresia*, que no grego clássico significava "liberdade de falar abertamente e sinceramente". Abbott-Smith assim a interpreta nesta passagem, assim como em 2 Coríntios 3.12. Na Septuaginta e em Josefo, como também em muitas passagens do Novo Testamento, ela significa "confiança", "ousadia" ou "coragem". Esta pode ser a ênfase principal aqui. No entanto, o significado clássico tradicional é favorecido pela afirmação de que eles eram **homens sem letras e indoutos**. O primeiro adjetivo, *agrammatos* (somente aqui no NT) significa literalmente "iletrados". A. T. Robertson pensa que isto significa que eles eram "sem treinamento técnico nas escolas rabínicas

profissionais".[102] Esta é a opinião da maioria dos comentaristas. Embora o uso principal desta palavra nos papiros contemporâneos seja para designar pessoas iletradas, que não sabiam ler nem escrever, a afirmação de que os governantes foram informados (perceberam) de que os apóstolos eram *agrammatoi* indica que o termo significa "sem treinamento escolástico ou rabínico".[103] F. F. Bruce diz: "O sentido 'iletrado'... pode não ter sido a intenção aqui".[104]

O segundo adjetivo, indouto, é *idiotes*. É traduzido da mesma maneira em 1 Coríntios 14.16, 23-24. A única outra passagem onde a palavra aparece no Novo Testamento é 2 Coríntios 11.6, onde Paulo fala de si mesmo como sendo "rude na palavra" — provavelmente citando o escárnio de alguns "cristãos" coríntios sofisticados. Isto aponta em direção à conotação moderna do termo "idiota". Mas (*contra* Matthew Henry) este provavelmente não é o significado aqui. A palavra origina-se do adjetivo *idios*, "dono de si mesmo". Assim, significa "*uma pessoa privada*, em oposição ao Estado ou a um funcionário".[105] Assim, ela chega a significar "alguém sem conhecimento profissional, sem instrução, sem educação, sem estudo".[106] Este é evidentemente o seu uso aqui. Tyndale, no primeiro Novo Testamento Inglês impresso (1525), traduziu a palavra como "pessoa leiga". Um pouco mais tarde, a Bíblia Cranmer melhorou a expressão traduzindo-a como "homens leigos". Isto se encaixa perfeitamente neste contexto.

Os governadores se maravilharam com o fato de que homens leigos, não educados teologicamente, fossem capazes de falar com tanta liberdade e franqueza. Eles tinham conhecimento — "reconheceram" — de que eles haviam estado com Jesus. Todo este episódio reflete a reação dos líderes judeus em uma época anterior, quando eles exclamaram sobre o Mestre: "Como sabe este letras [*grammata*], não as tendo aprendido?" (Jo 7.15) Isto não significa que ele nunca tivesse aprendido a ler ou escrever, mas que Ele, como Paulo, não tinha sido treinado nas suas escolas de teologia.

Os membros do Sinédrio foram incapazes de negar o poder divino e a autoridade divina dos apóstolos. Pois ali, **com eles** (14), estava a evidência, na pessoa do aleijado que tinha sido curado.

Confuso e frustrado, o conselho mandou que os apóstolos saíssem enquanto os seus membros conferenciavam sobre qual seria o próximo passo a tomar (15). Eles não podiam negar o sinal notório — lit., "sinal conhecido" — porque toda Jerusalém sabia dele (16). Mas, para evitar que o assunto se divulgasse cada vez mais, sugeriu-se que eles ameaçassem os apóstolos — o melhor texto grego apresenta a situação desta maneira —, a fim de que eles não falassem mais **nesse nome** (17).[107] Então, eles trouxeram de volta os prisioneiros e ordenaram que absolutamente **não falassem, nem ensinassem, no nome de Jesus** (18).

Com divina sabedoria e franqueza direta, Pedro e João pediram que os líderes judeus julgassem se era justo que os apóstolos obedecessem a Deus ou ao Sinédrio (19). Isto expôs os juízes. Obviamente, havia somente uma resposta que poderia ser dada. Então os dois discípulos fizeram uma declaração comovente: **não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido** (20). Este é o testemunho de qualquer pessoa que tenha encontrado a realidade em Jesus Cristo.

Eles ainda os ameaçaram mais (21) é uma única palavra em grego, um verbo composto encontrado somente aqui no Novo Testamento. A idéia é que eles acrescentaram mais ameaças àquelas que já haviam sido feitas. A ameaça é a maneira como algu-

mas pessoas encerram uma discussão quando já não têm uma resposta razoável. Devido ao entusiasmo do povo pelo novo movimento (cf. 2.41; 4.4), os líderes judeus não ousaram punir os apóstolos. **Todos glorificavam a Deus** é uma expressão tipicamente de Lucas, encontrada com freqüência no Evangelho de Lucas e no livro de Atos.

Como um médico, Lucas lembra o fato de que o homem que tinha sido curado **tinha mais de quarenta anos** de idade (22). Isto fazia o milagre (grego, "sinal") ainda mais assombroso. Supostamente, um homem aleijado desde o seu nascimento seria, depois de quarenta anos, um caso absolutamente impossível. Mas o poder de Deus é ilimitado. Ele também pode salvar um pecador que tenha estado acorrentado nas profundezas da depravação durante quarenta anos, embora os sociólogos possam definir o seu caso como sem esperança.

D. AS TESTEMUNHAS ORANDO, 4.23-37

1. *Coragem* (4.23-31)

A primeira perseguição dos apóstolos foi seguida por uma reunião de oração da igreja. O melhor método de enfrentar a oposição é sempre a oração.

E, soltos eles, foram para os seus (23) não apenas é um registro de um fato, mas também a afirmação de um princípio, que sugere a penetrante pergunta: Quando todas as restrições a amarras exteriores são removidas, que tipo de companhia procuramos?

Pedro e João reportaram ao grupo da igreja tudo o que havia acontecido. A ação dos discípulos não foi de ira nem de desejo de vingança. Em vez disso, eles recorreram à oração. Parece que nesta ocasião todos oraram em conjunto e em voz alta — **unânimes levantaram a voz a Deus** (24). Uma emergência desesperadora exigia medidas desesperadas.

Senhor (24) não é a palavra usual, *kyrios*, mas *despotes*, que foi adotada pelo nosso idioma — normalmente com uma conotação ruim. Alexander diz que nos escritos dos autores clássicos, a palavra "representava qualquer pessoa dotada de poder ou autoridade absolutos".[108] A frase "és Deus" não é encontrada nos manuscritos gregos mais antigos. A leitura correta é "Senhor, tu és o que fizeste... " Aquele que criou o universo é o Senhor soberano.

A citação dos versículos 25 e 26 é de Salmos 2.1-2 (Septuaginta). Ela é introduzida com as palavras: **que disseste pela boca de Davi, teu servo**. Contrariamente à argumentação usual, esta fórmula introdutória não está no texto grego mais antigo. Ali se lê: "Tu que pelo Espírito Santo, pela boca do nosso antepassado Davi, teu servo, disseste" (ASV). Isto afirma a inspiração divina de Davi ao escrever este salmo. No caso da expressão **seu Ungido** (26) (ASV), lê-se *Messias*, no hebraico, e *Cristo*, na Septuaginta. Os judeus aceitam o segundo salmo como messiânico.

Estes primeiros crentes fizeram uma aplicação à expressão **teu santo Filho Jesus** (27). Talvez esta expressão fosse melhor traduzida como "teu santo Servo Jesus" (ver os comentários sobre 3.13). Foi na ocasião do seu batismo que Jesus foi ungido com o Espírito Santo pelo Pai. O seu ministério provocou oposição, até que finalmente eles se uniram contra Ele, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios — soldados romanos — e o povo de Israel. Isto resume o que é descrito na última parte de cada um dos Evan-

gelhos, embora somente Lucas registre o julgamento diante de Herodes Antipas (Lc 23.6-12). Mas tudo o que estes inimigos puderam fazer foi o que a mão e o conselho do Senhor tinham anteriormente determinado **que se havia de fazer** (28). Aqui encontramos aquele paradoxo misterioso, mas inevitável, da liberdade humana e da soberania divina.

O que nos surpreende nesta oração daqueles primeiros discípulos é que eles não oraram pedindo proteção, mas sim o poder para prosseguir com a pregação: **concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra** (29). Este ministério de pregação seria, posteriormente, promovido através de um ministério de curas (30).

A sua oração foi literalmente atendida. O lugar onde eles estavam orando **moveu-se** (31), manifestando assim o poder de Deus. E, o que é ainda mais importante, todos foram cheios do Espírito Santo em um novo derramamento da presença divina que iria capacitá-los para a sua tarefa. A conseqüência foi que eles anunciavam — lit., "continuaram anunciando" — com ousadia a Palavra de Deus.

Algumas vezes, diz-se que é possível receber apenas um derramamento do Espírito Santo, porém é possível receber várias novas unções. A passagem diante de nós, no entanto, parece indicar que este uso restrito da expressão "ser cheio do Espírito" não é corroborado pelas Escrituras. Uma pessoa é cheia do Espírito Santo quando o seu coração está purificado de todos os pecados, na experiência da completa santificação (cf. 15.8-9). Mas Paulo escreveu aos cristãos efésios: "enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18). Aqui, o verbo "encher" não está no tempo aoristo, mas sim no imperativo presente: "Continuem se enchendo do Espírito", ou "Sejam continuamente cheios do Espírito". Deve haver um enchimento inicial. Mas este deve ser seguido, na vida cristã consagrada, por muitos outros novos enchimentos do Espírito para um serviço especial no Reino.

Esta seção ensina sobre o "poder através da oração": 1. O apelo às Escrituras (24-28); 2. O pedido de poder (29-30); 3. O poder para a proclamação (31).

2. *Consagração* (4.32-37)

Os versículos 32 a 35 são paralelos a 2.44-47. O versículo 32 ressalta as duas principais ênfases destes parágrafos: 1. A comunhão na adoração; 2. A parceria da posse.[109]

Com esta unidade espiritual, veio o poder espiritual: **E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição** (33). Embora os saduceus tivessem reagido violentamente à pregação da ressurreição, os apóstolos continuavam a proclamá-la. A doutrina da ressurreição era muito maior na pregação apostólica do que é hoje na pregação moderna. Mas é preciso admitir que a situação era um pouco diferente. Os líderes judeus tinham condenado Jesus à morte. Ele havia morrido em uma cruz romana. Para os judeus, o seu sofrimento e a sua morte provaram que Ele não era o Messias. Era necessário proclamar a sua ressurreição, como uma prova da sua natureza messiânica. Uma vez que os apóstolos estavam pregando primeiramente aos judeus ou aos prosélitos, a ressurreição era o assunto-chave da sua mensagem. Hoje, a cruz de Cristo pode parecer mais central. Mas ainda é verdade que a crucificação, sem a ressurreição, nos teria deixado sem nenhum Evangelho para pregar. Pois foi a ressurreição de Cristo que validou o seu sacrifício pelos pecados (cf. Rm 4.25).

Uma descrição mais significativa daqueles primeiros crentes é que em todos eles havia abundante graça. Esta divina graça, presente em quantidade abundante, tornava-os graciosos em atitudes e atos, em palavras e obras.

Falamos da parceria da posse. Como observamos em 2.44-45, a indicação não é a de que toda propriedade privada de bens fosse abolida — como se faz em algumas comunidades religiosas. Mas a sinceridade da consagração dos primeiros cristãos era tal que se poderia dizer: **Não havia, pois, entre eles necessitado algum** (34). Por quê? Porque quando surgisse uma necessidade, alguém venderia algum bem e traria o dinheiro para solucionar a emergência. Isto é o que o texto grego indica, pelo uso do imperfeito aqui, como em 2.44-45. O lembrete do versículo 34 é, literalmente: "porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as [tempo presente — de tempos em tempos, conforme surgisse a necessidade], traziam o preço do que fora vendido". Isto não significa que todos vendiam as suas propriedades ao mesmo tempo e colocavam o dinheiro em um cofre comum. Ao contrário, cada crente conservava a sua propriedade como uma garantia, a ser usada de qualquer modo necessário pela igreja. Esta é a verdadeira administração cristã.

O versículo 35 prossegue neste mesmo padrão, com três imperfeitos. Foi literalmente dito: "e o depositavam [o preço do que fora vendido] aos pés dos apóstolos. E repartia-se [de tempos em tempos] a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha".

O fato de que não havia nenhuma exigência da abolição da propriedade privada é demonstrado conclusivamente por dois fatos no contexto: 1. Barnabé é destacado em menção especial como aquele que vendeu uma propriedade e doou o seu valor à igreja; 2. Pedro disse a Ananias que ele não tinha de vender a sua propriedade, e que, tendo-a vendido, o dinheiro era seu, para usá-lo como desejasse (5.4). A Igreja Primitiva não praticava o comunismo, mas sim a administração genuína e consagrada. Esta ainda é a exigência de Cristo para aqueles que desejam ser seus.

José (36) era um levita de Chipre, uma grande ilha no Mediterrâneo do leste (ver o mapa 3). Os discípulos deram-lhe o nome de Barnabé, uma palavra aramaica (*bar* significa "filho"). A palavra grega, usada para explicar qual filho, ou filho de quem, significa consolação ou "exortação" (NEB). É difícil escolher entre as duas. Lake e Cadbury dizem: "A balança parece inclinar-se claramente a favor de 'exortação', pela posição aparente da palavra em 11.23".[110] Mas o próprio Cadbury traduziu o livro de Atos na versão RSV, onde se usa o termo "encorajamento"! Normalmente, admite-se que o significado básico de *paraklesis* é "exortação", e o secundário é "consolação". Talvez a melhor solução para o problema seja a sugerida por Macgregor: "Aqui uma boa tradução é *Filho do Encorajamento*, que inclui as duas idéias".[111]

A expressão "da ilha de Chipre", que consta em algumas versões, também pode ser traduzida como "um nativo de Chipre" (RSV). Pode parecer surpreendente que um levita pudesse ter alguma propriedade, mas Jeremias, que era de uma família sacerdotal, também tinha propriedades (Jr 32.7-14).

E. TESTEMUNHAS PERSEGUIDAS, 5.1-42

O primeiro capítulo do livro de Atos é um tipo de introdução para os "atos" deste livro. Ela registra a ascensão de Jesus e a indicação de Matias. O segundo capítulo descreve a ativação da igreja no Pentecostes, juntamente com o primeiro sermão de Pedro. O terceiro capítulo fornece a cura do homem coxo e o segundo sermão de Pedro. O quarto

capítulo registra a primeira perseguição e a primeira oração pós-pentecostal da igreja. Nesta oração, os crentes estavam pedindo poder, e não proteção (4.29). Agora, entramos no quinto capítulo, que descreve a morte de Ananias e Safira, e a segunda perseguição.

1. *Antecedentes* (5.1-16)

Houve três antecedentes à primeira perseguição: 1. A cura do coxo (3.1-10); 2. A curiosidade da multidão (3.11); 3. O corajoso desafio de Pedro (3.12-26). Da mesma forma, houve três antecedentes à segunda perseguição: 1. A morte de Ananias (5.1-6); 2. A morte de Safira (5.7-11); 3. A cura dos enfermos (5.12-16).

a. A Morte de Ananias (5.1-6). É difícil entender como podem ter existido hipócritas na Igreja Primitiva, tão pouco tempo após o Pentecostes. E é difícil ver por que pessoas falsas e egoístas unem-se a uma igreja hoje, causando divisões e desentendimentos. Talvez, diriam os psicólogos, algumas pessoas "pequenas" pensem em "crescer" em uma congregação local e alcançar posições de liderança que nunca viriam a atingir em uma sociedade secular. Assim, elas encontram uma maneira de compensar um sentimento de inferioridade. Também deve ser dito que a igreja freqüentemente oferece uma completa gama de serviços para aqueles que têm capacidades limitadas, e desta forma contribui para o desenvolvimento da personalidade.

Por outro lado, existem pessoas orgulhosas, de posses, que gostam de impressionar a igreja com métodos falsos. Ananias e Safira pertenciam a esta categoria. Eles tinham bons nomes. Ananias, o equivalente do Novo Testamento ao Hananias do Antigo Testamento, significa "aquele a quem Jeová foi gracioso". Mas Ananias não era muito gracioso para Deus. Ele guardou para si parte do que fingiu estar dando à igreja. Safira significa "bonita". Mas ao invés de ser uma pedra de "safira" brilhante, como sugere o seu nome, ela representa a falta de sinceridade, que é muito feia. Klausner registra o fato de que, em junho de 1923, foi desenterrado em Jerusalém um bonito ossuário que trazia o seu nome inscrito em hebraico e em grego. Ele opina que é provável que a referência seja à Safira do capítulo 5 do livro de Atos.[112]

Barnabé tinha recebido um elogio especial pela sua generosidade para com a igreja. Ele vendera um terreno na ilha de Chipre e colocara todo o dinheiro aos pés dos apóstolos (4.36-37). Evidentemente, Ananias e Safira estavam ansiosos por receber um reconhecimento similar. Assim, venderam uma propriedade (1) — uma herdade (3) que possuíam.

Mas, diferentemente de Barnabé, eles retiveram **parte do preço** (2). O verbo pode ser traduzido como "defraudar, desviar". Lake e Cadbury escrevem: "A expressão ocorre com certa freqüência na prosa helenística... e sempre implica: (a) que o roubo é secreto; (b) que parte de uma quantia maior é usurpada... Deve-se observar, adicionalmente, que o verbo é mais comumente usado referindo-se à usurpação daquilo que é entregue em confiança... do que ao roubo de um indivíduo, por outrem".[113] Aqui é usado adequadamente neste contexto da mordomia cristã. A palavra é usada em Josué 7.1 (Septuaginta), sobre Acã, que "tomou do anátema". É encontrada novamente no versículo 3, e no Novo Testamento somente em Tito 2.10, onde é traduzida como "defraudar".

Guardar para si mesmos o que eles estavam ostensivamente entregando à igreja foi um ato premeditado de Ananias e Safira. O relato diz **sabendo-o também sua mulher**

— literalmente, "a sua mulher também sabia, com" o seu marido. Por ser deliberado, o pecado era ainda mais grave.

Pedro provavelmente recebeu um discernimento especial dado pelo Espírito — embora alguns entendam que o relato não descarte a possibilidade de que ele tenha sido informado por algum indivíduo humano sobre o preço da venda da terra. De qualquer forma, ele desafiou Ananias. Por que este membro da igreja tinha permitido que Satanás entrasse no seu coração e fizesse com que ele mentisse ao **Espírito Santo** (3)? No versículo 4, Pedro diz: **Não mentiste aos homens** [ou seja, não somente aos homens] **mas a Deus**. Estas duas frases juntas indicam tanto a personalidade quanto a divindade do Espírito Santo.

Enquanto a terra fosse guardada, sem ser vendida, **não ficava para ti?** (4) **E, vendida, não estava em teu poder** [*exousia*, "autoridade"]**?** Estas duas perguntas confirmam o que já observamos em conexão com 2.44-45 e 4.32-35: uma comunidade universal de bens nunca foi praticada nem exigida pela Igreja Primitiva.

Quando Ananias ouviu esta revelação da sua tentativa de ludibriar, ele **caiu e expirou** (5). Uma única palavra em grego descreve este fato, *exepsyxen* — literalmente, "expirou". A melhor tradução é "expirou". No Novo Testamento, o verbo aparece somente aqui, no versículo 10 (sobre Safira) e em 12.23 (sobre a morte de Herodes Agripa I). Hobart diz: "A palavra *ekpsychein* é muito rara e parece estar quase sempre confinada aos autores médicos, e mesmo assim é raramente usada por eles".[114]

Os **jovens** (6) — lit., "os homens mais jovens" (NEB), os que estavam capacitados para aquele trabalho, em contraste com os homens mais velhos — cobriram o morto ou "envolveram-no com panos, cobrindo o seu corpo" (cf. NEB). Este é o costume no Oriente Próximo hoje — **e, transportando-o para fora, o sepultaram**. Era necessário que o morto fosse enterrado no mesmo dia, e também fora dos muros da cidade (exceto no caso de reis).

Este incidente mostra "O Alto Preço da Hipocrisia". 1. O engano (1-2); 2. A descoberta (3-4); 3. A morte (5-6).

b. A Morte de Safira (5.7-11). Passadas três horas da morte tão repentina de Ananias, **entrou... sua mulher** (7) no principal local de reuniões da igreja — talvez o cenáculo (1.13). Ela não tinha sido informada do que acontecera com o seu marido. Pedro dirigiu-se a ela — **e disse** (8) — na Septuaginta e no Novo Testamento este termo freqüentemente significa algo como "perguntou-lhe" (RSV). Talvez a melhor tradução seja a de Phillips: "Diga-me, você vendeu a sua terra por tanto?" A resposta dela foi: **Sim, por tanto**. Obviamente, a quantia mencionada nos dois casos foi a que Ananias tinha apresentado aos apóstolos.

Então Pedro expôs a conspiração da fraude (9) e anunciou que aqueles que estavam acabando de retornar , tendo enterrado o seu marido, também iriam levá-la. Ela imediatamente "expirou" e **os jovens** (10) — uma expressão (um substantivo) diferente daquela do versículo 6, mas referindo-se ao mesmo grupo de pessoas — levaram-na para o seu sepultamento. O versículo 11 é uma ampliação da última frase do versículo 5. "E houve um grande temor em toda a igreja e em todos os que ouviram estas coisas". Tanto a igreja quanto a comunidade ficaram atemorizadas por essa demonstração do julgamento divino.

Houve muita discussão quanto ao fato de a morte de Ananias e Safira ter sido causada de forma natural ou sobrenatural. Em favor de um ato sobrenatural está Knowling, que diz: "Portanto, ele não pode ser encarado como um relato de um acontecimento ao acaso, ou o efeito de um choque súbito causado pela descoberta da culpa nas palavras de Pedro".[115] A maioria dos comentaristas conservadores mais velhos assume a opinião de que as duas mortes foram julgamentos divinos diretos, atos imediatos de Deus.

Um pouco mais complicada é a opinião de F. F. Bruce, que normalmente é reconhecido como o estudioso do Novo Testamento mais conservador das ilhas britânicas hoje. No primeiro (1949) dos seus três comentários sobre o livro de Atos — um magnífico trabalho sobre o texto grego — ele sugere que Safira "... além da surpresa de ter sido descoberta e da condenação da culpa, sofreu o choque pela morte repentina do seu marido".[116] Em seu segundo comentário, ele diz que "o choque produzido pelo repentino senso da enormidade de tal crime foi o que causou a morte dela".[117] Mas no seu terceiro comentário, ele escreve: "Foi um evidente ato de julgamento".[118]

De qualquer forma, o ponto em que devemos insistir é que, em nenhum lugar, a narrativa afirma que Pedro matou ou amaldiçoou este casal de hipócritas. Ele predisse a morte de Safira no que poderia ser descrito como um anúncio do julgamento divino. Mas isto é tudo.

Sobre a gravidade do pecado cometido, Lumby tem a dizer o seguinte: "O pecado de Ananias e Safira mostrou desprezo por Deus, a vaidade e a ambição dos pecadores e uma total desconsideração da corrupção que eles estavam trazendo à sociedade".[119] Ele acrescenta: "Eles pensaram mais na exibição que estavam fazendo aos pés dos apóstolos do que no pecado perante os olhos de Deus".[120]

A palavra **igreja** (11) aparece aqui pela primeira vez no texto grego do livro de Atos.[121] O histórico e o significado da palavra *ecclesia* já foram comentados em relação a Mateus 16.18; 18.17, os únicos lugares onde ela aparece antes deste ponto no Novo Testamento. Algumas observações adicionais serão feitas aqui.

O substantivo *ecclesia* significa "uma assembléia reunida". Deissmann diz: "Este nome auto-outorgado baseia-se na convicção de que Deus separou do mundo os seus 'santos' em Cristo, e 'chamou-os' ou 'reuniu-os' numa assembléia, que era 'a assembléia de Deus'... porque Deus era aquele que os reunia".[122]

A palavra foi usada pela primeira vez em relação a uma assembléia dos cidadãos livres de uma cidade grega (cf. 19.32,39,41), porque eles tinham sido convocados ("chamados para fora") por um arauto. Schmidt diz: "Naturalmente, isto sugere que, na Bíblia, a referência é a Deus em Cristo citando ou convocando os homens do mundo",[123] mas ele ainda observa: "Foi a Septuaginta que realmente deu a palavra *ecclesia* ao Novo Testamento; depois disso a palavra adquiriu o seu significado específico".[124] F. F. Bruce escreve: "Na LXX, ela é usada com referência à 'congregação' de Israel, a nação em seu aspecto teocrático, organizada como uma comunidade religiosa".[125] Macgregor comenta: "O uso da palavra pelos cristãos certamente implica a afirmação de que eles, e não os judeus, eram o verdadeiro 'povo de Deus'".[126]

c. *A Cura dos Enfermos* (5.12-16). Jesus tinha, no início, dado aos seus apóstolos a autoridade para expulsar demônios e curar os enfermos (Mt 10.1). Agora este poder estava sendo novamente demonstrado, pois **muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo** (12).

Lemos que três mil pessoas foram salvas no dia de Pentecostes (2.41). Um pouco mais tarde o número de "homens" — a palavra grega significa indivíduos do sexo masculino — tinha 'se tornado' cinco mil (4.4). Neste parágrafo, afirma-se que a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, **crescia cada vez mais** (14). Talvez a esta altura já fossem dez mil membros.

O resultado foi que a congregação cristã era grande demais para reunir-se em qualquer sala. Assim, "por consentimento unânime, eles costumavam reunir-se no alpendre de Salomão" (12, Phillips). Uma tradução melhor da última frase seria "Pórtico de Salomão" (NEB). Este era um passeio coberto e com colunas do lado leste da área to Templo, tal como o que pode ser visto hoje dentro do muro do lado oeste. Estava no pátio dos gentios (ver o quadro *A*), onde dezenas de milhares de pessoas podiam reunir-se ao mesmo tempo. Era chamado de Salomão devido à lenda de que era parte do antigo Templo construído por aquele grande rei (ver os comentários sobre 3.11).

Aqui a referência mostra que os primeiros cristãos ainda não tinham rompido com o costume da adoração no Templo. Provavelmente, eles continuavam a encontrar-se ali para o período de oração da manhã e da tarde (cf. 3.1). Mas eles também ouviam a pregação do Evangelho pelos apóstolos.

Um resultado da morte de Ananias e Safira foi que, **quanto aos outros, ninguém ousava ajuntar-se com eles** (13). Isto se devia ao "temor" que lhes sobreveio (5,11). O medo da perseguição dos judeus pode ter se somado a isto. **Mas o povo tinha-os em grande estima**, isto é, "conferia-lhes grande honra" (RSV). Lumby comenta: "O temor inspirado pelo que tinha acontecido, embora intimidasse aqueles que podiam ter tentado unir-se à comunidade com motivos não tão sinceros, não produziu um sentimento desfavorável entre o povo, mas justamente o contrário".[127]

Crescia (14) significa literalmente "ia crescendo" (tempo imperfeito de uma ação continuada ou repetida). Isto descreve um crescimento firme da igreja. A expressão **a multidão dos que criam... crescia**, também pode ser traduzida, devido à ordem das palavras no texto grego, assim: "os crentes no Senhor" cresciam (NEB, Phillips). A menção específica às mulheres aqui está de acordo com a atenção especial de Lucas ao seu lugar na Igreja Primitiva (cf. 1.14), como também no ministério de Jesus. Elas são freqüentemente mencionadas no Evangelho de Lucas.

De sorte (15) se conecta logicamente com 12*a*, portanto o material interveniente está adequadamente colocado entre parêntesis. Phillips, na verdade, move 12*a* para o início de 15, embora não exista evidência nos manuscritos que justifique esta transposição. A população estava trazendo os enfermos (lit., "fracos") para as ruas (lit., "avenidas" ou ruas principais") e colocando-os em leitos e em camilhas. A última palavra é melhor traduzida como "macas" (RSV) ou "esteiras" (Phillips, NEB). Além destas duas palavras, Lucas usa duas mais para *cama*. Duas das quatro são usadas somente por ele. Hobart observa: "É notável a variedade de palavras empregada por Lucas para se referir às camas dos enfermos".[128]

Os enfermos eram deixados nas ruas principais, para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles. Encontramos uma situação similar em 19.12, onde os lenços e aventais que tinham tocado o corpo de Paulo eram levados aos enfermos. Eram estas coisas uma evidência de verdadeira fé ou de superstição? É mais fácil fazer a pergunta do que respondê-la. De qualquer forma, Deus parece ter honrado o desejo sincero assim expresso, pois **todos eram curados** (16). Bruce comenta: "A som-

bra de Pedro era eficaz como um meio de poder de cura, como a barra ou orla da veste do Mestre tinha sido".[129] Parece que em todos estes casos a sabedoria divina acomodava-se às limitações dos homens, que tão freqüentemente precisam de símbolos materiais de realidades espirituais.

O relato afirma que "concorria muita gente" (imperfeito de ação contínua) **até** — assim em grego — **das cidades circunvizinhas a Jerusalém**. Como "a" não aparece nos mais antigos manuscritos gregos, a melhor tradução é: "as pessoas também vinham [afluíam, NEB] das cidades vizinhas de Jerusalém" (RSV).

Atormentados é o verbo *ochleo*, encontrado somente aqui no Novo Testamento (no melhor texto grego). Lumby escreve: "Como essa palavra aparece freqüentemente nas palavras dos autores médicos gregos, isto aponta para Lucas, como tendo sido um médico".[130] A palavra vem de *ochlos*, "uma multidão"; assim, significa "estar em um tumulto" e sugere a pressão e a confusão daquele que está possuído pelo demônio. Aqui também pode ser traduzida como "importunados" ou "assediados" (NEB).

2. *Apreensão* (5.17-26)

A segunda perseguição dos apóstolos aconteceu muito próxima à primeira (4.1-22). Este novo movimento crescia rapidamente e os líderes judeus estavam enormemente perturbados.

a. Presos e Soltos (5.17-21*a*). Como na perseguição anterior, a oposição veio basicamente dos saduceus (cf. comentários sobre 4.1). O próprio sumo sacerdote liderou o ataque. Ele e seus companheiros saduceus encheram-se de inveja (o texto grego diz "ciúme", cf. ASV, RSV, NEB").[131] Tratava-se do mesmo espírito que motivou a oposição a Jesus, como Pilatos tinha reconhecido (Mt 27.18; Mc 15.10).

Os saduceus prenderam os apóstolos e os colocaram na **prisão pública** (18). A palavra para **prisão** significa literalmente "um lugar onde as pessoas são mantidas". O adjetivo **pública** significa "que pertence ao público".[132] Ele aparece somente no livro de Atos. Nas outras três ocorrências (16.37; 18.28; 20.20), é usado adverbialmente no dativo feminino (como nos clássicos), no sentido de: "(a) por consentimento público; (b) publicamente".[133] Uma vez que esta é a forma aqui, Lake e Cadbury traduzem a passagem assim: "colocaram-nos publicamente sob custódia".[134]

Naquela noite, **um anjo do Senhor** (19) abriu as portas da prisão (lit., "casa de custódia") e libertou os apóstolos. Embora *angelos* signifique "mensageiro" (cf. Mt 11.10, Tg 2.25), evidentemente aqui se fala de um ser espiritual, celestial. Mas os apóstolos não estavam livres para fugir e salvar as suas vidas. Ao contrário, eles receberam a ordem de voltar até onde tinham sido presos e dizer ao povo, no templo, **todas as palavras desta vida** (20). Provavelmente, **vida** deveria ter a inicial maiúscula (cf. ASV, RSV). Em aramaico, a língua materna dos apóstolos, a mesma palavra pode ser traduzida como "vida" ou "salvação". Portanto, a expressão "palavras desta vida" poderia querer dizer a mensagem do Evangelho.

A comissão dada aos apóstolos requeria coragem. Mas, cheios do Espírito Santo, eles estavam à altura da ocasião. Eles entraram de manhã cedo — lit., "ao romper do dia" — **no templo e ensinavam** (21). Ao fazer isto, estavam seguindo o exemplo do seu Mestre, e também obedecendo a sua ordem.

b. Presos e Retidos (5.21*b*-26). Enquanto isto estava acontecendo, o sumo sacerdote, que atuava como presidente do Sinédrio, convocou o conselho (*synedrion*, Sinédrio) e todos os anciãos — *gerousia* (cf. "geriatria", o estudo da idade avançada"). A palavra **e** (*kai*) entre estas duas palavras não indica que elas se refiram a dois grupos separados. Ao contrário, ela significa "até mesmo"; o Sinédrio, que é o senado ou o grupo dos anciãos dos filhos de Israel — o seu corpo diretor é composto por anciãos. Lake e Cadbury dizem: "Estas frases significam a mesma coisa".[135]

Quando o conselho estava reunido, ordenou-se que os apóstolos fossem trazidos para julgamento, porém os servos voltaram de mãos vazias. Eles tinham encontrado as portas da prisão trancadas e os guardas em serviço, mas os prisioneiros não estavam lá (23).

Quando [136] **o capitão do templo e os principais dos sacerdotes** (24) ouviram este relato, "ficaram muito perplexos acerca deles" — ou sobre estas palavras, ou sobre os apóstolos — imaginando o que viria a ser aquilo. Foi então que alguém entrou e relatou que os prisioneiros estavam ensinando no Templo (25). Desta vez, o próprio capitão foi com os servidores (a polícia do templo) e os trouxe, não com violência — ou "força" (26). Esta atitude não se deveu a uma mudança em sua opinião, mas porque temiam ser apedrejados pelo povo.

Nos dois parágrafos desta seção (17-26), a palavra **prisão** aparece seis vezes, traduzindo três palavras gregas diferentes. Em 18 é *teresis*, um lugar onde as pessoas são mantidas sob guarda. Em 19, 22 e 25 é *phylake*, um lugar onde as pessoas são vigiadas sob guarda. Em 21 e 23 é *desmoterion*, um lugar onde as pessoas são mantidas amarradas. Isto é típico da quantidade de termos gregos freqüentemente representados pela mesma palavra nas nossas Bíblias. Neste caso, todas as palavras parecem se referir ao mesmo lugar, de modo que o uso uniforme de prisão talvez seja tão satisfatório quanto a alternância entre "prisão" e "cárcere" (Phillips, NEB).

3. *A Acusação* (5.27-42)

Depois que os apóstolos tinham sido presos na noite anterior, e agora novamente presos pela manhã, os líderes da nação começaram a acusação contra eles. Aparentemente, todos os doze apóstolos foram julgados juntos.

a. Acusação e Réplica (5.27-32). Os prisioneiros, presos novamente, foram trazidos perante o **conselho** (27) — o Sinédrio. O sumo sacerdote lembrou[137] que eles tinham recebido a ordem específica[138] de não ensinar **nesse nome** (28), ou seja, no nome de Jesus (cf. 4.18). Então, o sumo sacerdote fez contra eles uma acusação contundente: **eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina** [ou "ensino"] **e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem**. Tinham eles esquecido as suas palavras recentes a Pilatos: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mt 27.25)?

Pedro tinha uma réplica poderosa: **Mais importa obedecer a Deus do que aos homens** (29). Mais uma vez, ele se tornou um advogado naquele processo (cf. 4.8-12). **O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus** (30). Isto parece, naturalmente, ser uma referência à ressurreição, e assim foi suposto por muitos dos comentaristas mais antigos. Mas algumas traduções trazem o texto "levantou Jesus", o que poderia ser uma referência a Cristo sendo "enviado ao mundo".[139] Bruce diz: "Provavelmente não à ressurreição, mas à inauguração do seu ministério".[140] A seqüência de idéias apóia esta interpretação, uma vez que **ressuscitou** vem antes de **a quem vós matastes**.

Este Jesus, que o Deus de Israel tinha enviado como o seu Messias, os membros do Sinédrio mataram — *i.e.*, "colocaram sobre Ele mãos violentas" — **suspendendo-o no madeiro**. A palavra grega para **madeiro** literalmente significa "madeira"; por isso, é usada aqui — como também em 10.39; 13.29; Gl 3.13; 1 Pe 2.24 — referindo-se à cruz de madeira em que Cristo foi suspenso. A lei mosaica declarava: "O pendurado é maldito de Deus" (Dt 21.23). Assim, Cristo tornou-se maldição por nós quando levou os nossos pecados sobre a cruz.

Mas esta situação em pouco tempo mudou: **Deus, com a sua destra, o elevou** (31). Provavelmente, a última frase possa ser traduzida como "à sua mão direita" (RSV), embora a versão NEB esteja de acordo com a KJV. Qualquer tradução dá o sentido correto e representa igualmente bem o dativo grego (sem preposição); ambas as idéias estão corretas histórica e teologicamente (cf. 2.33). Tomado como dativo instrumental, "mão direita", ou "destra", é o símbolo do poder de Deus. Tomado como dativo local, representa o lugar de mais alta honra.[141]

Deus elevou Cristo a Príncipe — talvez aqui com o significado de "líder" (cf. 3.15) — e Salvador. Os dois termos gregos são usados na Septuaginta do livro dos Juízes, a fim de designar aqueles que Deus elevou para libertar Israel dos seus inimigos. Isto sugere o papel intencional de Jesus como o Messias. A dificuldade era que os judeus desejavam uma libertação militar e nacional, ao passo que Cristo veio trazer uma libertação espiritual e universal.

Em sua exaltação, Jesus deu a Israel o arrependimento. Uma vez que o arrependimento é obra do homem, esta afirmação parece um pouco surpreendente. Alexander nos dá esta explicação útil: "*dar arrependimento* não é meramente dar o tempo para que ele ocorra... ou o lugar para isso... mas dar a graça do arrependimento, *i.e.*, o poder e a disposição para arrepender-se".[142]

A palavra grega para "perdão" talvez seja melhor traduzida como "remissão" (ASV), como em 2.38, uma vez que o seu significado literal é "libertação, dispensa".[143] A referência básica parece ser a remissão da penalidade. No entanto, o termo geral *perdão* é provavelmente mais significativo para a mente moderna (cf. RSV, NEB, NASB).

Os termos **arrependimento** e "remissão dos pecados" também são encontrados juntos em Lucas 24.47. Page destaca o relacionamento dessas palavras com os dois títulos de Jesus: "arrependimento" — a condição que Ele impõe como Príncipe, e a 'remissão dos pecados' — a recompensa que Ele oferece como Salvador.[144]

Esta mensagem do Evangelho de arrependimento e de remissão foi pregada em primeiro lugar a Israel. Isto é o que encontramos nos sete primeiros capítulos do livro de Atos. Posteriormente, foi levada aos samaritanos (cap. 8) e aos gentios (cap. 10). Paulo sempre oferecia o Evangelho primeiramente aos judeus (cf. Rm 1.16) nas suas viagens missionárias. Somente quando estes o rejeitavam é que ele se voltava para os gentios (13.46; 18.6).

Os apóstolos eram[145] **testemunhas acerca destas palavras** (32), como Jesus tinha declarado que eles seriam (Lc 24.48; Jo 15.27). O Espírito Santo também o era (cf. Jo 15.26). Knowling comenta: "Aqui temos também o testemunho em duas partes — o testemunho histórico nascido dos fatos — e o testemunho interior do Espírito Santo, que leva para casa, para os corações dos homens, o significado dos fatos".[146] Também pode haver uma referência ao poder que opera milagres que está dentro dos apóstolos, pelo Espírito, que testemunhava a divina autoridade das suas palavras.

Deus dá o Espírito Santo àqueles que lhe obedecem. Em uma última análise, a obediência — envolvendo a rendição da vontade — é aquele preço adequado, mas invariável, que alguém precisa pagar para ser cheio do Espírito. Comumente se diz que a consagração completa é o pré-requisito para a santificação completa. O passo final para a consagração de alguém, e que realmente a completa, é a auto-entrega.

Os versículos 30 a 32 ressaltam cinco pontos relacionados com a provisão e a aplicação do Evangelho: 1. A encarnação; 2. A crucificação; 3. A exaltação; 4. A justificação; 5. A santificação.

b. Raiva e Razão (5.33-39). Quando os membros do Sinédrio ouviram a resposta dos apóstolos, **se enfureceram** (33), *i.e.*, "foram tomados de raiva" (RSV). O verbo grego é encontrado somente aqui e em 7.54. Literalmente, ele significa "serrar em duas partes", como encontrado em 1 Crônicas 20.3. Knowling observa: "Aqui não temos a aflição do coração (2.37) que leva à contrição e ao arrependimento, mas a indignação dolorosa e a inveja que dão vazão à tentativa de livrar-se dos apóstolos, como tinham feito com o seu Mestre".[147] Na primeira perseguição, eles simplesmente tinham ameaçado os apóstolos. Agora planejavam a sua morte — deliberaram matá-los.

A palavra **fariseu** é mencionada aqui pela primeira vez no livro de Atos, embora seja encontrada freqüentemente nos Evangelhos (ver os comentários sobre 4.1).[148] Os fariseus eram, literalmente, os "separados". A origem deste apelido é assim explicada por Bruce: "No conflito precipitado por Antíoco Epifânio (175—163 a.C.), eles deram o seu apoio aos Macabeus na luta pela sua liberdade religiosa, mas, uma vez que esta foi conseguida, eles se conservaram afastados da luta pela independência política, desaprovando fortemente a política egoísta dos últimos asmoneus e a sua assunção ao sumo sacerdócio".[149]

Na época de Cristo, os fariseus eram aparentemente um grupo minoritário no Sinédrio. Mas eles eram mais populares do que os saduceus. Josefo destaca isto quando escreve sobre os saduceus: "Mas eles não são capazes de fazer quase nada por si mesmos, pois quando se tornaram magistrados... aderiram às noções dos fariseus, porque a multidão não os suportaria de outra maneira".[150]

Gamaliel era um descendente do grande Hilel, que ficou famoso pelas suas opiniões liberais e pela sua atitude tolerante. Ele era um **doutor da lei** (lit., "professor da lei"). O fato de que era grandemente reverenciado — **venerado por todo o povo** — é indicado pela seguinte citação do Mishna: "Desde que Rabban Gamaliel, o ancião, morreu, não houve mais respeito pela lei; e a pureza e a abstinência morreram ao mesmo tempo".[151] Gamaliel morreu em 57 ou 58 d.C. Ele foi o professor de Saulo de Tarso (22.3).

Este homem tolerante e benevolente ordenou que os apóstolos fossem levados para fora... **por um pouco** (34), *i.e.*, "levados para fora durante alguns minutos" (Phillips). Então ele advertiu seus colegas a se acautelarem (35) quanto ao que fariam àqueles homens. Ele citou o caso de dois revolucionários contra o governo de Roma, **Teudas** (36) e **Judas** (37). Os dois levantes foram sufocados e os líderes foram mortos.

Dois problemas relativos a tempo se apresentam em relação a este relato, se desejarmos identificar Teudas com um revolucionário do mesmo nome na história secular. Josefo, que viveu no século I e estava familiarizado com estes eventos, escreve: "Então aconteceu, enquanto Fado era procurador de Judéia, que um certo mágico, cujo nome era

Teudas, persuadiu uma grande parte da população a pegar os seus pertences e segui-lo até o rio Jordão, pois ele lhes disse que era um profeta e que iria, por sua ordem, dividir o rio, e proporcionar-lhes uma passagem segura sobre ele".[152] Mas ele foi capturado pelo governador e foi decapitado.

O problema é que Fado tornou-se procurador depois de 44 d.C., enquanto essas palavras de Gamaliel provavelmente foram pronunciadas em 30 d.C. A solução óbvia, e aparentemente a única possível, é que tenha havido um revolucionário anterior com o mesmo nome. Knowling está plenamente justificado quando declara: "Não podemos supor que Lucas cometeria um erro tão grave, considerando a precisão que lhe era habitual".[153]

O segundo problema está intimamente conectado ao primeiro. Gamaliel disse: **Depois deste, levantou-se Judas, o galileu** (37). A revolta liderada por Judas ocorreu nos dias do alistamento — ordenado por Quirino, embaixador da Síria em 6 ou 7 d.C. O censo era preparatório para a cobrança de impostos. Josefo descreve assim a revolta: "Um certo galileu, cujo nome era Judas, persuadiu os seus compatriotas a uma revolta, dizendo que eles seriam covardes se continuassem a pagar impostos aos romanos".[154]

A sensatez em supor que deve ter havido outro Teudas anterior a este Judas ganha considerável apoio de uma maneira geral por parte de Josefo. Ele diz, sobre o período anterior à rebelião de Judas: "Nesta época, havia dez mil outras desordens na Judéia, que eram como tumultos".[155] Em conexão com o mesmo período, ele acrescenta: "A Judéia estava cheia de usurpações, e quando os muitos grupos de rebeldes conseguiam alguém que os liderasse, ele era proclamado rei imediatamente".[156] À luz destas afirmações, somadas com o fato bem conhecido de que muitos indivíduos tinham o mesmo nome, parece ser justificável assumir que a referência a Teudas nas palavras de Gamaliel são a outro rebelde anterior que levara o mesmo nome — um homem cuja revolta ocorreu antes da de Judas em 6 ou 7 d.C.

O conselho de Gamaliel era o de afastar-se daqueles homens e deixá-los em paz (38). **Se este conselho ou esta obra é de homens** — lit., "nasce dos homens", *i.e.*, "de origem humana" (NEB) — **se desfará** (será derrotada). **Mas se** [ela] **é de Deus** (39; "nascida de Deus", como a sua fonte), **não podereis desfazê-la** — o mesmo verbo (*katalyo*).[157] **Para que** significa "para que não por acidente ou acaso". O perigo era que eles podiam achar-se também combatendo contra Deus.

c. Presos e Libertados (5.40-42). **E concordaram com ele** (40) — lit., "foram persuadidos por ele". Chamando-os (convocando os apóstolos) e **tendo-os açoitado por terem desobedecido a ordem anterior contra falar no nome de Jesus, os deixaram ir** (cf. 4.18). O verbo significa "libertar" ou "soltar".

Os apóstolos não se amedrontavam com as ameaças e ordens do **conselho** (41). Eles deixaram a presença do Sinédrio, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus. O texto grego diz: "por amor ao Nome". Este uso absoluto de "Nome" é similar ao de "Caminho" ou "Seita" em 9.2. Lumby comenta: "Os apóstolos consideram uma glória, aquilo que o mundo consideraria uma vergonha".[158] Semelhantemente, Paulo escreveu aos gálatas: "longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6.14).

Os apóstolos não mostravam a intenção de obedecer às repetidas ordens do Sinédrio. **Todos os dias, no templo** (42) — para a multidão que se reunia ali no amplo pátio

dos gentios — **e nas casas** (ver os comentários sobre 2.46) — não cessavam de "ensinar e de anunciar" (*evangelizomenoi*) a Jesus Cristo — melhor ainda, "a Jesus, como sendo o Cristo" (ASV). Pelo seu nome (41) tinham sofrido, e agora o pregavam. Ele era o verdadeiro Messias.

Isto nos dá uma imagem vívida da Igreja Primitiva. Os apóstolos estavam desempenhando um ministério público no Templo e um ministério privado, ou semi-privado, nas casas de alguns crentes. Isto aconteceu algum tempo antes que os edifícios das igrejas cristãs fossem construídos.

No versículo 42, podemos ver "A evangelização no poder do Espírito". 1. Os apóstolos cheios do Espírito tinham um único objetivo — ensinar e anunciar Jesus Cristo. 2. Eles trabalhavam de acordo com o plano divino; obedeciam ao mandamento de Deus, "Ide", e iam todos os dias ao trabalho; eles iam às casas e também ao templo. 3. Eram impulsionados por uma paixão motivadora (G. B. Williamson).

F. O AVANÇO DAS TESTEMUNHAS, 6.1-7

1. *A Indicação dos Sete* (6.1-6)

A palavra **discípulos** (1) aparece aqui pela primeira vez no livro de Atos (ver os comentários sobre 1.15). Ela significa, literalmente, "aprendizes". É usada nos Evangelhos para referir-se aos seguidores de João Batista (*e.g.*, Mt 9.14), dos fariseus (*e.g.*, Mc 2.18), de Moisés (Jo 9.28) e de Jesus (*e.g.*, Lc 6.17). A sua aplicação mais freqüente é em relação aos doze apóstolos. No livro de Atos (vinte e oito vezes), normalmente refere-se aos cristãos em geral. Nas outras partes deste livro, eles são chamados "santos" (9.13), "irmãos" (1.15, em algumas versões; 9.30), "nazarenos" (24.5). Mas **discípulos** é "talvez a palavra mais característica dos cristãos no livro de Atos".[159]

Crescendo o número dos discípulos significa literalmente "enquanto os discípulos se multiplicavam" (particípio presente, indicando um crescimento contínuo). Quanto mais membros uma igreja tem, mais problemas em potencial ela apresentará. Agora, iniciava-se uma murmuração — o som da palavra grega sugere o zumbir das abelhas — por parte dos gregos. A palavra grega é *hellenistes*, que deveria ser traduzida como "helênicos". Diz-se que esta foi "a primeira aparição desta palavra na literatura grega".[160] Ela é encontrada somente duas outras vezes no Novo Testamento (9.29; 11.20). Aparentemente, significa pessoas "de língua grega". Bruce escreve: "O contexto irá então determinar mais exatamente que tipo de pessoas de língua grega são elas: aqui, cristãos judeus de língua grega; em 9.29, provavelmente judeus de língua grega nas sinagogas; em 11.20, provavelmente gentios".[161]

Em contraste com os helênicos, estavam os hebreus. Isto parece querer dizer "judeus de língua hebraica ou aramaica".[162] No Novo Testamento, a palavra aparece novamente somente em 2 Coríntios 11.22, e em Filipenses 3.5. Em ambos os casos, Paulo aplica-a a si mesmo, como um rígido observador da lei — ou possivelmente como um judeu de puro sangue.

A causa desse murmúrio era que as suas viúvas eram desprezadas — "negligenciadas" (somente aqui no NT) — no ministério cotidiano. Com respeito a viúvas, Lake e Cadbury afirmam: "Em geral, o termo 'viúvas' vem a ter um duplo sentido: (a) todas as

mulheres que tinham perdido os seus maridos; (b) um número seleto de classe elevada, que era indicado a uma posição definida dentro da organização da igreja como parte do 'clero'" (cf. clérigos).[163] O significado anterior provavelmente aplica-se às viúvas aqui, e o último àquelas de 1 Timóteo 5.9-10.

A palavra grega para ministério é traduzida como "socorro" em 11.29. Esta é, evidentemente, a idéia aqui. Com os fundos que os cristãos tornavam disponíveis (cf. 2.44-45; 4.32-37), os pobres e os necessitados eram cuidados no cotidiano com uma doação de alimentos. Knowling faz esta sugestão significativa: "É bem possível que as viúvas helênicas tivessem sido ajudadas anteriormente com o tesouro do Templo, e que essa ajuda tenha cessado, visto que elas se uniram à comunidade cristã".[164]

A palavra *chera*, viúva, aparece nove vezes no Evangelho de Lucas — somente três vezes nos demais Evangelhos juntos — e três vezes no livro de Atos. Ela está de acordo com a ênfase de Lucas sobre as mulheres (ver a introdução do Evangelho de Lucas). Em outras passagens do Novo Testamento, a palavra é encontrada com maior freqüência na primeira carta a Timóteo (oito vezes). Poderia ser um dos diversos itens menores que indicam a possibilidade de que Lucas foi o escrevente de Paulo para as epístolas pastorais (cf. 2 Tm 4.11)?

Os doze (2) — uma citação encontrada somente aqui no livro de Atos — convocaram uma reunião da igreja: **a multidão dos discípulos**. Com santificado bom senso, os apóstolos declararam que não era razoável (adequado) que eles deixassem **a palavra de Deus** — ensinassem e anunciassem — e servissem **às mesas**. "Servir" é o verbo *diakoneo*. O substantivo cognato *diakonia* é traduzido como "ministério" no versículo 1. Como "diácono" vem de *diakonos*, os homens aqui escolhidos são freqüentemente mencionados como "os sete diáconos", mas esta designação não lhes é dada no texto. Provavelmente, não havia um cargo técnico como o dos diáconos neste estágio primitivo da igreja.

"Servir às mesas" normalmente é interpretado como servir comida. Mas a palavra *trapeza* era usada para as mesas dos cambistas (*e.g.*, Mt 21.12). Em Atenas, hoje, pode-se ver uma *Trapeza* em cada banco. Também *trapezeites* (somente em Mt 25.27) significa "banqueiro", ou "cambista". Lumby comenta aqui: "*Servir às mesas* significa dirigir a mesa ou o balcão onde o dinheiro era distribuído".[165] É possível que a frase fosse interpretada com o sentido mais amplo de administrar os assuntos financeiros da igreja, da qual uma parte importante era a provisão de comida para os necessitados. Não é provável que os doze apóstolos realmente servissem às mesas de comida, embora tivessem servido pão e peixes, com as próprias mãos, aos cinco mil e aos quatro mil. De qualquer forma, o verbo forte traduzido como **deixemos** (ou "abandonemos") implica que todo o tempo dos doze estava sendo tomado por estes cuidados com as necessidades temporais dos irmãos".[166] Quando ministros ordenados passam a maior parte do tempo cuidando dos assuntos materiais da igreja, a vida espiritual do povo fica prejudicada.

O curso da ação que os apóstolos prescreviam era sábio. Uma divisão de trabalho era a única solução satisfatória. Sete bons homens leigos seriam indicados para cuidar dos assuntos materiais da congregação enquanto os apóstolos perseverariam **na oração e no ministério da palavra** (4).

Praticamente todas as palavras ou frases dos versículos 3 e 4 estão cheias de significado. O termo **irmãos** é aplicado aqui pela primeira vez aos cristãos como irmãos espirituais em Cristo. Este uso ocorre trinta e quatro vezes no livro de Atos e freqüentemente nas epístolas.

Escolhei literalmente quer dizer "procurar, visitar ou inspecionar, com o objetivo de encontrar as qualificações necessárias".[167] Dentre vós — literalmente "no seu meio" — enfatiza o fato de que deveria haver cuidado na seleção dos encarregados da igreja.

A escolha de sete varões tem sido explicada de várias maneiras. Sugeriu-se que Jerusalém pode ter sido dividida em sete distritos, ou que havia sete congregações cristãs que se reuniam em casas particulares. A razão mais provável é a mais simples — sete era um número sagrado para os judeus, significando perfeição.

As qualificações destes homens deviam ser três: 1. Boa reputação; 2. Cheios do Espírito Santo; 3. Cheios... de sabedoria — "sabedoria prática"[168] ou tato. Essas ainda são as três qualificações principais para os trabalhadores cristãos.

Os sete candidatos deveriam ser escolhidos por toda a congregação. Este procedimento democrático era um primeiro passo importante para neutralizar reclamações. Os apóstolos então constituiriam os homens escolhidos sobre **este importante negócio** — literalmente "necessidade". Mas aqui esta atividade pode ser traduzida como "ofício".[169]

O resultado desta indicação pode ser que os apóstolos poderiam dedicar todo o seu tempo ao trabalho para o qual foram chamados, e para o qual estavam qualificados. Com respeito à oração, Bruce diz: "A adoração regular da igreja é o que isso significa".[170] A realização da adoração pública (oração) e pregação (o ministério da palavra) deviam ser as suas principais tarefas.

A proposta feita pelos apóstolos **contentou a toda a multidão** (5). Eles elegeram — lit., "escolheram por si mesmos" — sete homens do seu meio. O primeiro foi Estêvão. Este é descrito adicionalmente como um homem cheio de fé e do Espírito Santo. Para a sua difícil tarefa de satisfazer os murmuradores helenistas, ele precisaria do otimismo da fé, da bondade e sabedoria do Espírito. O fato de Estêvão ser destacado com uma menção especial se deve, talvez, ao fato de que este incidente forma um prelúdio para o seu martírio. Estêvão significa "coroa", e ele foi o primeiro cristão a receber a coroa de mártir.

Filipe tornou-se um pregador e evangelista depois da morte de Estêvão (8.5-40; 21.8). Dos demais homens, não se faz outra menção no Novo Testamento. Sobre Prócoro, Lake e Cadbury dizem: "Segundo uma lenda largamente encontrada na arte bizantina, ele era o escriba a quem João ditou o quarto Evangelho".[171] Nicolau é identificado como prosélito de Antioquia. A menção a esta cidade reflete o interesse especial de Lucas no lugar, talvez devido ao fato de que Lucas nasceu ali. A região tem um papel importante na narrativa dos Atos (cf. 11.19-30; 13.1-3; etc.).

O fato de Nicolau ser especificado como um prosélito — gentio convertido ao judaísmo — não implica necessariamente que os outros seis fossem todos judeus. Freqüentemente, ressalta-se que eles podem ter pertencido ao grupo helenista da igreja. Neste caso, eles teriam sido mais aceitáveis para os helênicos que reclamavam e também mais solícitos às necessidades desse grupo minoritário. Era uma manobra de tato.

Depois de os sete homens serem selecionados pela congregação, eles foram **apresentados ante os apóstolos** (6), provavelmente em uma importante reunião que teve a participação de toda a igreja. Os apóstolos, orando, lhes impuseram as mãos. Isto sugere uma ordenação oficial destes homens para o seu ministério especial. O padrão já tinha sido estabelecido pelos judeus.[172]

Ramsay descreve assim a importância deste evento: "Um passo distinto em direção à igreja universalizada foi tomado aqui; já era conhecido que a igreja era maior que a raça judaica pura; e o elemento não judeu era elevado a um posto oficial".[173]

Aqui temos alguma ajuda sobre "como solucionar problemas": 1. Reconhecer o problema (1-2*a*); 2. Recusar-se a subordinar o que é essencial (2*b*); 3. Remover as causas de reclamações (3-6); 4. Colher os resultados de uma solução sensata (7).

2. *Cresce o Número de Convertidos* (6.7)

O resultado desta manobra tática que libertou os apóstolos para um ministério espiritual de tempo integral tinha três partes: 1. A palavra de Deus crescia em poder e em publicidade; 2. Multiplicava-se muito o número dos discípulos em Jerusalém, devido tanto às necessidades materiais quanto às espirituais da congregação que estava sendo cuidada adequadamente; 3. O crescimento de grande parte dos sacerdotes que obedecia à fé — Josefo diz que havia vinte mil sacerdotes nessa época.[174] Aqui, o uso da expressão **a fé**, significando o cristianismo, antecipa o seu uso nas epístolas pastorais e mostra que este fator não pode ser usado como um argumento a favor da data posterior daquelas cartas.

Por que a menção especial à conversão de grande número de sacerdotes? Lumby sugere: "Para estes homens, o sacrifício seria maior do que para os israelitas comuns, pois eles sentiam o peso completo do ódio contra os cristãos, e perdiam o seu status e apoio, assim como os seus amigos".[175]

G. Testemunhas Enviadas à Morte, 6.8—7.60

1. *A Prisão de Estêvão* (6.8-15)

No versículo 5, Estêvão foi descrito como "cheio de fé e do Espírito Santo". Aqui somos informados de que ele estava cheio de fé e de poder. O poder seria o do Espírito Santo, de modo que estes dois itens são intimamente correspondentes. Mas, ao invés da fé, o melhor texto grego apresenta "graça". Este termo significativo não aparece nunca nos textos de Mateus ou Marcos, e somente quatro vezes no texto de João. No entanto, Lucas utiliza-o oito vezes no seu Evangelho e dezesseis no livro de Atos. Paulo emprega-o mais de cem vezes nas suas treze epístolas. Ele representava uma nota dominante no pensamento religioso e teológico tanto de Lucas quanto de Paulo.

Capacitado com graça e poder, Estêvão fazia prodígios e grandes sinais (milagres). Não sabemos qual a natureza deles, mas podemos perfeitamente supor, com base no ministério dos discípulos, descrito tanto nos Evangelhos quando no livro de Atos, que eles eram principalmente milagres de cura e de expulsão de demônios.

Este gracioso ministério de Estêvão não prosseguiu sem desafios. Logo surgiu a oposição, vinda da **sinagoga** (9). Esta palavra aparece aqui pela primeira vez no livro de Atos.[176] Lucas usa *synagogue* mais freqüentemente do que qualquer outro autor do Novo Testamento — 35 vezes (quinze no seu Evangelho e vinte no livro de Atos) em um total de 57. A palavra, que significa literalmente "uma reunião", é tomada diretamente do grego. Como no caso do termo *igreja*, ela foi primeiramente aplicada à congregação, e mais tarde ao edifício. Nos Evangelhos, ela normalmente se refere ao lugar de adoração. Aqui, designa a congregação.

Existe grande incerteza com respeito a quantas sinagogas são indicadas neste versículo. Os estudiosos disseram: uma, duas, três, quatro e cinco — e todas as hipóteses são possíveis, no que diz respeito ao texto grego. Schuerer "não tinha certeza se a menção se refere a uma ou a cinco congregações",[177] mas finalmente eles se decidiram a favor de *cinco*.[178] Lechler (*Lange's Commentary*)[179] e Hackett[180] concordam que havia cinco. Mas, colocando-as juntas, as da Cilícia e da Ásia (províncias da Ásia Menor), poderíamos pensar em *quatro* sinagogas. Page opina que são *três*: 1. A dos Libertos; 2. A dos cireneus e dos alexandrinos; 3. A da Cilícia e da Ásia.[181] Knowling[182] e Plumptre[183] opinam que são *duas*.

Calvin sustenta que havia somente *uma* sinagoga, composta dos Libertos das quatro regiões listadas.[184] Bruce concorda. Ele diz: "Estou propenso a pensar que somente se faz referência a uma sinagoga, freqüentada por homens libertos judeus ou seus descendentes, dos diversos lugares mencionados".[185] Esta pode ser a melhor conclusão. Alexander modifica-a um pouco, ao escrever: "Uma construção diferente, e talvez a mais simples, é conectar *synagogue* somente com o primeiro nome, e entender o resto dos indivíduos como pertencendo às nações mencionadas".[186]

A respeito do significado de Libertos, lumby diz: "os *Libertinoi* eram provavelmente os descendentes de alguns judeus que tinham sido levados a Roma como cativos por Pompeu (63 a.C.) e tinham sido libertos (*libertini*) pelos seus opressores. Depois do seu retorno a Jerusalém, tinham formado uma congregação e usavam particularmente uma sinagoga".[187]

Os cireneus eram de Cirene, no Norte da África, onde viviam muitos judeus.[188] Os alexandrinos eram da Alexandria, no Egito, somente superada por Roma como a maior metrópole do Império Romano (ver mapa 3). Existem evidências abundantes de dois escritores judeus do século I, Filo e Josefo, de que grande parte da população desta cidade consistia em judeus. Knowling diz: "Segundo Filo, dois dos cinco distritos da cidade... eram chamados de 'os Judaicos', devido ao número de judeus que habitavam neles. Um quarteirão, o Delta, era inteiramente habitado por eles".[189]

Cilícia é de especial interesse, uma vez que é a província natal de Paulo. É perfeitamente provável que o jovem fariseu Saulo pertencesse a esta sinagoga e disputasse com Estêvão. A Ásia, como sempre no Novo Testamento, refere-se à província romana da Ásia, localizada na extremidade oeste da Ásia Menor (a moderna Turquia).

Disputar é a palavra "usada para referir-se aos capciosos questionamentos dos fariseus (Mc 8.11) e dos escribas (Mc 9.14) a Jesus e aos seus discípulos".[190]

Os oponentes de Estêvão não foram capazes de resistir — a mesma palavra usada para a promessa de Cristo em Lucas 21.15 — **à sabedoria e ao Espírito com que falava** (10). A palavra **Espírito** deve ter a inicial maiúscula (cf. ASV, RSV). Era o Espírito Santo quem dava a Estêvão a sabedoria para falar tão eficazmente, de modo que não havia resposta para os seus argumentos.

Como não podiam competir com a argumentação inspirada de Estêvão, os seus oponentes recorreram a meios desonestos para combatê-lo. Eles **subornaram uns homens** (11). O verbo grego (somente aqui no NT), que significa literalmente "desorganizar", finalmente foi usado no sentido de "instigar". Lake e Cadbury comentam: "Ele se aplica à instigação secreta de pessoas que recebem sugestões sobre o que devem dizer, e é muito parecido com uma tramóia moderna".[191] (Cf. RSV, "instigar secretamente"; Phillips, "corromper".)

As falsas testemunhas acusaram Estêvão de proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus. Esta foi a mesma acusação feita contra Jesus (Mc 14.64) e a mais séria, aos olhos dos judeus.

Os oponentes helênicos de Estêvão **excitaram** (12) — somente aqui no Novo Testamento — **o povo, os anciãos e os escribas** — alguns dos quais talvez fossem ouvintes do debate. **Investindo com ele, o arrebataram** [prenderam] **e o levaram ao conselho** [o Sinédrio]. "Prender" (um termo que só é usado por Lucas) é um verbo forte, como "arrebatar". Lumby diz: "as palavras indicam uma boa dose de violência".[192]

Como não tinham nenhuma acusação verdadeira para trazer contra Estêvão, os líderes **apresentaram falsas testemunhas** (13), como haviam feito anteriormente com Jesus (Mc 14.56-57). Provavelmente, com considerável sentimento, elas declararam: Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar e a lei. Não havia acusação mais grave que pudessem ter feito contra ele. O Templo e a Lei eram as duas coisas tidas como mais sagradas pelos judeus. Falar contra eles era considerado um crime que merecia a pena capital.

A seguir, eles citaram um exemplo específico da suposta blasfêmia. Eles tinham ouvido Estêvão dizer — assim afirmavam — que **esse Jesus Nazareno há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés nos deu** (14). Assim como os líderes judeus haviam torcido o que Jesus tinha dito sobre o seu corpo ser destruído (Mc 14.58), agora eles também distorceram as palavras de Estêvão — supondo que o que ele tinha dito era similar ao que encontramos em 7.48-50. Como Jesus, no monte das Oliveiras (Mc 13.2), havia predito a destruição do Templo, talvez seja possível que Estêvão tenha ecoado as palavras do Mestre. Quanto à mudança dos costumes, as suas palavras no capítulo 7 podem ser interpretadas como uma sugestão disso. Assim, ele pode ter dado esta impressão anteriormente, por alguma coisa que tivesse dito.

Qual foi a reação de Estêvão a estas falsas acusações? Não foi ira, mas sim amor. Os membros do Sinédrio **viram o seu rosto como o rosto de um anjo** (15). Esta era uma prova visível do fato de que ele estava "cheio do Espírito Santo" (5). Como o rosto de Moisés brilhava quando ele desceu do monte Sinai, depois de quarenta dias na presença de Deus, e como o rosto de Jesus se transfigurou no monte, também o semblante de Estêvão iluminou-se com a glória do outro mundo. Esta cena retrata vividamente a diferença entre um judaísmo decadente e um cristianismo cheio do Espírito.

2. *A Defesa de Estêvão* (7.1-53)

O que é freqüentemente chamado de apologia de Estêvão — tomando essa palavra no seu sentido original e correto de "defesa" — é, na realidade, uma apresentação positiva dos ensinos cristãos, particularmente como diferenciados dos pensamentos judaicos do século I. Bruce resumiu bem os dois principais argumentos das palavras de Estêvão: "1. Deus não está restrito localmente e não habita edifícios materiais; 2. A nação judaica sempre foi rebelde; da mesma forma que as gerações anteriores se opuseram aos profetas, a partir de Moisés, assim também esta geração matou 'o Justo'".[193]

Lake e Cadbury detalham um pouco mais o assunto. Eles dizem que as três notas recorrentes aqui são: "1. A ausência de um templo ou até mesmo de um país fixo nos dias dos patriarcas; 2. A tendência geral de Israel de rebelar-se contra os seus líderes e guias

divinamente indicados; 3. O paralelismo entre o tratamento que os judeus dispensaram a Jesus e o tratamento dos seus antepassados para com José, Moisés e os profetas".[194]

a. Abraão (7.1-8). Estêvão tinha sido falsamente acusado de blasfêmia (6.13). Ele tinha reagido com amor santo, e o seu rosto brilhava como o de um anjo (6.15). Agora, o **sumo sacerdote** (1), agindo como presidente do Sinédrio, exigiu uma resposta: **Porventura, é isto assim?** Em outras palavras: "Você disse as coisas que estas testemunhas afirmam que lhe ouviram dizer?" (6.14)

De forma cortês, Estêvão dirigiu-se aos membros do Sinédrio como **varões irmãos** [companheiros judeus] **e pais** (2). Estes "anciãos de Israel" eram considerados os pais que governavam a nação. Os cristãos devem sempre se dirigir aos seus superiores com cortesia.

Uma excelente explicação da frase introdutória, O Deus da glória, é dada por Alexander, que escreve: "*O Deus da glória* não é meramente o glorioso [e maravilhoso] Deus, ou o Deus digno de ser glorificado (Sl 29.1; Ap 4.11), porém, mais especificamente, aquele Deus que sensatamente se revelou anteriormente, o que é um sentido notável de *glória*... no Antigo Testamento".[195] Estêvão assim se identificava com a fé religiosa da sua audiência. Alexander acrescenta: "Pela mesma razão, ele chama Abraão de *nosso pai*, professando assim a sua adesão às tradições e associações nacionais a respeito do seu grande fundador".[196]

Este Deus auto-revelado apareceu a Abraão. Mas onde? Não na Terra Santa, em primeiro lugar, mas em um território pagão, na Mesopotâmia — que significa "entre rios" (o Tigre e o Eufrates).

Estêvão declarou que antes que Abraão habitasse em Harã, Deus lhe ordenou que saísse **da sua terra e dentre a sua parentela** (3). Em Gênesis 12.1, este mandamento parece localizar-se em Harã. A aparente contradição é solucionada supondo que o chamado, primeiramente dado em Ur dos caldeus (cf. Gn 15.7; Ne 9.7), foi renovado em Harã.

Estêvão afirmou que Abraão foi para Canaã **depois que seu pai faleceu** (4). O Antigo Testamento diz que: Tera tinha setenta anos de idade quando gerou Abraão (Gn 11.26), Abraão tinha setenta e cinco anos quando deixou Harã (Gn 12.4), e Tera viveu até duzentos e cinco anos de idade (Gn 11.32). Isto indicaria que Tera viveu sessenta anos depois que Abraão saiu de Harã. Como isto pode ser harmonizado com a afirmação de Estêvão? A solução mais simples é supor que Abraão era um filho mais jovem de Tera, citado em primeiro lugar em Gênesis 11.26, em vista de sua grande importância. Assim, aquela passagem significaria que Tera gerou filhos quando tinha setenta anos de idade, mas que Abraão nasceu muito depois. O termo "remover" (4) que consta em algumas versões, significa que Deus o levou a outro local (RSV).

A princípio, o patriarca não teve nem sequer **o espaço de um pé** (5) de terra em Canaã, embora mais tarde ele comprasse um terreno para sepultura (Gn 23). Mas Deus prometeu dar a ele, e aos seus descendentes, a posse de toda a terra antes mesmo que ele tivesse um filho. O Senhor também disse a Abraão que a sua descendência (6, prole ou posteridade) seria peregrina (moraria temporariamente) em terra alheia (no Egito). Ali eles seriam levados em escravidão e maltratados por quatrocentos anos. Estêvão estava citando aqui Gênesis 15.13. Em Êxodo 12.40, a frase é mais exata: "O tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos".

Um problema cronológico surge, no entanto, pelo fato de que Paulo apresenta os "quatrocentos e trinta anos" como o período desde a promessa de Abraão até a entrega da Lei no Sinai (Gl 3.16-17). Isto está de acordo com Êxodo 12.40, como se lê na Septuaginta e no Pentateuco Samaritano: "O tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito *e Canaã* foi de 430 anos". Isto faria com que os quatro séculos incluíssem tanto o período patriarcal de Canaã quanto o período de escravidão no Egito. Josefo é favorável a esta cronologia e adicionalmente divide o período de 430 anos igualmente entre os dois países. Ele afirma: "Eles deixaram o Egito... 430 anos depois que o nosso antepassado Abraão veio a Canaã, mas somente 215 anos depois que Jacó foi levado ao Egito".[197] A evidência de Josefo, entretanto, é enfraquecida pelo fato de que em duas outras passagens,[198] ele retrata a permanência no Egito com duração de quatrocentos anos. Este é um dos problemas da história bíblica que ainda permanece insolúvel. Só podemos esperar que futuras descobertas arqueológicas possam esclarecê-lo. Provavelmente a maioria dos arqueólogos da atualidade prefira o total mais curto da cronologia de Paulo, da Septuaginta, e do Pentateuco Samaritano.

Deus também prometeu que Ele julgaria (7) a nação do Egito, punindo os egípcios e libertando os israelitas da escravidão. As palavras acrescentadas: **e me servirão neste lugar** não são explícitas na promessa registrada a Abraão (Gn 15.13-14), mas estão implícitas na afirmação: "a quarta geração tornará para cá" (Gn 15.16; cf. Êx 3.12).

Para Abraão, Deus deu **o pacto da circuncisão** (8), que está registrado em Gênesis 17.21. O ritual era realizado ao oitavo dia depois do nascimento de cada criança do sexo masculino.

Os três grandes patriarcas da nação hebraica foram Abraão, Isaque e Jacó. O termo **patriarcas** — palavra grega para "pais do início" — aqui (8-9) se aplica especificamente aos doze filhos de Jacó. Mas em 2.29 aplica-se a Davi, e em Hebreus 7.4 a Abraão. Estas são as únicas ocorrências desta palavra no Novo Testamento.

O uso da palavra **assim** no versículo 8 parece estranho, mas é explicado por Lake e Cadbury da seguinte forma: "Possivelmente o 'assim' seja enfático e signifique 'embora ainda não houvesse um santuário, todas as condições essenciais para a religião em Israel estavam satisfeitas'".[199]

b. José (7.9-16). Foi a **inveja** (9), ou o "ciúme", o que fez com que os irmãos de José o vendessem aos mercadores que o levaram para o Egito. Mas mesmo ali — fora da Terra Santa! — Deus era com ele. Estêvão estava demonstrando que a presença de Deus não estava limitada à Terra Prometida.

Embora José tivesse sido traído pelos seus irmãos e vendido à escravidão, Deus **livrou-o de todas as suas tribulações** (10). Exteriormente, o jovem José chegou ao seu limite quando foi aprisionado por recusar-se a fazer o mal. Mas mesmo como um escravo aprisionado por falsas acusações, ele permaneceu fiel a Deus. Um dia, a situação foi completamente revertida. Faraó... o constituiu governador sobre o Egito e toda a sua casa. Assim, Deus honrou o seu servo fiel.

A história da reconciliação de José com seus irmãos (Gn 45) está aqui resumida em poucas frases (11-13). **Fome** (11) seria a seca e a escassez de alimentos. **Trigo**[200] ainda é chamado de "milho" nas ilhas Britânicas (cf. Phillips). Ele enviou ali nossos pais, ou seja, os filhos de Jacó.

Depois de José dar-se a conhecer aos seus irmãos, ele mandou chamar Jacó, seu **pai** (14), para vir até ele. No total, a parentela chegava a 75 almas. Em Gênesis 46.27 e Êxodo 1.5, está dito que eram setenta os que foram ao Egito, No entanto, nos dois casos a Septuaginta afirma que eram 75. Estêvão, sendo helênico, naturalmente estava citando o número da Septuaginta. A explicação mais simples desta pequena diferença é dizer que setenta aqui é um número que foi arredondado. Em Deuteronômio 10.22, a Septuaginta concorda com o texto hebraico ao dar setenta como o número daqueles que foram para o Egito. Josefo está de acordo com isto.[201] Cadbury chama a atenção para a reivindicação de que "um fragmento hebraico não publicado, encontrado em aproximadamente 1953 perto do mar Morto, diz em Êxodo 1.5 setenta e cinco, como a LXX e o livro de Atos".[202]

A freqüente menção ao **Egito** (15) neste parágrafo é comentada por Lumby: "Agora, toda a raça que Deus tinha escolhido para si estava no Egito, longe da terra da promessa, e permaneceu ali por um longo período, mas Deus estava com eles no seu exílio, e a sua adoração foi preservada durante o tempo todo".[203]

Ao fechar o seu relato do período patriarcal, Estêvão afirma que os pais (os filhos de Jacó), tendo morrido, **foram transportados para Siquém**, onde foram **depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Hamor** (16). Provavelmente, a frase adicionada, **o pai de Siquém**, deva ser traduzida "em Siquém" (ASV, RSV); o termo **pai** não está na língua original, como indicado pelo itálico na versão KJV em inglês.

Gênesis 50.13 diz que Jacó foi sepultado na cova do campo de Macpela, em Hebrom. Mas a presente passagem pode ser interpretada indicando que somente os filhos de Jacó, e não o seu pai, foram sepultados em Siquém. Somos informados especificamente que José, um dos filhos de Jacó, foi sepultado ali (Js 24.32).

Um problema histórico está envolvido na afirmação de Estêvão de que este sepulcro em Siquém foi comprado por Abraão. O Antigo Testamento nos diz que Abraão comprou a cova do campo de Macpela, em Hebrom, como sua sepultura (Gn 23.16-17). Foi Jacó quem comprou o terreno em Siquém (Gn 33.19).

Muitos estudiosos sentem que a única explicação plausível é a de que, por um engano de um copista, a palavra **Abraão** foi substituída por "Jacó".[204] Bruce acompanha Lake e Cadbury supondo que os relatos das duas compras, a de Abraão e a de Jacó, foram vistas "telescopicamente" aqui, e afirma: "A visão de telescópio das duas transações neste versículo pode ser comparada com outros exemplos de compressão neste discurso, por exemplo, a aparente visão de telescópio de dois chamados de Abraão no versículo 2, e as duas citações no versículo 7".[205]

Talvez a melhor solução seja aquela que foi dada por Knowling[206] e Plumptre.[207] Eles afirmam que, como Abraão construiu um altar em Siquém quando entrou pela primeira vez na Terra Prometida (Gn 12.6-7), ele pode ter comprado terras ali para uma sepultura. Quando Abraão se moveu mais ao sul, para Hebrom, este lugar pode ter sido perdido e conseqüentemente comprado novamente, mais tarde, por Jacó.

O significado da menção a Siquém aqui é explicado por Lumby da seguinte maneira: "Estêvão insiste em 'Siquém' da mesma maneira como antes ele tinha insistido no 'Egito', para marcar que, nos tempos antigos, outros lugares eram conservados com

reverência pelo povo escolhido, e que há muito tempo Deus tinha sido adorado em Siquém, embora na época em que Ele estava falando, o local era a residência dos seus inimigos, os samaritanos".[208]

c. *Moisés* (7.17-43). O discurso de Estêvão consiste principalmente em um rápido apanhado da história do povo escolhido de Deus, e está relacionado a três grandes personagens: 1. Abraão (1-8); 2. José (9-16); 3. Moisés (17-43). Indiscutivelmente, a maior atenção é dada ao último dos três. Este fato se deve à abundância de material — referente à carreira de Moisés — que era relevante à tese principal de Estêvão. Ele tinha demonstrado que Deus visitou Abraão na Mesopotâmia e que Ele estava com José no Egito. Em outras palavras, a Presença divina não se restringia a assim chamada Terra Santa. Deus está em toda a parte.

Mas no caso de Moisés, havia diversas provas da presença de Deus fora de Canaã. Na verdade, em toda a sua notável carreira, e apesar da grande obra que Ele realizou por Israel, o próprio Moisés nunca entrou na Terra Prometida.

A vida de Moisés é apresentada aqui em quatro aspectos: 1. A infância (17-22); 2. O desafio (23-29); 3. A comissão (30-34); 4. A conquista (35-43). Mesmo no Egito, uma terra pagã, Deus visitou o seu povo, dando-lhes um libertador. Moisés foi milagrosamente preservado, tanto em seu nascimento, quanto em sua infância. Com quarenta anos de idade, ele sentiu o peso da opressão do seu povo. Moisés tentou um movimento para libertá-los, mas isto foi prematuro, e ele ainda não estava preparado para tal tarefa. Ele teve de passar os quarenta anos seguintes esperando e aprendendo, enquanto cuidava de ovelhas do outro lado do deserto. No final deste período, ele recebeu o seu chamado e a sua tarefa na sarça ardente. Então, vieram quarenta anos de conquista — com a vitória sobre os deuses do Egito, a vontade de Faraó, o exército de Faraó, o mar Vermelho, um deserto seco e fatigante, uma nação obstinada e desobediente.

(1) *Infância* (7.17-22). Deus nunca deixa de agir a tempo. O texto grego diz, literalmente: "Aproximando-se, porém, o tempo da promessa" (17). Não era o plano divino que Israel permanecesse no Egito, no meio de um paganismo licencioso e cheio de luxúria (cf. Gn 39.7-20). Assim, Deus permitiu que os israelitas fossem escravizados e maltratados, até que pudessem ficar felizes por deixar o Egito. Então, oitenta anos antes da sua partida, o Senhor produziu o nascimento do libertador. Salvando-o da morte na infância, Deus o preparou para esta tarefa significativa durante quarenta anos de treinamento real no governo, no palácio de Faraó. A isto se seguiram outros quarenta anos de aprendizado paciente e submissão no deserto solitário. Como são sábios os caminhos de Deus! Como o tempo da promessa se aproximava, Deus estava trabalhando.

Esta era a promessa já citada por Estêvão (cf. 7). Os "quatrocentos anos" (6) já estavam quase terminando. Era a hora de colocar as máquinas em funcionamento para o Êxodo.

Ao invés das palavras que Deus tinha jurado a Abraão, o melhor texto grego parece ser "que Deus tinha consentido (ou prometido) a Abraão". Na verdade, o manuscrito mais antigo existente do livro de Atos (Papiro 45, século III) apresenta "prometido", usando um verbo que tem a mesma raiz do substantivo para promessa. No intervalo desses anos, o povo — os israelitas — cresceu e se multiplicou no Egito.

Finalmente, levantou-se outro rei, **que não conhecia a José** (18). A arqueologia nos prestou um grande serviço ao esclarecer o significado deste versículo. Não se tratava simplesmente de outro rei, mas de uma nova dinastia. Agora parece que José era o primeiro ministro do Egito durante o governo dos reis hicsos,[209] no período entre 1710 e 1550 a.C.[210] Albright escreve: "Recentemente descobrimos que os hicsos eram quase completamente semitas.... [e] falavam a mesma língua falada pelos hebreus".[211] E acrescenta: "O Faraó que 'não conhecia a José' deve ter sido um dos reis da Décima Oitava Dinastia".[212]

Agora o quadro fica claro. José foi feito primeiro ministro por um Faraó que pertencia à mesma raça (semita) que ele próprio. Isto também explica por que Jacó e os seus filhos receberam "o melhor da terra" do Egito (Gn 47.6,11), no fértil Delta. Mas a sorte dos israelitas mudou completamente quando uma dinastia nativa egípcia derrubou o governo estrangeiro dos hicsos. Os hebreus seriam odiados por causa da sua antiga associação com os hicsos.

O novo Faraó usou de **astúcia** contra os israelitas (19). Este é o significado do verbo composto (somente aqui no NT), cuja verdadeira força é bem expressa por Phillips — "castigou inteligentemente". De modo surpreendente, esta palavra grega é usada com a mesma conexão na Septuaginta sobre Êxodo 1.10, onde se diz que este Faraó disse aos egípcios, sobre o povo israelita: "usemos sabiamente para com ele".

Seguindo esta política, Faraó maltratou ("tratou com crueldade", ASV)[213] os israelitas, a ponto de fazê-los enjeitar as suas crianças, ou "de forçá-los a enjeitar seus filhos" (RSV; cf. NEB, Phillips). Lumby, discordando desta interpretação do texto original, diz: "As palavras são mais uma descrição do que o rei egípcio fez na sua tirania (Êx 1.22), do que (como na versão AV) aquilo que os israelitas foram forçados a fazer pelo seu desespero".[214] Knowling[215] e Lechler[216] concordam com esta opinião, como também a nota de margem da versão ASV. Mas a maioria dos comentaristas apóia as versões tradicionais em inglês neste ponto. A questão é se mesmo sob a pressão dos egípcios, os hebreus expuseram os seus filhos à morte. O texto grego não é completamente claro.

Nesta hora terrível da história de Israel, **nasceu Moisés** (20). Ele era formoso — literalmente "formoso aos olhos de [perante] Deus". Esta é uma maneira tipicamente semita de dizer que ele era "uma criança de notável beleza" (Phillips). A criança foi mantida em casa por três meses (cf. Êx 2.2). Quando ele não podia mais ficar escondido, foi enjeitado (ou exposto; 21). Na verdade, ele foi cuidadosamente colocado em uma pequena "arca de juncos" impermeabilizada com betume (Êx 2.3), e posto junto à borda do rio Nilo. Ali, foi descoberto pela filha de Faraó, que o tomou... e o criou como seu próprio filho. O resultado foi que Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era **poderoso em suas palavras e obras** (22). Esta afirmação foi interpretada por alguns como uma contradição de Êxodo 4.10, onde Moisés diz ser "pesado de língua". Bruce comenta: "... mas a referência [no livro de Atos] pode ser à palavra escrita".[217] Tendo observado esta sugestão e outras, Alexander comenta: "A necessidade de todas estas explicações é removida pela simples observação de que a passagem em Êxodo está relacionada com a fluência, mas esta com a energia e a força do discurso".[218] Knowling concorda com esta opinião.[219]

(2) *Desafio* (7.23-29). A passagem em Êxodo 2.11 identifica este evento como tento ocorrido "sendo Moisés já grande" (cf. Hb 11.24). Estêvão é mais específico; Ele diz: **quando**

completou a idade de quarenta anos (23) — literalmente, "quando completava quarenta anos de vida". Uma tradução correta também seria: "Ele estava se aproximando dos quarenta anos de idade" (NEB). Embora isto não seja afirmado especificamente no Antigo Testamento, a tradição rabínica dividiu a vida de Moisés em três períodos de quarenta anos: 1. No palácio do Faraó; 2. No outro lado do deserto; 3. Conduzindo os filhos de Israel para fora do Egito e pelo deserto. Uma comparação entre as passagens do Antigo Testamento confirma duas destas três divisões. Em Êxodo 7.7 está dito que Moisés tinha oitenta anos quando começou a conduzir os israelitas. Deuteronômio 34.7 registra que ele tinha cento e vinte anos de idade quando morreu. Mas o livro de Atos é o único lugar das Escrituras onde se afirma que ele tinha cerca de quarenta anos quando tentou, pela primeira vez, ajudar os israelitas.

Veio-lhe ao coração ir visitar o seu próprio povo. Lumby comenta: "O mesmo verbo é usado em Lucas 7.16, 'Deus visitou o seu povo', e significa 'supervisionar com bondade' (cf. *episkeptesthai*, Tg 1.27), e este é o sentido antigo do verbo *visitar* em português".[220] De maneira similar, Alexander diz que este verbo "quase que invariavelmente significa (a única exceção é a de 6, 3 ['escolhei']) visitar com o objetivo de dar assistência ou alívio".[221] Ele acrescenta: "O sentido mais apropriado neste ponto é o básico, *cuidar*, que implica que Moisés agora teve o objetivo não de simplesmente *ir ver* os seus irmãos, mas de ajudá-los nos seus interesses, tornando-se o seu protetor".[222]

Quando Moisés viu um escravo israelita sendo "tratado injustamente" (Phillips; esta é a representação mais exata do grego) **o defendeu** (24). O verbo encontrado somente aqui no Novo Testamento significa literalmente "desviou". Como sabemos que Moisés encontrou "um varão egípcio que feria a um varão hebreu" (Êx 2.11), o quadro é o de Moisés colocando-se entre os dois homens para defender o escravo. Ele vingou o ofendido — lit., "exausto", e matou o egípcio. O relato do Antigo Testamento indica que Moisés matou o opressor — provavelmente um dos cruéis supervisores de Faraó — pois afirma que ele "escondeu-o na areia" (Êx 2.12).

O versículo 25 (não há correspondente no AT) é literalmente: "Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam". O uso duplo do termo "would", no caso do idioma inglês, transmite uma impressão equivocada, ao colocar o assunto no futuro.

No dia seguinte... foi por eles visto (26) — ou "apareceu a eles", exatamente a mesma forma de 1 Coríntios 15.5-8. O relato do Antigo Testamento indica que havia "dois varões hebreus" (Êx 2.13) que pelejavam, ou "contendiam". Ele procurou levá-los à paz — literalmente "tentou reconciliá-los [somente aqui no NT] à paz". Ele lhes perguntou (lit.): "Por que vos tratais injustamente?" Aquele **que ofendia** (27) o repeliu, dizendo: "Quem te constituiu príncipe e juiz sobre nós?" É típico da natureza humana que, em uma disputa, a pessoa culpada seja aquela que recusa a reconciliação.

Este israelita mau prosseguiu (28), fazendo uma pergunta que era verdadeiramente alarmante: "Queres tu matar-me, como ontem mataste o egípcio?" Evidentemente, a notícia já havia sido divulgada.

Tomado pelo medo, Moisés fugiu e esteve como estrangeiro — lit., "tornou-se um peregrino" — **na terra de Midiã** (29). Alexander comenta: "*Midiã* é uma espécie de forma intermediária entre a palavra hebraica *Midian* e a grega *Madiam*, o nome de um dos filhos de Abraão com Quetura (Gn 25.2), também aplicado aos seus descendentes, uma tribo

nômade que perambulava no deserto entre Moabe, o Sinai e o mar Vermelho".[223] Como em todos os casos deste tipo, a forma "Midiã" do Antigo Testamento deve ser usada aqui.

Nestas terras onde ele era um peregrino, ou um estrangeiro, Moisés se casou e gerou dois filhos (Êx 2.21-22; 18.1-4).

(3) *Tarefa* (7.30-34). **Completados quarenta anos** (30) — lit., "Tendo sido cumpridos quarenta anos" — **apareceu-lhe** — a mesma forma de "foi... visto" (26) — **o anjo**[224] **do Senhor, no deserto do monte Sinai, numa chama de fogo de um sarçal** (cf. Êx 3.2-10). **Moisés, quando viu isto** (31), **se maravilhou da visão; e, aproximando-se para observar** — lit.,"considerar cuidadosamente" — **foi-lhe dirigida a voz do Senhor**, assegurando-lhe que era o Deus de seus pais (32) que lhe estava aparecendo. Com temor, Moisés não ousava olhar.

O Senhor disse a Moisés que tirasse as sandálias, porque o lugar em que estava era terra santa (33). Esta terra não era o Templo, nem a Cidade Santa, nem mesmo a Terra Santa. Era Midiã, um território estrangeiro. Ainda assim, Deus declarou que era terra santa. Mais uma vez, Estêvão afirma sua tese principal de que a Presença divina não está restrita a nenhum país ou a nenhuma nação em particular.

Tenho visto (34) é literalmente: "Tendo visto, eu vi". Esta expressão idiomática é mais bem traduzida como "Certamente vi" (cf. Êx 3.7, onde a Septuaginta apresenta esta mesma forma). Deus declarou que Ele tinha visto a aflição (os maus tratos) do seu povo no Egito; Ele ouvira os seus gemidos e descera para livrá-los. A seguir, veio a tarefa: **Agora, pois, vem, e enviar-te-ei ao Egito**. Era chegada a hora de Deus para que Moisés agisse.

(4) *A Conquista* (7.35-43). No texto grego, **este** está no início de 35,36,37 e 38, assim como na metade de 35 (*o mesmo* é idêntico em grego, com **este** no início), e enfatiza a importância de Moisés no plano de Deus.

A este Moisés, ao qual haviam negado (35) — literalmente "recusado a reconhecer" — Deus enviou como príncipe e libertador. A palavra grega (somente aqui no NT) não é encontrada em obras de autores seculares. Ela quer dizer, literalmente, "aquele que resgata ou redime". Alexander diz: "Como existe uma alusão evidente ao paralelismo entre Cristo e Moisés, e como a libertação do Egito foi do mesmo tipo da libertação dos pecados, não existe a necessidade de abrandar a expressão para significar uma mera libertação, sem referência a resgate ou a redenção, no seu sentido".[225]

Pela mão significa literalmente "com a mão" — um símbolo de poder comum no Antigo Testamento. O anjo era o próprio Senhor, como indicado em Êxodo 3.4 — "E, vendo o Senhor que se virava para lá a ver, bradou Deus a ele do meio da sarça". Assim, **pela mão do anjo** significa "com o poder de Deus".

A relação deste versículo com o argumento de Estêvão pode ser expressa da seguinte maneira: "Deus, diz ele, enviou de volta o Moisés rejeitado para ser um príncipe e libertador, e deixa que eles cheguem à conclusão de que o que Deus havia feito no caso de Moisés, também faria no caso do profeta que Moisés tinha predito como alguém que seria como ele mesmo".[226] Aconteceria com Cristo exatamente o que aconteceu com Moisés: o patriarca tinha sido rejeitado na sua primeira aparição ao seu povo, mas foi aceito na sua segunda vinda.

Este [em grego, "este aqui"] **os conduziu para fora** da escravidão no Egito, **fazendo** [lit., "depois de ter mostrado"] **prodígios e sinais** (36), como fez Jesus, e que estão registrados nos Evangelhos. Os milagres na terra do Egito seriam as dez pragas; no mar Vermelho seriam a divisão das águas, a libertação do seu povo e a destruição dos seus inimigos. Os registros dos milagres no deserto são encontrados particularmente no livro de Números.

O **profeta** (37) que Deus levantaria para tomar o lugar de Moisés foi, primeiramente, Josué (Dt 18.15), mas finalmente Jesus (os dois nomes significam a mesma coisa). Esta dupla aplicação — o cumprimento parcial e próximo e o cumprimento distante e completo — é chamado de princípio "telescópico" da profecia (ver os comentários sobre 3.22).

Moisés esteve **entre a congregação** [*ecclesia*] **no deserto, com o anjo** (38) — a presença de Deus. Foi Deus quem falou com ele no monte Sinai, e com nossos pais. Moisés... **o qual** [singular] **recebeu as palavras de vida** [vivas] **para no-las dar** ["a vocês" nos dois manuscritos gregos mais antigos].

Ao qual nossos pais não quiseram obedecer (39) é uma frase que possui uma estrutura estranha em inglês (o "to" deferia ser omitido). Antes o rejeitaram (Moisés) e, em seu coração, se tornaram ao Egito (cf. Êx 16.3; Nm 11.4-5; 14.4). "Rejeitar" é o mesmo verbo usado no versículo 27 em algumas versões (outras utilizam "repelir"). A respeito do homem no incidente anterior, Alexander diz: "Assim como ele recusou a mediação com o seu próximo, também o povo recusou a sua mediação entre eles e Deus".[227] Este tema principal da rejeição está presente em todo o discurso de Estêvão.

A citação no versículo 40 é de Êxodo 32.1. Eles **fizeram o bezerro** (41) é uma única palavra em grego, encontrada somente aqui e em comentários sobre esta passagem.

Como o povo de Deus rejeitou ao Senhor e ao líder que Ele havia escolhido, o Senhor se afastou (pelejou contra eles, cf. Is 63.10) e os abandonou (cf. Rm 1.24,26,28) **a que servissem ao exército do céu** (42) — a adoração pagã ao sol, à lua e às estrelas (cf. Dt 4.19; 17.3). O **livro dos profetas** provavelmente se refere ao "livro dos Doze" (profetas menores).[228] A citação (42-43) é de Amós 5.25-27.

Existe um problema que surge pelo fato de o texto hebraico e da Septuaginta diferirem consideravelmente. O texto hebraico de Amós 5.26-27 diz: "Levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela, que fizestes para vós mesmos. Por isso, vos desterrarei para além de Damasco" (versão Almeida Revista e Atualizada).[229] A Septuaginta interpretou Sicute como "tabernáculo" e "vosso rei" como "Moloque" (que tem as mesmas consoantes que *melekh*, "rei"). Renfã "é semelhante a *Repa*, outro nome para Seb, o deus egípcio do planeta Saturno".[230]

O que Estêvão está enfatizando é que a idolatria que apareceu de maneira chocante no Sinai tinha se desenvolvido durante o período do reinado, e se transformado em uma intensa adoração de corpos celestes. Por causa disso, o povo de Israel foi levado ao cativeiro.

Em lugar de "além de Damasco" (tanto no texto hebraico quanto no grego de Am 5.27), encontramos a expressão além de Babilônia. Bruce escreve: "Amós estava predizendo o cativeiro sob os assírios, um castigo adequado para aqueles que praticassem a adoração aos astros dos assírios. Estêvão tem mente o cativeiro na Babilônia, algo que não seria estranho para alguém que estivesse falando em Jerusalém".[231] Alexander con-

clui que esta alteração "não é um erro nem uma distração, mas se destina a trazer a profecia, sem nenhuma mudança real de significado, ao contato e a estar de acordo com as associações históricas do povo em relação ao exílio na Babilônia".[232]

d. Tabernáculo e Templo (7.44-50). Os judeus da época de Jesus acreditavam que o Templo de Jerusalém era o único lugar em todo o mundo onde se manifestava a Presença divina, Shekinah. Por isso, eles ficaram tão irritados com o relato: "Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar" (6.13). Mas Estêvão agora recorda os membros do Sinédrio que os seus **pais** (44) tinham no deserto o tabernáculo. Este tabernáculo esteve fora da Terra Santa, mas ali a presença de Deus foi revelada pela Shekinah no santuário.

O tabernáculo do Testemunho é o que a Septuaginta apresenta em lugar do hebraico "tabernáculo da congregação", ou, mais exatamente, "a tenda da congregação" (Êx 33.7). Uma tradução melhor talvez fosse "o tabernáculo do testemunho" (ASV) ou "a tenda do Testemunho" (NEB), como o texto hebraico em Êxodo 38.21. A arca é também chamada de "arca do testemunho": ...depois que houveres posto na arca o Testemunho, que eu te darei..." (Êx 25.21). Este testemunho triplo consistia na vara de Arão, que tinha florescido, do vaso com o maná, e as tábuas onde estavam escritos os Dez Mandamentos. Estes seriam os testemunhos perpétuos da autoridade de Deus sobre o seu povo, e também do seu cuidado por eles.

Deus ordenou a Moisés que construísse o Tabernáculo segundo o modelo que Ele lhe tinha mostrado no monte Sinai. A palavra grega para modelo é *typos* (tipo). É a mesma palavra que é traduzida como "figuras" no versículo 43. Bruce observa: "Este *typos* pode estar em contraste com o *typoi* idólatra do versículo 43".[233]

Este Tabernáculo **o qual nossos pais, recebendo-o também** (45) — lit., "tendo-o por sua vez recebido" (cf. ASV, RSV) — o levaram com Josué (algumas versões mencionam "Jesus"), quando entraram na posse — "quando tomaram posse".[234] As nações seriam os cananeus e outros habitantes da Palestina. A última frase, **até aos dias de Davi**, pode referir-se à expulsão dos gentios ou às sucessivas gerações que receberam o Tabernáculo. As duas coisas chegaram ao seu final com o reinado de Davi.

Este maior de todos os reis de Israel **achou graça diante de Deus** (46), **e pediu** — literalmente, "pediu para si mesmo" (voz intermediária); "pediu permissão, o que está em perfeito acordo com o desejo de governar e o objetivo da sua vida, tão maravilhosamente expresso no Salmo 132"[235] — **que pudesse achar tabernáculo para o Deus de Jacó**. A palavra que significa **tabernáculo** é diferente da encontrada no versículo 44, embora tenha a mesma raiz. Ela significa simplesmente "um abrigo". Na verdade, Davi desejava construir uma estrutura permanente para a presença de Deus. Mas **Salomão lhe edificou casa** (47); Davi não obteve a permissão para fazê-lo.

Então vem o principal impulso do discurso de Estêvão, o verdadeiro centro do seu argumento: **o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens** (48). Salomão expressou o mesmo pensamento em sua oração de consagração (2 Cr 6.18). A palavra **templos** não aparece nos manuscritos mais antigos, que simplesmente apresentam o plural do adjetivo "feito por mãos de homens". A maioria das versões modernas acrescenta a palavra "casas" (cf. ASV).

A maior parte do versículo 48 deveria estar situada no versículo 47, como se estivesse repetindo aquilo que Salomão afirmara em sua oração, na ocasião em que consagrou o Templo. A última frase do versículo 48, como diz o profeta, deveria, assim, estar colocada com o versículo 49.

Para consolidar o seu argumento, Estêvão citou (49-50) o Antigo Testamento. O significado desta Escritura é descrito assim por Alexander: "O profeta citado é Isaías (66, 1.2), e a passagem é aquela em que ele conclui as duas profecias com uma predição expressa da mudança das revelações, da época em que Jeová já não mais habitaria em templos (v. 1), mas sim nos corações humanos (v. 2); quando o ritual, embora instituído divinamente, não se mostrasse menos odioso do que a própria idolatria (v. 3), aqueles que ainda se apegassem a ele receberiam a temida justiça (v. 4)".[236]

e. O Réu Transforma-se em Acusador (7.51-53). Pareceria, neste ponto, que o discurso de Estêvão foi interrompido, ou pelo menos que ele percebeu uma oposição crescente, pois o seu tom mudou bruscamente. Bruce comenta: "Esta repentina repreensão pode ter sido ocasionada por alguma reação irada contra o que ele acabara de dizer. Está claro que ele estava atacando algumas das crenças mais profundas que aqueles homens tinham em relação ao Templo".[237]

Estêvão acusou os seus ouvintes de serem de **dura cerviz** (51) — *sklerotracheli* (somente aqui no NT, encontrada na LXX, *e.g.* Êx 33.3), sugerindo a imagem de um boi teimoso que se recusa a receber o jugo no seu pescoço — **incircuncisos de coração** — cf. Lv 26.41; Ez 44.7 — **e ouvido** (cf. Jr 6.10). A respeito da linguagem utilizada aqui, Lumby escreve: "Assim como o ritual da circuncisão era o sinal da submissão à religião judaica, também a palavra *incircunciso*, na sua exigência mais completa, tornou-se um sinônimo da resistência obstinada ao que Deus tinha revelado, e a frase, no texto, conseqüentemente significa 'vocês, que fecharam os seus corações e ouvidos à verdade'".[238]

Mas a idéia da circuncisão traz consigo uma conotação adicional no Novo Testamento. Paulo fala da verdadeira circuncisão como sendo aquela "do coração" (Rm 2.29). Ele escreve aos colossenses: "No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo" (Cl 2.11). A circuncisão cristã é a purificação do coração de todos os pecados. Este pensamento já tinha sido sugerido por Moisés: "Circuncidai, pois, o prepúcio do vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz" (Dt 10.16) — fazendo a mesma combinação que Estêvão faz aqui. Estas passagens destacam o fato de que a essência do pecado é a rebelião contra a vontade de Deus. Isto deve ser removido do coração na santificação completa. Os líderes da nação eram culpados, como foram os seus pais, de resistirem ao Espírito Santo que procurava iluminá-los e guiá-los.

Os seus pais tinham perseguido os profetas (52). Eles tinham ido mais longe, e tinham assassinado aqueles que prediziam a vinda do Justo — o Messias (cf. 3.14).

Estas palavras de Estêvão foram um eco daquilo que Jesus já havia dito (cf. Mt 5.12; 23.29-37; Lc 13.34). Mas ele acrescentou que aquilo que Jesus tinha predito aconteceria; os membros do Sinédrio eram os traidores e homicidas do Messias. Este foi o pior pecado dos líderes rebeldes e obstinados da nação judaica.

Mataram refere-se aos pais, que tinham recebido a Lei no Sinai (53). A ordenação dos anjos talvez seja mais bem traduzida assim: "como foi ministrado [organizado] pelos

anjos" (ASV). Esta idéia não está explícita no relato do Antigo Testamento, embora esteja sugerida na Septuaginta de Deuteronômio 33.2. Josefo reflete este costume ao escrever: "Nós recebemos de Deus a mais excelente das nossas doutrinas, e a parte mais santa da nossa lei pelos anjos".[239] Paulo faz a melhor correspondência à afirmação de Estêvão quando diz, sobre a lei: "Foi posta pelos anjos na mão de um medianeiro" (Gl 3.19). A mesma idéia é sugerida em Hebreus 2.2. Ainda assim, a lei dada deste modo não tinha sido observada.

3. *A Morte de Estêvão* (7.54-60)

À medida que os membros do Sinédrio ouviam a denúncia que Estêvão fazia da sua rebelião obstinada, **enfureciam-se em seu coração** (54). O verbo é o mesmo usado em 5.33 (ver os comentários ali). **Rangiam os dentes contra ele** reflete Salmos 35.16.

Qual foi a reação de Estêvão a esta explosão de ódio? **Estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus** — "*i.e.*, uma manifestação sensível da sua presença".[240] Ele também viu Jesus, que estava à direita de Deus — "a posição de honra e de poder equivalente".[241] Como Jesus normalmente é representado sentado à direita do Pai (Mt 26.64; Ef 1.20; Cl 3.1; Hb 1.3,13; 8.1; 10.12), a maioria dos comentaristas, desde Gregório, o Grande, assumiram a palavra "estar", nesta passagem, como simplesmente implicando que Jesus levantou-se para assistir e receber o seu primeiro mártir.

Estêvão deu testemunho do que ele estava vendo (56). A expressão **Filho do Homem** ocorre somente aqui no Novo Testamento fora dos Evangelhos. Nos Evangelhos, é um título usado por Jesus para referir-se a si mesmo, aproximadamente oitenta vezes.

A cena que se seguiu é um comentário triste sobre o judaísmo daqueles dias. Os ouvintes de Estêvão gritaram com grande voz, taparam os ouvidos — como para não ouvir mais nenhuma de suas palavras — e **arremeteram unânimes contra ele** (57). Eles o expulsaram da cidade — para que não mais corrompesse o lugar sagrado! — e o apedrejaram (58). A lei exigia que as testemunhas atirassem as primeiras pedras ao criminoso condenado (Dt 17.7). Estas falsas testemunhas (cf. 6.13) depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo. Esta é a primeira menção àquele que iria se tornar o grande apóstolo Paulo. O jovem fariseu nunca se esqueceu da cena que testemunhou naquele dia.

Então apedrejaram a Estêvão (59). Em evocação, tem o particípio singular, indicando Estêvão. Este trecho poderia ser traduzido da seguinte forma: "Ele estava chamando...".[242] Esta oração do primeiro mártir, na hora da morte — **Senhor, não lhes imputes este pecado** (60) foi um eco da oração do Senhor na cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Estêvão tinha o espírito do seu Mestre.

Este incidente destaca o "Triunfo em meio à Tragédia": 1. A vingança humana (54); 2. A visão celestial (55-56); 3. A maldade horrível (57-58); 4. O perdão divino (55-60).

SEÇÃO III

O TESTEMUNHO NA JUDÉIA E SAMARIA

Atos 8.1—12.25

Esta seção descreve o esforço missionário da igreja "em toda a Judéia e Samaria" (1.8). O capítulo 8 fala de Filipe em Samaria, e do seu testemunho ao eunuco etíope. O capítulo 9 fala da conversão de Saulo, e de Pedro em Lida e Jope. O capítulo 10 registra a visão de Pedro (em Jope) e a conversão de Cornélio (em Cesaréia). O capítulo 11 descreve a defesa de Pedro e os cristãos em Antioquia. O capítulo 12 conta a libertação de Pedro e a morte de Herodes. Todos os acontecimentos tiveram lugar na Judéia ou em Samaria (exceto em 11.19-30; ver o mapa 1).

A. TESTEMUNHANDO EM SAMARIA, 8.1-25

A pregação do Evangelho em Samaria definiu uma transição da missão judaica para a missão dos gentios. Os samaritanos eram uma raça mestiça, uma mistura de judeus e gentios. Portanto, era lógico que o primeiro passo fora da Judéia devesse ser em Samaria, imediatamente ao norte.

1. *Saulo, o Perseguidor* (8.1-3)

A primeira frase de 8.1 — **E também Saulo consentiu na morte dele** — na verdade pertence ao capítulo anterior, pois se refere ao apedrejamento de Estêvão. **Consentiu**, no original, é uma construção com particípio, "que denota não um ato momentâneo... mas uma ação continuada ou habitual".[1] O verbo significa "concordar, agir de acordo com

os assassinos (Lc 11, 48; Rm 1, 32; 1 Co 7, 12-13) e não meramente consentir ou aprovar o assassinato".[2] **Morte** não é a palavra grega habitual, *thanatos*, mas *anairesis* (somente aqui no NT), que significa "uma destruição, um assassinato, um homicídio".[3] A diferença de *thanatos* (morte) é significativa. O jovem rabino Saulo estava dando a sua aprovação oficial ao assassinato de um mártir inocente.

Naquele dia é o significado exato do original. O uso exato desta frase no Novo Testamento (*e.g.*, Mt 13.1, 22.23) sugere que aqui significa "naquele mesmo dia" do apedrejamento de Estêvão. Parece que este evento deu início à grande perseguição dos crentes em Jerusalém. É apenas a segunda vez que o termo **igreja** (aplicado aos cristãos) é encontrado aqui no livro de Atos (cf. 5.11), mas ele aparece 22 vezes no restante do livro.

O resultado da perseguição foi que todos os discípulos foram dispersos nesta primeira diáspora cristã. A dispersão forçada levou-os às terras da Judéia e de Samaria — como descrito nos capítulos 8 a 12.

A frase **exceto os apóstolos** parece estranha. Pode parecer que os líderes estariam correndo um perigo maior de serem mortos. Duas ou três explicações podem ser oferecidas. A primeira é que os apóstolos eram todos judeus e tinham a estima geral do "povo" (5.13). Pode ter acontecido que os helênicos, representados por Estêvão, fossem o objeto particular da perseguição. Em segundo lugar, pode-se supor que os apóstolos consideravam como seu dever permanecer em Jerusalém, independentemente das conseqüências.

O corpo de Estêvão foi sepultado por alguns **varões piedosos** (2). Estes eram cristãos ou judeus não cristãos? Meyer pensa que eles eram "*judeus* religiosos que, com a sua consciência piedosa (comp. ii.5) e com uma inclinação secreta ao cristianismo, tiveram a coragem de honrar a inocência daquele que tinha sido apedrejado".[4] Gloag concorda que provavelmente "os piedosos mencionados aqui eram amigos e admiradores, que não reconheciam abertamente ser cristãos".[5] De qualquer forma, a lei exigia que o criminoso executado fosse sepultado (Dt 21.22-23). Para cumprir a lei, José de Arimatéia e Nicodemos — que não eram discípulos confessos de Jesus — sepultaram o corpo de Cristo. Aqueles que cuidaram do corpo de Estêvão **fizeram sobre ele grande pranto**. A palavra grega para **pranto** (somente aqui no NT) significa literalmente "um golpe na cabeça e no peito". Esta era uma maneira tipicamente oriental de demonstrar grande pesar.

Saulo, mais enfurecido que inibido pela visão da morte de Estêvão, **assolava a igreja** (3). O verbo (somente aqui no NT) é usado na Septuaginta para referir-se a um javali selvagem que devasta uma vinha (*e.g.*, Sl 80.13). Não satisfeito em prender as pessoas nos lugares públicos, o zeloso jovem rabino invadia as casas particulares. "Arrastar" é uma "antiga forma de uma palavra que significa "rebocar, puxar violentamente".[6] Saulo estava arrastando furiosamente homens e mulheres à prisão.

2. *Filipe em Samaria* (8.4-8)

Aqueles que tinham sido dispersos pela perseguição (cf. 1) **iam por toda parte** (4). Uma tradução mais precisa é "passavam de um lugar para outro" (ASV). O verbo grego é um termo favorito de Lucas, que usa-o dez vezes em seu Evangelho e vinte e duas vezes no livro de Atos — de um total de 42 ocorrências. No livro de Atos, é usado para descrever uma atividade missionária da igreja.

Aonde quer que fossem, estes leigos — cf. "exceto os apóstolos" (1) — estavam anunciando a palavra. O verbo *euangelizo* é um outro termo favorito de Lucas. Ele usa-o aproximadamente na metade do total das ocorrências no Novo Testamento. Com o significado de "anunciando novidades jubilosas", é uma palavra que se encaixa perfeitamente para descrever a pregação do Evangelho, por estes missionários do século I.

Dos sete homens escolhidos para cuidar dos assuntos materiais da igreja (6.1-6), dois representaram papéis importantes. Estêvão tornou-se o primeiro mártir. **Filipe** (5) foi o primeiro a ser chamado de "evangelista" (21.8). Este capítulo conta o início dos seus esforços para evangelizar.

Ele desceu a **Samaria** (5). Embora Samaria esteja ao norte da Judéia, na mente dos judeus, as pessoas sempre "subiam" a Jerusalém e "desciam" dali para qualquer outro lugar. Samaria era um local lógico para iniciar a missão evangelística do mundo cristão. Como diz Macgregor: "Os samaritanos formaram uma casa no meio do caminho entre o mundo judaico e o mundo gentílico".[7]

Descendo Filipe à cidade de Samaria. No Antigo Testamento, Samaria é o nome da capital do Reino no Norte de Israel, embora às vezes a palavra se refira à nação. Mas, no Novo Testamento, o termo normalmente se refere ao distrito localizado entre a Judéia, ao sul, e a Galiléia, ao norte (ver o mapa 1). A velha cidade de Samaria foi reconstruída por Herodes o Grande, e chamada Sebaste — o equivalente grego ao termo latino "Augusto". Isto ainda se conserva no nome da atual vila Sebastiyeh, que está situada no antigo monte Samaria. Mas Josefo indica que, no século I, Sebaste foi algumas vezes mencionada como Samaria.[8] Assim, não há necessariamente qualquer anacronismo aqui.[9]

Filipe **pregava**. Esta palavra é *kerysso*, "anunciar" ou "proclamar como um arauto", e não *euangelizo* (cf. 4). Para os samaritanos, ele "estava proclamando" (imperfeito de uma ação continua) Cristo — lit., o Cristo; *i.e.*, "o Messias". Os samaritanos, juntamente com os judeus, estavam procurando o Messias que viria (Jo 4.25).

Os ouvintes de Filipe **prestavam atenção** (6) ao que ele anunciava. Eles ouviam as palavras que ele dizia e viam os sinais (trad. literal) que ele realizava. A realização de milagres representou um papel importante no ministério de Jesus e no início da evangelização dos judeus e samaritanos. Paulo declarou: "Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria" (1 Co 1.22). Quando a pregação do Evangelho penetrou no mundo dos gentios, a realização de milagres passou a ter menos importância.

Estes "sinais" consistiam principalmente em expulsar espíritos imundos (demônios) e curar os enfermos e aflitos (7). Muitos paralíticos e coxos é a tradução literal do grego (cf. Phillips).

O resultado desta manifestação de poder divino foi **grande alegria** naquela cidade (8). Quando Deus nos abençoa, segue-se sempre um período de regozijo.

3. *Filipe e Simão* (8.9-13)

Havia um triste contraste para esta alegria quase universal. Um certo homem chamado Simão, tinha iludido a gente de Samaria com sua arte mágica. Ele afirmava ser uma grande personagem. Os habitantes da cidade, desde **o mais pequeno até o maior** (10), acreditavam neste charlatão e diziam: Este é a grande virtude de Deus. O texto grego diz: "Este homem é o poder de Deus, que se chama — Grande" (cf. ASV). Os rabinos algumas vezes se referiam a Deus como "O Poder". Houve muitas discussões se isto tudo

reflete um ponto de vista pagão ou uma educação hebraica. Uma vez que os samaritanos são uma raça mestiça, é perfeitamente possível que eles tenham misturado conceitos teológicos, e que a resposta para o debate seja "ambas as coisas".

O povo tinha consideração por este falso mágico (11). O texto grego diz "dar atenção" — exatamente a mesma forma dos versículos 6 e 10. Por **muito tempo** [Simão] **os havia iludido com artes mágicas** — literalmente, "maravilhado-os com sua arte mágica".

Mas agora eles acreditavam em Filipe (12). Ele lhes pregava (*evangelizava*) acerca do Reino de Deus — como João Batista e Jesus tinham feito. Filipe estava agora também pregando em nome de Jesus Cristo. A salvação só se dá por meio do nome de Jesus Cristo, o "Salvador" (cf. 4.12).

Aqueles que criam se batizavam. Isto mostra que eles não dependiam mais da adesão fiel à lei como meio de salvação, mas que podiam depositar a sua total confiança em Cristo. Os crentes consistiam tanto em homens como mulheres.

Surpreendentemente, até mesmo **o próprio Simão** creu (13). De modo inevitável, surge a questão se isto era fé genuína em Jesus Cristo ou meramente uma concordância mental às verdades do cristianismo. A favor da fé genuína há o fato de que a mesma palavra é usada no versículo 12. Certamente, Simão mostrou toda a aparência visível de ser um crente sincero, pois foi batizado, e Filipe aceitou sua conversão como sendo sincera. Além do mais, **ele ficou, de contínuo, com Filipe**. O verbo é forte, significando "acompanhar constantemente, continuar firme".[10] **Vendo os sinais** — lit., "sinais e poderes" — que estavam sendo realizados, ele ficou **atônito**, ou "maravilhado".

Sobre a natureza da conversão de Simão, Meyer tem a dizer: "Na verdade ele foi, pela pregação e pelos sinais de Filipe, movido pela fé em Jesus Cristo como o Messias. Mas a sua fé era somente histórica e intelectual, sem ter como resultado uma mudança de vida interior".[11]

4. *O Pentecostes Samaritano* (8.14-17)

Quando os apóstolos... em Jerusalém (14) souberam o que tinha acontecido em Samaria, enviaram Pedro e João para examinarem a situação. Estes dois homens estavam intimamente associados a algumas das primeiras atividades descritas no livro de Atos (cap. 3—4). Mas João não é mencionado novamente no livro.

Quando os dois apóstolos chegaram, oraram pelos samaritanos **para que recebessem o Espírito Santo** (15). Está claro que estes novos convertidos, embora definitivamente salvos pela fé em Jesus Cristo e já batizados (12), não tinham recebido o Espírito Santo. Era necessário que lhes acontecesse a mesma experiência que tiveram os 120 no cenáculo no dia de Pentecostes.

O fato de que, embora convertidos e batizados nas águas, os samaritanos ainda não tinham sido batizados com o Espírito Santo (cf. Mt 3.11) está ainda ressaltado entre parênteses. Lucas explica por que os apóstolos oraram daquela forma: **Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus** (16). O texto grego sugere que eles continuavam (tempo imperfeito) no estado de ter sido batizados nas águas (particípio perfeito). Eles ainda não tinham experimentado, pessoalmente, o Pentecostes. Aqui com certeza se reflete claramente o entendimento de Lucas de que o dom do Espírito Santo é uma experiência subseqüente à conversão.

Pedro e João **lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo** (17). Muitos estudiosos sustentam que a referência não é ao recebimento do Espírito Santo em si, mas sim à concessão dos miraculosos dons do Espírito. Mas não é o que a narrativa diz. Ela declara claramente: **receberam o Espírito Santo**. Parece estar implícito que houve algumas manifestações exteriores relacionadas a este fato, através da afirmação, no versículo seguinte, de que Simão estava ciente daquilo que havia acontecido. No entanto, na narrativa não existe nenhuma menção ao falar em línguas.

Knowling objeta contra a interpretação de **Espírito Santo** significando aqui dons especiais do Espírito. Ele diz: "Em um livro tão marcado pela obra do Espírito Santo... é difícil acreditar que Lucas possa querer limitar a expressão *lambanein* [receber] aqui... a qualquer coisa menos do que o derramamento daquele Espírito que passaria a habitar dentro de cada crente, e que torna o cristão o templo de Deus".[12]

Esta passagem do livro de Atos é muito significativa. Os samaritanos foram convertidos a Cristo por meio da pregação de Filipe e, em uma ocasião posterior, foram cheios do Espírito Santo sob o ministério de Pedro e João. Para eles, sem dúvida, o recebimento do Espírito foi um fato subseqüente à conversão.

Pode-se perguntar por que Filipe, que estava cheio do Espírito (cf. 6.3, 5), não pôde concluir este trabalho sem a vinda de Pedro e João. A resposta provavelmente é que era necessário estabelecer a unidade da Igreja de Jesus Cristo, no início, por meio deste ato de autoridade apostólica. Não deveria haver movimentos separados surgindo aqui e ali, mas sim uma Igreja unida, fundada pelos homens que Jesus encarregou desta tarefa.

5. *Simão e a Simonia* (8.18-24)

Simonia — uma palavra derivada deste incidente — significa a compra ou a venda de ofícios eclesiásticos, ou autoridade eclesiástica. **E Simão, vendo que o Espírito Santo era dado pela imposição das mãos dos apóstolos... lhes ofereceu dinheiro** (18) para que compartilhassem com ele o poder de derramar ou conceder o Espírito (19). Esta mágica era muito melhor do que qualquer coisa que ele possuía! Ele queria manter o seu controle sobre o povo.

Em resposta, Pedro disse a Simão: **O teu dinheiro seja contigo para perdição** (20). Isto poderia ser interpretado como uma oração para que o seu dinheiro, que ameaçava trazer-lhe a destruição, pudesse acabar. Knowling diz: "Estas palavras não são uma maldição nem uma imprecação, como é evidente no versículo 22, mas sim uma expressão veemente de horror por parte de Pedro, uma expressão que poderia advertir Simão de que ele estava no caminho da destruição".[13] Após observar outras interpretações, Alexander conclui: "A verdadeira solução parece ser que Pedro falou com uma autoridade divina direta, e também que o pedido deve ser qualificado pela exortação contida no versículo 22".[14] Ele acrescenta: "O pecado e a loucura da oferta do mágico não estão meramente na idéia de subornar a Deus, mas em comprar o que, pela sua própria natureza, só poderia ser uma dádiva gratuita".[15]

Pedro continuou afirmando: **Tu não tens parte nem sorte nesta palavra** (21). **Parte** indica uma divisão ou porção. **Sorte** significa o que é obtido lançando sortes, ou seja, uma parte designada. A palavra grega para **palavra** ou "ministério" é *logos*, que literalmente significa "palavra". Hackett prefere essa tradução e explica o seu significado: "A doutrina ou o Evangelho, que nós pregamos".[16] Este é o sentido transmitido pela

versão Siríaca Peshita (século V), onde se lê "em sua fé". Mas *logos* pode significar "o que é falado sobre", e desta forma "assunto, caso, coisa".[17]

Pedro também declarou: **O teu coração não é reto** — lit., "direito", e também, em um sentido moral, "franco"[18] — **diante de Deus**. Isto mostra que se Simão havia passado por uma verdadeira conversão, o que parece estar implícito no versículo 13, o amor pelo dinheiro agora havia feito com que ele se desviasse. Ele não era mais sincero, e nenhum homem pode ser salvo sem ser sincero.

Mas não era tarde demais para Simão ser perdoado. Pedro o advertiu, dizendo: **Arrepende-te... dessa tua iniqüidade e ora** — "pedir, suplicar"[19] — **a Deus,**[20] **para que, porventura, te seja perdoado o pensamento do teu coração** (22). **Porventura** parece sugerir uma incerteza quanto à possibilidade de Simão poder ser perdoado. Mas o texto grego diz literalmente "se por isso"; *i.e.*, como um resultado por seu arrependimento. A única incerteza — e era muito real — era se Simão se arrependeria. Aparentemente, ele não o fez. Gloag se expressa bem: "Pedro aqui... não expressa dúvida sobre o perdão de Deus, nem a limitação da sua misericórdia; a dúvida se refere ao arrependimento de Simão".[21]

A palavra grega para **pensamento** (somente aqui no NT) origina-se do verbo "continuar". Sendo assim, ela significa um "plano" consciente ou um "projeto",[22] uma "trama".[23]

Pedro continuou descrevendo Simão como estando literalmente em (*eis*) **fel de amargura, e... laço de iniqüidade** (23). Bruce escreve: "No papiro, *eis* é usado desse modo após *einai*, expressa destino".[24] Sugeriu-se que Simão caiu neste estado. Meyer parafraseia a passagem da seguinte forma: "Eu o reconheço como um homem que caiu em amarga animosidade contra o Evangelho, como em fel, e em iniqüidade como em grilhões cingidos".[25] Gloag diz: "**Fel** aqui significa 'veneno', como — de acordo com a opinião dos antigos — o veneno das serpentes que residia em seu fel".[26]

A reação de Simão aos avisos de Pedro não dá evidências de um verdadeiro arrependimento. Ele não estava preocupado com o seu pecado, mas somente com as suas conseqüências. Pedro o instruiu a orar a Deus na esperança de ser perdoado (22). Agora Simão pede aos apóstolos para orarem (a mesma palavra contida no v. 22) para que nenhuma das coisas mencionadas por Pedro venha sobre ele (24). Não havia no coração de Simão uma tristeza devido ao pecado, mas somente o temor pela sua própria segurança.

Em Simão, vemos (8.8-13, 18-24) "Um candidato inaceitável para o batismo com o Espírito Santo". 1. Simão foi rejeitado porque teve uma concepção errada do preço a ser pago (18, 20); 2. Ele teve um motivo errado para buscar o Espírito Santo (19); 3. Seu coração não era reto aos olhos de Deus (21-23). (G.B. Williamson)

6. *Samaria Evangelizada* (8.25)

Este versículo parece constituir um parágrafo intermediário entre o precedente e o seguinte. **Tendo eles** — provavelmente Pedro e João — **testificado** (testemunhado completamente) **e falado** (no texto grego, simplesmente "falado") **a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém**. A última parte deste versículo tem dois imperfeitos, portanto lê-se literalmente "eles estavam retornando para Jerusalém e estavam evangelizando muitas aldeias de samaritanos". Isto dá a idéia de uma campanha contínua de evangelização durante a prolongada viagem de volta.

O companheiro evangelista de Pedro era o mesmo João que uma vez desejou invocar o fogo do céu para destruir uma aldeia de samaritanos (Lc 9.52-56). Jesus o repreendeu por ter um espírito errado. Mas agora, depois do Pentecostes, ele tinha o Espírito de Cristo. Gloag sabiamente observa: "Agora, ele invocava um tipo diferente de fogo que pudesse descer do céu sobre os samaritanos — o fogo do Espírito Santo".[27]

B. Testemunhando ao Eunuco Etíope, 8.26-40

Filipe era um evangelista versátil, cheio do Espírito e guiado pelo Espírito. Ele podia pregar para grandes multidões em um "avivamento que alcançasse uma cidade inteira". Mas ele também podia realizar um trabalho pessoal com um único indivíduo em uma estrada deserta. A eternidade pode revelar que, quanto aos seus resultados finais, a segunda destas atividades era tão fértil quanto a primeira. A lição essencial a ser aprendida é que, quando o Espírito Santo nos impele a levar algum ministério a outros, Ele nos dá o poder necessário para cumprirmos a missão. Onde Deus guia, Deus provê. Outra lição é que, aos olhos do Senhor, nenhuma tarefa orientada pelo Espírito é pequena. Somente a onisciência divina pode antever os resultados dos poucos momentos de um testemunho dado a uma pessoa cujo coração o Espírito Santo preparou para acolher este testemunho.

1. *Um Peregrino Buscando a Deus* (8.26-31)

No meio das atividades de Filipe na cidade samaritana, com muitos convertidos para cuidar, o anjo — lit., "um anjo" — do Senhor chamou-o para uma nova tarefa. O contexto sugere que esta é uma outra maneira de dizer que o Espírito conduziu-o (cf. 29, 39). A ordem era: **Levanta-te** — tempo aoristo de ação imediata — **e vai** — tempo imperfeito de ação continua, "ir" — **para a banda do sul** (26). No único outro ponto do Novo Testamento em que aparece a palavra grega para **sul**, ela é traduzida como "meio-dia" (22.6). Alguns estudiosos preferem esta tradução. Mas "para a banda do sul" parece ser o significado correto da frase.

Filipe devia ir ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que estava deserto. Gaza estava a cerca de 96 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Era a cidade mais ao sul da Palestina, quase na fronteira do Egito (ver o mapa 1). Nos tempos do Antigo Testamento, era uma das cinco cidades dos filisteus. **Que está deserto** pode referir-se ao caminho; ou seja, "Pegue a estrada deserta", em vez de uma outra rota. Esta é a opinião de Schuerer[28] e Gloag.[29] Mas Lake e Cadbury empregaram a frase à cidade. A antiga Gaza, que estava situada a aproximadamente quatro quilômetros do Mediterrâneo, foi destruída por Alexandre o Grande (332 a.C.) e ainda estava deserta. Poderia muito bem ser chamada deserto de Gaza. A nova Gaza Helênica ficava na costa.[30] Bruce aceita esta interpretação.[31] Em qualquer caso, a missão envolvia diversos dias de viagem. Talvez fossem 56 quilômetros de Samaria a Jerusalém e cerca de 96 quilômetros a mais para Gaza.

Filipe **levantou-se e foi** (27). Os dois verbos estão no tempo aoristo e sugerem obediência imediata. Como ele foi imediatamente, encontrou um homem. Se tivesse demorado por qualquer razão, Filipe teria perdido seu encontro divino com o eunuco.

Seguindo orientações divinas, Filipe viu um etíope, que tinha ido a Jerusalém para adoração, ou "em peregrinação", e estava agora voltando. Etiópia era o nome de um reino

no Nilo, entre a atual Assuã e Khartoum. A maioria dos estudiosos atuais reconhece que a referência aqui não é à Abissínia, hoje conhecida comumente como Etiópia. Entretanto, o *Westminster Dictionary of the Bible* afirma que a profecia de Salmos 68.31 — "A Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos" — "foi cumprida com a conversão do eunuco etíope (At 8.26-40) e a introdução do Evangelho na Abissínia".[32]

O viajante que Filipe encontrou era um eunuco,[33] mordomo-mor (ou alto official) de Candace, rainha dos etíopes. A lei mosaica proibia um eunuco de ser membro da congregação do Senhor (Dt 23.1). Mas a proibição parece ter sido suspensa posteriormente (Is 56.3-5). **Mordomo-mor** é *dynastes*, que significa "príncipe". **Candace** era um título, como Faraó. Lake e Cadbury observam: "O título era dado à rainha-mãe, chefe real do governo".[34] O eunuco era superintendente de todos os seus tesouros, portanto, um homem de alto cargo e grande responsabilidade.

Como um homem digno de sua posição, o eunuco tinha um dos melhores meios de transporte da época. **Assentado no seu carro** [uma carruagem]**, lia o profeta Isaías** (28). Pergaminhos escritos à mão eram raros e dispendiosos, mas ele era um homem rico e podia tê-los. De acordo com os costumes da época, ele lia em voz alta, pois Filipe o **ouviu** (30). Os rabinos determinavam que a Lei devia ser lida em voz alta por quem estivesse viajando.[35]

Em obediência à voz interior do **Espírito** (29), Filipe correu (30) para emparelhar-se ao carro. Ouvindo o eunuco ler o pergaminho de Isaías, ele perguntou: **Entendes tu o que lês?** — uma questão pertinente em qualquer época. **Entendes** significa literalmente: "Você conhece?" **Que lês** significa literalmente: "Você conhece novamente". Há um jogo de palavras em grego que não pode ser convertido para o nosso idioma. Estes dois verbos aparecem juntos em 2 Coríntios 3.2 — "conhecida e lida por todos os homens".

A resposta do eunuco etíope foi quase patética: **Como poderei entender, se alguém me não ensinar?** (31) **Ensinar** é o mesmo verbo usado por Jesus em João 16.13 como "guiar" — "Quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade". Filipe, cheio do Espírito, era capaz de dar orientações sobre as Escrituras.

Ávido por aprender o verdadeiro significado da passagem profética, o eunuco rogou que Filipe subisse à carruagem. O verbo **rogou** (*parakaleo*) é muito forte, significando "exigiu" ou "suplicou".[36]

2. *Uma Profecia Incomum* (8.32-33)

A expressão **O lugar da Escritura** (32) pode ser traduzida como "a passagem da Escritura". **Lugar** (*perioche*, somente aqui no NT) é a palavra usada pelos pais da igreja para as lições das Escrituras que são lidas em público. Literalmente significa "uma porção circunscrita, uma seção".[37]

A citação em 32-33 foi copiada quase literalmente da Septuaginta de Isaías 53.7-8, e é uma parte de uma das "Canções do Servo" de Isaías, encontrada em um importante capítulo messiânico do Antigo Testamento. A profecia, **Assim não abriu a sua boca**, foi cumprida quando Jesus "nada respondeu", quando foi falsamente acusado perante Pilatos (Mt 27.12). A frase difícil, **foi tirado o seu julgamento**, provavelmente significa: "lhe negaram justiça" (RSV). Gloag assim a interpreta: "O seu julgamento — o julgamento que lhe era devido — os seus direitos de justiça — lhe foram negados por seus inimigos".[38]

A próxima frase, **quem contará a sua geração?**, tem causado mais dificuldades. Gloag opina que ela significa: Quem deveria "expor a maldade de seus contemporâneos?"[39] Mas Meyer diz que, embora anteriormente sustentasse aquela opinião,[40] ele definitivamente escolheria esta interpretação: "Quão indescritivelmente grande é a multidão daqueles que pertencem a Ele".[41] A frase final, **porque a sua vida é tirada da terra**, reconhecidamente parece se adequar melhor à primeira destas explicações do que à segunda.

3. *Um Pregador Cheio do Espírito* (8.34-40)

A questão que preocupava o eunuco etíope era: **de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de algum outro?** (34). Lumby escreve: "Alguns dos judeus interpretaram esta passagem como tratando de um profeta sofredor, mas geralmente ela se aplicava à nação sofredora".[42] O eunuco pareceu sentir que ela deveria ser aplicada a um indivíduo. Mas a quem?

Filipe estava à altura das exigências da situação. **Abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus** (35). Esta era a resposta. O Servo sofredor do Senhor, de quem Isaías falara, não era nenhum outro senão Jesus, o Messias escolhido por Deus.

Sem dúvida, a carruagem já havia percorrido uma grande distância enquanto Filipe comentava a passagem de Isaías e revelava Jesus. Finalmente, **chegaram ao pé de alguma água** (36), e o eunuco solicitou o batismo. Talvez Filipe tivesse repetido as palavras de Pedro no dia de Pentecostes: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados..." (2.38).

O versículo 37 é a teologia sólida do Novo testamento, mas é omitido nas versões revisadas porque não está nos melhores e mais antigos manuscritos gregos. Talvez represente uma tradição autêntica, mas tem todo o aspecto de ser uma nota explicativa, adicionada por algum escriba para fornecer uma resposta à questão do versículo 36 e, por fim, encontrar seu caminho dentro do texto.

O eunuco **mandou parar o carro** (38), enquanto ele e Filipe desceram para um lago ou riacho. A água corrente era considerada preferível para o batismo cristão na Igreja Primitiva (*Didache* 7.1).

Quando os dois homens saíram da água, o Espírito do Senhor **arrebatou a Filipe** (39). Ele desapareceu. **O eunuco... jubiloso, continuou o seu caminho**, como todos fazem quando encontram Cristo como Salvador. Este é um contraste com o jovem governante rico, que "retirou-se triste" (Mt 19.22).

Filipe se achou — *i.e.*, apareceu — **em Azoto** (40). Esta é a Asdode do Antigo Testamento, uma das cinco cidades dos filisteus. Estava situada cerca de 32 quilômetros ao norte de Gaza, a mais ou menos metade do caminho entre aquela cidade e Jope (ver o mapa 1). Em seu caminho para o norte, pela costa, Filipe anunciava o evangelho em todas as cidades — lit,, "ia evangelizando todas as cidades". Estas incluiriam Lida e Jope, onde os crentes são mencionados logo depois disso (9.32-42). Filipe evangelizou as cidades litorâneas no extremo norte, como Cesaréia, onde o encontramos na próxima vez em que aparece no livro de Atos (21.8). Esta cidade foi construída por Herodes o Grande, e passou a chamar-se Cesaréia Sebaste em honra ao Imperador Augusto de Roma. Concluída em aproximadamente 13 a.C., foi a sede do governo romano na Judéia nos dias de Jesus.

Este capítulo pode ser usado para enfatizar a importância dos "Dois Tipos de Evangelização": evangelização em massa (4-25) e evangelização pessoal (26-40). Sob a primeira, se destacam: 1. O *método* é pregar (5); 2. A *mensagem* é Cristo (5); 3. O *motivo* é que as pessoas sejam salvas e santificadas (12-17). Sob a evangelização pessoal, chamamos a atenção para: 1. A importância da obediência imediata (27, ver comentários); 2. A oportunidade oferecida (27-29); 3. O lugar da Escritura profética (30-32); 4. A interpretação da passagem, (34-35); 5. A aplicação à necessidade pessoal (36-39).

C. A Conversão da Testemunha, 9.1-31

Sem dúvida, o acontecimento mais importante do livro de Atos foi a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Se isto não tivesse acontecido, o livro nunca teria sido escrito. Alguns sustentam que foi a ressurreição que transformou os discípulos covardes em testemunhas corajosas. Mas não existe evidência disso no Novo Testamento. O que a narrativa sagrada demonstra claramente é que foi o Pentecostes que fez toda a diferença.

Sob alguns aspectos, poderia parecer que o segundo acontecimento mais importante do livro de Atos foi a conversão de Paulo. Mais da metade do livro (cap. 13—28) trata principalmente das suas atividades. Ele escreveu treze dos 27 livros do Novo Testamento. É difícil imaginar como teria sido o cristianismo do século I se Saulo não tivesse se convertido. Ele se tornou a testemunha mais importante da Igreja Primitiva.

1. *Saulo é Salvo* (9.1-9)

Até este ponto, Saulo foi mencionado apenas de passagem. Ele estava presente no apedrejamento de Estêvão (7.58) e deu a sua aprovação àquele ato infame (8.1), e depois liderou a perseguição à igreja em Jerusalém (8.3).

Agora, chegamos à história da conversão de Saulo, que ocupa a maior parte do capítulo 9. A importância deste acontecimento é evidenciada pelo fato de que ele é narrado novamente, com alguns detalhes, nos capítulos 22 e 26. É o único acontecimento que é descrito três vezes no livro de Atos.

Saulo estava **respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor** (1). O texto grego diz "inspirando". A frase pode provavelmente ser bem traduzida simplesmente como "respirando". O próprio respirar na vida de Paulo estava quente pela ira que ele sentia contra os crentes.

Com a intenção de perseguir os que tinham fugido da perseguição em Jerusalém, Saulo **dirigiu-se ao sumo sacerdote** — Caifás, que ocupou esse posto entre 18 e 36 d.C. — **e pediu-lhe cartas** [*epistolas*] **para as sinagogas de Damasco** (2), para que, caso encontrasse ali alguns daquela seita — literalmente "o Caminho", um dos nomes sérios para o cristianismo — ele os conduzisse presos a Jerusalém. O governo romano tinha dado ao sumo sacerdote a autoridade para exigir o retorno dos judeus que tivessem desrespeitado a lei, para que eles pudessem ser julgados pelo Sinédrio (1 Macabeus 15.15-17).

Damasco é uma das cidades mais antigas do mundo que ainda existe na atualidade. Localizada cerca de 112 quilômetros do Mediterrâneo, sobre os montes Líbano e Anti-Líbano, é um oásis à beira do deserto. A principal rota de caravanas do Egito para a Mesopotâmia passava por ela, de modo que sempre foi um agitado centro comercial.

Muitos milhares de judeus viviam ali nessa época. Uma seita judaica muito rígida, chamada "Os do concerto de Damasco", é descrita no fragmento Zadoquita. Muitos estudiosos da atualidade relacionam este grupo com a comunidade de Qumram, que se tornou famosa por meio dos Rolos do Mar Morto.

O caminho de Jerusalém a Damasco era longo, aproximadamente 320 quilômetros para o norte, junto ao mar da Galiléia (ver o mapa 1) ou para o leste via Filadélfia (a moderna Amã, ver o mapa 1). Percorrer a pé esta distância levaria pelo menos seis dias inteiros entre dois sábados. Saulo tinha tempo suficiente para pensar. Ele pode perfeitamente ter se lembrado do apedrejamento de Estêvão, cujo rosto **brilhava como o de um anjo** (6.15). Seria possível que Estêvão estivesse certo? Não! Fora com este pensamento! Vamos para Damasco. Esta nova heresia que estava ameaçando a verdadeira religião precisava ser extirpada antes que se espalhasse ainda mais. Aqueles daquela seita (lit., "do caminho") precisavam ser aprisionados.

Mas Deus tinha outros planos para Saulo. Quando ele estava se aproximando de Damasco, algo aconteceu: **subitamente o cercou um resplendor de luz do céu** (3). Isto simbolizou a revelação espiritual que iria invadir a alma do jovem e orgulhoso fariseu. Como se tivesse sido atingido por um raio, ele caiu em terra (4). Ele provavelmente estava a pé, e não a cavalo. Os judeus mais tradicionais eram avessos a andar a cavalo, um modo de transporte que era popular entre os romanos.

Lançado ao chão, Saulo ouviu o seu nome: **Saulo, Saulo, por que me persegues?** Espantado com a acusação, ele perguntou: **Quem és, Senhor?** (5) A respeito de **Senhor**, Bruce diz: "'Senhor', 'meu senhor'; um título de respeito, pois Saulo ainda não sabia quem estava falando com ele".[43] A voz respondeu: **Eu sou Jesus, a quem tu persegues.**[44] Quando Paulo castigava a igreja, ele estava perseguindo o Chefe da igreja, o próprio Senhor Jesus Cristo. Este é um aviso solene não apenas aos de fora que podem atacar a Igreja, mas também aos membros da Igreja, se deliberadamente agirem contra algum companheiro. Ao fazerem isso, estão agindo contra Cristo.

Saulo recebeu a ordem: **Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer** (6). Uma nova luz viria, quando ele obedecesse à ordem divina.

Os seus companheiros **pararam espantados** (7). Isto não está em conflito com a afirmação de Paulo em 26.14, de que "todos" caíram "por terra". Não tardaria para que os outros homens se levantassem novamente. Gloag opina que a melhor solução é que **pararam espantados** "não se refere à posição mas simplesmente indica que eles estavam sem ação, atingidos pelo pânico, dominados pelo que tinham ouvido e visto".[45] De qualquer forma, o líder do grupo estava cego e continuava prostrado no chão.

O que os seus companheiros não entendiam é que eles estavam ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. Existe uma diferença na forma grega para **ouvindo a voz** (7) e a afirmação anterior de que Saulo "ouviu uma voz" (4). No versículo 4, a palavra "voz" (*phone*) está no acusativo, e parece indicar uma voz inteligível e enfatizar a audição do conteúdo. Mas aqui voz está no genitivo, e parece claro que isto indica "ouvir um som", sem qualquer compreensão do que está sendo dito.

Isto resolve a aparente contradição entre este versículo e a afirmação de Paulo em 22.9 de que seus companheiros "viram, em verdade, a luz... mas não ouviram a voz [acusativo] daquele que falava comigo". Eles ouviram um som, mas somente Saulo pôde identificar as palavras proferidas pela voz.

Uma situação semelhante parece estar descrita em João 12.28-29. Quando uma voz veio do céu, a multidão dos que não criam "dizia que tinha sido um trovão". Alguns, que tinham maior discernimento espiritual, pensaram que um anjo tinha falado. Mas aparentemente, somente Jesus e os seus discípulos compreenderam as palavras.

Quando Saulo finalmente se pôs em pé, descobriu que estava cego. Embora seus olhos estivessem abertos, **não via a ninguém** (8). O próprio Saulo diz: "eu não via por causa do esplendor daquela luz" (22.11). Os seus companheiros, guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco. Gloag observa acertadamente: "Conseqüentemente, Paulo entrou em Damasco de uma maneira completamente diferente daquela que ele tinha imaginado: ao invés de arrastar homens e mulheres e conduzi-los à prisão, ele mesmo é conduzido, humilhado, afligido e cego, o prisioneiro de Jesus Cristo".[46]

2. *Saulo É Cheio do Espírito* (9.10-19*a*)

Ananias (10) significa "O Senhor é amoroso" ou "graciosamente dado pelo Senhor" — um nome adequado para este discípulo judeu (cristão) de Damasco, que ministrou a graça ao sentenciado Saulo. **O Senhor** — Jesus (cf. 17) — falou com ele em visão; uma maneira freqüente de comunicação da vontade divina tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Quando Ananias ouviu o seu nome, respondeu: Eis-me aqui, Senhor! (lit., "Eu, Senhor"). Assim ele expressou a sua consagração. Ele estava pronto para receber as ordens.

Mas a ordem que veio foi surpreendente. Ele deveria ir **à rua chamada Direita,** e perguntar em casa de Judas **por um homem de Tarso chamado Saulo** (11). Ainda existe uma rua Direita em Damasco, que passa de leste a oeste pelo principal mercado daquela agitada cidade. Hoje, assume-se que a casa de Judas estivesse próxima à extremidade oeste.

A voz acrescentou: **eis que ele está orando**. Isto sugere, o que já podíamos supor, que Saulo passou aqueles três dias sem visão tentando deixar o seu coração e a sua mente em conformidade com a sua experiência estarrecedora na estrada.

O Senhor prosseguiu dizendo a Ananias que Ele já tinha preparado o caminho para a sua visita, dando a Saulo uma visão. Um certo Ananias viria até ele, poria sobre ele a sua mão e faria com que ele tornasse a ver (12) — lit., "visse novamente". Este aspecto da orientação divina — preparando o coração do mensageiro e também do destinatário — deveria ser um encorajamento constante para despertar a obediência.

Compreensivelmente, Ananias protestou. Ele tinha ouvido de muitas pessoas um relato da perseguição de Saulo aos santos em Jerusalém (13). Isto significa que Ananias não tinha fugido de Jerusalém, mas residia há tempos em Damasco.

A palavra **santos** aparece aqui pela primeira vez no livro de Atos como um nome para os cristãos. Ela é encontrada novamente nos versículos 32, 41 e em 26.10. Paulo usa-a quarenta vezes como uma designação para aqueles que pertencem à Igreja de Jesus Cristo. A palavra grega é o plural de *hagios* (sagrado) e, portanto, significa literalmente "sagrados". Ela enfatiza o fato de que todos os cristãos são separados para Cristo e devem ser purificados da depravação adquirida. A palavra é traduzida como "sagrado" cerca de 165 vezes, e "santos" 61 vezes na versão KJV.

Ananias prosseguiu lembrando ao Senhor que, mesmo em Damasco, Saulo **tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome** (14). Orar a Jesus era considerado uma ofensa grave pelos judeus, porque a eles isso parecia negar a sua fé no monoteísmo.

Em resposta às objeções de Ananias, o Senhor ainda disse: **Vai** (15). As coisas tinham mudado para Saulo. Agora **este é para mim um vaso escolhido**. Como Cristo o tinha escolhido, Ananias não podia rejeitá-lo. Saulo levaria o nome de Cristo diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. A ordem das palavras aqui pode parecer estranha, mas a missão de pregação de Paulo era basicamente para os gentios e não para os judeus. Os reis a quem Paulo testemunhou foram Herodes Agripa II (cap. 26) e provavelmente Nero (cf. 27.24). Também está indicado que o ministério de Paulo deveria ser um ministério de sofrimento (16).

De forma obediente, **Ananias foi** (17). Entrando na casa onde Paulo estava orando, impôs-lhe as mãos — para que recebesse a sua visão, ou para que recebesse o Espírito Santo. Bruce sabiamente sugere as duas coisas.[47]

Ananias saudou o humilhado fariseu como **irmão Saulo**. Estas palavras, saindo dos lábios de alguém a quem Saulo tinha planejado perseguir, devem ter trazido imenso conforto à sua alma. Ele já estava sendo amado por aqueles a quem odiara.

O cristão mais antigo informou ao seu novo irmão em Cristo que ele tinha sido enviado por aquele mesmo que tinha aparecido a Saulo na estrada. À vista do fato de que *kyrios* (Senhor) é a tradução normal de *Jehovah* (ou Yahweh) na Septuaginta, a expressão **o Senhor Jesus** fornece uma forte afirmação da divindade de Jesus.

Saulo tinha uma necessidade física e, ao mesmo tempo, uma necessidade espiritual ainda mais profunda. Ambas seriam satisfeitas. Ananias vem... **para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo**.

E logo — agora Saulo estava pronto — alguma coisa como umas escamas lhe caíram dos olhos (18). Com isto, ele recuperou a vista — a mesma palavra usada quando Jesus curou o cego — e foi batizado. Agora ele era oficialmente um membro da nova comunidade de cristãos. Pela primeira vez, em três dias, **tendo comido, ficou confortado** (19).

Existem notáveis paralelos entre as visões de Ananias e Saulo neste capítulo, e as de Pedro e Cornélio no capítulo seguinte. Assim Howson as descreve: "A preparação simultânea dos corações de Ananias e Saulo, e a preparação simultânea dos corações de Pedro e Cornélio; as perguntas e a hesitação de Pedro, e as perguntas e a hesitação de Ananias; um duvidando se seria possível vir a ter amizade com os gentios, o outro duvidando se seria possível aproximar-se do inimigo da igreja; a obediência sem vacilação deles, quando a vontade divina se fez claramente conhecida; o estado de espírito no qual tanto o fariseu quanto o centurião se encontravam, cada um deles esperando para ver o que o Senhor iria lhes dizer — esta íntima analogia não será esquecida por aqueles que lerem com reverência os dois capítulos consecutivos".[48]

A história da conversão de Paulo (1-19) mostra que "o poder divino precisa da cooperação humana". 1. Sob o poder divino, observamos: *a*) a luz (3); *b*) a voz (4-7); *c*) a cegueira (8-9). 2. Sob a cooperação humana, vemos, a respeito de Ananias: *a*) suas ordens (10-12); *b*) suas objeções (13-16); *c*) sua obediência (17); *d*) seus objetivos realizados (18).

3. *Saulo Pregando a Cristo* (9.19*b*-22)

Depois da sua conversão, Saulo passou **alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco** (19). Evidentemente, Ananias "o afiançou", e assim ele foi completamente aceito na comunidade cristã.

E logo (20) — a mesma palavra de 18 — Saulo começou a pregar em Damasco. Como devemos harmonizar isto com a sua própria afirmação de que depois da sua conversão ele foi à Arábia (Gl 1.15-17)? A solução mais simples é supor que ele começou imediatamente a pregar a sua fé recém encontrada. Quando ele descobriu que precisava estudar algumas das implicações teológicas da sua mensagem, foi para a Arábia para um período de meditação e oração. Esta permanência na Arábia parece encaixar-se em algum lugar depois do versículo 21 e antes do 26.

Saulo pregava nas sinagogas. Como um rabino educado em Jerusalém aos pés de Gamaliel, ele seria mais que bem-vindo em qualquer sinagoga judaica e é convidado a falar. Mas agora ele não estava simplesmente dando uma interpretação rabínica da Lei: ele pregava a Jesus — pregava que este era o Filho de Deus. Como os seus ouvintes devem ter ficado atônitos! Era sabido que Saulo perseguira os cristãos em Jerusalém e que viera a Damasco com o objetivo expresso de extirpar esta nova heresia. Ele viera para prender aqueles do "Caminho" e levá-los acorrentados a Jerusalém para julgamento perante o Sinédrio (21). Agora, ele mesmo estava pregando esta "heresia"! É difícil imaginar o espanto e a consternação que atingiram essas audiências judaicas quando eles descobriram o que este discípulo de Gamaliel estava lhes pregando. Não é de admirar que se diga: **Todos os que o ouviam estavam atônitos** (21).

Sem dúvida, houve muitas discussões com os escribas nas sinagogas (cf. 6.9). Saulo, porém, **esforçava-se muito mais e confundia os judeus que habitavam em Damasco. Provando** significa, literalmente, "unindo", e aqui significa "deduzindo" ou "demonstrando", ou seja, ele colocou as profecias do Antigo Testamento ao lado do seu cumprimento no ministério de Jesus, e assim demonstrou que **aquele era o Cristo** (22). A principal mensagem de Paulo, como a de Pedro (2.26; 3.13-21) era que Jesus era o Messias. Os judeus não podiam refutar a pregação de Paulo, autorizada pelo Espírito.

4. *Saulo Foge dos Judeus* (9.23-25)

Era inevitável que a vida de Paulo em breve estivesse em perigo. Ele não poderia esperar escapar de ser ameaçado com o mesmo destino do seu Senhor e do mártir Estêvão. Assim, não é surpreendente ler que **tendo passado muitos dias** — incluindo talvez muitos meses passados na Arábia (Gl 1.18) — **os judeus tomaram conselho** — o mesmo verbo usado em Mateus 26.4 — **para o matar** (23). Felizmente, as suas **ciladas** ("tramas", a mesma palavra que aparece na Septuaginta em Et 2.22, em relação ao plano para assassinar o rei) vieram ao conhecimento de Saulo. Enquanto isso, os judeus **guardavam as portas, tanto de dia como de noite, para poderem tirar-lhe a vida** (24).

Mas Saulo conseguiu fugir. Este feito difícil só foi realizado porque **tomando-o de noite os discípulos, o desceram, dentro de um cesto, pelo muro** (25). **Pelo muro** literalmente quer dizer "através do muro". É o próprio Paulo quem nos diz: "fui descido num cesto por uma janela da muralha; e assim escapei das suas mãos" (2 Co 11.33). Hackett diz que logo à esquerda da porta leste de Damasco, ele viu duas ou três janelas no muro, que se abriam para casas na cidade.[49] Josefo usa a expressão "através do muro"

para descrever a fuga dos espias de Jericó.[50] A maneira natural de descer (ou baixar) um homem seria dentro de um cesto atado a uma corda. Este método ainda hoje é usado nas terras bíblicas.

Embora o livro de Atos pareça dizer que os judeus estavam guardando (imperfeito) as portas noite e dia para matar Saulo, ele mesmo escreve: "Em Damasco, o que governava sob o rei Aretas pôs guardas às portas da cidade dos damascenos, para me prenderem" (2 Co 11.32). Até recentemente, os estudiosos afirmavam que Damasco estava sob o domínio romano naquela época. Não se deve interpretar isto como se um etnarca (grego, "governador") como Aretas IV, que tinha sido rei dos árabes nabateus de 9 a.C. até 40 d.C., mantivesse uma guarnição naquela cidade. Mas não foi encontrada em Damasco nenhuma moeda romana do período compreendido entre 34 e 62 d.C. O governo de Damasco pode ter sido entregue aos nabateus neste período.[51] Ou talvez o etnarca fosse "um xeique ou líder da comunidade árabe naquela cidade mista".[52] Provavelmente, os judeus e os nabateus trabalharam juntos na tentativa de evitar a fuga de Saulo.

5. *Saulo Prega em Jerusalém* (9.26-31)

Quando o fugitivo deixou Damasco, ele retornou a **Jerusalém** (26). Ao chegar ali, procurava (tentava) ajuntar-se aos discípulos. Parece que a sua razão para voltar a Jerusalém era que ele queria promover uma reparação pela sua perseguição anterior à igreja, dando agora testemunho em Cristo naquela incubadora de oposição.

O generoso Barnabé, "filho da consolação" (4.36) **tomando-o consigo, o trouxe aos apóstolos** (27). Ele lhes contou da conversão de Saulo e da sua pregação do Evangelho em Damasco. O resultado do apadrinhamento de Barnabé foi que o novo convertido **andava com eles em Jerusalém, entrando e saindo** (28). Ele podia mover-se livremente nos círculos cristãos dali.

Alguns procuraram encontrar uma contradição entre estes dois versículos e a afirmação do próprio Paulo: "Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro e fiquei com ele quinze dias. E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor" (Gl 1.18-19). Mas não há nada no relato do livro de Atos que contradiga a afirmação em Gálatas de que Saulo viu somente dois dos apóstolos. Os outros podem ter estado fora de Jerusalém nesta época.

O antigo adversário dos seguidores cristãos agora **falava ousadamente no nome de Jesus... e disputava também contra os gregos** (29) — "helenistas", ou judeus de origem grega. Estes eram os mesmos que tinham debatido com Estêvão e finalmente o levaram à morte. Agora eles estavam procurando matar Saulo.

Quando os crentes de Jerusalém souberam disto, eles **o acompanharam até Cesaréia** — o principal porto da Palestina naquela época — **e o enviaram a Tarso** (30), a sua terra natal, a cerca de 480 quilômetros ao norte de Cesaréia. A única coisa que sabemos sobre as atividades de Saulo durante os seis ou mais anos seguintes é a sua própria afirmação: "Depois, fui para as partes da Síria e da Cilícia" (Gl 1.21, ver o mapa 3). Com base nisto, parece que ele passou esses anos evangelizando a sua província natal da Sirio-Cilícia. Ramsay refere-se a esses como sendo "dez anos de obras tranqüilas no campo da sinagoga e da sua influência".[53]

Tarso era a capital da Cilícia. Na época de Paulo, era o terceiro maior centro universitário, depois de Atenas e Alexandria.

O resultado da partida de Paulo de Jerusalém teve dois aspectos. Em primeiro lugar, a sua própria vida foi poupada, o que foi uma grande dádiva para o seu próprio século e para todas as gerações futuras. Em segundo lugar, o movimento cristão na Palestina foi aliviado, durante algum tempo, de mais perseguições. Segundo a narrativa, **Assim, pois, as igrejas** — "igreja" (singular no manuscrito mais antigo) — **em toda a Judéia, e Galiléia, e Samaria tinham paz** (31) — as três principais divisões da Palestina naquela época (ver o mapa 1), relacionadas aqui na ordem da sua importância judaica. Esta é a única menção à igreja cristã na Galiléia até a época de Eusébio (séc. IV), um fenômeno estranho, em vista do fato de que Jesus dedicou a maior parte do seu ministério público àquela região.

O registro a seguir afirma que as igrejas na Palestina estavam sendo edificadas — lit., "construídas" — e se multiplicavam. Como Saulo tinha partido, os problemas com os judeus helenistas cessaram e a igreja desfrutou um período de paz e prosperidade.

D. TESTEMUNHANDO NA JUDÉIA, 9.32-43

Até agora, todo o capítulo 9 esteve dedicado à conversão de Saulo e a sua carreira subseqüente, talvez por doze anos. Agora a narrativa retorna a Pedro, que é o personagem principal em Atos 1-12. O restante deste capítulo descreve dois incidentes no seu ministério, tendo ambos acontecido na Judéia.

1. *Pedro em Lida* (9.32-35)

E passando Pedro por toda parte — *i.e.*, "viajando por todos os lugares" (Phillips), provavelmente supervisionando a evangelização dos judeus na Judéia — **veio também aos santos que habitavam em Lida** (32). Esta cidade, mencionada somente aqui (32,35,38) no Novo Testamento, estava situada perto da costa, a uma curta distância de Jope, na direção do interior. Ela ficava a aproximadamente 48 quilômetros de Jerusalém (ver o mapa 1).

Ali Pedro achou **certo homem chamado Enéias** (33), que tinha sido um paralítico por oito anos. O seu caso era, portanto, considerado irremediável.

Mas nenhum caso é irremediável para Deus. Pedro disse ao homem: **Jesus Cristo te dá saúde; levanta-te e faze a tua cama** (34). Ele obedeceu imediatamente e foi curado. Todo o povo de Lida e de Sarona, que era próxima — a planície de Sarona, que se estende desde Lida para o norte, até o monte Carmelo — via agora caminhando aquele que fora um paralítico preso a uma cama. O resultado foi que muitos **se converteram ao Senhor** (35). A igreja continuava a crescer.

2. *Pedro em Jope* (9.36-43)

Jope era o antigo porto marítimo de Jerusalém, embora não tenha uma enseada natural. O seu nome moderno é Jafa, e agora está unida a Tel Aviv — uma cidade judaica nova, construída ao norte.

E havia em Jope uma discípula (no feminino, somente aqui no NT), chamada Tabita (aramaico) ou Dorcas (grego). Dorcas estava cheia de boas obras e esmolas — "abundavam as suas obras de bondade e caridade" (NASB).

E aconteceu, naqueles dias, que, enfermando ela, morreu (37). Em obediência aos costumes da época, tendo-a lavado, depositaram-na em um quarto alto. Fora de Jerusalém, era permitido esperar três dias para o sepultamento.[54]

Como Jope estava a menos de 16 quilômetros de Lida, dois homens foram enviados para pedir a Pedro que viesse sem demora (38). Provavelmente os crentes de Jope tinham ouvido sobre a cura de Enéias em Lida.

Levantando-se Pedro prontamente, **foi com eles** (39). No quarto alto, ele encontrou muitas viúvas que estavam reunidas, chorando pela morte de Dorcas. Elas mostraram a Pedro as túnicas e vestes (em grego, roupas exteriores e íntimas) que Dorcas "fizera" quando viva. Não fica claro se estas viúvas eram as destinatárias dessas roupas ou se elas trabalhavam na igreja e ajudavam a distribuir as roupas feitas por Dorcas.

Pedro as fez sair do quarto, como o seu Mestre tinha feito na casa de Jairo (Mc 5.40). Ajoelhando-se, ele **orou** (40). Então disse com muita simplicidade, mas com toda a fé: **Tabita, levanta-te**. A mulher que estava morta abriu os olhos e assentou-se. **Chamando os santos e as viúvas** — é quase certo que as viúvas eram cristãs — **apresentou-lha viva** (41). As notícias deste evento se espalharam **por toda a Jope** (42), e como resultado muitos creram no Senhor. Estes dois milagres de Pedro em Lida e em Jope fizeram aumentar enormemente as adesões à igreja.

Pedro permaneceu em Jope muitos dias, vivendo na casa de Simão, um curtidor (43). Esta profissão era considerada impura pelos judeus, porque ela envolvia a manipulação de animais mortos. Aparentemente, Pedro estava se tornando um pouco mais flexível no seu modo de pensar, ou não teria se hospedado em um lugar como este.

E. Testemunhando aos Gentios, 10.1-11.30

Samaria, como já foi observado (8.5), era uma espécie de local intermediário entre os judeus e os gentios. A execução da comissão de Cristo envolvia em primeiro lugar a evangelização dos judeus em Jerusalém, em seguida a dos samaritanos, e finalmente a dos gentios. Mas todos os acontecimentos registrados neste capítulo tiveram lugar na Judéia. Assim, ainda nos encontramos na segunda parte de Atos 1.8 (ver os comentários sobre este versículo).

1. *As Visões* (10.1-16)

Duas visões estão registradas nesta seção: a de Cornélio em Cesaréia e a de Pedro em Jope. Nos dois casos, o indivíduo que teve a visão foi preparado para o contato com o outro homem. Deus estava operando nas duas pontas.

a. Cornélio em Cesaréia (10.1-8). **Cesaréia** (1) era o principal porto da Palestina e a capital do governo romano ali. Herodes, o Grande, tinha construído no lugar da Torre de Strato uma magnífica cidade e um porto deslumbrante, protegido por um extenso quebra-mar. Apesar da sua importância, a cidade é mencionada no Novo Testamento somente no livro de Atos (quinze vezes).

Cornélio era um nome muito comum no Império Romano. Isto se devia, em parte, ao fato de que, em 82 a.C., Cornélio Sulla libertara dez mil escravos e lhes dera o seu próprio

nome.[55] Este Cornélio era um centurião — lit., "chefe de cem homens", ou seja, um oficial que tinha cem soldados subordinados a si. Era um centurião da coorte chamada Italiana. Uma coorte normalmente consistia em seiscentos homens — a décima parte de uma legião.

Quatro coisas são ditas a respeito de Cornélio. A primeira, que ele era **piedoso** (2). O adjetivo que significa "religioso" é encontrado (no NT) somente aqui, no versículo 7 e em 2 Pedro 2.9. Em segundo lugar, ele era **temente a Deus**, com toda a sua casa. Bruce diz que estas duas expressões, "embora não sejam especificamente termos técnicos... geralmente são usadas no livro de Atos para se referirem àqueles gentios que, embora não totalmente prosélitos... se relacionavam com a religião judaica, praticando a sua adoração monoteísta e sem imagens, freqüentando a sinagoga, respeitando o sábado e as leis sobre a comida, etc".[56] Algumas vezes, fazia-se referência a essas pessoas como "prosélitos de portão". Mas em um artigo sobre "prosélitos e tementes a Deus", Kirsopp Lake insiste que a expressão "prosélito de portão" deve ser abandonada, por não ter validade histórica. As pessoas eram prosélitos ou não.[57] Gloag concorda com isto, ao escrever: "O único proselitismo que os judeus parecem ter reconhecido era quando os gentios adotavam completamente a lei... pensamos, assim, que não havia, pelo menos na época dos apóstolos, uma classe como os 'prosélitos de portão'".[58] Cornélio não era um prosélito, como mostram as palavras de Pedro no versículo 28. Um prosélito era considerado como pertencente à congregação dos judeus; este não era o caso de Cornélio.

A terceira coisa que se afirma sobre este homem é que ele **fazia muitas esmolas ao povo**, *i.e.*, aos judeus. A quarta coisa é que, **de contínuo, orava a Deus**. Ele era um dedicado adorador do Deus verdadeiro. No entanto, não era um membro da comunidade judaica nem da igreja cristã.

Certo dia, Cornélio estava orando (cf. 30) em sua casa, quase à hora nona do dia (três horas da tarde) — a hora da oferta do sacrifício da tarde no Templo, quando os judeus devotos e os tementes a Deus estariam envolvidos na oração (cf. 3.1). Ele **viu... numa visão um anjo de Deus, que se dirigia para ele e chamava o seu nome: Cornélio!** (3). O termo **claramente** é a tradução literal (NEB). **Fixando os olhos nele** — melhor "olhando fixamente para ele" (ASV) — **ficou muito atemorizado** (4). Esta é normalmente a reação daqueles que são confrontados por anjos, como observam as Escrituras. Mas o mensageiro celestial falou com palavras que eram ao mesmo tempo uma saudação e um conforto: **As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus**. O nome **memória** — ou memorial — era dado "à porção da oferta de alimentos que o sacerdote deveria queimar sobre o altar, para que fosse uma oferta queimada de cheiro suave ao Senhor (Lv 2.2)".[59] As orações e esmolas de Cornélio tinham sido como a sua oferta, e agradaram a Deus.

O anjo instruiu Cornélio, dizendo: **envia homens a Jope e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro** (5). **Simão** era, supostamente, o nome mais comum entre os judeus daquele tempo. Assim, este Simão precisava ser identificado pelo seu sobrenome, Pedro. Na verdade, ele estava hospedado na casa de **Simão, um curtidor** (6), o que tornava a identificação ainda mais necessária. A casa do curtidor ficava junto do mar.[60] Provavelmente, havia duas razões para isto. Uma delas era a sua profissão, que envolvia a manipulação de animais mortos, o que o deixava impuro; assim era exigido que ele morasse fora da cidade. A outra razão era que o seu negócio provavelmente envolvia o uso de água do mar.

Quando o anjo se retirou, Cornélio **chamou dois dos seus criados** (7) — uma única palavra em grego, que significa "aqueles que moram na casa" — **e a um piedoso soldado dos que estavam ao seu serviço**. A sua própria vida devota tinha influenciado até mesmo os seus criados e soldados. Ele contou a estes três homens de confiança sobre a sua visão, e então **os enviou a Jope** (8). Eles deveriam encontrar Simão Pedro e trazê-lo.

b. Pedro em Jope (10.9-16). **No dia seguinte** — um dia depois que os mensageiros tinham deixado Cesaréia — **eles... estando já perto da cidade** (9), *i.e.*, Jope. Era a hora sexta (o meio-dia) e **subiu Pedro ao terraço para orar**. Esta não era uma das horas regulares de oração. Mas as almas devotas podem perfeitamente estar envolvidas em orações privadas nessa hora (cf. Sl 55.17). Este tipo de oração é sempre apropriado.

A distância entre Cesaréia e Jope era de 48 quilômetros. Houve consideráveis divergências de opinião relativas a quando os servos deixaram Cesaréia — se foi no mesmo dia da visão ou na manhã seguinte. Também houve discussões sobre o seu meio de transporte — se foi a pé ou a cavalo — e quanto tempo levaram para fazer a viagem. Os fatos declarados na narrativa são que eles chegaram a Jope aproximadamente ao meio-dia do dia seguinte (9), passaram a noite ali com Pedro e partiram "no dia seguinte" (23), e então, "no dia imediato" (24) chegaram de volta a Cesaréia — provavelmente no final da tarde. Um dia de viagem a pé normalmente corresponde a 32 quilômetros, assim, a melhor reconstrução parece ser a seguinte: Os criados de Cornélio saíram de Cesaréia na manhã seguinte ao dia da visão, viajaram 32 quilômetros, e pararam para passar a noite. No dia seguinte eles percorreram os 16 quilômetros que faltavam, chegando a Jope aproximadamente ao meio-dia. Depois de passar ali a noite, iniciaram a viagem de volta na manhã seguinte (o terceiro dia depois da visão). Tendo feito uma parada para dormir, eles percorreram os últimos 16 quilômetros no quarto dia. Isto está em perfeito acordo com a afirmação que Cornélio faz a Pedro: "Há quatro dias... diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandecentes" (30-31).

Quando Pedro estava orando no terraço em Jope, **tendo fome** (10), quis comer. Enquanto lhe preparavam a refeição do meio-dia, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos. A palavra grega que foi traduzida como "êxtase" por algumas versões significa literalmente "ficar fora de si".

Neste transe Pedro **viu o céu aberto** (11) e a aparição de um grande lençol atado pelas quatro pontas, vindo para a terra. Nele havia **de todos os animais quadrúpedes,**[61] **répteis da terra e aves do céu** (12) — "tudo o que caminha, ou rasteja ou voa" (NEB). Lumby observa: "Freqüentemente, aceita-se o significado do lençol aberto como uma imagem de todo o mundo, e das quatro pontas como as direções nas quais o Evangelho deveria ser levado por todo o mundo".[62]

Uma voz lhe ordenou: **Levanta-te, Pedro! Mata e come** (13). Mas Pedro protestou veementemente: **De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda** (14). O uso de comum (*koinos*) com o sentido de imunda é explicado assim por Lumby: "Todas as pessoas que não eram judias eram vistas como a ralé 'comum', excluída do concerto de Deus... assim, quaisquer costumes destas pessoas, diferentes daqueles do povo escolhido, eram chamados coisas 'comuns', e como essas coisas

'comuns' eram proibidas pela lei, todas as coisas ou ações proibidas ficaram conhecidas como sendo 'comuns'".[63] As leis a respeito dos alimentos puros e impuros são encontradas no capítulo 11 de Levítico.

Uma segunda vez, a voz falou. Desta vez, ela disse: **Não faças tu comum ao que Deus purificou** (15). O significado destas palavras é explicado da seguinte forma por Gloag: "Os judeus consideravam os animais impuros como uma imagem dos gentios, a quem eles chamavam de 'cães'. Mas agora Pedro aprendia que todos os homens estavam no mesmo patamar, aos olhos de Deus".[64] Havia ainda outra implicação: "A diferença entre carnes puras e impuras, a qual correspondia a uma parte tão considerável da lei mosaica foi abolida; assim, uma das grandes barreiras de separação entre os judeus e os gentios foi removida".[65] Isto era necessário tanto para a evangelização do mundo, como para a unidade da Igreja.

E aconteceu isto por três vezes (16). Aparentemente, toda a cena se repetiu. Alexander comenta: "Esta repetição da revelação, sem dúvida exatamente da mesma forma, pode ter tido a intenção parcial de gravá-la na memória, mas principalmente de impedir a suspeita de que fosse um mero sonho ou imaginação".[66]

Esta seção (1-16) exemplifica a "preparação para a revelação". Se quisermos nos comunicar com o céu, devemos satisfazer as condições cumpridas tanto por Cornélio quanto por Pedro: 1. Eles eram homens devotos (1-4,9); 2. Eles deixavam tudo de lado para orar (9,30); 3. Eles esperavam em Deus até que o ouvissem (3-6, 13-15, 19-20).

2. *Visitas* (10.17-29)

a. Os Criados em Jope (10.17-23a). **Estando Pedro duvidando entre si** (17), *i.e.*, estava "perplexo" (ASV), quanto ao que seria aquela visão, os criados enviados por Cornélio pararam do lado de fora da porta da casa onde ele estava. Como eram gentios "impuros", eles não pensaram em entrar na casa, mas, chamando, perguntaram se Simão Pedro estava hospedado ali (18). Se a porta estivesse trancada, qualquer visitante teria de chamar do lado de fora. Na verdade, hoje é o costume em terras orientais chamar ao invés de bater.

E, pensando — um composto forte (somente aqui no NT), que significa "ponderando" — **Pedro naquela visão, disse-lhe o Espírito** que três varões[67] o procuravam (19). Pedro recebeu a ordem de ir com eles, **não duvidando** (20). **Duvidando** é um verbo composto que significa "estar com a mente dividida ou hesitar". Aqui, **não duvidando** significa "sem hesitar" (RSV). Deus tinha enviado esses mensageiros, e Pedro devia ir com eles.

De forma obediente, Pedro desceu e conversou com os homens (21). Eles lhe contaram sobre a visão de Cornélio, que tinha sido avisado (22) — ou "instruído, orientado" — a mandar buscar Pedro. O apóstolo, **chamando-os para dentro, os recebeu em casa** (23), apesar de serem gentios. A visão de Pedro já estava produzindo resultados.

b. Pedro em Cesaréia (10.23b-29). No dia seguinte, o apóstolo partiu com os mensageiros de Cornélio. Felizmente para Pedro, foram com ele alguns irmãos de Jope. Quando fosse em breve desafiado por alguns da igreja de Jerusalém, ele precisaria do testemunho destes homens para explicar exatamente o que aconteceu na casa de Cornélio. Deste modo, a presença deles era providencial.

No dia imediato (24) — o quarto dia desde que Cornélio teve a sua visão (ver os comentários sobre o v. 9) — o pequeno grupo chegou a Cesaréia. Além do soldado e dois criados de Cornélio, ali estavam Pedro e "seis irmãos" (cf. 11.12) que o acompanharam. É muito improvável que um grupo de dez homens tivesse ido a cavalo. Evidentemente, eles tinham ido a pé, como era o hábito naquela época. Assim, a viagem de 48 quilômetros lhes teria tomado pelo menos um dia e meio.

Quando chegaram ao seu destino, eles descobriram que Cornélio os esperava. A palavra em grego sugere que "ele continuava esperando ansiosamente por eles". Sem dúvida, ele imaginara que os seus criados passariam a noite em Jope, e assim estariam chegando a Cesaréia logo depois do meio-dia do quarto dia.

Além disso, ele tinha convidado os seus parentes e amigos mais íntimos. O fato de que Cornélio tivesse parentes em Cesaréia implica que ele vivera ali por um longo período, o que também se conclui da afirmação de que ele tinha "bom testemunho de toda a nação dos judeus" (22). O adjetivo **íntimos** significa literalmente "necessário". Somente aqui (no NT) significa "familiar". A idéia parece ser a de que os amigos que são tão íntimos e queridos de alguém são necessários. Cornélio obviamente era um homem que tinha um grande coração.

Quando Pedro entrou, **saiu Cornélio a recebê-lo e, prostrando-se a seus pés, o adorou** (25). Lumby comenta: "Este ato de respeito do oficial romano demonstra fortemente o seu sentimento de que Pedro era um mensageiro de Deus. Tais atos não eram usuais entre os soldados romanos".[68] Embora fosse comum no oriente que os homens se prostrassem aos pés dos seus superiores, "a idéia da prostração era estranha à mente ocidental, e esse costume não foi introduzido na corte imperial até o reinado de Diocleciano".[69] Alexander diz: "Tendo sido ordenado por um anjo a mandar buscar o apóstolo, com uma promessa de comunicação divina com ele, não é de surpreender que Cornélio tivesse imaginado que ele fosse mais do que um simples homem".[70]

Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem (26). Isto indica que Cornélio tentava dedicar-lhe adoração religiosa, ao que Pedro protestou. Da mesma maneira, um anjo recusou a adoração de João (Ap 19.10).

Enquanto conversavam, os dois homens entraram na casa. Pedro deve ter ficado surpreso ao ver os **muitos que ali se haviam reunido** para ouvi-lo (27). Ele os lembrou do fato de que não era lícito para um judeu associar-se com estrangeiros (28). Com um fino toque de cortesia, Pedro usou uma palavra rara, que significa literalmente "outra tribo" (somente aqui no NT). Graciosamente, ele evitou o termo ofensivo *ethnoi*, que usualmente transmite a idéia de "pagão".

Pedro tinha sido obrigado a deixar de lado essa proibição judaica, pois, como disse, **Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo** (cf. 15). Para nós, é impossível perceber a tremenda mudança que isto envolvia no pensamento de um judeu devoto daquela época. Toda a sua educação religiosa tinha ensinado que os israelitas eram o povo escolhido de Deus e que o restante da humanidade era impuro e excluído da aliança divina.

Devido à visão no terraço em Jope, Pedro tinha vindo até estes gentios **sem contradizer** (29). Esta é uma única palavra em grego (somente aqui no NT), e significa literalmente "não se pronunciar contra", e assim "sem nem mesmo levantar qualquer objeção" (NASB). Pedro então perguntou por que razão tinham mandado chamá-lo.

3. *Verificação* (10.30-48)

A última parte deste capítulo conta a história da verificação das visões que tiveram Pedro em Jope e Cornélio em Cesaréia. Por meio do derramamento do Espírito na casa de Cornélio, Deus provou a quem pudesse interessar que os gentios, assim como os judeus, podiam ser os destinatários da sua graça.

a. Apresentação por Cornélio (10.30-33). Pedro foi apresentado à audiência por Cornélio, que relatou a sua visão como uma causa para a reunião. Ele disse: **Há quatro dias estava eu em jejum até esta hora, orando em minha casa à hora nona. E eis que diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandecentes** (30-31). A palavra **jejum** não consta do melhor texto grego. Provavelmente, a melhor tradução para a primeira parte seja: "Faz, hoje, quatro dias que, por volta desta hora, estava eu observando em minha casa a hora nona de oração..." Isto parece indicar que Pedro e os seus companheiros chegaram à casa de Cornélio por volta das três horas da tarde, do quarto dia depois da visão.[71]

O relato de Cornélio de que um varão lhe apareceu não entra em conflito com a outra afirmação de que era "um anjo de Deus" (3). Era um anjo sob forma de homem, como também tinha acontecido no sepulcro vazio (Mt 28.5; Mc 16.5).

Os versículos 31 e 32 são um eco dos versículos 4 a 6; Cornélio continuou expressando a sua gratidão pela vinda de Pedro e assegurou-lhe: estavam todos esperando **para ouvir tudo quanto por Deus te é mandado** (33). Pedro tinha um público receptivo, pronto e desejoso para caminhar na luz. Este é o segredo dos resultados que tiveram lugar nesta reunião histórica na casa de Cornélio.

b. A Pregação de Pedro (10.34-43). Tendo em vista a sua própria visão, assim como a que foi dada a Cornélio, Pedro foi forçado a concluir: **Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo** (34-35). Cornélio era tão aceito perante Deus quanto qualquer descendente físico de Abraão.

Depois da sua apresentação, Pedro fez um breve resumo do ministério de Jesus (36-41). Foi quase um epítome do Evangelho de Marcos, o que a Igreja Primitiva considerava conter na pregação de Pedro.[72]

O apóstolo começou fazendo referência à Palavra (*logos*) que chegou à nação de Israel por meio da pregação de Jesus (36). Era uma mensagem de paz, mas foi rejeitada. Pedro aproveita para enfatizar a divindade de Jesus: **este é o Senhor de todos**.

Ele diz que os seus ouvintes conhecem esta palavra (*rhema*) (37). Uma vez que *rhema* às vezes é traduzida como "coisa" (5.32; Lc 2.15), a frase aqui pode ser traduzida como "aquilo que aconteceu".[73] Cornélio e seus amigos, como a maioria do povo daquele país, sabiam do ministério de Jesus.

Aquele ministério cobriu toda a Judéia — toda a Palestina. Assim, a Judéia assume o sentido mais amplo, como o país dos judeus. **Começando pela Galiléia...** — literalmente "tendo começado pela Galiléia", que assim está incluída na Judéia. O batismo que João pregou seria o batismo do arrependimento. É com o ministério de João Batista que começa o Evangelho de Marcos.

Foi no batismo de Jesus por João (cf. Lc 4.1, 14) que **Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo** (38). Isto resume uma grande parte do Evangelho de Marcos.

Pedro afirma: **Nós** — ele e os seis companheiros de Jope — **somos testemunhas de todas as coisas que fez, tanto na terra da Judéia** [como o v. 37; algumas versões apresentam "dos judeus"] **como em Jerusalém** (39), na parte final do seu ministério. Foi ali que Ele foi pendurado num madeiro (crucificado). No terceiro dia Deus o ressuscitou e **fez que se manifestasse** (40) — tradução literal. Mas isto foi **não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos** (41). Esta afirmação está perfeitamente de acordo com o que é encontrado nos Evangelhos.

O Cristo ressurrecto mandou que os discípulos fossem pregar ao povo (Mt 28.19) e testificar que Jesus Cristo é o que por Deus **foi constituído juiz dos vivos e dos mortos** (42).

A observação final da mensagem de Pedro foi expressamente evangelizadora: **A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome** (43). No texto grego, a frase **todos os que nele crêem** é colocada no final, como uma ênfase. Este Evangelho de perdão dos pecados por meio da fé em Jesus Cisto é para todos aqueles que crerem, tanto judeus quanto gentios.

c. O Derramamento do Espírito (10.44-48). Enquanto Pedro ainda pregava, o Espírito Santo caiu sobre os que estavam ouvindo a Palavra (44). **Dizendo estas palavras** provavelmente deve ser traduzido como "estava falando estas coisas" (*rhemata*).

No Concílio em Jerusalém, Pedro comparou este "Pentecostes dos gentios" ao Pentecostes original do capítulo do livro de Atos. Ele disse: "E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé" (15.8-9). Da mesma forma como Deus tinha purificado os corações dos 120 no cenáculo, quando eles foram cheios do Espírito (2.4), Ele também purificou os corações de Cornélio e seus amigos, quando o Espírito Santo caiu sobre eles. Teólogos da Santidade interpretam esta experiência como sendo a santificação completa.

Os judeus cristãos que tinham acompanhado Pedro a Cesaréia **maravilharam-se** — 'ficaram fora de si com assombro" — **de que o dom do Espírito Santo** — genitivo de aposição, o dom que era o próprio Espírito Santo — **se derramasse também sobre os gentios** (45). Eles **os ouviam falar em línguas** (46), como tinham ouvido os 120 no Dia de Pentecostes.[74]

Apesar dos seus preconceitos judaicos, Pedro sentiu que Deus tinha aceitado plenamente estes gentios no Reino. Então, ele propôs que o batismo cristão lhes fosse ministrado (47). Cornélio e seus amigos foram batizados **em nome do Senhor** (48), *i.e.*, em nome de Jesus. Esta fórmula era aparentemente usada na Igreja Primitiva, assim como a forma da trindade (Mt 28.19). A ênfase principal aqui está no fato de que era um batismo cristão.

4. *Justificativa* (11.1-18)

O capítulo 10 apresenta a história da visita de Pedro à casa de Cornélio e o derramamento do Espírito de Deus sobre o grupo ali reunido. O capítulo 11 apresenta a justificativa de Pedro para a sua entrada na casa de um gentio, e a sua associação com os "pagãos".

a. Pedro É Criticado (11.1-3). Os rumores do que havia acontecido em Cesaréia chegaram até os apóstolos e **os irmãos que estavam na Judéia** (1). Eles ouviram as espantosas notícias de que também os gentios tinham recebido a Palavra de Deus.

Quando Pedro regressou a Jerusalém, os que eram da circuncisão (2) — os judeus cristãos que enfatizavam a constante observação à Lei — **disputavam com ele**. A sua queixa era: **Entraste em casa de varões incircuncisos e comeste com eles** (3). Para os judeus conservadores, os homens incircuncisos eram impuros, e o contato com eles poderia corromper uma pessoa. Mas a transgressão mais grave que Pedro havia cometido foi comer com eles. Isto era uma coisa que nenhum filho sério de Abraão poderia fazer.

b. A Explicação de Pedro (11.4-18). Se um homem sabe que tem razão, a sua melhor defesa é uma explicação direta do que fez, e do porquê. Este foi o método seguido por Pedro. Ele começou a fazer-lhes **uma exposição por ordem** (4). Ele contou toda a história aos seus críticos. O fato de que aquilo que tinha acontecido é repetido aqui mostra a grande importância ligada a este evento significativo. Iniciara-se uma nova época — a da evangelização dos gentios.

A narrativa dos versículos 5 a 10 é quase idêntica à de 10.9*b*-16, exceto pelo fato de que o relato de Pedro, aqui, narrado na primeira pessoa, é bem mais vívido. Por exemplo, ele diz sobre o vaso: **descia do céu e vinha até junto de mim** (5). Este é o tipo de toque adicional que poderíamos esperar que ele nos desse.

Pedro contou o fato de que havia **três varões** (11) de Cesaréia que vieram à casa onde estava (cf; 10.7,17), e como o Espírito lhe disse que fosse com eles, **nada duvidando** (12). Foi o Espírito Santo que lhe disse que fosse com aqueles homens até à casa de Cornélio, de modo que ele não teve escolha. Se o povo quisesse criticá-lo por ter ido, teria que discutir com o Espírito sobre o assunto.

Nada duvidando é a mesma coisa que "não duvidando" (10.20), mas o texto grego aqui apresenta a forma ativa do verbo; em 10.20, é a meia-passiva. A diferença foi bem explicada pela adoção de "sem hesitação" em 10.20 e "sem fazer diferença" aqui (RSV). Como uma razão para esta modificação, Lumby sugere: "A visão não tinha lhe dado nenhuma idéia de que haveria uma viagem; agora [10.20] Pedro é informado dela, e assim também, quando chega ao final da viagem, o 'não hesitar' significa 'não fazer distinção entre os judeus e os outros homens'. Desse modo, a visão tornou-se compreensível, pouco a pouco, e a perplexidade foi removida".[75]

Não somente o Espírito lhe ordenou que fosse, mas também **seis irmãos foram** com ele (12). Em 10.23, não sabemos quantos, mas somente que "alguns irmãos" acompanharam Pedro. Pedro teria pensado que os judeus cristãos tradicionais de Jerusalém poderiam criticá-lo? Se isto aconteceu, ele teve muitas testemunhas para corroborar a história que estava contando. Talvez os seis homens tenham acrescentado o seu entusiasmado testemunho a respeito do maravilhoso derramamento do Espírito na casa de Cornélio.

Pedro fez um adendo significativo ao relato de Cornélio a respeito da sua visão (cf. 10.32). Ele mencionou que o centurião havia dito que o anjo lhe ordenara que mandasse buscar a Pedro, **o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa** (14). Adam Clarke interpreta isto como querendo dizer: "Ele anunciará a você toda a doutrina da salvação".[76] O fato de que Pedro interpretou a sua missão como sendo a de dizer a Cornélio como ser salvo está evidente pelo seu discurso na casa do centurião (10.34-43). Ele apresentou os fundamentos elementares da experiência cristã pregando a crucificação, a ressurreição e o julgamento. As suas palavras finais foram: "A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome" (10.43). O que Pedro estava pregando era o perdão através da fé em Jesus Cristo. Obviamente, ele entendia que era disto que Cornélio e seus amigos precisavam.

Como podemos explicar, então, a afirmação: **E, quando comecei a falar, caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princípio** (15)? Isto é, as pessoas na casa de Cornélio tiveram a mesma experiência que os 120 discípulos no Dia de Pentecostes. Este pode ter sido o primeiro sermão de salvação que abriu os corações para o dom do Espírito Santo, mas certamente não foi o último. Talvez a explicação que está mais de acordo com as Escrituras seja: enquanto Pedro estava apenas começando o seu sermão (**quando comecei a falar**) os seus ouvintes creram, nos seus corações, em Jesus Cristo, e sentiram a conversão evangélica — como aconteceu com John Wesley quando estava em uma reunião em Aldersgate Street, na noite de 24 de maio de 1738. Então, como seus corações estavam completamente abertos para toda a vontade de Deus, aqueles ouvintes que tinham caminhado devotamente à luz do judaísmo (10.2) e agora aceitavam a Cristo foram subitamente cheios do Espírito Santo. Esta reconstrução do que aconteceu não ignora nem suprime quaisquer afirmações do relato bíblico.

Pedro prosseguiu contando aos seus críticos em Jerusalém: **E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo** (16). Esta é uma citação de 1.5. Nos Evangelhos, é João Batista que é mencionado como tendo dito estas palavras, mas o livro de Atos indica que Jesus as repetiu.

Pedro concluiu a sua defesa fazendo uma pergunta que definitivamente silenciou os seus críticos. Ele disse: **Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era, então, eu, para que pudesse resistir a Deus?** (17) Para isto, não havia uma resposta possível. Quando os judeus cristãos ouviram a conclusão de Pedro, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: **Na verdade, até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida** (18). Para eles, este era um fato surpreendente, que eles foram obrigados a aceitar. Algumas das implicações da salvação dos gentios seriam discutidas mais tarde, no Concílio de Jerusalém (cap. 15), mas uma vitória importante foi conseguida aqui.

5. *Viagens de Evangelização* (11.19-30)

Esta seção fala de dois movimentos da Igreja Primitiva ao longo do mar Mediterrâneo. O primeiro foi rumo ao norte, a partir de Jerusalém para Antioquia, na Síria. O Evangelho foi pregado livremente naquela cidade distante. O segundo foi rumo ao sul, de Antioquia a Jerusalém (ver o mapa 3). O primeiro levou as bênçãos espirituais da

salvação àqueles que estavam no Norte. O segundo trouxe bênçãos materiais dos novos convertidos para os irmãos necessitados em Jerusalém. Como se faz menção de Chipre (uma ilha), é bem provável que eles tenham viajado por barco.

a. Rumo ao Norte (11.19-26). As palavras iniciais deste parágrafo — **E os que foram dispersos** (19) — são exatamente as mesmas em grego, na frase inicial de 8.4. Outro ramo da diáspora cristã aqui é tomado e contado. Esta dispersão teve início com a perseguição que sucedeu por causa de Estêvão (cf. 8.1).

Os cristãos dispersos viajaram para o norte até a **Fenícia** (as cidades de Tiro e Sidom), o Líbano moderno, na costa norte da Palestina (ver o mapa 3), **Chipre** — a maior ilha da extremidade leste do mar Mediterrâneo — e **Antioquia**. Esta cidade, fundada em 300 a.C., tinha se tornado a terceira maior cidade do Império Romano, superada apenas por Roma e Alexandria.[77] Diz-se que as suas muralhas encerravam uma área maior do que as de Roma. A oito quilômetros da cidade, ficava o bosque de Dafne, um importante centro de adoração a Apolo e Ártemis [ou Artemisa]. Como um resultado parcial disto, Antioquia era famosa pela sua imoralidade. Ainda assim, muitos judeus e prosélitos ali viviam.[78] Eles foram evangelizados em primeiro lugar, pois foi dito que os primeiros missionários não estavam anunciando a ninguém a Palavra senão somente aos judeus. Isto provavelmente aconteceu antes da experiência de Pedro em Cesaréia.

Felizmente, havia alguns homens de Chipre e Cirene (Norte da África) que eram um pouco mais esclarecidos. Quando eles chegaram a Antioquia, pregaram o Senhor Jesus aos gregos (20). Embora os antigos manuscritos gregos façam uma diferença entre *Hellenas* ("gregos") e *Hellenistas* (helênicos"), o contexto deixa claro que esta nova pregação se dirigia aos gentios. Os evangelizadores — **anunciando** é a palavra *euangelizomenoi* — estavam proclamando as Boas Novas sobre o Senhor Jesus, ou proclamando que Jesus é o Senhor.

Como estavam obedecendo às ordens de Cristo (Mt 28.19), eles viram o cumprimento da sua promessa (1.8) — **a mão do Senhor era com eles** (21), *i.e.*, o seu poder se manifestava no seu ministério. O resultado foi que grande número creu e se converteu ao Senhor. Antioquia em pouco tempo tornou-se o principal centro do cristianismo.

A fama do que estava acontecendo em Antioquia chegou aos ouvidos **da igreja que estava em Jerusalém** (22). Preocupados quanto a esta evangelização dos gentios estar de acordo com a ordem divina, os líderes enviaram Barnabé até Antioquia. Isto pode implicar que ele verificaria o trabalho na Fenícia (19) no seu caminho para o Norte.

A igreja de Jerusalém não poderia ter escolhido alguém melhor do que Barnabé para esta missão. Ele era um verdadeiro "filho da consolação" (4.36), onde quer que fosse. Um cristão judeu legalista e preconceituoso certamente teria impedido o maravilhoso movimento do Espírito de Deus em Antioquia. Mas Barnabé o encorajou: **o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, se alegrou e exortou a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor** (23). O generoso Barnabé estava tão integralmente consagrado ao seu Senhor que se alegrava por ver qualquer pessoa — até mesmo um gentio — aceitando a Cristo. Ao invés de criticar o novo movimento, ele lhe deu a sua aprovação e a sua bênção. Ele se alegrou por ver a graça de Deus em operação nesta cidade tão necessitada. O próprio Barnabé era um judeu natural de Chipre (4.36), o que fazia com que ele se harmonizasse perfeitamente com os evangelizadores de

Chipre e Cirene. Ele exortou os novos convertidos, cumprindo assim o significado do seu nome: "filho da exortação" (ver os comentários sobre 4.36).

A descrição de Barnabé é quase tão nobre quanto poderia ser a de qualquer homem: **Porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé** (24). As três coisas aqui afirmadas a respeito de Barnabé formaram os pontos principais de muitos sermões fúnebres. O pastor consagrado sempre fica feliz quando pode dizer essas coisas sobre um membro falecido de sua igreja. O resultado do caráter e do ministério deste bom homem de Deus cheio do Espírito Santo e inspirado pela fé foi que muita gente se uniu ao Senhor. Mas Barnabé precisava de ajuda. A tarefa em Antioquia era excessivamente grande para ele. Esta metrópole cosmopolita de língua grega exigia os serviços tanto de um gigante intelectual quanto de um exortador cheio do Espírito. Assim, Barnabé foi até Tarso, cerca de 200 quilômetros a noroeste de Antioquia para **buscar Saulo** (25). Feliz é o homem que percebe as suas limitações, e que está disposto a trazer um ajudante à altura da situação. O desprendido Barnabé desejava somente o que era melhor para o Reino. Assim, ele foi buscar Saulo, o brilhante e altamente educado jovem rabino judeu que havia se convertido alguns anos antes. Saulo teve um bom início no seu ministério, e depois tinha sido enviado para casa pela igreja de Jerusalém (9.30), quando passou a correr um risco de vida.

Achando-o, o conduziu para Antioquia (25). As palavras "buscar" e **achando** sugerem que Barnabé teve de procurar por algum tempo antes de encontrar Saulo. É provável que Saulo estivesse ocupado evangelizando a sua província da Síria e Cilícia, como ele mesmo indica (Gl 1.21). Durante todo um ano, Barnabé e Saulo se reuniram naquela igreja e ensinaram muita gente. Deve ter sido um ano de ministério muito frutífero para ambos — o generoso Barnabé exortando e encorajando o povo, e o perspicaz Saulo expondo as Escrituras e exaltando a Cristo. Eles formavam uma equipe maravilhosa.

Uma afirmação muito interessante aparece no final deste versículo: **Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos**. Até agora, eles tinham sido designados como "fiéis", "irmãos", "santos", "do Caminho", e, como aqui, "discípulos". Mas como os judeus usavam normalmente as designações "irmãos" e "discípulos", era necessário atribuir um nome mais peculiar que inquestionavelmente indicasse os discípulos de Cristo.

A palavra "cristão" aparece somente duas outras vezes no Novo Testamento. Agripa disse a Paulo: "Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão" (26.28). E Pedro escreveu: "se padece como cristão [sendo perseguido pelo mundo por ter esse nome], não se envergonhe" (1 Pe 4.16). A história da atribuição do nome, tomada em conjunto com este fato, sugere que **cristãos** não foi uma designação escolhida por eles mesmos, mas que lhes foi atribuída por aqueles que estavam fora da igreja. Além disso, é muito improvável que os judeus chamassem os crentes por este nome. Gloag observa: "Não se deve supor que eles dariam esse nome sagrado *Christos* àqueles que eles consideravam hereges e apóstatas".[79] Os judeus os chamavam de "nazarenos" (24.5), uma expressão de desprezo.

Parece claro que a designação **cristãos** foi dada aos discípulos pelos gentios de Antioquia, como Meyer afirma.[80] Sempre se supôs que este termo era usado como uma zombaria. Mas Meyer insiste: "Não há nada que apóie a opinião de que a palavra foi, a princípio, *um título ridículo*".[81] Ao contrário, como os gregos e os romanos normalmente designavam partidos políticos pelos nomes dos fundadores, assim também eles se referi-

am a este grupo como **cristãos**. Lake e Cadbury observam acertadamente que a palavra "implica que *Christos* já tinha sido adotado pela população gentia como um nome próprio — um hábito ao qual os cristãos surpreendentemente logo se submeteram, como é demonstrado pelo uso da palavra por Paulo".[82] Originalmente, "Cristo" — lit., "o Cristo" — significava "o Messias". Foi um título adicionado ao nome Jesus, "Jesus, o Cristo", quando pregava aos judeus. Mas os gentios naturalmente o adotaram como um nome próprio.

O fato de que o povo de Antioquia julgou necessário dar um nome ao novo movimento na cidade mostra como este movimento tinha crescido. Ele precisava ser reconhecido e designado. Gloag escreve: "Enquanto o cristianismo estava confinado aos judeus e aos prosélitos, os cristãos não eram distinguidos deles, e eram considerados pelos gentios como uma seita judaica; mas agora o fato de que inúmeros gentios eram recebidos sem circuncisão dentro da igreja era uma prova de que o cristianismo era diferente do judaísmo, e assim os discípulos não mais seriam encarados como os saduceus, fariseus, essênios e outras seitas judaicas".[83]

A história da evangelização de Antioquia ilustra "Quando o Evangelho tem sucesso": 1. Quando é pregado a gente nova (19); 2. Quando é pregado a todas as classes e raças (20-21); 3. Quando é pregado por homens cheios do Espírito (22-26).

b. Rumo ao Sul (11.27-30). Sem dúvida, as notícias do que estava acontecendo em Antioquia continuavam a se espalhar (cf. 22). Como resultado, vieram **profetas de Jerusalém para Antioquia** (27). Entre eles, estava **Ágabo** (28), que é mencionado novamente em 21.10. No Novo Testamento, o termo **profetas** pode significar basicamente "pregadores". Mas de vez em quando, algum deles fazia alguma predição. Assim, Ágabo dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome em todo o mundo, o que aconteceu no tempo de Cláudio César, que reinou entre 41 e 54 d.C. Lake e Cadbury observam: "A evidência de Suetônio (*Claudius* xix.) e Tácito (*Ann.* xii. 43) mostra que a escassez difundida foi uma característica do reinado de Cláudio".[84] Josefo nos fala de uma fome na Palestina entre 44 a 48 d.C.,[85] a qual provavelmente é a mesma mencionada aqui.

Os discípulos (29) em Antioquia **determinaram mandar** — lit., "conseguiram enviar para um ministério" (*diakonia*) — **cada um conforme o que pudesse, socorro aos irmãos que habitavam na Judéia**. Assim, eles recompensaram com bens materiais muito necessários os seus irmãos judeus que lhes tinham enviado as bênçãos espirituais do Evangelho.

O alívio foi enviado **por mão de Barnabé e de Saulo** (30). Esta foi uma sábia atitude que uniu mais intimamente a igreja gentílica em Antioquia à igreja judaica em Jerusalém.

F. TESTEMUNHAS PERSEGUIDAS, 12.1-25

1. *Pedro É Aprisionado* (12.1-5)

Sem dúvida, Pedro é o personagem central dos primeiros doze capítulos do livro de Atos, assim como Paulo o é nos capítulos 13 a 28. Foi Pedro quem realizou a escolha do décimo segundo apóstolo para ocupar o lugar de Judas Iscariotes (cap. 1); pregou no Dia

de Pentecostes, quando três mil pessoas se converteram (cap. 2); curou o coxo e fez outro sermão (cap. 3); dirigiu-se ao Sinédrio (cap. 4); desmascarou Ananias e Safira, e agiu como um advogado de defesa perante o Sinédrio (cap. 5). Então, Estêvão tornou-se o personagem central (caps. 6,7), seguido por Filipe (cap. 8). Depois da conversão de Saulo, Pedro novamente vem para o primeiro plano, desta vez em Lida e Jope (cap. 9). A seguir, vem a história da pregação de Pedro aos gentios na casa de Cornélio (cap. 10) e a sua justificativa daquela ação (cap. 11). Finalmente, temos o relato da prisão e da libertação de Pedro (cap. 12). Durante os primeiros quinze anos da história da Igreja (30 a 45 d.C.), Pedro foi a figura dominante. Durante os vinte anos seguintes (45-65 d.C.), Paulo foi o grande líder da evangelização no Império Romano.

A perseguição à Igreja teve início quase que imediatamente depois de Pentecostes. Pedro tinha curado um homem coxo junto à Porta Formosa do Templo, e uma grande multidão tinha testemunhado os resultados. Quando aquele que tinha operado o milagre aproveitou a multidão reunida para pregar a respeito de Jesus, os sacerdotes do Templo o levaram preso (cap. 4). Libertado, em breve ele foi aprisionado novamente, com outros apóstolos (cap. 5). Estêvão foi a próxima vítima, só que desta vez houve uma morte (cap. 7). Este martírio deu início a uma onda violenta de perseguições aos crentes de Jerusalém (cap. 8). Saulo tentou levar a sua perseguição à igreja que estava em outros lugares, mas ele mesmo se tornou um prisioneiro do Senhor na estrada para Damasco. Agora, Herodes começa o trabalho sangrento de liquidar os líderes da igreja (cap. 12).

Ele é chamado **o rei Herodes** (1). Este era Herodes Agripa I. Ele só é mencionado (no NT) neste capítulo. Era neto de Herodes, o Grande, e sobrinho de Herodes Antipas, aquele que matou João Batista.

Com a morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C., seu filho Antipas tornou-se tetrarca da Galiléia e Peréia, governando até 39 d.C. Outro filho, Arquelau, tornou-se etnarca da Judéia (incluindo Samaria e Iduméia), mas foi chamado de volta a Roma em 6 d.C. e deposto. Durante um período de 35 anos, a Judéia foi governada por sete diferentes procuradores (governadores romanos), dos quais o mais conhecido foi Pôncio Pilatos (26-36 d.C.).

Finalmente, por apenas três anos (41-44 d.C.), toda a Palestina foi governada por Herodes Agripa I; o país assim estava unido pela primeira vez desde a morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C. Agripa estava decidido a permanecer nas boas graças dos seus súditos judeus — um fato que levou à perseguição dos cristãos. Sobre ele, Josefo diz: "Ele adorava viver permanentemente em Jerusalém, e era cuidadoso na observância das leis do seu país. Portanto, ele se conservava puro e nenhum dia se passava sem que oferecesse os seus sacrifícios".[86]

A expressão **Por aquele mesmo tempo** (1) refere-se aos últimos acontecimentos descritos no capítulo 11. Herodes Agripa empenhou-se para maltratar — lit., "afligir"[87] — alguns membros da igreja. A primeira coisa que ele fez foi executar **Tiago, irmão de João** (2). Estes dois filhos de Zebedeu tinham pedido os lugares de maior honra, ao lado de Jesus. A resposta do Messias foi: "Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu hei de beber e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?... Na verdade bebereis o meu cálice [sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado]" (Mt 20.22-23). Agora esta profecia, no que diz respeito a Tiago, estava cumprida. Os sofrimentos de João provavelmente se estenderam por um período de alguns anos. Não há

suporte histórico suficiente para a lenda de que João tenha sido martirizado ao mesmo tempo que Tiago. Alexander comenta: "É notável que, até onde sabemos, um desses inseparáveis irmãos tenha sido o primeiro dos apóstolos a morrer, e o outro, o último".[88]

Embora nada tenha sido dito no livro de Atos sobre qualquer atividade de Tiago, o fato de que ele foi o primeiro dos doze apóstolos a ser martirizado sugere que ele era reconhecido como um destacado líder da igreja. Homens neutros e passivos não são perseguidos. Sem dúvida, o fato de Jesus ter escolhido este homem como um membro de seu círculo mais íntimo, composto por três discípulos — que participaram com o Mestre dos episódios da ressurreição da filha de Jairo, do monte da transfiguração e do jardim do Getsêmani — fizeram com que ele fosse considerado em alta estima pelos primeiros crentes em Jerusalém.

Quando Herodes Agripa viu que a execução de Tiago agradara aos judeus, continuou, **mandando prender também a Pedro** (3). Ele pode ter sabido do papel predominante que este apóstolo desempenhou nos anos anteriores do novo movimento. Executá-lo seria desfechar um forte golpe contra a Igreja de Jesus Cristo.

Assim, **havendo-o prendido, o encerrou na prisão, entregando-o a quatro quaternos de soldados** (4) — dezesseis homens. Os romanos dividiam a noite em quatro turnos de vigília de três horas cada. Para cada um desses turnos, um grupo de quatro homens encarregava-se do prisioneiro. A mesma coisa acontecia durante o dia. A freqüente troca da guarda tinha a finalidade de garantir que ninguém dormisse em serviço.

O rei planejava tirar Pedro da prisão para executá-lo publicamente depois da Páscoa. Esta tradução é um estranho anacronismo. A expressão grega é *to pascha*. Alexander observa: "Não existe uma razão por que não pudesse ser traduzida, aqui, como em todas as outras passagens onde aparece, como o seu equivalente exato, *Páscoa* (significando a Páscoa dos judeus)".[89]

Uma vez que, no seu sentido restrito, os sete dias da Festa dos Pães Asmos seguiam o dia da Páscoa (Êx 12.3-19), alguns criticaram o relato por dizer: **E eram os dias dos asmos** (3) e mais tarde afirmar que Herodes planejava apresentar Pedro para a execução pública "depois da Páscoa" (4). A solução simples para o problema está no fato de que as duas expressões — "pães asmos" e "páscoa" — eram aplicadas livremente a todo o período de oito dias. O fato de ambas serem usadas alternadamente nesta época é plenamente confirmado por Josefo.[90] Lucas identifica as duas no seu Evangelho (Lc 22.1) e é completamente razoável supor que ele também o faça aqui. Assim, a passagem significaria que, durante o período geral dos pães asmos, Herodes prendeu Pedro e encerrou-o na prisão, com a intenção de apresentá-lo justamente no final da festa, quando a grande multidão da Páscoa aclamaria Herodes pelo seu zelo pela Lei, ao executar um líder "herege".

Assim Pedro... era guardado na prisão (5); **mas a igreja fazia contínua** — uma única palavra que significa "fervorosa" (ASV) — **oração por ele** a Deus.

2. *Pedro É Libertado* (12.6-11)

Finalmente, no dia seguinte, Herodes ia fazê-lo comparecer (6) — lit., "apresentar diante". Mas nesta mesma noite — exatamente na "última hora" — Deus interveio em resposta às orações.

Estava Pedro dormindo entre dois soldados, ligado com duas cadeias, e os guardas diante da porta guardavam a prisão. Isto indica como ficavam posicionados os quatro

soldados de cada "quaterno" (4). Dois deles ficavam acorrentados ao prisioneiro, um de cada lado. Os outros dois ficavam no posto de sentinelas. Lake e Cadbury comentam: "O costume de atar um prisioneiro a um soldado é mencionado por Sêneca".[91] Pedro tinha escapado da prisão uma vez, quando os principais dos sacerdotes o aprisionaram (5.19) e Herodes Agripa não queria correr o mesmo risco desta vez.

De repente, algo mudou a situação. **Eis que sobreveio o anjo** — ou "um anjo" — **do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão** (7). O anjo tocou o lado de Pedro e lhe disse que se levantasse depressa. Quando ele o fez, caíram-lhe das mãos as cadeias.

Como a palavra grega *angelos* significa "mensageiro", alguns argumentaram que foi um mensageiro humano que libertou Pedro. Mas todo o teor da narrativa é contrário a esta interpretação. A expressão **anjo do Senhor** é exatamente a mesma de Lucas 2.9, onde o significado é claramente o de um visitante celestial (cf. 5.19; 8.26). Além disso, a afirmação de que uma luz resplandeceu na prisão tem correspondência em Lucas 2.9 — "Um anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor". Em terceiro lugar, um mensageiro humano não poderia tê-lo libertado das correntes que o prendiam a um guarda de cada lado.

Pedro recebeu a ordem de vestir-se imediatamente e atar as suas sandálias (8). Deus não faz por nós o que podemos fazer por nós mesmos. Em seguida, o anjo disse ao prisioneiro libertado para colocar nas costas a sua capa (manto exterior) e segui-lo. Pedro obedeceu, ainda confuso. Ele pensou que estivesse tendo uma **visão** (9). Não parecia ser possível que isto pudesse ser verdade.

Eles **passaram a primeira e a segunda guarda** (10) — provavelmente as duas sentinelas que estavam de vigia, além dos dois a quem Pedro estava acorrentado. Finalmente, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, ou seja, a porta externa da prisão. Ela **se lhes abriu por si mesma** — uma palavra em grego, *automate*; ou seja, automaticamente. A mesma palavra aparece (no NT) somente em Mc 4.28.

Percorreram uma rua sugere que a prisão estava situada dentro da cidade, e que eles seguiram por uma rua depois de uma intersecção. Neste ponto, já estariam a uma distância segura da prisão. Talvez Pedro estivesse preso na Torre de Antônia, ao norte da área do Templo (ver o mapa 2). Quando já estavam longe da prisão, o anjo se apartou deles. A sua maravilhosa intervenção já não era mais necessária. Pedro agora podia continuar sozinho. É fanatismo esperar que Deus faça por nós o que nós mesmos podemos fazer.

Pedro, tornando a si (11) significa, lit., "voltando a si". Ele tinha estado de alguma maneira fora de si, em êxtase. Agora, estava plenamente consciente do local onde estava. Ele reconheceu que foi o Senhor que, por meio do seu anjo, o tinha libertado da mão de Herodes e de tudo o que o povo dos judeus esperava. Os líderes judeus sem dúvida tinham suposto que a sua morte era certa.

3. *O Relato de Pedro* (12.12-17)

E, considerando ele nisso (12) é uma única palavra em grego, *synidon* (encontrada somente aqui e em 14.6), que significa "ver a visão completa... compreender, entender".[92] Aqui, ela indica o momento em que ele "tinha pensado sobre todas as circunstâncias e decidido qual seria a melhor coisa a fazer".[93] Tendo tomado a sua decisão, ele foi até a casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos. João era um nome judeu

comum; Marcos, um nome romano (cf. Marco Aurélio). Esta é a primeira das quatro vezes em que Marcos é mencionado pelo nome no livro de Atos; é provável que ele tenha sido o jovem que fugiu do jardim do Getsêmani (Mc 14.51-52).

Na casa da mãe de João Marcos, muitos estavam reunidos e oravam. A implicação é que o pai de Marcos já tivesse morrido, mas que a sua mãe possuía uma casa suficientemente grande para servir como lugar de reunião para uma congregação cristã em Jerusalém. Também é perfeitamente possível que o grande cenáculo desta casa (um amplo piso superior para convidados) tenha sido o local onde a última Ceia foi celebrada, e onde aconteceu o Pentecostes.

Batendo Pedro à porta do pátio (13) — a porta exterior que dava para a rua — **uma menina chamada Rode** — "Rosa" em grego" — **saiu a escutar**, *i.e.*, ela deveria perguntar quem era e ter certeza de que era um amigo antes de abrir a porta àquela hora da noite. Sem dúvida, os cristãos de Jerusalém tinham ficado cautelosos durante a época em que Saulo estava "entrando pelas casas" para prender os seguidores de Jesus (8.3). Agora que Herodes Agripa iniciara outro período de perseguição, eles deveriam ficar precavidos novamente.

Quando Pedro respondeu, Rode reconheceu a sua voz (14). Ela ficou tão contente que de alegria não abriu a porta, mas, correndo para dentro, anunciou que o próprio Pedro estava à porta. A reação dos discípulos que estavam orando foi: **Estás fora de ti** (15) — perdeste a razão. Quando ela insistiu que Pedro realmente estava ali, eles disseram: **É o seu anjo**. Lumby observa: "A crença judaica era a de que cada homem tinha um anjo da guarda que lhe era designado".[94] Alguns pensam que o próprio Senhor Jesus parecia refletir esta opinião (Mt 18.10). Gloag também afirma: "Esta noção, de que cada indivíduo tem o seu anjo da guarda, foi fortemente sustentada pelos primeiros patriarcas".[95] Ele prossegue, no entanto, afirmando que "a palavra do nosso Salvador pode ter sido interpretada como referindo-se aos anjos em geral, e não que um anjo da guarda em especial esteja ligado a cada indivíduo".[96]

Enquanto isso, Pedro perseverava em bater (16). Quando as pessoas que estavam no interior finalmente abriram a porta e viram que era realmente ele, se espantaram. Onde estava a sua fé? Certamente parece que elas não esperavam que o Senhor atendesse às suas orações. Mas os cristãos do século XXI algumas vezes ficam igualmente surpresos quando os seus pedidos são concedidos.

Pedro acenou com a mão àquelas pessoas que estavam tão animadas — e talvez perigosamente barulhentas — **para que se calassem** (17). Esta é uma única palavra no texto grego, *sigan*, que significa "fazer silêncio". O tempo era precioso. Pedro contou — lit., "expôs" o assunto — como o Senhor o libertara da prisão. Ele concluiu com esta frase: **Anunciai** — uma única palavra, "contar" — **isto a Tiago e aos irmãos**. Este Tiago não era o filho de Zebedeu, que tinha sido morto recentemente (2). Evidentemente, era aquele que Paulo identifica como "Tiago, o irmão do Senhor" (Gl 1.19). Este é o Tiago que agiu como moderador no Concílio de Jerusalém (15.13-21) e que era evidentemente considerado o principal pastor da igreja de Jerusalém (cf. 21.18). Esta passagem parece deixar esta posição implícita. Não fica claro se **irmãos** se refere aos líderes da igreja ou simplesmente a outros membros da igreja, não presentes na casa de Maria. Parece óbvio que tanto o "pastor como o povo" deveriam ser informados da libertação de Pedro.

Então Pedro, saindo, partiu para outro lugar. Não se sabe aonde ele foi. Quaisquer sugestões seriam uma completa especulação. Mas era completamente necessário que o prisioneiro libertado fosse se esconder. Tudo o que sabemos é que ele aparentemente deixou a cidade.

4. *Os Guardas da Prisão São Executados* (12.18-19)

Sendo já dia (trad. literal)**, houve não pouco alvoroço** — "agitação" ou "turbulência" — **entre os soldados sobre o que seria feito de Pedro** (18). Havia motivos para que estes guardas estivessem preocupados, como mostra o versículo seguinte.

Herodes procurou Pedro **e o não achou** (19). Conseqüentemente, fez **inquirição** — o verbo indica uma investigação judicial (cf. 4.9) — **aos guardas** — que o estavam vigiando — **e mandou-os justiçar**. Tudo isto é uma única palavra em grego, e significa literalmente "ser levado", ou seja, "ser encaminhado à execução". Lake e Cadbury escrevem: "De acordo com o Código de Justiniano, que sem dúvida representa os costumes romanos, um guarda que permitisse que um prisioneiro escapasse estaria sujeito à mesma penalidade que o prisioneiro teria cumprido".[97]

Então Herodes — talvez desgostoso e preocupado —, partindo da Judéia para Cesaréia, ficou ali. Esta cidade era a sede do governo romano na Palestina.

5. *O Perseguidor É Punido* (12.20-23)

Herodes **estava irritado** (20) — uma palavra forte e rara que significa "ter uma discussão acalorada"[98] — com o povo de **Tiro e Sidom**, as duas principais cidades da antiga Fenícia (o Líbano moderno, ver o mapa 1). Josefo nos conta como Herodes Agripa construiu belos edifícios em Berytus[99] ou Beirute (a atual capital do Líbano). Esta cidade fica poucos quilômetros ao norte de Tiro e Sidom. Pode ser que a supremacia comercial das duas cidades estivesse em perigo pelo favor que Herodes estava mostrando à nova cidade.

Tiro e Sidom vieram de comum acordo — em uma missão comum. Tendo assegurado a ajuda amistosa de Blasto, que era o camarista do rei — aquele que estava encarregado dos seus aposentos íntimos, e, conseqüentemente, muito íntimo de Herodes — pediam paz, *i.e.*, o fim das disputas. A razão para a sua preocupação era porque o seu país se abastecia do país do rei. Isto pode ter dois significados. O primeiro, que a Fenícia — um país estreito e montanhoso — era literalmente alimentada pelos grãos e pelas frutas da Galiléia. Em segundo lugar, Tiro e Sidom dependiam do comércio do território de Herodes para ajudar a manter a sua rota e navegação comercial em um elevado patamar. Por essa razão, se Beirute se tornasse uma cidade próspera, eles sofreriam.

Num dia designado (21) é identificado por Josefo como um dia indicado para uma festa em que seriam feitos os votos pela segurança do imperador romano, e no qual Herodes Agripa "exibia espetáculos em honra a César".[100] Ele vestia as vestes reais. Josefo é mais explícito, dizendo: "Ele vestiu um manto todo feito de prata, e de uma textura verdadeiramente deslumbrante, e chegou cedo ao teatro naquela manhã; quando a prata da sua roupa se iluminou pelo reflexo dos raios do sol, brilhou de uma maneira surpreendente, e era tão resplandecente que espalhava o horror àqueles que olhassem fixamente para ele".[101]

Assim vestido, Herodes Agripa estava assentado no tribunal e lhes dirigiu a palavra. Dominado pela sua aparência e pelas suas palavras, e ansioso por cair nas suas boas graças, o povo gritava: **Voz de Deus, e não de homem!** (22). Josefo confirma plenamente, dizendo: "E os seus aduladores gritavam... que ele era um deus, e acrescentavam 'seja misericordioso para conosco; pois embora o tenhamos reverenciado, até hoje, somente como um homem, de agora em diante o faremos como a alguém que é superior à natureza mortal".[102] Este historiador judeu da época acrescenta que o rei "nem os repreendeu nem rejeitou esta bajulação herege".[103]

Herodes tinha assassinado Tiago e pretendido matar Pedro. A retribuição divina para isto, e a aceitação da adoração blasfema decretaram a sua morte. **No mesmo instante, feriu-o o anjo do Senhor, porque não deu glória a Deus; e, comido de bichos, expirou** (23). Uma vez mais, Josefo está de acordo. Ele diz: "Uma dor aguda surgiu no seu ventre e começou de uma maneira muito violenta".[104] Adicionalmente, ele registra que Herodes continuou sofrendo dores durante cinco dias, até que finalmente morreu.[105]

6. *O Progresso da Pregação* (12.24-25)

Apesar de todos os esforços de Satanás para impedir o trabalho da Igreja, a Palavra de Deus **crescia e se multiplicava** (24). Este é o terceiro progresso deste tipo registrado no livro de Atos (cf. 6.7; 9.31). Apesar da oposição, o trabalho progredia.

Quando terminaram o seu ministério, Barnabé e Saulo **voltaram de Jerusalém** (25). Os dois manuscritos gregos mais antigos, Vaticano e Sinaítico, trazem a expressão "para Jerusalém", mas isto parece não fazer sentido. Os dois homens tinham ido a Jerusalém levando o alívio para a fome (11.29-30). Seria de esperar que eles agora estivessem retornando a Antioquia. Além disso, a casa de João Marcos estava em Jerusalém. Seria natural que ele acompanhasse os homens mais velhos a Antioquia. No início do capítulo seguinte, encontramos estes três homens em Antioquia. Assim, apesar das dificuldades textuais, parece melhor aceitar **de Jerusalém** como a leitura correta.[106] A expressão "*para* Jerusalém" pode ser um engano de algum escriba.[107]

Seção IV

TESTEMUNHANDO NO MUNDO GENTÍLICO

Atos 13.1—28.31

Jesus havia anunciado aos discípulos que eles iriam receber o poder do Espírito Santo e que seriam suas testemunhas (*a*) em Jerusalém, (*b*) em toda a Judéia e Samaria e (*c*) e nos confins da terra (1.8). Temos acompanhado o curso desta expansão desde Jerusalém (caps. 2—7) até toda a Judéia e Samaria (caps. 8—12). O restante do livro de Atos (caps. 13—28) descreve a propagação do Evangelho na extremidade oriental do mundo Mediterrâneo, e em direção ao ocidente até Roma, a capital do império. Pedro havia sido a figura principal dos doze primeiros capítulos deste livro, mas Paulo ocupa o lugar central no resto da história, naquilo que Harnack chamou de "missão e expansão do cristianismo".

A. Chipre, 13.1-12

1. *A Incumbência* (13.1-3).

Literalmente, o versículo 1 diz: "Na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores" (ASV; cf. NEB). No livro de Atos, a palavra **igreja** é usada quase exclusivamente para a congregação local, enquanto as epístolas — principalmente Efésios — se referem muitas vezes a toda a Igreja de Jesus Cristo. No entanto, em Atos ela conserva uma referência aos crentes de Jerusalém (5.11; 8.1,3; 11.22) exceto em duas ocasiões (7.38; 9.31).

A cidade de Antioquia na Síria era a terceira maior cidade do Império Romano (depois de Roma e Alexandria). Era o lugar onde os seguidores de Cristo receberam

pela primeira vez o nome de "cristãos" para diferenciá-los dos crentes judeus das Sinagogas. Portanto, esta seria a localização lógica a partir da qual seria lançada a grande missão voltada aos gentios. A mentalidade tacanha e fortemente judaica de muitos discípulos de Jerusalém (cf. 15.1; 21.17-25) iria se revelar como um grande empecilho para qualquer movimento de caráter mundial se Jerusalém fosse o seu quartel general. Portanto, Antioquia tornou-se a base principal da evangelização do mundo gentílico. Sua localização (ver o mapa 3), na extremidade norte da Síria, em frente à Ásia Menor e Europa, também era muito favorável. Do ponto de vista psicológico e também geográfico, esta cidade era providencialmente adequada para se tornar um registro do lançamento do ataque ao mundo pagão que estava além do judaísmo. O cristianismo havia deixado de ser uma seita do judaísmo para se transformar em uma religião que conquistaria o mundo.

Foi feita uma referência a **alguns profetas e doutores** da igreja de Antioquia. No Novo Testamento, o termo **profetas** parece ter sido usado principalmente para os "pregadores". A palavra grega *prophetes* (de *prophemi,* "falar", com o sentido de declarar) significa "aquele que age como intérprete ou comunicador da vontade divina",[1] e da mesma maneira ela foi usada pelos profetas do Antigo Testamento (*e.g.*, 3.22-23; 7.37; 8.28). Mas agora, como nas epístolas de Paulo, este termo é aplicado àqueles que pregam o Evangelho.

Os **profetas** eram considerados logo depois dos apóstolos, e os **doutores** ou mestres ocupavam o terceiro lugar (1 Co 12.28). Depois que a função de apóstolo havia terminado, os profetas e os doutores passaram a constituir os dois principais grupos de obreiros da igreja dignos de receber apoio, como mostra claramente o *Didache* (c. 13) do segundo século.

Na língua grega, a partícula *te* é colocada antes da palavra **Barnabé** e com **Manaém.** Este fato levou Ramsay a sugerir que a relação de cinco nomes deveria ser dividida em duas partes, com os três primeiros sendo designados como **profetas** e os dois últimos como **doutores.**[2] Lake e Cadbury duvidam da validade desta distinção.[3] Alexandre acha provável que "as duas palavras sejam termos genéricos específicos aplicados à mesma pessoa, uma denotando sua autoridade divina e a outra a forma específica como ela era exercida".[4] Mas como profetas e doutores são tratados como classes distintas tanto no Novo Testamento como no *Didache* (ver acima), a interpretação de Ramsay merece alguma consideração.[5]

Barnabé já havia representado um papel menor, porém significativo em Atos. Ele é citado pela primeira vez por causa de sua generosa oferta à igreja (4.36-37). Foi ele quem se tornou o responsável por Saulo perante a desconfiada congregação de Jerusalém (9.27). Quando confrontado com o tremendo desafio de Antioquia, logo no início dos trabalhos que lá se realizaram, Barnabé procurou Saulo, um gigante intelectual e um fervoroso convertido, e o levou a Antioquia como principal mestre da igreja (11.22-26). Ele tinha sido enviado juntamente com Saulo a Jerusalém com uma oferta de alívio para os cristãos que estavam sendo afligidos pela fome (11.30). Sem dúvida, aqui seu nome é mencionado em primeiro lugar por ser o principal líder da igreja de Antioquia.

Simeão era um nome hebreu muito comum. Ele era chamado de **Níger**, que em latim significa "preto". Este homem às vezes é identificado com Simão Cireneu (Mc 15.21), embora essa identidade não possa ser provada. **Lúcio, cireneu** (ou de Cirene,

no Norte da África) pode ter sido o mesmo que é mencionado em Romanos 16.21. Provavelmente, não se trata de Lucas, o autor do livro de Lucas e de Atos. Devemos lembrar que eram os homens de Chipre e da Cirenaica que pregavam livremente aos gentios em Antioquia (11.20).

Manaém está relacionado com **Herodes, o tetrarca** — Herodes Antipas, que reinou na Galiléia e na Peréia (4 a.C. — 39 d.C.). Toda a frase **que fora criado com** está condensada em uma palavra grega *syntrophos*. Ela vem de *syn*, "com", e *trepho*, "criar". Abbott-Smith define: "por certo *alguém foi alimentado* ou *criado como irmão adotivo*: Atos 13.1 EV. De acordo com o uso helenístico, como um termo da corte, *um amigo íntimo de um rei*".[6] Bruce escreve: "O título *syntrophos* era dado aos meninos que tinham a mesma idade dos príncipes e que eram criados junto com eles na corte".[7] Da mesma forma, Bicknell diz: "Manaém era o irmão adotivo, ou mais precisamente, um companheiro de folguedos de Herodes Antipas".[8] Mas, depois de observar que o significado literal de "irmão adotivo" foi encontrado em um papiro do segundo século, Moulton e Milligan dizem: "Por causa do seu uso disseminado como um título da corte, essa expressão seria melhor entendida como "cortesão" ou "amigo íntimo".[9] Portanto, ao invés de "irmão adotivo, colaço" (ASV, Phillips), esta palavra provavelmente deveria ser traduzida como "membro da corte de" (RSV) ou "companheiro de honra para" (C. K. Williams).

Sobre a combinação dos homens mencionados aqui, Lumby faz este interessante comentário: "Um era cipriota, outro um cireneu, outro era judeu, mas, por causa de seu nome duplo, estava acostumado a se misturar com não judeus. Um deles era a conexão com a casa de Herodes. E Saulo, o apóstolo dos gentios, havia sido nomeado pelo céu — esta relação pode ser de alguma forma considerada típica de "todo o mundo" dentro do qual o Evangelho iria agora se propagar".[10]

Estes líderes, evidentemente, estavam passando por um período especial de serviço ao Senhor. **Servindo** (2) corresponde ao verbo *leitourgeo*, de onde vem a palavra "liturgia". Abbott-Smith define o significado original desta palavra da seguinte maneira: "1. *Na língua clássica, em Atenas, ocupar cargos públicos às sua próprias custas, prestar serviço público ao Estado, portanto, em geral.* 2. *Servir ao Estado, fazer um serviço, servir*".[11] No primeiro século a.C., Diodoro (I. 21) usou este termo para descrever os serviços aos deuses. Na Septuaginta, ele foi empregado para os serviços dos sacerdotes e dos levitas no Tabernáculo e no Templo (cf. Hb 10.11). Somente aqui e em Romanos 15.27 ele foi usado em conexão com os serviços cristãos. Provavelmente, a maioria dos comentaristas afirma que se trata de uma referência ao "ministério em uma adoração organizada".[12] Entretanto, não há uma indicação no texto de que este fosse o caso. Poderia ter sido uma reunião de oração do "grupo" de líderes da congregação local. Mais tarde, a igreja usou este termo principalmente com referência ao sacramento da Ceia do Senhor. Mas aqui ele tem um sentido mais geral e pode ser traduzido como "adorando" (Phillips; cf. NEB).

Em relação a este serviço, eles jejuaram. Este exercício só tem valor espiritual se estiver relacionado à oração. Quando alguém está envolvido no propósito de se dedicar a uma oração intensa e ininterrupta, esta pode ter um valor incalculável. O costume de servir ao Senhor através da oração e do jejum em ocasiões de importantes decisões tem sido praticado pelos santos de todos os séculos.

Portanto, temos aqui cinco líderes fiéis que estavam **servindo ao Senhor e jejuando,** aos quais **o Espírito Santo** falou... Mas não ficamos sabendo como. Pro-

vavelmente, através de uma distinta impressão feita em suas mentes, da mesma forma como Ele faz atualmente.

A ordem do Espírito inaugurou uma nova era na expansão do cristianismo. Ele disse: **Apartai-me** — ou melhor, "Separem para mim" — **Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.** Deus designou os dois melhores homens da congregação para que desempenhassem a tarefa das "missões estrangeiras". Com muita freqüência a igreja tem, de forma egoísta, mantido os homens mais talentosos no trabalho local. Mas a chamada divina é para que aqueles que estiverem mais equipados, e os cristãos mais talentosos, levem avante o maior empreendimento do mundo — a evangelização missionária. Mais uma vez o Espírito precisava falar, e a sua voz precisava ser novamente ouvida e atendida. Nestes dias de agitação internacional, o trabalho das missões mundiais exige o melhor que a igreja puder dar.

Quando a vontade de Deus foi revelada, eles novamente jejuaram e oraram (3). Mas quem seriam **eles**? Normalmente, seriam os cinco homens mencionados acima, como aparentemente se pode entender pela palavra anterior, "eles", no versículo 2. Porém, a probabilidade aqui é que exista uma inadequada mudança no sujeito — uma característica encontrada no Antigo e no Novo Testamento — e que a referência esteja incluindo toda a congregação. Na verdade, o fato mais simples é que os cinco homens não poderiam ter imposto as mãos sobre dois deles mesmos. Parece improvável que os três remanescentes tenham imposto as mãos sobre os dois companheiros que haviam sido chamados sem envolver a igreja toda neste ato. Podemos acreditar, embora não tenha sido declarado, que a congregação havia sido conjuntamente exortada a um culto especial de jejum e oração. Este era um instante memorável da história da Igreja — a inauguração de um importante programa missionário mundial — e era necessário procurar fervorosamente a orientação e o poder de Deus. Os dois que foram chamados também devem ter recebido a incumbência desta missão especial.

Nesta história da inauguração das missões estrangeiras, não podemos deixar de notar alguma semelhança com o "encontro de oração no monte de feno" na cidade de Williamstown, Massachusetts. Vários alunos do Williams College foram surpreendidos por uma tempestade e procuraram abrigo em um típico monte de feno da Nova Inglaterra. Ao invés de desperdiçar o tempo, ou fazerem alguma coisa pior, eles se envolveram em uma séria discussão sobre a necessidade dos pagãos que nunca tinham ouvido falar do Evangelho. Isto os levou a orar por aqueles milhões de necessitados que eram ignorantes em relação à Palavra de Deus. Mais tarde, alguns destes alunos piedosos vieram a se oferecer para, como primeiros missionários estrangeiros, deixar a costa da América. A partir desta preocupação, surgiu a primeira associação missionária dos Estados Unidos. O empreendimento missionário que nasceu de um encontro de oração em Antioquia estava sendo, a partir de inúmeros outros encontros, reiniciado.

Ao término desta ocasião especial de oração e jejum, eles **os despediram.** Em todas as outras ocorrências no Novo Testamento, essa expressão foi traduzida (KJV) como "libertar". A igreja libertou estes homens de suas obrigações domésticas para que pudessem desempenhar uma obra em outras nações.

Os ensinos dos versículos 1-3 podem ser resumidos sob o tópico "Segredos de um Serviço Bem-sucedido": 1. Esperar em Deus (2); 2. Ouvir a sua voz (2); 3. Obedecer a sua chamada (3); 4. Cooperar nas atividades da igreja (3).

2. *A Vitória* (13.4-12)

Os dois missionários não foram apenas "libertados pela igreja para este trabalho" (Phillips), mas também foram **enviados pelo Espírito Santo** (4). Esta é a melhor combinação. Ser chamado por Deus e enviado pelo seu Espírito e, ao mesmo tempo, ser ordenado pela igreja e enviado com a sua bênção — é a norma do serviço cristão.

Os missionários literalmente "**desceram**" — à **Selêucia**. Este era o porto de Antioquia, 25 quilômetros a oeste da cidade e 8 quilômetros ao norte da foz do Rio Orontes, em cujas margens estava situada a cidade de Antioquia. Bruce comenta: "Geralmente, Lucas tem muito cuidado para anotar os portos de partida e chegada"[13] (cf. 14.25-26; 16.11; 18.18). Esta é uma das inúmeras provas existentes neste livro de que ele viajou por muitos lugares.

A partir da Selêucia, eles **navegaram** — literalmente "partiram". Este verbo só é encontrado em Atos (aqui e em 14.26; 20.15; 27.1).

Este é um dos vários termos náuticos usados por Lucas, um experimentado viajante do Mediterrâneo.

Eles navegaram em uma direção sudoeste a **Chipre**, uma grande ilha com cerca de 240 quilômetros de comprimento e 65 de largura. Estava situada a cerca de 100 quilômetros da costa da Síria, porém há 160 quilômetros de distância de Antioquia (ver o mapa 3). Na Antigüidade, esta ilha era conhecida pelos seus ricos depósitos de cobre que representavam um de seus principais produtos de exportação. Esta era também a origem de seu nome; em grego, *kypros* significa "cobre". Barnabé era nativo de Chipre (4.36) e era muito natural que ele desejasse ir para lá.

Os missionários desembarcaram em **Salamina** (5) "a principal cidade de Chipre",[14] e também o porto mais importante da região leste da ilha. Lá eles **anunciavam a palavra de Deus nas Sinagogas dos judeus.** A menção de **sinagogas** (plural) mostra que havia uma considerável colônia de judeus nesta cidade. Muitos deles já tinham ouvido o Evangelho (11.19), mas o trabalho de evangelização tinha apenas começado. Agora ele deveria ser levado para mais longe. Portanto, os missionários **anunciavam** — "estavam declarando" (*katengellon*) — a **palavra de Deus** (cf. 11.19 — "pregando a palavra").

Não deixa de ser um fenômeno admirável que, desde o início de seu empreendimento missionário, estes pregadores tenham encontrado portas abertas esperando por eles sob a forma das sinagogas dos judeus. Como Barnabé e Saulo eram ambos judeus, eles podiam freqüentar os cultos do sábado e pregar o Evangelho àqueles que lá adoravam.

Os dois missionários tinham também a **João como cooperador** — ou melhor dizendo, "tinham João como ajudante" (ASV). Atualmente nos círculos religiosos, a palavra **cooperador** geralmente significa pastor ou pregador. Aqui a palavra é *hyperetes*; literalmente, "sub-remador". Este termo indica um servo que está subordinado a uma autoridade. João Marcos (cf. 12.12,25) não era o pregador deste grupo, mas aquele que ajudava os dois homens mais velhos.

Depois que Barnabé e Saulo terminaram de anunciar a Palavra de Deus em Salamina, eles fizeram uma viagem missionária por toda a ilha. **Havendo atravessado a ilha** (6) corresponde a uma única palavra grega, *dielthontes*. Ramsay diz que este verbo é "um termo técnico relativo ao progresso missionário através de um distrito"[15] (cf. 15.41). Em vez de **a ilha**, o melhor texto grego diz "toda a ilha". Ramsay acredita que esta afirmação indica terem visitado todas as comunidades judaicas da ilha pregando nas sinagogas.

Os missionários evangelizaram durante a sua caminhada através da ilha, do leste para o oeste, e finalmente chegaram a **Pafos,** que era a sede do governo romano em Chipre. Neste lugar, eles encontraram um **mágico**. A palavra é *magos*, que ocorre no versículo 8 e em outras passagens do Novo Testamento. Em Mateus 2.1,7,16, foi traduzida em algumas versões como "homens sábios" indicando, provavelmente, astrólogos da Média ou da Pérsia. Mas aqui esta palavra tem uma conotação diferente. Bruce escreve: "Como este homem era judeu, a palavra *magos* não foi usada aqui de acordo com seu sentido original ou técnico (ver 8.9), mas no sentido de "mágico".[16] Esta é a tradução correta desta passagem.

Este mágico também foi chamado de **falso profeta**, *i.e.*, alguém que estava "falsamente alegando ter uma inspiração".[17] Jesus havia prevenido sobre o aparecimento de falsos profetas (Mc 13.22).

Pela terceira vez, este homem é identificado como sendo **judeu**. Parece surpreendente que judeus pudessem se dedicar à mágica devido à condenação do Antigo Testamento contra esta prática. Mas existem amplas evidências de que realmente se dedicavam a ela. Josefo menciona um mágico judeu de Chipre.[18] Ele também diz que alguns oficiais romanos ficaram fascinados com outro mágico judeu.[19] Um dos sinais da decadência do judaísmo era que a mágica estava começando a se propagar entre os judeus.

O mágico de Pafos tinha o nome de **Barjesus**. A palavra **Bar** em aramaico corresponde a "filho". Portanto, este homem era chamado "filho de Jesus" (em hebraico, Josué).

Barjesus estava com o **procônsul** (7), ou governador romano do país de Chipre. Críticos do século XIX afirmaram que Lucas havia cometido um erro aqui. Eles insistiam que Chipre era uma província imperial, governada por um "pro-pretor" e não uma província senatorial governada por um procônsul. Portanto, pensaram que Lucas estivesse errado. Porém, descobertas posteriores confirmaram completamente a precisão do apóstolo. Chipre foi transformada em província imperial no ano 27 d.C., porém cinco anos mais tarde ela foi concedida ao senado pelo imperador e assim permaneceu como província senatorial. Como em muitas outras passagens em Atos, a arqueologia confirmou esta precisão de Lucas.[20]

O procônsul chamou Barnabé e Saulo porque **procurava muito ouvir a palavra de Deus.** Ele era um **varão prudente** — "inteligente" ou "compreensivo", que queria conhecer a natureza do ensino que estava sendo propagado em sua província.

Barjesus, o mágico, também era chamado de **Elimas** (8). Quanto à afirmação **porque assim se interpreta o seu nome,** Bruce diz: "O significado não pode ser que Elimas seja a tradução de Barjesus, pois os dois nomes têm um significado completamente diferente".[21] A versão grega diz: "Elimas, o mágico (pois este é o significado do seu nome)".

O mágico **resistia** — "opunha-se" — aos missionários **procurando apartar** o procônsul **da fé**. Bruce comenta: "Elimas parece ter sido um dos mágicos de estimação que os grandes homens às vezes mantinham em seu séqüito, e ele tinha uma perspicaz suspeita de que se o procônsul prestasse atenção em Barnabé e Saulo, seus próprios serviços provavelmente seriam dispensados".[22]

Saulo (um nome hebraico comum) também tinha o nome de **Paulo** (9) — uma palavra latina (cf. Sérgio Paulo).[23] Uma vez que Paulo havia nascido como cidadão romano (22.27-28), mas de pais judeus (22.3), ele recebeu os dois nomes, o nome hebraico e o nome romano. Como se orgulhava do fato de ser "da tribo de Benjamim" (Fp 3.5) é prová-

vel que tenha recebido o nome do primeiro rei de Israel, Saulo, que também pertencia àquela tribo. Naturalmente, ele seria conhecido por este nome nos círculos judaicos. Mas agora que trabalharia principalmente no mundo dos gentios, chamava a si mesmo de Paulo. O fato de estar com Sérgio Paulo também pode ter tido alguma influência. Paulo podia dizer ao governador romano: "Meu nome também é Paulo".

Cheio do Espírito Santo — lit., "tendo sido cheio do Espírito Santo" (exatamente a mesma expressão de 4.8) — representa a tônica do livro de Atos. Este Espírito interior deu a Paulo uma especial inspiração e poder para esta ocasião.

Fixando os olhos é um verbo muito forte em grego. Com exceção de 2 Coríntios 3.7,13, ele foi usado somente por Lucas no Novo Testamento (dez vezes em Atos). Ele vem de um adjetivo que significa "concentrado, atento" e seu significado é "olhar fixamente".[24]

Paulo olhou atentamente o mágico e o acusou de ser **cheio de todo o engano** (10). A melhor tradução seria "falsidade". "A palavra grega significa principalmente 'isca para peixe'; depois 'engano'; e também o 'desejo' ou a 'disposição para enganar'".[25] Paulo também disse que Elimas estava cheio de **toda a malícia** — "insensibilidade, atrevimento e facilidade para praticar o mal, que é o significado original e etimológico da palavra".[26] A palavra **toda** antes do substantivo serve para acentuar a profundidade e a dimensão do mau caráter do mágico.

Paulo também chamou Elimas de **filho do diabo** (caluniador, falso acusador). O mágico era conhecido como Barjesus ("filho de Jesus"), mas na realidade era "filho do diabo". Também era um **inimigo de toda a justiça.** Quando ele cessaria **de perturbar** [a mesma palavra traduzida como "apartar" no v. 8] **os retos caminhos do Senhor** — os caminhos da salvação?

Por causa da sua oposição à verdadeira luz, o mágico ficaria **cego sem ver o sol** por algum tempo (11). Isto sugere que sua cegueira seria apenas temporária. Ele não foi castigado com tanta severidade como Ananias e Safira porque estes pecaram contra uma luz maior e também porque seus atos ameaçaram influenciar prejudicialmente toda a igreja ao estabelecer um exemplo de falsidade. E no mesmo instante, a **escuridão** — o começo de uma obscuridade na visão (esta palavra grega aparece somente aqui no NT) — e as **trevas** (o clímax da cegueira total) **caíram sobre ele. Andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão** — três palavras em grego, que querem dizer literalmente: "Andando [particípio presente de um ato contínuo], ele estava procurando [imperfeito do indicativo de um ato contínuo] algum guia". O retrato é de um cego indefeso tateando em volta, suplicando às pessoas para segurarem a sua mão e guiá-lo até a sua casa. É provável que a maioria dos espectadores tenha ficado com medo de ajudá-lo.

Não é de admirar o efeito que este fato exerceu sobre o procônsul. O procônsul **creu, admirado, na doutrina** [em grego, "ensino"] **do Senhor** (12). **Admirado** é um verbo bastante forte que significa "atingir com pânico ou choque, admirar, assustar".[27] O governador ficou dominado pelo que havia acontecido. Foi a combinação do ensino de Paulo e do castigo de Deus que "atingiu" o procônsul daquela maneira tão violenta. Lumby comenta: "Ele ficou convencido, pelo milagre e pelas palavras com as quais o fato foi acompanhado, de que os apóstolos eram os mestres do caminho do Senhor que ele estivera procurando em vão em Elimas".[28] Acreditar no contexto de Atos significa aceitar a Cristo como seu Salvador e, dessa forma, tornar-se cristão.

B. A ÁSIA MENOR, 13.13—14.28.

1. *Antioquia da Pisídia* (13.13-52)

a. A Sinagoga (13.13-15). A expressão **Paulo e os que estavam com ele** (13) — lit., "aqueles ao seu redor" — é extremamente significativa. Ela sugere uma nova liderança para este grupo missionário. Até o momento, tinha sido "Barnabé e Saulo". Mas de agora em diante será "Paulo e Barnabé".

As duas únicas exceções estão relacionadas com o Concílio de Jerusalém (15.12,25), onde os líderes judeus naturalmente chamariam primeiro Barnabé, e em Listra (14.14), onde Barnabé foi confundido com Júpiter, o maior deus.

O grupo de Paulo partiu de **Pafos.** O verbo significa literalmente "navegou". Somente Lucas usa este verbo em um sentido náutico (treze vezes em Atos e uma vez em Lc 8.22). Este representa a familiaridade que Lucas tinha com o mar. Os judeus eram conhecidos por serem péssimos marinheiros. Mas Lucas, que foi provavelmente o único escritor não judeu do Novo Testamento, aparentemente gostava muito de viajar em alto mar.

Os missionários chegaram a **Perge da Panfília** (ver o mapa 3). Era uma viagem de cerca de 270 quilômetros até o continente da Ásia Menor. **Perge** estava cerca de 13 quilômetros de distância de Cestrus, e talvez a 8 quilômetros do rio. É provável que tenham desembarcado no principal porto de Atália (cf. 14.25), e caminhado até Perge. **Panfília** era um território que ficava entre os montes Taurus e o mar Mediterrâneo, na região onde agora está situada a Turquia. No ano 43 d.C., ela havia se unido à Lícia (no oeste) para formar uma província imperial.

Mais uma vez (cf. 5), o nome de João Marcos é mencionado e foi incluída uma noticia triste: **João apartando-se deles voltou para Jerusalém** (13). Não ficamos sabendo a razão, mas ele pode ter sido influenciado por uma combinação de fatores. Pode ter sido uma disfarçada saudade que o levou de volta à casa de sua mãe em Jerusalém. Também é inteiramente possível, e até provável, que ele tenha se ressentido do fato de Paulo assumir a liderança do grupo, como está refletido na frase: **Paulo e os que estavam com ele.** Mas, o Espírito Santo não tinha designado "Barnabé e Saulo" como missionários? (2) Que direito tinha Paulo de usurpar o primeiro lugar? O fato de João Marcos ser primo de Barnabé (Cl 4.10, NEB) poderia levá-lo a ser mais solícito em relação ao seu parente. Talvez o jovem ajudante tivesse entendido que a viagem missionária incluiria apenas Chipre, a terra natal de Barnabé, e ele não estivesse feliz com a ida ao continente.

Outra possibilidade foi sugerida no versículo seguinte. Paulo e Barnabé deixaram as pantanosas terras baixas e subiram a região montanhosa da Galácia. Por quê? Na epístola aos Gálatas, Paulo sugere uma resposta. Ele diz: "Vós sabeis que por causa de uma enfermidade da carne vos preguei o Evangelho a primeira vez" (Gl 4.13, NASB). Sir William Ramsay entende que, na Panfília, o apóstolo pode ter sofrido uma recaída de malária crônica.[29] Lake e Cadbury comentam: "A natureza geralmente infestada de malária da costa e o clima muito mais saudável de Antioquia (1.000 metros acima do nível do mar) torna bastante provável a sugestão de Ramsay de que Paulo havia sofrido de malária em Perge".[30] Podemos imaginar que Paulo falasse com Barnabé sobre a necessidade

de sua ida a uma altitude mais elevada. Barnabé, de coração generoso e magnânimo, concordou em ir. Mas seu jovem primo se recusou. Se Paulo tinha entendido os sinais, ele estava indo para casa. Além disso, era muito perigoso subir as montanhas infestadas por ladrões e cortadas por traiçoeiras torrentes de água. Ele não estava disposto a arriscar a sua vida. Portanto, foi para casa.

Depois da partida do seu ajudante, Paulo e Barnabé saíram de **Perge** (14) — literalmente "tendo atravessado Perge" [ver o comentário sobre v. 6] — e **chegaram a Antioquia da Pisídia** (esta expressão está de acordo com o melhor texto grego). Na verdade, "Antioquia não estava em Psídia, mas era perto da Pisídia".[31] Ela foi chamada de Antioquia da Pisídia para ser diferenciada de Antioquia da Síria, de onde tinha vindo o grupo de missionários. Ramsay diz que Antioquia da Pisídia se refere a "uma cidade da Frígia em direção à Pisídia".[32] Bruce escreve: "A Antioquia da Pisídia estava, na verdade, em uma região provavelmente chamada Frígia Galática, e era um centro civil e militar daquela parte da província".[33] Mais tarde, no ano 295 d.C., Antioquia tornou-se uma parte da Pisídia. Anteriormente, ela havia sido transformada em uma colônia romana por Augusto.[34] Desde o início de sua carreira missionária, Paulo seguiu a política de evangelizar nos grandes centros metropolitanos.

Na Antioquia da Pisídia, os dois missionários entraram **na sinagoga, num dia de sábado**, e se sentaram. Fazendo isto, eles estavam seguindo o exemplo deixado pelo Mestre (Lc 4.16). Em relação a esta forma de devoção, Bruce diz: "No primeiro século, o culto da sinagoga consistia (*a*) do Shema ("Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor), (*b*) da oração do líder, (*c*) da leitura da Lei (e, no sábado e nos dias festivos, da leitura dos Profetas), (*d*) de um sermão proferido por algum membro capacitado da congregação".[35]

A Lei (15) consistia no Pentateuco, os primeiros cinco livros das Escrituras. No cânon hebraico, os **Profetas** incluem os chamados "profetas antigos" — Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis — e os "profetas posteriores" — Isaías, Jeremias, Ezequiel e o livro dos Doze (Profetas Menores). O resto do cânon hebraico estava agrupado na terceira divisão chamada de Hagiógrafa ("Escritos Sagrados").

Depois da leitura de determinadas lições da Lei e escritos dos Profetas, foi enviada uma mensagem aos visitantes pelos **principais da sinagoga** — o plural sugere que havia mais de um deles oficiando. Adam Clarke descreve **varões irmãos** como "uma maneira hebraica para dizer 'Vós homens que sois nossos irmãos', *i.e.*, judeus como nós mesmos".[36]

A mensagem aos missionários era: **Se tendes alguma palavra de consolação para o povo, falai.** A palavra **consolação** pode ser precisamente traduzida como "encorajamento" (Phillips) ou "conforto". Em vista do fato dos judeus chamarem a vinda do Messias de "Consolação de Israel" (cf. Lc 2.25), Clarke diz: "Aqui, a palavra *paraklesis* deve ser entendida com o significado de consolação e isto em referência ao Messias... Paulo mostrou o carinho e a proteção de Deus para com o seu povo, Israel, e a abundante provisão que havia feito para a sua salvação através de Jesus Cristo".[37]

b. O Sermão (13.16-41). O primeiro sermão registrado do apóstolo Paulo é surpreendentemente semelhante ao de Estêvão (7.2-53), no sentido de que ambos fazem um resumo histórico da conduta de Deus em relação ao seu povo. No entanto, o dis-

curso de Paulo não é uma absoluta repetição do outro. Enquanto Estêvão começa com Abraão e os patriarcas, Paulo começa com o Êxodo.

Alexander faz a seguinte síntese do conteúdo deste sermão: "Começando com uma breve descrição da antiga história de Israel, como a igreja primitiva ou o povo escolhido, desde a sua primeira vocação até o reinado de Davi (17-22), o apóstolo de repente apresenta Jesus como herdeiro daquele rei e o prometido Salvador (23) citando João Batista como sua testemunha e seu precursor (24-25); em seguida, ele faz a oferta da salvação através de Cristo a ambas as classes de ouvintes (26), descrevendo sua rejeição pelos judeus de Jerusalém (27), sua morte, sepultamento e ressurreição (28-31). Tudo isso representa o cumprimento da promessa de Deus aos antepassados (32) e as profecias específicas, três das quais ele cita, interpreta e aplica a Cristo (33-37), terminando com outra fervorosa oferta de salvação (38-39) e uma solene advertência contra a incredulidade (40-41)".[38]

(1) *De Moisés a João* (13.16-25). Jesus obedecia ao costume dos rabinos judeus de ficar sentado enquanto ensinava o povo (cf. Mt 5.1; Lc 4.10), porém aqui em Antioquia da Pisídia Paulo se levantou (16), seguindo a maneira dos oradores gregos e romanos. **Pedindo silêncio com a mão** para ganhar a atenção dos presentes (cf. 21.40), ele se dirigiu aos ouvintes como **varões israelitas** — lit. "homens, israelitas", *i.e.*, "companheiros israelitas" — **e os que temeis a Deus.** Os tementes a Deus eram aqueles que adoravam na sinagoga e observavam o sábado. Este termo talvez pudesse incluir os gentios prosélitos (ver os comentários sobre 10.2).

Uma das maiores ênfases do Antigo Testamento está no fato de Deus ter escolhido (17) Abraão e seus descendentes para serem o seu povo da Aliança (cf. Êx 6.1,4,6; 13.14,16). O mesmo verbo grego para **escolheu** é usado repetidamente na Septuaginta para expressar esta idéia (*e.g.*, Dt 7.7; 14.2; Sl 33.12; 77.8). Ele **exaltou o povo** tornando-o poderoso e forte. **Com braço poderoso** — expressão hebraica para grande poder — Deus tirou-o do Egito.

Deus **suportou os seus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos** (18) — ou "como um pai cuidadoso ele o conduziu no deserto" (ASV). A diferença entre essas duas traduções é uma questão de apenas uma letra em grego. A versão KJV traduz *etropophoresen*, enquanto a ASV traduz *etrophophoresen* ("nutrir, conduzir como uma ama"). A evidência existente nos manuscritos é tão equilibrada que é quase impossível ter certeza sobre qual seria a mais correta. A tradução da KJV é essencialmente acompanhada pelas versões RSV e NEB. A confusão no texto vai até a Septuaginta de Deuteronômio 1.31, que Paulo está evidentemente citando. Bruce escreve: "A palavra hebraica é *nasa*, que pode significar 'carregar' ou 'suportar', e poderia ser representada pelas duas palavras gregas".[39] Adam Clarke oferece aquela que provavelmente seria a melhor conclusão, quando escreve: "Ambas, quando corretamente entendidas, falam praticamente no mesmo sentido, mas a última [ASV] é mais expressiva e combina melhor com o discurso de Paulo e com a história à qual ele está fazendo uma alusão".[40]

Rapidamente, Paulo analisa a subseqüente história de Israel até à época de Davi. Deus destruiu **sete nações** (19) — heteus, girgaseus, amorreus, cananeus, ferezeus [ou perizeus], heveus e jebuseus (Dt 7.1) — **na terra de Canaã** e **deu-lhes por sorte a terra deles** — "como herança".

E, depois disto, por quase quatrocentos e cinqüenta anos, lhes deu juízes, até ao profeta Samuel (20). Isto apresenta um problema cronológico que se reflete nas diferentes redações dos manuscritos. O melhor texto grego coloca a frase **por quase quatrocentos e cinqüenta anos** no versículo 19, e não no 20. Bruce diz a respeito desta redação: "Ela é a melhor explicação para cobrir os 400 anos de viagem... os 40 anos no deserto e o período que transcorreu desde a entrada em Canaã até à distribuição de terras em Josué 14".[41] O problema na tradução da versão KJV em inglês é que ela não pode ser harmonizada com a declaração em 1 Reis 6.1, de que o quarto ano de Salomão aconteceu 480 anos depois do Êxodo. Isto não poderia ser verdade se o período dos Juízes tivesse 450 anos. Rackham afirma que o período de 450 anos começou com a promessa feita a Abraão de que a sua semente herdaria a terra.[42]

O período dos **juízes** terminou com **o profeta Samuel,** que era considerado pelos judeus o primeiro profeta desde Moisés. Mas, depois de Samuel, continuou a haver profetas em Israel ao longo de todo o Antigo Testamento. Segundo a observação de Lake e Cadbury: "Da mesma forma como consta nos primeiros capítulos de 1 Samuel, ele é a ligação entre os Juízes e os Profetas, e pode ser considerado como qualquer um deles".[43]

Antes da morte de Samuel, os israelitas já tinham pedido **um rei** (21). Então Deus lhes deu **Saul, filho de Quis.** Ele era da **tribo de Benjamim,** assim como o próprio orador (ver os comentários sobre v. 9). A duração do reinado de Saul consta aqui como **quarenta anos,** mas isto não está indicado de forma definitiva no Antigo Testamento. No entanto, foi confirmado por Josefo, que escreve: "Agora Saul, que reinara dezoito anos enquanto Samuel estava vivo, e vinte e dois depois da sua morte, terminou a sua vida desta maneira".[44] Em outra passagem, entretanto, ele diz que Saul reinou durante vinte anos.[45] Mas será que isto não seria um arredondamento do número quanto à duração do seu reino depois da morte de Samuel, que ainda poderia ser considerado como juiz?

Como Saul desobedeceu, **foi retirado** por Deus (22) da posição de rei (por causa de sua morte prematura), e **Davi** foi estabelecido pelo Senhor em seu lugar. Assim, entendemos que a eleição divina está sujeita à obediência humana. Deus escolheu Saul, mas o rejeitou porque ele desobedeceu. Da mesma forma, Israel seria **retirado** por causa da sua desobediência e a igreja de Jesus Cristo tomaria o lugar de Israel como o povo de Deus.

O **testemunho** divino a respeito de Davi consiste em três citações do Antigo Testamento combinadas em uma só — uma característica comum no Novo Testamento. A frase **Achei a Davi** vem de Salmos 89.20. **Varão conforme o meu coração** vem de 1 Samuel 13.14, e **que executará toda a minha vontade** vem de Isaías 44.28.

Da descendência deste (cf. Rm 1.3) **trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus** (23). Esta era a essência da mensagem de Paulo para a qual toda a introdução histórica havia apenas preparado o caminho.

João Batista havia "antes da vinda dele, pregado a todo o povo de Israel o batismo do arrependimento" (lit., 24). A palavra **vinda** provavelmente se refere ao início do ministério público de Jesus. João havia declarado: **Eu não sou o Cristo** (25) — *i.e.*, o Messias. Antes, **após mim vem aquele a quem não sou digno de desatar as sandálias dos pés** (cf. Lc 3.16).

(2) *O Messias crucificado e ressurrecto* (13.26-41). Novamente (cf. 16), Paulo se dirige a ambos; aos judeus — **filhos da geração de Abraão** (26) e-aos gentios tementes a

Deus. A eles é **enviada a palavra desta salvação.** Mas os habitantes de Jerusalém e os **seus príncipes** (27), como ignoravam Jesus e as **vozes dos profetas que se lêem todos os sábados** no culto das sinagogas, haviam **cumprido** aquelas mesmas profecias condenando Jesus à morte. **Embora não achassem alguma causa de morte** (28), ainda assim convenceram Pilatos a condená-lo à morte. Quando já tinham **cumprido** as profecias do Antigo Testamento a seu respeito (29), eles removeram seu corpo da cruz e o colocaram no sepulcro. Para sermos mais específicos, foi José de Arimatéia que o sepultou (Mt 27.57-60).

Em seguida, vem uma das principais ênfases da pregação apostólica: **Deus o ressuscitou dos mortos** (30). Era necessário que os cristãos primitivos estivessem presentes na ressurreição para comprovar que Jesus era o Messias e o Salvador. Uma vez que a ressurreição de Cristo representa a garantia que temos nele, ela deveria se tornar a parte principal das pregações atuais do Evangelho.

O Cristo ressuscitado... **por muitos dias, foi visto** — na verdade foram quarenta dias (cf. 1.3) — pelos seus discípulos, que vieram **da Galiléia a Jerusalém** (31). Isto está de acordo com os relatos nos Evangelhos e em Atos 1. Aqueles que o viram **são suas testemunhas para com o povo.**

Paulo prosseguiu anunciando **o evangelho** (32; *evangelizometha*), mostrando que a promessa divina aos **pais** foi cumprida por Deus (32) **a nós, seus filhos**[46] ao ressuscitar Jesus. A promessa citada por Paulo é: **Meu filho és tu; hoje te gerei** (Sl 2.7). Parece muito natural entender a palavra **ressuscitaria** como uma referência à ressurreição de Jesus "dentre os mortos" (NEB). Porém, muitos e excelentes estudiosos insistem que é a encarnação que está aqui subentendida, enquanto a ressurreição está no versículo 34.[47]

As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei (34) representa o texto hebraico de Isaías 55.3. Mas aqui o texto grego corresponde a uma citação da Septuaginta desta passagem: "Eu vou dar a vocês as bênçãos sagradas e certas que prometi a Davi" (NTLH). Lake e Cadbury comentam: "É importante observar que toda a argumentação está baseada na LXX e irá desaparecer se o discurso não for em grego".[48] A citação no versículo 35 vem de Salmos 16.10. No versículo 36, Paulo argumenta que, como Davi havia morrido, essas passagens devem se aplicar ao Messias. Ele é o Único que não viu **nenhuma corrupção** (37).

A conclusão de tudo isto é **que por este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê** (38-39). Este é o ponto sobre o qual Paulo desenvolve intensamente os seus escritos em Gálatas e Romanos. Ele é a essência da sua mensagem aos judeus.

O sermão termina com uma advertência aos ouvintes para que a sua rejeição aos Evangelhos não traga sobre eles a predição profética de Habacuque 1.5.

c. *Corações Famintos* (13.42-43). Os **judeus** saíram da **sinagoga** (42), mas **os gentios** permaneceram para implorar aos missionários que lhes pregassem mais sobre esta verdade **no sábado seguinte**. Seus corações estavam famintos para ouvir mais a respeito de Jesus, o Salvador. **Muitos dos judeus e dos prosélitos religiosos seguiram Paulo e Barnabé** (43). Os apóstolos insistiram para que eles **permanecessem na graça de Deus.**

d. Judeus Invejosos (13.44-47). Este interesse foi provocado pela visita dos dois missionários, de forma que **no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus** (44). Mas **os judeus, vendo a multidão** que havia se reunido para ouvir Paulo e Barnabé, **encheram-se de inveja** (45). Esta era a mesma inveja que havia causado a morte de Jesus. Recusando-se a aceitar a Palavra de Deus, esses líderes religiosos se opunham à pregação dos apóstolos, de modo que, **blasfemando, contradiziam** (falavam contra) **o que Paulo dizia**. Eles sem dúvida blasfemavam o nome de Jesus, como se o Senhor fosse um impostor.

Paulo e Barnabé informaram aos judeus que **era mister** (46) que o Evangelho fosse pregado primeiro a eles (cf. Rm 1.16). Mas, como eles o haviam rejeitado, estavam condenando-se como indignos da vida eterna, e assim Paulo e Barnabé se voltaram **para os gentios.** Este era um fato que, de agora em diante, iria se repetir cidade após cidade — os judeus rejeitando o Evangelho e os gentios aceitando. Tudo isso era o cumprimento da profecia (47) de Isaías 49.6 — palavras originalmente dirigidas a Israel, mas aplicadas a Cristo em Lucas 2.32. Paulo então afirma que Deus o havia nomeado para ser a **luz dos gentios**, para levar o Evangelho **até aos confins da terra**, *i.e.*, os limites do Império Romano (no caso de Paulo).

e. *Avivamento e Tumulto* (13.48-52). Os gentios se alegraram com estas boas notícias e **glorificavam a palavra do Senhor** (48), que agora lhes seria pregada. Uma observação foi incluída: **creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna**. Adam Clarke enfatiza o fato de o único verbo traduzido como **ordenados** "não incluir nenhuma idéia de uma pré-ordenação ou pré-destinação de qualquer espécie".[49] Ele continua dizendo que a palavra *tasso* "significa *colocar, estabelecer, ordenar, nomear, dispor*; portanto, precisa ser considerada aqui implicando a *disposição* ou *a atitude mental* de várias pessoas da congregação, tais como os *prosélitos religiosos* mencionados no versículo 43, que possuíam uma disposição *diferente* da dos judeus que *falavam contra estas coisas, contradizendo e blasfemando,* no versículo 45".[50] Em outras palavras, os prosélitos "neste bom *estado* e *ordem* de pensamento, creram".[51] Lumby chama a atenção para o uso militar da palavra *tasso, i.e.*, arranjar as tropas em ordem, e diz: "Assim os gentios estavam se organizando, e foram ordenados para a vida eterna. O texto não diz qualquer palavra que nos leve a pensar que daí por diante alguém pudesse mudar de lado".[52] Os judeus e os gentios haviam se ordenado em lados opostos na questão da pregação apostólica, mas isto não definia inalteravelmente o seu destino.

Não só muitos gentios aceitaram Cristo como também **a palavra do Senhor se divulgava** — lit., era "propagada" ou "levada" — **por toda aquela província** (49). A política de Paulo era concentrar-se nas grandes cidades e deixar que o trabalho da evangelização se irradiasse a partir destes centros.

Não contentes em se oporem à pregação dos apóstolos na sinagoga, os **judeus incitaram algumas mulheres religiosas e honestas** (50). A palavra **honestas** (ou de alta posição) significa "ricas". Elas eram religiosas, *i.e.*, devotas na sinagoga. Elas foram incitadas, juntamente com os **principais da cidade** a perseguir Paulo e Barnabé. Finalmente, eles **lançaram fora** os missionários — lit., os "expulsaram" dos seus **limites** (distrito).

Os apóstolos sacudiram... **contra eles o pó dos pés** (51). Este ato era em obediência à ordem Cristo (cf. Mt 10.14; Mc 6.11; Lc 9.5; 10.11). Os judeus faziam isto muitas vezes quando voltavam do território dos gentios. Portanto, aqui ele pode significar que Paulo e Barnabé consideravam esses judeus que rejeitavam a Cristo como "pagãos".

Expulsos de Antioquia da Pisídia, os dois missionários partiram para **Icônio**. Atualmente, este lugar se chama Konya. Como estava situada na junção de várias estradas, essa cidade sempre foi muito importante. Na época do Novo Testamento, ela se localizava na região da Frígia, que fazia parte da província romana da Galácia.

Apesar de tudo que havia acontecido, **os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo** (52). Esta afirmação é muitas vezes, mas não usualmente, aplicada a Paulo e Barnabé. Mas Alexander sugere: "Os discípulos que foram assim afetados eram sem dúvida os judeus convertidos e os gentios que os missionários haviam deixado para trás em Antioquia e contra quem a perseguição talvez tenha continuado durante algum tempo".[53] Os discípulos **estavam cheios de alegria** precisamente porque **estavam cheios... do Espírito Santo.**

Alexander Maclaren usa este texto (52) como base para o sermão "Cheio do Espírito Santo". 1. Que esta possa ser a experiência de todo cristão; 2. O resultado daquela vida universal e abundante; 3. A maneira pela qual também podemos ser cheios.

2. *Icônio* (14.1-7)

Em Icônio (ver o mapa 3), os dois missionários praticaram a mesma política de Antioquia da Pisídia. Entraram **juntos** na sinagoga (1) significa "da mesma forma" ou "da mesma maneira" (cf. Phillips — "Muitas coisas semelhantes aconteceram em Icônio"). A expressão **sinagoga dos judeus** mostra que Lucas está escrevendo para os gentios. Ali, Paulo e Barnabé **falaram de tal modo, que creu uma grande multidão, não só de judeus, mas também de gregos.** Aparentemente, mais judeus foram salvos em Icônio do que em Antioquia da Pisídia.

Aqui, novamente, a oposição partiu dos judeus **incrédulos** (2). Esta palavra pode ser traduzida mais adequadamente como "desobedientes" (ASV). Lumby diz: "Esta palavra é mais forte do que 'incrédulo', pois expressa a descrença que se transforma em rebelião; portanto, ela descreve exatamente o caráter destes judeus que estavam perseguindo Paulo e Barnabé".[54] Ele ainda acrescenta: "É notável através do livro de Atos que a perseguição pareça ter se originado, em cada caso, entre os judeus".[55] Os adversários judeus **incitaram e irritaram, contra os irmãos, os ânimos dos gentios**; eles "envenenaram os seus pensamentos" (NEB).

A fim de combater essa oposição dos judeus (ou apesar dela), os missionários "detiveram-se"[56] **muito tempo** em Icônio, **falando ousadamente acerca do Senhor** [ou *no* Senhor] (3). O termo ***no***, que consta em algumas versões, significa literalmente "sobre" (*epi*), no sentido de *fundamentado em*. Uma boa tradução seria "confiando no Senhor" (NEB). Alexander comenta: "*No Senhor*, ou *com Ele*, *i.e.*, na confiança dele e pela sua autoridade, sendo que as duas idéias são sugeridas pela frase seguinte".[57]

O Senhor **dava testemunho à palavra da sua graça.** Provavelmente, isto quer dizer que o Espírito Santo testemunhava ao coração dos ouvintes que aquilo que os

missionários estavam pregando era a verdade. Ele permitiu também que **por suas mãos se fizessem sinais e prodígios**. Os milagres deveriam convencer aqueles que "pediam um sinal" (1 Co 1.22).

O resultado da pregação foi que **dividiu-se a multidão da cidade** (4). Este é o resultado inevitável da proclamação do Evangelho. A apresentação de Cristo provoca uma crise: os homens o aceitam ou o rejeitam. Esta é a explicação das estranhas palavras de Jesus: "Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas, antes, dissensão" (Lc 12.51).

Portanto, em Icônio **uns eram pelos judeus,** rejeitando o Evangelho, **e outros, pelos apóstolos.** Tanto Paulo como Barnabé são mencionados aqui como **apóstolos**. No início, este termo era aplicado somente aos doze. Mas o próprio Paulo se intitula apóstolo no início de suas treze epístolas. Somente aqui Barnabé também tem esse nome. Alexander sugere: "Paulo e Barnabé são ambos chamados aqui de **apóstolos**, não em um sentido de diferenciação técnica, mas no sentido principal e mais amplo de *missionários*, de ministros que foram enviados para realizar um trabalho especial".[58]

Finalmente, o conflito atingiu um clímax. **Um motim** (5) foi organizado **tanto pelos judeus como pelos gentios**. Provavelmente, esta é uma tradução muito forte deste substantivo, que significa "um impulso violento" ou "um movimento hostil". Lumby comenta: "Esta palavra se refere mais à agitação, insistência, instigação que os judeus estavam aplicando em seus companheiros pagãos, e que provavelmente iria terminar em violência".[59] No próximo versículo, fica implícito que os apóstolos perceberam essa crescente oposição e deixaram a cidade antes que uma verdadeira agressão lhes fosse dirigida.

A intenção dos **gentios**, dos **judeus** e dos seus **principais** era insultá-los — "ultrajar, insultar, tratar com insolência"[60] e apedrejá-los. Isto mostra que a oposição era instigada pelos judeus, pois esta era a forma que os judeus usavam para castigar. Eles provavelmente consideravam estes missionários culpados de blasfêmia em suas pregações a respeito de Jesus.

Quando os apóstolos perceberam o que estava sendo planejado, eles **fugiram**[61] **para Listra e Derbe** (ver o mapa 3), **cidades da Licaônia** (6) — uma região da província da Galácia. Isto implica que, nesta época, Icônio não pertencia a Licaônia, mas à Frígia. Ramsay destaca o fato de que isto realmente aconteceu apenas entre os anos 37 e 72 d.C.,[62] quando Paulo e Barnabé estiveram nesta área. Mais uma vez, foi provado que Lucas estava historicamente certo.

De Icônio a Listra, a distância era de aproximadamente 32 quilômetros, ou cerca de um dia de viagem à pé. A localização de Listra foi identificada em 1885 através de uma inscrição onde está declarado que Augusto tinha transformado este local em uma colônia de Roma. **Ali** eles **pregavam o evangelho** (7) — literalmente "estavam evangelizando".

3. *Listra* (14.8-19)

Nesta cidade, os missionários encontraram um homem que tinha sido **coxo** desde o seu nascimento (8), e que nunca tinha andado. Ele **era leso dos pés.** Este adjetivo é geralmente traduzido como "impossível" no Novo Testamento. Somente aqui ele tem a conotação de "fisicamente impotente", um sentido freqüentemente encontrado nos escritos médicos.[63] Do ponto de vista humano, o problema deste homem não tinha cura.

O coxo **ouviu** Paulo falar (9) — lit., "estava ouvindo Paulo quando ele falou". Evidentemente, o homem estava ouvindo cuidadosamente. O pregador, **fixando nele os olhos** — *atenisas*, a mesma forma usada por Pedro quando olhou para o coxo em 3.4 — e vendo que ele "tinha" (lit.) **fé para ser curado**, ordenou em voz alta: **Levanta-te direito** — *orthos*, "reto" — **sobre teus pés** (10). Isto era pedir o impossível. Mas quando o homem *se dispôs* a obedecer, Deus enviou o poder. O indefeso coxo repentinamente **saltou** sobre os pés (tempo aoristo) e "andou", no sentido de andar continuamente (tempo imperfeito do verbo). Como em muitos outros casos nos Evangelhos e em Atos, a fé foi demonstrada em obediência a uma ordem e recompensada com o poder divino.

A costumeira reação popular veio em seguida. Paulo tinha estado falando em grego, língua habitualmente usada em todo o Império Romano. Mas, quando o povo de Listra se agitou, as pessoas passaram a gritar **em língua licaônica** (11), que era a sua língua de origem. Aparentemente, este ponto foi mencionado para explicar por que os apóstolos não perceberam imediatamente o que a multidão estava dizendo ou falando.

A conclusão que o povo tirou deste milagre foi: "Os deuses estão se tornando como homens, e descendo a nós" (trad. literal). Alexander escreve: "Essa linguagem concorda perfeitamente, não só com a crença geral em tais epifanias ou teofanias — as aparições divinas sob forma humana, encontradas em Homero e nos últimos clássicos — mas também com a superstição local e com as tradições do próprio país onde as palavras foram pronunciadas, *Licaônia*, assim chamada por causa de *Licáon (ou Licaão)*, cuja recepção fatal de Júpiter está em uma das fábulas de Ovídio, no primeiro livro de suas Metamorfoses. No oitavo, ele conta a interessante, mas fabulosa, história da visita feita a Filemon e Báucis, na adjacente província da Frígia, por Júpiter e Mercúrio, os mesmos deuses mencionados no versículo seguinte".[64]

De acordo com estes supersticiosos licaônios, **Barnabé** (12) era chamado de **Júpiter** e **Paulo** foi identificado com **Mercúrio**, nomes romanos para os deuses gregos Zeus e Hermes. Paulo foi chamado de **Mercúrio, porque este era o que falava** — lit., "era o que tinha a voz principal" (ou discurso). A crença daquela época era que Hermes era o porta-voz de Zeus. De acordo com um modelo tipicamente oriental, acreditavam que o deus principal só iria se comunicar através de um subordinado. A distinção feita aqui não indica necessariamente qualquer diferença nas aparências. Significa simplesmente que Paulo **era o que falava,** o principal portador da palavra.

O sacerdote de Júpiter (Zeus), cujo templo estava em frente à cidade (13; ASV; cf. RSV, Phillips, NEB), trouxe para a entrada da porta **touros e grinaldas.** As **grinaldas** eram "às vezes colocadas sobre a cabeça das vítimas, e às vezes usadas pelos religiosos para suas decorações nos ritos da religião".[65] Ele trouxe touros e grinaldas **para a entrada** [um lugar público] **e queria com a multidão sacrificar-lhes.** Em relação ao culto a Zeus e Hermes, Bruce escreve: "Das duas inscrições de Sedasa, perto de Listra, que datam aproximadamente do ano 250 d.C., descobertas pelo Prof. W. M. Calder, uma registra a dedicação de uma estátua de Hermes a Zeus junto com um relógio de sol, por homens com nomes licaônicos, enquanto a outra menciona "sacerdotes de Zeus".[66]

Quando Barnabé e Paulo souberam o que estava acontecendo, eles **rasgaram as suas vestes** (14), horrorizados com a blasfêmia dessa tentativa de adorá-los como deuses — e **saltaram** — o melhor texto grego diz "pularam" — **para o meio da multidão.** Lumby pensa que "saltaram" torna impossível aceitar "portas" (13) como uma referência

às portas da cidade, e sim à entrada da casa onde os apóstolos estavam hospedados".[67] Provavelmente, a idéia é que eles correram através dos portões da cidade até o espaço entre eles e o templo de Zeus.

O discurso dos apóstolos aos licaônios (15-17) tem uma notável semelhança com o discurso de Paulo perante o Areópago em Atenas (17.22-31). Em nenhum dos casos foi feita qualquer referência à divina revelação das Escrituras — que a audiência pagã desconhecia —, mas o apelo era à revelação de Deus na natureza. Esta é a primeira ocorrência, em Atos, da pregação do Evangelho a uma audiência totalmente pagã.

De forma cortês, os missionários gritaram: "**Varões** (em grego, "homens") por que fazeis essas coisas?" (15) **Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões**; ou: "Somos apenas seres humanos com sentimentos iguais aos vossos" (Phillips). A principal ênfase para essa audiência pagã era que eles deveriam converter-se **dessas vaidades** (ídolos, lit. "coisas inúteis") **ao Deus vivo**. Ele é o Único que **fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há neles** — uma citação de Êxodo 20.11 (exatamente a mesma de 4.24).

Em sua grande misericórdia e clemência, Deus não destrói os pagãos por causa de suas falsas crenças, mas **nos tempos passados** — lit., "em gerações passadas" (ASV) — **deixou andar todos os povos em seus próprios caminhos** (16). Esta frase tem uma grande semelhança com a afirmação de Paulo em 17.30 — "Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância..." (*i.e.*, "ignorou").

Mas Deus não se deixou a si mesmo **sem testemunho** (17). Sua bondade providencial para com todos os homens — **chuvas e tempos frutíferos** — é uma lembrança constante de seu amor e poder. Os deuses pagãos eram impotentes para trazer a chuva — "Haverá porventura entre as vaidades [cf. **vaidades**, 15] dos gentios alguma que faça chover?" (Jr 14.22).

Mesmo com estes argumentos, eles "com dificuldade" **impediram** — "fizeram cessar" — **que as multidões lhes sacrificassem** (18). Fica difícil controlar o fervor religioso quando este é provocado. Muitas vezes, as pessoas não gostam de ser esclarecidas quando a verdade é conflitante com os seus propósitos e desejos.

Enquanto o povo de Listra estava talvez sofrendo sob o desapontamento de Barnabé e Paulo não serem realmente Zeus e Hermes, **sobrevieram... uns judeus de Antioquia** (19) — há mais de 160 quilômetros de distância — **e de Icônio**. Estes invejosos judeus (cf. 13.45,50; 14.2), mostrando um ódio extremo pelos apóstolos, seguiram os dois à pé por toda aquela distância. Eles convenceram o povo de Listra — talvez atribuindo o milagre da cura a um poder demoníaco (cf. Mt 12.24) — e **apedrejaram a Paulo** (cf. 2 Coríntios 11.25). Depois, **arrastaram** o apóstolo **para fora da cidade, cuidando que estava morto.**

Parece que os fanáticos opositores do cristianismo tinham alcançado o seu objetivo. O maior ressentimento estava evidentemente dirigido contra Paulo, porque ele era o principal orador.

4. *Derbe e o Retorno* (14.20-28)

a. Organizando Igrejas (14.20-23). No plano divino, a obra da vida de Paulo ainda não havia terminado. Um grupo de discípulos o rodeou (20) — "circundaram-no" (*cyclosanton*). No curto período em que esteve em Listra, ele havia conquistado alguns

convertidos e, sem dúvida, entre eles estava o jovem Timóteo (cf. 16.1; 1 Timóteo 1.2). Eles estavam arriscando a vida ao se colocarem em volta do corpo de Paulo. De repente, para alegria e admiração destes discípulos, Paulo se levantou. Sobre a importância deste verbo, Lumby escreve: "A palavra *anastas* transmite a impressão de que se tratava de uma ressurreição dos mortos e que a recuperação do apóstolo, e sua imediata exibição de vigor e de coragem para entrar novamente na cidade, fossem o resultado de um milagre".[68] E acrescenta: "O fato de alguém que fora apedrejado e abandonado como morto por uma multidão selvagem conseguir reviver e caminhar como se nada tivesse acontecido deve ter sido uma prova ainda mais assustadora do supremo poder de Deus, presente entre esses mestres, do que aquele que fora presenciado pelo povo na cura do coxo".[69]

No dia seguinte — talvez depois de ter passado a noite na casa de Timóteo, onde teve a oportunidade de observar a profunda devoção da mãe e da avó do jovem (2 Tm 1.5) — Paulo **saiu, com Barnabé, para Derbe**. O fato de ter sido capaz de caminhar uma distância de cerca de 100 quilômetros mostra que estava totalmente recuperado dos efeitos do apedrejamento. Anos mais tarde, pouco antes de sua morte, Paulo lembrou a Timóteo das "perseguições (e) aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou" (2 Tm 3.11).

Há alguns anos (1933), Lake e Cadbury puderam dizer que a localização de **Derbe** "ainda não tinha sido completamente identificada".[70] Porém, descobertas recentes fixaram sua localização, com grande certeza, cerca de 100 quilômetros a sudeste de Listra.[71]

A evangelização de Derbe está descrita em apenas duas frases: **E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos** (21) — ou "... conquistado muitos adeptos" (ASV). O verbo *matheteuo* vem de *mathetes*, "discípulo", e seu significado mais adequado é "fazer um discípulo". Esta tradução (cf. NEB — "ganhou muitos convertidos") enfatiza o sucesso da missão apostólica em Derbe.

Tendo terminado seu trabalho em Derbe, os missionários voltaram **para as cidades de Listra, Icônio e Antioquia.** Fazendo uma leitura superficial, é possível que não percebamos a tremenda implicação desta frase. Adam Clarke diz muito bem: "Observe a coragem destes homens! Ignorando a vida que lhes era tão cara, retornaram ao trabalho do Mestre nos mesmos lugares onde haviam sido perseguidos de maneira atroz, e onde, aparentemente, um deles havia sido apedrejado até à morte!"[72]

Tarso, a cidade natal de Paulo, estava a aproximadamente 250 quilômetros de distância, e exatamente no caminho de volta para Antioquia da Síria, de onde haviam sido enviados. Teria sido muito mais simples e seguro tomar a direção oeste para Tarso, gozar ali de um breve repouso e depois retornar a Antioquia da Síria, levando o relatório de sua missão. Eles haviam conquistado muitos convertidos para Cristo e certamente tinham toda razão de voltar para casa. Mas, ao invés disso, Barnabé e Paulo tomaram a direção norte e oeste, encaminhando-se para as garras do ódio e da morte. Por quê? Os dois versículos seguintes nos dão a resposta: eles deviam cuidar dos convertidos que haviam conquistado.

Dois principais ministérios foram descritos aqui. O primeiro (22) era consolar e encorajar. O segundo (23) era organizar — e ambos eram necessários.

Eles começaram **confirmando** — "fortalecendo, estabelecendo" — **o ânimo dos discípulos** (22). Estes novos convertidos deveriam se tornar "firmes e estabelecidos" — o principal significado das palavras — no Senhor. Esse propósito foi alcançado, **exortan-**

do-os a permanecer na fé, o que "parece claramente significar permanecer no 'cristianismo'".[73] A expressão **pois que** também foi traduzida como "e, dizendo", em que *hoti* equivale às aspas que introduzem uma citação direta. A própria vida de Paulo foi um exemplo do fato de que devemos passar por **muitas tribulações** — "lit., por grandes tribulações, o que expressa não só uma quantidade ou número, mas também uma variedade"[74] — para **entrar no Reino de Deus.** Bruce comenta: "O Reino de Deus deve ser entendido aqui no sentido de uma consumação ainda futura (cf. 2 Tm 4.18; 2 Pe 1.11), e não como alguma coisa já realizada".[75] A palavra **tribulação** significa literalmente "pressão". O plural aqui sugere as pressões que todos os cristãos devem suportar.

O versículo 22 trata de "Como Conservar os Convertidos": 1. Fortalecendo a alma; 2. Exortando à firmeza; 3. Prevenindo sobre as tribulações.

Uma certa dose de organização sempre é necessária para preservar a continuidade de qualquer movimento. Esses primeiros missionários adotaram uma estrutura simples, que lhes era familiar nos círculos judeus, de nomear um grupo de **anciãos** (23) em cada congregação.

A palavra "ordenar" já provocou infindáveis discussões. Uma boa tradução seria "nomeado" (ASV, NEB, etc.). O verbo grego é *cheirotoneo*, que vem de *cheir*, "mão", e *teino*, "esticar"; *i.e.*, "esticar a mão". Seu significado original era "votar esticando a mão",[76] como era feito na *ecclesia* de Atenas, ou assembléia livre de cidadãos eleitores. Aparentemente, esta é a conotação da palavra na única passagem onde ocorre no Novo Testamento (2 Co 8.19). Este termo também foi usado com um sentido mais genérico de "nomear".[77] Ramsay acredita que as congregações dessas cidades da Galácia tinham voz na escolha dos anciãos.[78] A Primeira Epístola de Clemente — escrita aproximadamente no ano 95 d.C. — diz que os apóstolos nomeavam os anciãos. Depois de discutir mais longamente este assunto, Alexander expressa a sua preferência pelo que ele chama de "o verdadeiro significado entre extremos opostos".[79] Ele escreve: "O fato de este verbo expressar tão claramente o que Paulo e Barnabé fizeram significa apenas que eles nomearam ou ordenaram esses anciãos sem determinar a forma da eleição ou a forma da ordenação. No entanto, o uso particular dessa expressão, que originalmente significava o voto de uma assembléia, é suficiente para justificar a nossa suposição de que o método de escolha era o mesmo que foi registrado... em 6.1-6, onde consta explicitamente que o povo escolheu os sete anciãos que foram depois ordenados pelos doze".[80] Parece que esta é a melhor conclusão a que podemos chegar.

Sobre a nomeação dos anciãos, eles oraram **com jejuns,** significando provavelmente um período de jejum em cada igreja. Esta era uma característica idêntica à da separação de Barnabé e Paulo para o desempenho de seu trabalho missionário (13.3). Mais tarde, a nomeação dos anciãos também era sempre acompanhada pelo jejum. Tais ocasiões de espera no Senhor são certamente apropriadas para a tomada de importantes decisões na igreja.

Como ato final, os apóstolos **os encomendaram** — o verbo significa "depositar" ou "colocar sob a responsabilidade de" — **ao Senhor** (cf. 20.32) **em quem haviam crido** (mais que perfeito), quando os missionários pregaram ali pela primeira vez.

b. Reportando-se à Base Principal (14.24-28). **Passando...por** — *dielthontes,* "pregando em seu caminho" (cf. 13.6) — **Pisídia, dirigiram-se a Panfília** (24), na costa do

Mediterrâneo. Bruce escreve: "Pisídia estava localizada na 'região' mais ao sul da província da Galácia, em frente da fronteira que estava ao norte da Panfília"[81] (ver o mapa 3).

Eles anunciaram **a palavra em Perge** (25). Já tinham visitado esta cidade anteriormente (cf. 13.13-14), mas a enfermidade de Paulo impediu-os de pregar ali. Depois de evangelizar Perge, **desceram a Atália** — "porto principal da Panfília, agora chamado de Adalia, na foz do rio Catarractes".[82] De lá eles **navegaram** — lit., "partiram por mar" — **para Antioquia** (26). Essa era a Antioquia da Síria, **onde tinham sido recomendados** (ou "confiados") **à graça de Deus para a obra que já haviam cumprido**. Eles podiam dizer honestamente: "Missão cumprida".

Evidentemente, solicitaram uma reunião especial da **igreja** (27). Eles **relataram** à congregação — este verbo significa propriamente "levaram notícia, reportaram"[83] — **quão grandes coisas Deus fizera por eles e como abrira aos gentios a porta da fé.** Isto é, Deus tinha feito com que os gentios também pudessem ser salvos exclusivamente através da fé em Jesus Cristo.

Ali (28), em Antioquia da Síria, eles **ficaram... não pouco tempo** — lit., "passaram um tempo" (ver os comentários sobre 3) — **com os discípulos**. Não existe nenhuma indicação sobre a duração deste período, mas a linguagem implica alguns meses, talvez aproximadamente um ano.

C. O Concílio de Jerusalém, 15.1-35

O primeiro concílio geral da igreja, realizado em Jerusalém, provavelmente no ano 48 d.C., é um dos mais importantes eventos registrados em Atos. A pergunta era: Os gentios cristãos eram obrigados a obedecer à lei dos judeus? Da resposta a esta pergunta dependia, em grande parte, o destino da igreja. Se a resposta fosse "Sim", o cristianismo seria apenas uma outra seita do judaísmo; se "Não", estaria livre para cumprir a missão divinamente ordenada de ser uma religião mundial.

1. *O Cristianismo Farisaico* (15.1-5)

Alguns homens (1) **que tinham descido da Judéia** — a pessoa sempre "desce" de Jerusalém — **ensinavam assim os irmãos** — lit., "estavam ensinando" (RSV) os gentios cristãos em Antioquia — **Se vos não circuncidardes, conforme o uso** [maneira] **de Moisés, não podeis salvar-vos**. Mas havia muitos gentios em Antioquia que gozavam da salvação havia anos e nunca tinham sido circuncidados. Naturalmente, este novo ensino era muito perturbador.

Paulo e Barnabé (2) reconheceram que o ponto principal estava correndo um sério risco, e que isto era muito grave. Se este ensino prevalecesse, seu trabalho entre os gentios, que Deus havia coberto de abundante graça, poderia ser destruído. Muitos gentios convertidos iriam preferir renunciar a sua fé a submeter-se a este ritual afrontoso. Por outro lado, aqueles que realmente se submetessem à circuncisão iriam, em vista disso, renunciar a Cristo. Esta era a posição que Paulo assumiu em relação aos convertidos da Galácia na última carta que lhes enviou (Gl 5.2).

Portanto, estes dois missionários dos gentios tiveram **não pequena discussão e contenda** — "questionamento" ou "debate" — com estes falsos mestres judeus. Final-

mente, a igreja de Antioquia determinou — "nomeou" — **Paulo, Barnabé e alguns dentre eles** — provavelmente incluindo alguém que concordava com os adeptos do judaísmo — para que ambos os lados ficassem representados — a fim de que **subissem a Jerusalém aos apóstolos e aos anciãos,** para tratar **aquela questão**. Lumby observa: "Pedro, João e Tiago, que agora encontramos em Jerusalém parecem, a partir de outras passagens no NT (Gl 1.18,19, e 2.9), terem sido os apóstolos que continuaram a viver na cidade santa. Eles, junto com os anciãos, aparecem agora como o corpo que governava a igreja recém-nascida".[84] Entretanto, a afirmação de que nas primeiras perseguições em Jerusalém os apóstolos permaneceram nesta cidade (8.1) pode sugerir que os doze que ainda estavam vivos, inclusive Matias, e ainda permaneciam ali.

Estes emissários foram **acompanhados pela igreja** (3). Naquela época, havia um costume cortês dos membros de uma igreja serem "acompanhados"[85] pelos seus respeitados mestres no início de suas viagens (cf. 20.38; 21.16). Os delegados **passaram** — lit. "estavam passando através" de uma jornada missionária (o mesmo verbo de 13.6; 14.24) — **pela Fenícia e por Samaria, contando a conversão dos gentios** (ver o mapa 1). Paulo não se deixava intimidar e continuava a pregar a salvação através da fé em Jesus Cristo, independentemente da lei, embora houvesse muitos adeptos do judaísmo em seu grupo. A palavra **contando** significa literalmente "contar em detalhes". Lumby observa: "O verbo *ekdiegeisthai* implica que ele deu à história todos os detalhes e podemos estar certos de que deu ênfase à maneira pela qual o Espírito de Deus havia garantido esta tarefa, embora todos os convertidos de quem falava não fossem circuncidados".[86]

Seu relatório trouxe **grande alegria a todos os irmãos**. Sem dúvida, muitos cristãos da Fenícia e de Samaria eram gentios e ficaram muito contentes com as boas novas.

Quando os emissários chegaram a **Jerusalém** (4), depois de uma viagem de quase quinhentos quilômetros, eles foram **recebidos pela igreja**, particularmente **pelos apóstolos e anciãos, e lhes anunciaram** — "relataram" — **quão grandes coisas Deus tinha feito com eles** (a mesma frase de 14.27; ver os comentários sobre esta passagem).

Quando Paulo e Barnabé terminaram a descrição de seu trabalho missionário — e contaram o grande número de gentios que havia sido salvo através da simples fé em Jesus Cristo, sem estarem circuncidados — **alguns... da seita dos fariseus que tinham crido se levantaram** (5). O próprio Saulo havia sido um zeloso fariseu, portanto podia entender o que eles estavam sentindo. Mas sua lealdade a Jesus Cristo era tão completa que ele foi capaz de divorciar-se da lei, de uma forma que esses cristãos embebidos de judaísmo evidentemente não conseguiam imitar.

Os cristãos farisaicos afirmaram publicamente que **era mister circuncidá-los** — os gentios convertidos — **e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés**. Bruce diz: "Para aqueles a quem a igreja era apenas mais um partido dentro da congregação judaica, a resposta era bastante simples: os gentios deveriam ser admitidos na congregação da mesma maneira que os prosélitos eram admitidos na comunidade judaica, através da circuncisão e da obediência a toda a lei mosaica".[87] Estes fariseus estavam totalmente imersos pelo Pentateuco, e não tinham lido e entendido suficientemente os profetas. Se tivessem lido e entendido, teriam reconhecido que o ensino de Paulo era uma dedução lógica do ensino dos profetas. Oséias (6.6), Amós (5.21-24) e Miquéias (6.6-8) tinham declarado claramente que Deus preferia mais a justiça ao ritual. Ezequiel (36.25-27) e

Jeremias (31.31-34) haviam demonstrado a natureza espiritual da verdadeira religião: esta é um assunto do coração e não da obediência legal. Mas havia uma escassez de profetas em Israel na época de Jesus, e o legalismo reinava com supremacia.

2. *O Discurso de Pedro* (15.6-11)

Parece que Paulo e Barnabé fizeram seu relato a uma assembléia geral da igreja de Jerusalém — (4), mas quando os adeptos do judaísmo apresentaram sua objeção (5), **congregaram-se... os apóstolos e os anciãos para considerar** — lit., para "estudar" **este assunto** (6). Este era o grupo ao qual a igreja de Antioquia havia solicitado que a questão fosse levada (2). Um grande número de membros da igreja não teria tempo, nem a capacidade, de analisar adequadamente esta questão e chegar a uma sábia decisão.

Havendo grande contenda (7) — "depois de um longo debate" (NEB) — **levantou-se Pedro.**[88] Em razão de ter ocupado um lugar importante nos primeiros dias da Igreja (At 1-5), podemos presumir que ele ainda era o depositário de uma grande dose de respeito e deferência. Portanto, as pessoas estavam impacientes para ouvir as suas palavras.

Felizmente, por causa da visão que tinha tido na casa em Jope (10.9-16), Pedro estava preparado para ficar do lado certo da questão. Ele lembrou aos ouvintes que **já há muito tempo** — lit. "desde os primeiros dias", portanto "nos diais iniciais" (NEB) — Deus o havia escolhido para ensinar o Evangelho aos gentios. Isto ele havia feito na casa de Cornélio (10.34-48).

Os versículos 8 e 9 estão entre os mais importantes do livro de Atos. Já foi dito muitas vezes que, embora o livro de Atos fale constantemente sobre estar cheio do Espírito Santo, ele nada ensina sobre a santificação — embora a palavra "santificados" ocorra em 20.32 e em 26.18. A resposta a esta objeção pode ser encontrada nesta passagem. Pedro declarou que **Deus, que conhece os corações** (cf. 1.24) **lhes deu testemunho** (8), *i.e.*, ao povo reunido na casa de Cornélio — **dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós** — no Pentecostes (cap. 2); **e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé** (9). Pedro afirmou que aconteceram duas coisas, tanto aos judeus no Pentecostes, como aos gentios em Cesaréia: eles foram cheios do Espírito Santo e seus corações foram purificados. Portanto, podemos afirmar juntamente com Pedro que, quando uma pessoa recebe o Espírito Santo, ela recebe não só o poder (1.8) como também fica purificada do pecado (15.8-9). Esses dois versículos formam uma passagem essencial para a pregação e o ensino de toda a santificação. Quando o Espírito penetra no coração de alguém, Ele irá necessariamente purificá-lo; pois Ele é o Espírito *Santo*, o Espírito santificador.

Knowling faz uma pertinente observação a respeito de purificar — "limpar", *katharisas* — seus corações. Ele diz: "Aqui ele se apresenta como um contraste à purificação exterior da circuncisão sobre a qual os adeptos do judaísmo estavam insistindo".[89]

O correspondente moderno em nossos dias é encontrado naqueles que colocam muita ênfase na água do batismo e ignoram completamente o batismo no Espírito Santo. A água do batismo é um ato exterior, mas o batismo do Espírito é um ato interior — uma purificação dos pecados do coração através da purga interior feita pelo Espírito santificador. **Dando** e **purificando** aparecem aqui como particípios indefinidos que sugerem mais uma crise do que um processo.

As verdades essenciais da "Completa Santificação" podem ser vistas nesta passagem. 1. Deus conhece o coração humano e tem a preocupação de satisfazer todas as suas mais profundas necessidades (8); 2. Ele tornou o Espírito Santo disponível a todos os cristãos — judeus e gentios —, para satisfazer as necessidades de seu coração (8-9); 3. O dom do Espírito Santo é uma experiência destinada a purificar o coração (9); 4. O dom de Deus e a experiência da purificação podem ser alcançados em certos momentos da vida — são o resultado da fé e foram descritos pelo tempo aoristo (**dando** e **purificando**), sugerindo mais uma crise do que um processo (8-9). (A. F. Harper)

Ao término de seu discurso, Pedro faz este apelo: **Por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo** (10)? "O jugo da Lei" (Torá) era uma expressão conhecida dos rabinos.[90] Lake e Cadbury dizem que a palavra jugo "era geralmente usada pelos escritores judeus no sentido de 'obrigação'".[91]

Pedro declarou, fazendo um contraste com o "suave" jugo de Jesus (Mt 11.29-30), que o jugo da lei era **um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar.** Schuerer documenta esta afirmação quando escreve: "A vida era um tormento contínuo para o homem zeloso que sentia estar a todo o momento correndo o risco de transgredir a lei; e por depender tanto da forma exterior, ele ficava muitas vezes na incerteza se tinha realmente preenchido todos os requisitos".[92]

Pedro terminou seu discurso declarando que existe apenas um caminho para a salvação, tanto para os judeus como para os gentios (cf. 4.12). Ele disse: **Mas** — em contraste com o insuportável jugo da lei —**, cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também** (11). Isto é, os judeus não poderão ser salvos pela obediência à lei de Moisés, mas somente através da graça de Cristo. Nisto, Pedro estava perfeitamente de acordo com Paulo.

3. *Uma Sessão Conjunta* (15.12)

O discurso de Pedro, em especial essa conclusão, aparentemente deixou o grupo em um silêncio atônito. Lemos: **Então toda a multidão se calou** (ficou em silêncio). A menção a uma **multidão** acrescenta um certo problema. Aparentemente, Paulo e Barnabé relataram suas atividades missionárias a uma assembléia especial, composta por apóstolos e anciãos para discutir a questão que havia sido levantada (6). Como aparece essa **multidão** novamente neste quadro?

Não seria impossível aplicar este termo à assembléia dos apóstolos e anciãos[93] como se fosse a mesma palavra usada pelo Sinédrio (23.7). Mas "toda a igreja" foi mencionada em 22. Portanto, seria melhor assumir que os apóstolos e os anciãos haviam convocado a congregação para, juntos, chegarem a uma conclusão. Rackam sugere: "Embora a iniciativa coubesse aos apóstolos, era necessário o consentimento de toda a igreja".[94]

O grupo em assembléia agora **escutava** — "estava ouvindo" — **a Barnabé e a Saulo**. Mais uma vez (cf. 14.14), Barnabé é mencionado em primeiro lugar (como também em 25). Talvez isto tenha ocorrido pelo fato de Barnabé gozar de maior consideração do que Paulo na igreja de Jerusalém, e por Lucas ter se deixado influenciar por este fato na descrição dos acontecimentos.

Paulo e Barnabé **contavam** ["revelavam"] **quão grandes sinais e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios.** Era para isto que a Igreja Primitiva tinha estado orando (4.30), e agora Deus havia respondido as suas orações de forma abundante.

4. *A Conclusão de Tiago* (15.13-21)

Quando Barnabé e Paulo tinham se **calado** (13) — o mesmo verbo de "se calou" (12) — Tiago, o irmão de Jesus, que evidentemente era um bispo (pastor chefe) da igreja de Jerusalém, e que agora atuava como moderador do Concílio de Jerusalém, resumiu o assunto e estabeleceu a conclusão. Ele chamou Pedro pelo seu nome hebreu, **Simão** (cf. 2 Pe 1.1), pelo qual ele se tornaria conhecido dos judeus. Tiago percebeu a referência feita por Pedro de que sob seu ministério, **primeiramente, Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome** (14). Agora a nação de Israel não estava mais sozinha como povo de Deus. Os crentes gentios também haviam se tornado o povo do Senhor. Uma pílula demasiadamente amarga para os orgulhosos judeus engolirem, mas esta era a realidade.

Tiago então declarou que os **profetas** apoiavam essa verdade (15). Como prova, ele citou (16-18) as palavras de Amós 9.11-12. A citação é da Septuaginta, que é consideravelmente diferente do texto masorético judeu. A expressão "**depois disto**" (16) está no livro de Amós, "naquele dia" (tanto em hebraico como em grego). Esta é, evidentemente, uma referência ao dia do Messias.

A citação no versículo 17 é mais problemática. O texto masorético do Antigo Testamento diz: "Para que eles possam possuir o restante de Edom e de todas as nações que são chamadas pelo meu nome" — uma profecia sobre a restauração do reino de Davi ao seu antigo poder. Aparentemente, os tradutores da Septuaginta adotaram a expressão *yidreshu* (irá procurar) no lugar de *yireshu* (irá possuir), e *adam* (homem) em lugar de *Edom*. O hebraico também faz de **resto** (restante) o objeto, não o sujeito.

Lumby oferece a seguinte solução para o problema:

> O texto original retrata a restauração do Tabernáculo com o povo de Davi sendo restaurado junto com ele, como possuidores do restante de Edom e de todos os pagãos. As nações se unirão ao povo do Senhor. A LXX, como uma exposição, fala do "resíduo de homens procurando o tabernáculo restaurado". Tiago deixa ambos bem claros, mostrando que "buscar ao Senhor" deve ser o mesmo que restaurar a casa de Davi, além de toda a humanidade".[95]

Existe uma considerável confusão no texto do versículo 18. Os manuscritos mais antigos dizem simplesmente: "Conhecido desde a eternidade" (ou "desde a criação"). Talvez o melhor que podemos fazer é combinar a última parte do versículo 17 com o breve texto do versículo 18, e traduzir: "Disse o Senhor, que fez estas coisas conhecidas desde a eternidade" (ASV). Foi feita a sugestão de que o versículo 16 se cumpriu através da presença dos judeus na igreja, e o versículo 17 pela presença dos gentios.

Pelo que julgo (19) — lit., "pelo que eu da minha parte julgo" — mostra que Tiago falou com a autoridade de um mediador do concílio. A palavra *ego* é expressa para dar mais ênfase (*ego krino*). A decisão apresentada por Tiago foi: **Não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus**. Os gentios deveriam estar isentos de obedecer à lei judaica. **Não se deve perturbar**, um verbo bastante raro, é um composto duplo que significa, literalmente, "pare de aborrecer".

Erdman sugere que a decisão de Tiago inclui três pontos: 1. Liberdade (19); 2. Pureza (20); 3. Caridade entre judeus e gentios (21).[96]

Somente quatro restrições foram colocadas para os gentios cristãos (20). Eles deveriam se abster **das contaminações dos ídolos,** *i.e.*, das coisas oferecidas aos ídolos (cf. 29; 21.25) — e **da prostituição, do que é sufocado e do sangue**.

A primeira destas restrições se referia a uma preocupação real da Igreja Primitiva, da qual Paulo tratou em toda a sua extensão (1 Co 8.1-10; 10.19). Os animais eram sacrificados aos deuses pagãos e depois a sua carne era vendida nos mercados. Alguns entendem que, de acordo com a decisão do concílio, os gentios convertidos eram proibidos de comer esta carne conscientemente, e que Paulo adotou a mesma posição.

A **prostituição** era um pecado extremamente comum entre os pagãos, e praticado muitas vezes como parte do seu culto. Os judeus se orgulhavam dos seus elevados padrões morais e a igreja, naturalmente, tinha toda razão de fazer esta exigência aos seus membros.

Comer o que era **sufocado** era evidentemente proibido principalmente porque o sangue não era retirado da carne. Portanto, esta exigência estava muito ligada à quarta proibição de comer **sangue.** Este mandamento vem desde o tempo de Noé, quando os homens tiveram a primeira permissão de comer os animais (Gn 9.4), e foi repetido na lei mosaica (Lv 3.17; 7.26; 17.10,14; 19.26).

A íntima ligação entre estas duas últimas proibições pode explicar por que a expressão "coisas sufocadas" foi omitida do Texto Ocidental. Entretanto, deixando isto de lado, o sangue é muitas vezes interpretado com o significado de assassinato. Neste caso, todas as proibições seriam de ordem moral e não cerimonial. Bruce escreve: "A idolatria, a fornicação e o homicídio eram os três pecados capitais aos olhos dos judeus".[97]

Para os cristãos de origem judaica que ainda desejassem adorar na Sinagoga, **Moisés** era pregado **em cada cidade** e era lido todo **sábado nas sinagogas** (21). Aqueles que desejassem poderiam comparecer, e a Lei não seria ofendida. Adam Clarke sugere que o sentido deste versículo pode ser que os judeus convertidos poderiam freqüentar a sinagoga e ouvir a leitura da Lei; desse modo, não seria necessário escrevê-la. Mas os gentios convertidos precisavam destas instruções básicas.[98] Os cristãos de origem gentílica, todavia, deveriam estar isentos de obedecer à lei mosaica. O decreto do Concílio de Jerusalém representava uma verdadeira Proclamação de Emancipação para os gentios que se tornassem membros da igreja.

5. *Decisão Conjunta* (15.22-29)

A decisão de Tiago foi endossada e publicada pelos **apóstolos** e pelos **anciãos, com toda a igreja** (22). Dessa maneira, os decretos foram emitidos com toda autoridade da igreja mãe que estava em Jerusalém. Para uma discussão sobre os **apóstolos** e os **anciãos**, veja os comentários sobre 23.

A expressão "Então agradou" (que consta em algumas versões) é melhor traduzida como **pareceu bem** (ASV). Lumby escreve: "Esta expressão é freqüentemente usada em pronunciamentos oficiais que estão relacionados a decisões de caráter público, ou decretos emitidos por autoridades (cf. Herodes I.3; Thuc. IV. 118)".[99] Lake e Cadbury dizem: "*Edoxe* é o termo técnico em grego de todos os períodos para 'votar' ou 'passar' uma medida em uma assembléia".[100] Neste texto, eles traduzem esta expressão como "Foi votado".[101]

A igreja decidiu eleger varões dentre eles e enviá-los com Paulo e Barnabé a Antioquia. Esta foi uma atitude sábia. Ela tenderia a "cimentar" a igreja judaica que estava em

Jerusalém com a igreja gentílica que estava em Antioquia. Estes cristãos de Jerusalém que retornaram com Paulo e Barnabé também tirariam a má impressão causada pelos judaizantes que haviam ido anteriormente da Judéia a Antioquia. Desse modo, ter dois homens de Jerusalém junto com dois homens de Antioquia representaria uma frente unida a favor da Igreja Cristã Judaico-Gentílica — algo que era muito necessário, como mostram as epístolas de Paulo.

Então escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, varões distintos entre os irmãos, *i.e.*, "líderes entre os irmãos" (referindo-se aos cristãos de Jerusalém). Pelo fato de Judas ter sido um nome muito comum naqueles dias, este irmão foi identificado como "Judas, chamado Barsabás". Assim, foi conjecturado que estes dois homens podem ter sido irmãos (*bar* é o termo aramaico para "filho"), pertencendo a uma família proeminente na igreja de Jerusalém. Nada mais se sabe a respeito deste Judas.

O caso de Silas é diferente. Ele foi o principal companheiro de Paulo em sua segunda viagem missionária, e por essa razão o seu nome ocorre freqüentemente nos três capítulos seguintes. Ele também é, sem dúvida, o Silvano mencionado em várias epístolas de Paulo (2 Co 1.19; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1) e em 1 Pedro 5.12.

A expressão **E por intermédio deles escreveram o seguinte** (23), em grego, corresponde simplesmente a "Tendo escrito através de suas mãos". Cada versão em inglês parafraseia esta frase de algum modo, como por exemplo: "E deram-lhes esta carta para que a entregassem" (NEB). Os quatro homens evidentemente atuaram como portadores da carta, e não como estenógrafos. A carta deve ter sido provavelmente composta por Tiago, a pedido da igreja.[102]

Os autores da carta são identificados como **os apóstolos, os anciãos e os irmãos**, mas o manuscrito grego mais antigo diz: "Os apóstolos, e os anciãos, irmãos". Lumby traduziria o texto da seguinte maneira: "Os apóstolos e os irmãos anciãos". Ele comenta: "Até agora, embora toda a igreja estivesse unida, apenas dois conjuntos de pessoas falaram como tendo sido consultadas ou tendo autoridade. Estas são *hoi apostoloi kai hoi presbyteroi* (vv. 2,6,22)".[103] Portanto, o decreto foi escrito "em nome destes dois grupos".[104] Isto não exclui a idéia de que a integralidade da igreja pudesse ter votado em concordância com esta decisão (ver os comentários sobre 22).

A carta era dirigida **aos irmãos dentre os gentios** que estavam em **Antioquia, Síria e Cilícia** (ver o mapa 3). Porém, foi enviada apenas aos gentios cristãos, pois entendiam evidentemente que os judeus cristãos continuariam a obedecer à lei. O decreto representava uma concessão especial aos gentios convertidos. Antioquia era a principal cidade da dupla província romana da *Syria et Cilicia*. Mas nesse caso esta cidade foi mencionada especificamente porque a igreja de **Antioquia** havia solicitado uma orientação aos apóstolos e anciãos de Jerusalém.

A palavra **saúde**[105] está escrita em grego no final do versículo, depois da designação dos destinatários, acompanhando sempre a ordem encontrada em milhares de cartas sob a forma de papiros gregos deste período, e que foram escavadas nas areias ressequidas do Egito. Além disso, todas elas usam as mesmas palavras encontradas aqui, *chairein*. O fato de a epístola de Tiago ter sido escrita pelo mesmo Tiago que compôs esta carta do Concílio de Jerusalém fica bastante comprovado por ser ela a única epístola do Novo Testamento que usa essa forma grega comum, *chairein*. Em outras passagens do Novo Testamento, ela só é encontrada na carta de Cláudio Lísias a Félix (23.26). Paulo, Pedro

e João (2 Jo) substituíram essa palavra por *charis*, "graça", que vem da mesma raiz de *chairein*, mas que transmite uma conotação espiritual e teológica muito mais rica. O significado literal de *chairein* é "regozijar-se, ficar contente".[106]

A carta propriamente dita começa no versículo 24. **Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós**[107]**... vos perturbaram com palavras e transtornaram a vossa alma** — ou "perturbaram o vosso pensamento" (RSV)[108] — **não lhes tendo nós dado** [*tal*] **mandamento.** A palavra *tal* (que não aparece na maioria das versões em português) está em itálico nas versões em inglês, indicando que ela não consta no original. Ela distorce o significado da frase. Não é que a igreja de Jerusalém não tivesse dado *tal* mandamento a estes desautorizados adeptos do judaísmo — na verdade ela não tinha dado nenhum mandamento — lit., "não demos mandamento algum". Os supostos emissários de Jerusalém estavam totalmente desautorizados.

A palavra **transtornaram** (*anaskenazo,* usada somente aqui no NT e ausente em toda a Septuaginta) é um termo muito forte. Foi usada no grego clássico para uma "completa remoção dos deuses",[109] e sua aplicação aqui é óbvia: "A devastação produzida nas mentes dos gentios convertidos, através do novo ensino, pode ser comparada a uma absoluta subversão".[110] O perigo era que uma confusão mental pudesse ser acompanhada de uma morte espiritual.

Em vista da maléfica influência que, extra-oficialmente, havia saído da igreja de Jerusalém, os líderes desta congregação sentiram que era seu dever corrigir a situação. **Pareceu-nos bem** (25) — *edoxe*, a mesma palavra traduzida no versículo 22 em algumas versões como "agradou-nos" — **reunidos concordemente** — *i.e.*, unanimemente —, **eleger alguns varões e enviá-los** — lit. "tendo escolhido homens para enviar-vos" — **com os nossos amados Barnabé e Paulo.** Os líderes de Jerusalém estavam mostrando possuir o espírito cristão ao enviar estes dois missionários aos gentios como seus **amados** representantes. Isto mostra o verdadeiro espírito de *homothymadon, i.e.*, de total acordo.

A palavra **amados**, que aparece apenas aqui em Atos, ocorre freqüentemente nas epístolas de Paulo, Pedro, Tiago e João. Pode ter sido nessa mesma época que Pedro, Tiago e João deram a Paulo e Barnabé as "destras em comunhão" (Gl 2.9).[111]

Barnabé e Paulo também foram descritos como **homens que já expuseram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo** (26). Esta descrição havia sido transmitida de forma convincente aos crentes de Jerusalém, quando os dois missionários relataram suas experiências em Chipre e na Ásia Menor. **Já expuseram** significa literalmente "entregaram-se" ou "renderam-se". O principal significado é que haviam dedicado sua vida a Cristo e, ao fazê-lo, haviam arriscado suas próprias vidas em benefício do nome do Senhor.

Os dois homens escolhidos para acompanhar Barnabé e Saulo, como representantes da igreja de Jerusalém, eram **Judas e Silas** (27). **Enviamos** é um tempo perfeito epistolar, afirmando o caso do ponto de vista daqueles que irão ler a carta, e significa "Estamos, portanto, enviando" (NEB), junto com esta carta. Os dois emissários iriam confirmar e explicar verbalmente o que constava da epístola.

Em seguida, vem o âmago da mensagem. **Pareceu bem** — *edoxe*, cf. 22, 25 — **ao Espírito Santo e a nós** (28). Dessa forma, os apóstolos e os anciãos estavam expressando sua convicção da presença da divina autoridade na decisão que haviam tomado. Pedro e João lembraram a promessa de Jesus aos discípulos: "Mas, quando vier aquele Espírito

da verdade, ele vos guiará em toda a verdade" (Jo 16.13). Eles haviam recebido o Espírito Santo no Pentecostes e agora podiam afirmar ter recebido a orientação divina.

A decisão era **não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias** — as coisas necessárias para evitar ofender seus irmãos judeus em Cristo. Lumby entende dessa maneira: "E enquanto eles (em Jerusalém), seguindo a sugestão do Espírito, estavam deixando de lado seus arraigados preconceitos contra qualquer relação com os gentios, afirmavam que os gentios, por sua vez, deveriam considerar carinhosamente os escrúpulos dos judeus".[112]

As quatro proibições que haviam sido decididas (cf. 20) foram agora confirmadas, mas em uma ordem diferente, e com a frase "contaminações dos ídolos" mudada para **coisas sacrificadas** [ou *oferecidas*] **aos ídolos**. Provavelmente, alguém havia sugerido que este ponto precisava ser mais específico. Se os leitores observassem essas poucas e simples restrições, eles fariam bem. A carta termina com **Bem vos vá** — literalmente: "estejam fortes, ou em boa saúde".[113]

Este incidente mostra a igreja "Evitando uma Crise". Os três estágios eram: 1. Dissensão (1-5); 2. Debate (6.12); 3. Decisão (13-29).

6. *Alegria pelo Resultado* (15.30-35)

Tendo os quatro homens se **despedido** (30) — "estando liberados" — **partiram** — lit., "desceram" (de Jerusalém) — **para Antioquia, e ajuntando a multidão** — (*synagogontes*) significando aqui "a congregação" —**entregaram a carta.** Bruce diz que este verbo era um termo "técnico em grego, e significava enviar um relatório ou entregar uma carta em mãos".[114]

Quando os cristãos de Antioquia ouviram a leitura da carta, **alegraram-se pela exortação** (ou consolação, 31) e ficaram muito aliviados ao saber que eles, como gentios, não seriam obrigados a obedecer à lei judaica.

Judas e Silas (32) também eram **profetas**, *i.e.*, pregadores. Portanto, **exortaram** — ou "encorajaram" (NASB) — e **confirmaram os irmãos** — lit., "os fortaleceram" (cf. 14.22). Eles ajudaram a tornar a igreja "firme e coesa depois de seu recente abalo e divisão".[115]

Depois que Judas e Silas se detiveram ali por **algum tempo** (33) — lit., "passaram algum tempo" — **os irmãos os deixaram voltar** — a mesma palavra que foi traduzida como "despedido" em 30 — **em paz** — "*i.e.*, com as palavras 'Ide em paz'... ou 'A paz esteja convosco'".[116] A expressão **para os apóstolos** pode ser entendida como "àqueles que os haviam enviado" (*aposteilantos autous* nos manuscritos mais antigos, em lugar de *apostolous*).

O versículo 34 foi omitido nas versões mais recentes porque não foi encontrado na maioria dos manuscritos gregos. Bruce explica muito bem esta questão, quando escreve: "A inserção que contradiz o versículo 33 tinha, sem dúvida, a intenção de explicar por que Silas aparece novamente em Antioquia no versículo 40. Entretanto, como o sentido claro do versículo 33 é que tanto ele como Judas retornaram a Jerusalém, devemos inferir que mais tarde Silas partiu de Jerusalém para Antioquia".[117]

Mas **Paulo e Barnabé** (no melhor texto grego, 35) — retornando à ordem habitual, agora que estavam longe de Jerusalém (cf. 12,25) — **ficaram em Antioquia, ensinando e pregando... a palavra do Senhor.** A igreja de Antioquia foi realmente muito afortunada por gozar do precioso ministério do apóstolo Paulo.

D. Novamente a Ásia Menor, 15.36—16.10

1. *A Separação de Paulo e Barnabé* (15.36-41)

Alguns dias depois (36) — lit., "depois de alguns dias", sugerindo provavelmente um curto período de tempo[118] — **Paulo** sugeriu a **Barnabé** que deveriam visitar novamente as igrejas que haviam fundado em sua primeira viagem missionária. O apóstolo preocupava-se com o bem-estar dos seus convertidos, e havia chegado a hora de verificar o que estava acontecendo com eles. O termo traduzido como o verbo **visitar** significa em primeiro lugar "inspecionar, examinar" e depois "visitar".[119] Aqui, ele pode transmitir um pouco de seu conceito original de visita de inspeção. Paulo queria fazer uma curta visita aos seus convertidos e ver como estavam.

Barnabé evidentemente deu sua total aprovação a esta idéia, mas **aconselhava que tomassem consigo a João... Marcos** (37). Ao invés de **aconselhava**, o melhor texto grego utiliza "desejou" ou "queria" (cf. "queria", Phillips). **Mas a Paulo parecia razoável que não** [o] **tomassem consigo** (38) — lit., "achou que não seria adequado levar esta pessoa com eles". Ele achava que João Marcos não era digno de acompanhá-los nesta viagem missionária, pois **desde a Panfília se tinha apartado deles e não os acompanhou naquela obra.** Isto implica que Paulo achava que Marcos era preguiçoso ou covarde, ou mesmo ambos. A tarefa era demasiado grande para ser prejudicada pela presença de qualquer pessoa que não estivesse totalmente consagrada ao serviço. Barnabé, evidentemente, insistiu para que João Marcos, seu primo (Cl 4.10, NASB), fosse com eles, pois achava que o jovem merecia uma outra oportunidade. Paulo, com seu extremo zelo e dedicação, não podia entender ou não simpatizava com uma pessoa que se esquivava da responsabilidade. Estes eram homens de forte disposição, como são todos os líderes. Aparentemente, nenhum deles estava disposto a ceder, porque cada um acreditava estar agindo corretamente.

Finalmente, as coisas chegaram a um clímax (39). A frase **Tal contenda houve entre eles** corresponde a apenas duas palavras em grego, *egeneto paroxysmos* — lit., "levantou-se um 'paroxismo'". Mas, o que significa esta palavra? No Novo Testamento, ela ocorre apenas em Hebreus 10.24, onde significa "provocação" — "Vamos nos analisar mutuamente para uma provocação de amor" (trad. literal). Para esta passagem em particular, Abbott-Smith sugere "irritação".[120] Lake e Cadbury traduzem-na como "disputa".[121] Esta palavra é usada duas vezes na Septuaginta (Dt 29.28; Jr 32.37), referindo-se à ira justificada de Deus contra os seus filhos desobedientes.

Talvez o melhor estudo dessa problemática passagem seja encontrado em Alexander. Ele escreve: "Não deve ser ampliada, entretanto, em nada que esteja além de uma repentina e temporária irritação (*aguçada*, de acordo com o principal significado da palavra grega), suficiente para o efeito aqui mencionado, e, podemos acrescentar, com a finalidade de cumprir o propósito divino de multiplicar os trabalhadores e até as missões através de uma dolorosa, porém momentânea, separação entre Paulo e Barnabé".[122]

O fato de esta separação não ser permanente pode ser constatado nas referências posteriores feitas por Paulo a Barnabé em suas epístolas (1 Co 9.6; Cl 4.10). João Marcos também recuperou a confiança de Paulo, que o recomendou à igreja colossense (Cl 4.10), mencionando-o como um de seus "cooperadores" (Fm 24). Finalmente, o apóstolo escre-

veu a Timóteo em sua última epístola: "Só Lucas está comigo. Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério" (2 Tm 4.11). Por fim, João Marcos foi completamente perdoado.

O resultado dessa discórdia entre Paulo e seus companheiros de vários anos foi que **se apartaram um do outro.** Esta separação dos velhos amigos deve ter causado muita dor. **Barnabé** levou **consigo a Marcos**, seu primo, e **navegou** — lit. "partiram por barco" — para **Chipre**. Este era o seu antigo território de origem, e Barnabé não é mais mencionado no livro de Atos. Segundo a tradição, ele permaneceu em Chipre até a sua morte. É possível que já estivesse envelhecendo, e esta tenha sido a sua última viagem. Também pode ser que não tivesse correspondido aos rigores das longas jornadas de Paulo na Europa. De qualquer maneira, Barnabé merece os mais elevados elogios pela imensa contribuição que fez em benefício da vida da Igreja Primitiva. Embora possuidor de um espírito magnânimo, é possível que Paulo nunca tivesse sido aceito pela igreja de Jerusalém. Também foi Barnabé que salvou Paulo do esquecimento ao levá-lo a Antioquia, de onde o apóstolo iniciou suas viagens missionárias. Mais do que a qualquer outro semelhante, Paulo deve a grandeza de sua carreira a Barnabé. Sua vida e suas obras são o mais eloqüente memorial que esta grande alma poderia receber. Seu epitáfio diz: Ele "era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé" (11.24). Todas as gerações da igreja precisaram e sempre precisarão de mais homens como Barnabé.

Depois da partida de Barnabé, **Paulo** escolheu **Silas** (40) — sem dúvida uma sábia escolha. Provavelmente, Silas era mais jovem que Barnabé, e foi nominalmente mencionado na carta que Paulo estava levando à igreja de Jerusalém. O fato de ser membro dessa igreja o tornaria mais aceitável aos olhos de alguns judeus nas cidades que Paulo pretendia visitar. Também o fato de Silas ser, como Paulo, um cidadão romano (cf. 16.37) representaria uma enorme vantagem nas viagens para a Macedônia e Grécia.

Paulo partiu sendo **encomendado** — lit. "tendo sido recomendado" (cf. 14.26) — **pelos irmãos à graça de Deus.** A ausência desta observação em relação à partida de Barnabé não significa necessariamente que ele tenha se afastado sem receber a bênção da igreja. Também não podemos excluir totalmente esta possibilidade. Ele pode ter partido um pouco precipitadamente, enquanto Paulo levou algum tempo para escolher Silas e ter um culto de despedida — em parte, talvez, porque tinha um novo companheiro missionário.

Em 37-40 encontramos "Os Erros de um Bom Homem". 1. A imperfeita bondade dos homens; 2. Uma possível maldade escondida em nossas melhores qualidades; 3. As graves questões relacionadas às pequenas faltas (Alexander Maclaren).

Paulo, acompanhado por Silas, **passou pela Síria e Cilícia** (ver o mapa 3) **confirmando as igrejas** (41). Este era um território muito familiar para Paulo, nas proximidades de Tarso. Também era a área onde os adeptos do judaísmo haviam trabalhado bastante. A primeira necessidade era certificar-se de que os gentios convertidos dessa província romana (*Síria et Cilicia*) estavam confirmados (fortalecidos) na fé e estabelecidos em Cristo. Paulo havia evangelizado esta área logo depois de sua conversão (Gl 1.21) e era hora de confirmar o seu trabalho. Não há dúvida de que Paulo e Silas leram para os gentios cristãos a carta do Concílio de Jerusalém, encorajando-os a gozar da sua liberdade em Cristo.

2. *A Escolha de Timóteo* (16.1-5)

Deixando sua cidade natal, Tarso, em direção às montanhas Taurus, e passando através dos famosos Portões da Cilícia (uma passagem com 130 quilômetros de comprimento), Paulo finalmente **chegou a** — "veio a" — **Derbe e Listra** (1). Viajando desta vez por terra, ele se aproximou das cidades do Sul da Galácia, seguindo uma direção oposta à da sua primeira viagem (ver o mapa 3).

Em Listra,[123] ele encontrou um **discípulo** chamado **Timóteo,** que havia sido salvo durante o seu ministério (1 Tm 1.2). Este era filho de uma **judia** que era **crente** — *i.e.*, que havia se convertido ao cristianismo, provavelmente durante a primeira visita de Paulo a esta cidade (14.8-20) — mas seu **pai** era **grego** e, aparentemente, não havia se convertido.

Os **irmãos que estavam em Listra e em Icônio**, davam **bom testemunho** de Timóteo (2). Como Icônio ficava a aproximadamente 32 quilômetros de distância de Listra, isso indica que o jovem havia deixado uma notável impressão de ser um cristão exemplar. Sua reputação havia excedido os limites de sua própria cidade.

Paulo admirava tanto Timóteo que desejava tê-lo em sua companhia (3). Como todos os judeus desta área sabiam que o pai de Timóteo era grego, Paulo o **circuncidou**. Esse ato não estava em conflito com a sua atitude quanto à circuncisão, como está refletido em Gálatas 2.3 e 5.3, nem com o decreto do Concílio de Jerusalém, porque ambos tratam do caso dos gentios convertidos. Mas Timóteo havia sido criado na religião judaica, por uma mãe e uma avó muito piedosas (2 Tm 1.5; 3.14-15). Evidentemente, seu pai não teria permitido que o menino fosse circuncidado. Aparentemente, seu pai já havia morrido — o tempo do verbo na expressão **mas de pai grego** nos originais deixa isso implícito.[124] Para Timóteo ser recebido nas sinagogas que Paulo pretendia visitar, ele teria de ser circuncidado. "Pois de acordo com o código rabínico, o filho de uma mãe judia era considerado judeu".[125] Dessa forma, a fim de ser considerado um bom judeu, ele precisava ser circuncidado. "Isso não traria nenhuma ofensa aos gentios e tornaria as obras de Timóteo mais aceitáveis aos judeus".[126] Em uma outra ocasião, Paulo evidentemente recusou que um associado seu, Tito, fosse circuncidado (Gl 2.3), mesmo sob forte pressão dos judeus. Mais isto aconteceu porque Tito era um gentio e Paulo estava defendendo seu princípio de libertar os gentios da lei judaica. Neste caso, a atitude do apóstolo era uma extensão de sua própria política: "E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei" (1 Co 9.20). A única questão que importava a Paulo era: O que será melhor para o Reino de Deus?

E, quando iam passando (tempo imperfeito) **pelas cidades** (Listra, Icônio, Pisídia, Antioquia) os irmãos **lhes entregavam** (4) — os gentios cristãos — **os decretos** — lit., "dogmas" usados para os decretos imperiais (17.7; Lc 2.1)[127] — **que haviam sido estabelecidos pelos apóstolos e anciãos em Jerusalém**. A expressão **Que haviam sido estabelecidos** quer dizer literalmente "que foram julgados". Esta é a única passagem no Novo Testamento onde o verbo comum *krino* foi traduzido como **estabelecidos**. À luz desse contexto (cap. 15), provavelmente a melhor tradução para a frase seria: "As decisões a que chegaram" (Phillips) ou "Os decretos que foram deliberados".[128]

Aparentemente, a promulgação dos decretos do Concílio de Jerusalém mais ajudou do que prejudicou os trabalhos, pois lemos que: **as igrejas eram confirmadas na fé e cada dia cresciam em número** (5) — lit., "estavam sendo fortalecidas" e "estavam

aumentando" (verbos no tempo imperfeito). Este é o quarto relatório resumido sobre o progresso do trabalho missionário (cf. 6.7; 9.31; 12.24).

3. *O Impedimento do Espírito* (16.6-10)

E, passando (6) poderia ser melhor traduzido como: "Depois que atravessaram" (Phillips)[129] — *i.e.*, depois que fizeram a viagem missionária (cf. 8.4; 13.6), esses pregadores do Evangelho continuaram o caminho **pela Frígia e pela província da Galácia** — e não "pelo país da Frígia e da Galácia" (grego). Provavelmente, Ramsay está certo quando traduz o texto da seguinte forma: "A região da Frígia, da *província* da Galácia".[130] Bruce traduz esta frase como "a região Frígia e Galática", mas interpreta seu significado como "o distrito fronteiriço entre as etnias da Frígia e da Galácia".[131]

Neste ponto, eles **foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar** — lit., "de falar" — **a palavra na Ásia** — a província romana da Ásia, na extremidade oeste da Ásia Menor. A frase literal em grego "tendo sido impedidos" sugere que eles receberam esta ordem quando ainda estavam trabalhando nas cidades do Sul da Galácia. Provavelmente, Paulo planejara dirigir-se em seguida à grande metrópole de Éfeso, cidade mais importante da Ásia, pois era sua política evangelizar primeiro nas grandes cidades. Porém, Éfeso deveria esperar por uma ocasião posterior. Somente três anos depois, em sua terceira viagem missionária, Paulo permaneceu pregando nesta cidade durante cerca de três anos (cap. 19).

E quando chegaram a Mísia (7) — ou melhor, "quando chegaram do lado oposto a Mísia",[132] a região noroeste da província da Ásia (ver o mapa 3) — eles **intentavam** — "estavam tentando" — **ir para Bitínia** — uma província senatorial no noroeste da Ásia Menor — **mas o Espírito de Jesus**[133] **não lho permitiu**. O melhor texto grego diz "e o Espírito de Jesus não lhes deu permissão".

Como tinham sido proibidos pelo Espírito — provavelmente por uma forte impressão interior — de pregar o Evangelho a oeste na Ásia ou ao norte na Bitínia, os missionários fizeram a única coisa que lhes havia restado. **Tendo passado por Mísia** (8) — ao invés de pregar através dessa região (contra 8.4; 13.6), porque fazia parte da província da Ásia — eles **desceram a Trôade.** Isto é, seguiram um curso médio a oeste dessa colônia romana localizada na costa. A cidade estava localizada em um "fim de mundo", do outro lado do mar, de frente para a Macedônia, na Europa.

Este incidente proporciona uma valiosa lição sobre a orientação divina. Paulo se sentia, de algum modo, na posição de um homem que caminha por um corredor. Ele quer entrar nas portas à direita ou à esquerda, mas todas elas trazem um aviso: "Não entre". Portanto, ele continua caminhando, sentindo-se tentado pela frustração. Então se aproxima do que parece ser uma parede em branco. Porém, ao chegar, de repente grandes portas se abrem e ele entra em um grande auditório repleto de pessoas.

Paulo deve ter imaginado por que havia sido proibido pelo Espírito de ir para a esquerda (Ásia) ou para a direita (Bitínia). Mas, ao caminhar em linha reta até o fim da terra, de repente uma grande porta se abriu e ele se encontrou frente a frente com um grande campo a cultivar na Europa. Deus havia fechado as portas menores porque tinha uma tarefa maior reservada para o seu apóstolo. Isto às vezes também acontece em nossa vida.

Nada é mencionado sobre a pregação de Paulo e seu grupo em Trôade. Parece que nesta época o apóstolo estava seguindo em frente, obedecendo a ordens seladas, sem saber o seu destino. Mas logo o selo seria rompido e seu próximo destino seria revelado.

Paulo teve, de noite, uma visão em que viu um homem da Macedônia fazendo-lhe uma súplica: **Passa à Macedônia e ajuda-nos!** (9) Nesta época, a Macedônia era uma província romana, e, apesar de ter dominado a Grécia sob o comando de Felipe, e de suas conquistas no Egito e na Síria sob a brilhante liderança de Alexandre, o Grande, ela foi finalmente conquistada pelos romanos no ano 168 a.C. e transformada em uma província romana em 146 a.C.

Logo depois desta visão, procuramos... — "buscamos", sugerindo a procura de meios de transporte (cf. NEB — "imediatamente iniciamos a procura de passagens"). Certamente deduzindo — ou melhor, "**concluindo**" (ASV) — **que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho** (10) — "para evangelizá-los" [*euangelisasthai*].

Este é o começo da primeira das assim chamadas "seções nós" em Atos, onde a primeira pessoa do plural é substituída pela terceira. Esta seção "nós" se estende através do versículo 17. Se alguém anotar na Bíblia todas as ocorrências da palavra "nós" e "nos" nos versículos 10-17 irá verificar que elas são bastante numerosas. Depois do versículo 17, termina a ocorrência de "nós" até o retorno de Paulo a Filipos para a sua terceira viagem missionária (20.5). Parece ser uma suposição justificada afirmar que Lucas, o autor de Atos, juntou-se ao grupo de Paulo em Trôade, navegou com os missionários através da Europa e permaneceu em Filipos como o primeiro pastor daquela igreja durante cerca de seis anos até o retorno de Paulo. Depois, ele juntou-se a eles novamente e permaneceu ao lado de Paulo até a ocasião da morte do grande apóstolo (cf. 2 Tm 4.11 — "só Lucas está comigo").

A questão de como estes dois homens se encontraram é bastante curiosa. Será que Paulo ficou doente — novamente com a malária crônica das regiões costeiras (ver os comentários sobre 13.13) e precisou procurar cuidados médicos? Será que foi assim que ele encontrou "Lucas, o médico amado" (Cl 4.14)? A principal escola médica daquela época estava em Tarso, a cidade natal de Paulo, e pode ser que Paulo tenha freqüentado a universidade local — a terceira maior universidade, depois de Atenas e Alexandria. Portanto, somos tentados a especular que Paulo e Lucas podem ter se conhecido e depois se reencontrado em Trôade. Lucas, então, teria decidido arriscar a sua sorte na equipe evangelística de Paulo.

Ramsay, na verdade, dá um passo à frente. Ele acha que Lucas era o "homem da Macedônica,[134] embora tenha sugerido que eles "se conheceram acidentalmente quando eram estranhos",[135] talvez quando Paulo procurou os serviços de um médico.[136] Não é impossível que Lucas tenha conhecido Filipos e possa ter insistido com Paulo para ir até lá. Esse pode ter sido o cenário, mas não deve ser entendido como um substituto da clara afirmação (9) de que o chamado para ir à Macedônia foi recebido por Paulo à noite, e sob a forma de uma visão.

Em 16.6-10, sob o tema "A Direção Divina", podemos notar: 1. Deus guia através do controle e da disposição (6-7); 2. Quando obedecemos aos controles, a devida direção irá chegar em seu devido tempo (8-9); 3. Embora possamos ser testados, Deus sempre deixará bem clara a sua vontade àqueles que lhe obedecem (10).

E. A MACEDÔNIA, 16.11—17.15

1. *Filipos* (16.11-40).

Esta cidade foi capturada por Filipe da Macedônica, que a fortificou para ser uma fortaleza fronteiriça, e desenvolveu as suas minas de ouro, às quais deu o seu próprio nome. Ela transformou-se em uma colônia romana, significando que seus cidadãos tinham os mesmos direitos e privilégios daqueles que viviam nas terras que faziam parte da Itália. Na época de Paulo, Filipos era uma cidade próspera, mas atualmente é apenas um cemitério. "A decadência de Filipos, agora totalmente deserta, deveu-se em grande parte à malária".[137]

a. *A Conversão de Lídia* (16.11-15). A viagem de **Trôade** até **Neápolis** (ver o mapa 3) é descrita em uma breve sentença, mas com detalhes gráficos. A palavra **navegando**, é um termo náutico usado apenas por Lucas (Lc 8.22 e treze vezes em Atos). **Correndo em caminho direito** (11) — lit., "percorreram um curso reto" — é outro termo náutico encontrado somente aqui e em 21.1. Conybeare e Howson sugerem a seguinte tradução: "Navegaram à frente do vento".[138] O fato de terem seguido este caminho (mais de 220 quilômetros) de **Trôade** até **Neápolis** em dois dias, é prova de que enfrentaram ventos favoráveis. Vindo na direção oposta, enfrentando ventos contrários, eles levaram cinco dias (20.6).

Durante sua viagem, eles pararam uma noite na **Samotrácia**, uma ilha montanhosa com elevações de 5.000 pés, "um grande marco neste canto do Levante".[139] Como o mar Egeu é repleto de formações rochosas que se elevam sobre a superfície da água — ou pior, ficam perto da superfície —, não era seguro navegar à noite naquela época em que não havia bússolas ou mapas.

Ao final do segundo dia, eles chegaram em **Neápolis** (palavra grega para "Cidade Nova"), chamada atualmente de Cavala. Lake e Cadbury dizem: "Cavala é o único porto verdadeiro na costa sul da Macedônia, com exceção de Salônica, e era muito mais seguro do que este último para os barcos à vela".[140] Por essa razão, era o terminal ocidental de uma movimentada rota, a Via Egnátia, na Europa.

Do porto de Neápolis, os missionários caminharam dezesseis quilômetros sobre as colinas e chegaram à planície de **Filipos** (12). Ela é descrita como **a primeira cidade desta parte da Macedônia e é uma colônia** (gr., *kolonia*). A Macedônia era dividida em quatro distritos administrativos, mas a capital desta região oriental era Anfípolis, e não Filipos. A palavra **primeira** é *prote*. Lake e Cadbury dizem "*Prote*... era um título honorífico dado ou reivindicado por muitas das cidades mais importantes das províncias orientais".[141] Mas eles terminam: "É mais provável que o significado de *prote* nesta passagem seja simplesmente o de uma 'cidade principal'".[142]

A palavra grega *kolonia* é uma transliteração da palavra latina *colônia*, que foi adotada na língua portuguesa como **colônia**. Lake e Cadbury apresentam o significado bastante extenso, bem como a importância deste termo: "As colônias romanas eram originalmente povoados habitados por cidadãos romanos em território conquistado, e deveriam funcionar como guarnições militares. Mais tarde, elas foram usadas para atender às necessidades dos soldados veteranos".[143] Os colonos romanos tinham três principais direitos: (*a*) governo autônomo; (*b*) isenção de impostos; (*c*) os mesmos privilégios legais daqueles que viviam na Itália.

Levantou-se uma questão sobre o fato de somente a cidade de Filipos ter sido descrita em Atos como **colônia**, enquanto Pisídia, Antioquia, Listra, Trôade, Ptolemaida, Corinto, Siracusa e Putéoli já gozavam desta honra. Ramsay acredita que isto se deva à vontade de Lucas de demonstrar o orgulho que sentia por sua cidade natal.[144] Mas na décima quarta edição (1920) de sua famosa obra *St. Paul the Traveler and the Roman Citizen*, Ramsay finalmente aceita a forte tradição da Igreja Primitiva de que Lucas havia nascido em Antioquia da Síria. Ele explica esta atitude de Lucas nestes termos: "Seu amor por Filipos se devia à longa e bem-sucedida evangelização que ele havia realizado ali".[145] E esta parece ser uma explicação bastante razoável. A expressão **alguns dias** naturalmente se refere a poucos dias.

No dia de sábado (13) — o sábado judeu —, os missionários saíram **fora das portas** — o melhor texto grego traz o termo "portão" — **para a beira do rio** — o Gangites ou Angites, um afluente do rio Strimon, onde julgavam **haver um lugar para oração** — ou melhor "onde estavam supondo que havia um lugar de oração" (NASB). Aparentemente, eles preferiam um lugar às margens de um rio ou na praia por causa dos ritos de purificação dos judeus. Encontrando algumas mulheres que ali haviam se reunido, Paulo e seus companheiros sentaram-se e conversaram com elas. A menção das mulheres implica que não havia sinagogas em Filipos. A regra tradicional dizia que deveria haver pelo menos dez homens judeus em uma comunidade para que uma sinagoga pudesse ser formada.[146] Como os gentios do sexo masculino eram obrigados a fazer a circuncisão antes de pertencer ao judaísmo, era mais fácil para as mulheres se tornarem prosélitos. Muitas vezes, as mulheres são mais religiosas do que os homens e mais conscientes da necessidade da freqüência aos cultos. O fato de nenhum homem ter sido mencionado aqui sugere que em sua maioria as mulheres atuavam como prosélitos.

Neste grupo, havia **uma certa mulher, chamada Lídia** (14). Ela era uma **vendedora de púrpura** — "vendedora de tecidos de púrpura"[147] (uma única palavra, que só aparece aqui no NT) — da **cidade de Tiatira,** na província da Ásia. Esta cidade era famosa pela sua tintura púrpura obtida de um molusco. O tecido que recebia esta tintura alcançava um elevado valor no mundo da antiguidade. Foi declarado aqui que ela **servia a Deus**. **O Senhor lhe abriu o coração,** portanto ela prestava cuidadosa atenção às coisas que eram faladas por Paulo.

Depois que foi **batizada** (15) como cristã, ela rogou aos missionários que se hospedassem em sua casa enquanto estivessem em Filipos. É óbvio que se tratava de uma mulher de negócios, com uma grande casa, onde o grupo formado por quatro homens poderia ser acomodado. Os membros da **casa**, batizados com ela, formavam provavelmente seu séqüito de empregados, e nada é mencionado a respeito de ela ter um esposo ou filhos.

A palavra **constrangeu** tem um sentido muito forte. No grego clássico, queria dizer "obrigar à força".[148] Lumby comenta: "A força usada era a força da oração que não aceitaria um 'não'".[149] Meyer apresenta uma sugestão útil dizendo que, aqui, esta palavra está descrevendo "a veemente urgência de um sentimento de gratidão".[150]

Sob o título da narrativa "Paulo em Filipos", Alexander Maclaren mostra no versículo 13: 1. O aparente significado e a real grandeza do trabalho cristão; 2. A lei do crescimento no Reino de Cristo; 3. A simplicidade das forças às quais Deus confia o crescimento do seu reino.

b. A Expulsão de um Demônio (16.16-18). **Indo nós à oração** (16) é uma frase que pode ser traduzida como "quando chegamos ao lugar da oração" (ASV). Provavelmente, se tratava de uma outra viagem ao local de reunião à beira do rio, e **a jovem** devia ser uma "jovem escrava". Moulton e Milligan dizem que a palavra grega que originalmente significava "uma jovem" passou mais tarde a significar, na língua grega, uma 'escrava do sexo feminino'".[151]

Esta escrava que encontrou os missionários a caminho da oração, **tinha espírito de adivinhação** — lit., "um espírito, uma jibóia". Bruce escreve: "As *Pythones* eram inspiradas por Apolo, o deus Pitiã, que consideravam estar personificado em uma serpente (a jibóia) na ilha de Delfos (também chamada Pito)".[152] A jovem **dava grande lucro aos seus senhores** — no "trabalho" ou nos "negócios" — **adivinhando** (palavra usada somente aqui no NT), ou "dizendo a sorte" (NASB).

A jovem possuída pelo demônio seguiu **a Paulo e a nós** (17). Esta frase marca o fim da primeira seção "nós" (10-17). **Seguindo** é um forte nome composto (somente aqui e em Lucas 23.55) que significa "ir atrás de alguém". Ela "continuava a clamar" (modo imperfeito do verbo): **Estes homens que nos anunciam** — "proclamam"[153] — **o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo.** Devemos nos lembrar dos homens endemoninhados gritando que Jesus era o Messias e o Filho de Deus (Mc 1.24; Lc 4.41).

Paulo estava tão ansioso por conseguir o testemunho desta região quanto o próprio Senhor Jesus. Portanto, fez a mesma coisa que Cristo; expulsou o demônio. Como a jovem escrava continuasse a importunar durante **muitos dias** (18), Paulo ficou perturbado — "cansado" — e ordenou ao espírito: **Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela.** A cura foi imediata e completa: **E, na mesma hora, saiu.** A primeira dificuldade encontrada em Filipos havia sido enfrentada e vencida.

c. Lançados à Prisão (16.19-24). Na maioria dos casos de perseguição descritos em Atos, a oposição vinha dos judeus e estava relacionada com a religião. Houve duas exceções, aqui e em Éfeso (19.23-41). Nestas duas ocasiões, a oposição foi instigada pelos gentios por razões financeiras.

Quando os senhores da escrava viram que **a esperança do seu lucro estava perdida** (19) — pois a jovem não podia mais adivinhar — eles **prenderam** ("colocaram as mãos" em) **Paulo e Silas e os levaram** — ou melhor, "arrastaram" — **à praça** — a Àgora — **à presença dos magistrados. Estava perdida** é uma expressão que literalmente quer dizer "tinha desaparecido", e tem a mesma forma que "saiu" no versículo anterior.

Bruce comenta: O senso de humor de Lucas aparece aqui na escolha da palavra *exelthen* depois do seu uso no versículo 18. Sua "esperança de lucro" era, na verdade, o próprio espírito que havia sido expulso".[154] Como o demônio "tinha saído", sua esperança de lucro havia "desaparecido".

" Autoridades" (conforme algumas versões, 19) é um termo geral (*archontes*), enquanto **magistrados** (20) é uma palavra mais específica (*strategoi*) para se referir aos pretores romanos. Lake e Cadbury dizem: "Provavelmente, *archontes* era simplesmente um termo genérico que pode ser definido mais claramente pelo termo *strategoi*, que vem a seguir".[155] Havia dois pretores em cada colônia que governavam em conjunto.

As acusações contra Paulo e Silas, apresentadas pelos senhores da escrava, eram muito graves. Primeiramente, eles apelaram para o preconceito racial: estes homens, sendo **judeus**. Depois, indicaram mais duas acusações contra eles. A primeira era: **perturbaram a nossa cidade.** O verbo **perturbaram** é muito forte. Meyer faz a seguinte tradução: "trouxeram desordem a nossa cidade".[156] Uma coisa que o governo de Roma não tolerava era qualquer perturbação da paz da comunidade. *Pax Romana* era a palavra-chave do império.

A segunda acusação era: **nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos** (21) — para fazer contraste com "sendo judeus" (20). O judaísmo havia sido reconhecido pelo governo romano como uma religião legal, mas o mesmo não acontecia com o cristianismo. O novo movimento podia contar com a proteção da lei desde que fosse considerado uma seita dos judeus. Roma era pouco amistosa quando se tratava de novas religiões.

Tirando proveito deste fato, e do sempre presente preconceito racial, os queixosos alcançaram sucesso imediato. **A multidão** (22) — de espectadores — **se levantou unida contra eles** — em uma manifestação espontânea de anti-semitismo. **Os magistrados, rasgando-lhes as vestes...** Ramsay acredita que os magistrados (pretores) rasgaram as próprias vestes "em legal horror",[157] mas provavelmente Alexandre é mais correto, quando diz: "Não as suas próprias, como alguém poderia imaginar, o que estaria totalmente fora do caráter dos romanos, mas aquelas que pertenciam a Paulo e Silas".[158] Depois, **os magistrados... mandaram açoitá-los com varas** (trad. literal).

E havendo-lhes dado muitos açoites, os lançaram na prisão, mandando ao carcereiro que os guardasse com segurança (23), pois podiam ser perigosos prisioneiros políticos. Com ordens tão severas, o carcereiro **os lançou no cárcere interior** (24) — ou na "prisão mais escondida" — **e lhes segurou os pés no tronco** — lit., "na madeira". Lake e Cadbury escrevem: "Este tronco era aparentemente feito como os troncos tradicionais da cidade, porém tinha mais dois buracos para as pernas, de forma que elas eram forçadas a ficar separadas em uma posição intoleravelmente dolorosa".[159]

d. A Conversão do Carcereiro (16.25-34). O incidente que se segue representa um dos gloriosos memoriais do triunfo do cristianismo no espírito humano. Ao invés de murmurarem e se queixarem porque não podiam dormir por causa das dores, **perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus** (25) — lit., "orando, eles estavam louvando a Deus" (*hymnoun,* "cantando louvores"). Ao orarem, eles sentiam a alegria crescer dentro deles e isto os levava a cantar. A oração sincera sempre leva à glorificação, e a glorificação dispersa a tristeza. Naquele escuro calabouço, uma luz brilhava no coração dos dois missionários. Eles oravam e cantavam bem alto, de modo que **os outros presos os escutavam** — lit., "estavam ouvindo os dois".

E, de repente, sobreveio um tão grande terremoto (26). Deus não podia deixar seus servos sofrendo enquanto cantavam louvores a Ele. Portanto, Ele sacudiu e abriu as portas da prisão, e soltou as cadeias que prendiam as mãos e os pés dos prisioneiros. O **carcereiro** acordou com o terremoto e ficou horrorizado ao ver que as portas da prisão estavam abertas. Imaginando que os prisioneiros tinham fugido, ele **tirou a espada e quis matar-se** — "uma questão de honra militar, ou talvez para evitar o castigo aplicado a um carcereiro que deixa os prisioneiros escaparem"[160] (Cf. 12.19; 27.42).

Agindo rapidamente, Paulo evitou o suicídio clamando com grande voz: **Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos** (28). O único que realmente estava no comando da situação era Paulo, o homem de Deus, e não o carcereiro. Este último **pediu luz** (29) — em grego "luzes" — **saltou dentro** — "correu" — **e todo trêmulo** — terrivelmente abalado pelo acontecimento — **se prostrou ante Paulo e Silas**, reconhecendo que o terremoto estava relacionado com eles.

Tirando-os para fora (30) — um manuscrito (D) grego acrescenta: "tendo amarrado os outros" — **disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?** Ele pode ter ouvido as palavras da jovem escrava possuída pelo demônio (cf. 17) e o terremoto levou-o a acreditar que eram verdadeiras.

A reposta dos missionários foi: **Crê no Senhor Jesus Cristo**[161] **e serás salvo, tu e a tua casa** (31). Nada é mencionado sobre o arrependimento, como em 2.37-38, quando responderam à pergunta: "Que faremos?" A razão, provavelmente, é que Paulo percebeu um verdadeiro arrependimento já presente na atitude do carcereiro. Ele estava pronto para crer. Aqui, a palavra **casa** significa "lar" e pode ter incluído os servos deste homem assim como toda a sua família.

O carcereiro e sua família precisavam ser instruídos (32) na **palavra do Senhor**, e foi isto que os missionários começaram a fazer. Talvez Paulo tenha falado com os homens, e Silas, com as mulheres e as crianças.

E... naquela mesma hora da noite (33) o carcereiro **lavou-lhes os vergões.** Logo depois, **foi batizado, ele e todos os seus.** Bruce diz: "A lavagem e o batismo aconteceram antes de serem levados para fora da prisão (v. 30) e antes de serem levados a sua casa (v. 34), provavelmente, em uma fonte que existia no pátio".[162]

Quando o carcereiro trouxe os dois prisioneiros a sua casa, **lhes pôs a mesa** (lit., 34) **e, na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa.** A ameaça do funeral foi substituída por uma ocasião de festa e regozijo.

Em relação aos versículos 30-31, Alexander Maclaren apresenta a "Grande Pergunta". 1. A pergunta que devemos fazer: **O que é necessário que eu faça para me salvar?** (30); 2. A clara resposta: **Crê no Senhor Jesus Cristo** (31); 3. A bênção que todos podemos receber: **Serás salvo** (31).

e. A Justificação Completa (16.35-40). **Sendo já dia** (35), **os magistrados** — pretores — **mandaram quadrilheiros** — sargentos, lit., "açoitadores". Lumby comenta: "Estes eram os sargentos que atendiam os pretores... provavelmente as mesmas pessoas que, na véspera, haviam açoitado Paulo e Silas, e que agora eram enviadas para livrar-se deles".[163] Também é totalmente possível que os magistrados tivessem ficado tão atemorizados pelo terremoto que decidiram que era melhor não deter os missionários por mais tempo.

A mensagem que os "policiais" (NASB) levavam era: **Soltai aqueles homens.** O carcereiro contou isto a Paulo e disse aos dois antigos prisioneiros: **saí e ide em paz** (36).

Mas Paulo tinha alguma coisa mais em mente. Ele respondeu: **Açoitaram-nos publicamente, e, sem sermos condenados, sendo homens romanos, nos lançaram na prisão, e agora, encobertamente** [secretamente], **nos lançam fora? Não será assim; mas venham eles mesmos e tirem-nos para fora** (37). Superficialmente, isto parece ser uma retaliação pessoal. Mas o que devemos entender é que, neste

ponto, Paulo fez um movimento estratégico. Os fundadores da igreja cristã em Filipos haviam sido publicamente acusados de serem criminosos. Sem qualquer semelhança com um tribunal ou com uma condenação legal, eles haviam sido lançados na prisão como pessoas perigosas. Em nome da igreja e da sua reputação, não a dele, Paulo exigiu que os magistrados lhe dessem uma completa justificativa com a finalidade de mostrar a toda a cidade que os fundadores da igreja não eram criminosos nem desordeiros. Se ele estivesse procurando se vingar, deveria ter processado os proprietários da escrava que haviam levantado uma calúnia contra ele e Silas. Mas isto ele não fez.

Quando os magistrados souberam que Paulo e Silas eram cidadãos romanos, **eles temeram** (38), e com toda razão. Como cidadãos romanos, os dois missionários podiam ter apelado ao imperador e os magistrados seriam duramente castigados. "Os cidadãos eram protegidos contra o açoite"[164] e, em todo caso, não podiam ser retidos antes de uma condenação oficial do tribunal.

A questão sobre a razão por que Paulo e Silas não alegaram a sua cidadania, evitando dessa forma o açoite — como Paulo resolveu fazer mais tarde em Jerusalém (22.24-29) — não pode ser respondida com muita segurança. A explicação mais plausível é que havia tal confusão em Ágora que eles não conseguiram que suas vozes fossem ouvidas. Todo este incidente parece ter sido o resultado de uma decisão precipitada.

De qualquer maneira, os magistrados vieram e humildemente **dirigiram súplicas** aos missionários, pedindo **que saíssem da cidade** (39). Aqueles homens da cidade já não queriam mais nenhum tumulto, pois suas carreiras já haviam sido ameaçadas pelo acontecido.

Paulo e Silas deixaram a prisão, foram à **casa de Lídia** para ver os **irmãos** (40), *i.e.*, os recém-convertidos**, os confortaram —** ou "os exortaram" **— e depois partiram.** Evidentemente, acharam que seria melhor para a nova igreja que eles deixassem a cidade.

2. *Tessalônica* (17.1-9)

Paulo e seu grupo "puseram-se a caminho" — pela famosa via Egnátia, que ligava Roma ao oriente — através de **Anfípolis e Apolônia**, em direção a **Tessalônica** (1, ver o mapa 3). Esta era uma distância de aproximadamente 160 quilômetros que, para ser percorrida, tomaria boa parte da semana entre os dois sábados. A distância entre Filipos e Anfípolis era de 53 quilômetros, mais 48 quilômetros até Apolônia, e mais 60 quilômetros até Tessalônica — as cidades estavam muito distantes uma da outra para um dia de viagem a pé, portanto, eles devem ter cavalgado. Como Lucas não estava com eles, não temos nenhum detalhe particular dessa viagem.

O costume de Paulo era viajar pelas principais estradas. Bruce, com muita propriedade, observa: "As estradas do Império tornaram-se para Paulo as estradas para o Reino do céu".[165]

Anfípolis — "cidade dos dois lados" — tinha este nome porque era quase totalmente cercada pelo rio Strimon, e estava há aproximadamente cinco quilômetros do mar. Era a capital do primeiro distrito da Macedônia, que incluía Filipos. Não sabemos por que Paulo não parou nem nesta cidade nem em Apolônia para pregar.

Tessalônica era um importante porto do mar Egeu e ainda hoje é um movimentado centro comercial. Era a capital da Macedônia, e sua maior cidade. Ao contrário de Filipos,

havia ali uma **sinagoga de judeus**, e isto proporcionou aos missionários um lugar estratégico para iniciar a evangelização daquela comunidade.

a. Progresso (17.1-4). Paulo, **como tinha por costume, foi ter com eles** (2) e freqüentou os cultos da sinagoga **por três sábados** e **disputou** — "discutiu" ou "argumentou" (NEB) — **com eles sobre as Escrituras.** Como os judeus eram estudantes dedicados das Escrituras e gostavam de discutir, Paulo encontrou ali uma oportunidade de ouro.

Dois verbos foram usados para descrever os argumentos dos apóstolos sobre as Escrituras. O primeiro é **expondo** (3), lit., "mostrando detalhadamente". A tarefa básica de um pregador é expor a Bíblia ao entendimento das pessoas. O segundo verbo é **demonstrando**, que significa literalmente "colocar ao lado". Portanto, Paulo estava colocando Escrituras específicas ao lado de seus argumentos para confirmá-los. Para esta passagem, Abbott-Smith sugere o significado de "apresentar, citar como evidência".[166] Paulo estava apresentando passagens das Escrituras judaicas para dar suporte aos seus argumentos.

O ponto principal que o apóstolo tinha em mente era apresentar e provar **que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos**. Até os judeus poderem entender que as suas Escrituras ensinavam sobre um Messias sofredor e ressuscitado, Paulo não podia esperar que fossem aceitar Jesus como seu Messias. Tendo estabelecido o fato de que as Escrituras do Antigo Testamento ensinam que o Messias iria sofrer (Sl 22; Is 53), morrer e ressuscitar (Sl 16.10), Paulo não podia provar seu argumento mais importante: **este Jesus, que vos anuncio, dizia ele, é o Cristo.**

Uma típica conseqüência resultou da pregação de Paulo: **alguns deles creram** (4), ou "foram persuadidos" (ASV) e **ajuntaram-se com Paulo e Silas.** O verbo significa literalmente "designar", "designar por sorteio"[167] (cf. Phillips — "lançar a sua sorte"). Alexander explica da seguinte maneira: *Ajuntaram-se com* (ou mais exatamente, foram designados para) *Paulo e Silas,* pela graça divina, como sua porção ou fruto do seu ministério".[168] Além destes judeus que foram persuadidos e "ajuntaram-se" a Paulo e Silas, havia uma grande multidão de **gregos religiosos** — membros da sinagoga judaica — e **não poucas mulheres distintas** — possivelmente "esposas dos líderes". Como os judeus exigiam a circuncisão dos prosélitos e os cristãos não faziam tal exigência dos convertidos, os gentios que freqüentavam a sinagoga eram mais atraídos para a nova religião. O cristianismo oferecia tudo o que atraía estes gentios ao judaísmo — crença em um único Deus, elevados padrões morais, etc. — sem os ofensivos requisitos legais. Isto não quer dizer que o cristianismo não tivesse exigências mais elevadas em termos de uma verdadeira consagração ou sacrifício; no entanto, essas exigências pertenciam principalmente ao reino espiritual.

b. Perseguição (17.5-9). Era inevitável que a popularidade dos novos pregadores viesse a provocar a oposição. A situação era a mesma de muitas ocasiões anteriores: "os judeus sentiam inveja".[169] Portanto, **tomaram consigo alguns homens perversos** — "ímpios" ou "sem valor" — **dentre os vadios** — lit., ociosos da Ágora (mercado). Lake e Cadbury acreditam que este significado etimológico pode não ter sido usado naquela época. Eles traduzem vadios como "classe inferior".[170] Entretanto, provavelmente seria

melhor deixar que o significado original permanecesse (cf. Phillips — "vadios sem princípios, que ficavam no mercado"; NEB — "homens baixos do refugo do populacho"). Bruce vai mais além e sugere o termo "bandidos".[171]

Escolhendo tais pessoas, os opositores judeus haviam ajuntado **o povo** — lit., "haviam formado uma multidão" ou "formado um populacho" (NASB), e **alvoroçaram a cidade** (cf. mesma palavra usada em 20.10). **Assaltando** — "tendo atacado" (NEB) — **a casa de Jasom** — onde aparentemente os missionários estavam alojados — eles **procuravam** — "estavam procurando" (modo imperfeito do verbo) — **tirá-los para junto do povo.** O termo usado aqui não corresponde à palavra usual para "povo" (*laos*), mas *demos*. Este tem o significado especial de "povo reunido" (cf. 12.22; 19.30,33). Bruce diz: "Como Tessalônica era uma cidade livre, seu corpo de cidadãos (*demos*) desempenhava as funções legislativas e jurídicas".[172] Os judeus pretendiam levar os missionários perante a assembléia da cidade.

Por alguma razão desconhecida, Paulo e seu grupo não estavam nesse momento na casa de Jasom. Portanto, os da multidão **trouxeram** (6) — lit., "arrastaram violentamente" — **Jasom e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade**. Até recentemente, o termo *politarches* (lit., governantes da cidade; este termo só aparece aqui e no versículo 8) não havia sido encontrado em nenhum texto da literatura grega. Dessa forma, alguns críticos antigos acusaram Lucas de ter inventado esta palavra. Porém, mais uma vez, os escritos de Lucas foram amplamente comprovados pela arqueologia, por ser um historiador que registrou os fatos com precisão. Foram descobertas não menos que dezenove inscrições pertencentes à Macedônia, que contém esta palavra, e que variavam entre o segundo século a.C. e terceiro século d.C. Quatorze destas inscrições eram de propriedade de Tessalônica e cinco delas fazem referência a esta cidade. Na época de Augusto, Tessalônica tinha cinco *politarches* e mais tarde chegou a ter seis. Lake e Cadbury escrevem: "*Politarches* é, principalmente, se não exclusivamente, um título macedônio para os magistrados não romanos de uma cidade".[173] Lucas era um homem muito viajado e um cuidadoso investigador. Ele caminha através da complexa história do primeiro século com passos muito seguros.

A medida do impacto que Paulo e seus associados estavam causando é revelada pela acusação apresentada contra eles: **Estes que têm alvoroçado o mundo chegaram também aqui**. O termo **mundo** (*oikoumene*) significa o mundo civilizado. **Alvoroçado** é um verbo muito forte (no NT, ele aparece somente aqui, em 21.38 e em Gl 5.12). Aqui ele pode significar "incitaram uma sedição". Esta era uma das ofensas mais graves aos olhos do governo romano, e a intenção da acusação era cobri-la de implicações políticas, o que traria a tomada de medidas drásticas. Isto fica mais claro e específico diante do restante da acusação: e **todos estes procedem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei** — "imperador"[174] — **Jesus** (7). Isso nada mais era do que traição. O crime de Jasom foi ter recebido ("abrigado")[175] estes agitadores políticos em sua casa.

Naturalmente, esta acusação alvoroçou **a multidão** (*ochlon*, 8) — e **os principais da cidade** (*politarches*). **Tendo, porém, recebido satisfação de Jasom** (9) e os outros, eles os soltaram. Ramsay sugere que esta pode ter sido uma garantia de que Paulo deixaria a cidade para não mais retornar, e que este teria sido o obstáculo a que o apóstolo se referiu em 1 Tessalonicendes 2.18.[176]

3. *Beréia* (17.10-15)

Por causa de alguma promessa, ou do perigo de tumultos futuros, logo os irmãos enviaram de noite **Paulo e Silas a Beréia** (10). Esta necessidade de escapar da prisão mostra a seriedade da situação. Será que secretamente o jovem Timóteo ficou ainda mais algum tempo? É possível, mas de qualquer maneira ele logo se juntou aos outros dois em Beréia (cf. 14).

Beréia é a moderna cidade de Verria, situada a 80 ou 100 quilômetros a oeste de Tessalônica, e ao sul da via Egnátia (por essa razão, dizia-se naquela época que ela ficava "fora do caminho"). Chegando lá, os missionários foram à sinagoga dos judeus. Mais uma vez, Paulo encontrou um "púlpito" esperando por ele.

Os judeus de Beréia são mencionados como **mais nobres** — ou "de espírito mais generoso" (Phillips) — do que os que estavam em Tessalônica (11). Isto é provado pelo fato de que eles receberam a palavra — a pregação de Paulo — de bom grado — *prothymia*, "com interesse, boa vontade e presteza".[177] **Examinando cada dia nas Escrituras** — o nosso Antigo Testamento — **se estas coisas eram assim. Examinando** quer dizer literalmente "pesquisando" ou "investigando" (o particípio presente de uma ação contínua).

O resultado desse exame honesto e interessado, feito diariamente nas Escrituras, foi descobrir que as coisas faladas pelos missionários eram exatamente assim. Obedientes à verdade, **muitos deles** — *i.e.*, judeus — **creram** (12). Também havia um número considerável de homens e mulheres gentios que aceitavam a Cristo. A palavra para **classe nobre** no grego antigo significava "rico e influente".[178] **Não poucos** é uma expressão masculina e pode se referir principalmente aos homens, mas o mais provável é que ela e a palavra **gregas** (no feminino) estejam se referindo tanto a homens como a mulheres.

Estes dois versículos (11-12) indicam "O Preço do Aprendizado": 1. A ânsia pelo saber (11); 2. A dedicação ao estudo (11). 3. A aceitação da verdade (12).

Em Beréia, aconteceu o mesmo que na província da Galácia. Da mesma maneira como os judeus de Antioquia da Pisídia e de Icônio seguiram Paulo a Listra, onde lhe trouxeram dissabores (14.19), agora os **judeus de Tessalônica** (13), ao ouvirem que a Palavra de Deus também era anunciada por Paulo em Beréia, foram lá e excitaram as multidões. O melhor texto grego traz a frase "atiçaram e incitaram as multidões".

O resultado foi que Paulo precisou abandonar a cidade. **No mesmo instante** (14)**, e para proteger sua vida, os irmãos mandaram a Paulo que fosse até** — o melhor texto grego diz "tão longe como" — **ao mar**. Neste caso, Silas e Timóteo ficaram para trás para cuidar dos novos convertidos.

Alguns dos cristãos de Beréia acompanhavam Paulo... **até Atenas** (15, ver o mapa 3). Este era um ato gentil e cortês, especialmente porque a sua vida estava em perigo. Não sabemos se foram por terra ou mar, mas o fato de os acompanhantes terem conduzido Paulo durante todo o caminho até Atenas leva-nos a acreditar que foram por terra. É provável que tenham retornado do porto, caso o apóstolo tenha embarcado em um navio. Dessa maneira, eles fizeram a longa jornada de mais de 300 quilômetros em direção ao sul. Depois de receberem ordens de Silas e Timóteo para irem a Atenas **o mais depressa possível** (o mais rápido que pudessem), eles retornaram a Beréia.

Parece que Silas e Timóteo se juntaram a Paulo em Atenas, e que o apóstolo enviou Timóteo de volta a Tessalônica (1 Ts 3.1-3) e Silas a Filipos ou Beréia (18.5). Na ocasião em que novamente se juntaram a Paulo, ele estava em Corinto (18.5). Foi lá que o apóstolo escreveu as duas epístolas aos Tessalonicenses.

F. Grécia, 17.16—18.17

1. *Atenas* (17.16-34)

Atenas foi o maior centro de cultura e educação da antiguidade. Bruce diz: "A escultura, a literatura e a oratória de Atenas, nos séculos V e IV a.C., nunca foram ultrapassadas; também na filosofia ela ocupava um lugar de liderança, sendo a terra natal de Sócrates e de Platão, e o lar adotivo de Aristóteles, Epicuro e Zeno".[179] Assim como Roma, Atenas ainda é uma das grandes capitais do mundo.

a. Acusado Publicamente perante o Areópago (17.16-21). Enquanto Paulo esperava que Silas e Timóteo se juntassem a ele em Atenas, **o seu espírito se comovia em si mesmo** (16) — "sentia-se provocado, zangado" — **vendo a cidade tão entregue à idolatria** — ou melhor, "cheia de ídolos" (ASV). Lake e Cadbury escrevem: "A abundância de estátuas em Atenas e, em geral, as evidências da religiosidade dos atenienses eram notáveis aos olhos dos outros visitantes".[180] Tudo isso mostra como era pequena a impressão causada na população até mesmo por seus melhores filósofos, como Sócrates.

Paulo tinha um duplo ministério em Atenas: o primeiro com os judeus, principalmente na sinagoga, e o segundo com os gentios, no mercado. Ele **disputava** (17) — "argumentava", a mesma palavra do versículo 2 (ver os comentários) — **na sinagoga com os judeus e religiosos** — gentios que aceitavam o Deus verdadeiro — **todos os dias, na praça** — a Ágora — **com os que se apresentavam** — lit., "com aqueles que estivessem presentes". Dessa forma, ele se adaptou às condições de cada cidade onde ministrava. Como o método preferido de ensinar em Atenas era a discussão "livre para todos" na Ágora, Paulo também adotou esta técnica quando estava lá. Ele iria se fazer "tudo para todos" (1 Co 9.22) para levá-los a Cristo. Poucos homens da sua época poderiam ter praticado os dois ministérios que ele tinha agora em Atenas. Para o primeiro (no caso dos judeus), ele fora treinado aos pés de Gamaliel em Jerusalém. Para o segundo (no caso dos atenienses de espírito filosófico), provavelmente fora educado na grande universidade de Tarso, que só era ultrapassada por Atenas e Alexandria. De forma admirável, Deus havia preparado o seu homem para esse grande ministério. Cheio do Espírito Santo, Paulo foi capaz de receber a Palavra revelada de Deus e a sabedoria dos filósofos gregos e, dessa forma, estabelecer uma situação de harmonia e boa comunicação tanto com judeus como com gentios.

Em suas discussões diárias na Ágora, Paulo teve a oportunidade de conhecer alguns filósofos (esta palavra é encontrada somente aqui no NT) — **epicureus e estóicos** (18). Sobre o primeiro, Bruce diz: "Os epicureus tinham este nome por causa de Epicuro (341—270 a.C.), cujo sistema ético, baseado na teoria atômica de Demócrito, apresentava o prazer (*hedone*) como a principal finalidade da vida, sendo que o maior prazer era ter uma vida de tranqüilidade (*ataraxia*), livre da dor, de paixões perturbadoras e de temores supersticiosos".[181]

Sobre os estóicos, ele escreve: "Os estóicos consideravam Zeno (340—265 a.C.) como seu fundador e receberam este nome por causa da *Stoa Poikile* em Atenas, onde ele ensinava".[182] A crença dos estóicos era panteísta, racionalista e fatalista. Na prática, eles enfatizavam "a supremacia do racional sobre a faculdade emocional do homem, e também sobre a própria auto-suficiência".[183] Assim, eles negavam a essência da verda-

deira religião, com a sua dependência de Deus. Estóicos importantes da época romana foram Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio.

Estes epicureus e estóicos contendiam com Paulo — "*i.e.*, se reuniam com eles em discussões, e argumentavam com ele".[184] Alguém perguntou: "Que quer dizer este paroleiro? A expressão **quer dizer** poderia ser melhor traduzida como "o que diria? (ASV), *i.e.*: "O que poderia estar querendo dizer?" Paroleiro quer dizer literalmente "apanhador de sementes". Sobre este termo, Lake e Cadbury escrevem: "Parece que esta palavra foi usada primeiramente para as aves que apanham os grãos, depois passou a designar os homens que recolhiam bugigangas no mercado, depois foi transferida para homens que eram pesquisadores zelosos e de segunda classe de artigos de segunda mão e, finalmente, para pessoas geralmente inúteis".[185] Phillips oferece uma boa tradução para esta questão: "O que este homem presumido está querendo dizer?"

Esta era a pergunta que alguns faziam a Paulo. E ainda **outros** (18) observavam: **Parece que é pregador de deuses estranhos**, ou "divindades estrangeiras". A palavra usada para deuses é *daimonia*, que aparece 52 vezes nos Evangelhos para designar os demônios, e também em outras passagens do Novo Testamento. Na Septuaginta, ela foi usada para divindades pagãs. Trata-se essencialmente de um adjetivo que significa "divino". No grego clássico, ela queria dizer: "O poder divino", e este é o seu significado aqui.

A razão para essa conversa sobre divindades estrangeiras é que Paulo lhes anunciava Jesus e a ressurreição. Alguns comentaristas afirmaram que os atenienses entenderam Jesus e *anastasis* (ressurreição) como se fossem um deus e uma deusa. Mas Lake e Cadbury consideram isso "improvável".[186]

Aqueles que tinham estado discutindo com Paulo na Ágora levaram-no até o Areópago (19). Estas duas palavras gregas, *Areios pagos* significavam "Colina de Ares" ou Marte. Como o antigo tribunal de Atenas se reunia na Colina de Marte, o próprio tribunal passou a ter o nome desta colina, *Areópago*. À medida que o governo de Atenas se tornava mais democrático, esse aristocrático tribunal perdeu algumas de suas prerrogativas, mas ainda mantinha o direito de julgar casos de homicídio e outros graves crimes morais. Bruce diz: "Ele tinha suprema autoridade sobre assuntos religiosos e parece que nesta época também tinha o poder de nomear oradores públicos e exercer algum controle sobre eles, visando ao interesse da ordem pública".[187] Provavelmente, Paulo foi levado "perante o Tribunal do Areópago" (NEB).

Lake e Cadbury fazem uma observação pertinente sobre este ponto. Eles escrevem: "De acordo com Atos, portanto, assim como Paulo foi levado perante o *strategoi* de Filipos, o *politarchai* de Tessalônica e o *anthupatos* de Corinto, em Atenas ele também teve de enfrentar o Areópago".[188] Eles acrescentam: "O nome da suprema autoridade local é diferente e preciso em cada caso".[189] Lucas escreve de maneira cuidadosa e correta, como um verdadeiro e confiável historiador.

O pedido apresentado a Paulo era: **Poderemos nós saber que nova doutrina** ("ensinamento") **é essa de que falas?** A versão NASB diz: "Podemos saber o que é este novo ensinamento que você está anunciando?" Paulo estava trazendo **coisas estranhas** (20) a seus ouvidos e eles queriam uma explicação sobre aquilo que ele falava.

A declaração parentética do versículo 21 era muito própria da vida dos atenienses na época de Paulo, e foi abundantemente corroborada pelos escritores contemporâneos.

b. Discutindo perante o Areópago (17.22-31). **E, estando Paulo no meio do Areópago** (22). A Colina de Marte corresponde à mesma expressão que foi traduzida como "Areópago" no versículo 19 (ver os comentários sobre este texto). Praticamente todos os estudiosos concordam que "Areópago" é a tradução correta dos dois lugares. Lake e Cadbury observam que a expressão no meio "é obviamente mais apropriada a um conselho do que a uma colina".[190] Cadbury, em seu último trabalho, *The Book of Acts in History*, diz que, no primeiro século, o Tribunal do Areópago reunia-se em um pórtico a noroeste da Ágora, que era chamado "alternadamente de *Stoa Basileios* e de *Stoa de Zeus Eleutério*".[191] E continuam dizendo: "Devemos deixar em aberto a possibilidade de o conselho reunir-se às vezes na colina do Areópago e não na Ágora, mesmo mais tarde, ou de Paulo ter falado na colina, mas não para um grupo oficial".[192]

Cortesmente, Paulo dirigiu-se à audiência como varões atenienses. Mas a declaração inicial que aparece na versão KJV parece ser menos delicada: **em tudo vos vejo um tanto supersticiosos**. Provavelmente, seria melhor traduzir a última expressão como "acentuadamente religiosos" (ASV) ou "extremamente religiosos" (Phillips, acompanhando Deissmann). A palavra grega usada aqui significa, basicamente, "tementes aos deuses". Lake e Cadbury traduzem-na como "muito supersticiosos", mas deixam o assunto um pouco em aberto.[193] Bruce prefere "muito religiosos".[194] Knowling parece ter razão quando escreve: "É incrível que o apóstolo Paulo tivesse começado suas observações com uma frase calculada, com a finalidade de ofender os seus ouvintes".[195] Certamente o apóstolo não tinha muito respeito por Félix ou Agripa, no entanto começou seus discursos perante estes dois homens com a maior cortesia (24.10; 26.2-3). Paulo não era o tipo de homem que demonstraria desrespeito a uma audiência como aquela que enfrentou em Atenas. Ned Stonehouse encerra a discussão sobre este assunto, dizendo: "Parece ser definitivamente mais satisfatório na presente conexão concluir que Paulo estava ressaltando a religiosidade ao invés da superstição deles".[196]

Paulo continua explicando por que disse isto: **Passando eu** (23) — lit., "enquanto eu estava passando" (pelas ruas) — **e vendo os vossos santuários** — ou "objetos de adoração" — **achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO**. Knowling expressa bem o significado desta frase ao dizer: "Nesta inscrição, Paulo sabiamente reconheceu que havia no coração de Atenas a prova de um profundo e insatisfeito desejo da humanidade por um conhecimento mais íntimo e claro sobre um poder invisível que os homens cultuavam de forma imperfeita e obscura".[197]

Paulo prosseguiu: **Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo** — ou melhor, "honram como desconhecido" (RSV), ligando-o ao desconhecido da inscrição, como faz o idioma grego — **é o que eu vos anuncio**. O apóstolo sentia-se feliz por identificar o Deus desconhecido para essas pessoas, o qual, sem conhecerem, elas procuravam honrar. Esta era uma abordagem inteligente, e estava definitivamente de acordo com a tradução "religiosos", ao invés de "supersticiosos", como consta na declaração inicial de Paulo.

O apóstolo passa a descrever este "deus desconhecido". Ele é **o Deus que fez o mundo** — *cosmos*, "o universo ordenado" — **e tudo que nele há** (24). Ele também é o **Senhor do céu e da terra**. Conseqüentemente, Ele não pode morar **em templos feitos pelas mãos dos homens. Nem tampouco é servido** (lit., em grego) **por mãos de homens, pois Ele é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas** (25).

De um só[198] — lit., "a partir de um", *i.e.*, Adão — Deus **fez toda a geração dos homens** (26). Dessa forma, Paulo declarou a unidade da raça humana e sugeriu o desagrado de Deus perante todo preconceito racial, seja entre gregos e judeus no século I, ou entre povos brancos e negros no século XXI.

A finalidade de tudo isso era para que buscassem ao Senhor.[199] **Tateando** (27) significa "talvez". Paulo continua a afirmar que Deus não está longe de cada um de nós.

A frase: "Nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (28) é considerada uma citação na RSV. Na opinião de Kirsopp Lake, ela vem de Epimenides.[200] A última frase do versículo, **pois somos também sua geração**, vem do poeta Arato. A palavra **sua** se refere a Zeus.

Como somos **geração de Deus** (29) — através da criação — seria tolice pensar que a divindade — "o divino" ou "divinal" — seria semelhante às imagens de ouro ou prata feitas pelos homens.

Os antigos tempos da ignorância, Deus não levou em conta — ou "desconsiderou" (ASV) — mas o Senhor anuncia agora a **todos os homens, em todo lugar, que se arrependam** (30). Paulo está agora chegando a sua conclusão evangelística.

Por que os homens precisam se arrepender? **Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou** (31); *i.e.*, Jesus Cristo. Sobre isso, Deus deu certeza — ou melhor, "deu provas" — a todos, ressuscitando-o dos mortos. Esta é a parte da mensagem de Páscoa que raramente é anunciada. A ressurreição é a prova dos homens, Deus garante que haverá um dia de julgamento, quando toda humanidade será julgada. Este é um pensamento solene.

c. *Aceito por um Areopagita* (17.32-34). A menção da ressurreição produziu uma reação imediata: **uns escarneciam** (32), enquanto outros diziam que desejavam ouvir mais, em uma outra vez. Os gregos acreditavam na imortalidade, mas negavam a ressurreição dos corpos. Os judeus acreditavam mais na ressurreição do que na imortalidade; mas a glória do cristianismo é enfatizar as duas verdades. Percebendo que nada mais conseguiria destes céticos gregos, **Paulo saiu do meio deles** (33).

Entretanto, houve alguns que creram (34). Entre eles estava Dionísio, o areopagita. Foi uma grande vitória conquistar um convertido neste seleto grupo de cerca de trinta pessoas. "Pode até haver uma nota de triunfo no epíteto "areopagita", escrito depois dos nomes dos convertidos".[201] Nada mais sabemos a respeito de Dâmaris, porém ela deve ter sido um membro muito conhecido da igreja de Atenas.

2. *Corinto* (18.1-17)

Atenas era o centro da cultura, mas Corinto era o centro do comércio, pois sua situação geográfica tornava isto inevitável. Estava localizada em um estreito istmo que ligava a seção continental da Grécia ao Peloponeso, no Sul (ver o mapa 3). Era perigoso viajar ao redor da extremidade sul da Grécia por causa da enorme quantidade de pequenas e rochosas ilhas que se projetavam do mar, e também porque os ventos constantes vinham do Norte e tendiam a desviar os navios para as costas da África. Corinto tinha um porto oriental, Cencréia, e um porto ocidental, Licaum. Marinheiros e viajantes de todo o Mediterrâneo podiam ser encontrados nas ruas de Corinto. Esta é provavelmente a razão por que Paulo passou um ano e meio nesta grande metrópole. O Evangelho iria se propagar a partir deste centro, para todo o mundo conhecido na época.

Mas essa cidade também era famosa por seu baixo índice de moralidade, e, ser de Corinto, significava ser moralmente corrupto (ou "passar a ser de Corinto era o mesmo que passar a ser corrupto"). Diziam que o templo de Afrodite abrigava mais de mil prostitutas sagradas. Como a imoralidade fazia parte do culto religioso, não é de admirar que a moral fosse deplorável sob todos os aspectos.

Politicamente, Corinto era a capital da província romana da Acaia (Grécia). Fazia parte da política habitual de Paulo fundar uma igreja forte em cada capital provincial, para que a evangelização da província se difundisse a partir desse centro principal.

a. Ministério na Sinagoga (18.1-4). Como em Atenas, Paulo desempenhava um duplo ministério em Corinto — aos judeus e aos gentios. Mas, embora em Atenas eles fossem simultâneos — ele ensinava na sinagoga aos sábados e falava com as pessoas na área do mercado durante a semana — em Corinto uma atividade seguia-se à outra. Paulo ensinou na sinagoga até ser expulso de lá, depois ministrou particularmente aos gentios na casa de um gentio que participava da adoração na sinagoga.

Depois disto, **partiu Paulo de Atenas e chegou a Corinto** (1) — uma distância de cerca de 96 quilômetros. Novamente, não sabemos se ele foi por terra ou por mar. Em Corinto, o apóstolo encontrou **um judeu chamado Áqüila, natural do Ponto** — região nordeste da Ásia Menor (ver o mapa 3) — **que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher** (2). Ela é geralmente chamada de Prisca nas epístolas (Rm 16.3; 1 Co 16.19; 2 Tm 4.19). Parece que, de ambos, ela tinha o caráter mais forte, pois seu nome geralmente precede o do marido.

Lucas nos dá uma explicação da razão por que Áqüila e Priscila haviam deixado a capital do império: Cláudio mandara que todos os judeus saíssem de Roma. Este é provavelmente o decreto mencionado por Suetônio em sua obra *Life of Claudius* (25.4) — "Ele (Cláudio) expulsou os judeus de Roma porque estes estavam em um estado de permanente tumulto por instigação de um tal "Chrestus" (provavelmente, uma redação errada de "Christus", ou Cristo). Isto aconteceu no ano 49 d.C., um ano antes da chegada de Paulo a Corinto. Como a conversão de Áqüila e Priscila não foi mencionada aqui, parece que eles já eram cristãos antes de saírem de Roma.

Como Paulo **era do mesmo ofício** (3) — *homotechnon*, "da mesma profissão" — **ficou com eles, e trabalhava; pois tinham por ofício** — *techne*, "profissão, comércio, ofício" — **fazer tendas**. Alguns estudiosos recentes preferem a tradução "coureiros, ou trabalhadores em couro". Lake e Cadbury falam sobre "um tecido de feltro feito de pêlos de cabra"... que era tipicamente um produto da Cilícia, e tinha o nome de *cilicium*, em latim, e *kilikion*, em grego".[202] E prosseguem: "Naturalmente, é muito fácil fazer a conexão de Paulo de Tarso, na Cilícia, com o produto especial de sua própria província. Esta era, possivelmente, a sua verdadeira profissão".[203] Eles ainda acrescentam: "Mas é impossível resistir ao peso do antigo testemunho de que, para os gregos, isto significava um "coureiro".[204] Este autor prefere acompanhar as principais versões inglesas (KJV, ERV, ASV, RSV, NEB) ao indicar que a profissão de Paulo era fazer tendas.

Além de trabalhar neste ofício durante a semana, Paulo **disputava** — "fazia discursos" — **na sinagoga e convencia** — "estava persuadindo", um processo gradual — **a judeus e gregos** (4). Parece que a maioria das sinagogas da Dispersão de Corinto (se não todas), eram freqüentadas por gentios e judeus.

b. O Ministério Sofrendo a Oposição dos Judeus (18.5-6). Quando Silas (a última menção do seu nome em Atos) e Timóteo chegaram da Macedônia (ver os comentários sobre 17.15), Paulo foi **impulsionado pela palavra** (5). O melhor texto grego diz "foi preso [ou 'constrangido'] pela palavra". Provavelmente, o significado desta expressão foi corretamente explicado por Phillips: "O apóstolo ficou completamente absorto com a pregação da mensagem". Bruce oferece uma excelente interpretação: "'começou a se dedicar inteiramente à pregação'; talvez os suprimentos levados por Timóteo e Silas de Tessalônica e de Filipos (cf. 2 Co 11.8.; Fp 4.15) o tenham libertado da necessidade do trabalho manual".[205] Sob esta limitação, ele testificou — "anunciou solenemente" — aos judeus que Jesus era o Cristo — que "o Messias era Jesus".

Quando os judeus resistiram (6) — "colocaram-se contra" ou "se opuseram" — e blasfemaram ou "insultaram" (RSV), provavelmente clamando "anátema Jesus"[206] — Paulo sacudiu as vestes, provavelmente em um sinal de que Deus os havia rejeitado. "Este é um ato figurado de renúncia total".[207]

Depois, Paulo anunciou: **O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo e, desde agora, parto para os gentios**. Aqui a primeira declaração é muito solene (cf. Ez 33.4). Estes judeus deveriam levar a sua própria culpa. Paulo havia cumprido o seu dever e estava limpo (*i.e.*, livre de culpa). A última declaração deste versículo foi feita por Paulo a Barnabé virtualmente da mesma maneira em Antioquia da Pisídia (13.46). A expressão **desde agora** sugere uma política mais decidida, no entanto Paulo continuou a ministrar primeiro nas sinagogas (cf. 19.8). Mas, como ele havia sido "espremido" nas sinagogas, dedicava cada vez mais tempo aos gentios. Em Éfeso, ele ensinou na sinagoga durante três meses, porém dedicou dois anos a uma escola grega (19.8,10). Aos judeus, ele sempre reservava a primeira oportunidade (cf. Rm 1.16 — "primeiro do judeu e também do grego").

c. O Ministério na Casa de Justo (18.7-11). Por causa da severa oposição dos líderes da sinagoga, Paulo partiu — lit. "mudou seu lugar"[208] — e entrou **em casa de um homem chamado Tito Justo** (7). Dos dois manuscritos gregos mais antigos, o Sinaítico diz "Tito Justo" (ASV), e o Vaticano diz "Tício Justo". A maioria dos atuais tradutores adota o último nome (*e.g.*, NASB, NEB, Phillips). Bruce escreve: "O nome Tito Justo sugere que este homem era um cidadão romano".[209] Isto daria a Paulo e à nova congregação cristã um bom conceito na cidade, o que era muito importante.

Justo servia a Deus, *i.e.*, era um piedoso gentio que freqüentava a sinagoga dos judeus. Sua casa estava junto da sinagoga. Pode parecer um pouco estranho que Paulo realizasse cultos bem ao lado da sinagoga da qual havia sido praticamente expulso. Porém duas razões podem tê-lo levado a essa atitude: a primeira seria porque queria estar convenientemente situado onde os gentios piedosos pudessem encontrá-lo facilmente, e a segunda porque a vantagem de estar na casa de um cidadão romano não podia ser ignorada.

O sucesso dessa mudança pode ser visto, em parte, pelo fato de que Crispo... **creu no Senhor com toda a sua casa** (8). A expressão **principal da sinagoga** "não significa que era o chefe da sinagoga, mas um dos homens importantes que tinham o título de *archisynagogue*".[210] Seu ato provavelmente causou enorme sensação na cidade e muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram batizados. Por causa das divisões posteriores do

grupo de Corinto, que acompanharam seus líderes humanos, Paulo agradeceu a Deus por não ter batizado ninguém naquela cidade exceto Crispo, este notável convertido, e Gaio (1 Co 1.14). Provavelmente, Gaio é identificado com Justo, o anfitrião de Paulo (Rm 16.23). (Todo cidadão romano tinha três nomes, um nome, um pré-nome e um cognome. Seu nome completo em latim seria Gaio Tício Justo.) Como uma reflexão posterior, Paulo diz que ele também batizou os membros da casa de Estéfanas, mas que não consegue se lembrar de outros (1 Co 1.16). Evidentemente, seus assistentes, Silas e Timóteo, cuidaram de batizar os muitos que estavam se convertendo.

Podemos bem imaginar que os líderes da sinagoga estavam ficando furiosos com o que estava acontecendo bem ao seu lado. Aparentemente, Paulo também estava ficando temeroso com a crescente oposição que poderia ameaçar a sua vida. Talvez tenha decidido que era chegada a hora de se mudar. O apóstolo tinha um espírito naturalmente inquieto, e até então nunca havia permanecido tanto tempo em um só lugar.

Podemos ver que existia algum problema pelo fato de o Senhor ter falado ao seu apóstolo em uma visão que teve à noite, dando-lhe esta mensagem: **Não temas, mas fala e não te cales** (9) — lit., "Pare de ter medo, mas continue falando e não fique em silêncio". O Senhor continuou: "porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade" (10). Ainda havia muitos para serem convertidos. Bruce observa: "A palavra geralmente usada para o povo judeu [*laos*], para distingui-los dos gentios, foi aqui usada para o novo "povo escolhido".[211]

A visão teve o efeito desejado. Paulo **ficou ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus** (11). **Ficou ali** quer dizer literalmente "assentou-se", *i.e.*, para ensinar. Knowling muito apropriadamente observa: "A palavra pode ter sido intencionalmente usada aqui, ao invés da habitual *menein* [permanecer], para indicar o trabalho silencioso e decidido a respeito do qual o apóstolo recebeu a orientação do Senhor. A visão que tinha acalmado o seu espírito perturbado mostrava que ele deveria fazer a vontade do Senhor"[212] (cf. "determinado" Phillips).

Em 9-10, nosso espírito pode ser fortalecido pela "Palavra do Senhor". 1. Pelo divino consolo: **Não temas... porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal** (9-10); 2. Pela divina comissão: **Fala e não te cales** (9); 3. Pelo cuidado divino: **Tenho muito povo nesta cidade** (10). (A. F. Harper)

d. O Ministério Protegido por Gálio (18.12-17). **Sendo Gálio procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus concordemente contra Paulo e o levaram ao tribunal** (12). A palavra grega *bema* (tribunal) pode ser vista hoje em dia inscrita na parede deste local que está em ruínas, na antiga cidade de Corinto. Era a designação habitual para o tribunal oficial do governante romano.

Uma inscrição encontrada em Delfos com data aproximada de 52 d.C. refere-se a "Gálio... procônsul da Acaia".[213] Kirsopp Lake pensa que esta evidência mostra que ele se tornou procônsul no verão do ano 51 ou 52 d.C.[214] Como Paulo foi provavelmente levado a sua presença logo depois de ele ter recebido esse título — os judeus naturalmente desejavam tirar vantagem desse novo homem que nada sabia a respeito dos missionários — talvez seja melhor considerar o ano e meio que Paulo passou em Corinto a partir da primavera do ano 50 ou do outono de 51. "Bruce conclui: "Provavelmente, a partir do final do verão de 50, até o início da primavera de 52".[215]

No passado, alguns críticos afirmaram que, no primeiro século, a Acaia era uma província imperial governada por um pró-pretor, e isto foi assim de 16 a 43 d.C. Mas, a partir de 44, ela havia se tornado uma província senatorial, governada por um procônsul.[216] Mais uma vez, Lucas deu provas de ser um historiador confiável.

A acusação formada contra Paulo, na presença de Gálio, era: **Este persuade** — nos papiros este verbo transmite a idéia de maléfica persuasão,[217] e em Heródoto ele significa "seduz, desencaminha"[218] — **os homens a servir a Deus contra a lei** (13). O que eles queriam dizer era "de forma contrária à lei mosaica", mas eles esperavam que Gálio entendesse como "de forma contrária à lei romana".

Gálio percebeu esta duplicidade de intenções, e quando Paulo estava prestes a fazer a sua defesa (14), o procônsul disse aos judeus: **Se houvesse, ó judeus** — exprimindo irritação — **algum agravo** — um caso civil, "uma injúria feita aos outros"[219] — **ou crime enorme** — um caso *criminal*, "crime, vilania" — **com razão vos sofreria** — ou "poderia ser razoavelmente esperado que eu concordasse com vocês" (Phillips).

O procônsul continuou: **Mas, se a questão** (15) — plural, "questões" nos manuscritos mais antigos — **é de palavras, e de nomes, e da lei** — lit., "da lei de acordo com vocês" — **vede-o vós mesmos** — a língua grega é enfática: "*vocês mesmos* cuidem disso" — **porque eu não quero ser juiz dessas coisas!** Ramsay faz uma excelente paráfrase da primeira parte deste versículo: "Se elas são questões de palavras, não de fatos, e de nomes, não de coisas, e da sua lei, não da lei romana...".[220]

Como a acusação feita pelos judeus nada tinha a ver com a lei romana, Gálio retirou o caso do tribunal. Como os judeus continuaram a pressioná-lo neste assunto, **expulsou-os** — lit., retirou-os — **do tribunal** (16) — "fê-los sair do tribunal" (NEB).

A menção de **Sóstenes**, chefe da sinagoga (17) nos leva a supor que ele havia sido eleito para tomar o lugar de Crispo, que havia se convertido ao cristianismo. Mas ambos podem ter tido este honorável título simultaneamente (ver os comentários sobre 8). É bastante provável que este seja o mesmo Sóstenes que é mencionado em 1 Coríntios 1.1 como um companheiro de Paulo. Talvez a agressão que sofreu nessa época o tenha influenciado em direção a Cristo. Esta possibilidade está inserida na questão sobre quem foi que agrediu Sóstenes. Ao invés de todos os gregos, o manuscrito mais antigo traz a expressão "eles todos". Como o último "eles" (16) se refere aos judeus, foi sugerido que foram os judeus e não os gregos que agrediram Sóstenes — cheios de ira pelo fato de ele ter perdido o caso ou por ter mostrado alguma simpatia em relação a Paulo. John Wesley traduz o texto da seguinte maneira: "Então eles todos agarraram Sóstenes... e o agrediram", e acrescenta: "Isto parece ter acontecido porque ele lhes deu muito trabalho sem alcançar propósito algum".[221] Muitos estudiosos rejeitam esta idéia apontando-a como demasiadamente forçada. Mas Lake e Cadbury escrevem: "Possivelmente Sóstenes foi agredido pelos dois grupos — pelos judeus por ter administrado mal o seu caso, e pelos gregos com base em princípios gerais"[222] (Cf. NEB — "Então houve um ataque geral a Sóstenes").

A última declaração, **porém, a Gálio nada destas coisas o incomodava**, levou alguns a comentar sobre o "descuidado Gálio". Mas o governador estava apenas cumprindo o seu dever ao se recusar a ter alguma coisa a ver com um caso que não pertencia a um tribunal romano. Gálio era irmão de Sêneca, que o tinha em elevada consideração por seu nobre caráter.

G. ÁSIA, 18.18—20.38

1. *Éfeso* (18.18—19.41)

Éfeso era a "maior cidade comercial da Ásia Menor", e a "capital da província da Ásia".[223] Provavelmente, Paulo teria preferido pregar nesta cidade no início de sua segunda viagem missionária (ver os comentários sobre 16.6-8), e mesmo agora ele só podia fazer uma breve visita. Somente depois da terceira viagem é que ele foi capaz de evangelizar a cidade (cap. 19), sendo que, nesta ocasião, ele permaneceu durante três anos desempenhamdo este ministério.

2. *A Breve Visita de Paulo* (18.18-21). O apóstolo havia ficado em Corinto **muitos dias** (18) — lit., "o número suficiente de dias". Não há nenhuma indicação sobre a duração desta sua permanência. Depois, tendo se despedido dos cristãos — os **irmãos** — ele **navegou para a Síria** — nome genérico para a Síria e a Palestina. Com ele estavam Priscila e Áqüila (observe que o nome dela vem antes). Não está claro se a frase **tendo rapado a cabeça em Cencréia** — o porto oriental de Corinto — **porque tinha voto** está se referindo a Paulo ou a Áqüila. Meyer acredita que este tenha sido um voto de Áquila,[224] mas a maioria dos estudiosos afirma que é o nome de Paulo que está subentendido. Lumby escreve: "Por alguma razão, durante uma enfermidade ou em meio ao seu conflito em Corinto, ele fizera um voto sobre si mesmo semelhante aos votos dos nazireus (Nm 6.1-21)".[225] Como foram usadas as mesmas palavras gregas aqui e em 21.23, Bruce acredita que se tratava de um "voto temporário dos nazireus", cuja duração mínima era de 30 dias".[226] O corte do cabelo marcava o final do voto. Como estes votos geralmente terminavam em Jerusalém, esta pode ter sido a razão da viagem de volta de Paulo na ocasião — oferecer o seu cabelo no templo, como Lumby sugere.

Parando em Éfeso (ver o mapa 3) depois de dois ou três dias de viagem,[227] Paulo deixou ali Priscila e Áqüila (19). Mas ele, entrando na sinagoga, **disputava com os judeus**. A palavra **ele** parece sugerir que Priscila e Áqüila não foram à sinagoga nesta ocasião, o que parece bastante estranho. Alexander considera isto um tipo de parêntesis: "Como se ele tivesse dito: Áqüila e Priscila não foram adiante, deixando Paulo completar sua viagem sozinho, mas somente depois de ter ido à sinagoga, onde se dirigiu aos judeus mostrando como estava longe de ter abandonado o desejo e a esperança da sua salvação".[228]

Paulo foi convidado a permanecer por mais algum tempo, porém **não conveio nisso** (20). Foi sugerido que esta promessa, evidenciada pela cabeça raspada, pode ter impressionado favoravelmente os judeus de Éfeso, que por isso imploraram que ele ficasse.

O versículo 21 diz literalmente: **Antes se despediu** (o mesmo verbo do versículo 18) **deles, dizendo: Querendo Deus, outra vez voltarei a vós** [cf. 13.13; 16.11] **E partiu de Éfeso**. A expressão "Devo de qualquer maneira observar esta festa que acontecerá em Jerusalém", que ocorre em algumas versões, é uma frase que não consta nos manuscritos mais antigos. **Querendo Deus** corresponde, em latim, a *Deo volente* (se Deus quiser), uma expressão muitas vezes abreviada como D.V.

b. O Retorno de Paulo à Síria (18.22-23). Paulo, chegando a Cesaréia, subiu a Jerusalém e, saudando a igreja, desceu a Antioquia (22, ver o mapa 3). A grande pergunta é: A que igreja ele se refere? Lake e Cadbury estão a favor de Cesaréia: Paulo

"subiu" do porto para a cidade.[229] Mas a maioria dos comentaristas prefere Jerusalém. A expressão **desceu a Antioquia** está de acordo com esta interpretação e sugere uma viagem de Jerusalém para Antioquia. Os judeus sempre "subiam" para Jerusalém e "desciam" de lá (cf. 8.5; 15.2).

Depois que Paulo ficou algum tempo — quanto tempo não sabemos — em Antioquia, ele partiu, passando sucessivamente pela província da Galácia e da Frígia, **confirmando a todos os discípulos** (23). Geralmente, esta viagem é considerada o início da terceira viagem missionária de Paulo. Ele seguiu o mesmo caminho pelo qual havia iniciado a segunda viagem, atravessando sem dúvida sua terra natal, Tarso, para alcançar as montanhas através dos Portões da Cilícia. Ele visitou as igrejas que tinha fundado em sua primeira viagem, e as que tinha visitado novamente em outra ocasião em sua segunda viagem. Elas estavam localizadas na região sul da província da Galácia (ver o mapa 3).

A respeito deste parágrafo, Bruce diz: "Nestes dois versículos e em 19.1, está compreendida uma viagem de 2.400 quilômetros. Veja como Lucas consegue rapidamente cobrir este terreno, ao descrever uma viagem em que não acompanhou Paulo".[230]

c. O Eloqüente Ministério de Apolo (18.24-28). Antes de iniciar o relato sobre o longo ministério de Paulo em Éfeso, (c.19), ao autor faz um resumo dos recentes acontecimentos naquela cidade para os leitores, e fala particularmente sobre o ministério desempenhado por Apolo.

Quatro coisas são ditas sobre **Apolo** (24). Primeiro, ele era um judeu. Segundo, havia nascido em Alexandria (ver o mapa 3), cidade egípcia fundada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C., a qual recebeu o nome do seu fundador. Durante muito tempo, houve nesta cidade uma grande colônia de judeus que ocupava dois dos seus cinco bairros. Alexandria só perdia para Atenas como um grande centro de cultura e aprendizado. Foi ali que a Septuaginta foi traduzida, e o local onde Filo (um judeu) ficou famoso no primeiro século como um gênio intelectual que combinava a filosofia grega com as Escrituras hebraicas, interpretando as Escrituras alegoricamente.

Em terceiro lugar, Apolo era um varão eloqüente. O significado exato da palavra *logios* ainda é motivo de discussão; no grego clássico e também no moderno, ela corresponde a uma pessoa "culta". Mas no grego "coiné" (ou "koiné"), ela seria "eloqüente". Abbott-Smith prefere esta última interpretação para a passagem,[231] da mesma forma que as versões inglesas padrão.

Em quarto lugar, Apolo era poderoso nas Escrituras. Em grego, esta frase está colocada em último lugar, depois da expressão veio a Éfeso. Isto pode estar enfatizando o fato de que este homem culto e bem treinado veio a Éfeso para demonstrar especificamente o seu extraordinário poder de expor as Escrituras.

Este **era instruído** — *katechemenos*, "catequizado", *i.e.*, acostumado com as instruções orais — **no caminho do Senhor** (25). Sobre esta expressão, Alexander escreve: "O caminho do Senhor é uma frase usada em outras passagens apenas em relação ao ministério de João Batista como precursor de nosso Senhor (ver Mt 3.3; Mc 1.3; Lc 3.4; Jo 1.23). Como o batismo de João está expressamente mencionado na última frase, tem sido sugerido, e não seria de todo impossível, que aqui ele está significando a religião ensinada por João, *i.e.*, a doutrina da vinda de um Messias cujo reino está prestes a se

revelar (ver Mt 3.1,2,11,12)".[232] Entretanto, ele observa que a frase é geralmente aceita significando os Evangelhos, mas é impossível ter certeza sobre o seu significado aqui.

Apolo **ensinava diligentemente** — em grego "precisamente" — **as coisas do Senhor**. Em lugar de **Senhor**, o melhor texto grego diz "Jesus" (cf. ASV). Isto pode dar a impressão de que ele tinha conhecimento da salvação através de Jesus. Mas logo em seguida foi acrescentada uma significativa modificação: **conhecendo somente o batismo de João**, o que dá a entender que ele conhecia e ensinava os fatos da vida e do ministério de Jesus. Sabia ele a respeito da crucificação e da ressurreição? Não sabemos. Mas está claro que ele nada sabia sobre o Pentecostes.

Quando Áquila e Priscila (26) — o melhor texto grego inverte esta ordem (cf. ASV) — ouviram Apolo falar tão corajosamente na Sinagoga, o levaram consigo — provavelmente para sua casa — e lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus — em grego, "mais precisamente". Como não sabemos exatamente qual era o conhecimento anterior de Apolo, não podemos afirmar com certeza o que está implícito nesta declaração. Mas é quase certo que a primeira coisa que este eloqüente pregador precisava saber era a respeito do Espírito Santo. Esta era, provavelmente, a sua grande necessidade.[233]

Quando Apolo quis cruzar (o mar Egeu) até a Acaia (significando Corinto) **o animaram os irmãos e escreveram** (27) — *i.e.*, "encorajaram-no, e escreveram aos discípulos para que o recebessem" (NASB). Os cristãos de Éfeso recomendaram Apolo aos cristãos de Corinto.

Quando Apolo chegou a Corinto, aproveitou muito aos que pela graça criam. Ele imediatamente ocupou o lugar de Paulo como líder cristão em Corinto, pelo menos em parte.

Apolo, com seu conhecimento incomum das Escrituras, **com grande veemência convencia** (28) — ou "refutava poderosamente" (ASV) — **publicamente os judeus mostrando** — "provando" — **pelas Escrituras que Jesus era o Cristo** (o Messias).

d. O Ministério de Paulo sobre o Espírito (19.1-7). Depois que Apolo partiu de Éfeso, Paulo chegou, **tendo passado por** — tendo feito uma viagem missionária através (cf. 13.6) — **todas as regiões superiores**. A palavra grega para "superior" não foi encontrada em outros lugares, exceto nos livros médicos (onde é usada para a parte superior do corpo), como admitem Lake e Cadbury.[234] **Regiões superiores** quer dizer "interior" do ponto de vista de Éfeso.[235] Paulo simplesmente veio por terra e, chegando a Éfeso, encontrou **alguns discípulos** (1).

A identidade destes discípulos é uma das questões mais discutidas do estudo de Atos. A opinião antiga prevalecente, começando com Crisóstomo (séc. IV), dizia que eram discípulos de João Batista. Esta idéia foi expressa por Adam Clarke nos seguintes termos: "É provável que fossem judeus asiáticos que, tendo estado em Jerusalém cerca de 26 anos antes, haviam ouvido as pregações de João e tinham recebido o batismo, acreditando na vinda de Cristo, que João anunciara. Mas parece que até essa ocasião eles não tinham recebido mais nenhum outro ensino sobre a religião cristã".[236] Ele também diz: "Aqueles que não receberam estas bênçãos do Espírito Santo, qualquer que seja a sua profissão, não conhecem nada melhor que o batismo de João: este batismo é bom, excelente em seu gênero, mas ineficaz para a salvação daqueles que vivem sob o meridiano do cristianismo".[237]

Diante desta opinião, podemos colocar a interpretação de Alexander: "*Alguns* (*i.e.*, uns poucos) *discípulos*, não de Apolo ou de João Batista, mas de Cristo, como é sempre o significado dessa palavra quando usada absolutamente... e assim fica subentendido pela maneira como foi tratada por Paulo".[238] Da mesma forma, Lake e Cadbury falam sobre os discípulos: "Isto quer dizer cristãos, tanto pelo uso de *mathetas* em Atos como pelo contexto".[239] Bruce repete esta opinião e acrescenta um ponto, ao comentar: "Provavelmente, as palavras 'discípulos de Cristo', de acordo com o significado de *mathetes* em outras passagens, foram usadas de forma absoluta; eles haviam sido discípulos de João, portanto deveriam esperar que isto fosse afirmado explicitamente".[240]

A estes discípulos Paulo fez a seguinte pergunta: **Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?** (2, ou "quando vos convertestes")[241] A tradução revisada mantém a primeira frase. Qual está correta? A frase literal grega diz "Recebestes [o] Espírito Santo tendo crido?" A pergunta é a seguinte: Será que o particípio aoristo "tendo acreditado" indica uma ação anterior, ou simultânea ao verbo principal? Os melhores gramáticos da língua grega estão de acordo ao afirmar que o particípio aoristo geralmente indica uma ação anterior. Mas em algumas passagens do NT, ele expressa, sem qualquer dúvida, uma ação simultânea, e a maioria dos estudiosos confirma que isto acontece neste caso. Na verdade, o assunto está resolvido, não com base na gramática científica, mas na pressuposição teológica. Obviamente, em si mesma a pergunta de Paulo não pode ser usada como prova textual a favor ou contra a doutrina de ser cheio do Espírito Santo como uma segunda obra da graça, subseqüente à conversão. Entretanto, toda esta passagem (1-7) parece claramente semelhante à experiência dos discípulos no dia de Pentecostes.

A resposta desses "discípulos" foi: "Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo". Esta é a tradução correta do grego. Mas em João 7.39, a mesma construção grega foi traduzida da seguinte forma: "O Espírito Santo ainda não fora dado". Talvez, esta seja a melhor tradução aqui (cf. ASV — "Nem sequer ouvimos falar de que o Espírito Santo tenha sido *dado*"). Como já foi mencionado muitas vezes, João Batista falava sobre o Espírito Santo (Mt 3.11 e passagens paralelas). Mas o que estes homens claramente não sabiam era que Ele havia sido enviado no Pentecostes. Parece que estes discípulos não tinham estado em contato com a igreja cristã, ou talvez tivessem deixado a Palestina antes do Pentecostes e ficado isolados dos seguidores de Jesus desde essa época.

Ainda resta alguma coisa a ser dita sobre a tradução literal incluída aqui (KJV, RSV, NEB, Phillips). Page insiste que "a única tradução possível do grego é: "Nós nunca ouvimos falar sobre a existência de um Espírito Santo".[242] Bruce sugere uma solução que é fiel ao grego e, no entanto, abre caminho para a interpretação acima, quando escreve: "Provavelmente, a expressão *pneuma hagion* deva ser entendida aqui em um sentido especial, de o Espírito Santo ter sido enviado no Pentecostes sem uma manifestação exterior".[243]

Paulo manifestou sua surpresa perante a resposta deles, ao fazer uma segunda pergunta: **Em que sois batizados, então?** (3) Eles disseram: **No batismo de João**. Paulo explicou que o batismo de João era o batismo do arrependimento (4), mas que o próprio João Batista havia dito ao povo que cresse no que após ele havia de vir, *i.e.*, em Jesus (Os manuscritos mais antigos omitem aqui a palavra Cristo).

E os que ouviram foram batizados **em nome do Senhor Jesus** (5). Está claro que estes "discípulos" não haviam recebido o batismo cristão antes deste episódio.

Impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam — lit., "passaram a falar" — **línguas e profetizavam.** Como havia acontecido em Samaria (8.17), o Espírito Santo foi concedido através da imposição de mãos apostólicas. Em relação a passar a falar línguas, Adam Clarke escreve: "Eles receberam o miraculoso dom de falar diversas línguas, e nestas línguas ensinavam ao povo as grandes doutrinas da religião cristã, pois parece que este é o significado da palavra *epropheteuon, profetizavam*, como foi usada acima".[244]

A questão de falar em línguas tem sido um tema de discussão da igreja cristã nos tempos modernos. Ela é mencionada apenas três vezes em Atos, em conexão com o Pentecostes original (2.4), com o Pentecostes dos gentios (10.46), e com o Pentecostes efésio (19.6). Em cada uma destas ocasiões, a questão está relacionada com o recebimento do Espírito Santo. Por outro lado, nada é mencionado sobre falar em línguas quando os convertidos samaritanos receberam o Espírito (8.17).

O que deve ser enfatizado é que o relato sobre o Pentecostes original parece indicar claramente que os discípulos começaram a falar cerca de quinze línguas diferentes no dia de Pentecostes (2.5-11). Como Pedro estabeleceu uma relação muito próxima entre o que aconteceu no Pentecostes e o que aconteceu na casa de Cornélio (15.8-9), seria justo supor que os crentes cheios do Espírito Santo em Cesaréia também passaram a falar línguas inteligíveis. Como Adam Clarke indica (na citação acima), parece que isto também aconteceu em Éfeso.

Estes "discípulos" de Éfeso representam um bom exemplo de "Andar na Luz": 1. Eles se arrependeram com a pregação de João Batista (3-4); 2. Foram batizados como cristãos sob o ministério de Paulo (5); 3. Foram cheios do Espírito Santo (6).

É nos versículos 5-6, e não na pergunta do versículo 2, que podemos encontrar a prova mais substancial relacionada às duas obras da graça. Aqui o quadro é claro e indiscutível, tal como no capítulo 8. Estes discípulos (2) foram batizados **em nome do Senhor Jesus** (5). Depois disto, **impondo-lhes Paulo as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles** (6). Aqui foram retratadas duas experiências distintas. Aqui existe a prova de que aqueles que creram e passaram a ter a fé cristã ainda precisam ser cheios do Espírito Santo como uma experiência subseqüente.

Lucas diz que todos os que assim receberam o Espírito eram cerca de **uns doze varões** (7). Parece estranho que a palavra "cerca" tenha sido usada para um número tão pequeno de crentes. Alexander sugere uma boa explicação: "Ele pode ter tido a intenção de evitar a falsa impressão de que todos os irmãos em Éfeso... estavam neste estado infantil de ignorância e atraso. Assim, a palavra *todos* pode ser entendida como *todos mencionados*, ou pelo menos".[245]

Esta seção (1-7) pode ser apresentada sob o título da pergunta de Paulo: "Recebestes vós já o Espírito Santo?" 1. Uma minuciosa pergunta para todos os discípulos (1-2); 2. Uma preparação adequada (2-5); 3. Uma segunda bênção aos crentes (5-6). (A. F. Harper)

e. O Ministério de Paulo na Sinagoga (19.8-10). Depois do seu encontro com esse pequeno grupo de discípulos, Paulo, entrando na sinagoga, **falou ousadamente por espaço de três meses** (8). Este foi um período raramente longo para os seus ensinos na sinagoga sem ter sido expulso. Parece que, por alguma razão desconhecida, os judeus de Éfeso eram mais receptivos ao ministério de Paulo do que os judeus de outros lugares.

Mesmo em sua breve visita, eles rogaram que ele "ficasse por mais algum tempo" (18.20). Parece que ele criou uma impressão favorável que, neste caso, durou algumas semanas.

O ensino de Paulo na sinagoga é descrito como disputando e persuadindo-os acerca do Reino de Deus. Sobre estes dois verbos, Alexander escreve: "*Disputando* (ou *discursando*) *e persuadindo* podem descrever seu ensinamento tanto como doutrinário quanto como prático, didático e exortativo; ou o primeiro termo pode descrever sua pregação e o segundo o seu efeito"[246] (Cf. NEB — "usando argumentos e persuasão").

Paulo não foi agressivo. Era inevitável que a sua corajosa e enérgica pregação provocasse uma crise. Finalmente, alguns (9) se endureceram — "tornaram-se obstinados" ou teimosos — e não obedeceram. Em grego, o verbo é "uma única palavra que pode ser traduzida como *desacreditaram*, indicando não uma simples negação, mas uma recusa positiva. O verbo grego também sugere a idéia de desobediência ou resistência à autoridade".[247] Quando os adversários de Paulo falaram mal do Caminho (lit., em grego; cf. 9.2) perante a multidão — provavelmente a congregação na sinagoga —, ele retirou-se deles. Mais uma vez, os judeus tinham rejeitado o Messias, seu Salvador. Quase invariavelmente, a maioria deles agia assim, e talvez a única exceção tenha acontecido em Beréia (17.11-12).

Mas havia muitos que haviam crido durante este período de três meses. Portanto, Paulo separou os discípulos, *i.e.*, quando saiu da sinagoga ele levou consigo os novos convertidos. Ao invés de discutir na sinagoga (cf. 8), ele estava agora disputando todos os dias na escola de um certo Tirano. Esta escola (em grego *schole*) era um "edifício usado para conferências e outras reuniões".[248] A respeito de Tirano, um importante manuscrito grego (D) acrescenta: "Da quinta à décima hora" — *i.e.*, das 11 da manhã às 4 da tarde, o período que era dedicado à refeição do meio-dia e ao descanso da tarde. Lake e Cadbury dizem: "Podemos sugerir que o próprio Tirano usava o local para ensinar nas primeiras horas da manhã (Marcial ix. 68, xii. 57, Juvenal vii. 222ss.) até à quinta hora, e que, durante este mesmo período, Paulo se ocupava com o seu próprio trabalho (xx. 34)".[249] Eles completam: "Marcial iv. 8 indica que a quinta hora era o momento habitual para encerrar o trabalho... Então Paulo podia utilizar o edifício para o desempenho de sua missão".[250]

Essa pregação no edifício de Tirano continuou pelo **espaço de dois anos** (10). Como aconteceu em Corinto, o ministério de Paulo era dividido em duas partes. Em Corinto, o apóstolo discutiu na sinagoga todo sábado (18.4), durante um desconhecido período de tempo, e ensinou a Palavra de Deus na casa de Justo durante um ano e meio (18.7-11). Em Éfeso, ele desempenhou o ministério na sinagoga durante cerca de três meses, e depois passou a pregar no edifício de Tirano durante dois anos. Era uma característica de Paulo levantar cedo e executar a tarefa do dia com as suas mãos — provavelmente junto com Áqüila em sua profissão de fazer tendas para sustentar a si mesmo e aos seus colegas (20.34) — e depois pregar e ensinar durante cinco horas enquanto dispunha do uso do edifício. Evidentemente, ele passava as noites ministrando aos convertidos, pois lembrou aos anciãos de Éfeso: "... durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós" (20.31). Paulo foi um dos mais consagrados e abnegados pregadores de todos os tempos. Uma vez, ele disse: "eu tenho trabalhado mais do que eles" (2 Co 11.23, Phillips). Sua vida e sua obra são um desafio a todo ministro da atualidade que foi chamado por Deus.

Como resultado de seu prolongado ministério em Éfeso, todos os que habitavam na Ásia — a província — ouviram a palavra do Senhor,[251] tanto judeus como gregos. A razão desta extensa generalização é que pessoas de todas as províncias vinham ao famoso templo de Diana, em Éfeso (27). Aqueles que se convertiam enquanto visitavam Éfeso levariam o Evangelho para sua comunidade natal. Também é provável que os companheiros de Paulo, Silas e Timóteo, tenham feito algum trabalho de evangelização nas cidades vizinhas. A afirmação aqui, mais do que qualquer outra no livro de Atos, explica a razão da política de Paulo de concentrar-se na capital das províncias e nas maiores cidades, tornando-as centros de evangelização para toda a região. Isto também demonstra o sucesso deste procedimento.

f. O Ministério de Paulo aos Enfermos (19.11-20). Além de pregar, o apóstolo tinha um ministério de curas: **Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias** — lit., "incomuns" (11). É evidente, pela vida de Cristo e pela descrição feita aqui, que Deus estava interessado tanto no corpo como na alma dos homens. Isto ocorria porque este era um ministério divinamente ordenado, e não alguma coisa que Paulo estivesse tentando fazer.

Alguns dos métodos usados podem parecer um pouco surpreendentes para nós. Do **corpo** de Paulo (12) — não *soma,* mas *chrotos,* que significa "a superfície do corpo, a pele" (um dos termos médicos de Lucas)[252] — eram levados **lenços** — lenços usados na cabeça — **e aventais** (lit., aventais dos trabalhadores). Estas peças de tecido, que Paulo usava no trabalho, não produziam nenhuma cura. Mas Deus se ajustou à demanda humana por alguma coisa tangível, e até o Senhor Jesus usou terra e saliva (Jo 9.6). Estes eram amparos materiais para uma fé frágil demonstrada pelas pessoas (cf. 5.15; Lc 8.44). Deus pode trabalhar com ou sem materiais intermediários. Neste caso, as pessoas não só eram curadas das doenças, como os demônios eram expulsos.

Alguns **ambulantes** — lit. "itinerantes" (Phillips) — **exorcistas judeus** (13) decidiram capitalizar através da situação para ganhar alguma publicidade, e talvez uma recompensa financeira. Portanto, tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: **Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega**. A palavra *orkizo*, esconjurar, tem a mesma raiz de *exorkiston*, exorcistas (somente aqui no NT), que significa literalmente: "aquele que ministra um juramento". Josefo fala sobre um exorcista judeu que expulsava os demônios pronunciando o nome de Salomão.[253] Um notável paralelo à presente passagem é encontrado em um rolo de papiro sobre mágica, oriundo deste período (agora em Paris), que contém as palavras: "Eu vos esconjuro pelo Deus dos hebreus, Jesus".[254]

A respeito do exorcismo e da mágica descritos aqui, Lake e Cadbury dizem: "(i) Tais práticas estavam especialmente associadas com Éfeso... (ii) Na mágica do mundo da antiguidade, os judeus desempenhavam um importante papel".[255] Quando os homens esquecem a verdadeira religião, eles passam a gravitar em torno de uma absurda superstição.

Um grupo de exorcistas era composto pelos **filhos de Ceva, judeu, principal dos sacerdotes** (14) — uma palavra que significa "sumo sacerdote". Como somente o sumo sacerdote tinha permissão para entrar no Santos dos Santos no Dia da Expiação e pro-

nunciar o sagrado nome de Jeová, Ceva afirmava ter conhecimentos sobre o nome mágico, esperando dessa forma conquistar um prestígio particular. Seus filhos esconjuraram o demônio a sair de uma pessoa. **O espírito maligno** (15) respondeu (usando as cordas vocais do homem): **Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?** Duas palavras gregas diferentes foram usadas para "conhecer". Alexander sugere esta paráfrase: "Sei quem é Jesus e, em relação a Paulo, eu o conheço muito bem".[256] A pergunta é, literalmente falando, "Mas vós, quem sois?"

O homem possuído pelo demônio saltou sobre eles, assenhoreando-se de dois.[257] Evidentemente, ele rasgou suas roupas, pois eles fugiram daquela casa **nus e feridos** (16). Quando os judeus e os gregos que moravam em Éfeso souberam disso, caiu temor sobre todos eles, e **o nome do Senhor Jesus era engrandecido** (17).

Muitas vezes, o medo produz a convicção e cria a sinceridade. Muitos dos novos convertidos **vinham, confessando** (18) — lit., "estavam vindo, confessando e publicando os seus feitos". Lake e Cadbury afirmam que a palavra grega para **feitos** "tem o sentido técnico de uma 'força mágica', de modo que seu provável significado aqui é que os antigos exorcistas revelaram agora as fórmulas secretas que tinham usado".[258]

Os convertidos que **seguiam artes mágicas** (19) — "termo técnico para mágica"[259] — tendo levado os seus livros, **os queimaram na presença de todos**. Em relação aos livros, Lake e Cadbury dizem: "Os *bibloi* dos mágicos eram, sem dúvida, pergaminhos ou papiros de tamanho relativamente pequeno, com feitiços escritos neles".[260] O valor destes papiros mágicos que foram queimados foi "contado" a cinqüenta mil peças de prata — cerca de US$10.000. Naquela época, as pessoas pagavam um elevado preço para serem enganadas pelos mágicos.

A frase, **a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia** (20) reproduz o quinto dos seis breves relatórios sobre o progresso em Atos (cf. 6.7; 9.31; 12.24; 16.5; 28.31).

g. O Propósito de Paulo no Espírito (19.21-22). O versículo 21 é um resumo do restante do livro de Atos. O plano de Paulo era visitar novamente a Macedônia e a Acaia (cf. 20.1-3), e depois ir a Jerusalém (cap. 21), e finalmente a Roma (cap. 28).

Existe alguma dúvida se a expressão **em espírito** (21) significa o espírito humano de Paulo (KJV, ASV; cf. NEB "resolveu") ou o Espírito Santo (RSV, "no Espírito')". Como acontece freqüentemente, a melhor resposta seria "ambos". Alexander expressa a combinação dessa maneira: "*Em espírito, i.e.*, sob a direção divina ou na sua própria mente como foi determinado pelo Espírito Santo".[261]

Por mais que quisesse fazer esta viagem, Paulo sentiu que deveria permanecer na Ásia (*i.e.*, em Éfeso) **por algum tempo** (22). É totalmente possível que exatamente nessa época ele estivesse muito preocupado com o desenvolvimento da igreja de Corinto, inclusive com a atitude de alguns de seus membros em relação a sua própria pessoa. Temeroso de que a sua presença nesse estágio pudesse provocar uma crise indesejável, ele enviou Timóteo e Erasto à Macedônia. Também é totalmente possível que Timóteo tenha ido à Grécia e que esta seja a visita que ele fez a Corinto em nome de Paulo (cf. 1 Co 4.17; 16.10).[262] Não sabemos ao certo se este Erasto é o mesmo que foi mencionado em Romanos 16.23.

h. A Oposição a Paulo (19.23-41). Geralmente, aconteciam duas coisas quando Paulo permanecia muito tempo em uma cidade: primeiro um reavivamento, depois um tumulto — e depois ele abandonava a cidade! Este foi o seu padrão em Antioquia da Pisídia (13.50), Icônio (14.5-6), Listra (14.19-20), Filipos (16.14-23), Tessalônica (17.4-10), Beréia (17.11-14) e Corinto (18.1-18). A única cidade em que Paulo pregou e não sofreu perseguições foi Atenas, onde, na verdade, ele foi despedido da cidade acompanhado do escárnio de seus habitantes (17.32). Provavelmente, Paulo ficou mais ferido pelo escárnio cruel do povo, do que pela violência das multidões das outras cidades.

(1) *Demétrio o ourives* (19.23-27). Mas o inevitável finalmente aconteceu: **houve um não pequeno alvoroço acerca do Caminho** (23), e a oposição era encabeçada por Demétrio. Na maioria dos lugares, eram os judeus que se opunham a Paulo por causa de supostas razões religiosas. Mas aqui em Éfeso, como em Filipos, a oposição partiu dos gentios, e por razões econômicas.

Demétrio (24) era um ourives que fazia, de prata, nichos de Diana (em grego, Ártemis). Nichos eram, literalmente, "santuários". Arqueólogos descobriram imagens de terracota nos templos, mas nenhuma delas era feita de prata.

Isto levou Lake e Cadbury a sugerirem que o que está realmente mencionado aqui são estatuetas de prata da deusa Ártemis, iguais àquelas que foram encontradas.[263] Mas Knowling fez uma sensata observação, dizendo que, por causa de seu tamanho e valor, provavelmente os nichos de prata eram depois derretidos para serem usados como prata.[264] Bruce diz que eles "naturalmente não poderiam sobreviver".[265] O termo *ganho*, que consta em algumas versões, se refere à mesma palavra que foi traduzida como "obras" em 25, e, provavelmente, a melhor tradução de ambas seja um termo mais comum, "produto". Artífice corresponde a *technitais* (cf. técnicos).

Tendo reunido estes artífices com os "os oficiais de obras semelhantes" (25), Demétrio lembrou que seu meio de vida dependia da fabricação destes objetos sagrados. Mas agora Paulo estava ameaçando seus negócios porque combatia a adoração aos ídolos (26). E não era só isso, também havia o perigo do templo de Diana deixar de ser reverenciado, **vindo a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo veneram a ser destruída** (27) — ou melhor "seria até destronada da sua magnificência" (NASB). A frase **que toda a Ásia e o mundo veneram** pode até soar como exagero, mas Lily Ross Taylor escreve: "A seita não era apenas a mais importante da província da Ásia, mas também gozava de tal fama, em todo o mundo grego e romano, que provavelmente nenhuma divindade exceto Apolo de Delfos poderia suplantar".[266] Arqueólogos descobriram "mais de trinta lugares onde a reverência a Ártemis de Éfeso pode ser atestada".[267] O templo de Diana em Éfeso era tão grande e magnífico que era considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo.

2. *A Diana dos Efésios* (19.28-41). O discurso que Demétrio fez aos artífices foi muito inteligente. Primeiro, ele mencionou "as suas carteiras" levantando sua ira por causa do perigo financeiro. Depois, ele acrescentou um apelo religioso. O resultado foi que os seus ouvintes **encheram-se de ira** (28). Com a típica histeria das multidões, eles começaram a clamar: Grande é a Diana dos efésios! Logo **encheu-se de confusão toda a cidade** (29). Cheia deste espírito de revolta, a multidão arrebatou a Gaio e a Aristarco, compa-

nheiros de Paulo da Macedônia e correram ao teatro (em grego, *theatron*). Dizem que este teatro, recentemente escavado, podia abrigar 25.000 pessoas.

Paulo queria **apresentar-se ao povo** (30). A palavra grega *demos* (cf. 12.22; 17.5) faz especial referência ao "povo reunido em assembléia"[268] (cf. NASB, "Paulo queria ir à assembléia"). Moulton e Milligan pensam que, no Novo Testamento, esta palavra "sugere simplesmente uma plebe".[269] É verdade que depois do escrivão da cidade ter acalmado a multidão, ele lembrou que tais coisas deveriam ser tratadas por um **legítimo ajuntamento** (39). Entretanto, também foi dito que ele **despediu o ajuntamento** (41). Parece que, em certo sentido, aquele era um ajuntamento — a palavra grega é usada para uma assembléia de cidadãos eleitores —, embora aquela não fosse uma "assembléia regular" (39, RSV). De qualquer maneira, a multidão ficou tão inflamada que **os discípulos** (30) não permitiram que Paulo entrasse naquele lugar.

Ele também foi prevenido por alguns dos principais da Ásia (31), que eram seus amigos, de que não se apresentasse — ou "que não se aventurasse" (NASB) — no teatro.

A multidão era tão desorganizada que uns... clamavam de uma maneira, outros, de outra, porque o ajuntamento era confuso (32). A palavra para ajuntamento é *ekklesia.* Este capítulo (vv. 32,39,41) é o único lugar no Novo Testamento onde esse termo é usado conforme o sentido original de "*uma assembléia* de cidadãos regularmente convocados" — e aqui este significado só se aplica claramente ao versículo 39. O sentido etimológico da palavra é "convocado". Os eleitores eram convocados da massa de toda a população para governar uma cidade-estado grega. Esta palavra também foi usada pela Septuaginta para a "congregação de Israel". Esses dois usos foram combinados para formar o cenário da *ecclesia* do Novo Testamento que, às vezes, significa a congregação cristã local, e, às vezes, a igreja de Jesus Cristo em sua totalidade.

Sobre o uso da palavra *ekklesia* neste versículo, Bruce faz esta interessante observação: "Provavelmente, Lucas está sendo irônico: de qualquer maneira o escrivão da cidade não considerou isto como uma reunião regular da 'assembléia' — do *Demos* reunido conforme esta faculdade legislativa".[270] Entretanto, existe uma clara evidência de que a *ecclesia* de Éfeso não se reuniu no teatro.[271]

Os judeus tentaram impelir **Alexandre** (33). Não sabemos quem ele era, nem a razão pela qual fizeram isto. A sugestão mais plausível é que ele estava tentando apresentar uma defesa em nome dos judeus, declarando que eles não tinham nenhuma conexão com Paulo. Os judeus se opunham tanto à idolatria como aos cristãos e, dessa forma, também estavam sob a ira e o fogo de Demétrio e seus companheiros. A única diferença era o fato de Paulo ser muito mais agressivo em suas pregações, e ter alcançado muito mais sucesso na conquista de convertidos do que os judeus.

Quando Alexandre, acenando com a mão, pediu silêncio e tentou falar ao povo, eles, sabendo que era judeu, abafaram a sua voz. Na verdade, durante duas horas eles gritaram de forma insana: **Grande é a Diana dos efésios!** (34). Aparentemente, esta multidão era tão anti-semítica quanto anticristã. Isto está bem de acordo com a afirmação no versículo 32 de que **os mais deles não sabiam por que causa se tinham ajuntado**. Era uma típica multidão, cuja razão havia sido lançada aos ventos.

Finalmente, a gritaria foi controlada pelo **escrivão da cidade** (35). A palavra grega é *grammateus*, que em outras passagens do Novo Testamento (principalmente nos Evangelhos) foi traduzida como "escriba". Nos papiros, ela quer dizer oficial militar, mas aqui

significa "secretário". **Apaziguado** pode ser traduzido como "acalmado" (ASV). É óbvio que este secretário tinha muita autoridade. Bruce escreve: "O 'escrivão da cidade' ou funcionário executivo que publicou os decretos do Demos era efésio, e não um funcionário romano. Mas sendo um funcionário oficial nativo da província, ele estava em contato próximo com as autoridades romanas que iriam considerá-lo responsável por aquele ajuntamento tumultuado e ilegal".[272]

Quando a ordem foi restaurada de forma que ele pôde ser ouvido, o escrivão falou à multidão com um pouco de severidade: **Qual é o homem que não sabe que a cidade dos efésios é a guardadora do templo da grande deusa Diana e da imagem que desceu de Júpiter?** A palavra grega para **guardadora** é *neokoros*, e significa "guardadora do templo", um título honorário da cidade. A cidade de Éfeso é mencionada em uma inscrição como a "Guardiã do Templo de Ártemis".[273]

A frase "a imagem que desceu de Júpiter" é uma única palavra em grego, *diopetes* (somente aqui no NT). Trata-se de um adjetivo que significa "caído do céu". Não há qualquer referência em grego à imagem ou a Júpiter. O objeto que caiu do céu era provavelmente um meteorito que o povo passou a adorar como uma pedra sagrada (cf. RSV).

O escrivão da cidade passou a censurar o povo por ter feito alguma coisa **temerariamente** (36) ou "precipitadamente", não podendo isto ser contraditado, *i.e.*, eram "fatos indiscutíveis" (Phillips). Os líderes da multidão haviam trazido homens que não eram nem **sacrílegos** (37) — lit., "ladrões do templo" (cf. NASB), mas provavelmente com o sentido aqui de "sacrílegos" — nem blasfemavam da vossa deusa (o melhor texto grego diz "nossa deusa"). **Se Demétrio e... os que estão com ele têm alguma coisa contra alguém, há audiências** (38) — "mantemos dias de funcionamento do tribunal"[274] — **e há procônsules; que se acusem uns aos outros** — ou melhor — "deixem que eles apresentem as acusações uns contra os outros" (NASB). **Mas, se alguma outra coisa demandais** (39) elas serão tratadas por um legítimo ajuntamento. E isto, definitivamente, aquela reunião não era. Ela não havia sido regularmente convocada, mas precipitada por uma ação espontânea popular.

O escrivão da cidade advertiu a multidão sobre a gravidade de seus atos: **Na verdade, até corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição** (40) — lit., "acusados de provocar um tumulto neste dia". Uma das maiores exigências do governo romano aos seus governantes era que mantivessem a paz e a ordem. A revolta era um pecado mortal aos olhos de Roma, e disto o escrivão entendia muito bem, e por isso estava tão preocupado. A palavra **concurso** pode ser traduzida como "comoção" ou "reunião de rebeldes".[275]

Tendo reprovado a atitude do povo, o oficial da cidade **despediu o ajuntamento** (41) — *a ekklesia.* Knowling sugere que provavelmente seu desejo seria regularizar a reunião a fim de evitar problemas com o procônsul por ter permitido a realização de uma assembléia irregular.[276]

2. *Viagem à Macedônia e à Grécia* (20.1-6)

Depois da tumultuada assembléia no teatro de Éfeso, Paulo deixou a cidade. O primeiro versículo do melhor texto grego diz: "Depois que o tumulto havia cessado, Paulo, tendo chamado seus discípulos e os exortado,[277] disse-lhes adeus e partiu para a Macedônia".

E havendo andado (2) — "atravessado" evangelizando (cf. 13.6) — **por aquelas terras** — Macedônia — **exortando-os com muitas palavras** — lit., "havia exortado as pessoas com muitos discursos" — **veio à Grécia**. Esta é a única passagem no Novo Testamento onde ocorre a palavra *Hellas,* ou Grécia. Este era o nome popular para Acaia (ver o mapa 3).

Sem dúvida, foi em Corinto que Paulo passou **três meses** (3) — provavelmente no inverno, quando não havia navegação no Mediterrâneo. Na primavera, ele estava pronto para navegar ("lançar-se ao mar") para a Síria (Palestina), quando descobriu que existia uma conspiração contra a sua vida. Os judeus estavam planejando livrar-se dele quando estivesse a bordo, assassinando-o quando ele não pudesse fugir, ou lançando-o secretamente do navio ao mar. Mas quando Paulo soube disso, decidiu seguir o caminho por terra, através da Macedônia, por ser mais seguro.

Vários homens acompanhavam Paulo (4). Evidentemente, esses homens haviam sido escolhidos como representantes das várias igrejas para levar suas contribuições a Jerusalém (cf. 1 Co 16.3). Sópatro, talvez o Sosípatro de Romanos 16.21, era de Beréia, e havia dois homens da Tessalônica: Aristarco (cf. 19.29) e Segundo (que não é mencionado em outra passagem). Depois havia Gaio, de Derbe, que provavelmente conhecia muito bem Timóteo, e que vivia perto de Listra. Da Ásia, para representar Éfeso, vieram Tíquico e Trófimo. Estes homens haviam viajado para a Ásia e estavam esperando por Paulo em Trôade (ver o mapa 3; cf. 16.8-11).

No versículo 6, começa a segunda seção dos "nós". Paulo havia deixado Lucas em Filipos logo depois da fundação da igreja, e Lucas provavelmente trabalharia como seu pastor nos anos subseqüentes. Navegamos de Filipos (6) — *i.e.*, de Neápolis há dezesseis quilômetros de distância (cf. 16.11-12). Eles navegaram depois dos dias dos pães asmos, *i.e.*, da Páscoa, em março ou abril (como a nossa Páscoa), e em cinco dias chegaram a Trôade. Isto mostra que haviam enfrentado ventos contrários. Se fossem em outra direção, teriam percorrido esta distância em dois dias (16.11). Paulo e seu grupo permaneceram em Trôade durante uma semana.

3. *Trôade* (20.7-12)

Este incidente em Trôade é particularmente significativo por ser a primeira indicação de que um culto cristão foi realizado em um domingo. **No primeiro dia da semana** (7) corresponde literalmente a "em um dos sábados" (essencialmente a mesma expressão de Lc 24.1 e Jo 20.1). No Novo Testamento, a palavra "sábados" é geralmente usada para o intervalo entre dois dias de sábado, portanto ela significa "uma semana". Vários estudiosos concordaram que a expressão acima quer dizer "no primeiro dia da semana". Alexander menciona este fato como um "notável exemplo do fato da tradução literal nem sempre ter sido a mais fiel".[278]

Como o sábado judeu começava ao pôr-do-sol, alguns comentaristas interpretaram essa frase com o significado de "na noite de sábado" (NEB).[279] Mas Lake e Cadbury observam que a expressão **no dia seguinte** se refere a um momento depois da reunião da última noite, e concluem: "Parece que o contexto está mostrando que Lucas não obedecia ao costume judeu neste detalhe... pois para ele o dia começava ao amanhecer, ou, pelo menos, nunca ao pôr-do-sol".[280] Bruce concorda com esta observação, e sugere que Lucas estava usando "o conceito romano de meia-noite até meia-noite".[281] Alexander entende

que "a prática do primeiro dia da semana, como sendo o dia da ressurreição do Senhor, já havia se tornado uma tradição, de modo que naquela época fazer a assembléia da igreja com o propósito aqui mencionado era uma questão de tempo".[282]

Ajuntando-se os discípulos — os manuscritos mais antigos dizem "nós" em vez de "os discípulos" — **para partir o pão** — provavelmente para celebrar a Ceia do Senhor, ou pelo menos a Ágape (festa do amor). Não se sabe ao certo se a festa do amor e a Ceia do Senhor eram comemoradas juntas ou em separado. Como parece que na noite anterior a sua crucificação, Jesus instituiu a Ceia do Senhor no final da Última Ceia, alguns pensam que os cristãos primitivos podem ter celebrado a Ceia do Senhor no final da Ágape.

Junto com esse culto, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles. A palavra **falava** é *dialegomai* (cf. "diálogo"), que significa "conversar com, discursar, discutir, argumentar".[283] Ela já ocorreu em 17.2,17; 18.4,19; 19.8-9, e é encontrada em 20.9; 24.12,25. Talvez seu melhor significado aqui seja o primeiro, "conversar com". Lumby diz: "A reunião era aquela onde a argumentação e as conversações eram usadas para esclarecer dúvidas e eliminar as dificuldades que pudessem existir na mente dos cristãos de Trôade".[284] Havia de partir é literalmente "estando prestes a partir". A palavra **falava** (*logos*) às vezes era usada para "discurso".

Havia muitas luzes — lâmpadas — **no cenáculo onde** [eles] — "nós" no melhor texto grego — **estavam juntos** (8). Provavelmente, as lâmpadas no cenáculo contribuíam para torná-lo quente e abafado. Além disso, o lugar estava aparentemente lotado de pessoas, pois **Êutico** (9) estava sentado em uma janela — uma simples abertura na parede. Tudo isso resultou na queda do jovem do terceiro andar, tomado de um sono profundo. Estas duas expressões têm o mesmo verbo, mas em tempos diferentes. O primeiro (tempo presente) sugere um processo gradual e o segundo (aoristo) um clímax final. Rackam expressa essa situação muito bem: "Os tempos gregos retratam exatamente a continuação da luta e o momento da derrota".[285] "Êutico caiu do terceiro andar... e foi levantado morto" (cf. RSV). O texto grego não diz "como morto" (Phillips) ou "como se estivesse morto" (NEB).

Sem se intimidar, Paulo, porém, descendo, inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: **Não vos perturbeis, que a sua alma nele está** (10). Esta descrição levou alguns a dizerem sobre o jovem que "a respiração tinha sido removida dele", e que usando o método atual de ressuscitação boca-a-boca, Paulo lhe restituiu a vida. Mas Lucas, o médico, estava presente e declarou que ele estava morto.

Depois desta breve interrupção, Paulo voltou para o cenáculo do terceiro andar "a passos largos".

Todos ficaram imensamente confortados quando **levaram vivo o jovem** (12) sugerindo que ele tinha morrido. Não está mencionado se ele foi levado de volta para o culto no andar superior,[286] ou se tinha recuperado a consciência pouco antes de Paulo deixar a cidade.[287]

Quando voltou ao cenáculo, Paulo partiu o pão e comeu (11). No versículo 7, está escrito que a congregação havia se reunido para "partir o pão". Parece que somente agora eles realmente encontraram o tempo necessário para celebrar a Ceia do Senhor. Mesmo depois disso, Paulo ainda lhes falou largamente até a alvorada. Evidentemente, ele percebeu que esta seria a sua última oportunidade de ministrar aos cristãos de Trôade. Quando amanheceu o dia, o apóstolo partiu.

4. *Na Costa* (20.13-16)

Lucas, que era um bom marinheiro, acompanhado por todos os membros do grupo (cf. 4), exceto Paulo, subiu **ao navio** (13) — *i.e.*, embarcou no navio (grego). Evidentemente, o resto do grupo havia deixado a cidade antes do apóstolo. Eles navegaram — "lançaram-se ao mar" (cf. 13.13; 16.11; 18.21) — até Assôs, pretendendo encontrar Paulo neste local. Ele havia combinado assim, pois preferia caminhar os trinta quilômetros, ou mais, até Assôs (ver o mapa 3). A viagem por mar era duas vezes mais longa, e contornava o Cabo Lectum. Talvez o motivo de Paulo possa ser explicado pela suposição de que "era um mau marinheiro, por isso enfrentar o mar aberto desde Trôade até Assôs, com um tempestuoso vento noroeste que prevalecia durante cerca de cinco dias em sete, podia ser muito desagradável em um navio tão pequeno como aquele".[288] Também é possível que Paulo tenha preferido dispor de algum tempo para uma tranqüila meditação enquanto caminhava sozinho.

Os viajantes se encontraram com Paulo em Assôs, onde o receberam (14). Embora não esteja mencionado, é provável que eles tenham ancorado em Assôs para passar a noite.[289] Por causa das inúmeras rochas que se projetavam do mar, não era seguro navegar depois que escurecia. No dia seguinte, depois de navegar em direção ao sul, eles chegaram a Mitilene, a cerca de 50 quilômetros de distância. Esta cidade, a "capital de Lesbos, no lado oriental da ilha, era famosa por ser a terra natal de Safo e de Alceu. Ela foi descrita por Cícero como nobre, por Horácio como bela, e por Vitrúvio como magnífica".[290]

Navegando dali — "partindo por mar" — o navio chegou **defronte de Quios** (15) — significando aparentemente um ponto oposto à ilha de Quios, que ficava cerca de oito quilômetros de distância do continente. Por alguma razão, eles escolheram ancorar nesta noite nas proximidades do continente.

No outro dia, eles aportaram em — "atravessaram rumo a" — Samos. Esta ilha, situada a sudoeste de Éfeso, era famosa por ser a terra natal de Pitágoras. Esta frase, e a frase **ficando em Trogílio** são encontradas em apenas um único manuscrito uncial grego (D, do século V ou VI) e no Papiro 41 (século VIII ou IX). Embora sejam rejeitadas pela maioria dos estudiosos, Bruce comenta: "uma adição provável por si mesma, e que provavelmente não foi interpolada".[291] Ramsay defende a sua autenticidade, e explica a sua implicação da seguinte maneira: "Quando o vento diminuiu, eles não tinham ido para além do promontório de Trogílio, na entrada do golfo, e lá, como menciona o texto de Bezan, eles passaram a noite".[292] Lake e Cadbury concluem: "Não existe nenhuma razão óbvia para inserir esta afirmação, a não ser que a jornada de Samos a Mileto tenha parecido demasiadamente longa. É possível que este seja o texto verdadeiro".[293]

No dia seguinte, eles chegaram a Mileto. Esse lugar, famoso por ser o berço de Tales, havia sido anteriormente uma importante cidade comercial da Ásia Menor; mas tinha sido agora ultrapassada por Éfeso, que ficava aproximadamente a 50 quilômetros de distância.

Alexander chama a atenção para "uma curiosa circunstância de que a frase **no dia seguinte**, repetida três vezes neste versículo, corresponde a três diferentes frases gregas que significam *o próximo*, ou *seguinte* (dia); o *outro* (dia) e o *contíguo* ou *adjacente* (dia)".[294] Este é um exemplo típico da variedade de expressões gregas usadas para transmitir a mesma idéia.

Paulo **tinha determinado** (16) — "decidido" (NASB) — passar adiante de Éfeso, embora Alexander comente: "ela realmente se encontrava em seu caminho".[295] Mas Lake e Cadbury indicam que isto não é totalmente correto. Para ir a Éfeso por navio, seria necessário virar em direção a leste para circundar o promontório de Trogílio. Eles afirmam: "O curso natural foi aquele que seguiram, que segue próximo ao norte de Samos e se aproxima da costa em Mileto".[296]

Parece ter havido duas razões que levaram Paulo a evitar Éfeso. A primeira era que estava um pouco fora da sua rota, e a segunda porque tinha receio de que, indo a Éfeso, seria difícil deixar logo a cidade por causa do período de três anos que passou ali como "pastor". Lucas nos dá a razão: **para não gastar tempo na Ásia** (na província da Ásia e particularmente em Éfeso).

Sua pressa era causada pelo fato de querer estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes, que acontecia no final de maio ou no início de junho.

Existe uma característica nestes parágrafos (13-16) que não deve passar desapercebida. Em nenhuma outra passagem, temos um registro diário da viagem repleto de tantos detalhes. Ficamos sabendo onde o navio parou em cada noite para ancorar. Isto está em sensível contraste com algumas partes do livro de Atos, onde as longas viagens por terra ou navio estão resumidas em algumas palavras. Mas Lucas era um experimentado viajante que mantinha um cuidadoso registro. As seções "nós" são as passagens que descrevem os movimentos do grupo de Paulo com inúmeros detalhes. Mesmo fora dessa seção podemos identificar os trechos em que Lucas está presente. O mesmo fenômeno pode ser encontrado na viagem final a Roma (caps. 27—28).

Um outro fator também pode ter contribuído. A maioria dos lugares mencionados por Lucas nesta viagem de uma semana ao longo da costa estava ligada à literatura grega, alguns até como berço de grandes poetas ou filósofos. Os detalhes dessa seção refletem o fato de que Lucas era muito culto e também muito viajado.

5. *Mileto* (20.17-38)

Por mais que Paulo desejasse visitar Éfeso novamente, ele preferiu uma rota mais segura e parou em Mileto. É provável que, em Trôade, ele tenha escolhido um navio que parasse em Mileto, e não em Éfeso, um navio mais veloz que pudesse levá-lo mais rapidamente à Palestina.

a. Uma Advertência Solene (20.17-35). De Mileto, **Paulo mandou a Éfeso**, aproximadamente a 50 quilômetros de distância — **chamar** (17) — um verbo composto que quer dizer "chamar de um lugar para outro"[297] — **os anciãos** — *presbyterous* — **da igreja**. Ele tinha uma importante mensagem para lhes entregar, mas sabia que não tinha tempo para visitar toda a igreja. Como um dia de viagem correspondia normalmente a 32 quilômetros, provavelmente levaria três dias para enviar um mensageiro e trazer os anciãos efésios a Mileto.

Quando chegaram, Paulo abriu seu coração para eles em sua única mensagem registrada aos líderes da igreja, embora existam muitas semelhantes nas epístolas que ele escreveu às igrejas que fundara. Parece que Éfeso havia se tornado o mais importante centro da igreja na última terça parte do primeiro século, suplantando Jerusalém e Antioquia. Paulo, reconhecendo rapidamente a importância estratégica dessa

cidade líder da Ásia Menor, ficou preocupado em providenciar para que os anciãos da igreja fossem orientados a preservar uma elevada pureza de doutrina e conduta. O fato de essa política ter dado um resultado positivo ficou comprovado pela posição que Éfeso ocupou nos tempos que se seguiram. O Dr. Cell, da *Boston University School of Theology*, costumava dizer que, no segundo século, tudo que fosse determinado por Roma e pelas igrejas da Ásia Menor era considerado como da mais alta autoridade pela igreja em geral. A mensagem transmitida pelo apóstolo, mais o ministério de Timóteo (1 Tm 1.3), e também o do apóstolo João depois do ano 70 d.C. ajudaram a tornar Éfeso o baluarte da fé (cf. Ap 2.2).

Paulo lembrou aos anciãos efésios como, **desde o primeiro dia** da sua chegada (18) — desde que "colocou os pés" (ASV) — na Ásia (Éfeso), ele se portara entre eles durante todo aquele tempo. O apóstolo não era um cristão apenas "dos bons tempos", nem um pregador mercenário. Ele tinha estado no meio deles sempre que precisaram de seu ministério pastoral. Esse é o teste de um bom pastor.

Em tudo isto, ele estava constantemente (tempo presente) **servindo ao Senhor** (19). Aquele que serve às reais necessidades do povo serve melhor ao seu Senhor (cf. Mt 25.34-40). O verbo *douleuo* significa literalmente "ser um escravo, estar sujeito a, servir".[298] Paulo era o *doulos*, "servo" de Jesus Cristo, como se intitulou no início de Romanos (1.1). Ele estava servindo ao Senhor com toda a humildade — lit., com "humildade de espírito", palavra favorita das epístolas de Paulo, embora os romanos desprezassem essa atitude.

Ele também servia com muitas lágrimas — tinha bom coração (cf. 1 Ts 2.7-8). Tinha sofrido tentações — ou "provações" (NASB) — que lhe sobrevieram pelas ciladas — "intrigas" — dos judeus. Eles ainda estavam ameaçando o seu caminho, como tinham feito na Galácia em sua primeira viagem, e em Tessalônica e Beréia na segunda.

Paulo então continuou a descrever o seu ministério em Éfeso (20-21). **Nada, que útil seja, deixei de vos anunciar** (20). Lumby fala sobre o verbo aqui: "*Hypostello* é aplicado à conclusão de alguma coisa para conservá-la fora da vista ou escondê-la cuidadosamente... portanto, ele tem o sentido metafórico de 'colocar uma capa' naquilo que deve ser declarado".[299] Paulo não temperou a sua pregação para agradar ao gosto das pessoas, mas lhes deu o que precisavam. Este é um teste de um bom pregador.

Paulo havia anunciado e ensinado em Éfeso tanto publicamente como pelas casas. Ele não considerava que havia se isentado de suas responsabilidades quando pregava do púlpito. Isto precisava ser complementado pelo ensino nas casas.

Ele tinha estado ocupado **testificando** (21, um composto de intensidade que significa "anunciando solenemente")[300] **tanto aos judeus como aos gregos** (ele não havia negligenciado nenhum grupo) **a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo**. Esta é a combinação evangélica. Temos pecado contra Deus, portanto, nossa atitude em relação a Ele deve ser de arrependimento. Mas só poderemos ser salvos se o arrependimento estiver associado à fé em nosso Senhor Jesus Cristo — aceitando a sua morte redentora em nosso benefício.

Em seguida, Paulo descreve as condições sob as quais estava fazendo essa viagem (22-24). Ele estava indo a Jerusalém **ligado... pelo espírito** (22). Será que isto significa o espírito humano (KJV) ou o Espírito Santo (RSV)? Como o artifício moderno de usar letras maiúsculas para indicar a Divindade não era usado na língua grega, a

questão fica em aberto e deve ser resolvida em harmonia com o contexto. Os bons estudiosos igualmente argumentam a favor dos dois lados. **Pelo espírito** pode, com igual precisão, ser traduzido como "em Espírito". Provavelmente, a única solução satisfatória seria aceitar as duas idéias. Paulo sentiu-se ligado pelo espírito através da compulsão do Espírito Santo.

Ele estava preocupado com o que iria lhe acontecer em Jerusalém, porque o Espírito Santo havia revelado (23) — "testificado solenemente" (cap. 21) — **de cidade em cidade** — provavelmente Corinto, Filipos e Trôade — **dizendo que prisões e tribulações** — um termo mais geral, que foi traduzido em algumas versões como "tribulações" — **me esperam** — ou melhor, "me aguardam".

O texto grego do versículo 24 varia consideravelmente nos diferentes manuscritos. Talvez a melhor tradução seja encontrada na versão NASB: "Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus". Bruce faz esta adequada observação: "É evidente, comparando este versículo com o próximo, que a pregação desse Evangelho é idêntica à proclamação do Reino".[301]

O apóstolo tinha a forte impressão de que estas pessoas nunca mais veriam o seu rosto (25). De certa forma, isto cria um problema. "As epístolas pastorais implicam, embora não afirmem explicitamente, uma visita posterior a Éfeso (cf. 1 Tm 1.3; 2 Tm 1.15ss.).[302] Também, quase no final da sua primeira prisão em Roma, Paulo insinuou que tinha esperanças de ser libertado e voltar a visitar a província da Ásia. O texto grego da presente passagem poderia ser interpretado como: "Nem todos os seus ouvintes iriam vê-lo novamente". Mas a forma natural de traduzir seria igual àquela que temos nas versões padrão em inglês. Lumby sabiamente observa: "Seria melhor entender as palavras como a convicção do pensamento do apóstolo naquele momento. Ele estava impressionado com a crença de que nunca mais iria voltar".[303] O fato de o Espírito Santo ter prevenido que a prisão o aguardava em Jerusalém (cf. 23), teria dado razão suficiente para que ele pensasse dessa maneira.

À luz da sua convicção de que essa era a última vez que falava aos anciãos de Éfeso, Paulo disse: **Portanto, no dia de hoje, vos protesto** (26) — lit., testifico-vos — **que estou limpo do sangue de todos**. Por quê? **Porque nunca deixei de vos anunciar** — *hypesteilamen*, que foi traduzido como "deixei de vos anunciar" tanto aqui como no versículo 20 — **todo o conselho de Deus** (27). Isto significa "todo o plano da salvação, o que Deus oferece e o que Ele pede aos homens".[304] Inclui não só as doutrinas do "arrependimento a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (21), mas também a regeneração e a completa santificação (cf. 1 Ts 5.23). É preciso ter não só os pecados perdoados, mas também o coração purificado de todo o pecado (cf. 1 Jo 1.7), e ser cheio do Espírito Santo. Deixar de pregar tudo isto é deixar de declarar todo o conselho de Deus.

Como um fiel "superintendente geral" da igreja dos gentios, Paulo exortou os anciãos de Éfeso: "Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos" (28). A ordem aqui é importante. Ninguém pode ministrar adequadamente aos outros se a sua própria alma não tiver sido abençoada com a presença de Deus. A primeira responsabilidade desse alguém é cuidar da sua condição espiritual. Se não fizer isto, e desse modo perder a sua alma, não adiantará tentar apascentar aqueles que Deus confiou aos seus cuidados.

Bispos corresponde a *episkopos* (de onde vem a palavra "episcopal"). Em outras passagens do Novo Testamento (Fp 1.1; 1 Tm 3.2; Tt 1.7; 1 Pe 2.25), ela também foi traduzida como "bispo". Significa, literalmente, "aquele que toma conta" e "superintendente", ou "guardião". O fato de esses homens serem chamados de "anciãos" (*presbyteroi*) em 17 implica que presbíteros e bispos representavam a mesma função na Igreja Apostólica.

A responsabilidade destes líderes era apascentar — lit., "pastorear" — a igreja de Deus. Alguns manuscritos gregos dizem "a igreja do Senhor" (cf. ASV). Aqueles que sentem que a tradução "igreja de Deus" é autêntica (cf. Westcott e Hort, Nestle) acreditam que a mudança para a outra tradução foi feita por causa da implicação de que foi o sangue de Deus que comprou a igreja. Certamente, esta é a impressão que se tem ao ler a versão KJV — "a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue". Bruce, usando a sugestão de Lake e Cadbury, traduz a última frase como, "através do sangue de seu Único [Filho]".[305] A palavra grega para **resgatou** significa essencialmente "adquiriu para si mesmo".

Depois Paulo falou algo triste. Ele sabia que depois da sua partida **lobos cruéis** (29) — "lobos malvados", em contraste com os verdadeiros pastores do rebanho — iriam entrar e não perdoariam o rebanho. Parece que ele está se referindo à vinda dos falsos mestres (cf. Ap 2.6). **Partida** (*aphixis*, palavra usada somente aqui no NT) no grego clássico significava "chegada", mas nos papiros ela, às vezes, significa "partida".

Ainda pior, **dentre vós mesmos** (30), querendo dizer "dentro da igreja", mas talvez sugerindo "do próprio grupo que está à minha frente" — se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos, *i.e.*, os discípulos de Cristo. Phillips insiste na frase **após si**, traduzindo o texto como: "Tentando atrair os discípulos e torná-los seus próprios seguidores". Aparentemente, o apóstolo está se referindo aos adeptos do judaísmo que já estavam trabalhando nessa área geral, como sabemos através da epístola aos gálatas (cf. 1 Tm 4.1-6; 2 Tm 3.1-13). Na província da Ásia, as igrejas também estavam sendo ameaçadas pelas influências gnósticas, como pode ser verificado em Colossenses e 1 João. O fato de os anciãos de Éfeso terem sido beneficiados por esta advertência está implícito em Apocalipse 2.2.

Paulo insistiu com estes líderes: **vigiai** (31) — "estai acordados" ou "estai alertas" — lembrando que por três anos — aproximadamente o tempo da sua estada em Éfeso (cf. 19.8, 10, 22) — ele não havia cessado de admoestar — lit., "de colocar na mente", portanto "prevenir, exortar" — **noite e dia... com lágrimas** (cf. 19). Paulo tinha uma única paixão: servir a Cristo servindo aos outros.

Paulo encomendou estes presbíteros a Deus[306] e à **palavra da sua graça** (32). É como se ele dissesse: "Estou partindo, mas deixo-vos aos cuidados daquele que irá vos ajudar como me ajudou, e que não vos abandonará".[307] Alexander diz: "*Palavra da sua graça* pode significar a doutrina da salvação ou a bondosa palavra da promessa".[308] A frase **que** — ou "quem" — **é poderoso para vos edificar** talvez esteja modificando "Deus" e não "o mundo". Deus é poderoso para vos... dar herança entre todos os santificados. Existe um sentido pelo qual todos os cristãos são santificados; *i.e.*, "separados para Deus" (cf. 1 Co 1.2; 3.1-3). Em um sentido mais elevado, aqueles que são santificados se consagraram completamente a Deus, submeteram a sua vontade incondicionalmente à vontade de Deus, e purificaram o seu coração de todo pecado, enchendo-se com o Espírito Santo. É privilégio de todo cristão receber uma herança entre os santificados. A palavra

grega para **herança** significa literalmente "uma posse que é designada a alguém". O cenário bíblico representa os israelitas recebendo a sua herança na terra de Canaã, o que tipifica a vida santificada.

Paulo lembra a estes homens: **De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste** (33). A cobiça pelo dinheiro já destruiu muitos homens, espiritualmente. Mas o apóstolo foi mais além do que simplesmente evitar a cobiça: **Vós mesmos sabeis que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão comigo, estas mãos me serviram** (34). Como em Tessalônica (2 Ts 3.7-12) e Corinto (1 Co 9.11-15; 2 Co 11.7-12; 12.13-16), e também em Éfeso, Paulo havia sustentado a sua vida com o trabalho das suas próprias mãos. Ele assim fez para não dar ocasião a nenhuma crítica por parte dos adversários judeus, de que estava pregando para obter vantagens pessoais.

Em todo o seu abnegado serviço, o apóstolo havia dado a estes líderes da igreja um exemplo de que era **necessário auxiliar os enfermos** (35). Sobre a palavra **auxiliar**, Alexander escreve: "'auxiliar' é um verbo grego muito expressivo que, de acordo com sua etimologia, significa originalmente agarrar alguém (ou alguma coisa) que é contrário, como se fosse levantá-lo".[309] Alguns interpretaram a palavra **enfermos** com o significado de pessoas legalistas que têm uma consciência excessivamente escrupulosa (cf. Rm 4.19; 14.1-2,21; 1 Co 8.9-12). Mas aqui o contexto sugere um sentido mais generalizado.

A frase atribuída ao Senhor Jesus de que "mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" não é encontrada nos Evangelhos. Entretanto, ela está perfeitamente de acordo com o espírito e o caráter dos ensinos de Cristo (cf. Lc 6.38). Lake e Cadbury escrevem: "Esse sentimento está de acordo com o sentimento de Jesus nos Evangelhos, e com o interesse de Lucas em dar".[310]

O discurso de Paulo aos anciãos de Éfeso pode ser classificado como "Palavras Finais de um Pastor que Estava Deixando sua Congregação". Quatro aspectos principais podem ser notados: 1. Lembrança de: (*a*) seu intenso cuidado (19,31); (*b*) sua fiel pregação (20-21, 26-27). 2. Uma advertência sobre: (*a*) perseguição (29); (*b*) apostasia (30). 3. Exortação: (*a*) Olhai, prestem atenção (28); (*b*) Esteja alerta (31). 4. Encomendou-os: (*a*) a Deus; (*b*) à palavra da sua graça (32).

b. Uma Triste Despedida (20.36-38). Tendo terminado seu discurso de despedida, Paulo **pôs-se de joelhos e orou com todos eles** (36) — um exemplo adequado para qualquer ocasião de partida. E levantou-se um grande pranto entre todos e, **lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam** (37). O verbo **beijavam** é composto, e significa literalmente: "beijar fervorosamente, com muita afeição". A frase também está no tempo imperfeito em algumas versões: "continuaram a beijá-lo fervorosamente". Era difícil deixá-lo partir.

Os anciãos de Éfeso se entristeceram muito (38) pelas palavras de Paulo, de que não iriam mais ver o seu rosto. Cheios de cortês bondade, acompanharam-no até ao navio. Esse verbo significa, literalmente, "conduzir" ou "escoltar".

H. A VIAGEM A JERUSALÉM, 21.1-16.

O capítulo 20 descreve a viagem de Paulo desde Éfeso, atravessando a Macedônia, até a Grécia e depois a sua volta, novamente através da Macedônia, até Filipos (ver o

mapa 3). Em Filipos, ele apanhou Lucas, a quem havia deixado ao partir para sua segunda viagem missionária. "Nós" navegamos até Trôade onde o grupo passou uma semana. De lá "nós" navegamos pela costa até Mileto — com a anotação de cada noite em que ancoraram (13-16). O capítulo termina com a descrição da despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso. Este é um dos poucos discursos de Paulo que foi registrado pelo próprio Lucas.

O capítulo 21 descreve o restante da viagem até Jerusalém, e conta o que aconteceu quando Paulo chegou a esta cidade em sua última visita. Lucas faz parte do grupo, como podemos ver pelo uso da palavra "nós" em toda essa seção. Sua presença também está refletida na continuação deste registro detalhado e quase diário de cada movimento que ele fez. É óbvio que Lucas manteve um registro diário das suas viagens, e aqui ele divide a essência desse seu diário de viagem com os leitores.

1. *Tiro* (21.1-6)

Com relação à frase **separando-nos deles** (1), Bruce escreve: "Continuamos dispostos a preservar a atmosfera de fiel afeição dos versículos anteriores, dando a esta palavra a sua intensidade literal, "dilacerando-nos".[311] Devemos sempre lembrar que os manuscritos gregos não eram divididos em capítulos que fracionam o texto, como atualmente. Um cuidadoso estudante da Bíblia deve ignorar a separação em capítulos quando eles não coincidem com a unidade de pensamento do autor. O sistema de parágrafos usado nas versões revistas nos ajuda a fazer isto.

Depois da emocionante despedida, o grupo de Paulo navegou — "lançou velas" (cf. 13.13; 16.11; 18.21; 20.3,13) — **e fomos correndo caminho direito** — lit., "tendo percorrido uma linha reta, chegamos". A frase principal (em uma única palavra grega) só é encontrada aqui e em 16.11. Lake e Cadbury dizem: "Isto implica que, como usualmente acontece nesta região no verão, o vento estava soprando na direção noroeste, e isto explica novamente por que foi muito mais fácil para Paulo mandar chamar os anciãos de Éfeso do que ir em sua direção".[312] Eles também observam: "Não seria exagero supor que Paulo alcançou Mileto a partir de Trôade, movido por um único "vento", passou a noite seguinte de calmaria com os efésios, e depois continuou aproveitando o vento que soprou a seguir".[313] Geralmente, estes ventos sopravam durante quatro ou cinco dias, e eram seguidos por dois ou três dias de calmaria.[314]

No primeiro dia, o grupo alcançou Cós, que ficava "a cerca de quarenta milhas náuticas de Mileto".[315] Este é o nome da ilha e da sua capital. O mesmo acontece com Rodes (ver o mapa 3), onde eles ancoraram na noite seguinte. Nos dois casos, o nome provavelmente se refere à própria cidade. Na ilha de Cós existia o templo de Esculápio, o deus da cura, com uma escola de medicina anexa. Também supunham que esta era a terra de Hipócrates, o pai da moderna ciência médica. O Juramento de Hipócrates, ainda obrigatório a todos os médicos e cirurgiões, pode ser visto atualmente pendurado nos consultórios dos médicos.

Rodes, a cerca de 130 quilômetros de Cós, era uma cidade famosa pelo Colosso de Rodes, uma gigantesca estátua de bronze com 45 metros de altura, de Apolo, o rei-sol. Antigamente, as pernas da estátua se estendiam sobre a entrada da baia. Uma das sete maravilhas do mundo da antiguidade, ela já estava em ruínas quando Paulo visitou o lugar, tendo sido destruída por um terremoto no ano 224 a.C. Mas a cidade ainda era uma cidade livre, e um importante porto comercial sob o Império Romano.

No terceiro dia depois de Mileto, o barco alcançou Pátara, que estava a 110 quilômetros de distância de Rodes. Era um porto de mar localizado na costa da Lícia, na extremidade sudoeste da Ásia Menor. **Ali... achando um navio que ia para a Fenícia, embarcamos nele e partimos**. Alexander diz: "A precisão e os detalhes dessa narrativa provam que ela procede de uma testemunha ocular, enquanto a fraseologia náutica mostra que estava familiarizada com o mar".[316]

Um manuscrito grego (D) complica este assunto acrescentando "e Mirra" depois de **Pátara** (1). Isto mostraria que a mudança de um navio costeiro para outro navio em direção à Fenícia ocorreu em Mirra e não em Pátara. A favor desta interpretação está o fato de que "Mirra parece ter sido um grande porto para o tráfico direto através do mar entre as costas da Síria e do Egito".[317] Apesar disso, Ramsay prefere o texto mais comum, tal qual usamos.[318] Aparentemente, Lake e Cadbury também fazem o mesmo,[319] e Bruce não expressa a sua opinião.[320] Não parece haver suficiente justificativa para acrescentar "e Mirra", especialmente porque isto exigiria uma viagem de cerca de oitenta quilômetros por mar, a leste, contra os prevalecentes ventos que vinham da direção nordeste.

A próxima etapa da viagem estava a aproximadamente 650 quilômetros, atravessando o mar até Tiro. Como um cuidadoso redator, Lucas escreve: **E indo já à vista** (3) — "tendo chegado próximo" (ASV) — **de Chipre, deixando-o à esquerda** — *i.e.*, passando a sudoeste dessa ilha — **navegávamos para a Síria** — nome genérico para toda a área ao longo do Mediterrâneo entre a Ásia Menor e o Egito. Eles ancoraram em Tiro — principal porto da Fenícia — porque o navio havia de ser descarregado ali — "descarregado da sua carga" (NASB). Como era típico de Lucas, este versículo tem quatro termos náuticos — à vista, navegávamos, ancoraram (ou chegamos), e descarregado.

Achando (4) — lit., "tendo encontrado" o que implica uma procura —**discípulos, ficamos ali sete dias**. Parece que ninguém do grupo de Paulo conhecia Tiro. Provavelmente, eles sabiam que havia cristãos naquela cidade (cf. 11.19; 15.3), mas não sabiam onde encontrá-los. Devemos lembrar que não havia, nessa época, edifícios para as igrejas, e os cristãos reuniam-se em casas particulares. Provavelmente, a razão para o grupo ter permanecido sete dias foi que este era o prazo necessário para descarregar o navio.

Durante a semana que Paulo passou em Tiro, os crentes, pelo Espírito, diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém. No entanto, ele foi assim mesmo! Será que o apóstolo estava desobedecendo ao Espírito? Alexander nos dá uma boa resposta a esta questão, quando escreve: "Essa não era uma ordem divina para Paulo, mas uma conclusão dos discípulos por causa do fato, que lhes fora revelado, de que Paulo estaria exposto a um sério perigo".[321] Bruce concorda com esta interpretação e conclui: "Não devemos concluir que a continuação dessa viagem era contrária à vontade de Deus: 'foi sob a compulsão do Espírito' (20.22) que ele foi a Jerusalém".[322] De uma coisa podemos ter certeza: Paulo sentiu que a vontade de Deus era que ele continuasse, a despeito do perigo.

Existe atualmente em Tiro uma praia muito linda, de areia macia, com vários quilômetros de extensão, na qual podemos ver caravanas de camelos que estão em viagem. Foi aqui que aconteceu a despedida. Partes dos versículos 5 e 6 dizem, literalmente: "E, postos de joelhos na praia, oramos. E, saudando-nos uns aos outros, subimos ao navio; e eles voltaram para casa". A palavra "no navio" está indicando que se trata do mesmo navio em que eles haviam chegado.

2. *Cesaréia* (21.7-14)

E nós... concluída (7) — talvez "continuando"[323] — **a navegação** — "a viagem" — **de Tiro, viemos a Ptolemaida**, a uma distância de cerca de quarenta quilômetros, a meio dia de viagem por barco rumo ao sul. **Ptolemaida** era a antiga Aco (Jz 1.31), atualmente chamada Acre. Hoje, ela está situada ao longo da Baía de Acre desde Haifa, que agora é o maior porto da costa de Palestina. Em Ptolemaida, o grupo de Paulo **havendo saudado os irmãos,** ficou **com eles um dia**.

Lucas continua a narrativa: **No dia seguinte, partindo**[324] **Paulo e nós... chegamos a Cesaréia** (8) — a uma distância de cerca de 56 quilômetros. Não sabemos se foram por terra ou por mar. Cesaréia tinha superado Ptolemaida como a principal cidade costeira da Palestina, porque Herodes, o Grande, construíra ali um grande porto, erigindo grandiosos edifícios. Naquela época, era a sede do governo romano na Judéia.

Em Cesaréia, Paulo e seu grupo se hospedaram na casa de **Filipe, o evangelista** (*euangelistes*, somente aqui, em Ef 4.11 e 2 Tm 4.5). Ele era **um dos sete** (cf. 6.5) e tinha agido como um evangelista com o eunuco etíope e o povo de Samaria (cap. 8). Evidentemente, ele se destacou tanto neste campo que teve a honra de ser o único homem do Novo Testamento a receber esse título.

Filipe tinha **quatro filhas donzelas, que profetizavam**. Provavelmente, isto simplesmente quer dizer que elas pregavam. Lumby comenta:

> A palavra "profecia" chegou a ter, desde aproximadamente o começo do século XVII, somente o único sentido de "predizer o que ainda iria acontecer". Na época da Rainha Elizabeth, "profecias" queria dizer "pregações", e a famosa obra de Jeremy Taylor, *Liberty of Prophesying*, foi escrita para sustentar a liberdade de pregação.[325]

O grupo permaneceu em Cesaréia **muitos dias** (10). Paulo tinha se apressado para chegar a Jerusalém a tempo para o dia de Pentecostes (20.16). Naqueles tempos de horários de navegação incertos, como os barcos dependiam inteiramente da variação dos ventos, alguém precisaria reservar uma grande margem de tempo com relação a qualquer data de chegada. Parece que Paulo teve um progresso melhor do que tinha imaginado, e agora tinha vários dias livres antes do Pentecostes. Aparentemente, ele também preferia passar esses dias em Cesaréia (onde poderia evangelizar os gentios) do que em Jerusalém, onde muitos judeus se mostrariam pouco amistosos para com ele.

Enquanto Paulo estava em Cesaréia, a capital gentílica da Judéia, **chegou da Judéia** (10) — *i.e.*, Jerusalém, a Judéia judaica — **um profeta, por nome Ágabo**. Como este nome não é comum, é perfeitamente possível que este fosse o mesmo Ágabo que anteriormente havia predito a fome sob o governo de Cláudio César (11.28). Ele era um profeta e também previa o futuro.

Ágabo **tomou a cinta de Paulo** — um cinto como uma faixa — e ligou os **pés e mãos** de Paulo (11). Então ele pronunciou a predição divinamente inspirada de que Paulo seria preso assim pelos judeus em Jerusalém, e entregue aos gentios (*i.e.*, os governadores romanos). Deve-se observar que Ágabo não disse a Paulo que não fosse a Jerusalém. Ele simplesmente o avisou daquilo que lhe aconteceria se fosse para lá.

Quando esta predição foi ouvida, rogaram-lhe, **tanto nós como os que eram daquele lugar, que não subisse a Jerusalém** (12). É evidente que Lucas, junta-

mente com os outros da Grécia, da Macedônia, da Ásia e da Galácia (cf. 20.4), insistiram em que Paulo não fosse a Jerusalém. A esse pedido, uniram-se os cristãos de Cesaréia. Não há dúvida a respeito do amor que estes crentes gentios sentiam pelo grande apóstolo.

No entanto, Paulo não iria se deter. Ele respondeu: **Que fazeis vós, chorando** (13) — isto mostra o fervor do seu pedido — **e magoando-me o coração?** — ou enfraquecendo o meu propósito. Alexander comenta: "*Magoar* (lit., *esmagar*, estremecer) *meu coração*, *i.e.*, enfraquecer, até onde vocês podem, a minha coragem, e se esforçarem para sacudir a minha decisão, trabalhando com os meus próprios medos e a minha simpatia com o seu sofrimento".[326] O apóstolo declarou a sua disposição não somente para ser preso, mas também para morrer em Jerusalém **pelo nome do Senhor Jesus**. Este era o nome que ele uma vez havia amaldiçoado em Jerusalém. Agora ele estava pronto a fazer a reparação, morrendo por ele.

Quando os amigos de Paulo viram que ele não seria persuadido a mudar o seu caminho, eles se aquietaram, dizendo: **Faça-se a vontade do Senhor!** (14) Esta sempre deve ser a conclusão a que devem chegar os cristãos consagrados. Afinal, a discussão terminou, esta é a palavra final.

Esta passagem sugere: 1. A preocupação cristã com outros (12); 2. A coragem do cristão (13); 3. A consagração do cristão a Deus (14).

3. *A Viagem a Jerusalém* (21.15-16)

Tendo passado algum tempo em Cesaréia, **havendo feito os... preparativos** (15). É óbvio que o termo "preparativos" tinha, para os tradutores da versão KJV em inglês, um significado diferente daquele que tem para nós, hoje. Naquela época, significava alguma coisa que era carregada; agora, significa algo que carrega outras. E a expressão é uma única palavra em grego, um particípio aoristo que significa literalmente "tendo feito os preparativos". Provavelmente, a idéia seja "tendo arrumado a nossa bagagem" (NEB). Isto feito, **subimos a Jerusalém**, uma viagem difícil de mais de noventa quilômetros (ver o mapa 1), a qual incluía a subida a uma altitude superior a 750 metros. Eram necessários três dias para completar a viagem. Se eles alugassem cavalos, como foi sugerido por Ramsay[327] e Rackham,[328] e apoiado por Bruce ("uma suposição muito razoável"),[329] a viagem provavelmente seria feita em dois dias.

A última possibilidade encontra algum apoio no assim chamado Texto Ocidental (ver a Introdução), no capítulo 16, onde se lê: "E eles nos trouxeram àqueles com quem nos hospedaríamos, e chegamos a uma aldeia, e ali estavam com Mnasom, um cipriota, um dos primeiros discípulos". A idéia geral é sugerida pela tradução da versão RSV: "E foram também conosco alguns discípulos de Cesaréia, levando consigo um certo Mnasom, natural de Chipre, discípulo antigo, com quem havíamos de hospedar-nos". Se alguém objetar que este alojamento deve ter ocorrido em Jerusalém, uma vez que a afirmativa havia sido feita — **subimos a Jerusalém** (15) — deve-se observar que **subimos** está no tempo imperfeito e assim precisa ser traduzido como "estávamos subindo". Isto se encaixa perfeitamente com a idéia de parar no meio do caminho para pernoitar com Mnasom, que tinha uma casa em uma aldeia na estrada que conduzia a Jerusalém. Isto também está de acordo com a frase de abertura do versículo 17, **logo que chegamos a Jerusalém** (particípio aoristo que indica a chegada final).

Paulo deve ter tido inúmeros amigos em Jerusalém, com quem poderia ter se hospedado. Ele também não precisaria que os discípulos de Cesaréia o guiassem na cidade de Jerusalém, que lhe era tão familiar. "A companhia, por outro lado, era muito natural, se Mnasom vivesse em uma aldeia conhecida por esses discípulos, mas não conhecida por Paulo".[330]

Devemos observar que **discípulo antigo** é traduzido corretamente nas versões recentes. O adjetivo grego é *archaios*, de onde deriva a palavra "arcaico". Ele significa "original, antigo". Rackham opina que ele implica que Mnasom provavelmente foi um dos 120 presentes no Pentecostes[331] (cf. Phillips — "um dos primeiros discípulos").

I. JERUSALÉM, 21.17—23.35

1. *Paulo Enfrenta Dificuldades* (21.17-40)

O apóstolo tinha sido avisado, em seu caminho para Jerusalém, que a prisão e que alguns problemas esperavam por ele ali (cf. 20.22-24; 21.4,11-12). Assim, não surpreende descobrir que os problemas apareceram logo depois da sua chegada.

a. Paulo Faz um Voto (21.17-26). Paulo e o seu grupo foram bem recebidos pelos **irmãos** (17) em Jerusalém. **Nos receberam de muito boa vontade** é uma ênfase dupla em grego. O verbo é um verbo composto, que significa "aceitar com alegria, dar as boas-vindas, receber".[332] A isto se adicionou o advérbio **de muito boa vontade**.

No dia seguinte, **Paulo entrou... em casa de Tiago** (18). Este era Tiago, o irmão de Jesus, que aparentemente era o bispo ou o principal pastor da igreja de Jerusalém (12.17), e o moderador do Concílio de Jerusalém (15.13-20). **Entrou** é um verbo que raramente aparece no Novo Testamento. Rackham observa: "A forma incomum deste verbo no texto grego destaca a solenidade da ocasião".[333] A mesma forma é encontrada no versículo 26.

Lucas acrescenta: **e todos os anciãos vieram ali**. Provavelmente estavam ali para receber as ofertas que Paulo e os seus companheiros tinham trazido das igrejas gentílicas da Acaia, da Macedônia, da Ásia e da Galácia para os crentes pobres de Jerusalém (20.4; 1 Co 16.1-4; 2 Co 8.1-22; 9.1-5).

O apóstolo trouxera consigo representantes das igrejas que tinham dado estas ofertas (cf. 1 Co 16.3). Há duas razões para isto. A primeira é que Paulo queria proteger-se contra qualquer acusação de apropriação indevida de fundos. A sua atitude está refletida no que ele escreveu à igreja de Corinto: "Evitando isto: que alguém nos vitupere por essa abundância, que por nós é ministrada; pois zelamos o que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens" (2 Co 8.20-21). Os representantes de todas as igrejas poderiam voltar as suas casas, contando que as ofertas dadas pelas suas igrejas foram verdadeiramente entregues à igreja de Jerusalém. Ter cuidado nunca é demais quando se lida com os fundos da igreja. Não deve haver oportunidade para críticas ou suspeitas.

A segunda razão foi que Paulo queria que os anciãos de Jerusalém vissem e conhecessem estes representantes das suas igrejas missionárias. O apóstolo tinha um objetivo duplo para angariar a generosa oferta para os santos de Jerusalém. Não foi apenas o

motivo altruísta de satisfazer as necessidades econômicas dos cristãos atingidos pela pobreza na igreja mãe. O principal na mente de Paulo era o desejo de unir as igrejas judaica e gentílica em uma unidade e uma comunhão mais íntimas. Ele esperava que a oferta de amor dos gentios ajudasse os cristãos judeus a sentir maior bondade em relação a eles. Paulo também desejava que os líderes de Jerusalém sentissem o espírito dos seus convertidos das províncias. Um contato pessoal era essencial para poder realizar isto.

Evidentemente, Lucas era um destes representantes. É pelo menos possível, se não provável, que ele seja aquele a quem Paulo se refere como "aquele irmão cujo louvor no evangelho está espalhado em todas as igrejas" (2 Co 8.18). Sem dúvida, a própria igreja de Lucas em Filipos estivera entre as mais generosas na doação para estes necessitados (cf. Fp 4.14-16). Um sentido de modéstia deve ter levado Lucas a omitir aqui qualquer referência à apresentação da oferta.[334]

Tendo **saudado** os anciãos (19), Paulo **contou-lhes minuciosamente** — "lhes fez um relato minucioso" (Phillips) — daquilo que **Deus fizera entre os gentios** através do seu ministério. Quando ouviram o relato, os anciãos **glorificaram ao Senhor** (20) — o melhor texto grego diz "glorificaram a Deus". Lake e Cadbury comentam: "A implicação é que eles não estavam simplesmente agradecidos, mas aliviados. Os fatos devem ir além daquilo que foi relatado".[335]

Então os anciãos fizeram uma proposta a Paulo. Não se pode escapar ao sentimento de que estes cristãos judeus legalistas de Jerusalém eram pateticamente limitados em sua atitude. Eles queriam que Paulo, o apóstolo dos gentios, provasse que ainda era um bom judeu! Ele tinha se alegrado durante anos na gloriosa liberdade da salvação pela fé em Jesus Cristo, e havia pregado isto aos gentios. Agora eles queriam que ele se pusesse de acordo com um item da Lei de Moisés, para aplacar os "judaizantes" da igreja. Podemos admirar a sua motivação de querer evitar qualquer risco de ruptura entre os cristãos judeus e gentios, sem apoiar o método que eles queriam utilizar.

Os anciãos começaram chamando a atenção para **quantos milhares** — a palavra grega é *myriades* "miríades" (lit., "dezenas de milhares") — **de judeus há que crêem, e todos são zelosos da lei**. Na última frase estava o problema. A maioria dos judeus convertidos ao cristianismo ainda observava a Lei de Moisés. Nas suas mentes, isto não entrava em conflito com a fé em Cristo para a salvação. Para eles, a lei não era um meio de salvação, mas um modo de vida divinamente ordenado para o povo de Deus.

Estes convertidos judeus tinham sido **informados** (21). O verbo grego é *katecheo*, de onde vem a palavra "catequizar", e que significa instrução oral. Alexander afirma que a palavra "aqui é descritiva, não uma mera informação ou um rumor, mas uma cuidadosa insistência por parte dos oponentes de Paulo. Os fanáticos cristãos de Jerusalém... não tinham sido simplesmente *informados* mas *ensinados* pelos seus caluniadores aquilo que vem a seguir".[336] Lumby concorda com esta interpretação, e acrescenta: "Conseqüentemente, podemos entender a grande hostilidade que o apóstolo sentiu, e a sua linguagem forte a respeito destes judaizantes. Os partidários destes homens devem ter trabalhado na preparação para a visita de Paulo, e devem ter envenenado as mentes dos homens contra ele".[337]

A acusação levantada contra Paulo era falsa. Os judeus alegavam que ele estava ensinando **todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés**

— lit., ensinando-lhes "uma apostasia em relação a Moisés". A palavra grega *apostasia* é usada em 1 Macabeus 2.15 a respeito daqueles que estavam sendo obrigados a ignorar a lei e oferecer sacrifícios a ídolos. Isto forma um interessante paralelo com o seu uso nesta passagem.

Eles também disseram que Paulo estava ensinando os judeus que eles **não** deveriam **circuncidar os filhos, nem andar segundo o costume da lei.** Não existe evidência no livro de Atos nem nas epístolas de Paulo de que o apóstolo ensinasse quaisquer destas coisas aos judeus. Está claro que ele realmente dizia aos cristãos gentios que eles estavam livres da lei. E ele realmente escreveu aos seus "irmãos": "Vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos" (Rm 7.4). Mas em nenhum lugar está indicado que ele tivesse dito aos judeus que deixassem de observar a lei.

Que faremos, pois? (22) Esta tradução literal significa "Como fica este assunto?" ou "Então o que deve ser feito?" (NASB). A frase **é necessário que a multidão se ajunte** talvez não seja uma parte do texto original (cf. ASV). De qualquer forma, os cristãos judeus ficariam sabendo que Paulo tinha chegado.

Então os anciãos elaboraram um plano. Eles tinham quatro homens **que fizeram voto** (23). Esta é a mesma palavra (*euche*) que aparece em 18.18, embora seja traduzida como "oração" em Tiago 5.15 (a única outra passagem do NT onde aparece). Os votos temporários dos nazireus normalmente duravam trinta dias. Foi sugerido que Paulo deveria se santificar — lit., "ser purificado" — com esses quatro homens, e fazer **por eles os gastos** (24) — "lit., *gastar* (*dinheiro*) *com eles*, ou seja, pagar as despesas das suas ofertas e outras formas cerimoniais até a conclusão dos seus votos"[338] — **para que rapem a cabeça.** Lumby comenta: "O raspar da cabeça tinha lugar na conclusão dos votos. Quando as vítimas eram oferecidas, o cabelo era queimado no fogo que estava debaixo do sacrifício da oferta pacífica".[339]

O resultado seria que todos saberiam da falsidade das coisas que eles tinham estado falando a respeito de Paulo — e **que também tu mesmo andas** — um termo militar, que significa "andar em uma fila" ou "manter o ritmo" — **guardando a lei.** A questão que surgiu algumas vezes foi se Paulo podia honestamente submeter-se a esta idéia de que ele observava a lei mosaica. De uma coisa temos certeza: o apóstolo agiu conscientemente, de acordo com o que ele julgava ser o melhor para a causa de Cristo. Uma vez mais, ele seguiu a sua política de ser todas as coisas para todos os homens (ver os comentários sobre 18.18).

Os anciãos concordaram (25) que o problema da prática cristã gentílica já tinha sido resolvido no Concílio de Jerusalém (cap. 15). Somente quatro restrições tinham sido colocadas para os cristãos gentios convertidos, as mesmas especificadas em 15.29, na carta que eles tinham **escrito** — lit., "enviado".

Assim, Paulo, tomando consigo aqueles quatro varões que estavam fazendo votos, e tendo já sido santificado com eles, **entrou,** no dia seguinte (26) — ver comentários sobre "entrou" (18) — **no templo, anunciando serem já cumpridos** — lit., "anunciando a conclusão" — **os dias da purificação; e ficou ali até se oferecer em favor de cada um deles a oferta.** Hackett opina que Paulo permaneceu no Templo até que as ofertas de cada um tivessem sido feitas.[340] Rackham sugere que ele foi ao Templo em quatro dias diferentes, um dia para cada um dos homens.[341] A oferta para a conclusão dos votos dos

nazireus eram um cordeiro, uma cordeira e um carneiro, com as ofertas de alimentos e bebidas apropriadas (Nm 6.13-15). O custo total para estes quatro homens representaria uma soma considerável.

b. Paulo É Preso em meio a um Tumulto (21.27-36). **Quando os sete dias** (27) — de purificação (cf. 26) — **estavam quase a terminar, os judeus da Ásia** — *i.e.*, das redondezas de Éfeso, e desta maneira aptos a reconhecer "Trófimo, de Éfeso" (29) — **vendo-o no templo, alvoroçaram** — "provocaram uma confusão" (cf. 19.32) — **todo o povo e lançaram mão dele**. Esta foi uma ação violenta da multidão.

Aqueles que atacaram, gritaram: **Varões israelitas, acudi!** (28). Eles agiam como defensores do caráter sagrado do Templo. Gritavam alto que Paulo era aquele que... **por todas as partes ensina a todos, contra o povo** [os judeus], **e contra a lei, e contra este lugar; e, demais disto, introduziu também no templo os gregos e profanou este santo lugar**.

É claro que isto não era verdade. A base da sua acusação era uma peça de raciocínio ilógico. Eles viram Paulo no Templo. Eles já o tinham visto previamente em uma rua da cidade em companhia de **Trófimo, de Éfeso** (29). Eles juntaram estas duas premissas e chegaram à enganosa dedução de que ele deve ter levado este gentio consigo ao Templo. Este é um bom exemplo de como se iniciam alguns falsos rumores.

E alvoroçou-se — "agitou-se" — **toda a cidade** (30) — **e houve grande concurso de povo** — Arndt e Gingrich dizem que o texto grego sugere a formação de um tumulto[342] — **e, pegando Paulo, o arrastaram** (lit., imperfeito) — **para fora do templo**, açoitando-o enquanto o arrastavam (cf. 32) **e logo as portas se fecharam**. Presumimos que isto foi feito pelos sacerdotes e levitas, a fim de evitar a profanação do recinto sagrado pela ação da multidão.

E, procurando (31) — lit., "enquanto procuravam" — **matá-lo, chegou** (lit., "foi até") **o aviso** — a palavra significa "*informação*, especialmente sobre fraudes ou outros crimes"[343] — **ao tribuno** — *chiliarchos*, "*o comandante de mil homens*, especificamente um *tribuno militar* romano"[344] — **da coorte** (o encarregado da supervisão do Templo) — **de que Jerusalém estava toda em confusão**. Lake e Cadbury escrevem que "a guarnição em Jerusalém consistia em uma coorte de auxiliares que abrangia — pelo menos oficialmente — 760 homens de infantaria com um destacamento de 240 cavaleiros".[345] Eles acrescentam: "A sede da guarnição era em Antônia, que se comunicava com o Templo por dois lances de escada, e das suas torres de vigia o Templo era supervisionado"[346] (ver o mapa 2).

O tribuno, **tomando logo consigo soldados e centuriões, correu para eles** (32). Como o texto menciona **centuriões** (o termo centurião refere-se a um oficial encarregado de cem homens), a implicação era de que pelo menos duzentos soldados desceram correndo até o Templo para abafar o tumulto. A Festa de Pentecostes, motivo pelo qual Paulo se apressou a ir a Jerusalém (20.16), era a época do ano em que havia em Jerusalém mais judeus de fora da Palestina. Isto acontecia porque a outra festa principal, a Páscoa, acontecia muito cedo para uma navegação confortável no Mediterrâneo. Assim, Pentecostes era a festa favorita dos judeus que viviam fora da Palestina. Havia um grande contingente de homens da província da Ásia, e estes lideraram o ataque a Paulo. Mas quando viram o tribuno e os seus soldados, pararam de agredir o apóstolo.

Uma vez que Paulo estava claramente no centro do tumulto, o tribuno prendeu-o e ordenou que ele fosse ligado com duas cadeias (ou correntes; 33). O tribuno evidentemente pensou que Paulo fosse um criminoso perigoso.

Quando o tribuno perguntou quem poderia ser Paulo e o que ele tinha feito, o povo gritou em meio a tamanho tumulto que ele teve de ordenar que o prisioneiro fosse levado à **fortaleza** (34) — ou ao "quartel" (NASB). Quando chegaram às escadas que levavam ao quartel, os soldados tiveram que carregar Paulo por causa da **violência da multidão** (35). O povo o seguia, clamando: **mata-o** (36). Eles estavam determinados a matá-lo.

c. Paulo Faz um Pedido (21.37-40). Quando Paulo estava prestes a entrar na fortaleza, disse ao tribuno: **É-me permitido dizer-te alguma coisa? (37)** Evidentemente, ele falou com o tribuno em grego, porque este respondeu com surpresa: **Sabes o grego?** O tribuno pensou que ele fosse **aquele egípcio** (38) que antes destes dias havia feito uma **sedição** (uma revolta) e levado **ao deserto quatro mil salteadores**. Josefo fala desta mesma revolta, mas diz que eram trinta mil.[347] Knowling sugere que poderiam ter sido quatro mil homens armados, mas trinta mil no total.[348] A palavra **salteadores** aqui significa assassinos (*sicarii*). Eles levavam pequenas adagas escondidas e matavam as pessoas em plena luz do dia.

Paulo assegurou ao tribuno que ele não era aquela pessoa. Sem hesitar, ele proclamou a sua origem: **eu sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia** (39). Ele tinha razão em orgulhar-se da sua cidade natal, um dos três centros intelectuais daquela época (depois de Atenas e Alexandria). Paulo pediu permissão para dirigir-se à multidão. Quando o tribuno lhe deu a permissão — **Paulo, pondo-se em pé nas escadas, fez sinal com a mão ao povo** (39, 40). Surpreendentemente, o povo que gritava fez um grande silêncio. Então ele falou-lhes em **língua hebraica** (*dialektos*, "dialeto"). **Hebraica** provavelmente quer dizer aramaica, a língua normalmente falada na Palestina na época de Cristo.

2. *O Discurso de Paulo aos Judeus* (22.1-29)

A conversão de Saulo está registrada em 9.1-18. Aqui Paulo conta esta história (cf. capítulo 26). Aqui existem algumas pequenas diferenças de vocabulário.

a. Seu Nascimento e sua Juventude (22.1-5). **Varões irmãos e pais** significa, simplesmente, "Irmãos e pais" (Moffatt). Foi exatamente assim que Estêvão começou a sua defesa (7.2). **Pais** (cf. 3) seria a referência aos anciãos e professores judeus. Paulo pede: **ouvi agora a minha defesa perante vós**. A palavra **defesa** é *apologia*. A palavra apologia originalmente significava defesa, e este sentido ainda aparece no termo teológico "apologético". Mas já nos textos de Shakespeare (contemporâneo da versão KJV), apologia tinha assumido o seu sentido atual de "uma explicação oferecida a uma pessoa afetada pelas ações de alguém que não pretendia nenhuma ofensa, acompanhada com a expressão de lamento por qualquer ofensa que possa ter sido feita".[349]

Quando os judeus ouviram Paulo lhes falando na sua própria **língua** ("dialeto") **hebraica** (2) — provavelmente aramaica — ouviram em silêncio. A implicação clara é de que eles esperavam que ele lhes falasse em grego. Provavelmente, a maior parte da multi-

dão não conhecia a sua identidade (cf. 19.32). Sobre o conhecimento geral do apóstolo, Blaiklock faz esta apropriada observação: "Nada indica mais claramente a refinada educação de Paulo e a sua notável habilidade de pensamento do que a sua capacidade de estabelecer um contato imediato e eficiente com qualquer público, e de apresentar a sua mensagem, sem perda de conteúdo, em termos do pensamento e da experiência desse público".[350]

Paulo iniciou a sua defesa identificando-se como um **judeu** (3). A seguir, ele informou o lugar de seu nascimento — **Tarso da Cilícia** — do qual ele tinha, com justiça, muito orgulho (cf. 21.39). Em terceiro lugar, ele foi **criado** — "educado" — **nesta cidade** (Jerusalém) **aos pés de Gamaliel**. Schuerer observa: "Os alunos se sentavam no chão enquanto o professor, que ficava sentado em um lugar elevado, ensinava".[351]

Gamaliel só aparece novamente no Novo Testamento em 5.34, onde é mencionado como uma pessoa moderada e justa. Bruce comenta: "A sua atitude tolerante ali contrasta com o zelo demonstrado pelo seu aluno na perseguição dos cristãos; é completamente incomum que o aluno seja mais extremo ou radical do que o seu mestre".[352]

Aos pés de Gamaliel o jovem Saulo foi **instruído** — lit., "treinado" — **conforme a verdade** — lit., "exatidão" ou "rigidez" — **da lei de nossos pais**. Os fariseus eram conhecidos por serem extremamente rígidos na sua interpretação e aplicação da lei, ao passo que os saduceus eram considerados negligentes.

Este versículo enfatiza a significativa formação de Paulo. Na sua cidade natal, Tarso, ele tinha sido exposto à cultura, à língua e à educação grega. Em Jerusalém, ele recebeu um treinamento completo sobre as Escrituras do Antigo Testamento, particularmente a Torá (o Pentateuco). Esta combinação o capacitou principalmente a entrar em cidades gregas como Atenas e Corinto com um duplo ministério: primeiramente aos judeus na sinagoga, e a seguir aos gentios, no mercado (Atenas), em uma casa (Corinto) ou em uma sala (Éfeso). Em todas as partes aonde ia, o apóstolo estava bem preparado para entrar em qualquer situação com o Evangelho de Jesus Cristo.

Com tato, Paulo disse aos seus ouvintes que ele tinha sido **zeloso para com Deus** — lit., "zeloso por Deus" — **como todos vós hoje sois**. Tão fanático tinha sido ele, que tinha **perseguido este Caminho até à morte, prendendo** — "acorrentando" — **e metendo em prisões, tanto homens como mulheres** (4). O orador podia compreender e avaliar a atitude dos seus ouvintes, porque já tinha estado na mesma posição.

A perseguição de Saulo aos cristãos podia ser confirmada pelo **sumo sacerdote** (5) — Ananias (cf. 23.2), que sem dúvida era um membro do Sinédrio naquela época — e também por **todo o conselho dos anciãos** — lit., os *presbyterion*, que significa o Sinédrio (cf. Lc 22.66). Deste grupo, Saulo tinha **recebido cartas para os irmãos** [os judeus] e **foi a Damasco, para trazer manietados para Jerusalém aqueles que ali estivessem** [os cristãos]**, a fim de que fossem castigados**.

b. O seu Nascimento do Alto (22.6-11). **Quase ao meio-dia,** Saulo estava próximo a Damasco, quando **de repente** o **rodeou uma grande luz do céu** (6). Esta significativa introdução a sua conversão está narrada nos três relatos (cf. 9.3; 26.13). Paulo contou a Agripa que esta luz era mais forte que o sol do meio-dia (26.13). O choque da luz que cegava atirou Saulo ao chão. Enquanto estava ali, atordoado e silencioso, ele ouviu uma voz que perguntava: **Saulo, Saulo, por que me persegues?** (7) Foi sugerido que a doutrina de Paulo da Igreja como o corpo de Cristo (Ef

1.23) pode ter se originado desta experiência. Ao perseguir o corpo, Saulo estava ferindo a Cabeça — **Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues** (8).

Como prova de que a visão não era uma alucinação pessoal, Paulo declarou: **E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz** (9). Isto não é especificamente mencionado nos demais relatos. Para uma solução da aparente contradição entre a última metade deste versículo e 9.7, ver os comentários sobre 9.7-8 e 26.14.

A primeira pergunta de Paulo foi: **Quem és, Senhor?** (8). A segunda foi: **Senhor, que farei?** (10). A primeira resposta foi: **Eu sou Jesus**; a segunda: **Levanta-te e vai**. A primeira enfatiza a aceitação de Cristo; a segunda, a consagração ao seu serviço. Juntas, elas formam um excelente esquema para um sermão: 1. Precisamos saber quem é Jesus: o Filho de Deus e o Salvador; 2. Também precisamos obedecer a Ele como Senhor e Mestre.

Ainda cego por causa do **esplendor daquela luz** (o brilho atordoante que vinha do alto), Saulo foi **levado pela mão... a Damasco** (11). Ele tinha planejado chegar como um vencedor dos cristãos. Ao invés disso, chegou como um servo de Cristo.

c. O seu Batismo por Ananias (22.12-16). Esta pessoa é descrita como um **varão piedoso conforme a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que ali moravam** (12). O consenso dos comentaristas é que este Ananias era um judeu. O fato de ele guardar cuidadosamente a lei está indicado pela sua elevada reputação entre os judeus de Damasco. Parece claro que os judeus convertidos ao cristianismo ainda adoravam na sinagoga e observavam as exigências da lei mosaica. O que Paulo queria deixar claro para os seus ouvintes, enquanto falava das escadas da Fortaleza de Antônia, era que um judeu bom e respeitador da lei tinha confirmado a sua conversão a Cristo.

Ananias veio até o homem cego que orava (cf. 9.11) e saudou-o como **Saulo, irmão** (13). Estas palavras devem ter trazido um imenso conforto para o coração daquele que estava na transição do judaísmo para o cristianismo. Aqui estava um homem que ele tinha vindo para perseguir, chamando-o de **irmão**.

Recobra a vista e **vi** são o mesmo verbo, *anablepo*. *Blepo* significa "ver" e *ana* tem o significado tanto de "novamente" como de "aqui". A tentativa das versões RSV e NEB de traduzir o verbo da mesma maneira nos dois lugares exige que se acrescente "e vi", e é provavelmente menos satisfatória do que o uso, na versão KJV, de duas expressões diferentes.

Ananias informou Saulo de que Deus escolhera esse antigo perseguidor para que **conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo, e ouças a voz da sua boca** (14) — três infinitivos aoristos no texto grego, referindo-se ao que havia acontecido a caminho de Damasco. O objetivo disto era que o fariseu convertido pudesse **ser sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido** (15). Foi recomendado a Saulo: **Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados** (16). Os dois verbos estão no aoristo médio. Este uso em particular é explicado por Blass-Debrunner como "o médio no sentido de 'permitir que alguém seja...'".[353] O sentido está corretamente indicado na tradução familiar da versão KJV.

Os judeus exigiam que todos os gentios prosélitos ao judaísmo fossem batizados, porque eles eram considerados impuros. Era uma experiência muito humilhante para Saulo, que tinha respeitado rigidamente a lei, admitir a sua impureza diante de Deus, submetendo-se ao batismo cristão.

Este versículo não ensina a regeneração pelo batismo, como alguns afirmaram. Alexander comenta: "O seu corpo seria batizado pelos homens, porém os seus pecados seriam retirados por Deus".[354] E continua: "A identidade, ou até mesmo a união inseparável, destes dois efeitos, está longe de ser afirmada aqui, porque eles são separados, como coisas conectadas pela relação natural de tipo e anti-tipo, mas perfeitamente distinguíveis, e facilmente separáveis pela experiência".[355]

Invocando o nome do Senhor é, no melhor texto grego, "invocando o seu nome", que provavelmente significa o nome de Jesus.

d. A sua Missão para com os Gentios (22.17-21). O objetivo de todo o seu discurso era "provar que a atividade de Paulo tinha sido divinamente ordenada, e que assim implicava que aqueles que se opusessem a Paulo estariam, na realidade, colocando-se em oposição a Deus".[356] Erdman encontra três passos neste argumento: "1. Por nascimento, educação e experiências anteriores, Paulo estava de perfeito acordo com os seus ouvintes... 2. O poder divino que repentinamente transformou Paulo de um perseguidor em um apóstolo tinha se manifestado por uma visão de Jesus... e, além disso, por um milagre operado nele através de um judeu devoto chamado Ananias... 3. Paulo afirma que a sua relação com os gentios, o seu trabalho com eles, e a sua mensagem a eles, se devem completamente a um propósito divino".[357]

De acordo com isto, ele chamou a atenção para o fato de que, **tornando para Jerusalém**, **quando** orava no **templo** — isto aconteceu na Terra Santa, na Cidade Santa, e no Templo Sagrado, onde ele estava piedosamente adorando a Deus — **fui arrebatado para fora de mim** (17) — em um transe. A palavra grega é *ekstasis*, de onde se originou "êxtase". Somente no livro de Atos ela tem este significado (cf. 10.10; 11.5, ambas as passagens relacionadas com a visão de Pedro no terraço em Jope). Arndt e Gingrich dizem que ela significa "*transe, êxtase*, um estado produzido por Deus, no qual a consciência é suspensa de forma completa ou parcial".[358]

Neste transe Paulo viu **aquele** (18) — muito obviamente Cristo. Por que isto não está claramente afirmado? Alexander sugere o seguinte: "O nome de Jesus pode ser suprimido porque Paulo não desejava ofender os seus ouvintes com uma repetição desnecessária ou uma intromissão daquilo em que ele acreditava e eles não, e porque ele estava ainda menos disposto a expor aquele Nome à irreverência e até mesmo à blasfêmia daqueles homens, casos se sentissem ofendidos".[359]

O Mestre disse ao seu servo: **Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém**. Paulo objetou. Ele recordou ao Senhor que ele **lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam** nele (19). Isto mostra a extensão da sua assolação contra a igreja em Jerusalém naqueles primeiros dias (cf. 8.3). Ele também tinha consentido na morte de Estêvão (20) e **guardava as vestes dos que o matavam** (cf. 7.58). A palavra **testemunha** é a tradução literal de "Mártir".

Mas o Senhor respondeu ao seu servo: **Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe** (21) — literalmente: "Vá, porque eu mesmo vou enviá-lo em uma missão aos gentios de longe". Lenski comenta: "*Ego* é um termo enfático, que está carregado de autoridade: *Eu* estou fazendo isto, não importa o que você pense".[360] Não era a vontade divina que Paulo fosse morto pelos judeus irritados antes de começar a sua missão para com os gentios.

Como esta visão de Saulo no Templo (17-21) não está registrada em nenhuma outra parte, houve alguma discordância quanto ao fato de que ela realmente tivesse acontecido. Mas parece muito natural supor que ela ocorreu na primeira visita da Saulo a Jerusalém, depois da sua conversão (9.26; Gl 1.18). Esta é a opinião de Lenski[361] e de inúmeros outros comentaristas, inclusive Lake e Cadbury.

O discurso de Paulo aos judeus (3-21) sugere o tema "Antes e depois". *Antes* da sua conversão, Paulo era: 1. um judeu zeloso (3); 2. um perseguidor cruel (4-5); 3. um pecador condenado (6-11). *Depois* da sua conversão, ele foi: 1. uma testemunha comissionada (14-15); 2. um pregador destemido (17-20); 3. um missionário designado (21).

e. O seu Apelo à Cidadania (22.22-29). "A sugestão da pregação aos gentios foi a gota d'água para a multidão".[362] O relato diz **ouviram-no** — lit., "estavam ouvindo" — **até esta palavra** (22). Então começaram a gritar: **Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva!** A expressão **não convém** está no imperfeito. Robertson escreve: "Os verbos de propriedade, possibilidade, obrigação ou necessidade também são usados no imperfeito quando a obrigação, etc., não foi atingida, não foi cumprida".[363] Lenski parafraseia assim esta passagem: "Ele não deveria ter tido permissão de viver até agora, deveria ter sido removido da terra há muito tempo".[364]

A multidão agora estava quase em um frenesi. As pessoas estavam **arrojando de si as vestes** — talvez agitando-as por cima das suas cabeças — **e lançando pó para o ar** (23). Então o **tribuno** (*chiliarch,* ou quiliarco) ordenou que Paulo fosse levado até a fortaleza e que o **examinassem**[365] **com açoites** (24). C. S. C. Williams comenta: "Era costume dos romanos usar o açoitamento bárbaro contra os escravos e estrangeiros para que confessassem a verdade".[366]

Quando o estavam atando com correias (25) é assim interpretado por Thayer: "Quando eles o estavam esticando com as correias, *i.e.*, para receber os golpes das correias (atando-o a uma viga ou a um pilar; porque parece, no capítulo 29, que Paulo já tinha sido atado)".[367] O corpo da vítima era esticado firmemente sobre um pilar baixo, com as suas mãos e os seus pés presos a anéis no chão, enquanto as suas costas eram despidas para receber os açoites. O significado literal do verbo **atar** é "esticar", o que sugere que este é o seu significado aqui. Muitos prisioneiros morriam como resultado do açoitamento romano.

Enquanto isto estava acontecendo, Paulo disse ao centurião que ali estava: **É-vos lícito açoitar um romano** — *i.e.*, um cidadão romano — **sem ser condenado?** Quanto a este privilégio de imunidade da cidadania romana, ver os comentários sobre 16.38.

Assim que ouviu esta pergunta, o centurião apressou-se a ir até o tribuno para informá-lo que Paulo era um cidadão romano (26). O tribuno veio e pediu ao prisioneiro "uma declaração solene"[368] de que ele era verdadeiramente um cidadão romano. Quando Paulo afirmou que ele o era, o tribuno se tornou aparentemente amigável[369] e observou: **Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão** (28). Paulo respondeu: **Mas eu sou-o** [cidadão] **de nascimento.** Lenski observa: "Durante o império, a cidadania romana era vendida para inflar o Tesouro; Dio Cassius (LX, 17) narra que assim a esposa de Cláudio acumulava dinheiro".[370] É provável que o nome do tribuno fosse Lísias e que ele tivesse adotado o nome adicional de Cláudio (cf. 23.26) quando comprou a sua cidadania (talvez da mulher do imperador Cláudio). O fato de Paulo ser

nascido cidadão romano significava que o seu pai ou o seu avô tinham comprado a cidadania, ou talvez que ela tenha sido concedida a algum deles por algum serviço especial ao estado.[371] Ramsay escreve: "Fica claro, do relato anterior, que Pompeu, Júlio César, Antônio e Augusto provavelmente tinham concedido a cidadania romana a um determinado número de importantes homens de Tarso".[372] Isto sugere a possibilidade do pai e/ou do avô de Paulo terem sido cidadãos proeminentes em Tarso.

Pode surgir a pergunta sobre como Paulo poderia ter provado que era um cidadão romano. Aparentemente, não existe evidência de que os cidadãos carregassem algum documento especial para provar isto. Mas Paulo tinha parentes em Jerusalém (cf. 23.16) que poderiam ter comprovado a sua afirmação. Uma vez que uma reivindicação falsa de cidadania romana era punível com a morte,[373] um impostor pensaria melhor antes de dizer que era um cidadão.

Os soldados que estavam prestes a interrogar Paulo sob tortura, imediatamente **se apartaram** dele (29). Também o tribuno temeu pelo seu futuro político, **visto que o tinha ligado.**

3. *Paulo Perante o Sinédrio* (22.30—23.10)

Anteriormente, Paulo tinha levado muitos cristãos perante o Sinédrio, para que fossem julgados pela sua fé em Cristo. Agora era a sua vez de passar por esta experiência.

a. A Convocação do Sinédrio (22.30). No dia seguinte à prisão de Paulo — e depois de uma noite em segurança na fortaleza romana — o tribuno mandou vir **os principais dos sacerdotes e todo o seu conselho** (o Sinédrio) para uma reunião. Então ele apresentou Paulo diante do grupo. O seu objetivo era descobrir qual era o crime do prisioneiro.

b. Paulo Versus o Sumo Sacerdote (23.1-5). Como um prisioneiro do governo romano, **pondo Paulo os olhos** — o verbo (cf. 3.4, 12; 6.15; 10.4; 13.9; 14.9) significa "olhando intensamente para" — **no conselho** (1), *i.e.*, o Sinédrio, dirigiu-se aos seus membros dizendo: **Varões irmãos** — companheiros judeus, embora não companheiros cristãos. A seguir ele pronunciou a afirmação um pouco espantosa: **até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência.**

O verbo **andado** é *politeuomai*, que significa literalmente "ser um cidadão, viver como um cidadão".[374] Finalmente, a palavra veio a ter o sentido mais geral de "viver, comportar-se, levar a vida".[375]

A declaração da Paulo parece querer dizer que ele sempre tinha sido sincero e consciente, mesmo durante a sua violenta perseguição aos cristãos. Nós temos a afirmação do próprio apóstolo de que ele o fez "ignorantemente, na incredulidade" (1 Tm 1.13). É difícil percebermos quanto o jovem fariseu sentia que era a vontade de Deus que ele extirpasse aquilo que a seu ver era uma perigosa heresia.

No entanto, convém observar que Lenski objeta esta interpretação. Ele afirma que a frase de Paulo está relacionada somente com as acusações feitas contra ele (cf. 21.28). "Ao apelar para a sua consciência a respeito dessas acusações, e nomeando Deus como seu árbitro, Paulo fez o que Lutero fez em Worms".[376]

Alexander julga que a ênfase do verbo é sobre a *cidadania teocrática*, e que **diante de Deus** deve ser traduzida como "para Deus" — "Tenho vivido como um cidadão para Deus". Ele prossegue dizendo: "Se interpretada assim, a frase "diante de nós" não é uma vaga confissão de ter agido conscientemente, antes ou depois da sua conversão, mas uma afirmação corajosa e definitiva de ter agido teocraticamente, ou seja, como um fiel membro de igreja judaica, da qual eles o consideravam um apóstata".[377] Seguindo a mesma linha de raciocínio, Hervey diz que a frase grega significa "viver em obediência a Deus", e continua dizendo: "Paulo corajosamente afirma a sua submissão constante para com a lei de Deus, como um judeu bom e coerente (Fp 3.6)".[378]

A reação à afirmação de Paulo diante do Sinédrio foi repentina e forte. **O sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam junto dele que o ferissem na boca** (2). Registros seculares mostram que este Ananias era cruel e sanguinário, completamente indigno do seu cargo. Lenski opina que o sumo sacerdote se ressentiu da atitude calma e confiante de Paulo perante o Sinédrio. "Este sujeito, Paulo, deveria ter tremido e lisonjeado, mas, ao invés disso, ousou falar da sua boa consciência e da sua conduta irrepreensível na presença de sua majestade, o sumo sacerdote".[379]

A reação de Paulo foi enérgica: **Deus te ferirá, parede branqueada** — "desbotada" (3). O apóstolo sempre tinha sido criticado por "perder a calma". Mas Lake e Cadbury comentam: "Esta forma de 'maldição preditiva' era considerada correta pelos rabinos com base em Deuteronômio 28.20ss.".[380] É surpreendente saber que Ananias foi assassinado dez anos mais tarde, em setembro de 66 d.C.

Os ouvintes ficaram horrorizados e disseram: **Injurias o sumo sacerdote de Deus?** (4) O fato de que o sumo sacerdote era considerado o representante especial de Deus (cf. Dt 17.8-13) é precisamente o que torna tão diabólico o ato de Ananias, convocando a predição do julgamento divino. A atitude do povo judeu com relação ao cargo do sumo sacerdote é bem expressa por Josefo, quando ele escreve: "Aquele que não se submeter a ele estará sujeito ao mesmo castigo como se tivesse sido culpado de falta de religiosidade com relação ao próprio Deus".[381]

Em um tom mais conciliatório, Paulo respondeu: **Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote** (5). Lumby resume muito bem os diversos pontos de vista que foram expressos a respeito desta surpreendente afirmação do apóstolo, dizendo: "Alguns pensam que pode ter sido verdade que Paulo, com a visão deficiente de que ele supostamente sofria, não pudesse distinguir que quem falava com ele era o sumo sacerdote; outros opinam que o sumo sacerdote não estava no seu lugar oficial de presidente da corte; ou que devido à ocasião conturbada e à recente chegada de Paulo a Jerusalém ele não tivesse sabido quem era o sumo sacerdote; ou que ele estivesse falando ironicamente, querendo dizer que os atos deste juiz tinham características tão negativas, que ninguém poderia ter suposto que ele fosse o sumo sacerdote; ou que ele quis dizer, com *ouk eidein*, que naquele momento não havia pensado no que estava dizendo".[382] Lumby acrescenta: "Está em perfeito acordo com o caráter de Paulo acreditar que nem a sua própria deficiência física nem a falta das formalidades usuais, ou a falta de uma insígnia, fizeram com que ele fosse incapaz de distinguir que aquele que deu a ordem era realmente o sumo sacerdote".[383] Com esta conclusão concordamos veementemente. Não pode ser inoportuno chamar a atenção, neste ponto, à afirmação de Lenski de que esta não era uma reunião regular do Sinédrio, no seu lugar normal de reuniões, mas que o tribuno tinha convocado

os membros para que viessem até a fortaleza de Antônia.[384] Se este foi realmente o caso, é compreensível que o apóstolo não soubesse que era o sumo sacerdote.

Mas quando Paulo percebeu que tinha falado desta maneira com o sumo sacerdote, ele verdadeiramente desculpou-se pelo que tinha feito, ou seja, reconheceu que tinha agido mal, de forma inadvertida. Ele citou Êxodo 22.28 — **Não dirás mal do príncipe do teu povo**. Paulo não tinha infringido este mandamento intencionalmente, e sentia muito por tê-lo feito sem querer.

c. Os Fariseus Versus os Saduceus (23.6-10). **E Paulo, sabendo** (6) — lit., "quando Paulo veio a saber" — **que uma parte era de saduceus, e outra, de fariseus, clamou no conselho** *synedrion*, o Sinédrio: **Varões irmãos** quer dizer simplesmente "irmãos", **eu** — lit., "eu mesmo", **sou fariseu, filho de fariseu** — o melhor texto grego apresenta "de fariseus"! E Paulo continuou, dizendo: **No tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado!**

Alguns questionaram a ética de Paulo ao fazer deste o verdadeiro assunto em questão. Mas Knowling coloca o assunto na sua devida perspectiva, ao escrever: "É possível que os fariseus tivessem atraído a atenção do apóstolo através do seu protesto contra o comportamento de Ananias e da sua aceitação do pedido de desculpas... mas é igualmente provável que, no relato aparentemente resumido de Lucas, o apelo aos fariseus não tenha sido feito em um impulso repentino... mas tenha sido baseado em alguma manifestação de simpatia pelas suas palavras".[385] Ele também sugere: "Será que não podemos dizer que, para os fariseus, ele se tornou como um fariseu para salvar alguns, para levá-los a ver a coroa e o cumprimento da esperança na qual ele e eles eram um, na Pessoa de Jesus Cristo, a Ressurreição e a Vida?"[386] Barnes descreve o apóstolo dirigindo-se particularmente aos fariseus neste ponto: "Irmãos, a doutrina que distingue vocês dos saduceus está em jogo... desta doutrina eu fui advogado... pelo meu zelo em levantar os argumentos para defendê-la... — a ressurreição do Messias — eu fui preso e agora me coloco sob a sua proteção".[387]

Ele obteve o resultado desejado. Os fariseus imediatamente defenderam o caso de Paulo contra os saduceus. **Houve dissensão** [disputa] **entre os fariseus e saduceus** (7).

A principal diferença na fé entre os dois grupos está claramente afirmada no versículo 8. **Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus reconhecem uma e outra coisa**. O uso de **uma e outra coisa** (**ambas**, no original) para três coisas tem duas possíveis explicações. **Anjo** e **espírito** podem ser supostos como uma referência à mesma coisa. Ou a palavra grega para **ambas** pode ser usada para mais de duas coisas (cf; 19.16). Arndt e Gingrich observam que a palavra *amphoteroi* algumas vezes significa "tudo, mesmo quando mais de dois elementos estão envolvidos" e traduz esta frase como "reconhecem todas essas coisas".[388] Moulton e Milligan fornecem evidências dos papiros para este uso.

A diferença afirmada aqui entre a fé dos fariseus e a dos saduceus é abundantemente confirmada por Josefo, o historiador judeu do século I. A respeito dos fariseus, ele escreve: "Eles também acreditam que as almas têm um vigor imortal em si mesmas, e que sob a terra haverá recompensas e punições, de acordo com a vida que elas tiveram, se virtuosa ou pecadora; e as últimas serão detidas em uma prisão eterna, mas as pri-

meiras terão o poder de reviver e viver novamente".[389] A respeito do que diz Josefo, Schuerer comenta: "O que está representado aqui em um estilo filosófico como a doutrina dos fariseus é meramente a doutrina judaica da retribuição e da ressurreição, já testemunhada no livro de Daniel (Dn 12.2), por toda a literatura judaica posterior e também pelo Novo Testamento, como uma possessão comum do judaísmo genuíno".[390] Ao fazer este apelo, Paulo estava conseqüentemente colocando-se na corrente da ortodoxia judaica em vigor, como os fariseus bem sabiam.

Sobre os saduceus, Josefo diz: "Eles também removem a fé na duração imortal da alma e nos castigos e nas recompensas no Hades".[391] E ainda: "A doutrina dos saduceus é esta: as almas morrem com os corpos".[392]

Quanto ao assunto de **anjo** e **espírito**, Josefo não é específico. Mas Schuerer observa apropriadamente: "Esta afirmação do livro de Atos, embora não confirmada por outros testemunhos, é completamente digna de confiança, e está em completo acordo com a imagem que obtemos sobre os dois grupos em outras passagens".[393] E acrescenta: "Não é necessária qualquer evidência de que neste assunto os fariseus também representavam a posição geral do judaísmo posterior".[394]

A confusão aumentou rapidamente. O relato diz: **E originou-se um grande clamor** (9) — "protestos em voz alta" **— e, levantando-se os escribas** da parte dos fariseus, que aparentemente compunham a maioria**, contendiam** ou "discutiam veementemente", dizendo: **Nenhum mal achamos neste homem**. A frase **não resistamos a Deus** não é encontrada nos primeiros manuscritos, e poderia ser omitida. Uma tradução moderna apresenta o seguinte texto: "Talvez um anjo ou espírito tenha falado com ele" (NEB).

Finalmente a **dissensão** ("disputa", cf. 7) tornou-se tão violenta que o **tribuno** (10), ou "comandante" (NASB), temendo pela vida de Paulo, mandou **descer a soldadesca** — lit., "exército", significando "um destacamento de soldados em serviço"[395] — para levá-lo de volta à fortaleza. Isto parece sugerir que a reunião do Sinédrio estava acontecendo fora desse edifício.

4. *A Vida de Paulo em Perigo* (23.11-35)

O tribuno tinha temido que o seu prisioneiro pudesse ser despedaçado pelas duas facções que discutiam no Sinédrio. Mas agora surgia uma ameaça ainda mais séria à vida de Paulo.

a. Conforto (23.11). Sem dúvida, Paulo ficara profundamente perturbado pelo tumulto e enormemente preocupado pela sua segurança pessoal. Mas antes que as piores notícias chegassem até ele (cf. 16), o Senhor preparou-o para o choque, ministrando-lhe com conforto e confiança. Naquela mesma noite, depois da desagradável experiência perante o conselho, **apresentando-se-lhe o Senhor**, embora com sentido básico provavelmente de que Jesus "apareceu a Paulo" (NEB), não podemos deixar de mencionar a força comum da expressão "estar ao seu lado". Nesta hora de extrema tensão e provação, o Senhor esteve ao lado do seu servo e o fortaleceu.

Para o seu apóstolo perturbado, Jesus disse: **Tem ânimo**[396] — "Tenha coragem!, não tenha medo!"[397] Então foi feita a promessa: **Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma**. Isto representava

um duplo consolo. Em primeiro lugar, Paulo teve a certeza divina de que não morreria em Jerusalém. Isto deve ter sido um grande conforto, especialmente em vista da informação que ele em breve iria receber, sobre o complô contra a sua vida. Em segundo lugar, ele agora sabia que o seu desejo de visitar Roma (cf. 19.21) seria satisfeito.

Este versículo registra como Jesus deu a Paulo: 1. Consolo — **Tem ânimo**; 2. Elogio — **como de mim testificaste em Jerusalém**; 3. Confirmação — **assim importa que testifiques também em Roma**.

Sem dúvida, o apóstolo sentiu-se tentado a pensar que tinha falhado em seu testemunho em Jerusalém, mesmo depois de ter dado o melhor de si para cooperar com os líderes cristãos judeus ali. Na verdade, enquanto estava atendendo o pedido deles é que ele foi cercado e quase morto. Mas o Senhor afirmou que o seu testemunho não tinha sido em vão. Paulo provavelmente também sentiu que o seu propósito em testemunhar em Roma estava fadado ao fracasso. Agora ele tinha recebido a garantia de que o faria. O Senhor sabia que o seu servo precisava imensamente de um apoio moral, e Ele amorosamente o concedeu.

b. A Conspiração (23.12-15). Enquanto o Senhor trabalhava a favor de Paulo, Satanás trabalhava contra ele. Mas o Senhor nunca está atrasado. Ele chegou ao homem que estava na prisão antes que se concluísse o plano contra a sua vida. No entanto, na manhã seguinte, mais de quarenta judeus **fizeram uma conspiração** — (12) lit., "tendo feito uma conspiração" — **juraram** — lit., "fizeram um pronunciamento solene". Eles solenemente fizeram o seguinte juramento: "Que Deus nos amaldiçoe se nós comermos ou bebermos antes de matarmos Paulo". Isto era um fanatismo religioso desesperado, e a vida de Paulo agora corria um sério perigo.

Os conspiradores **foram ter com os principais dos sacerdotes e anciãos** (14). Deve-se observar que os escribas (os fariseus), que compunham o Sinédrio juntamente com os principais dos sacerdotes e os anciãos (cf. Mt 16.21), não são mencionados. Na reunião do conselho no dia anterior, eles tinham se posicionado em defesa de Paulo. Assim, não era seguro que eles soubessem desta conspiração. Lenski sem dúvida retrata a situação corretamente ao escrever: "Concluímos que, no início, alguns dos líderes foram procurados pelos conspiradores, que contavam com aqueles em quem confiavam para guardar segredo sobre o seu complô".[398] E acrescenta um comentário significativo: "Isto [o complô] é afirmado diretamente, como se estes assassinos soubessem que tipo de homens eram os seus grandes líderes religiosos".[399]

Para estes líderes impiedosos, os homens disseram: **Conjuramo-nos, sob pena de maldição** — literalmente, "com um pronunciamento solene nós fizemos um juramento solene", ou seja, "Nós juramos com completa solenidade". Estes homens então não comeram nada até morrer? Edersheim mostra como era fácil que os sacerdotes absolvessem um homem de um juramento tão radical, assegurando-lhe que nenhuma punição resultaria do seu fracasso em cumprir tal juramento".[400]

Os conspiradores pediram que os principais dos sacerdotes, **com o conselho,** rogassem — "informar, dar a informação"[401] **ao tribuno** (15), pedindo-lhe que trouxesse Paulo novamente no dia seguinte perante o Sinédrio, **como querendo saber mais alguma coisa de seus negócios**. A palavra grega para **saber** (ou inquirir), *diaginoskein*, aparece (no NT) somente aqui e em 24.22. Ela tem claramente o sentido

técnico judicial, "determinar". Mas será que ela tem este significado aqui? Arndt e Gingrich pensam que sim. Eles traduzem o sentido da palavra da seguinte forma: "Determinar o seu caso por meio de uma investigação completa".[402] Lenski prefere o significado de "decidir as questões a respeito de Paulo mais exatamente, com a ajuda do quiliarco (tribuno)".[403] Devemos recordar que o tribuno já havia trazido o seu prisioneiro anteriormente perante o Sinédrio, para determinar a exata natureza do crime que lhe estava sendo imputado pelos judeus (22.30). Assim, Lenski está provavelmente correto ao dizer: "A idéia era permitir que o quiliarco (tribuno) soubesse que o Sinédrio agora estava em uma posição melhor do que tinha estado no dia anterior, para conseguir-lhe a informação desejada".[404]

Os quarenta conspiradores planejavam assassinar Paulo quando o apóstolo estivesse passando pela área do templo, a caminho do lugar onde ocorreria a reunião do Sinédrio. Com adagas afiadas escondidas sob as suas roupas, aquele grupo de homens fanáticos e desesperados poderia ter conseguido realizar o seu intento, apesar da presença de um considerável destacamento de soldados. O fato dos principais dos sacerdotes apoiarem tal conspiração, o que poderia ter até mesmo colocado em perigo a vida do próprio tribuno, mostra quanto eles estavam determinados a livrar-se de Paulo.

c. O Quiliarco (tribuno) É Informado (23.16-22). Um sobrinho do apóstolo ouviu **acerca desta cilada** (16) — lit., "emboscada". Normalmente, supõe-se que ele morasse com os seus pais em Jerusalém. Mas é possível que ele fosse um estudante de teologia, como o seu tio tinha sido em outra época, e que a sua casa estivesse em Tarso. Também tem sido dito com alguma freqüência que provavelmente os pais ricos de Paulo o deserdaram quando ele se tornou um cristão. Tudo isto é perfeitamente possível. Mas, neste caso, o sobrinho estava preocupado com a segurança do seu tio.

Não sabemos como ele obteve esta informação. Edersheim sugere que o jovem era um membro da associação dos fariseus ("Chabura") e assim tomou conhecimento do complô.[405] O sobrinho **entrou na fortaleza** — no quartel — **e o anunciou a Paulo**. Knowling comenta: "Evidentemente, os amigos de Paulo tinham acesso permitido a ele, e entre eles podemos também supor que o próprio Lucas estivesse incluído".[406] Hackett faz uma observação adicional: "Lísias pode ter sido mais indulgente, porque ele estaria assim compensando o seu erro de ter amarrado um cidadão romano".[407]

Paulo pediu a um dos centuriões em serviço que levasse o seu sobrinho até o comandante (17). Este último levou o jovem para um lado, e perguntou o que ele tinha para lhe dizer (19). Quando ouviu a informação sobre a conspiração jurada (20-21), o quiliarco (tribuno) permitiu que o seu informante saísse com a instrução de não dizer nada a ninguém (22). **Dizer** é um verbo composto em grego, que significa "divulgar". **Contado** é o mesmo verbo que é traduzido como "saber" em 15 (ver os comentários); em 24.1; 25.2,15 ele é traduzido como "informado".

d. Os Centuriões São Convocados (23.23-25). O tribuno percebeu que a situação era verdadeiramente séria. Assim, convocou dois centuriões e ordenou que eles deixassem preparados duzentos soldados de infantaria, setenta de cavalaria e duzentos lanceiros para partirem às nove horas daquela noite para Cesaréia. Naquela época primitiva, sem iluminação de rua, seria seguro partir àquela hora, porque tudo estaria escuro e tranqüilo.

A palavra traduzida como **lanceiros** não é encontrada em nenhuma outra parte da literatura grega até o século VI. Arndt e Gingrich, no seu léxico mais recente, dizem: "Uma palavra de significado incerto, um termo técnico militar segundo Joannes Lydus... um soldado com arma leve, talvez *arqueiro* ou *atirador de funda*".[408] Knowling entende que esta palavra, *dexiolabous* "provavelmente deriva de *dexios* e *lambano*, agarrar as armas com a mão direita, e assim aqui se refere àqueles que levavam a sua arma leve, uma lança, na mão direita".[409] Schuerer concluiu: "A única coisa de que podemos ter certeza é que este termo designava uma classe especial de soldados com armas leves (atiradores de lanças ou de fundas)".[410] Quem desejar um amplo debate sobre o tema poderá encontrá-lo na obra de Meyer.[411] Bruce fornece aquilo que é provavelmente o melhor resumo do assunto: "A escolta se compunha de infantaria pesada, cavalaria e tropas com armas leves... todas constituintes do exército romano".[412]

Os centuriões também deveriam providenciar **cavalgaduras** (24) — "animais", ou seja, cavalos ou mulas — para **Paulo**, e provavelmente os soldados imediatamente responsáveis por ele, para que o levassem **a salvo ao governador Félix**. Tendo dado estas ordens, o tribuno escreveu **uma carta** ao seu superior (25). **Que continha isto** — lit., quer dizer "que tinha esta forma" (*typon*), o que significa "estas palavras" — "não simplesmente esta forma ou conteúdo".[413]

e. O Comunicado ao Governador (23.26-30). A carta começava com o nome de quem a enviava, como era o costume naqueles dias. **Cláudio Lísias** (26) provavelmente adotou o primeiro desses dois nomes quando se tornou um cidadão romano (ver o comentário sobre 22.28). Depois de fornecer o seu próprio nome, sem nenhum título, Lísias, de forma cortês, dirige a sua carta **a Félix, potentíssimo governador**, ou "Excelentíssimo Governador Félix" (NEB). **Governador** é *hegemon*, que literalmente significa "líder". No Novo Testamento, esta palavra é usada principalmente para os procuradores romanos da Judéia.

Aparentemente, **Félix** tinha se tornado o governador da Judéia em 52 d.C. Ele era um governador cruel e mau. O historiador romano Tácito, brincando com o fato de que Félix tinha sido escravo, escreveu sobre ele: "Antônio Félix, permitindo-se todo tipo de barbáries e luxúrias, exercia o poder de um rei com o espírito de um escravo".[414]

Saúde é *chairein* (ver o comentário sobre 15.23). Esta era a palavra usual nas cartas seculares em papiros daquela época.

Como era de esperar, Lísias coloca-se da maneira mais favorável possível em sua carta ao governador. É verdade que ele resgatou Paulo da multidão que estava prestes a linchá-lo (27). Mas ele torce a verdade quando acrescenta: tendo sido **informado de que era romano**. O relato (21.31-40; 22.24-29) claramente indica que ele não conheceu a cidadania de Paulo até algum tempo depois que o tinha prendido. Mas a história soa melhor assim.

Lísias prossegue dizendo como levou o seu prisioneiro perante o Sinédrio em um esforço para determinar o seu crime (28). Mas logo descobriu que era um assunto relacionado à religião judaica, e não à lei romana (29). Quando soube da conspiração contra a vida de Paulo, imediatamente enviou o prisioneiro ao governador, e informou aos seus acusadores que fizessem quaisquer outras reclamações diretamente ao procurador. Assim, Lísias livrou-se de um problema muito desagradável e protegeu-se da possibilidade de ter problemas com o caso de Paulo.

f. A Escolta a Cesaréia (23.31-35). Obedecendo à ordem do tribuno, os soldados tomaram Paulo e o **trouxeram de noite a Antipátride** (31, ver o mapa 1). Lake e Cadbury encontram uma dificuldade aqui. Depois de observar que um dia de marcha para uma legião romana era "tradicionalmente fixado como uma distância de aproximadamente 38 quilômetros", eles acrescentam: "Os ajudantes, carregando armas mais leves, de alguma maneira poderiam ir mais rápido, mas 64 quilômetros, da distância de Antipátride a Jerusalém, é uma marcha noturna impossível para a infantaria, e muito dura para a cavalaria".[415] No entanto, eles admitem que "não se conhece ao certo a localização de Antipátride".[416]

Existem duas soluções possíveis. Afirma-se que a infantaria, **no dia seguinte** (32) deixou que a cavalaria levasse o prisioneiro pelo resto do caminho até Cesaréia. Eles **tornaram à fortaleza**, *i.e.*, ao seu quartel em Jerusalém. Mas não se afirma a que hora do dia isto aconteceu. Poderia ter sido ao meio-dia ou à tarde. Alguns estudiosos ressaltam **de noite** significando que a viagem se realizou somente à noite e que pode ter durado duas noites.[417] O próprio Hackett permitiu que a frase **de noite** fosse interpretada aplicando-se somente à maior parte da viagem, e acrescentou: "Seria correto falar da viagem, em termos gerais, como tendo se realizada à noite, embora deva ter tomado duas ou três horas do dia seguinte".[418] Hervey opina que eles poderiam tê-la feito em uma noite, uma vez que chegariam a Gophna (a três horas de marcha, partindo de Jerusalém) à meia-noite, e estariam descendo a colina pelo resto do caminho até a planície de Sarom, na qual se localizava Antipátride.[419]

Quando a escolta de cavalaria chegou a **Cesaréia** (a 96 quilômetros de Jerusalém), a carta e o prisioneiro foram apresentados **ao governador** (33). Tendo lido a carta, Félix perguntou de que província era Paulo. Quando soube que era da **Cilícia** (34), declarou: **Ouvir-te-ei quando também aqui vierem os teus acusadores** (35). Lake e Cadbury comentam o verbo composto que é traduzido como **ouvirei**. "Aparentemente era um termo legal para "farei uma audiência", e era assim usado pelos historiadores helênicos, em inscrições e em papiros, e é apropriadamente empregado aqui".[420]

Então o governador ordenou que **guardassem** Paulo — "vigiado" — **no pretório de Herodes** — que era a sala de julgamento. Este era o palácio construído em Cesaréia por Herodes, o Grande. Quando os Herodes foram sucedidos na Judéia pelos procuradores romanos, o palácio tornou-se a residência do governador e a sede do governo romano. Paulo foi provavelmente colocado em algum tipo de sala da guarda no *praitorion*, mas desta vez o apóstolo não foi preso em uma masmorra.

J. Cesaréia, 24.1—26.32

Depois de uma semana muito agitada em Jerusalém, pressionado pelos cristãos e perseguido pelos judeus, Paulo passou dois anos tranqüilos na prisão em Cesaréia, seguidos por dois anos de prisão em Roma. É tentador imaginar se o grande apóstolo teria cometido um erro ao se recusar a atender as advertências dos profetas (20.22-24; 21.4,10-11) e os apelos dos amigos (20.12-14). Se não tivesse ido a Jerusalém, ele poderia ter escapado da perseguição e da prisão que ali sofreu. Supostamente, teria tido a possibilidade de passar os quatro anos seguintes pregando, e não na prisão.

Mas talvez o Senhor considerasse que o seu zeloso apóstolo estivesse se dedicando além dos limites de suas forças, e precisasse de um descanso. Será que a observação de Paulo ao sumo sacerdote (23.3) teria revelado um homem cujos nervos estavam exaustos devido a uma agenda repleta de compromissos ligados à divulgação do Evangelho, às viagens e ao cuidado constante com as igrejas que ele tinha fundado (cf. 2 Co 11.28)? Nada mais justo do que fazer esta pergunta. Pois Paulo, embora cheio do Espírito, era perfeitamente humano.

A nossa decisão quanto à atitude do apóstolo — se agiu corretamente ou não ao ir a Jerusalém — depende, de alguma maneira, de como traduzimos a expressão em 20.22 — "ligado pelo espírito" (KJV, ASV) ou "constrangido em espírito" (RSV) — cf. "sob a força impulsionadora do Espírito" (Moffatt); "o Espírito me obriga a ir até lá" (Goodspeed); "compelido pelo Espírito" (Phillips); "forçado pelo Espírito" (Berk.); "sob o impulso do Espírito" (NEB). É óbvio que a maioria dos tradutores modernos[421] assume esta passagem como sendo o testemunho de Paulo de que o Espírito Santo o estava dirigindo para ir a Jerusalém, independentemente das conseqüências que haviam sido preditas. E provavelmente faremos bem deixando as coisas assim.

Uma coisa devemos ter sempre em mente: destes quatro anos de inatividade física forçada, e conseqüente oportunidade para meditação tranqüila, surgiram os escritos mais ricos de Paulo. Se ele não tivesse sido aprisionado — pelo Espírito, como também pelo governo romano — não teríamos hoje as suas epístolas da prisão, com os seus profundos pensamentos e verdades espirituais. Foi por causa desta experiência que Paulo pôde escrever, "sou o prisioneiro de Jesus Cristo" (Ef 3.1), não apenas o prisioneiro de Roma. Como prisioneiro de Jesus Cristo, ele era mantido sob o controle do Espírito, em um relacionamento ainda mais íntimo com o seu Senhor do que em qualquer ocasião anterior. Assim, ele foi capaz de realizar o seu serviço mais perfeito.

1. *Paulo perante Félix* (24.1-27)

Em Cesaréia, Paulo aparece em três principais ocasiões: perante Félix (cap. 24), perante Festo (cap. 25) e perante Agripa (cap. 26). Este homem, que tinha a reputação de virar o mundo de cabeça para baixo (cf. 17.6), não podia ser ignorado. Agora ele era trazido perante "governadores e reis" (Mt 10.16) em nome de Cristo, e por amor a Cristo.

Foakes-Jackson faz a seguinte observação a respeito deste incidente: "O relato do julgamento perante Félix é um relato modelo. Mesmo resumidos, os discursos da acusação e da defesa incluem os pontos necessários e não deixam nada a desejar".[422]

a. A Apresentação da Acusação (24.1-9). Como historiador, Lucas gostava da cronologia. Assim, aqui ele começa o relato dizendo **cinco dias depois** (1). Mas existe uma diferença de opinião sobre como estes deveriam ser computados. Knowling diz: "Mais provavelmente, os cinco dias devem ser contados a partir da chegada de Paulo a Cesaréia, e não da sua prisão em Jerusalém, nem da sua saída de Jerusalém a caminho de Cesaréia".[423] Lake e Cadbury concordam,[424] assim como muitos outros. Hackett entende que este significa o quinto dia depois que Paulo deixou Jerusalém. Ele escreve: "A fuga da conspiração dos judeus está mais próxima à mente aqui depois do que foi narrado; e, além disso, de acordo com o uso romano, um caso assim referido deveria ser julgado no terceiro dia, ou tão cedo quanto fosse possível".[425]

O sumo sacerdote, Ananias, desceu de Jerusalém, acompanhado por alguns **anciãos e um certo Tértulo, orador**. A palavra grega para **orador** significava, originalmente, alguém que falava em público (o grego sugere "retórico"). Mas ela veio a ser usada como sinônimo de "advogado" (Phillips) ou "procurador" (NASB). Não se sabe ao certo se **Tértulo** era judeu,[426] romano, ou grego. "Nos versículos 3, 4 e 6, ele fala de si mesmo e de seus clientes como "nós", mas no versículo 2 ele fala de 'este povo', e no versículo 5, de 'os judeus'".[427] A referência a "nossa lei" (6) e a linguagem do versículo 7 certamente implicam que Tértulo era um judeu. Mas a última frase do versículo 6, todo o versículo 7, e a primeira frase do versículo 8 são omitidas nos primeiros e melhores manuscritos. Assim, estas passagens não podem ser usadas como evidências. Os costumes daquela época suportam a idéia de que o advogado fosse um gentio. Knowling diz: "Tértulo, aparentemente, fazia parte do grupo de defensores contratados, freqüentemente empregados nas províncias por aqueles que não tinham conhecimento da lei romana".[428] O julgamento foi provavelmente conduzido em grego.

O termo compareceram (ou apresentaram, conforme algumas versões) aparece novamente em 25.2,15. Knowling diz: "O verbo parece ser usado nestas passagens como um tipo de termo técnico que indica apresentar uma informação formal perante um juiz".[429] É usado desta maneira pelo contemporâneo Josefo.[430]

Tértulo iniciou o seu discurso com uma eloqüente bajulação (2-3), que é ainda mais ofensiva por ser completamente falsa. Félix era odiado, não apreciado, pelos judeus. A história da sua vida pode ser tudo, menos digna de elogios. Nascidos como escravos, ele e a sua mãe aparentemente foram libertos por Antônia, a mãe do imperador Cláudio. O seu irmão tornou-se um grande favorito de Cláudio e, como resultado, Félix foi feito procurador da Judéia. Ele governava com mão pesada. Lumby escreve: "O caráter de Félix, segundo historiadores romanos e também judeus, é o de um governador mesquinho e devasso, e nem mesmo os tempos turbulentos em que ele viveu são suficientes para desculpar a severidade da sua conduta".[431] O único grão de verdade no que Tértulo disse foi a referência a **tanta paz**. Félix realmente extinguiu os grupos de ladrões da Judéia. Mas mesmo nisto ele agiu com excesso. Knowling comenta: "A sua severidade e crueldade eram tão grandes que ele somente adicionava lenha à fogueira da ira e das incitações para motins, Josefo, *Ant.*, xx., 8, 6 *B.J.*, ii., 13, 6, embora não hesitasse em empregar o Sicarii para livrar-se de Jônatas, o sumo sacerdote, que insistia em que ele fosse mais digno do seu cargo".[432] Schuerer chega a dizer: "O final do governo deste homem constitui provavelmente o momento-chave do drama que tinha se iniciado em 44 d.C. e que atingiu o seu ponto máximo durante os conflitos sangrentos de 70 d.C."[433] Durante a administração de outros procuradores, ocorreram levantes esporádicos contra Roma, mas "sob Félix a rebelião se tornou permanente".[434]

Muitos e louváveis serviços (2) é uma única palavra em grego, e literalmente quer dizer "reformas". A expressão é traduzida adequadamente como "reformas estão sendo executadas" (NASB/ NTLH).

A linguagem aqui está de acordo com os costumes daquela época. **Para que te não detenha muito** (4) é uma expressão que pode ser traduzida como "para não tomar muito do seu tempo" (NEB). Sobre **eqüidade** — "bondade, graça"[435] — Lake e Cadbury dizem: "A palavra *epieikeia* é muito freqüente nos papiros em expressões complementares nos apelos aos oficiais".[436] **Por pouco tempo** ("umas poucas palavras", em algumas versões) é um advérbio que significa "brevemente".

A seguir vem a primeira acusação: **Temos achado que este homem é uma peste** (5). A última expressão é uma única palavra em grego, e significa literalmente "pestilência", assumindo o significado de "peste" quando se refere a uma pessoa.[437]

A segunda acusação era a de que Paulo era um **promotor de sedições** — "alguém que insufla os levantes" — **entre todos os judeus, por todo o mundo** (*oikoumene*, a terra habitada). Era exatamente isto o que o apóstolo não estava fazendo. Ao invés de agitar o povo e fazer com que se revoltasse contra o governo romano — que é o que implica esta falsa acusação — ele estava ensinando que os cristãos deveriam se sujeitar à autoridade governamental (cf. Rm 13.1-7).

A terceira acusação era a de que Paulo era **o principal defensor da seita dos nazarenos**. A palavra para **principal defensor**, *protostates* (somente aqui no NT) é usada "adequadamente com referência aos soldados, *aquele que vem em primeiro lugar, alguém que está na linha de frente* (Tucídides, Xenofonte); como conseqüência, metaforicamente, um líder".[438] **Seita** é *hairesis*, de onde vem a palavra "heresia". Mas no Novo Testamento, como também em Josefo, esta palavra significa uma seita ou grupo. É usada para se referir aos fariseus (15.5) e aos saduceus (5.17); Os judeus consideravam que o cristianismo era apenas uma outra seita dentro do judaísmo, porém uma seita perigosa.

Esta é a única passagem no Novo Testamento onde a expressão **os nazarenos** é usada como uma designação para os cristãos. Em outras partes, a palavra aparece no singular, principalmente na expressão "Jesus, o Nazareno" (lit., "Jesus de Nazaré"). Provavelmente, **nazarenos** aqui significa simplesmente "seguidores do Nazareno". Em uma observação especial em "Names for Christians and Christianity in Acts", Cadbury escreve: "O contexto do livro de Atos permite que suponhamos que se tratava de um termo de censura".[439] Concordando com isto, Knowling diz: "'O discípulo não está acima do Mestre', e o termo se aplica como uma expressão de desprezo aos seguidores de Jesus, como tinha acontecido com o próprio Jesus".[440] Outros nomes usados para designar os cristãos no livro de Atos são discípulos, irmãos, santos, crentes, cristãos, a igreja, a comunhão (*koinonia*) e aqueles do "Caminho".

A quarta acusação era que Paulo havia **intentado** — lit., "tentado" ou "feito uma tentativa de" — **também profanar o templo** (6). É interessante observar que os judeus não o acusaram de realmente ter feito isto, mas de tentar fazê-lo. Anteriormente, os judeus da província da Ásia tinham acusado o apóstolo de ter trazido ao Templo um gentio de Éfeso, chamado Trófimo (21.28-29). Mas esta falsa acusação se baseava no raciocínio ridículo de que, como eles tinham visto Trófimo com Paulo em uma das ruas da cidade, e como agora viam Paulo no Templo, conseqüentemente ele deveria ter trazido este gentio para dentro do recinto sagrado — um bom exemplo de como chegar à conclusão errada a partir de duas premissas verdadeiras. Mas aparentemente os líderes judeus admitiam que não havia evidências sólidas que corroborassem esta acusação, e assim eles a modificaram perante a corte.

É importante perceber que o assunto da entrada de um gentio além do assim chamado Pátio dos Gentios (ver o quadro *A*) era extremamente sério. Normalmente, os judeus não tinham a permissão dos romanos para levar ninguém à morte. "Mas uma lei dos judeus, a de que nenhum gentio deveria ter permissão para entrar na corte interior do templo, era reconhecida pelas autoridades romanas, e qualquer pessoa que a transgredisse era punida com a morte, mesmo que fosse um cidadão romano".[441] Assim, Paulo

não estava isento. Mas se a acusação de 21.28 fosse verdadeira (não o era), seria Trófimo, e não Paulo, quem deveria ser morto.

Como já foi observado (ver os comentários sobre o v. 1), a última frase do versículo 6, todo o versículo 7 e a primeira parte do versículo 8 são omitidas na maioria dos melhores manuscritos gregos. Macgregor escreve: "É necessário, no entanto, admitir que a leitura ocidental mais longa melhora o sentido, e muitos estudiosos a defendem como sendo genuína".[442] Nenhum estudioso competente iria afirmar dogmaticamente que esta passagem pertence ou não ao Novo Testamento. Mas a preponderância das evidências é contrária à sua colocação aqui.

Tértulo estava confiante de que quando Félix examinasse Paulo (8) — **dele** no singular no texto grego — ele julgaria verdadeiras as acusações contra ele. **E também os judeus o acusavam** (9) — lit., "acompanhavam o ataque", **dizendo** — lit., "afirmando" — **serem estas coisas assim**. Parece que um caso forte tinha sido construído contra Paulo.

b. A Apresentação da Defesa (24.10-21). O advogado da acusação tinha apresentado o seu caso, e agora a oportunidade era dada para que a defesa respondesse. Paulo não tinha advogado, então ele fez autodefesa.

Em contraste com a excessiva adulação de Tértulo, Paulo fez uma introdução cortês, mas contida. Ele estava sinceramente agradecido por estar sendo julgado perante um oficial — **que vai para muitos anos que desta nação és juiz** (10), e assim estaria familiarizado com os costumes judeus. Josefo indica que Félix sucedeu Cumano como governador em 52 d.C.[443] Mas Tácito afirma que "a Galiléia era governada por Cumano e Samaria por Félix".[444] Bruce comenta: "Podemos concluir, comparando os dois relatos, que Cumano foi o procurador da Judéia entre 48 e 52, enquanto Félix ocupava uma posição subordinada em Samaria. Quando Cumano caiu em desgraça em 52, Félix foi promovido à procuradoria de toda a província, uma honra sem precedentes para um escravo liberto".[445] Uma vez que o julgamento de Paulo aconteceu em 56 (ou possivelmente em 57), Félix já estava vivendo na Palestina por cerca de oito ou nove anos. Posteriormente, o apóstolo (cap. 25) se encontraria em desvantagem perante Festo, que tinha acabado de chegar de Roma e não estava acostumado com os hábitos dos judeus.

Respondo por mim (*apologeomai*) significa literalmente: "faço a minha defesa". Este é um termo judicial técnico.

Pois bem podes saber (11) quer dizer "como podes verificar" (RSV). Félix poderia "facilmente verificar o fato" (Phillips) de que somente doze dias tinham se passado desde que Paulo subiu até Jerusalém para adorar. Isto significaria que ele tinha passado somente cerca de uma semana em Jerusalém (ver os comentários sobre o v. 1). O significado desta referência cronológica é assim explicado por Knowling: "A curta duração do período permitiria que Félix obtivesse o conhecimento exato dos eventos que tinham acontecido, e o apóstolo também pode estar indicando que o tempo foi muito curto para incitar uma multidão a um levante".[446] Lumby contabiliza assim os **doze dias**: "O dia da chegada de Paulo; o encontro com Tiago no segundo dia; cinco dias podem ser atribuídos à vida no Templo durante os votos; então a audiência perante o conselho, no dia seguinte à conspiração. No décimo dia, Paulo chegou a Cesaréia e no décimo terceiro dia (o que deixa cinco dias, 14.1, como os judeus contam a partir da conspiração até a audiência em Cesaréia) Paulo está diante de Félix".[447]

Paulo prosseguiu com uma negação completa da acusação de que ele era "promotor de sedições" (cf. 5). O versículo 12 tem uma seqüência de palavras incomum. Uma boa tradução é: "E não me acharam no templo falando com alguém, nem amotinando o povo nas sinagogas, nem na cidade". Foram os judeus antagonistas que incitaram a multidão (cf. 21.27). O prisioneiro desafiou os seus acusadores a **provar** as acusações contra ele (13).

Uma coisa Paulo confessou: **conforme aquele Caminho, a que chamam seita** (14) — em algumas versões, "heresia"; ver a mesma palavra no versículo 5 — **assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas** — lit., "todas as coisas que estão de acordo com a lei e que foram escritas pelos profetas". O que Paulo quer dizer é que era ele, e não os seus acusadores judeus, que era fiel às Escrituras hebraicas. Como diz Maclaren: "Ele afirma que eles não acreditam nem na lei nem nos profetas, caso contrário também seriam nazarenos".[448] Além disso, ele sustentou a esperança da **ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos** (15). Esta era uma crença que ele partilhava com os fariseus, embora eles acreditassem mais fortemente na ressurreição dos justos do que na dos injustos.

A seguir, Paulo fez uma poderosa afirmação: **por isso, procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens** (16). Alexander escreve: "*Procuro ter* (*eu mesmo*) — um verbo que denota originalmente algum tipo de trabalho pesado; mais tarde, aplicado especialmente ao treinamento dos atletas e então à disciplina moral, especialmente àquela do tipo mais severo".[449] E acrescenta: "Aqui, a expressão denota não somente a prática constante e habitual, mas um esforço metódico e sistemático".[450]

Os gregos talvez tenham sido os primeiros a desenvolver um conceito de **consciência**. A palavra em português se origina do latim *con* (*cum*), que significa "com", e *scio* "saber". Portanto, significa "saber com" — "propriamente 'co-conhecimento', uma segunda consciência reflexiva que um homem tem juntamente com a sua consciência original de um ato".[451] A palavra grega *syneidesis* tem exatamente o mesmo sentido que a latina *conscientia* — "co-conhecimento". Primeiramente significava "consciência". Thorton-Duesbery afirma que a idéia moderna de uma consciência moral não é encontrada na filosofia grega clássica, mas aparece "quando os judeus e os gregos se encontram e trocam idéias nos três últimos séculos antes de Cristo".[452]

Sobre a expressão **sem ofensa**, Alexander faz este comentário auxiliar: "Em grego esta é uma única palavra, que sugere duas idéias, *sem estar ofendido* e *sem ofender*, ou seja, uma consciência que não está ferida por nenhuma transgressão, nem permite que eu seja o meio de ferir aos demais".[453] Paulo procurava evitar ofender e também ser ofendido. É interessante observar que, além do seu uso aqui no discurso de Paulo diante de Félix, este adjetivo só é encontrado no Novo Testamento nas epístolas de Paulo (1 Co 10.32; Fp 1.10).

No texto grego, **sempre** vem bem ao final da frase. Knowling diz que a palavra é "enfática aqui no final da sentença, implicando que o objetivo da vida do apóstolo iria libertá-lo da suspeita que aquelas acusações tinham feito cair sobre ele".[454] Além disso, **sempre** é, no grego, uma expressão, "durante tudo/toda", e significa não apenas "em todos os tempos" — que é o seu sentido moderno — mas "de todas as maneiras", lit., "em meio a tudo". Paulo novamente insiste (cf. 23.1) que ele era e sempre tinha sido um judeu consciente e coerente.

O ponto seguinte na defesa do apóstolo foi: **Ora, muitos anos depois, vim trazer à minha nação esmolas e ofertas** (17). Ele não tinha estado em Jerusalém durante quatro ou cinco anos — supondo que a "igreja" (18.22) signifique a igreja de Jerusalém, como 18.21 implica definitivamente. E quando ele finalmente retornou, não foi por motivos egoístas nem maldosos. Ele tinha vindo para trazer **esmolas** a sua **nação** — aos cristãos judeus em Jerusalém. Este é o único lugar do livro de Atos onde se faz uma referência específica a esta oferta que Paulo reunira das igrejas gentias de Acaia, da Macedônia, da Ásia e da Galácia (Rm 15.25-26; 1 Co 16.1-4; 2 Co 8.1-4). Bruce expressa claramente as razões pelas quais o apóstolo fez isso, quando escreve: "Paulo tomou isso muito a sério; não apenas aos seus olhos era uma retribuição, até certo ponto, da dívida espiritual que as igrejas gentílicas tinham para com aquela de onde se originou o Evangelho, mas uma maneira de conciliar os extremistas judaizantes na igreja de Jerusalém, e assim consolidar os judeus e os gentios na igreja em um único corpo, fazendo com que cada grupo se sentisse dependente do outro, e agradecido ao outro".[455]

Sobre **ofertas,** Lumby diz: "Estes eram os sacrifícios ligados ao voto que ele tinha assumido. Eles precisavam ser oferecidos no Templo".[456]

O fato de que, em grego, **esmolas** esteja no início do versículo e **ofertas** no final apóia esta interpretação de que as duas palavras não se referem à mesma coisa. Isto é bem transmitido nas traduções literais das versões KJV e ASV, mas está muito suavizado na RSV. A idéia correta é a dada pela NEB: "Depois de uma ausência de muitos anos, voltei para trazer esmolas em dinheiro para a minha nação e para fazer ofertas".

Paulo prosseguiu: **Nisto** (18) — o texto grego sugere que isto foi quando ele estava oferecendo os seus sacrifícios (cf. Phillips, "foi durante estas atividades" — **uns certos judeus da Ásia — me acharam já santificado** — particípio presente de *hagnizo*, "purificado cerimonialmente" — **no templo, não em ajuntamentos, nem com alvoroços** — "não contaminando o templo com a minha presença, nem reunindo uma multidão ou incitando um levante".[457] Maclaren diz: "Eles o chamaram de 'nazareno'; ele estava no Templo como um 'judeu ortodoxo'". Seria provável que, estando ali realizando tais atividades, ele as tivesse profanado?"[458]

No texto grego, a frase **uns certos judeus da Ásia** aparece no início do versículo 19, e não no 18 (cf. Phillips, "não havia multidão e nem havia perturbação até que chegaram estes judeus da Ásia"). Foram os judeus que incitaram um tumulto, e não Paulo. Um travessão (—) seguindo a palavra **Ásia** (ASV, RSV) representa a força do texto grego. Lumby encontra a implicação para isto: "Paulo estava prestes a falar destes judeus da Ásia, mas ele se examina e decide não dizer nenhuma palavra contra eles, somente que deveriam estar ali para explicar a ofensa pela qual ele estava sendo acusado".[459] **Os quais convinha que estivessem presentes perante ti e me acusassem, se alguma coisa contra mim tivessem** (19). Este foi um dos pontos legais mais fortes que Paulo marcou no seu julgamento perante Félix. Por que os acusadores não trouxeram as suas testemunhas para provar a acusação? Não seria isto uma confissão tácita de que as acusações eram infundadas?

Então o apóstolo desafiou os judeus que estavam ali a citarem um único crime de que o julgassem culpado enquanto, dizia ele, **compareci perante o conselho** (20), **a não ser estas palavras que, estando entre eles, clamei: hoje, sou julgado**

por vós acerca da ressurreição dos mortos! (21) Se ele fosse realmente culpado, por que o Sinédrio não o teria condenado? Por que Tértulo e os acusadores saduceus não disseram a Félix o que havia realmente acontecido naquela reunião do Sinédrio? Como observa Maclaren: "Os fariseus no Conselho o tinham absolvido quando ouviram a sua profissão de fé na ressurreição. Este era o seu verdadeiro crime, não a traição contra Roma nem a profanação do Templo".[460]

Algumas vezes, tem-se dito que neste versículo Paulo confessou que ele teria cometido um engano ao dizer o que disse no Sinédrio. Por exemplo, Farrar escreve: "Na observação de Paulo perante o tribunal de Félix I, parece-me ver — embora ninguém o tenha notado — um certo sentido de arrependimento quanto ao método com o qual ele se livrou de um perigo iminente".[461] Inúmeros autores seguiram a sugestão de Farrar. Mas Lake e Cadbury declaram: "O significado é que se os judeus falassem a verdade, precisariam admitir que não tinham um caso sólido contra ele, exceto a diferença teológica, o que aos olhos de Félix não seria nada".[462] Bruce concorda com isto quando escreve: "Ele não se culpa... simplesmente insiste que a única acusação válida que pode ser feita contra si é teológica".[463] Foi isto que Lísias escreveu em sua carta (23.29).

A defesa de Paulo perante Félix é um modelo que os cristãos devem seguir hoje em dia, quando acusados falsamente ou perseguidos de qualquer maneira pelo mundo. Paulo foi 1. Justo (10); 2. Factual (11); 3. Firme (12); 4. Vigoroso (13); 5. Positivo (14-15).

c. *Adiando o Julgamento* (24.22-27). Félix,[464] "conhecendo mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho" (RSV) **lhes pôs dilação** (22). Arndt e Gingrich observam que este verbo é um termo técnico legal que significa "adiar" um julgamento.[465] Félix afirmou que quando Lísias viesse de Jerusalém o caso seria encerrado. Mas Maclaren chama a atenção para o fato de que Lísias não tinha dito nada sobre descer de Jerusalém, e comenta sobre o adiamento do governador: "A pronta execução de qualquer obrigação é a única segurança. A indulgência dada a Paulo, no seu leve confinamento, somente mostrou quão claramente Félix sabia estar agindo mal, mas os pequenos alívios não remediam uma grande injustiça".[466]

O procurador entregou o seu prisioneiro aos cuidados de um centurião, com ordens de que ele fosse tratado **com brandura** (23) — *anesin*, "alguma liberdade"[467] — **e que a ninguém dos seus proibisse servi-lo ou vir ter com ele**. Entre estes que poderiam ministrar as necessidades de Paulo, deixando-o tão confortável quanto possível, estava Filipe, o evangelista, e as suas quatro filhas donzelas que profetizavam (21.8). Também pode-se supor certamente que Lucas com freqüência visitasse o seu querido amigo, e sem dúvida atuava como o seu médico pessoal.

Depois de alguns dias, veio **Félix com sua mulher Drusila, que era judia** (24). Existe uma história por trás desta simples referência. Félix casou-se três vezes, em três famílias reais. Drusila era a filha de Herodes Agripa I (12.1) e irmã de Herodes Agripa II (25.13). Quando ela tinha dezesseis anos de idade — alguns dizem catorze — casou-se com o rei de Emesa. Schuerer assim descreve o que aconteceu: "Pouco tempo depois do seu casamento, Félix viu a bela rainha, sentiu-se inflamado pela paixão, e determinado a possuí-la. Com a ajuda de um mágico de Chipre, chamado Simão, ela foi obrigada a se casar com ele".[468]

Provavelmente para satisfazer a curiosidade da sua esposa judia, Félix, acompanhado por Drusila, **mandou chamar a Paulo e ouviu-o acerca da fé em Cristo**. O mais antigo manuscrito grego acrescenta "Jesus" depois de **Cristo**. Lumby destaca o significado disto: "O que Paulo podia demonstrar não era somente uma fé no Cristo, cuja vinda todos os judeus esperavam, mas uma fé de que Jesus de Nazaré era o Messias que eles tinham esperado durante tanto tempo".[469]

Paulo tratou **da justiça** (25) — os princípios da justiça e as práticas na vida cotidiana — **e da temperança** — "autocontrole" — **e do Juízo** — lit., "o julgamento" — **vindouro**. Enquanto o apóstolo falava, Félix ficou "espavorido" (Phillips), e disse a Paulo: **Por agora, vai-te, e, em tendo oportunidade, te chamarei**.

Foi dito com freqüência que esta **oportunidade** — uma única palavra em grego, significando "tempo" ou "ocasião" — nunca surgiu. Mas este ponto de vista está em contradição com a afirmação de que ele **muitas vezes, o mandava chamar e falava com ele** (26). Paulo teve muitas outras oportunidades de falar com Félix sobre assuntos morais e espirituais. Mas sem dúvida é verdade que Félix não se arrependeu das suas maldades.

A descrição de Félix no versículo 25 destaca a idéia do "Adiamento, o Ladrão das Almas": 1. Ele foi fielmente avisado; 2. Estremecia com convicção; 3. Desperdiçou a oportunidade de ser salvo.

A principal razão pela qual Félix manteve Paulo na prisão foi porque ele esperava, **ao mesmo tempo, que Paulo lhe desse dinheiro**. Assim, o apóstolo foi detido em custódia injustamente durante **dois anos** (27), até que **Félix teve por sucessor a Pórcio Festo**, ou seja, até que "Félix foi sucedido por Pórcio Festo" (NASB). Mesmo nesta ocasião, **querendo Félix comprazer aos judeus** — lit., para fazer aos judeus um favor pelo qual esperaria um retorno"[470] — **deixou a Paulo preso**. O fato de que os governadores romanos algumas vezes recebiam subornos para a libertação de prisioneiros é evidenciado por Josefo. Ele conta como albino, o sucessor de Festo, "permitiu as relações daqueles que estavam na prisão por roubo... para redimi-los com dinheiro, e nenhum deles permaneceu na prisão como malfeitor, exceto aqueles que não lhe deram nada".[471]

Evidentemente, Félix estava motivado por dois desejos: o de garantir um suborno por parte de Paulo, e o de ficar em uma situação favorável com os judeus. Mas ele fracassou nos dois objetivos. Uma delegação de judeus levou acusações contra Félix perante o imperador em Roma. Assim, ele não obteve nada como retribuição pelo seu chocante erro judicial ao lidar com o caso de Paulo.

Pórcio Festo evidentemente tinha um caráter melhor do que o do seu predecessor, embora não se saiba muito sobre ele. Na verdade, Knowling afirma: "Não sabemos nada sobre ele, exceto as informações do Novo Testamento e de Josefo".[472] Schuerer o descreve como "um homem que, embora disposto a agir com justiça, encontrava-se completamente incapaz de desfazer o engano resultante dos equívocos do seu antecessor".[473]

2. *Paulo Perante Festo* (25.1-22)

Paulo era, por justiça, responsabilidade de Félix. Mas aquele governador tinha fracassado em cumprir a sua obrigação, e agora Festo era deixado com um prisioneiro cujo destino cabia a ele decidir.

a. A Acusação contra Paulo (25.1-5). **Entrando, pois, Festo na província** pode ser interpretado como "quando Festo assumiu o seu cargo como governador" (cf. NEB) ou "quando Festo assumiu a província" que iria governar. "Mas a questão é apenas de importância lingüística, pois neste caso não existe uma diferença real entre o cargo de Festo e o distrito no qual ele atuaria. Quando assumisse um deles, também estaria assumindo o outro".[474]

Ainda existe uma discussão quanto à ocasião exata em que Festo se tornou procurador da Judéia. Os autores mais antigos normalmente fixavam esta data em 60 d.C. Kirsopp Lake[475] foi para o outro extremo, como também o fez Harnack,[476] colocando o início da administração de Festo no ano 56 d.C. (Lake inclusive admitiria 55). Uma data entre estes pontos de vista opostos seria provavelmente melhor. No seu famoso artigo sobre a Cronologia do Antigo Testamento, no *Dictionary of the Bible* de Hastings, C. H. Turner mantém a data de 58 d.C., o que fixa a chegada de Paulo em Roma na primavera de 59 d.C.[477] Bruce sugere "58 ou 59" como a época em que Festo se tornou procurador.[478] G. B. Caird, no seu artigo sobre a Cronologia do Antigo Testamento, na obra *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, prefere 59 d.C.[479] Mas o ano 58 d.C. nos parece ser o mais razoável.

De acordo com a maneira judaica de calcular o tempo, **subiu dali a três dias de Cesaréia a Jerusalém** pode significar que ele chegou a Cesaréia em um dia, passou ali o dia seguinte e então subiu a colina até Jerusalém no terceiro dia (ver o mapa 1). O importante é que ele não perdeu tempo em fazer uma visita à capital judaica depois de chegar à sede romana em Cesaréia.

E o sumo sacerdote e os principais dos judeus compareceram — sobre o significado deste verbo, ver os comentários sobre 24.1 — **perante ele contra Paulo** (2). Este era o principal assunto que eles tinham em mente. Eles **lhe rogaram, pedindo como favor, contra ele, que o fizesse vir a Jerusalém** (2-3) — lit., "eles estavam pedindo, como um favor contra ele, para que fosse convocado a comparecer em Jerusalém". O uso do imperfeito "pedindo" sugere que eles eram insistentes e persistentes. A versão NASB apresenta: "faziam-lhe uma solicitação, pedindo uma concessão, em detrimento de Paulo".

Mas eles estavam **armando ciladas para o matarem no caminho**, lit., "fazendo emboscadas para matá-lo no caminho". É provável que os quarenta conspiradores originais, tendo sido anteriormente privados da sua presa, estivessem determinados a apanhá-lo desta vez.

Felizmente para Paulo, Festo negou-se a atender o pedido. Ele afirmou categoricamente que o prisioneiro "estava guardado" (lit.) em Cesaréia, para onde ele planejava retornar em breve (4). E acrescentou: **Os que, pois... dentre vós têm poder desçam comigo** (5). Isto dá a impressão de que os anciãos dos judeus que fossem capazes de fazer a viagem deveriam ir com ele. Mas isto não é o que diz o texto grego. Na verdade, é "aqueles que têm o poder entre vocês",[480] ou "os homens influentes" (NASB). Josefo usa este termo para designar "os principais" dos judeus.[481] Estes poderiam acusar Paulo, se houvesse algum **crime** — lit., "alguma coisa fora de lugar" ou "imprópria" — nele.

b. A Acusação de Paulo (25.6-12). Festo permaneceu em Jerusalém **mais de dez dias** (6). Mas o melhor texto grego diz: "não mais de oito ou dez dias", o que faz mais

sentido. No dia seguinte à sua chegada a Cesaréia, ele se sentou **no tribunal** — "assumiu o seu lugar" ou "**assentando-se**" — e **mandou que trouxessem Paulo** a sua presença.

Sobre o significado de **tribunal**, Schuerer escreve: "Sentar-se sobre o *sella* era uma formalidade necessária ao juiz, sem a qual a decisão não teria efeito legal".[482]

Quando o prisioneiro foi trazido, os judeus de Jerusalém **o rodearam** (7) — o melhor texto grego adicionou "o", tornando a cena mais vívida — **trazendo contra Paulo muitas e graves** — lit., "pesadas" **acusações, que não podiam provar**. Enquanto isto, Paulo, **em sua defesa** (8) — lit., "estava se defendendo" — fazia a afirmação direta: **Eu não pequei em coisa alguma contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César** — lit., "não cometi nenhum pecado". Ele não era culpado de infringir as leis dos judeus nem as dos romanos. Portanto, não existia uma acusação verdadeira contra ele. O caso deveria ter sido encerrado.

Mas **Festo** queria **comprazer aos judeus** (9). Esta expressão, em grego, é quase a mesma que foi usada no caso de Félix: "Querendo Félix comprazer aos judeus" (24.27). Estes governadores romanos eram basicamente políticos preocupados com os seus próprios interesses. Assim, Festo perguntou ao prisioneiro se ele desejava ir a Jerusalém e ser julgado ali.

Paulo já tinha tido suficientes mentiras dos judeus e adiamentos dos romanos. Ele tinha uma rota de fuga aberta para si, e aproveitou-a. Ele não pretendia deixar que Festo o atirasse aos lobos que estavam esperando para devorá-lo. Assim, agarrou-se firmemente aos seus direitos de cidadão romano. Seria interessante saber como o governador, agindo como juiz, sentiu-se quando o seu prisioneiro declarou, firmemente e talvez rispidamente: **Estou perante o tribunal de César** — lit., "encontro-me [enfático no texto grego] perante o tribunal de julgamento de César". "Paulo quer dizer que ele é um cidadão romano perante um tribunal romano".[483] Aqui **convém que seja julgado**, e não em Jerusalém. **Não fiz agravo algum aos judeus, como tu muito bem sabes** (10). Lenski afirma: "Festo se enganou com este homem. Aqui está um homem que olha para ele diretamente nos olhos e não tem medo do seu julgamento injusto".[484] O governador recuou? Se não o fez, deveria tê-lo feito. Ele sabia que Cesaréia era o lugar adequado para julgar o caso de Paulo. E também sabia perfeitamente (*epiginosko*) que o seu prisioneiro era inocente. O apóstolo lembrou-o destas coisas bruscamente. Uma vez mais, Lenski comenta: "Festo teve de receber estas censuras em corte aberta. Podemos imaginar como os judeus olharam para ele e apreciaram os seus méritos quando ele ouviu estes simples fatos ditos por Paulo".[485]

O apóstolo não tinha medo da morte. Se culpado de algum crime digno de morte, ele não se recusava a morrer (11). Mas sendo todas as acusações falsas, **ninguém me pode entregar a eles**. Como estas palavras devem ter atingido Festo! Nelas, Paulo revelava que sabia qual era o objetivo do governador. Festo estava ficando rapidamente propenso a atender a exigência dos judeus. Para Paulo, isto quase certamente significaria a morte. Mas **ninguém**, nem mesmo o procurador romano, poderia entregar este cidadão romano à multidão judaica. Paulo posicionou-se sem meias palavras.

Ele concluiu o seu desafio com a declaração: **apelo para César**. Schuerer diz: "Nos primeiros tempos do império, parece que um cidadão romano acusado de algum crime que fosse punível com a morte tinha o importante privilégio de apelar ao impera-

dor... no início do julgamento ou em qualquer ocasião subseqüente do mesmo, pedindo que a investigação fosse realizada em Roma e que o julgamento fosse proferido pelo próprio imperador".[486]

Festo... **tendo falado com o conselho** (12) — não *synedrion*, o Sinédrio, mas *symboulion*. O seu primeiro significado é "conselho", e então "concílio". Bruce escreve: "Eram os assessores do governador, em cujos conselhos ele sempre poderia confiar, embora a decisão estivesse somente nas suas mãos".[487] Depois de falar com eles, Festo voltou-se para Paulo e disse: **Apelaste para César? Para César irás**. Bruce comenta: "Se interpretarmos o apelo de Paulo da maneira usual, como um apelo à pessoa do imperador, podemos concluir que ele não foi feito tanto em nome da sua segurança pessoal, mas sim por um desejo de obter o reconhecimento das igrejas pelo império, praticando um *religio licita* distinto do judaísmo".[488]

c. O Apelo a Agripa (25.13-22). "Depois de alguns dias" (grego lit.), **o rei Agripa e Berenice vieram a Cesaréia, a saudar Festo** (13), *i.e.*, "oferecer os seus respeitos" a ele. Este **Agripa** era Herodes Agripa II, filho de Herodes Agripa I (12.1), que era neto de Herodes, o Grande (Mt 2.1). Era o irmão de **Berenice**, e também de Drusila (24.24).

Herodes Agripa tinha somente dezessete anos de idade quando seu pai morreu em 44 d.C. Por causa disto, não recebeu o reino do seu pai, mas ficou em Roma como um favorito do imperador Cláudio. Finalmente, em 50 d.C., ele recebeu o pequeno reino de Calcis, que posteriormente trocou por um território maior.

A sua irmã **Berenice** tinha sido esposa do seu tio, o rei de Calcis. Quando ele morreu, em 48 d.C., ela passou a viver com seu irmão, Agripa. Schuerer diz que "logo ela tinha o homem fraco completamente aprisionado nas tramas da sua rede, de modo que, a respeito dela, mãe de duas crianças, as piores histórias corriam. Quando o escândalo tornou-se público, Berenice, para eliminar as oportunidades de quaisquer comentários maldosos, decidiu casar-se com Polemon da Cilícia".[489] Este casamento não durou muito tempo, e ela em breve estava de volta à casa do seu irmão, onde "pareceu ter retomado as suas antigas relações com ele. Pelo menos, posteriormente, era isto o que se dizia em Roma".[490]

O imperador Cláudio tinha dado a Herodes Agripa II o direito de indicar os sumos sacerdotes judeus e de supervisionar o Templo. Assim, Festo estava particularmente feliz por vê-lo nesta ocasião. O primeiro julgamento no seu novo domínio tinha terminado de modo embaraçoso para o governador, com o prisioneiro apelando para César. Como Rackham diz, "A chegada de Agripa foi uma sorte para Festo".[491] Por outro lado, Agripa estava "plenamente familiarizado com os costumes judaicos e a sua teologia"; e era "completamente romano nos seus gostos e nas suas simpatias".[492]

Assim, depois de **muitos dias** de festejos (14), Festo mencionou o caso de Paulo ao rei. Os judeus tinham pedido que o governador proferisse de uma vez a **sentença** — palavra forte que significa "condenação" (somente aqui no NT) — **contra ele** (15).

O versículo 16 expressa bem os altos princípios da justiça romana, que fizeram dela o principal fundamento da jurisprudência moderna. Mas infelizmente até mesmo o melhor dos sistemas se rompe devido à fragilidade do fator humano. O Novo Testamento dá um eloqüente testemunho do fato de que a justiça romana freqüentemente falhava e se tornava uma farsa. "Pilatos 'entregou Jesus' aos judeus; Félix esperava um suborno de

Paulo e o deixou na prisão para obter uma opinião favorável dos judeus; o mesmo Festo, embora convencido da inocência do apóstolo, manteve-o na prisão, também para agradar aos judeus — um motivo que ele naturalmente omite do relato que faz a Agripa".[493]

Entregar (16) significa literalmente "entregar espontaneamente" ou "fazer um presente" (ver o parágrafo anterior). **À morte** não está nos manuscritos mais antigos. **Possa**, lit., "tenha lugar", pode ser traduzido como "dando a este a oportunidade" (ASV). **Acusação** é uma única palavra em grego, e significa exatamente isso. A última frase inteira significa literalmente "receba um lugar para a defesa (*apologia*) a respeito da acusação".

O modo optativo é raro no Novo Testamento, e completamente ausente no grego moderno, embora relativamente comum no clássico. Mas aparece duas vezes no versículo 16, e uma vez no 20. Isto deve estar de acordo com a cultura e a educação do governador. Festo narrou a Agripa como ele tinha prontamente — **sem fazer dilação alguma** (cf. 6) — levado Paulo a julgamento (17). Mas ao invés da acusação que Festo teria esperado ouvir em uma corte romana (18), os acusadores levantaram **algumas questões acerca de sua superstição** (19) — *deisidaimonias*. Este substantivo tem relação com o adjetivo traduzido como "um tanto supersticiosos" em 17.22 (ver os comentários ali). Originalmente, significava "temor dos deuses". Liddell e Scott primeiramente dão este significado, e a seguir "superstição".[494] Os melhores léxicos gregos do Novo Testamento (Thayer, Abbott-Smith, Arndt e Gingrich) dão três significados: (a) um bom significado, "temor dos deuses" ou "piedade"; (b) um mau significado, "superstição"; e (c) um significado objetivo, "religião" — com exemplos literários dos três usos. Cremer fornece somente esta definição: "*temente aos deuses*, usualmente em um sentido de condenação ou de desprezo = *superstição*".[495] Mas Moulton e Milligan escrevem: "É com este sentido geral de 'religião', sem qualquer indicação de ser certo ou errado, que o termo deve ser interpretado".[496] De acordo com isto, porém de alguma maneira um pouco mais específica, temos a conclusão de Thayer: "Festo, na presença do rei judeu Agripa, usa a palavra ambígua e cuidadosamente, em Atos 25.19, sobre a religião judaica, para deixar o seu próprio julgamento sobre esta verdade em suspenso".[497] Esta parece ser uma explicação sensata do assunto.

Festo disse que havia questões também sobre **um tal Jesus, defunto, que Paulo afirmava viver**. Rackham observa que estas palavras "representam com exatidão a idéia que um romano teria sobre o Senhor".[498] Os gregos (e os romanos) zombavam da idéia de uma ressurreição (cf. 17.32). Se Cristo tinha morrido, somente um tolo iria dizer que Ele estava vivo.

"Estando... perplexo acerca da inquirição desta causa" (20), Festo perguntou a Paulo se ele desejava ir até Jerusalém e ser julgado ali. Mas o prisioneiro **apelou para que fosse reservado** (21) — "mantido em custódia" — **ao conhecimento** — grego, *diagnosis*, "decisão", um termo legal — **de Augusto** ("o mais venerável", um título adotado por Otávio César e copiado pelos seus sucessores). O governador tinha então ordenado que ele fosse mantido sob custódia até que pudesse "enviá-lo" (assim consta no melhor texto grego) **a César** — outro título para o imperador (cf. Czar, Kaiser).

Em resposta a este discurso de Festo, Agripa disse: **Bem quisera eu ouvir também esse homem** (22). A expressão **quisera** não é uma tradução adequada. Burton escreve: "Em Atos 25.22, o uso do imperfeito *eboulomen* em lugar de um presente suavi-

za o pedido, por razões de polidez, e pode ser bem traduzido como *eu gostaria*".[499] Festo respondeu que haveria uma audiência no dia seguinte.

3. *Paulo Perante Agripa* (25.23—26.32)

Muitos comentaristas chamam a atenção para o quadro dramático mostrado pelo autor aqui. Por exemplo, Winn escreve: "Este é o último grande discurso do livro de Atos, e Lucas deseja que ele seja o clímax. Ele retrata a cena cuidadosamente".[500] Rackham observa: "É uma das mais perfeitas passagens do livro de Atos, adornada com palavras raras (treze das quais só são encontradas aqui no NT) e com um estilo elaborado, para não dizer com grande eloqüência".[501]

a. A Apresentação de Festo (25.23-27). **Agripa** e **Berenice** vieram **com muito aparato** (23). A palavra grega é *phantasia*, que significa "exibição, aparência exibicionista, pompa".[502] Bruce comenta: o termo "*fantasia* ainda é usado no árabe da Palestina para referir-se a uma procissão".[503]

O casal real entrou **no auditório** — uma palavra grega equivalente à latina *auditorium*, lugar da audiência — **com os tribunos** — havia cinco *quiliarcos* ou tribunos (cf. 21.31) estacionados em Cesaréia, cada um deles encarregado de uma coorte — **e varões principais da cidade**, cuja maioria, se não a totalidade, seria de gentios.[504]

O contraste entre Agripa e Paulo é vividamente indicado no versículo 23. Poderíamos falar de "potentado e prisioneiro": 1. Agripa veio, Paulo foi trazido; 2. Agripa entrou com grande pompa, Paulo entrou acorrentado; 3. Agripa entrou acompanhado por Berenice, Paulo permanecia sozinho. Mas havia ainda outro aspecto: 1. Agripa era um escravo do pecado, ao passo que Paulo era um homem livre em Cristo; 2. Agripa estava acompanhado por uma mulher pecadora, ao passo que Paulo estava acompanhado pelo seu Senhor invisível; 3. O contraste seria ainda mais agudo no julgamento final.

Depois que Paulo tinha sido trazido, Festo apresentou-o à multidão. A respeito do prisioneiro, a frase **toda a multidão dos judeus** (24) — deve ser interpretada com o sentido político, oficial de "povo"[505] — **tem falado** — "tem feito pedidos" — ao governador, **tanto em Jerusalém como** em Cesaréia, **clamando que não convém que** Paulo **viva mais**. Eles estavam desesperados para conseguir a sua morte.

Mas quando Festo interrogou o prisioneiro, ele não achou **nenhuma coisa digna de morte** (25). Paulo tinha apelado para Augusto, e Festo tinha **determinado** — "decidido" — enviá-lo a Roma. Alexander comenta: "Foi porque Festo, embora convencido da sua inocência, ao invés de dar o julgamento a seu favor, com fraqueza e irracionalmente pediu-lhe que se submetesse a um novo julgamento — perante outro tribunal, ainda mais preconceituoso... — que Paulo sentiu-se obrigado a obter a libertação de ambos, através de uma afirmação dos seus direitos civis".[506]

O dilema no qual Festo se encontrava era que, a respeito de Paulo, não tinha **coisa alguma certa** que escrevesse ao seu **senhor** (26). O título **meu senhor** era usado para o imperador, e aplicado a Nero (54—68 d.C.). Esse título tinha sido recusado por Augusto e Tibério, mas foi aceito por Calígula (37—41).[507] Deissman observa, a respeito do uso de **senhor** (*kyrios*) nos papiros e inscrições gregos, que na época de Nero "o número de exemplos de modo repentino cresce tremendamente".[508] Esta é uma evidência indireta da precisão do relato de Lucas aqui.

Como Festo não sabia o que escrever ao imperador, ele tinha trazido Paulo para ser **interrogado**. A palavra grega é *anakrisis*. Thayer assim a define: "*Uma investigação*; como um termo legal entre os gregos, a investigação preliminar realizada com o objetivo de reunir evidências para a informação dos juízes... parece ser o sentido da palavra em Atos 25.26".[509] Lumby diz: "Assim Festo utiliza o termo técnico no seu sentido adequado".[510] Por outro lado, Rackham escreve: "Esta investigação preliminar não era uma audiência legal, mas sim informal".[511] Esta parece ser a interpretação correta do caso. Aparentemente Paulo só poderia ser julgado perante César.

Festo sentiu a ironia da sua situação. Obviamente era **contra a razão enviar um preso** (27) sem indicar quaisquer acusações contra ele. O governador esperava que Agripa pudesse ser capaz de lhe esclarecer o assunto.

b. A Apologia de Paulo (26.1-23). Quando Agripa concedeu ao prisioneiro a permissão para se defender — lit., "falar em seu próprio nome" — Paulo estendeu **a mão** em saudação ao rei e **em sua defesa...** ou "fez a sua defesa". Este é o verbo *apologeomai*, relativo ao substantivo *apologia*.

(1) *Introdução* (26.2-3). O apóstolo começou, como sempre, com uma introdução cortês. Ao rei ele disse: **Tenho-me por venturoso** (2). O adjetivo é *makarios*, "bem-aventurado" (Mt 5.3-12). O verbo é *hegeomai*, que, no grego clássico, significava "considerar".[512] Moulton diz que o uso aqui é "um dos toques literários característicos do discurso perante Agripa".[513] Parece claro que Paulo tinha um elevado nível cultural. O prisioneiro se considerava bem-aventurado por ser capaz de **defender-se** (*apologeisthai*, o mesmo verbo do versículo anterior).

Paulo estava especialmente feliz porque Agripa tinha **conhecimento de todos os costumes e questões** — "disputas" ou "controvérsias" — **que há entre os judeus** (3) Esta caracterização de Agripa encontra suporte documental em uma afirmação de Schuerer: "A tradição rabínica fala de questões pertinentes à lei que foram propostas por ministros de Agripa ou pelo próprio rei ao famoso escriba Rabi Elieser".[514] Schuerer ainda acrescenta: "O judaísmo era realmente um assunto de convicção de coração com Agripa, como tinha sido com o seu pai".[515]

(2) *A Exposição do Tema* (26.4-8). O primeiro ponto que Paulo mencionou foi que todos os judeus conheciam a sua vida pregressa **em Jerusalém** (4). Eles sabiam, embora não estivessem dispostos a reconhecê-lo, que ele tinha vivido como **fariseu** de acordo com **a mais severa** (mais rígida) **seita**, ou grupo (ver os comentários sobre 5.17) do judaísmo (5).

A seguir Paulo afirmou claramente o assunto. Ele não era culpado de profanar o Templo, nem de insurreição contra Roma. Ao invés disso, estava sendo... **julgado pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais** (6). **Servindo a Deus continuamente** (7) significa literalmente "adorando com zelo ou fervor". Em um sentido geral, a referência aqui é à esperança messiânica, como indicado pelo versículo 7. Mas o versículo 8 sugere que ela inclui a ressurreição. Knowling assim explica: "Uma esperança não meramente da ressurreição dos mortos, mas do Reino do Messias, com o qual está relacionada a ressurreição, pois o contexto aponta para a esperança nacional

de Israel".[516] Alexander insiste em uma interpretação mais limitada, e escreve: "A esperança descrita neste versículo não pode ser aquela de uma ressurreição geral, que é somente parcialmente revelada no Antigo Testamento, e não era sustentada por todos os judeus desta época".[517] Ele prossegue: "A única esperança que corresponde a essa descrição, como antiga, nacional e ainda intensa, é a esperança no Messias, como prometido aos patriarcas, prognosticada na lei, predita pelos profetas e ainda ardentemente esperada pelo povo".[518] Mas parece que o versículo 8 exige que façamos a inclusão da ressurreição de Jesus como prova de que Ele realmente era o Messias e não um impostor.

Doze tribos (7) é uma única palavra em grego. Knowling comenta: "A expressão era cheia de esperança, e indicava uma reunião nacional sob o Messias".[519] Bruce adequadamente observa: "Paulo não sabe nada sobre a ficção das dez tribos 'perdidas'".[520] O prisioneiro expressa a sua surpresa de que, em nome da sua esperança,[521] sustentada pela comunidade de Israel, ele deva ser **acusado pelos judeus** — lit., "por judeus", entre todos!

O versículo 8 é literalmente: "Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?" No texto grego, "que" significa "se, Ele realmente o faz". Knowling diz que esta pergunta deve ser interpretada "em relação à grande verdade à qual todo o discurso tem a intenção de conduzir, o versículo 23, *i.e.*, que Jesus, embora crucificado, ressuscitou, que Ele neste momento era uma pessoa viva e que pela sua ressurreição tinha provado ser o Messias, o cumpridor da esperança de Israel".[522]

(3) *O Zeloso Fariseu* (26.9-11). **Eu** (9) é enfático em grego — lit., "eu verdadeiramente". Bruce exibe a força disto: "Embora eu fosse um fariseu, e desta forma, teoricamente, acreditasse na ressurreição dos mortos, ainda assim julguei-a inacreditável neste caso particular e julguei que fosse o meu dever opor-me a tal heresia".[523]

Paulo aqui descreve com mais detalhes do que em qualquer outra passagem a sua campanha de perseguição contra os cristãos. Com a autorização dos sumos sacerdotes ele tinha aprisionado **muitos dos santos** (10). **Quando os matavam**, como no caso de Estevão, **eu dava contra eles o meu voto**, ou melhor, "atirava meu voto contra eles".[524] O substantivo grego significa literalmente "uma pedra pequena" ou "pedregulho", algumas vezes usado como um amuleto (ver Ap 2.17). Mas também era "usado nas votações, nos júris e em outros lugares, uma pedra negra para a condenação, e uma branca para a absolvição".[525]

A última frase do versículo 10 é freqüentemente interpretada indicando que Paulo era um membro do Sinédrio e, portanto, um homem casado. Mas Hackett observa que a palavra grega "significava também opinião, consentimento e acompanhava vários verbos, como *colocar* e *atirar*, significando pensar, julgar, sancionar, com uma alusão figurativa ao ato de votar".[526] Bruce escreve: "A frase pode ser usada oficialmente ou não... e não pode significar uma *prova* de que Paulo era um membro do Sinédrio".[527] Lenski vai ainda mais adiante: "O registro mostra tantos contatos de Paulo com o Sinédrio que, se ele tivesse sido um dos seus membros, este fato teria sido afirmado indubitavelmente".[528] A afirmação moderada de Bruce é provavelmente a melhor que se pode fazer.

Paulo prosseguiu dizendo que ele tinha castigado os cristãos... **por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar** (11). Mas o tempo imperfeito aqui quer dizer: "Eu tentava obrigá-los". Bruce acertadamente declara: "Ele não diz que teve sucesso em fazê-los blasfemar, como algumas versões implicam".[529]

Enfurecido demasiadamente contra os seguidores de Jesus, Saulo **até nas cidades** (lit., "de fora") **estranhas os** perseguia — a palavra grega também significa "procurava" (cf. Phillips, "caçava"). O significado aqui é "cidades estrangeiras".

(4) *O Cristão Convertido* (26.12-18). Esta é a terceira vez que a conversão de Paulo é descrita (cf. 9.1-9; 22.6-16). Este fato já é suficiente para provar a sua importância no livro de Atos. **Principais dos sacerdotes** (12) significa ex-sacerdotes e filhos do sumo sacerdote.

O versículo 13 corresponde muito proximamente a 22.6, mas é um pouco mais vívido. Somente aqui (14) se afirma que os companheiros de Paulo, assim como ele, caíram no chão. Ali ele ouviu uma voz que lhe falava **em língua hebraica...** ou seja, no dialeto aramaico. **Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões** — ou aguilhada — era um provérbio comum no grego clássico, mas não foi encontrado em aramaico. A imagem é a de um boi teimoso dando coices contra o aguilhão, e desta maneira só conseguindo se machucar. O aguilhão do boi era uma vareta pontiaguda, ou um pedaço de madeira com uma extremidade metálica pontiaguda, com a qual um homem podia cutucar o seu boi para que andasse.

No seu valioso livro, *The Origin of Paul's Religion*, Machen assume a posição de que não houve preparação psicológica para o momento dramático da conversão de Saulo. Ele sustenta especificamente que a referência às aguilhadas aqui não significa que o jovem fariseu estivesse plenamente consciente da sua luta contra Deus, ou que ele tivesse quaisquer dúvidas sobre a justiça dos seus atos ao perseguir os cristãos.[530]

A imagem verdadeira parece, na opinião deste autor, ter sido um pouco diferente. Saulo estava chutando os aguilhões de: 1. uma consciência humana decente, que todas as vezes deve ter-lhe dito que este cruel tratamento aos cristãos era errado; 2. as vidas devotas dos cristãos, que não deixariam de impressioná-lo; 3. o rosto de Estevão (6.15) e a sua oração pelo perdão dos seus perseguidores (7.54-60). É razoável acreditar que a memória desta cena o perseguiu durante toda a sua viagem até Damasco.

Para uma discussão complementar sobre a conversão de Saulo, ver os comentários sobre 9.1-9 e 22.6-16. É significativo que Paulo sempre voltasse a este ponto como sendo o grande momento decisivo da sua vida, e a fonte da sua autoridade para falar como alguém que tinha sido "capturado" por Cristo. Esta também foi a fonte da sua inabalável convicção de que **Jesus** (15) era realmente o Messias, o Filho de Deus.

Tão certo estava o jovem Saulo da sua convicção de que Jesus de Nazaré era um impostor, e de que os seus seguidores eram perigosos hereges, que ele tinha se dedicado incansavelmente à perseguição aos cristãos. Ele tinha sufocado todos os problemas de consciência e as lembranças de Estêvão como sendo ilusões do demônio, que estavam tentando desviá-lo da sua tarefa, atribuída por Deus, de preservar a fé no judaísmo, a verdadeira religião. Finalmente, foi necessário o clímax de uma crise de uma luz do céu e da voz audível de Jesus para mostrar a Saulo que ele estava equivocado. Quando ele realmente se convenceu (naquela experiência na estrada para Damasco) de que Jesus era o Cristo, ele o aceitou como seu Senhor e Salvador, e nunca mais se desviou dele. O apóstolo seguiu com tanto vigor e dedicação na sua propagação do cristianismo quanto tinha agido anteriormente na perseguição a este.

Em 13-19, podemos ver claramente indicadas algumas experiências básicas da "conversão cristã". 1. Cristo toma a iniciativa e envia um poder de convencimento (13); 2. Existe uma consciência de um encontro pessoal com Deus (14); 3. O desejo sincero de conhecer a vontade de Deus traz a segurança interior do objetivo da salvação — dada por Deus — para a vida de uma pessoa (15-18); 4. A obediência à vontade conhecida de Deus traz a vida de bênçãos (19). (A. F. Harper)

A seguir vem a comissão de Cristo para Paulo. Foi-lhe dito, **levanta-te e põe-te sobre teus pés** (16). A brilhante luz do céu o derrubara, cego, no chão. Mas agora que ele estava humilde e ansioso por ouvir a voz do desprezado nazareno, foi-lhe dito que se levantasse. Existe uma hora para abaixar o rosto perante Cristo e receber as ordens que Ele tem para nós. Deus deseja servos humildes e submissos que serão, simultaneamente, corajosos e ousados para fazer a sua vontade.

Cristo disse a Paulo: **te apareci** com este único objetivo: **para te pôr por ministro** — ou "servo", lit., "sob o remo" **e testemunha** (*martyra*). A palavra **Livrando-te** (17) pode ser traduzida como "resgatando". Lake e Cadbury dizem: "*Exairoumenos* tem este significado em todo o trabalho de Lucas e normalmente na LXX, e em textos gregos similares".[531] Deus prometeu resgatar o seu servo **deste povo e dos gentios**. Como eram adequadas estas palavras a Paulo exatamente agora! Novamente, Lake e Cadbury comentam: "*Laos* [**povo**] é uma expressão idiomática no sentido de 'os judeus' como *ta ethne* [lit., 'as nações'] o é para os gentios".[532]

A última frase do versículo 17 — **a quem agora te envio** — pode indicar que a missão de Paulo era dedicada, em particular, aos gentios,[533] embora Bengel opine (com base no v. 20) que o termo **quem** se refere tanto aos judeus quanto aos gentios.[534] Outros comentaristas concordam com ele.[535] Lechler ainda vai mais adiante, dizendo: "A missão de Paulo se refere, basicamente, a Israel (*ho laos*, v. 17); os gentios são mencionados somente em segundo lugar: é precisamente desta maneira que Paulo se expressa nas suas epístolas".[536] Esta opinião é corroborada por passagens como Romanos 1.16, como também pela prática regular do apóstolo de pregar em primeiro lugar aos judeus nas sinagogas, onde quer que estivesse.

Envio é o verbo *apostello*, um cognato do substantivo *apostolos*. Paulo foi o apóstolo de Cristo, tanto para os judeus quanto para os gentios. O seu ministério era o seguinte: **Para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim** (18). Bengel observa: "Nesta passagem, existe uma nobre descrição de todo o processo da conversão".[537] Mas também inclui a santificação.

O versículo 18 fornece um material excelente para um sermão textual: 1. A salvação abre os olhos espirituais daqueles que estiveram cegos pelo pecado; 2. A conversão é voltar-se da escuridão do pecado para a luz da presença de Deus; 3. A salvação traz a pessoa do poder (grego, "autoridade") de Satanás para a liberdade que Deus dá; 4. O perdão dos pecados vem para aqueles que se voltam de Satanás para Deus; 5. Aqueles que são perdoados podem receber uma herança entre os santificados.

Deve-se enfatizar que a santificação vem por meio da fé em Cristo e não das nossas próprias obras. Uma pessoa não se torna santificada lutando e debatendo-se, mas, sim, rendendo-se a Cristo. Portanto, é uma experiência instantânea. Quando alguém se rende completamente, será santificado completamente. John Wesley escreveu: "Eu creio

que esta perfeição sempre ocorre na alma por meio de um simples ato de fé; conseqüentemente, em um instante"; e acrescentou "mas eu creio em um trabalho gradual, tanto precedendo quanto seguindo este instante".[538]

Sorte entre os santificados é a mesma idéia de 20.32 (ali se fala em "herança"). No texto grego, uma palavra diferente é usada para **sorte**. Em 20.32 é *kleromonia*, que significa uma herança obtida pela sorte (*i.e.*, alguém lançando sortes). Mas aqui é simplesmente *kleros*. Esta palavra significava a "sorte" que era lançada, e depois passou a significar o que se obtinha lançando a sorte. A diferença entre estas duas palavras gregas é assim esclarecida por Lenski: "Uma herança espera por quem a vai possuir, uma parte é imediatamente dele".[539] A santificação completa pode ser a posse atual daqueles que irão aceitá-la pela fé.

Como o verbo *hagiazo* aparece no livro de Atos somente aqui e em 20.32[540] — e o substantivo grego para "santidade" ou "santificação" (*hagiasmos, hagiotes, hagiosyne*) não aparece — este seria um bom ponto para discutir o significado do verbo. Ele vem do adjetivo *hagios*, "sagrado", e assim significa "*tornar sagrado, consagrar, santificar... 1. dedicar, separar, colocar à parte para Deus...* 2. *purificar*, conformar em caráter a tal dedicação".[541]

Em seu artigo sobre *hagiazo* no monumental *Theological Dictionary of the New Testament*, Procksch diz: "O verbo *hagiazo* pertence quase que exclusivamente ao grego bíblico ou ao grego influenciado pela Bíblia".[542] Ele também declara: "A santificação não é uma ação moral por parte do homem, mas um estado efetivado divinamente".[543]

Cremer diz que *hagiazo* significa "Estabelecer uma relação com Deus em resposta a sua santidade".[544] Ele também afirma que "santificar significa fazer de qualquer coisa um participante — cada qual segundo a sua medida — da santidade de Deus, da pureza de Deus, como reveladas no seu amor que elege".[545]

A forma exata de **santificados** nas duas passagens do livro de Atos é *hegiasmenois* (plural dativo do particípio perfeito passivo). Thayer escreve: "Em geral, os cristãos são chamados *hegiasmenoi*, como aqueles que, libertados da impureza dos pecados, foram trazidos para perto de Deus pela sua fé e santidade (At 20.32; 26.18)".[546]

No seu sentido mais amplo, o termo **santificados** inclui todos os cristãos como separados para Deus. Mas também é verdade que o termo tem um uso mais limitado e específico, aplicado àqueles que realizaram uma rendição completa das suas vontades à vontade de Deus, foram crucificados com Cristo (cf. Rm 6.6; Gl 2.20), e foram cheios com o Espírito Santo (cf. 15.8-9).

O versículo 18 é uma das passagens mais significativas desta parte do livro de Atos. Ladd escreve: "Este versículo, que é o resumo da mensagem de Paulo, é muito similar a Colossenses 1.12-14".[547]

Em 26.13-18, vemos "O Propósito de Deus para Paulo". 1. Era ativo (16*a*); 2. Era progressivo (16*b*); 3. Era eficaz (17-18). (G. B. Williamson)

(5) *O Cristão Consagrado* (26.19-23). O versículo 19 é uma das grandes declarações de consagração obediente: **Não fui** (lit., "não fiquei") **desobediente à visão celestial**. Apesar dos perigos e dificuldades óbvios que ele teve de enfrentar para realizar essa tarefa, Paulo nunca esmoreceu em sua fiel obediência à visão e ao chamado que Deus lhe fez.

O jovem Saulo começou o seu ministério exatamente na cidade onde (ou em cuja proximidade) recebeu a sua conversão e o seu chamado. Ele pregou em **Damasco** (20), principalmente aos judeus (9.19-22), e a seguir em **Jerusalém**, onde entrou em conflito com os helenistas (9.26-29).

Em seu discurso diante de Agripa, Paulo diz que ele também pregou **por toda a terra** — grego, "região" — **da Judéia**. Não existe uma menção específica a isto no capítulo 9 do livro de Atos, embora a afirmação "as igrejas em toda a Judéia... tinham paz" (9.31) pareça implicar isso. Mas o verdadeiro problema está em Gálatas 1.22. Ali o apóstolo diz que, quando deixou Jerusalém em direção à Síria e à Cilícia, ele "não era conhecido de vista das igrejas da Judéia, que estavam em Cristo".

Como resolver esta aparente contradição? A respeito de 26.20, Alexander diz: "Se isto está relacionado com o começo do seu ministério, não estaria de acordo com a sua afirmação em Gálatas 1.22. Mas aqui ele reúne todo o seu ministério entre os judeus, antes de seguir a outra parte significativa da sua comissão às nações, ou seja, às outras nações; os gentios".[548] Hervey destaca o fato de que Paulo teria tido a oportunidade de pregar largamente na Judéia na assim chamada "visita da fome" (11.27-30) e no seu caminho para o Concílio de Jerusalém (15.1-3). Ele acrescenta: "Assim, aqui não existe nenhuma contradição entre a afirmação deste versículo e aquela de Gálatas 1.22".[549]

Primeiramente aos judeus, e depois aos gentios, Paulo **anunciou** — lit., "estava anunciando" ou "declarando" — **que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento**. Charles Kingsley Williams traduz desta maneira: "Levei a minha mensagem de que eles deveriam se arrepender e se voltar a Deus, e viver de uma maneira que correspondesse a tal arrependimento". Estas três ênfases na mensagem de Paulo poderiam ser, perfeitamente, usadas como três pontos principais de um sermão. Sobre o significado de **emendar**, ver os comentários sobre Mateus 3.2 (BBC, VI, 42-43). No texto grego, **arrependimento** leva o artigo definido. Significa "aquele arrependimento", ou "tal arrependimento" (Williams). **Dignas** significa "de acordo com" ou "digno(a) de".

Foi **por causa disto** (21) — de dizer tanto aos judeus quanto aos gentios que eles precisavam se arrepender — que os judeus tinham cercado Paulo no Templo e tentado matá-lo. Mas ele tinha alcançado **socorro de Deus** (22). A palavra grega para **socorro** sugere a idéia de "ajuda" ou "assistência" dada por uma pessoa aliada.[550] Com Deus ao seu lado, ele tinha sido capaz de permanecer (gr.) — **até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes** — como ao rei Agripa. Ele esteve **dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer**. Paulo sempre insistiu que nada do que disse era contrário às Escrituras judaicas (o nosso AT), e assim deveria ter a aceitação dos judeus. O seu Evangelho era, simplesmente, o cumprimento das profecias do Antigo Testamento. **Os profetas e Moisés** — ou, mais usualmente, "Moisés e os profetas" (cf. Lc 24.27; Jo 1.45) — era uma expressão usada pelos judeus para representar todo o Antigo Testamento.

Um interessante paralelo moderno para a posição de Paulo aqui é o caso de John Wesley. Quando acusado de pregar uma doutrina nova e estranha, ele sustentou enfaticamente que não estava ensinando nada contrário aos 39 artigos da Igreja da Inglaterra.[551] Quando desafiado pelo Bispo Gibson de Londres quanto ao que queria dizer com perfeição, Wesley lhe disse exatamente o que pregava. A resposta do bispo foi: "Sr. Wesley, se isto é tudo o que o senhor quer dizer, publique para todo o mundo".[552]

O que Moisés e os profetas disseram que deveria acontecer? A resposta de Paulo mostra o centro da sua mensagem do Evangelho: **Que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo** — aos judeus (cf. 17) — **e aos gentios** (23). Particularmente na pregação aos judeus, a principal ênfase de Paulo era que o Antigo Testamento ensina sobre um Messias sofredor e ressuscitado (cf. 17.13).

c. Reação e Resposta (26.24-29). Para Festo, um romano, toda esta conversa sobre os sofrimentos e a ressurreição do Messias parecia um pouco sem sentido (cf. 17.32). Subitamente, ele interrompeu o orador. **Em alta voz** ele disse: **Estás louco, Paulo!** — "estás delirando" (Goodspeed) — **As muitas letras te fazem delirar!** (24) — lit., "estão levando [você] à loucura". Este substantivo vem do verbo traduzido como "estás fora de si". O significado talvez seja mais bem traduzido por Charles B. Williams: "Você está ficando louco, Paulo! Os seus grandes conhecimentos estão levando-o à loucura".

A relação entre os dois significados para "louco" aparecem no verbo grego aqui. *Mainomai* primeiramente significava "irar-se, ficar furioso" e mais tarde "delirar, enlouquecer".[553] A linha divisória entre "irar-se" e "delirar' é, às vezes, difícil de delimitar.

Sobre este versículo, Lake e Cadbury comentam: "Paulo tinha estado falando com Agripa como um judeu conversando com outro, e naturalmente o romano Festo pensou que alguém que tivesse estas expectativas escatológicas deveria estar louco... muitas pessoas eruditas têm a mesma opinião sobre a escatologia hoje, mas a história está contrária a estas e a Festo... Além disso [a esperança escatológica], era essencial no cristianismo de Paulo, como no cristianismo de Jesus".[554]

De forma cortês, porém firme, Paulo respondeu: **Não deliro, ó potentíssimo Festo! Antes, digo palavras de verdade e de um são juízo** (25). Então, em uma transição do rude e ignorante Festo para o bem informado Agripa, Paulo prosseguiu: **Porque o rei, diante de quem falo com ousadia** (26) — ou "ousadamente"[555] — **sabe estas coisas**. Em outras palavras, "ele me ouvirá, mesmo que você não me ouça; ele sabe do que estou falando" — **porque isto não se fez em qualquer canto**, mas abertamente.

Então Paulo voltou-se para aquele diante de quem lhe tinha sido pedido que se defendesse. Dirigindo-se a ele com simplicidade, mas diretamente, ele perguntou: **Crês tu nos profetas, ó rei Agripa?** (27) Quando o rei hesitou em responder, o prisioneiro respondeu por ele: **bem sei que crês**. Provavelmente isto significa que Agripa dava consentimento mental à verdade das Sagradas Escrituras, uma vez que ele tinha um pouco de sangue judeu nas suas veias.

A única resposta do rei foi: **Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!** (28) Este tem sido o texto de centenas de sermões, e também a base do tão conhecido convite do hino "Quase persuadido". Mas o significado exato das palavras tem sido assunto de uma discussão interminável. Agripa estava sendo sério ou sarcástico? Se tivéssemos ouvido o seu tom de voz, e visto a expressão do seu rosto, provavelmente teríamos a resposta. Como isto não é possível, somente podemos examinar cuidadosamente o texto à luz do seu contexto.

Um problema é o fato de que o texto grego parece um pouco ambíguo. Literalmente, é: "Falta pouco para que você me convença a ser [ou 'fazer de mim'] um cristão". Depois de consideráveis discussões, Alexander conclui: "A idéia, então, é: 'você me convenceu

um pouco (ou até certo ponto) a tornar-me um cristão', *i.e.*, eu começo a sentir a força dos seus argumentos persuasivos, e se continuar lhe ouvindo não sei qual poderá ser o resultado".[556] Brown dá uma interpretação similar.[557]

Mas esta não é a opinião da maioria dos comentaristas da atualidade. Alford coloca o caso corretamente quando diz: "A maioria dos comentaristas antigos... assume as palavras como implicando algum efeito na mente de Agripa, e faladas com fervor: mas acho que isto pouco possível, filológica ou exegeticamente".[558] Hackett escreve: "Agripa parece ter se comovido pelo modo fervoroso do apóstolo, mas tenta esconder esta sua emoção por trás de um gracejo".[559] Lechler diz: "É verdadeiramente possível que por, um momento, uma impressão séria tenha sido causada no rei, mas ele imediatamente responde em termos irônicos.[560] Lumby comenta: "'Com pouco esforço' ou 'em pouco tempo' ('por pouco'), implica que o rei desprezava a tentativa que estava sendo feita de convencê-lo, e zombava da linguagem de Paulo, que assumiu tão prontamente e com tanta certeza que Agripa estivesse de acordo com ele".[561] Também pode ser que Agripa estivesse embaraçado pela presença de gentios importantes, quando Paulo lhe fez o apelo judeu. Maclaren escreve: "As suas palavras irônicas não são uma confissão de ter sido 'quase persuadido', mas um sarcasmo".[562]

Poderíamos citar muitas outras opiniões semelhantes, mas estas serão suficientes. Lenski apresenta uma posição de certa maneira intermediária, que pode ter algum valor. Ele rejeita a tradução "por pouco" como sendo impossível. Mas não acredita que Agripa tenha falado ironicamente ou com desprezo. A sua conclusão é a seguinte: "Agripa imagina que seja capaz de enxergar por trás do plano de Paulo, e com um ar de superioridade que deseja impressionar o público, ele permite que Paulo saiba que ele está vendo o que existe por trás do seu plano de operação".[563] Em outras palavras, o rei não estava falando sarcasticamente, mas estava rejeitando firmemente a abordagem evangelística do apóstolo.

Naturalmente, não há dúvida do sincero fervor contido na resposta de Paulo (29). **Prouvera a Deus**, ou "eu oraria" é o "uso clássico do optativo para expressar uma afirmação suavizada, o optativo 'potencial'".[564] Bruce acrescenta: "Toda a sentença é expressa de maneira muito elegante".[565] Paulo possuía a educação e a cultura para usar o melhor grego, e certamente usou-o neste tipo de audiência.

Por pouco ou por muito pode significar "'com poucas palavras ou com muitas', 'com facilidade ou com dificuldade'".[566] No texto grego, esta frase dupla é colocada antes de **não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo**, e esta deve ser a ordem na tradução. O sentido da tradução é: "Peço a Deus que, quer seja em um período curto quer longo [margem, 'com pouco ou com muito'], não apenas você, mas também todos os que me ouvem hoje, possam tornar-se como hoje sou, exceto por estas correntes" (NASB, cf. ASV). Com relação a esta última frase, Maclaren faz esta pertinente pergunta: "Festo estremeceu com a menção às cadeias, que não deveriam estar nos seus pulsos?"[567]

d. A Justificação de Paulo (26.30-32). Agripa não tinha o desejo de prolongar uma situação que estava se tornando desagradável para ele. Assim, ele **se levantou** (30). Lenski escreve: "Agripa tinha sentido o toque de Paulo em seu coração, e escapou deste estranho e inesperado poder. Era a sua hora de graça, mas ele preferiu retirar-se e deixar a salvação para trás de si".[568]

O grupo se levantou e saiu, seguindo uma ordem hierárquica. Em primeiro lugar **o rei**, depois **o governador**, então **Berenice** e então os demais. Era uma ocasião de estado e o protocolo deveria ser observado.

Na consulta que se seguiu, todos concordaram que Paulo era inocente de qualquer crime (31). Finalmente, Agripa deu o veredicto de absolvição: **Bem podia soltar-se este homem, se não houvera apelado para César** (32). Paulo estava plenamente justificado. Na verdade, Festo foi julgado culpado, porque tinha se recusado a libertar um prisioneiro que sabia ser inocente. Perante o julgamento da sua própria consciência, como também perante a audiência daquele dia, ele permaneceu condenado pelo seu crime.

K. A VIAGEM A ROMA, 27.1—28.16.

Os dois últimos capítulos do livro de Atos estão repletos de termos náuticos, muitos dos quais não são encontrados em nenhuma outra passagem. Em seu livro, *Luke the Historian in the Light of Research*,[569] A. T. Robertson dedica um capítulo inteiro aos "termos náuticos encontrados no capítulo 27 do livro de Atos". James Smith, um notável iatista escocês e uma autoridade em navios antigos, interessou-se pelo assunto. Ele comparou cuidadosamente a narrativa de Lucas com o seu amplo conhecimento do Mediterrâneo —passou o inverno de 1844—45 em Malta — e escreveu um livro sobre a viagem de Paulo. Ele diz: "Lucas, pelo seu uso preciso de termos náuticos, dá grande exatidão a esta linguagem, e expressa em uma única palavra, o que normalmente exigiria diversas".[570]

Foakes-Jackson caracteriza este relato da viagem de Paulo como "entre as mais belas peças de escrita descritiva do Novo Testamento".[571] Macgregor a chama de "A parte mais dramática do texto de todo o livro".[572]

1. *De Cesaréia a Malta* (27.1-44)

O grupo partiu de Cesaréia com a intenção de ir diretamente a Roma. Mas uma severa tempestade impediu-os de fazê-lo, e assim passaram o inverno na ilha de Malta.

a. De Cesaréia a Creta (27.1-8). A expressão **Como se determinou** [ou como se "decidiu"] **que havíamos de navegar para a Itália —** traz Lucas de volta ao cenário. A última menção a "nós" foi feita em 21.18, quando Paulo e seus companheiros chegaram a Jerusalém. O que Lucas esteve fazendo nos dois anos intermediários, enquanto Paulo era prisioneiro em Cesaréia? A resposta é que ele provavelmente esteve coletando informações para escrever o seu Evangelho. Pode ser que nesta época, tivesse tido um encontro com a idosa mãe de Jesus, o único ser humano que poderia lhe fornecer algumas das informações encontradas nos dois primeiros capítulos do Evangelho de Lucas.

Sempre se observa que a narrativa do livro de Atos é mais vívida e detalhada quando Lucas está incluído. Isto certamente é verdade a respeito deste capítulo, que só poderia ter sido escrito por uma testemunha ocular.

Navegar — lit., "partir em barco" — é o primeiro termo náutico encontrado neste relato da viagem. A palavra grega só aparece no livro de Atos (cf. 13.4; 14.26; 20.15).

O termo Eles, subentendido em algumas versões, é uma referência indefinida a Festo e aos seus soldados — **entregaram Paulo e alguns outros presos a um**

centurião por nome Júlio. Como um cidadão romano que tinha apelado a César, Paulo tinha uma condição especial. "Com toda a probabilidade, os demais tinham sido condenados à morte, e estavam indo atender à perpétua demanda de Roma, que exigia das províncias vítimas humanas para divertir o populacho através de sua morte na arena".[573]

Júlio era **um centurião da Coorte Augusta**. Esta expressão criou uma discussão considerável. Em um artigo intitulado "The Roman Army" [O exército romano], T. R. S. Broughton identifica-o como "um auxiliar Sírio da Coorte Augusta"[574] que estava estacionada na Palestina no século I. Diversos comentaristas sugeriram que a referência é a um serviço especial (*frumentarii*), subordinado diretamente ao imperador. Com respeito a esta questão, Blaiklock escreve: "Os *frumentarii*, ou agentes especiais do imperador enviados ao estrangeiro em tarefas de inspeção, parecem ter sido uma invenção posterior; mas a informação está longe de ser completa, e aqueles que interpretam a *Coorte Augusta* como um grupo de tropas destacado das formações regulares para alguns serviços especiais podem estar corretos".[575] Esta é a melhor conclusão a que se pode chegar. Como diz Broughton, "a questão deve ser deixada em aberto".[576]

Embarcando (2) — lit., "tendo embarcado" — **nós em um navio adramitino** — em um porto na costa oeste da Ásia Menor, ao sul de Trôade (ver o mapa 3) — **partimos navegando** ou "navegamos". Este é outro termo náutico, encontrado seis vezes na narrativa desta viagem a Roma (27.2,4,12,21; 28.10-11), e significa "lançar ao mar" (cf. 13.13).

Estando conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica. Como pode ser explicado que Aristarco e Lucas tivessem permissão de acompanhar um prisioneiro imperial? Moe sugere: "O governador deve ter dado a Lucas e a Aristarco uma permissão especial para acompanhar a viagem, e isto provavelmente com base em que eles deveriam estar ali como servos do apóstolo".[577] A expressão **conosco**, no entanto, parece sugerir uma condição diferente para Lucas. Será que ele estaria atendendo Paulo como seu médico pessoal, como parece ter feito mais tarde, na última vez que o apóstolo foi preso? (2 Tm 4.11 — "só Lucas está comigo"). **Aristarco** parece ter sido um dos amigos particularmente fiéis que Paulo teve (cf. 20.4) e estava com o apóstolo durante a sua primeira prisão em Roma (Cl 4.10; Fm 24).

No dia seguinte à sua partida de Cesaréia, eles chegaram **a Sidom** (3). Este verbo (*katago*) significa literalmente "ser trazido". Somente Lucas o usa como um termo náutico, com o sentido de "ser trazido à terra" (cf. 28.12; Lc 5.11). Assim, uma boa tradução seria "atingir" (a maioria das versões recentes) ou "chegar à terra" (Berk.). Sidom ficava a aproximadamente 112 quilômetros ao norte de Cesaréia. Os fortes ventos oeste daquela estação do ano tinham impulsionado o grupo com boa velocidade.

Júlio, tratando — ou "tratou" — **Paulo humanamente**. Em nenhuma outra passagem do Novo Testamento, o verbo grego tem este sentido, mas o significado ficou claro nos papiros daquela época.[578] **Humanamente** é um advérbio, *philanthropos*, que significa "com gentileza", "de forma humana". É surpreendente observar que todos os centuriões romanos mencionados no Novo Testamento sejam apresentados sob uma luz favorável (cf. Mt 8.5-13; 27.54; At 10.1-4). Assim, aqui Júlio tratou Paulo com gentileza e **lhe permitiu ir** visitar os seus **amigos** na cidade, **para que cuidassem dele** — lit., "para obter cuidados". Aparentemente, o navio ficou no porto por um ou dois dias carregando ou descarregando.

E **partindo** (4) — "indo ao mar" — em Sidom, o navio navegou abaixo — a sotavento — **de Chipre**, ou seja, para o leste e o norte daquela ilha, entre ela e a terra firme. A rota mais curta poderia ter sido para o oeste, pelo mar aberto (ver o mapa 3). Barclay comenta: "O vento dominante daquela época do ano era o vento oeste e eles somente poderiam chegar a Mirra deslizando sob Chipre, e então seguindo uma rota em zigue-zague até à costa".[579] Isto é o que é chamado de "manobrar" contra o vento. Eles adotaram este procedimento **porque os ventos eram contrários**.

Eles atravessaram **o mar** (5) — lit., "navegaram através do mar", lit., "das profundezas" — da **Cilícia e Panfília**. Assim, eles seguiam rumo oeste, contra o vento. O texto ocidental (ver a Introdução) diz que eles navegaram "por quinze dias", o que pode ter de fato ocorrido.[580] Finalmente, chegaram a **Mirra, na Lícia**. (ver o mapa 3).

Achando ali o centurião um navio de Alexandria, que navegava para a Itália (6). Uma olhada no mapa mostrará que para um navio seguir da Alexandria (Egito) até a Itália, pelo caminho de Mirra significava viajar por dois lados de um triângulo (viajando para o norte e depois para o oeste). A rota direta seria seguir pela hipotenusa, quase a noroeste para a Itália. Em seu excelente artigo "Roads and Travel [in NT]", Sir William Ramsay descreve assim a situação:

> A viagem de Alexandria a Roma era um percurso muito mais difícil e tedioso do que a de Roma a Alexandria, devido à ocorrência predominante de ventos oeste no Mediterrâneo durante o verão. Os navios tinham de socorrer-se mutuamente devido às incertas brisas da costa. Era inseguro manter um curso muito ao sul devido aos grandes bancos de areia movediça, Sirte, das costas africanas. Mesmo que os ventos permitissem, os navios não poderiam se aventurar de Alexandria em um curso que os deixasse próximos à costa de Cirene, para que o vento não pudesse desviá-los do norte e levá-los ao sul (At 27.17). Eles eram obrigados a adotar um curso norte, tentando ir tanto para o oeste, tanto quanto o vento permitisse. Assim poderiam chegar à costa da Lícia... mas seria considerado como absolutamente certo que eles nunca deveriam tentar cruzar o mar da costa egípcia diretamente para a Itália ou Sicília.[581]

Agora o quadro fica claro. Como os ventos dominantes eram do oeste, era impossível navegar diretamente para a Itália. Os navios deviam ir para o norte, tentando ir tanto para o oeste quanto possível. Algumas vezes, eles viam a extremidade oeste de Chipre. Mas os ventos fortes do oeste fizeram com que fosse necessário que o navio de Paulo navegasse a sotavento de Chipre e manobrando contra o vento na costa da Ásia Menor para Mirra. A seguir o navio seguiria para oeste, para Creta, fazendo uso dos ventos norte da costa que pudessem estar soprando.

O **navio de Alexandria** seria carregado com trigo. Winn observa: "Os cereais egípcios eram a matéria prima da dieta de Roma, e o seu transporte ininterrupto era tão importante para a vida da cidade que o próprio governo possuía e operava uma frota de navios de grãos".[582]

O centurião colocou seus prisioneiros a bordo do navio de Alexandria. A mudança de embarcação ocorreu porque a primeira iria em breve seguir para o norte, em direção ao seu porto de Adramítio, enquanto o centurião e os seus prisioneiros tinham

de continuar para o oeste. Mas os ventos contrários ainda impediam o seu progresso — eles navegavam vagarosamente (7). Esta é uma única palavra em grego, encontrada somente aqui no Novo Testamento. James Smith lista sete compostos de *pleo* que são usados somente por Lucas em um sentido náutico.[583] Depois de navegar vagarosamente por **muitos dias**, manobrando contra o vento oeste, ...**havendo chegado apenas defronte de Cnido** — ou "com dificuldade chegaram a Cnido" (NASB). Eles tinham chegado a uma distância de cerca de duzentos quilômetros de Mirra. **Cnido** (ver o mapa 3) ficava no canto sudoeste da Ásia Menor, e formava a linha divisória entre as costas oeste e sul.

Até este ponto, o navio estaria consideravelmente protegido dos ventos noroeste. Mas quando ele passou por Cnido e seguiu para o mar aberto, sofreu todo o seu impacto. Isto fica sugerido pela expressão **não nos permitindo o vento ir mais adiante** (trad. literal). Esta sentença se relaciona com a posterior, e não com a anterior. O significado deste versículo é: "E quando tínhamos navegado vagarosamente durante muitos dias, e com dificuldade chegamos a Cnido, uma vez que o vento não nos permitia ir mais adiante, navegamos abaixo de Creta, junto de Salmona" (NASB). O caminho mais curto para a Itália está ao norte de Creta (ver o mapa 3), mas aparentemente um vento noroeste obrigou este navio a navegar para o leste, para o sul de Creta. Smith fornece uma documentação adequada para a afirmação de que "este é precisamente o vento que pode ter sido esperado naqueles mares perto do final do verão".[584] Com um vento noroeste soprando fortemente, o "único curso do navio seria passar a sotavento de Creta, em direção a Salmona... que é a extremidade oriental daquela ilha".[585]

E a narrativa prossegue: **E, costeando-a dificilmente** — "com dificuldade", **chegamos a um lugar chamado Bons Portos** (8). Arndt e Gingrich dizem que a palavra grega **costeando** é um termo técnico náutico que significa "navegar margeando a costa".[586] Esta é a tradução na versão NASB. Uma vez que o significado de "passar margeando a costa" (RSV, Phillips) é o de conservar-se próximo à costa por razões de segurança, a versão NEB apresenta a expressão "abraçando a costa".

A respeito deste porto aqui mencionado, Smith escreve: "Bons Portos é o último porto antes de chegar a Cabo Matala, o porto mais distante a que um navio antigo poderia chegar com os ventos noroeste".[587] Assim, eles foram quase forçados a se instalar ali. Embora **Bons Portos** "não seja mencionado por nenhum escritor antigo",[588] existe uma baía na costa sul de Creta que ainda leva um nome quase exatamente igual à expressão grega utilizada aqui. As ruínas de **Laséia**, a cerca de onze quilômetros a leste de Bons Portos, foram identificadas com razoável segurança em 1856.

b. Uma Decisão Perigosa (27.9-12). O navio permaneceu em Bons Portos por **muito tempo** (9). Hackett interpreta a expressão: "A esta altura muito tempo tinha sido perdido" (NEB) como incluindo "desde o embarque em Cesaréia".[589] Ele escreve: "Ao sair da Palestina, eles esperavam chegar à Itália antes da chegada da estação das chuvas, e teriam cumprido o seu objetivo, não fosse pelos atrasos imprevistos".[590] Entretanto, Knowling diz: "não a partir do início da viagem... mas desde que eles permaneceram à mercê do clima".[591] Este é também o ponto de vista de Ramsay.[592] Concordando com James Smith, ele afirma que um navio não poderia passar em segurança por Cabo Matala, a quase dez quilômetros a oeste de Bons Portos, enquanto soprasse o vento noroeste.

Devido ao atraso, era **já perigosa a navegação, pois também o jejum já tinha passado**. A referência aqui é ao grande Dia da Expiação anual, o único jejum prescrito na lei Mosaica (Lv 16.29-31). Como os judeus utilizavam um calendário lunar, e não solar, a data desta festa anual tem lugar em setembro ou outubro. Em 59 d.C., a data defendida por Ramsay para esta viagem, a festa ocorreu aproximadamente no dia 5 de outubro. Em 58 d.C., o Dia da Expiação foi aproximadamente quinze de setembro.[593] A respeito das condições para a navegação nesta época do ano, Ramsay escreve: "A estação perigosa para a navegação durava de 14 de setembro a 11 de novembro, quando toda a navegação em mar aberto era interrompida",[594] e continua: "O navio chegou a Bons Portos no final de setembro, e ali ficou detido por uma série de ventos desfavoráveis até depois de 5 de outubro".[595] Ele opina que a viagem original começou em Cesaréia aproximadamente em 17 de agosto.[596] Isto está de acordo com a observação de Hackett de que, naquela época (por volta de 1850), a estação náutica ativa em Alexandria começava perto do primeiro dia de agosto. Ele escreve: "A cheia do Nilo está tão avançada nesta época que a produção do interior pode ser trazida até aquela cidade, onde é embarcada imediatamente e enviada para diferentes partes da Europa".[597]

Sobre a data da viagem de Paulo a Roma, este autor sempre preferiu a conclusão de C. H. Turner, no seu monumental artigo intitulado "Chronology of the New Testament", no *Dictionary of the Bible*, de Hastings — de que Paulo chegou em Roma na primavera de 59 d.C. e, portanto, teria deixado Cesaréia em 58 d.C.[598] Esta é a opinião de Moe, no seu elucidativo trabalho sobre a vida de Paulo.[599]

G. Ogg, em seu artigo "Chronology of the New Testament", fixa a partida de Paulo de Cesaréia em 61 d.C., e a sua primeira prisão em Roma em 62—64.[600] Mas isto, de qualquer maneira, seria muito tarde. A maioria dos estudiosos americanos do Novo Testamento na atualidade fixa os dois anos de Paulo na prisão em Roma em 59 a 61, ou 60—62 d.C.

Favorável a 60—62 d.C. está G. B. Caird, no seu artigo "Chronology of the New Testament", em *The Interpreter's Dictionary of the Bible*.[601] Ele fixa o julgamento de Paulo diante de Festo em 59 d.C., e a sua chegada a Roma no ano 60. F. F. Bruce defende fortemente o ano 59 d.C. como sendo a época da viagem de Cesaréia a Malta (com a chegada de Paulo a Roma no ano 60). Ele afirma que a distância até a ilha de Cauda (16) era de apenas cerca de 80 a 96 quilômetros, e outros catorze dias os levaram até Malta (27), onde passaram três meses. E conclui: "Os mares estavam proibidos pelo menos até o começo de fevereiro... os três meses passados em Malta, portanto, devem ter sido (aproximadamente) novembro, dezembro e janeiro; eles devem ter deixado Bons Portos não muito tempo antes da metade de outubro, e este cálculo está coerente com a data do jejum em 59 d.C. (5 de outubro), mas não em algum dos anos vizinhos entre 57 e 62, quando o jejum ocorreu mais cedo".[602]

Bruce pode ter razão. Cadbury acrescentou um item que apóia esta data em seu recente trabalho, *The Book of Acts in History*. Depois de observar que "uma nova cunhagem de moedas judaicas teve início no quinto ano do governo de Nero, que se deu antes de outubro de 59 d.C.", ele pergunta: "Não é provável que isto se devesse à chegada de um novo procurador?"[603] Caso isto seja assim, 59 d.C. é o ano da ascensão de Festo, e a época em que Paulo partiu para Roma. O melhor que podemos fazer é fixar 58 ou 59 como a data dos capítulos 25 e 27 do livro de Atos, e 59—61 ou 60—62 para os dois anos de prisão de Paulo em Roma (28.30).

Paulo **os admoestava** (9). Mas a quem? Alexander comenta: "*Paulo admoestava* (ou *exortava*) é um verbo grego usado somente neste capítulo (ver os comentários sobre o v. 22), mas originalmente significava elogiar, e mais tarde recomendar, aconselhar, especialmente em público, como um orador das assembléias gregas".[604] Ele acrescenta: "Portanto, é provável que esta exortação fosse dirigida a todo o grupo e não meramente aos chefes e oficiais".[605]

Paulo advertiu: **A navegação há de ser incômoda e com muito dano, não só para o navio e a carga, mas também para a nossa vida** (10). Mais tarde, o apóstolo recebeu uma revelação divina de que não seria perdida nenhuma vida (24), e assim aconteceu. Isto sugere que o termo **vejo**, neste versículo, refere-se a uma intuição ou observação humana, e não a uma inspiração divina.

Infelizmente, ao invés de aceitar o conselho de Paulo, **o centurião cria mais no piloto e no mestre** (11). A palavra grega para **piloto** significa "timoneiro", conforme confirmado por escritores desde Homero e a Septuaginta até inscrições e papiros contemporâneos, juntamente com Filo e Josefo.[606] A tradução de **mestre** como "proprietário do navio" (somente aqui no NT) é confirmada por Arndt e Gingrich, que, entretanto, acrescentam: "Mas também significa *capitão*, uma vez que o mestre de um navio em serviço era chamado *naukleros*".[607] Ramsay acredita fortemente que "capitão", e não "proprietário", é a tradução correta aqui, uma vez que "o navio pertencia à frota da Alexandria no serviço Imperial".[608] Ele também afirma que "o centurião... é representado como sendo o superior, o que implica que o barco era um barco do governo, e o centurião tinha o posto mais alto a bordo".[609]

Bons Portos não era um lugar **cômodo** (12) — lit., "não bem situado" ou "não adequado" (NASB) — **para invernar**. Bruce comenta: "É protegido por pequenas ilhas, mas não um bom porto para o inverno, porque tem uma abertura de quase 180 graus".[610]

Assim, **os mais deles** — ou "a maioria" — **foram de parecer** que se deixasse este lugar inadequado e se tentasse chegar a **Fenice** (Fênix), 64 quilômetros a oeste. Lake e Cadbury observam que "de maneira diferente de outros nomes de lugares nesta seção, Fênix é mencionada por geógrafos antigos e sem muita variação de grafia".[611]

O porto de Fênix **olha para a banda do vento da África e do Coro**. Talvez nenhuma expressão no livro de Atos tenha um significado tão incerto. O texto grego significa literalmente "olhando para o vento sudoeste e para o noroeste". Um exame das versões irá destacar a confusão em que os tradutores se encontram. Contrariamente à versão KJV, a ASV, a RSV e a NASB apresentam "olhando (ou de frente para) o nordeste e o sudeste". Mas as duas últimas têm o comentário à margem "ou *sudoeste e noroeste*", que é a leitura das versões Phillips e NEB. Obviamente, ambas não podem estar corretas. Qual é a certa?

Os dois substantivos em grego são *lips* e *choros*. Em um artigo intitulado "The Winds" [os ventos], Lake e Cadbury escrevem: "Na LXX, *lips* geralmente significa sul, mas nos papiros — que são mais importantes para os nossos objetivos — essa palavra invariavelmente significa oeste".[612] Sobre *choros*, eles dizem: "Esta palavra não parece ser encontrada em nenhum lugar no texto grego".[613] É um latinismo. Depois de citar uma passagem de Plínio (em latim), concluem: "Assim, em Atos 27.12, *kata liba* significa oeste com uma tendência de apontar ao sul, e *kata choron* deve significar oeste com uma tendência ao norte".[614] Isto estaria de acordo com as versões KJV e NEB, a favor de um porto que

estivesse de frente para o oeste. Eles também fazem uma interessante observação sobre a linguagem aqui utilizada: "A combinação de palavras gregas e latinas na descrição que Lucas faz da tempestade e do porto de Fênix sugere a possibilidade de que ele estivesse influenciado pelo linguajar misturado dos marinheiros, em parte de Alexandria e em parte italianos".[615] Os primeiros falavam grego, os últimos, latim. Isto pode explicar a estranha expressão dupla (uma palavra em grego, outra em latim) usada aqui para descrever o porto de Fênix.

Diante de todas estas evidências, pode surgir a pergunta sobre como as versões ASV, RSV e NASB vieram a adotar uma tradução que apresenta o porto de frente para o leste. A resposta está na interpretação que James Smith faz desta passagem. Ele assume que a preposição *kata* significa "na mesma direção que", e prossegue: "Se eu estou correto, *bleponta kata liba* não significa, como em geral se supõe, que está aberto para o ponto *de* onde sopra aquele vento (*Libs*), mas para o ponto para onde ele sopra — *i.e.*, não está aberto para o sudoeste, mas para o nordeste".[616]

Na localização que se aceita para Fênix, existe um promontório que se projeta a uma distância considerável da costa. No lado leste, está o porto de Lutro, que Smith identifica como sendo Fênix. No lado oeste está Phineka. A similaridade deste nome moderno com Fênix, assim como o significado mais natural das palavras gregas, parecer favorecer a identificação com Phineka, que tem o porto de frente para o oeste.[617]

c. A Tempestade (27.13-20). **Soprando o vento sul brandamente** (13) — o verbo grego significa literalmente "soprar por baixo", e assim "soprar suavemente".[618] **Fazer vela** significa literalmente "levantar as velas". Arndt e Gingrich dizem que nesta passagem o verbo pode ter o sentido náutico de "levantar âncora"[619] (cf. ASV, NASB).

Tendo levantado âncora, **foram de muito perto costeando Creta**. **Costear** é o mesmo verbo usado no versículo 8. **De perto** é, literalmente, "mais perto". A frase é mais bem traduzida como "começaram a navegar acompanhando de perto a costa de Creta" (NASB), desta forma sentindo-se seguros.

Mas quando tinham percorrido cerca de 5 ou 6 quilômetros rumo oeste, eles passaram por Cabo Matala e se encontraram desprotegidos pelo lado norte. Repentinamente, foram atingidos por um **pé de vento** — em grego, um tufão — chamado **Euroaquilão** (14). Este é outra combinação de grego e latim: *euros*, palavra grega que significa vento leste, e *aquilo*, palavra latina para o vento norte. Assim, ele significa do "Nordeste" (Goodspeed).

A frase **soprando o vento sul brandamente** tem uma aplicação significativa em sermões. Quando os jovens são atraídos para fora do porto seguro que são o lar, a igreja e os padrões do Novo Testamento, pelos suaves ventos dos sedutores prazeres modernos, eles podem ser atingidos por furacões enfurecidos e encontrar os seus frágeis navios levados furiosamente pelos mares da vida, para naufragar em algum lugar nas costas do tempo. Com base nesta passagem, poderíamos perfeitamente dizer: "Esteja atento àqueles ventos do sul que sopram suavemente".

Sendo o navio arrebatado (15) — um verbo composto forte que significa "violentamente aprisionado" ou "aprisionado e levado" — **e não podendo navegar contra o vento**. O verbo significa literalmente "encarar", e aqui é usado como um termo náutico, com o sentido de "combater o vento".[620] Então, **nos deixamos ir à toa** — lit., "tendo

desistido, estávamos sendo levados". Ou seja, eles não tinham nenhum poder contra o vento. Smith resume estes dois versículos da seguinte maneira: "O navio foi 'tomado' (*synarpasthentos*) em um tufão (*anemos typhonikos*) que soprava com tanta violência que eles não podiam lutar contra ele, mas foram forçados... a correr diante dele, pois este é o significado evidente da expressão *epidontes epherometha* — 'entregando o navio a ele, éramos levados por ele'".[621]

E correndo abaixo (16) — ou seja, "ao abrigo de" — **de uma pequena ilha chamada Cauda** — hoje chamada Gaudo em grego, e Gozzo em italiano, cerca de 40 quilômetros a sudoeste de Bons Portos — **apenas pudemos ganhar o batel**, *i.e.*, "mal conseguimos controlar o batel".[622] Aqui se trata do pequeno escaler que é rebocado pelo barco. Mas agora ele estava sem dúvida cheio de água e talvez chocando-se perigosamente contra a popa. A palavra **nós** (subentendida em português) pode sugerir que Lucas ajudou a trazê-lo a bordo.

Quando finalmente conseguiram colocar o batel sobre o convés, **usaram de todos os meios** (17). Este "provavelmente é um termo náutico técnico... *eles usaram suportes* (talvez cabos)".[623] Em uma passagem paralela intrigante, Aristóteles (séc. IV a.C.) usa a palavra em relação a uma tempestade no mar. Ele diz: "Assim, quando em perigo no mar, as pessoas podem sentir-se confiantes quanto ao que irá acontecer... porque a sua experiência lhes dá os meios para lidar com ela"[624] — lit., "ter os meios".

O significado exato de **cingindo o navio** é incerto. Alguns sustentaram que foram esticadas cordas desde a proa até a popa. Mas parece muito mais provável que cordas (ou cabos) fossem passadas por sobre a proa, passadas por baixo do casco e amarradas firmemente transversalmente no convés. James Smith fornece a seguinte citação do *Falconer's Marine Dictionary*: "Amarrar um batel... é passar quatro ou cinco voltas de uma corda longa, como um cabo, ao redor do casco de um batel, para firmá-lo no meio de uma grande tempestade... quando se percebe que ele não é forte o suficiente para resistir aos violentos apelos do mar; no entanto, este expediente raramente é colocado em prática".[625] Smith também cita a descrição de Sir George Black de ter amarrado o seu batel desta maneira quando ele estava fazendo água, no seu retorno de uma viagem ao ártico em 1837.[626]

Cadbury aceita esta opinião como sendo a mais provável. Ele comenta: "colocavam-se pranchas longitudinalmente sob o casco do batel, e uma corda era passada sob a quilha e amarrada na amurada em lados opostos, ou no convés, e atada fortemente por torcedura ou com um molinete, e assim as pranchas seriam mantidas firmes da mesma maneira que um arco mantém firmes as tábuas de um barril".[627]

Ramsay ressaltou o perigo especial que este navio enfrentou. Ele escreve: "Um navio antigo com uma vela imensa estava exposto a um perigo extremo com tal rajada de vento; a tensão da grande vela no único mastro era muito mais do que o casco poderia suportar, e o navio estaria exposto a um risco que as embarcações modernas já não temem, o de afundar em mar aberto".[628] Os navios mais modernos tinham três mastros, para distribuir a tensão.

Lucas prossegue: **temendo darem à costa na Sirte** — areias movediças — **amainadas as velas, assim foram à toa**. A palavra grega para areias movediças é *Syrtis*. Aqui, se refere aos bancos de areia da costa da África, a oeste de Cirene (ver o mapa 3). Eram chamadas de Sirte Maior para diferenciá-las de Sirte Menor, mais a leste. Lake e

Cadbury observam: "Tinham aproximadamente três vezes a extensão que eles já tinham navegado (*i.e.*, desde Cnido) e se depositavam a sotavento com o vento que vinha do nordeste, de modo que o perigo era sério".[629]

Dar significa literalmente "cair de". Aqui (como também nos vv. 26 e 29) é um "termo náutico técnico", que significa "sair do curso".[630]

A frase **Amainadas as velas** é traduzida com mais exatidão como "diminuindo a marcha" (RSV). O verbo é o mesmo usado no versículo 30, referindo-se a baixar o batel ao mar. A respeito deste substantivo, Smith escreve: "*Skeuos*, que eu traduzi como 'marcha', quando aplicada a um navio significa acessórios de diversos tipos, tais como mastros, velas, cordame, âncoras e cabos, etc."[631] Este substantivo, *skeuos*, é traduzido como "embarcação" em dezenove das 23 vezes em que aparece no Novo Testamento (incluindo 9.15; 10.11, 16; 11.5). Somente aqui, é traduzido como "velas". A expressão pode significar "baixar a vela" (NEB). Smith opina que "marcha" não se "refere ao mastro, mas à verga com a vela presa a ela".[632] Para usar o leme efetivamente para seguir para o oeste, para evitar serem levados para o sudoeste aos bancos de areia da África, eles precisavam ter uma pequena vela aberta durante a tempestade. Ramsay descreve assim a situação: "... Deixar a vela levantada apenas o suficiente para manter o barco navegando com o vento, e abaixar tudo o que pudesse ser abaixado".[633]

Agora eles estavam à mercê do mar, **à toa** (lit., "levados") pela tempestade. Smith fez um cálculo muito cuidadoso da distância entre Cauda e Malta (cerca de 760 quilômetros), considerou o período de navegação (13,5 dias, cf. v. 27), e chegou à conclusão de que eles navegaram a uma velocidade de cerca de 2,4 quilômetros por hora. Dois capitães da marinha Real, ambos posicionados no Mediterrâneo, separadamente concordaram que esta seria a velocidade média de um navio levado por uma severa tempestade. Desta forma, a exatidão de Lucas nesta narrativa foi surpreendentemente confirmada.[634]

Uma boa tradução para o versículo 18 é: "No dia seguinte quando estavam sendo violentamente arremessados pela tempestade, começaram a jogar a carga ao mar" (NASB). Mas deixaram algum trigo na parte inferior do navio para dar estabilidade (cf. 38). **Ao terceiro dia, nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio** (19). O melhor texto grego traz o termo "eles" ao invés de **nós**. Quanto ao significado de **armação**, Smith diz: "Suponho que o significado seja o da verga grande; um imenso mastro, provavelmente tão comprido quanto o navio, que exigiria a união dos esforços dos passageiros e dos tripulantes para ser lançado ao mar".[635]

O versículo 20 descreve a situação a bordo do navio, quando o estado de ânimo ficou todo o tempo "baixo". **Não aparecendo, havia já muitos dias, nem sol nem estrelas.** Deve-se lembrar que naqueles dias não havia bússola, e os marinheiros dependiam totalmente da navegação pelos astros. Sem o sol durante o dia ou as estrelas à noite, estavam perdidos. É provável, também, que o navio estivesse fazendo água. **Caindo sobre nós uma não pequena tempestade,** não é de surpreender que **fugiu-nos toda a esperança de nos salvarmos** — lit., "a nossa esperança estava sendo totalmente levada".

d. A Certeza (27.21-26). Durante os dias duros da tempestade, havia **já muito que se não comia** (21). A palavra grega é *asitia*, que é formada de *a* (negação) e *sitos*, "trigo" (como no v. 38). Então, ela significa literalmente "ausência de trigo". A palavra parece irônica à luz do fato de que era um navio que transportava trigo.

Smith cita diversas descrições de um navio em uma tempestade para dar suporte a sua conclusão de que a comida teria sido estragada ou as instalações para preparo de comida estariam avariadas, com o navio fazendo água.[636] Uma explicação mais provável é a de Arndt e Gingrich: "*Quase ninguém queria comer* devido à ansiedade ou a alguma enfermidade".[637] Tanto o substantivo *asitia* quanto o adjetivo *asitos* ("jejuando"), no versículo 33, aparecem somente aqui. Eles são "muito empregados na linguagem médica... o substantivo freqüentemente quer dizer 'falta de apetite'".[638]

Deve-se observar que praticamente todos os comentaristas e tradutores recentes interpretam a viagem sem comida como aplicando-se a todo o grupo. Não se tratava de um jejum religioso exclusivo de Paulo, como pode ser entendido a partir da versão KJV.

Agora, Paulo lembra os seus companheiros de sofrimentos que eles deviam ter-lhe dado ouvidos quando ele foi contrário à saída de Bons Portos. A palavra grega para **ouvido** significa literalmente "obedecido". Arndt e Gingrich traduzem a frase como: "Vocês deveriam ter seguido o meu conselho e não ter partido"[639] (cf. NASB). Se eles tivessem permanecido em Bons Portos, como ele tinha aconselhado (cf. 9-10, RSV, NASB), teriam evitado **este incômodo** — "dano" ou "avaria" — **e esta perdição**.

Paulo prosseguiu: **Mas, agora, vos admoesto** — "aconselho" ou "insisto"[640] — **a que tenhais bom ânimo** (22) — "que se animem" ou "que continuem com coragem". Embora o navio estivesse condenado, não haveria perda de vidas — "não se perderá a vida de nenhum de vós".[641]

Qual era a base da certeza confiante de Paulo? **Esta mesma noite** (23) — *i.e.*, "a noite passada" — havia estado com ele **o anjo de Deus** — melhor "um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo" (NASB). Este anjo lhe disse: "Paulo, não temas!" **Importa que sejas apresentado a César** (24) — Deus assim tinha ordenado — e ele não deixaria de chegar vivo a Roma.

Como um favor especial, **Deus te deu** — o verbo significa "graciosamente te deu" ou "te deu como um presente"[642] — **todos quantos navegam contigo**. Parece evidente que Paulo tinha orado não somente por si mesmo, mas por todos os que estavam a bordo. Lumby afirma: "Em meio a tanta dificuldade, embora não tenha sido feita nenhuma menção a esse fato, não devemos duvidar que em seu desespero o apóstolo orou ao Senhor, e a resposta graciosa foi a concessão de que todos seriam salvos".[643]

Com base nesta revelação divina, Paulo exortou os seus ouvintes a terem coragem — **porque creio em Deus** (25). A fé se afirma mais significativamente diante das piores circunstâncias. Aparentemente, o anjo também o tinha informado de que era **necessário** que fossem **dar numa ilha** (26).

Nesta passagem, existem algumas observações dignas de menção que podem ser reunidas sob o título "Ouvindo a Deus na Tempestade". 1. Deus pode ser encontrado por aqueles que o servem (21-23); 2. Ouvir traz a confiança e a força pessoal (24); 3. Ouvir a Deus traz a certeza e a coragem e as refletem naqueles que estão a nossa volta (22,25). (A. F. Harper)

e. Aproximando-se da Terra Firme (27.27-32). Na **décima quarta noite** (27), depois da saída de Bons Portos, eles estavam sendo **impelidos de uma e outra banda no mar Adriático** — melhor "à deriva no mar Adriático" (RSV) — porque estavam evidentemente sendo levados pelo vento na mesma direção durante todo o tempo. Sobre

Adriático, Knowling escreve: "não no sentido restrito do Adriático, o Golfo de Veneza, ou como atualmente nos referimos ao 'Adriático', mas incluindo todo o mar que está entre Malta, a Itália, a Grécia e Creta; Lucas provavelmente usou o termo como era coloquialmente utilizado pelos marinheiros, no seu sentido mais amplo".[644]

Lá pela meia-noite, suspeitaram — ou "começaram a sentir" (NASB) — **os marinheiros que estavam próximos de alguma terra** — lit., "que algum tipo de terra se aproximava". Smith observa: "Lucas aqui usa a linguagem gráfica dos homens do mar, para quem o navio é o assunto principal, enquanto é a terra que sobe e afunda, se aproxima e recua".[645] Ramsay acompanha Smith, julgando que eles ouviram as ondas que arrebentavam, quando passaram pelo ponto rochoso de Koura a caminho da Baía de São Paulo, o lugar tradicional do naufrágio.[646]

Lançando o prumo, os marinheiros (28) — trad. literal — **acharam vinte braças**. Uma braça equivale a 1,80 metros, assim a água tinha 36 metros de profundidade neste ponto. Tornando a lançar o prumo, acharam somente **quinze braças** (27 metros). Smith verificou cuidadosamente o provável curso do navio condenado de Paulo, e descobriu que o intervalo de tempo decorrido entre as duas medidas deveria ter sido de aproximadamente meia hora.[647]

Percebendo que eles estavam se aproximando rapidamente da costa rochosa, **lançaram da popa quatro âncoras** (29). Normalmente, um barco deveria ser ancorado preferivelmente pela proa. Mas esta era uma situação peculiar. O barco estava sendo levado pelo vento. Ancorar pela proa deixaria o barco oscilando e ele não poderia ser manejado adequadamente (cf. 39). Quando tudo o que era possível tinha sido feito para a segurança do barco, aqueles que estavam a bordo **desejaram** — lit., "oraram para" — que viesse o dia.

Mas os membros da tripulação decidiram abandonar o navio (30). Eles baixaram o batel ao mar, **como que** — "com o pretexto de" ou "com a desculpa de" — querendo lançar as âncoras pela proa.

O homem mais importante a bordo era Paulo. Ele percebeu os planos de fuga dos marinheiros e disse ao centurião e aos soldados que eles estariam todos perdidos, a menos que os marinheiros permanecessem com o navio (31). A esta altura, o centurião e provavelmente os soldados também já teriam percebido que Paulo era o homem a quem deveriam dar ouvidos. Então os soldados cortaram os cabos que sustentavam o batel, que se afastou (32). A partir de então, a tripulação e os passageiros estariam juntos, a despeito do que pudesse acontecer.

f. Um Exemplo de Coragem (27.33-38). A esta altura, já era quase dia. Provavelmente não havia ninguém dormindo: estavam todos no convés. Paulo sabia que todos precisariam ter coragem e forças para as árduas horas que estavam por vir. Então **Paulo exortava a todos a que comessem alguma coisa** (algum alimento, 33). Ele os lembrou de que não tinham comido nada durante catorze dias.

E continuou: **Portanto, exorto-vos** (34) — o verbo significa "suplicar" ou "incentivar" (a mesma palavra usada no v. 33) — **a que comais alguma coisa, pois é para**[648] **a vossa saúde** — lit., "salvação", e assim "segurança" ou "preservação". Ele lhes lembrou: **Nem um cabelo cairá da cabeça de qualquer de vós**. Esta era uma antiga expressão proverbial comum para descrever uma libertação ou um resgate total (cf. 1 Sm 14.45; 2 Sm 14.11; 1 Rs 1.52; Mt 10.30; Lc 21.18).

Então Paulo deu o exemplo. **Tomando o pão, deu graças a Deus na presença de todos e, partindo-o, começou a comer** (35). Não parece ser necessário interpretar esta refeição como sacramental. **Pão** significa literalmente "pãozinho", do tamanho de um biscoito pequeno.

Com o incentivo e o exemplo de Paulo, **tendo já todos bom ânimo, puseram-se também a comer** (36). Mais tarde, isto seria comprovado como importante, devido à inesperada dificuldade de ter de nadar até à costa.

Durante todo o tempo destas severas provações, o apóstolo tinha se mostrado "um exemplo para todos os cristãos" de três maneiras: 1. Coragem em meio ao perigo (21-22); 2. Confiança em Deus (23-25); 3. Comando ou autoridade em meio à crise (31-36).

Afirma-se que o navio tinha 276 pessoas a bordo (37). Lumby escreve: "O motivo de mencionar o número foi provavelmente a expectativa de ir à costa e por isso era necessário que fossem todos informados, inclusive o capitão, a respeito da tripulação, e o centurião, de que dentre todos os seus prisioneiros e soldados nenhum deveria escapar ou ser dado como desaparecido".[649] Ele acrescenta: "A menção ao número a esta altura da história é uma das muitas características muito naturais da narrativa".[650]

Ao invés de 276, o manuscrito grego mais antigo (Vaticano) e a versão Sahidica apresentam "aproximadamente setenta e seis". Westcott e Hort, que conferiram maior autenticidade ao manuscrito Vaticano, adotaram a última leitura. Lake e Cadbury também a escolhem para a sua tradução, embora admitam: "Mas não há nada de impossível em um número maior".[651] Bruce diz que a leitura do manuscrito Vaticano deve "provavelmente ser rejeitada" a favor da outra, que é "muito melhor confirmada".[652] É verdade que Lucas gosta de usar a expressão "aproximadamente" (*hos*) antes de números redondos. Mas "aproximadamente setenta e seis" não parece razoável.

Como justificativa para a possibilidade do número maior, muitos comentaristas chamam a atenção para o relato que Josefo faz da sua viagem a Roma em um navio com aproximadamente seiscentas pessoas a bordo. A passagem também apresenta alguma correspondência com o naufrágio de Paulo. "Portanto cheguei a Roma, embora houvesse um grande número de dificuldades no mar; pois o nosso navio afundou no Mar Adriático, e nós, que estávamos nele, nadamos durante a noite para salvar a nossa vida. Quando, depois da primeira luz do dia, e avistando um navio de Cirene, eu, e alguns outros, oitenta no total, pela providência de Deus, precedemos os demais e fomos recolhidos pelo outro navio".[653]

Quando aqueles que estavam no navio de Paulo já estavam **refeitos com a comida** (38) — lit., "estavam satisfeitos" — **aliviaram o navio, lançando** o seu carregamento de **trigo ao mar**. A razão para isto é óbvia. Eles queriam que o navio se mantivesse na superfície para alcançar um ponto que fosse o mais próximo possível da praia, de forma que assim pudessem estar a uma distância da costa que fosse facilmente percorrida a nado.

g. O Naufrágio e o Salvamento (27.39-40). Quando nasceu o dia, todos os olhos estavam ansiosamente fitos na praia. Mas ninguém "reconheceu" (39) a terra. No entanto, **enxergaram** — lit., "perceberam" ou "observaram" — **uma enseada que tinha praia** — melhor "uma baía onde havia uma praia". Lumby comenta: "A palavra *aigialos* é usada para significar uma praia de areia que permitia que um navio aportasse nela sem

o perigo de ficar imediatamente destruído".[654] **Consultaram-se** — lit., "estavam resolvendo" ou "decidindo" — **sobre se deveriam encalhar nela o navio.**

Levantando as âncoras (40) pode provavelmente ser "desamarrando... as âncoras".[655] A expressão **deixaram-no ir ao mar** deve estar ligada à frase anterior. As duas juntas poderiam ser corretamente lidas como: "Desprendendo as âncoras, abandonaram-nas no mar". Ao mesmo tempo, **largando também as amarras do leme** — ou "afrouxaram os controles do leme" (NEB). Lake e Cadbury comentam: "Os navios antigos tinham um leme, ou melhor, uma espécie de remo de leme em cada lado".[656] A seguir, eles **alçaram a vela maior ao vento**. Algumas versões recentes apresentam o termo "traquete". Lake e Cadbury escrevem: "A palavra não é conhecida em outros textos gregos, exceto em lexicógrafos, provavelmente dependentes desta passagem".[657] Mas Smith parece ter demonstrado satisfatoriamente que *artemon* era o "traquete" do navio.[658] Tendo concluído todos estes preparativos, **dirigiram-se para a praia.**

Dando, porém, num lugar de dois mares — onde as ondas do mar encontraram a corrente entre a praia e uma minúscula ilha próxima à praia — **encalharam ali o navio** (41). Smith descreve vividamente a provável identificação deste lugar, chamando a atenção para a exatidão da narrativa de Lucas.[659] Ele observa: "As rochas de Malta se desintegram em partículas extremamente pequenas de areia e argila, que, quando sob as correntes ou alguma agitação da superfície, formam um depósito de argila viscosa".[660] Ele diz que um navio grande se aproximaria até uma posição que tivesse aproximadamente 5,5 metros de profundidade, que é exatamente a profundidade onde se encontra esta argila, não agitada pelas águas superficiais. Ele conclui: "Portanto, um navio, impelido pela força de um vento até uma enseada com um fundo como o que foi apresentado, atingiria o fundo de lama que se transformava em argila pegajosa, na qual a parte dianteira iria se fixar e seria firmemente presa, enquanto a sua traseira ficaria exposta à força das ondas".[661]

É exatamente isto o que está descrito no texto de Lucas. Ramsay ressalta: "Um dos serviços mais completos que já foi prestado ao estudo do Novo Testamento é a prova de James Smith de que todas estas circunstâncias estão reunidas na Baía de São Paulo".[662]

As palavras **das ondas** (41) não são encontradas na maioria dos manuscritos mais antigos. Ramsay observa acertadamente: "No versículo 41, 'a força' é a expressão usada por uma pessoa em pé na praia que observa as ondas estraçalhando o navio: ele não precisa especificar o tipo de força".[663] E acrescenta: "O escriba mais humilde pode incluir *kymaton* ('das ondas') aqui, e muitos deles teriam feito isto"[664] (cf. itálicos nas versões ASV e NASB).

A idéia dos soldados foi que matassem os presos para que nenhum fugisse, escapando a nado (42). **Mas o centurião, querendo salvar a Paulo, lhes estorvou** — "impediu" — **este intento** (43). Ele ordenou que aqueles que pudessem nadar se lançassem primeiro ao mar e se salvassem seguindo até a terra. Outros deveriam fazê-lo em tábuas, e outros **em coisas do navio** (44). Os que tivessem ido nadando estariam na praia para ajudar que estes extraviados chegassem em segurança à terra. O resultado foi que **todos chegaram à terra, a salvo** — melhor "todos chegaram à terra em segurança" (NEB). Foi somente por causa da corajosa liderança de Paulo, sob a orientação de Deus, que esta viagem agonizante chegou a um final satisfatório. O centurião teve o bom-senso e a justiça de salvar a vida do seu prisioneiro, que foi essencial para salvar todos os que estavam a bordo.

Um esboço sugerido para este capítulo pode ser intitulado "A Advertência aos Imprudentes": 1. A falsa sedução (13); 2. A furiosa tempestade (14-38); 3. O fatídico naufrágio (39-44).

2. *O Inverno em Malta* (28.1-10)

Depois dos horrores de duas semanas no mar tempestuoso, a terra firme deve ter parecido muito confortante para os que sobreviveram ao navio. Não haveria mais navegação durante diversos meses, porque a prática era proibida no inverno.

a. O Milagre da Preservação (28.1-6). **Havendo escapado** (1) — lit., "tendo chegado em segurança" — eles (o melhor texto grego diz "nós") — **então, souberam que a ilha se chamava Malta** (ver o mapa 3), que nessa época pertencia à província da Sicília.

Os bárbaros (2) — esta é literalmente a mesma expressão traduzida como "bárbaros" no versículo 4. Como eram um povo civilizado, talvez "os nativos" (Phillips) seja uma tradução mais adequada. Lucas, por ser grego, reflete o ponto de vista grego. Assim como os judeus chamavam de "gentios" todos os estrangeiros, também os gregos aplicavam o epíteto "bárbaros" a todos aqueles que não falavam grego. Alford diz que este "é um termo que tem o significado muito próximo da nossa palavra *nativos*, quando em referência a qualquer lugar novo ou pouco conhecido".[665] Os habitantes de Malta falavam um dialeto fenício.

Os nativos trataram os sobreviventes do naufrágio com **não pouca humanidade**, lit. "com humanidade incomum" (*philanthropia*, somente aqui e em Tt 3.4). **Acendendo uma grande fogueira,** receberam junto a ela os refugiados, por causa da chuva e do frio. Isto implica que o vento nordeste ainda estava soprando.

Paulo juntou-se às pessoas reunidas ao redor da fogueira. Quando ele colocou um punhado de vides, (um feixe de gravetos) no fogo, repentinamente **uma víbora... lhe acometeu a mão** (3). Alguns fizeram objeções, dizendo que agora não existem mais víboras em Malta. Smith faz um comentário bastante sensato: "Sobre esta questão, simplesmente observo que ninguém que tenha estudado as mudanças que as operações do homem produzem na fauna de qualquer país, ficaria surpreso por saber que uma espécie particular de répteis tenha desaparecido, como aquela de Malta".[666]

Com base em informações do grande Professor Agassiz, de Cambridge, Hackett diz que as víboras ficam apáticas no clima frio, e que esta evidentemente estava despertada pelo **calor** (grego, *therme*), criado através da madeira na fogueira. As víboras espreitam em regiões rochosas, como parece ser esta região. Hackett prossegue: "Elas também estão acostumadas a se arremessar aos seus inimigos, algumas vezes se deslocando por vários metros com um único salto. E assim, esta que aqui é mencionada poderia ter alcançado a mão de Paulo, porque ele estava próximo ao fogo".[667] Lake e Cadbury dizem que **acometeu-lhe a mão** significa que a serpente o picou.[668] O verbo **acometer** "era empregado por todos os escritores médicos".[669]

Os nativos observaram **a víbora** (*therion*) — lit., "animal selvagem" — pendurada na mão de Paulo (4). Hobart escreve: "Lucas usa esta palavra exatamente da mesma maneira que os autores médicos, que a empregavam para se referir às serpentes venenosas, e em particular às víboras (*echidna*)".[670]

Os habitantes da ilha consideraram que Paulo deveria ser um **homicida,** pois embora tivesse **escapado do mar**, ele finalmente fôra pego pela **Justiça** — lit., vingado pela justiça. Provavelmente julgavam que fosse uma deusa, a "Justiça" (NASB).

Naturalmente, os presentes esperavam ver Paulo **cair morto** (6). Mas depois de passado um considerável tempo, e vendo que ele obviamente estava incólume, **mudando de parecer, diziam que era um deus**. Lake e Cadbury chamam a atenção para a alternância entre os tempos aoristo e imperfeito neste versículo, e assim o traduzem: "Mas esperaram, antecipando que ele fosse inchar ou cair de repente; mas quando já tinham esperado um longo tempo e viram que nada errado acontecia com ele, mudaram de idéia e começaram a dizer que Paulo era um deus".[671] Lembramo-nos da mesma reação por parte do povo de Listra (14.11).

Uma característica intrigante deste parágrafo é o uso abundante de termos médicos, pois a cena é narrada através dos olhos de Lucas, o médico. Harnack diz: "Toda a seção, 28.3-6, tem o colorido dos matizes médicos".[672]

b. Milagres de Cura (28.7-10). **Próximo daquele mesmo lugar** (7) — melhor "nas proximidades daquele lugar" — **havia umas herdades** — "terras" ou "propriedades" — **que pertenciam ao principal da ilha**. A palavra grega para **principal** é *protos*, "primeiro". Lake e Cadbury escrevem: "A descoberta de duas inscrições que usam a palavra para denotar um oficial de Malta dá cor à sugestão de que este é o nome de um representante do governo romano na ilha (que pertencia à província da Sicília), ou algum oficial nativo".[673] Eles acrescentam: "Sendo assim, a palavra no livro de Atos é outro exemplo da nomenclatura local correta comparável aos politarcos em Tessalônica".[674]

O nome do oficial era **Públio**. Ele **nos recebeu** — "nos deu as boas-vindas" — **e hospedou** — "acolheu" — **benignamente** — grego, *philophronos*, que significa "gentilmente, com amizade" — **por três dias**. "Talvez a sugestão seja que depois destes três dias eles foram para a cidade no interior da ilha".[675]

O pai de Públio estava acamado com **febres** (8) — plural em grego, talvez sugerindo "ataques intermitentes de febre"[676] — e **disenteria** (em grego, *dysenterion*). **Paulo... havendo orado, pôs as mãos sobre ele e o curou**.

O resultado foi que **vieram** — "estavam vindo" (imperfeito) — **também ter com ele os demais** — lit., "o resto das pessoas da ilha" — **que na ilha** (9) **tinham enfermidades** — lit., "fraquezas" ou "debilidades", e portanto "doenças" — **e sararam** — "foram curados" (NASB). Esta é uma palavra diferente para **sarar** no versículo 8. Aqui é *therapeuo*, a base de muitos termos médicos e psicológicos.

Barclay faz uma observação apropriada neste ponto. Ele observa que, embora Paulo tivesse o dom de curar, ele mesmo teve de suportar "o espinho na carne". Barclay diz: "ele curava outras pessoas, embora não pudesse curar a si mesmo. Como o seu Mestre em outro sentido, "salvou outros quando não pôde salvar-se a si mesmo".[677] Ele também dá um exemplo interessante: "Beethoven, por exemplo, deu ao mundo uma música imortal, enquanto ele mesmo, sendo surdo, nunca ouviu".[678] Isto é criatividade sem egoísmo.

Como um agradecimento pelo ministério de cura de Paulo, as pessoas de Malta, diz Lucas, **nos distinguiram também com muitas honras** (10). Lumby comenta: "Sem dúvida, estavam incluídos presentes como dinheiro e coisas que seriam necessárias para os viajantes que tinham perdido tudo no naufrágio".[679] Quando o grupo par-

tiu, **nos proveram das coisas necessárias**, ou seja, forneceram ao grupo amplas provisões para o restante da viagem até à Itália. As quase trezentas pessoas no grupo tinham uma dívida muito grande para com Paulo, que, sob a orientação de Deus, tinha tornado tudo isto possível — a sua própria sobrevivência e agora as provisões para as suas necessidades.

3. *De Malta a Roma* (28.11-16)

O tempo passado na ilha de Malta foi **três meses** (11), provavelmente novembro, dezembro e janeiro. Durante esta época, não havia navegação no Mediterrâneo. Plínio, em seu livro *Natural History* (ii. 47), diz que a navegação começou no dia 7 de fevereiro, com a chegada da primavera.[680] Outro autor romano, Vegécio, declara que os mares estavam fechados de 11 de novembro até 5 de março, e eram perigosos desde 14 de setembro.[681] É óbvio que havia alguma divergência de opinião sobre a duração exata da estação de navegação. Mas todos concordam que durante novembro, dezembro e janeiro não era seguro aventurar-se no Mediterrâneo. Josefo fala de mensageiros enviados de Roma à Palestina que "foram surpreendidos por uma tempestade e ficaram detidos no mar durante três meses".[682]

Ao final de três meses em Malta, Lucas diz: **partimos** — "embarcamos num navio" (NASB) — **num navio de Alexandria** — outro navio que levava trigo do Egito à Itália, como aquele que tinha naufragado (cf. 27.6) — **que invernara na ilha** — provavelmente no porto principal de Valetta. **O qual tinha por insígnia Castor e Pólux.** Estas são somente duas palavras em grego. A primeira é um adjetivo que significa "marcado com um sinal", aqui usado como um substantivo", "figura de proa".[683] A segunda é *Dioskouroi*, que significa "Os irmãos gêmeos". Assim, uma possível tradução é: "Que tinha os irmãos gêmeos como sua figura de proa" (NASB). A referência é aos dois filhos de Zeus, Castor e Pólux. Estes deuses gêmeos "eram objeto favorito de adoração dos marinheiros, que a eles pediam ajuda em ocasiões de tempestade".[684] Aparentemente, as imagens eram esculpidas de cada lado da proa do navio; **Castor** de um lado e **Pólux** do outro.

Aparentemente, o navio partiu de Malta em fevereiro. Ramsay sugere: "Como o outono era normalmente tempestuoso, é provável que o tempo mais agradável tivesse começado mais cedo".[685] Evidentemente, um constante vento sul começou a soprar, pois eles navegaram quase que diretamente para o norte até **Siracusa** (ver o mapa 3) — "Há não mais de um dia de viagem de Malta"[686] (cerca de oitenta milhas náuticas). **Siracusa** (12), na costa leste da Sicília, era o principal porto e a principal cidade daquela ilha. Ali eles permaneceram durante **três dias**, supostamente porque o vento favorável tinha cessado.

De Siracusa, eles prosseguiram **costeando** (13)[687] — "fizeram uma curva" (RSV) ou "deram a volta" (Phillips) — e chegaram a **Régio**. Esta era uma cidade na extremidade sul da Itália, cerca de onze quilômetros do outro lado do estreito de Messina, na Sicília. Parece que, depois de esperar em vão durante três dias em Siracusa, que o vento sul soprasse novamente, finalmente partiram e tomaram um vento nordeste, fazendo uma viagem mais longa até Régio.

Mas ali foram favorecidos. **Soprando, um dia depois** — de um atraso adicional em Régio — **um vento do sul, chegamos no segundo dia a Putéoli**, "tendo percorrido uma distância de cerca de quase 180 milhas náuticas em menos de dois dias".[688] Nave-

gando a favor do vento, desfrutavam um tempo excelente. Smith escreve: "Putéoli era então, como é agora, a parte mais abrigada da baía de Nápoles. Era o principal porto do sul da Itália e... um grande empório para os navios de trigo de Alexandria".[689]

Em Putéoli... **achando alguns irmãos** (14). Isto foi provavelmente um grande conforto para Paulo, Lucas e Aristarco, que provavelmente não tinham visto outros cristãos em seis meses. O centurião graciosamente permitiu que Paulo passasse uma semana com esses crentes. Em lugar de **nos rogaram** — lit., "imploraram" (a palavra também pode significar "confortaram") — alguns manuscritos apresentam: "Estavam confortados, porque ficamos".

E depois nos dirigimos a Roma é literalmente "e assim chegamos a Roma" (NASB). O texto parece um pouco estranho, quando comparado a "logo que chegamos a Roma" (16). Ramsay opina que **Roma** significa todo o distrito em 14, mas a cidade propriamente dita em 16.[690] Mas Lake e Cadbury rejeitam esta teoria por causa da expressão **de lá** (de Roma), no versículo 15. Eles sugerem uma interpretação mais simples e satisfatória: "Portanto o provável significado é simplesmente: 'E de Putéoli fomos diretamente a Roma'".[691] E acrescentam: "Depois desta afirmação geral, na qual *houtos* **[depois]** enfatiza o cumprimento da profecia, o autor prossegue dando detalhes deste último estágio da viagem".[692]

Sobre a frase "Logo que chegamos a Roma", Knowling faz esta pertinente observação: "Existe um tipo de triunfo nas palavras. Como um imperador que lutou e venceu uma batalha naval, Paulo entrou naquela cidade imperial; ele nunca tinha estado mais perto da sua coroa; Roma o recebeu atado e viu-o coroado e proclamado vencedor".[693]

As palavras **e depois nos dirigimos a Roma** poderiam ser a base de um sermão sobre "o preço da obediência", onde poderíamos observar: 1. O panorama (19-21; cf. Rm 1.15); 2. A promessa (23.11); 3. O preço (em Jerusalém, em Cesaréia e no mar). Mas finalmente **chegamos a Roma** (16). Definitivamente, independentemente dos problemas no caminho, todas as almas obedientes atingem o destino indicado por Deus. Isto se aplica tanto aos objetivos nesta vida como em relação à nossa morada eterna.

A distância entre Putéoli e Roma era de aproximadamente 224 quilômetros, uma jornada razoavelmente longa para aqueles dias. Mas alguns dos irmãos (15) em Roma, tendo sabido da chegada de Paulo à Itália, lhes **saíram ao encontro à Praça de Ápio**, a 69 quilômetros de Roma na antiga via Ápia. Outros cristãos juntaram-se ao grupo em **Três Vendas**, a 53 quilômetros de Roma.

A respeito de **encontro** — lit., "para um encontro" — Bruce escreve: "*Apantesis* parece ser um tipo de termo técnico para a recepção oficial de um dignitário recém-chegado por uma delegação que saía da cidade para encontrá-lo e escoltá-lo; portanto, existe um profundo significado no uso desta palavra para descrever a recepção oferecida a Paulo pela igreja romana".[694]

Paulo, vendo os cristãos que tinham vindo encontrá-lo**, deu graças a Deus e tomou ânimo**. O apóstolo pode ter imaginado que tipo de recepção ele teria por parte da igreja romana. Se ele tivesse alimentado quaisquer dúvidas ou medos, teriam sido rapidamente dissipados pela calorosa recepção que lhe foi dada. A presença destes crentes amistosos deve ter trazido grande conforto para o apóstolo.

Logo que chegamos a Roma (16) — mais apropriadamente "quando entramos em Roma" (NASB) — **o centurião entregou os presos ao general dos exércitos**. Prova-

velmente era o comandante da guarda pretoriana. Como um favor especial para o seu extraordinário prisioneiro, a **Paulo se lhe permitiu morar por sua conta, com o soldado que o guardava**. Podemos ter certeza de que o centurião tinha recomendações sobre Paulo. A carta que Festo enviou também indicaria que Paulo não era um criminoso perigoso.

O último **nós** (subentendido aqui) do livro aparece aqui. Lake e Cadbury observam: "O versículo 16 encerra as 'seções — nós', e o autor adiciona um parágrafo de conclusão, resumindo os dois anos seguintes, que Paulo passou em Roma".[695]

L. ROMA, 28.17-31

1. *A Reunião com os Líderes Judeus* (28.17-22)

Três dias depois (17) — provavelmente passados em visitas dos cristãos que tinham vindo para vê-lo — **Paulo convocou os principais dos judeus**. Cláudio tinha decretado o desterro de todos os judeus de Roma (18.2), mas está claro que muitos tinham retornado. O apóstolo estava dando continuidade, mesmo em Roma, a sua política de ministrar primeiramente aos judeus.

A estes líderes judeus locais, ele disse que embora não tivesse **feito nada contra o povo ou contra os ritos paternos**, ainda assim acabou sendo... **entregue nas mãos dos romanos**. Quando **examinado** por eles, ele poderia ter sido libertado (18), mas quando os judeus pareciam determinados a vê-lo morto, ele tinha apelado a César (19). Então ele acrescentou: **não tendo, contudo, de que acusar a minha nação**. O que ele evidentemente quer dizer é que estava completamente na defensiva nos seus julgamentos perante Félix e Festo; ele não trouxe acusações contra aqueles que o tinham acusado. Os judeus ainda eram o seu povo.

Paulo então anunciou a razão pela qual tinha desejado falar com eles: **porque pela esperança de Israel estou com esta cadeia** (20). Esta era a esperança messiânica e a fé na ressurreição (cf. 23.6; 26.6-8).

Em resposta, os líderes judeus de Roma disseram que eles não tinham recebido nenhuma carta de Jerusalém a respeito dele, nem alguma informação de alguém da Judéia contra ele (21). Isto parece um pouco surpreendente, devido aos dois anos que Paulo passou na prisão em Cesaréia. Bruce faz uma sugestão útil: "A lei romana era severa contra os acusadores malsucedidos; é provável, portanto, que eles tenham abafado o caso".[696]

Os judeus queriam ouvir Paulo falar por si mesmo (22). Tudo o que eles sabiam era que **quanto a esta seita** (*hairesis*; cf. 5.17; 15.5; 24.5, 14) **notório nos é que em toda parte se fala contra ela**.

2. *A Rejeição de Jesus* (28.23-29)

Foi definido um dia em que Paulo pudesse explicar a sua posição religiosa (23). No dia indicado, **muitos** foram ter com ele **à pousada**, ou "como seus convidados" (NEB). A eles, **declarava** — "explicava" — **com bom testemunho** — lit., "confirmava com o seu testemunho"[697] — **o Reino de Deus**. Ele tinha um conhecimento original do Reino em seu próprio coração.

Desde pela manhã até à tarde, Paulo discursou e procurou **persuadi-los à fé de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas**. Esta deve ter sido uma exposição magnífica, superada apenas por aquela que o próprio Senhor Jesus fez aos discípulos a caminho de Emaús (Lc 24.27).

Como sempre, a resposta foi mesclada: **alguns criam** — lit., "foram persuadidos" — **no que se dizia, mas outros não criam** (24). Mesmo na atualidade, o pregador do Evangelho passa pela mesma reação dupla por parte dos seus ouvintes. Maclaren nos lembra que "cada um de nós pertence a uma ou a outra dessas duas classes",[698] e prossegue: "O mesmo fogo derrete a cera e endurece a argila; a mesma luz é alegria para os olhos sadios e agonia para os enfermos; a mesma palavra tem sabor de vida para a vida, e sabor de morte para a morte; o mesmo Cristo existe para a queda e para a ressurreição dos homens, e é para alguns a fundação segura sobre a qual eles constroem com segurança — mas para outros a pedra sobre a qual eles tropeçam e se machucam, e que, quando cai sobre eles, os reduz a pó".[699]

Quando os judeus começaram a discutir entre si, Paulo lhes disse **esta palavra**: **Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías** (25). Este é um dos muitos testemunhos que o Novo Testamento dá sobre a inspiração e autoridade divinas do Antigo Testamento.

A citação dos versículos 26 e 27 é de Isaías 6.9-10. Paulo já a tinha usado em Romanos 11.8. De maneira semelhante, Jesus aplicou-a aos judeus que o rejeitaram (Mt 13.13-15; ver BBC, VI, 132-33).

A seguir, Paulo repetiu uma declaração que ele tinha feito, em essência, em duas ocasiões anteriores (cf. 13.46; 18.6). Ele disse: **Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão** (28). Bruce comenta: "Assim, enquanto o livro de Atos registra a expansão do Evangelho entre os gentios, também registra progressivamente a rejeição dele pela maior parte da nação judaica".[700]

O versículo 29 não está presente nos manuscritos gregos mais antigos. Por essa razão, ele também tem sido omitido por várias versões atuais (ERV, ASV, RSV, NEB, NASB).

3. *Dois Anos em Roma* (28.30-31)

Por que o livro de Atos termina com a menção de Paulo passando dois anos na prisão em Roma? A dedução mais natural é que ele foi libertado no final dos **dois anos inteiros** (30). Alguns pensam que ele pode ter sido absolvido. Por exemplo, Ramsay escreve: "O fato de que ele foi absolvido é uma exigência, tanto por parte das evidências em *Atos*... quanto por outras razões bem fundamentadas e propostas por outros".[701] No entanto, em um artigo posterior, Ramsay adotou a opinião de Lake,[702] fornecida a seguir. Lake sugere que os acusadores judeus deixaram de aparecer, e assim Paulo foi libertado. Ele especula — não há um conhecimento seguro sobre este ponto — que dois anos pudessem ser o limite legal para manter um prisioneiro à espera de julgamento.[703] Bruce conclui: "Depois de dois anos, o caso provavelmente prescrevia".[704] De acordo com isto, Winn diz: "Não é improvável que o caso tenha prescrito por falta de acusação".[705]

Durante estes dois anos, **Paulo ficou na sua própria habitação que alugara**. Lake e Cadbury preferem a expressão "às suas próprias custas" (cf. RSV, NEB). Eles dizem: "Não existem evidências de que *misthoma* signifique 'uma casa alugada' (AV)".[706]

Paulo **recebia todos quantos vinham vê-lo, pregando** (30-31) — "proclamando" — **o Reino de Deus e ensinando as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo**. Assim, o seu ministério era uma combinação de pregação e de ensino. Ele fazia isto **com toda a liberdade**. O substantivo grego *parresia* é uma palavra interessante (cf. 4.13,29,31), e significa: "1. *Falar abertamente, franqueza, objetividade* no falar, que não esconde nada e não ignora nada... 2. 'Abertura' algumas vezes leva à *abertura ao público*, diante de quem ocorre o falar e o agir... 3. *Coragem, confiança, ousadia, destemor*, especialmente na presença de pessoas de nível elevado".[707]

Sem impedimento algum é uma única palavra em grego, um advérbio que significa "sem nenhum obstáculo".[708] Arndt e Gingrich traduziram as duas últimas frases como "bastante abertamente e sem obstáculos".[709] Este foi o triunfo final de Paulo no livro de Atos. Ele tinha se erguido corajosamente diante de Félix, de Festo e de Agripa, testemunhando destemidamente a favor de seu Senhor. Agora, como um prisioneiro romano, ainda pregava o Evangelho eterno. Ele não tinha a liberdade de sair, mas ministrava a todos aqueles que vinham a ele.

Desta cena final do livro de Atos, dois pontos significativos são sugeridos por Alexander Maclaren: 1. Os caminhos inesperados e nem sempre bem-vindos de Deus para realizar os nossos desejos, e os seus propósitos. Paulo desejou durante um longo tempo pregar em Roma (Rm 15.23), mas ele não teria escolhido esta maneira de ir até lá — como um prisioneiro acorrentado. "A fúria judaica, os ardis do estado e a permanência da lei romana, dois anos em uma prisão, uma viagem em meio a uma tempestade, um naufrágio, acabaram por conduzi-lo ao seu objetivo tão desejado, por tanto tempo". 2. A equivocada estimativa de grandeza do mundo. Maclaren escreve: "Quem era o maior homem em Roma naquela época? Não o César, mas o pobre prisioneiro judeu".[710]

Como o propósito de Lucas era descrever a divulgação do Evangelho, desde Jerusalém até Roma, ele termina com um breve resumo do ministério de Paulo nesta cidade imperial. Não conhecemos o motivo por que ele interrompe o livro aqui. Qualquer resposta seria somente especulação.

Alguns opinam que Lucas pretendia escrever um terceiro volume. Mas isto é duvidoso. Outros opinam que Paulo foi executado. Mas isto não combina facilmente com o silêncio de Lucas a esse respeito. A conclusão mais natural é que Paulo foi libertado e Lucas simplesmente terminou a história.

Notas

INTRODUÇÃO

[1]Robert M. Grant, *A Historical Introduction to the New Testament* (Nova York: Harper & Row, 1963), pp. 141-42.

[2]"Muratorian Canon", *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*. Ed. Samuel M. Jackson, VIII (Grand Rapids: Baker Book House, 1950 reimpressão]), 56.

[3]W. K. Hobart, *The Medical Language of St. Luke* (Grand Rapids: Baker Book House, 1954 reimpressão]).

[4]Adolph Harnack, *Luke the Physician*. Trad. J. R. Wilkinson (Londres: Williams & Norgate, 1907), p. 198.

[5]Theodor Zahn, *Introduction to the New Testament*. Trad. John Trout, *et al.* (Grand Rapids: Kregal Publications, 1953 reimpressão]), III, 146.

[6]James Moffatt, *An Introduction to the Literature of the New Testament* (terceira edição; Nova York: Charles Scribner´s Sons, 1918), p. 298.

[7]Henry J. Cadbury, *The Making of Luke-Acts* (Nova Iorque: Macmillan Co., 1927), p. 358.

[8]H. D. A. Major, T. W. Manson e C. J. Wright, *The Mission and Message of Jesus* (Nova York: E. P. Dutton & Co., 1938), p. 253.

[9]Alfred Wikenhauser, *New Testament Introduction*. Trad. Joseph Cunningham (Nova York: Herder & Herder, 1958), p. 209.

[10]*Ibid.*, p. 342.

[11]John Knox, *Marcion and the New Testament* (Chicago: University of Chicago Press, 1942), p. 121.

[12]*Op. cit.*, p. 312.

[13]Edgar J. Goodspeed, *An Introduction to the New Testament* (Chicago: University of Chicago Press, 1937), p. 196.

[14]E. F. Scott, *The Literature of the New Testament* (Nova York: Columbia University Press, 1936), p. 94.

[15]*Op. cit.*, III, 159.

[16]Adolph Harnack, *The Acts of the Apostles*. Trad. J. R. Wilkinson (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1909), p. 297. Cf. também a obra do mesmo autor, *The Date of the Synoptic Gospels*. Trad. J. R. Wilkinson (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1911), p. 99.

[17]C. C. Torrey, *The Composition and Date of Acts* (Cambridge: Harvard University Press, 1916), p. 68.

[18]T. Henshaw, *New Testament Literature* (Londres: George Allen e Unwin, 1952), p. 185.

[19]F. B. Clogg, *An Introduction to the New Testament* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1937), p. 247.

[20]Kirsopp Lake e Silva Lake, *An Introduction to the New Testament* (Nova York: Harper & Brothers, 1937), p. 66.

SEÇÃO I

[1]Albert C. Winn, "The Acts of the Apostles", *The Layman's Bible Commentary*, ed. Balmer H. Kelly, XX (Richmond, Virginia: John Knox Press, 1960), 19.

[2]J. Rawson Lumby, *The Acts of the Apostles* ("Cambridge Greek Testament"; Cambridge: University Press, 1885), p. 80.

[3]*Ibid.*

[4]E. M. Blaiklock, *The Acts of the Apostles* (The Tyndale New Testament Commentaries": Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959), p. 49.

[5]Ver Kirsopp Lake e Henry J. Cadbury em *The Beginnings of Christianity*, Parte I, The Acts of the Apostles, ed. F. J. Foakes Jackson e Kirsopp Lake, IV (Londres: Macmillan & Co., 1933), 3. A partir deste ponto, mencionado como *Beginnings*.

[6]F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles* (Chicago: Inter-Varsity Christian Fellowship, 1952), p. 66.

[7]David H. Wheaton, "Passion", *Baker's Dictionary of Theology*, ed. E. F. Harrison (Grand Rapids: Baker Book House, 1960), p. 395. Ver também Alan Richardson (ed.), *A Theological Word Book of the Bible* (Londres: SCM Press, 1950), p. 163.

[8]G. Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (2 ed.: Edinburgh: T. & T. Clark, 1923), p. 441.

[9]Joseph H. Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (edição corrigida: Nova York: Americam Book Co., 1889), p. 617.

[10]W. F. Arndt e F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 1957), p. 815.

[11]*Beginnings*, IV, 5.

[12]C. S. C. Williams, *A Commentary on the Acts of the Apostles* ("Harper's New Testament Commentaries"; Nova York: Harper & Brothers, 1957), p. 54. Para uma completa defesa desta opinião, cf. C. R. Bowen, *Studies in the New Testament*, ed. R. J. Hutcheson (Chicago: University of Chicago Press, 1936), pp. 89-109.

[13]*Op. cit.*, p. 156.

[14]R. B. Rackham, *The Acts of the Apostles* (8 ed.; "Westminster Commentaries"; Londres: Methuen & Co., 1919), p. 5.

[15]*Op. cit.*, p. 55.

[16]F. Blass e A. Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trad. e rev. por Robert W. Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), p. 120.

[17]At 1.6; 2.41; 5.41; 8.4, 25; 11.19; 15.3,30.

[18]At 1.18; 9.31; 11.5; 13.4; 16.5.

[19]*Op. cit.*, p. 56.

[20]*Op. cit.*, p. 83.

[21]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 226.

[22]*Ibid.*

[23]R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 reimpressão), p. 211.

[24]*Op. cit.*, p. 70.

[25]*Op. cit.*, p. 22.

[26]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 161.

[27]Hermann Cremer, *Biblico-Theological Lexicon of New Testament Greek*, trad. William Urwick (Edinburgh: T. & T. Clark, 1878), pp. 236-37.

[28]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 206.

[29]Henry Alford, *The Greek Testament*, rev. E. F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1958), II, 4.

[30]Joseph A. Alexander, *Commentary on the Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1956 reimpressão), p. 12.

[31]*Op. cit.*, p. 22.

[32]R. J. Knowling, "The Acts of the Apostles", *The Expositor's Greek Testament*, ed. W. R. Nicoll (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., n.d.), II, 57.

[33]*Ibid.*, p. 58.

[34]A. W. F. Blunt, *The Acts of the Apostles* ("The Clarendon Bible"; Oxford: Clarendon Press, 1923), p. 133.

[35]Rackham, *op. cit.*, p. 9.

[36]W. R. Farmer, *Maccabees, Zealots and Josephus* (Nova York: Columbia University Press, 1956), p. 189.

[37]**E súplicas** não aparece nos mais antigos manuscritos gregos.

[38]Também usada por Paulo (Rm 12.12; 13.6; Cl 4.2) e Marcos (3.9).

[39]A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, III (Nova York: Richard R. Smith, 1930), 14.

[40]*Op. cit.*, p. 74.

[41]J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Galatians* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.), pp. 88-128.

[42]Ver também os comentários sobre Mt 13.55.

[43]Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. James* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 reimpressão), pp. v-lxv. Ver também Samuel Andrews, *The Life of Our Lord upon the Earth* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 reimpressão), pp. 111-123.

[44]J. H. Moulton e George Milligan, *The Vocabulary of the Greek Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), p. 451.

[45]*Beginnings*, IV, 12.

[46]*Ibid.*

[47]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 107.

[48]Ver *Beginnings*, V, 22-30.

[49]EGT, II, 65.

[50]H. B. Hackett, *A Commentary on the Acts of the Apostles* (ed. rev.; Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1882), p. 37, n.3.

[51]EGT, II, 65.

[52]*Beginnings*, IV, 57.

SEÇÃO II

[1]*Op. cit.*, p. 15.

[2]O verbo grego só é usado por Lucas, aqui e em Lc 2.22; 9.51.

[3]Também Hackett, *op. cit.*, p. 41; *Beginnings*, IV, 16; Bruce, *op. cit.*, p. 81.

[4]Também Knowling, EGT, II, 71.

[5]*Op. cit.*, III, 20.

[6]R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1944), p. 56.

[7]Os judeus têm um calendário lunar — todos os meses se iniciam na lua nova. Por isso, a nossa Páscoa (datada pela Páscoa deles) varia entre março e abril em nosso calendário solar.

[8]G. T. Purves, "Pentecost", *A Dictionary of the Bible,* ed. James Hastings, III (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1900), 742.

[9]Henry E. Dosker, "Pentecost", *The International Standard Bible Encyclopedia,* ed. James Orr (ed. rev., Chicago: Howard-Severance Co., 1929), IV, 2318.

[10]F. J. Foakes-Jackson, *The Acts of the Apostles* ("The Moffatt New Testament Commentary"; Nova York: Harper & Brothers, 1931), p. 10.

[11]A. W. F. Blunt, "Pentecost, Feast of", rev. D. R. Jones, *Dictionary of the Bible,* ed. James Hastings (ed. rev.; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1963), p. 748.

[12]Em grego, *exodos*, "saída, partida", Lc 9.31 (traduzido como "morte" na versão KJV).

[13]Por exemplo, Bruce, *op. cit.*, p. 81.

[14]*Op. cit.*, p. 58.

[15]A forma grega do particípio pode ser média ou passiva. Robertson (III, 21) é favorável à forma média — "distribuindo-se".

[16]*Op. cit.*, p. 42.

[17]EGT, II, 72.

[18]*Op. cit.*, p. 54.

[19]VGT, p. 338.

[20]*Op. cit.*, p. 64.

[21]*Op. cit.*, p. 94.

[22]*Ibid.*

[23]*Beginnings*, IV, 18.

[24]G. V. Lechler, "Acts" (Exegesis), *Commentary on the Holy Scriptures*, ed. J. P. Lange, (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.), p. 33.

[25]*Op. cit.*, II, 17-18.

[26]*Op. cit.*, p. 83.

[27]Henry G. Liddell e Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*, rev. Henry S. Jones (Oxford: Clarendon Press, 1940), p. 401.

[28]*Op. cit.*, pp. 48-49.

[29]O fato de os galileus poderem ser reconhecidos pelo seu sotaque distinto é indicado em Mt 26.73; Mc 14.70; Lc 22.59.

[30]Bruce, *op. cit.*, p. 84.

[31]EGT, II, 75.

[32]*Op. cit.*, p. 66.

[33]*Beginnings*, IV, 19. Blunt (*op. cit.*, p. 138) diz: "Esta pode ser uma referência à Palestina e à Síria de língua aramaica, uma vez que a lista é mais de línguas do que de áreas".

[34]EGT, II, 75.

[35]*Ant.* XIV. 7.2.

[36]Emil Schuerer, *A History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1885), II, ii, 232.

[37]F. F. Bruce, *Commentary on the Book of Acts* ("The New International Commentary on the New Testament"; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), p. 63. Deste ponto em diante mencionado como NIC.

[38]*Op. cit.*, p. 67.

[39]*Beginnings*, V, 77-88.

[40]É estranho, mas a versão KJV traduz a mesma palavra grega, no texto em inglês, como "Cretas" aqui, e como "Cretanos" em Tt 1.12. A forma correta é "Cretenses".

[41]EGT, II, 76.

[42]*Beginnings*, IV, 19.

[43]*Acts*, p. 86.

[44]E. H. Plumptre, "The Acts of the Apostles", *Commentary on the Whole Bible*, ed. C. J. Ellicott (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), VII, 9.

[45]"Cheios" significa literalmente "com o tanque cheio" (Robertson, *op. cit.*, III, 25).

[46]*Beginnings*, IV, 20.

[47]*Ibid.*

[48]Citado em Bruce, *Acts*, NIC, p. 65, n. 37.

[49]E. G. Selwyn, *The First Epistle of Peter* (2. ed.; Londres: Macmillan & Co., 1947), pp. 33-34.

[50]Veja Cadbury, *op. cit.*, pp. 184-90.

[51] G. H. C. Macgregor, "The Acts of the Apostles" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, ed. G. A. Buttrick, *et al.*, IX (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1954), 41.

[52]*Op. cit.*, p. 33.

[53]*Beginnings*, IV, 21.

[54]*Ibid.*

[55]*Ibid.*

[56]*Op. cit.*, p. 100.

[57]*Ibid.*

[58]*Op. cit.*, p. 33.

[59]John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, trad. A. R. Fausset, 5 vols (4. ed.; Edinburgh: T. & T. Clark, 1860), II, 527.

[60]*Ibid.*, pp. 527-28.

[61]EGT, II, 81.

[62]VGT, p. 60.

[63]*Beginnings*, IV, 23.

[64]A expressão "Levantaria o Cristo" não aparece nos mais antigos manuscritos gregos, embora o significado esteja claramente implicado pelo contexto.

[65]A Septuaginta usa *kyrios* (Senhor) para o Yahweh hebraico (Jeová).

[66]Robertson, *op. cit.*, III, 34.

[67]*Ibid.*, III, 36.

[68]A expressão "a igreja" não consta nos mais antigos manuscritos gregos, embora este seja o significado óbvio da frase.

[69]*Ant.* XIV, 4.3.

[70]*Op. cit.*, II, i, 290.

[71]*Ibid.*

[72]*War* V. v. 3.

[73]As palavras "levanta-te e"... não constam nos manuscritos gregos mais antigos. Algumas das traduções mais recentes, portanto, apresentam um imperativo forte, por exemplo: "Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno — anda!" (NASB).

[74]Hobart, *op. cit.,* pp. 34-36.

[75]EGT, II, 106.

[76]*Ant.* XX. 9. 7.

[77]*Op. cit.*, p. 609.

[78]*Ibid.*, p. 610.

[79]*Acts*, pp. 107-8.

[80]*Op. cit.*, p. 63.

[81]*Op. cit.*, II, 37.

[82]VGT, p. 63.

[83]*Ant.* XI. 3. 8.

[84](Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), I, 391.

[85]*Op. cit.*, p. 116.

[86]*Ibid.*, p. 117.

[87]*Ibid.*

[88]*Op. cit.*, II, i, 258.

[89]*Ibid.*, p. 259.

[90]Para a origem deste grupo, ver os comentários sobre Mt 3.7.

[91]Robertson, *Word Pictures*, III, 49.

[92]VGT, p. 153.

[93]*War* V. 4. 2.

[94]Veja *Beginnings*, V, 474.

[95]*Ibid.*, I, 34.

[96]*Acts*, p. 119.

[97]Isto é demonstrado pelo fato de que "vós", ou "vocês", está no final da sentença em grego — "pessoas como vocês" (Bruce, *Acts*, p. 120).

[98]J. A. Alexander, *Commentary on the Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1956. Reimpressão]), p. 137.

[99]NIC, p. 99, n. 16.

[100]*Op. cit.*, p. 138.

[101]Sobre a palavra grega para "devamos", Lumby diz: "*Dei* implica a necessidade de procurar a nossa salvação neste nome, se nós quisermos encontrá-la" (*op. cit.*, p. 126).

[102]*Word pictures*, III, 52.

[103]Alexander, *op. cit.*, p. 146.

[104]*Acts*, p. 122.

[105]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 213.

[106]*Ibid.*

[107]Se surgir a pergunta sobre como esta conversação (16-17) ficou conhecida, a resposta simples é que o jovem fariseu, Saulo, pode muito bem ter estado presente nas sessões do Sinédrio (cf. Schuerer, *op. cit.*, II, i, 193ss.).

[108]*Op. cit.*, p. 165.

[109]Adolph Deissmann demonstrou que multidão significa "comunidade" (*Bible Studies*, trad. por A. Grieve [Edinburgh: T. & T. Clark, 1901], pp. 232-33).

[110]*Beginnings*, IV, 49.

[111]G. H. C. Macgregor, "The Acts of the Apostles" (Exegese), *The Interpreter's Bible*, ed. G. A. Buttrick, *et al.*, IX (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1954), 73.

[112]Joseph Klausner, *From Jesus to Paul*, trad. do hebraico por W. F. Stinespring (Nova York: Macmillan Co., 1943), pp. 289-90.

[113]*Beginnings*, IV, 50.

[114]*Op. cit.*, p. 37.

[115]EGT, II, 142.

[116]*Acts*, p. 134.

[117]F. F. Bruce, "The Acts of the Apostles", *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 905. Mencionado como NBC.

[118]NIC, p. 114.

[119]*Op. cit.*, p. 134.

[120]*Ibid.*, p. 135.

[121]Veja a nota de rodapé sobre 2.47.

[122]Adolph Deissmann, *Light from the Ancient East*, trad. por L. R. M. Strachan (Nova York: George H. Doran Co., 1927), p. 112.

[123]Karl Ludwig Schmidt, "The Church", *Bible Key Words*, trad. por J. R. Coates (Nova York: Harper & Brothers, 1951), p. 24.

[124]*Ibid.*, p. 25.

[125]*Acts*, p. 136.

[126]IB, IX, 79.

[127]*Op. cit.*, p. 140.

[128]*Op. cit.*, p. 116.

[129]NIC, p. 118.

[130]*Op. cit.*, p. 141.

[131]A palavra grega é *zelos*, de onde vem a palavra "zelo". Mas em dez das suas dezessete aparições no Novo Testamento ela claramente leva a conotação negativa de "ciúme" ou "inveja".

[132]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 104.

[133]*Ibid.*

[134]*Beginnings*, IV, 15.

[135]*Ibid. Gerousia* aparece somente aqui no Novo Testamento.

[136]O sumo sacerdote não é mencionado aqui nos antigos manuscritos gregos, embora as palavras sejam autênticas no versículo 17.

[137]A questão no início de 28 pode também ser traduzida como uma declaração (cf. ASV, RSV, NEB).

[138]A ordem específica: **Não vos admoestamos nós expressamente...** pode significar "fazer uma injunção" (VGT, p. 480).

[139]Hackett, *op. cit.*, p. 81.

[140]*Acts*, p. 143.

[141]Alexander (*op. cit.*, p. 228) faz esta combinação, quando comenta: "*Com a sua destra*, exercendo o seu poder, e *pela sua destra*, *i.e.*, na extensão do poder e da dignidade ligados a ela".

[142]*Ibid.*, p. 229.

[143]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 70.

[144]T. E. Page, *Acts of the Apostles* (Londres: Macmillan & Co., 1887), p. 114.

[145]A palavra **seu**, que aparece em algumas versões, não consta no melhor texto grego.

[146]EGT, II, 155.

[147]*Ibid.*

[148]Para a origem da palavra, ver os comentários sobre Mt 3.7 (BBC, VI, 46-47).

[149]*Acts*, p. 145.

[150]*Ant.* XVIII. 1. 4.

[151]Schuerer, *op. cit.*, II, i, 364.

[152]*Ant.* XX. 5. 1.

[153]EGT, II, 158.

[154]*War* II. 8. 1.

[155]*Ant.* XVII. 10. 4.

[156]*Ibid.*

[157]O primeiro **se** é *ean* com o subjuntivo; o segundo **se** é *ei* com o indicativo. Isto mostra que Lucas aceitava a segunda condição como verdadeira. No entanto, é provável que Gamaliel falasse em aramaico, onde esta distinção não existe necessariamente.

[158]*Op. cit.*, p. 150.

[159]*Beginnings*, V, 376.

[160]Bruce, *Acts*, p. 151.

[161]*Ibid.*

[162]*Ibid.*

[163]*Beginnings*, IV, 64.

[164]EGT, II, 166.

[165]*Op. cit.*, p. 153.

[166]*Ibid.*

[167]Alexander, *op. cit.*, p. 243.

[168]EGT, II, 169.

[169]VGT, p. 691.

[170]*Acts*, p. 152.

[171]*Beginnings*, IV, 65.

[172]Veja Nm 27.18; Dt 34.9.

[173]W. M. Ramsay, *St. Paul the traveler and the Roman Citizen* (Grand Rapids: Baker Book House, 1949. Reimpressão]), p. 375.

[174]*Agains Apion*, II, 8.

[175]*Op. cit.*, p. 155.

[176]Para a origem da palavra, ver os comentários sobre Mt 4.23 (BBC, VI, 62-63).

[177]*Op. cit.*, II, i, 49.

[178]*Ibid.*, II, ii, 57, n. 44.

[179]*Op. cit.*, p. 109.

[180]*Op. cit.*, p. 87.

[181]*Op. cit.*, p. 118.

[182]EGT, II, 174.

[183]*Op. cit.*, p. 35.

[184]John Calvin, *Commentary upon the Acts of the Apostles*, ed. Henry Beveridge (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949 [reimpressão]), I, 241.

[185]*Acts* p. 156.

[186]*Op. cit.*, p. 250.

[187]*Op. cit.*, p. 155.

[188]Veja o comentário sobre 2.10.

[189]EGT, II, 175.

[190]Lumby, *op. cit.*, p. 156.

[191]*Beginnings*, IV, 68-69.

[192]*Op. cit.*, p. 157.

[193]*Acts*, p. 161.

[194]*Beginnings*, IV, 70.

[195]*Op. cit.*, p. 256.

[196]*Ibid.*

[197]*Ant.* II. 15. 2.

[198]*Ant.* II. 9.1; *War* V. 9. 4.

[199]*Beginnings*, IV, 72.

[200]*Sitia* (pl.) era usada em geral para "alimentos" ou "provisões".

[201]*Ant.* II. 7.4; VI. 5. 6.

[202]Henry J. Cadbury, *The Book of Acts in History* (Nova York: Harper & Brothers, 1955), p. 108, n. 36.

[203]*Op. cit.*, p. 164.

[204]Por exemplo, Hackett, *op. cit.*, p. 95; Lumby, *op. cit.*, p. 165.

[205]Bruce, *Acts*, p. 166.

[206]EGT, II, 185.

[207]*Op. cit.*, pp. 39-40.

[208]*Op. cit.*, p. 165.

[209]G. Ernest Wright e Floyd V. Filson (eds.), *Westminster Historical Atlas to the Bible* (Filadélfia: Westminster Press, 1945), p. 28.

[210]*Ibid.* (ed. rev., 1965), p. 15.

[211]W. F. Albright, "The Old Testament and Archaeology", *Old Testament Commentary*, ed. H. C. Alleman e E. E. Flack (Filadélfia: Muhlenberg Press, 1948), p. 141.

[212]*Ibid.*

[213]A mesma palavra é encontrada em Êx 1.11 (LXX) — "afligir".

[214]*Op. cit.*, p. 166.

[215]EGT, II, 186.

[216]*Op. cit.*, p. 119.

[217]*Acts*, p. 168.

[218]*Op. cit.*, p. 274.

[219]EGT, II, 187.

[220]*Op. cit.*, p. 167.

[221]*Op. cit.*, p. 274.

[222]*Ibid.*, pp. 274-75.

[223]*Op. cit.*, p. 280.

[224]A expressão **do Senhor** não aparece nas traduções recentes porque não consta no melhor texto grego. A ausência da expressão não questiona, de maneira alguma, o caráter deste visitante divino. Os fatos estão claros no relato do Antigo Testamento (Êx 3.1-22) e no versículo 31.

[225]*Op. cit.*, p. 284.

[226]Lumby, *op. cit.*, p. 168.

[227]*Op. cit.*, p. 288.

[228]Também *Beginnings*, IV, 79-80; Bruce, *Acts*, p. 173.

[229]*Beginnings*, IV, 79.

[230]Bruce, *Acts*, p. 174.

[231]*Ibid.*

[232]*Op. cit.*, p. 293.

[233]*Acts*, p. 175.

[234]*Ibid.*

[235]Alexander, *op. cit.*, p. 296.

[236]*Ibid.*, p. 298.

[237]*Acts*, pp. 176-77. No entanto, deve-se observar que alguns (por exemplo, Alexander, *op. cit.*, p. 300) têm objeções contra esta idéia de uma interrupção.

[238]*Op. cit.*, p. 172.

[239]*Ant.* XV. 5. 3.

[240]Alexander, *op. cit.*, p. 307.

[241]*Ibid.*

[242]A palavra **Deus** (que aparece em algumas versões em inglês, como por exemplo na AV, BBE, NKJV) não aparece nos textos gregos, como indicado pelos itálicos na versão KJV, NKJV, AV. A oração **Senhor Jesus, recebe o meu espírito** é um paralelo surpreendentemente à oração contida em Lucas 23.46.

SEÇÃO III

[1]Alexander, *op. cit.*, p. 314.

[2]*Ibid.*

[3]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 20.

[4]*Op. cit.*, p. 166.

[5]Paton J. Gloag, *A Critical and Exegetical Commentary on the Acts of the Apostles* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1870), I, 274.

[6]Meyer, *op. cit.*, p. 318.

[7]IB, IX, 108.

[8]*Ant.* XX. 6. 2.

[9]Alguns manuscritos gregos, na verdade, trazem "uma cidade da Samaria". Mas a melhor evidência favorece a expressão "a cidade de Samania".

[10]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 385.

[11]*Op. cit.*, p. 169.

[12]EGT, II, 216.

[13]*Ibid.*, p. 218.

[14]*Op. cit.*, p. 334.

[15]*Ibid.*

[16]*Op. cit.*, p. 111.

[17]Abbott- Smith, *op. cit.*, p. 271.

[18]*Ibid.*, p. 186.

[19]*Ibid.*, p. 101.

[20]O melhor texto grego apresenta a expressão "o Senhor".

[21]*Op. cit.*, p. 292.

[22]Meyer, *op. cit.*, p. 172.

[23]*Beginnings*, IV, 94.

[24]*Acts*, p. 188.

[25]*Op. cit.*, p. 172.

[26]*Op. cit.*, p. 293.

[27]*Op. cit.*, p. 297.

[28]*Op. cit.*, II, i, 71.

[29]*Op. cit.*, pp. 300-302.

[30]*Beginnings*, IV, 95.

[31]*Acts*, p. 190.

[32]WDB, p. 173.

[33]Sobre o significado de eunuco, ver os comentários sobre Mt 19.12.

[34]*Beginnings*, IV, 96.

[35]*Ibid.*

[36]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 340.

[37]*Ibid.*, p. 356.

[38]*Op. cit.*, p. 306.

[39]*Ibid.* Também Lumby, *op. cit.*, p. 186.

[40]*Op. cit.*, p. 177.

[41]*Ibid.* p. 176.

[42]*Op. cit.*, p. 187.

[43]*Acts*, p. 198.

[44]A última frase do versículo 5 — **Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões** — e a primeira metade do 6 — **E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? E disse-lhe o Senhor** — não estão exatamente neste ponto no texto grego. As palavras aparentemente foram traduzidas por Erasmo da Vulgata Latina (EGT, II, 232). "Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões" é autêntico em 26.14. A frase "Senhor, que farei?" é encontrada no texto grego em 22.10, mas alguns entendem que ela não pertence a este versículo. Estes fatos são verídicos e fiéis à conversão de Saulo, mas obtêm a sua autenticidade a partir de outros registros deste acontecimento.

[45]*Op. cit.*, p. 323.

[46]*Ibid.*, p. 325.

[47]*Acts*, p. 202.

[48]W. J. Conybeare e J. S. Howson, *The Life and Epistles of St. Paul* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1894), I, 93.

[49]*Op. cit.*, p. 123, n. 2.

[50]*Ant.* V. 1. 2.

[51]Cadbury, *The Book of Acts in History*, p. 20.

[52]*Ibid.*

[53]*Op. cit.*, p. 47.

[54]EGT, II, 247.

[55]Lumby, *op. cit.*, p. 208.

[56]*Acts*, p. 215.

[57]*Beginnings*, V, 74-96.

[58]*Op. cit.*, p. 363.

[59]Lumby, *op. cit.*, pp. 209-10.

[60]O restante do versículo — **Ele te dirá o que deves fazer** — não aparece nos manuscritos gregos mais antigos e, portanto, não tem sido incluído nas traduções mais recentes.

[61]**Animais selvagens** não aparece no melhor texto grego.

[62]*Op. cit.*, p. 211.

[63]*Ibid.*, p. 212.

[64]*Op. cit.*, p. 369.

[65]*Ibid.*

[66]*Op. cit.*, p. 396.

[67]O manuscrito grego mais antigo do NT, Vaticanus (séc. IV), diz "dois". Se esta leitura (adotada por Nestle) for correta, ela se refere aos dois criados, e neste caso o soldado atuava como guarda.

[68]*Op. cit.*, p. 215.

[69]Rackham, *op. cit.*, p. 154.

[70]*Op. cit.*, pp. 401-2.

[71]O assim chamado texto ocidental diz "há três dias" (cf. Phillips), mas isto parece estar baseado em uma má interpretação do tempo envolvido nas viagens de ida e de volta (ver os comentários sobre 9).

[72]Ver a Introdução a "Marcos", BBC, VI, 264-66.

[73]*Beginnings*, IV, 120.

[74]Para as implicações históricas e teológicas disto, ver os comentários sobre 19.6.

[75]*Op. cit.*, p. 214.

[76]*Op. cit.*, p. 769.

[77]Josefo, *War* III. 2. 4.

[78]*Ibid.* VII. 3. 3.

[79]*Op. cit.*, I, 403.

[80]*Op. cit.*, p. 223.

[81]*Ibid.*

[82]*Beginnings*, IV, 130.

[83]*Op. cit.*, I, 404.

[84]*Beginnings*, IV, 131.

[85]*Ant*. III. 15.3; XXII. 2. 5.

[86]*Ant*. XIX. 7. 3.

[87]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 227.

[88]*Op. cit.*, p. 443.

[89]*Op. cit.*, p. 445.

[90]Ver os comentários sobre Mt 26.17 (BBC, VI, 233).

[91]*Beginnings*, IV, 135.

[92]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 427.

[93]Lumby, *op. cit.*, p. 232.

[94]*Op. cit.*, p. 233.

[95]*Op. cit.*, I, 420.

[96]*Ibid.*

[97]*Beginnings*, IV, 139.

[98]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 210.

[99]*Ant*. XIX. 7. 5.

[100]*Ant*. XIX. 8. 2.

[101]*Ibid.*

[102]*Ibid.*

[103]*Ibid.*

[104]*Ibid.*

[105]*Ibid.*

[106]Esta é encontrada no texto de Nestle e na nova edição da British and Foreign Bible Society (1958).

[107]Bruce, *Acts*, p. 252.

SEÇÃO IV

[1] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 390.

[2] *Op. cit.*, p. 65.

[3] *Beginnings*, IV, 141.

[4] *Op. cit.*, p. 464.

[5] Veja Charles W. Carter e Ralph Earle, *The Acts of the Apostles* ("*Evangelical Commentary on the Bible*"; Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959), pp. 173-74.

[6] *Op. cit.*, p. 434.

[7] *Acts*, p. 253.

[8] E. J. Bricknell, "The Acts of the Apostles", *A New Commentary on Holy Scripture*, ed. Charles Gore, H. L. Goudge and Alfred Guillaume (New York: Macmillan Co, 1928), p. 353.

[9] V.G.T, p. 615.

[10] *Op. cit.*, p. 239.

[11] *Op. cit.*, p. 266.

[12] Bicknell, *op. cit.,* p. 353. Cf. também Alexander, *op. cit.*, p. 466.

[13] *Op. cit.,* p. 254.

[14] *Beginnings*, IV, 143.

[15] *Op. cit.,* p. 384.

[16] *Acts*. p. 256.

[17] Alexander, *op. cit*. pp. 469-70.

[18] *Ant*. XX. 7. 2.

[19] *Ant*. VIII. 2. 5.

[20] Veja A. T. Robertson, *Luke the Historian in the Light of Research* (New York: Charles Scribner's Sons, 1920), pp. 179-82.

[21] *Acts*, p. 257.

[22] *Ibid.*

[23] Paulo e Paulus são o mesmo nome nos textos originais em grego.

[24] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 67.

[25] Alexander, *op. cit.,* p. 474.

[26] *Ibid.*

[27] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 141.

[28] *Op. cit.,* p. 243.

[29] *Op. cit.*, pp. 91-97.

[30] *Beginnings*, IV, 148.

[31] *Ibid.*

[32] *Op. cit*. p. 174.

[33] *Acts*, p. 260.

[34] Listra, Filipos e Corinto também eram colônias romanas.

[35] *Acts*, p. 260.

[36] *Op. cit.,* p. 783.

[37] *Ibid,* p. 784.

[38] *Op. cit.*, p. 481.

[39] *Acts,* p. 263.

[40] *Op. cit.*, p. 784.

[41] *Acts,* p. 264.

[42] *Op. cit.,* p. 211.

[43] *Beginnings,* IV, 151.

[44] *Ant.* VI. 14.9.

[45] *Ant*. X. 8.4.

[46] Aqui existe um complicado problema textual (veja Carter e Earle, *op., cit.,* p. 188). Mas a versão KJV parece ter aplicado o significado correto (cf. RSV).

[47] *Acts,* p. 269 (veja também Carter e Earle, *op. cit.*, p. 188).

[48] *Beginnings,* IV, 156.

[49] *Op. cit.,* I. 790.

[50] *Ibid.*

[51] *Ibid.*

[52] *Op. cit.,* p. 251.

[53] *Op. cit.,* p. 507.

[54] *Op. cit.,* p. 257.

[55] *Ibid.*

[56] O termo ***Abode*** nas versões em inglês significa literalmente "remover" ou "consumir".

[57] *Op. cit.,* pp. 509-10

[58] Ibid, p. 510.

[59] *Op. cit.*, p. 257.

[60] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 453.

[61] O verbo composto significa "fugir em busca de refúgio".

[62] O*p. cit.*, pp. 110-11.

[63] Hobart, *op. cit.,* p. 46.

[64] *Op cit.,* p. 516.

[65] Lumby, *op. cit.* p. 261.

[66] *Acts,* p. 281.

[67] *Op.cit.,* p. 261.

[68] *Op. cit.,* p. 264.

[69] *Ibid.*

[70] *Beginnings*, IV, 163.

[71] IDB, III, 195; I, 826.

[72] *Op. cit.,* p. 796.

[73] *Beginnings*, IV, 167.

[74] Alexander, *op. cit.*, p. 526.

[75] *Acts*, p. 286.

[76] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 481.

[77] Ibid.

[78] *Op. cit.,* p. 122.

[79] *Op. cit.,* p. 527.

[80] *Ibid.*

[81] *Acts,* p. 286.

[82] *Beginnings*, IV, 168.

[83] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 28. [84]*Op. cit.*, p. 270.

[85]Um significado dado por Abbott-Smith (p. 382) para o verbo aqui.

[86]*Op. cit.*, p. 271.

[87]*Acts*, p. 287.

[88]Esta é a única passagem em Atos na qual Pedro é mencionado após os primeiros doze capítulos, onde o seu nome ocorre 57 vezes.

[89]EGT, II, 319.

[90]*Ibid.*, p. 320.

[91]*Beginnings*, IV, 173-74.

[92]*Op. cit.*, II, ii, 124.

[93]*Beginnings*, IV, 172.

[94]*Op. cit.*, p. 249.

[95]*Op. cit.*, p. 277.

[96]Charles R. Erdman, *The Acts* (Philadelphia: Westminster Press, 1919), p. 113.

[97]*Acts*, p. 299.

[98]*Op. cit.*, p. 803.

[99]*Op. cit.*, p. 280.

[100]*Beginnings*, IV, 178.

[101]*Ibid.*

[102]Bengel, *op. cit.*

[103]*Op. cit.,* p. 281.

[104]*Ibid.*

[105]Algumas traduções trazem o termo *enviar* em itálico, o que significa que ela não consta no texto original. Ela deve ser omitida.

[106]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 477.

[107]**Sair** (*exelthontes*) não consta nos manuscritos gregos mais antigos.

[108]As palavras que foram acrescentadas em algumas versões, "Vós tendes que ser circuncidados e obedecer à lei", não constam nos manuscritos mais antigos.

[109]Lumby, *op. cit.*, p. 282.

[110]*Ibid.*

[111]A questão muito debatida de Gálatas 2.1-10 referir-se ao Concílio de Jerusalém (At 15) ou à assim chamada Visita da Fome (At 11.27-30) pertence ao comentário sobre Gálatas, portanto não será discutida aqui. Esse autor prefere a identificação com Atos 15 (contra Bruce, *Acts*, p. 38).

[112]*Op. cit.*, pp. 282-83.

[113]Somente aqui no melhor texto do Novo Testamento.

[114]*Acts*, p. 304.

[115]Rackham, *op. cit.*, p. 257.

[116]Bruce, *Acts*, p. 305.

[117]*Ibid.*

[118]Hackett, *op. cit.*, p. 179.

[119]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 173.

[120]*Ibid*, p. 347.

[121]*Beginnings*, IV, 183.

[122]*Op. cit.*, p. 560.

[123]Os melhores manuscritos gregos dizem: "a Derbe e a Listra", sugerindo que a palavra ali significa Listra. Isto é confirmado pela repetição da palavra Listra no versículo seguinte.

[124]Bruce, *Acts*, p. 308.

[125]Lumby, *op. cit.*, p. 287.

[126]*Ibid.*

[127]A palavra grega *dogma é* derivada do verbo *dokeo,* usado em 15.28 ("pareceu bem"). Seu primeiro significado como "opinião" (de *dokeo*, "eu penso") veio a ser usado em decretos públicos e regulamentos.

[128]*Beginnings*, IV, 185 (cf. NASB).

[129]O melhor texto grego usa o indicativo e não o particípio "depois que atravessaram".

[130]*Op. cit.*, p. 194.

[131]*Acts*, p. 309.

[132]*Beginnings*, IV, 186 (cf. RSV).

[133]Somente aqui no NT.

[134]*Op. cit.*, p. 203.

[135]*Ibid.*

[136]*Ibid*, p. 205.

[137]*Beginnings*, IV, 187.

[138]*Op. cit.* p. 246.

[139]*Beginnings*, IV, 186.

[140]*Ibid.* p. 187.

[141]*Beginnings*, IV, 188.

[142]*Ibid.*

[143]*Ibid*, p. 190.

[144]*Op. cit.*, p. 206.

[145]*Ibid.* (14. ed), p. 38.

[146]Bruce, *Acts*, p. 314.

[147]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 374.

[148]*Ibid.*, p. 337.

[149]*Op. cit.*, p. 291.

[150]*Op. cit.*, p. 312.

[151]VGT, p. 474.

[152]*Acts*, p. 315.

[153]O melhor texto grego diz "vos".

[154]*Acts*, p. 316.

[155]*Beginnings*, IV, 195.

[156]*Op. cit.*, p. 314.

[157]*Op. cit.*, p. 219.

[158]*Op. cit.*, p. 581.

[159]*Beginnings*, IV, 196.

[160]*Ibid*, p. 198.

[161]A palavra "Cristo" foi omitida nos manuscritos mais antigos.

[162]*Acts*, p. 321.

[163]*Op. cit.*, p. 297.

[164]*Beginnings*, IV, 200.

[165]*Acts*, p. 324.

[166]*Op. cit.*, p. 343.

[167]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 385.

[168]*Op. cit.*, p. 598.

[169]A frase "que não criam", que ocorre em algumas versões, foi omitida nos melhores manuscritos, embora a verdade contida na frase seja óbvia.

[170]*Beginnings*, IV, 204.

[171]*Acts*, p. 326.

[172]*Ibid.*

[173]*Beginnings*, IV, 205.

[174]*Ibid.* p. 206.

[175]*Ibid.* p. 205.

[176]*Op. cit.* pp. 230-31.

[177]Abbott-Smith, *op. cit.* p. 381.

[178]*Ibid*, p. 190.

[179]*Acts*, p. 331.

[180]*Beginnings*, IV, 209.

[181]*Acts*, p. 332.

[182]*Ibid.*

[183]*Ibid.*

[184]Lumby, *op. cit.*, p. 307.

[185]*Beginnings*, IV, 211.

[186]*Ibid*, p. 212.

[187]*Acts*, p. 333.

[188]*Beginnings*, IV, 213.

[189]*Ibid.*

[190]*Ibid*, p. 214.

[191]*Op. cit.*, p. 57, n. 43.

[192]*Ibid.*

[193]*Beginnings*, IV, 214.

[194]*Acts*, p. 335.

[195]EGT, II, 370.

[196]*Paul Before the Areopagus* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957), p. 17.

[197]EGT, II, 372.

[198]A palavra "sangue", que ocorre em algumas versões, não consta nos manuscritos mais antigos.

[199]Os manuscritos mais antigos dizem "Deus" em lugar de Senhor.

[200]*Beginnings*, V, 250.

[201]*Beginnings*, IV, 219.

[202]*Beginnings*, IV, 223.

[203]*Ibid.*

[204]*Ibid.*

[205]*Acts*, p. 344.

[206]Rackham, *op. cit.*, p. 325.

[207]Lumby, *op. cit.*, p. 319.

[208]Ramsay, *op. cit.*, p. 255.

[209]*Acts*, p. 345.

[210]*Beginnings*, IV, 225.

[211]*Acts*, p. 346.

[212]EGT, II, 389.

[213]*Beginnings*, V, 461.

[214]*Ibid.*, p. 464. G. B. Caird ("Chronology of the NT", IDB, I, 604) diz que "a óbvia interpretação da inscrição de Delfos é que o mandato de Gálio na Acaia se estendeu de julho de 51 a junho de 52".

[215]*Acts*, p. 346.

[216]Ramsay, *op. cit.*, p. 258.

[217]Moulton e Milligan, VGT, p. 37.

[218]Liddell e Scott, *op. cit.*, I, 115.

[219]Rackham, *op. cit.*, p. 331.

[220]*Op. cit.*, p. 257.

[221]John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: Epworth Press, 1954 [reimpressão]), p. 469.

[222]*Beginnings*, IV, 228.

[223]Bruce, *Acts*, p. 349.

[224]*Op. cit.*, pp. 352-53.

[225]*Op. cit.*, p. 324.

[226]*Acts*, p. 349.

[227]Knowling, *op. cit.*, p. 393.

[228]*Op. cit.*, p. 640.

[229]*Beginnings*, IV, 230.

[230]*Acts*, p. 350.

[231]*Op. cit.*, p. 270.

[232]*Op. cit.*, p. 644.

[233]Rackham, *op. cit.*, p. 343.

[234]*Beginnings*, IV, 237.

[235]*Ibid.*, p. 236.

[236]*Op. cit.*, p. 841.

[237]*Ibid.*

[238]*Op. cit.*, p. 648.

[239]*Beginnings*, IV, 237.

[240]*Acts*, p. 353.

[241]Alexander, *op. cit.*, p. 648.

[242]T. E. Page, *Acts of the Apostles* (Londres: Macmillan and Co., 1886), p. 203.

[243]*Acts*, p. 354.

[244]*Op. cit.*, p. 842.

[245]*Op. cit.*, p. 653.

[246]*Op. cit.*, pp. 53-54

[247]*Ibid.*, p. 654.

[248]*Beginnings*, IV, 239.

[249]*Ibid.*

[250]*Ibid.*

[251]A palavra "Jesus" não consta, neste texto, nos manuscritos gregos mais antigos.

[252]Hobart, *op. cit.*, p. 242.

[253]Ant., VII. 2.5.

[254]Deissmann, LAE, p. 252.

[255]*Beginnings*, IV, 240.

[256]*Op. cit.*, p. 659.

[257]A versão ASV, acompanhando o melhor texto grego, diz "ambos". Mas a palavra grega para "ambos" às vezes significa "todos".

[258]*Beginnings*, IV, 242.

[259]Adolph Deissmann, *Bible Studies,* trad. por A. Grieve (Edinburgh: T. & T. Clark, 1901), p. 223, n. 5.

[260]*Beginnings*, IV, 243.

[261]*Op. cit.*, p. 663.

[262]Rackham, *op. cit.,* p. 362.

[263]*Beginnings*, IV, 245-46.

[264]EGT, II, 411.

[265]*Acts*, p. 363.

[266]*Beginnings*, V, 251.

[267]*Ibid.*, IV, 247.

[268]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 104.

[269]VGT, p. 144.

[270]*Acts*, p. 366.

[271]Deissmann, LAE, pp. 121- 22.

[272]*Acts*, p. 367.

[273]*Beginnings*, IV, 250.

[274]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 7.

[275]*Ibid.* p. 435.

[276]EGT, II, 419.

[277]Este item não consta nos manuscritos mais antigos, e também na versão KJV, que está baseada neles.

[278]*Op. cit.*, p. 689.

[279]Também Rackham, *op. cit.*, p. 377.

[280]*Beginnings*, IV, 255.

[281]NIC, p. 408, n. 25.

[282]*Op. cit.*, p. 689.

[283]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 108.

[284]*Op. cit.*, p. 354.

[285]*Op. cit.*, p. 380, n.5

[286]Lumby, *op. cit.*, p. 355.

[287]Bruce, *Acts*, p. 374.

[288]*Beginnings*, IV, 257-58.

[289]Contra, Lumby, *op. cit.*, p. 356.

[290]Alexander, *op. cit.*, p. 698.

[291]*Acts*, p. 375.

[292]*Op. cit.*, p. 294.

[293]*Beginnings*, IV, 258.

[294]*Op. cit.*, p. 699.

[295]*Ibid.*

[296]*Beginnings*, IV, 259.

[297]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 287.

[298]*Ibid*, p. 122.

[299]*Op. cit.*, p. 359.

[300]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 109.

[301]*Acts*, p. 379.

[302]*Ibid.*, p. 380.

[303]*Op. cit.*, p. 361.

[304]*Ibid.*

[305]*Acts*, p. 381.

[306]Nestle diz "Senhor" (Vaticano, século IV; cf. Phillips).

[307]Lumby *op. cit.*, p. 364.

[308]*Op. cit.*, p. 715.

[309]*Op. cit.*, p. 717.

[310]*Beginnings*, IV, 264.

[311]*Acts*, p. 384.

[312]*Beginnings*, IV, 264.

[313]*Ibid.*

[314]*Ibid.*

[315]Knowling, EGT, II, 441.

[316]*Op. cit.*, p. 720.

[317]Ramsay, *op. cit.*, p. 298.

[318]*Ibid*, p. 299.

[319]*Beginnings*, IV, 264-65.

[320]*Acts*, p. 384.

[321]*Op. cit.*, p. 722.

[322]*Acts*, p. 385.

[323]Bruce, *Acts*, p. 386.

[324]A expressão **que com ele estávamos** não aparece nos manuscritos mais antigos.

[325]*Op. cit.*, p. 370.

[326]*Op. cit.*, p. 729.

[327]*Op. cit.*, p. 302.

[328]*Op. cit.*, p. 413.

[329]*Acts*, p. 389.

[330]Frederick Blass, *Philosoply of the Gospels* (Londres: Macmillan Co., 1898), p. 130.

[331]*Op. cit.*, p. 413.

[332]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 49.

[333]*Op. cit.*, p. 414.

[334]*Ibid.*

[335]*Beginnings*, IV, 270.

[336]*Op. cit.*, p. 736.

[337]*Op. cit.*, p. 375.

[338]Alexander, *op. cit.*, p. 739.

[339]*Op. cit.*, p. 376.

[340]*Op. cit.*, p. 251.

[341]*Op. cit.*, p. 415.

[342]*Op. cit.*, p. 793.

[343]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 467.

[344]*Ibid.*

[345]*Beginnings*, IV, 275.

[346]*Ibid.*

[347]*War* II. 13. 5; *Ant.* XX. 8. 6.

[348]EGT, II, 454.

[349]*Oxford English Dictionary* (Oxford: Clarendon Press, 1933), I, 389.

[350]*Op. cit.*, p. 173.

[351]*Op. cit.*, II, i, 326.

[352]*Acts*, p. 400.

[353]*Op. cit.*, p. 166.

[354]*Op. cit.*, p. 764.

[355]*Ibid.*

[356]Erdman, *op. cit.*, p. 148.

[357]*Ibid.*

[358]*Op. cit.*, p. 244.

[359]*Op. cit.*, p. 766.

[360]*Op. cit.*, p. 913.

[361]*Ibid.*, p. 910.

[362]*Beginnings*, IV, 281.

[363]A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* (5. ed., Nova York: Harper & Brothers, n.d.), p. 886.

[364]*Op. cit.*, p. 915.

[365]Arndt e Gingrich (p. 64) dizem que o verbo raro é um termo técnico jurídico e que, com a frase modificadora aqui, significa "*conceder uma audiência e usar tortura* (sob a forma de açoite), *ao mesmo tempo*".

[366]*Op. cit.*, pp. 245-46.

[367]*Op. cit.*, p. 552.

[368]Blaiklock, *op. cit.*, p. 174.

[369]C. S. C. Williams (p. 246) chama a atenção para o fato de que o texto ocidental "sugere uma observação cínica feita pelo tribuno: 'Eu sei com que soma obtive esta cidadania', querendo dizer 'Até mesmo uma pessoa não respeitável como você pode obter isso hoje em dia', mas a resposta de Paulo sugere que o texto alexandrino está correto".

[370]*Op. cit.*, p. 919.

[371]*Ibid.*, p. 688 (sobre 16.37).

[372]W. M. Ramsay, *The Cities of St. Paul* (Nova York: A. C. Armstrong, 1908), p. 198.

[373]*Ibid.*

[374]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 371.

[375]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 693.

[376]*Op. cit.*, p. 928.

[377]*Op. cit.*, p. 781.

[378]A. C. Hervey, "The Acts of the Apostles" (Exposição), *The Pulpit Commentary*, ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Exell (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 [reimpressão]), II, 211.

[379]*Op. cit.*, p. 929.

[380]*Beginnings*, IV, 287.

[381]*Against Apion*, II. 24.

[382]*Op. cit.*, p. 395.

[383]*Ibid.*, pp. 395-96.

[384]*Op. cit.*, pp. 924-29.

[385]EGT, II, 466-67.

[386]*Ibid.*, p. 467.

[387]Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Baker Book House, 1949 [reimpressão]), p. 323.

[388]*Op. cit.*, p. 47.

[389]*Ant.* XVIII. 1.3.

[390]*Op. cit.*, II, ii, 13.

[391]*War* II. 8. 14.

[392]*Ant.* XVIII. 1. 4

[393]*Op. cit.*, II, ii. 14.

[394]*Ibid.*

[395]*Beginnings*, IV, 290.

[396]O nome **Paulo** é omitido nos primeiros manuscritos, mas este sentido de um ministério muito pessoal do Espírito Santo é um fato bastante comprovado na experiência cristã.

[397]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 352.

[398]*Op. cit.*, p. 943.

[399]*Ibid.*

[400]Alfred Edersheim, *Sketches of Jewish Social Life in the Days of Christ* (Londres: Religious Tract Society, 1876), p. 229.

[401]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 257.

[402]*Ibid.*, p. 181.

[403]*Op. cit.*, pp. 943-44.

[404]*Ibid.*, p. 944.

[405]*Op. cit.*, p. 227.

[406]EGT, II, 471.

[407]*Op. cit.*, p. 266.

[408]*Op. cit.*, p. 173.

[409]EGT, II, 472.

[410]*Op. cit.*, I, ii, 56.

[411]H. A. W. Meyer, *Critical and Exegetical Handbook on The Acts of the Apostles*, trad. por Paton Gloag (Nova York: Funk & Wagnalls, 1883), pp. 433-34.

[412]*Acts*, p. 416.

[413]Lenski, *op. cit.*, p. 950.

[414]*Histories* V, 9, na obra de Cornelius Tacitus, *The Annals and the Histories* (Chicago: Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952), p. 297. Tácito também diz que, como Félix tinha um irmão que era o favorito do imperador, ele "pensava que podia fazer qualquer maldade com impunidade, por ser respaldado por aquele poder" (*Annals* XII. 54; *op. cit.*, p. 122).

[415]*Beginnings*, IV, 293.

[416]*Ibid.*, p. 295.

[417]Hackett, *op. cit.*, p. 269.

[418]*Ibid.*

[419]*Op. cit.*, II, 215-16.

[420]*Beginnings*, IV, 296.

[421]NASB, "ligado em espírito", é uma exceção.

[422]*Op. cit.*, p. 213.

[423]EGT, II, 476.

[424]*Beginnings*, IV, 296.

[425]*Op. cit.*, p. 270.

[426]Também Bruce, *Acts*, p. 321.

[427]*Beginnings*, IV, 297.

[428]EGT, II, 476.

[429]*Ibid.*, pp. 476-77.

[430]*Ant*. XIV. 10. 8.

[431]*Op. cit.*, p. 402.

[432]EGT, II, 477.

[433]*Op. cit.*, I, ii, 174.

[434]*Ibid.*, p. 175.

[435]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 292.

[436]*Beginnings*, IV, 298.

[437]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 272.

[438]*Ibid.*, p. 392.

[439]*Beginnings*, V, 386.

[440]EGT, II, 478.

[441]Schuerer, *op. cit.*, I, ii, 74. Ver também Josefo, *War* VI. 2. 4.

[442]IB, IX, 309.

[443]*War* II. 12. 8; *Ant*. XX. 7. 1.

[444]*Annals*, XII, 54 (*op. cit.*, p. 122).

[445]*Acts*, p. 416.

[446]EGT, II, 481.

[447]*Op. cit.*, p. 410.

[448]Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture: The Acts* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 [reimpressão]), II, 283.

[449]*Op. cit.*, p. 827.

[450]*Ibid.*

[451]J. P. Thornton-Duesbery, "Conscience", *A Theological Word Book of the Bible*, ed. Alan Richardson (Londres: SCM Press, 1950), p. 52.

[452]*Ibid.*

[453]*Op. cit.*, p. 827.

[454]EGT, II, 484.

[455]*Acts*, p. 425.

[456]*Op. cit.*, p. 142.

[457]David Brown, "Acts-Romans", *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old and New Testaments*, de Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 [reimpressão]), VI, 167.

[458]*Op. cit.*, p. 284.

[459]*Op. cit.*, p. 412.

[460]*Op. cit.*, II, 285.

[461]F. W. Farrar, *The Life and Work of St. Paul* (Nova York: E. P. Dutton Co., 1896), p. 543.

[462]*Beginnings*, IV, 304.

[463]*Acts*, p. 426.

[464]O manuscrito mais antigo omite a frase **havendo ouvido estas coisas**.

[465]*Op. cit.*, p. 50.

[466]*Op. cit.*, II, 285.

[467]Arndt e Gingrich *op. cit.*, p. 64. No artigo sobre esta palavra, no *Theological Dictionary of the New Testament*, editado por G. Kittel e traduzido por G. W. Bromiley (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), Bultmann escreve: "*Anesis*, no seu sentido estrito, aparece em At 24.23 como 'mitigação', *i.e.*, da prisão... em outras partes é encontrada somente com o sentido metafórico de 'revigoramento' ou 'descanso'" (I, 367).

[468]*Op. cit.*, I, ii, 176-77.

[469]*Op. cit.*, p. 414.

[470]Knowling, EGT, II, 490.

[471]*War* II. 14. 1.

[472]EGT, II, 489.

[473]*Op. cit.*, I, ii, 184.

[474]*Beginnings*, IV, 306.

[475]*Ibid.*, V, 471.

[476]*Acts of the Apostles*, p. 7, n. 1.

[477]HDB, I, 425.

[478]*Acts*, pp. 428-29.

[479]IDB, I, 605.

[480]Lenski, *op. cit.*, p. 990. "Os representantes do Sinédrio, investidos de autoridade".

[481]*War* I. 12. 5.

[482]*Op. cit.*, I, ii, 15, n.8.

[483]Robertson, *Word Pictures*, III, 430.

[484]*Op. cit.*, p. 966.

[485]*Ibid.*, p. 997.

[486]*Op. cit.*, II, ii. 59.

[487]*Acts*, p. 432.

[488]*Ibid.*, p. 433.

[489]*Op. cit.*, II, ii, 195.

[490]*Ibid.*, pp. 195-96.

[491]*Op. cit.*, p. 456.

[492]*Ibid.*

[493]*Ibid.*, p. 460.

[494]*Op. cit.*, I, 375.

[495]*Op. cit.*, p. 172.

[496]VGT, p. 139.

[497]*Op. cit.*, p. 127.

[498]*Op. cit.*, p. 460.

[499]Ernest D. Burton, *Syntax of the Moods and Tenses in New Testament Greek* (2. ed., Chicago: University Press of Chicago, 1893), p. 16.

[500]*Op. cit.*, p. 125.

[501]*Op. cit.*, p. 462.

[502]Thayer, *op. cit.*, p. 649.

[503]*Acts*, p. 437.

[504]*Ibid.*

[505]Deissmann, *Bible Studies*, p. 232.

[506]*Op. cit.*, p. 865.

[507]Knowling, EGT, II, 499.

[508]LAE, p. 353.

[509]*Op. cit.*, p. 39.

[510]*Op. cit.*, p. 423.

[511]*Op. cit.*, p. 462.

[512]Blass e Debrunner, *op. cit.*, p. 176 (#341).

[513]James Hope Moulton, *A Grammar of New Testament Greek*, I (3. ed.; Edinburgh: T. & T. Clark, 1908), 148.

[514]*Op. cit.*, II, ii, 197.

[515]*Ibid.*

[516]EGT, II, 502.

[517]*Op. cit.*, p. 874.

[518]*Ibid.*

[519]EGT, II, 502.

[520]*Acts*, p. 442.

[521]O nome **Agripa** não consta nos manuscritos mais antigos.

[522]EGT, II, 503.

[523]*Acts*, p. 442.

[524]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 901.

[525]*Ibid.*

[526]*Op. cit.*, p. 284.

[527]*Acts*, p. 443.

[528]*Op. cit.*, p. 1033.

[529]*Acts*, p. 443.

[530]J. Gresham Machen, *The Origin of Paul's Religion* (Nova York: Macmillan Co., 1921), pp. 60-62.

[531]*Beginnings*, IV, 319.

[532]*Ibid.*

[533]Lumby, *op. cit.*, p. 429.

[534]John Albert Bengel, *Gnomon of the new Testament*, trad. Andrew R. Fausset (4. ed., Edinburgh: T. & T. Clark, 1860), II, 717.

[535]Por exemplo, Lenski (p. 1040), Alexander (p. 880), Knowling (p. 507), Alford (II, 280).

[536]*Op. cit.*, p. 443.

[537]*Op. cit.*, p. 717.

[538]John Wesley, *Works* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.), XI, 446.

[539]*Op. cit.*, p. 1041.

[540]De um total de 29 vezes no Novo Testamento.

[541]Abbott-Smith, *op. cit.*, pp. 4-5.

[542]*Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, traduzido e editado por G. W. Bromiley, I (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), III.

[543]*Ibid.*p. 112.

[544]*Op. cit.*, p. 53.

[545]*Ibid.*, p. 54.

[546]*Op. cit.*, p. 6.

[547]George E. Ladd, "The Acts of the Apostles", *Wycliffe Bible Commentary*, ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1962), p. 1173.

[548]*Op. cit.*, pp. 882-83.

[549]*Op. cit.*, II, 267.

[550]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 171.

[551]Cf. Wesley, *Works*, VIII, 55-56.

[552]*Ibid.*, XI, 374.

[553]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 275.

[554]*Beginnings*, IV, 321.

[555]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 347.

[556]*Op. cit.*, p. 891.

[557]*Op. cit.*, pp. 175-76.

[558]*Op. cit.*, II, 283.

[559]*Op. cit.*, p. 289.

[560]*Op. cit.*, p. 444.

[561]*Op. cit.*, p. 433.

[562]*Op. cit.*, p. 326.

[563]*Op. cit.*, p. 1057.

[564]Bruce, *Acts*, p. 449.

[565]*Ibid.*

[566]*Ibid.*

[567]*Op. cit.*, II, 327.

[568]*Op. cit.*, p. 1059.

[569]Nova York: Charles Scribner's Sons, 1920.

[570]James Smith, *The Voyage and Shipwreck of St. Paul* (4. ed., Londres: Longmans, Green, and Co., 1880), p. 61, n. 1.

[571]*Op. cit.*, p. 227.

[572]IB, IX, 331.

[573]Ramsay, SPT, p. 314.

[574]*Beginnings*, V. 443-44.

[575]*Op. cit.*, p. 189.

[576]*Beginnings*, V, 444.

[577]Olaf Moe, *The Apostle Paul*, traduzido por L. A. Vigness (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1950), p. 441.

[578]VGT, p. 690.

[579]William Barclay, *The Acts of the Apostles* ("The Daily Study Bible"; Filadélfia: Westminster Press, 1953), p. 199.

[580]*Beginnings*, III, 241.

[581]HDB, V, 379-80.

[582]*Op. cit.*, p. 128.

[583]*Op. cit.*, p. 28.

[584]*Ibid.*, p. 76.

[585]*Ibid.*, p. 77.

[586]*op. cit.*, p. 625.

[587]*Op. cit.*, p. 77.

[588]*Beginnings*, IV, 328.

[589]*Op. cit.*, p. 295.

[590]*Ibid.*

[591]EGT, II, 520.

[592]SPT, p. 321.

[593]EGT, II, 520.

[594]SPT, p. 322.

[595]*Ibid.*

[596]*Ibid.*, p. 321.

[597]*Op. cit.*, p. 294.

[598]HDB, I, 424.

[599]*Op. cit.*, p. 18.

[600]Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962, p. 227.

[601]Ed. G. A. Buttrick (Nova York: Abingdon Press, 1962), I, 607.

[602]*Acts*, pp. 455-56.

[603]*Op. cit.*, p. 10.

[604]*Op. cit.*, p. 906.

[605]*Ibid.*

[606]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 457.

[607]Ibid., p. 536.

[608]SPT, p. 324.

[609]*Ibid.*, p. 323.

[610]*Acts*, p. 454.

[611]*Beginnings,* V, 329.

[612]*Ibid.*, V, 342-43.

[613]*Ibid.*, p. 343.

[614]*Ibid.*

[615]*Ibid.*

[616]*Op. cit.*, p. 88.

[617]Também Bruce, *Acts*, p. 457.

[618]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 42.

[619]*Op. cit.*, p. 23.

[620]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 42.

[621]*Op. cit.*, pp. 98-99.

[622]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 654.

[623]*Ibid.* p. 144.

[624]Aristóteles, *Rhetoric* II. 5 (*The Works of Aristotle*.[Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1952], II, 629).

[625]*Op. cit.*, p. 108.

[626]*Ibid.*, p. 109.

[627]*Beginnings*, V, 348.

[628]SPT, p. 328.

[629]*Beginnings*, IV, 333.

[630]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 243.

[631]*Op. cit.*, p. 111.

[632]*Ibid.*, p. 112.

[633]SPT, p. 329.

[634]Smith, *op. cit.*, pp. 124-28.

[635]*Ibid.* p. 116.

[636]*Ibid.* pp. 117-19.

[637]*Op. cit.*, p. 115.

[638]EGT, II, 527.

[639]*Op. cit.*, p. 644.

[640]*Ibid.*, p. 621.

[641]*Ibid.*, p. 88.

[642]Bruce, *Acts*, p. 462.

[643]*Op. cit.*, p. 441.

[644]EGT, II, 529.

[645]*Op. cit.*, p. 120, n.1.

[646]SPT, pp. 334-35.

[647]*Op. cit.*, p. 131.

[648]Bruce (*Acts*, p. 465) comenta: "Este uso de *pros* com o genitivo é literário, e é a única vez em que aparece no Novo Testamento". Blass e Debrunner (*op. cit.*, p. 125) dizem que significa "para", e assim "no interesse de, para a vantagem de".

[649]*Op. cit.*, p. 444.

[650]*Ibid.*

[651]*Beginnings*, IV, 336.

[652]*Acts*, p. 466.

[653]Josefo *Life* 3.

[654]*Op. cit.*, p. 445.

[655]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 651.

[656]*Beginnings*, IV, 338.

[657]*Ibid.*

[658]*Op. cit.*, pp. 136-41.

[659]*Ibid.*, pp. 142-43.

[660]*Ibid.*, p. 144.

[661]*Ibid.*

[662]SPT, p. 341.

[663]*Ibid.*

[664]*Ibid.*

[665]*Op. cit.*, II, 301.

[666]*Op. cit.*, p. 151.

[667]*Op. cit.*, p. 314.

[668]*Beginnings*, IV, 341.

[669]Hobart, *op. cit.*, p. 288.

[670]*Ibid.*,p. 51.

[671]*Beginnings*, IV, 342.

[672]*Luke the Physician*, p. 179.

[673]*Beginnings*, IV, 342.

[674]*Ibid.*

[675]*Ibid.*

[676]EGT, II, 541.

[677]*Op. cit.*, p. 208.

[678]*Ibid.*

[679]*Op. cit.*, p. 450.

[680]*Beginnings*, IV, 343.

[681]*Ibid.*

[682]*War* II. 10. 5.

[683]Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 343.

[684]*Beginnings*, IV, 343.

[685]SPT, p. 345.

[686]Smith, *op. cit.*, p. 156.

[687]A maioria dos manuscritos traz o termo *perielthontes*, que significa literalmente "estando por ali". Os manuscritos Vaticano e Sinaítico (do séc. IV) trazem *perielontes*. Sobre o último, Bruce escreve: "Parece ser um termo náutico, cujo significado não conseguimos determinar" (*Acts*, p. 474). Mas o sentido geral da afirmação parece bem representado nas traduções recentes.

[688]Smith, *op. cit.*, pp. 156-57. Uma milha náutica corresponde a aproximadamente 6.080 pés.

[689]*Ibid.*, p. 157.

[690]SPT, p. 347.

[691]*Beginnings*, IV, 345.

[692]*Ibid.*

[693]EGT, II, 544.

[694]*Acts*, p. 475.

[695]*Beginnings*, IV, 345.

[696]*Acts*, p. 477.

[697]Thayer, *op. cit.*, p. 140.

[698]*Op. cit.*, II, 380-81.

[699]*Ibid.*, p. 381.

[700]*Acts*, p. 479.

[701]SPT, p. 360.

[702]*Beginnings*, V, 326.

[703]*Ibid.*, p. 330.

[704]*Acts*, p. 480.

[705]*Op. cit.*, p. 194.

[706]*Beginnings*, IV, 348.

[707]Arndt e Gingrich, *op. cit.*, pp. 635-36.

[708]*Ibid.*, p. 33.

[709]*Ibid.*, p. 636.

[710]Maclaren, *op. cit.*, p. 384.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

ALEXANDER, Joseph A. *Commentary on the Acts of the Apostles.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1956 (reimpressão).

ALFORD, Henry. The GreekTestament. Revisado por Everett F.Harrison. Chicago: Moody Press, 1958.

BARNES, Albert. *Notes on the New Testament.* Grand Rapids: Baker Book House, 1949 (reimpressão).

BENGEL, John Albert. Gnomon of the New Testament. Traduzido por Andrew R. Fausset. Quarta edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1860.

BICKNELL: E. J. "The Acts of the Apostles." *A New Commentary on Holy*

Scripture. Editado por Charles Gore, H. L. Goudge, e Alfred Guillaume. New York: Macmillan Co., 1928.

BLAIKLOCK, E. M. *The Acts of the Apostles.* "The Tyndale New Testament Commentaries." Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

BLUNT, A. W. F. *The Acts of Apostles.* "The Clarendon Bible." Oxford: Clarendon Press, 1923.

BROWN, David. "Acts-Romans." A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old and New Testaments. De Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing CO., 1948 (reimpressão).

BRUCE, F. F. *The Acts of the Apostles*: The Greek Text with Introduction and Commentary. Chicago: Inter-Varsity. Christian Fellowship, 1952 (1st Am. ed.). Citado em Atos.

____. "The Acts of the Apostles." *The New Bible Commentary.* Editado por F. Davidson. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953. Cited como NBC.

____. *Commentary on the Book of. Acts.* "The New International Commentary on the New Testament." Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954. Citado como NIC.

CALVIN, John. *Commentary upon the Acts of the Apostles.* Editado por Henry Beveridge. 2 vols. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949 (reimpressão).

CARTER, Charles W., e EARLE, Ralph. *The Acts of the Apostles.* "Evangelical Commentary on the Bible." Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959.

ERDMAN, Charles R. *The Acts.* Philadelphia: Westminster Press, 1919.

FOAKES-JACKSON, F. J. *The Acts of the Apostles.* "The Moffatt New Testament Commentary." New York: Harper & Brothers, n.d.

GLOAG, Paton J. *A Critical and Exegetical Commentary on the Acts of the Apostles.* 2 vols. Edinburgh: T. & T. Clark, 1870.

HACKETT, H. B. *A Commentary on the Acts of the Apostles.* Edição revisada. Philadelphia: American Baptist Publication Society, 1882.

HERVEY, A. C. "The Acts of the Apostles" (Exposition). *The Pulpit Commentary.* Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. EXELL. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reimpressão).

JACKSON, F. J. Foakes, e LAKE, Kirsopp. *The Beginnings of Christianity.* Parte I: *The Acts of the Apostles,* Vol. IV. Londres: Macmillan & Co., 1933.

KNOWLING, R. J. "The Acts of the Apostles." *The Expositors Greek Testament.* Editado por W. R. Nicoll. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d.

LADD, George E. "The Acts of the Apostles." *Wycliffe Bible Commentary*. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

LECKLER, G. V. "Acts" (Exegesis). *Commentary on the Holy Scriptures*. Editado por J. P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of the Acts of the Apostles*. Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1944.

LUMBY, J. Rawson. *The Acts of the Apostles*. "Cambridge Greek Testament." Cambridge: University Press, 1885.

MACGREGOR, G. H. C. "The Acts of the Apostles" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Editado por G. A. Buttrick, Vol. IX. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1954.

MACLAREN, Alexander. Expositions of Holy Scripture: The Acts. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 (reimpressão).

MEYER, H. A. W. Critical and Exegetical Handbook to the Acts of the Apostles. Traduzido da quarta edição em Alemão da obra de Paton Gloag. Revisado e editado por W. P. Dickson. Edição Americana William Ormiston. New York: Funk & Wagnalls, 1883.

PAGE, T. E. *Acts of the Apostles*. Londres: Macmillan and Co., 1886.

PLUMPTRE, E. H. "The Acts of the Apostles." *Commentary on the Whole Bible*. Editado por Charles John Ellicott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

RACKHAM, R. B. *The Acts of the Apostles*. 18ª edição. "Westminster Commentaries." Londres: Methuen & Co., 1919.

ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, Vol. III. New York: Richard R. Smith, 1930.

WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1954 (reimpressão).

WILLIAMS, C. S. C. *A Commentary on the Acts of the Apostles*. "Harper's New Testament Commentaries." New York: Harper & Brothers, 1957.

WINN, Albert C. "The Acts of the Apostles." *The Layman's Bible Commentary*. Editado por Balmer H. Kelly, Vol. XX. Richmond, Va.: John Knox Press, 1960.

II. OUTROS LIVROS

ABBOTT-SMITH, G. *A Manual Greek Lexicon of the New Testament*. 2ª edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1923.

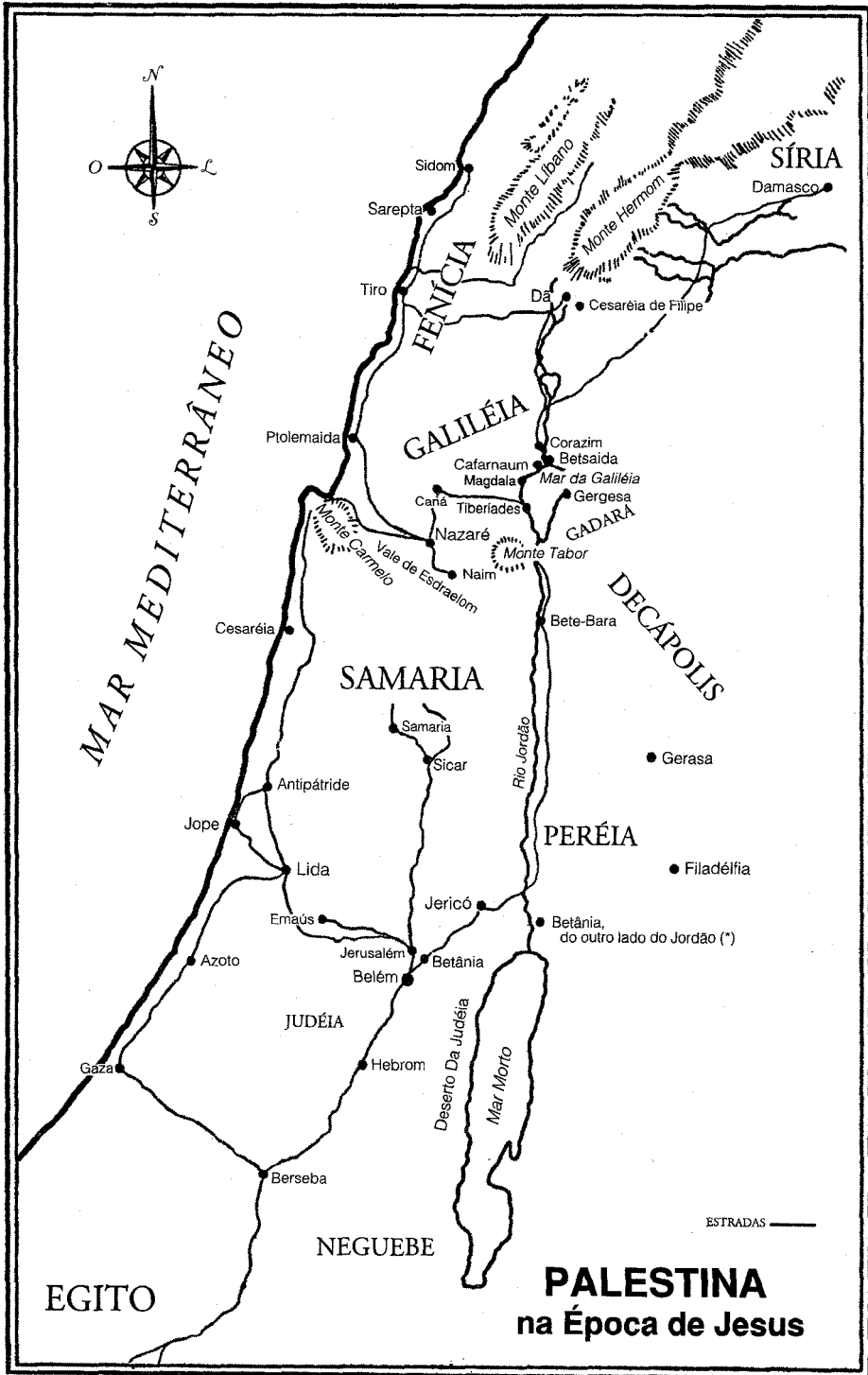
ANDREWS, Samuel. *The Life of Our Lord upon the Earth*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 (reimpressão).

ARNDT, W. F., e GINGRICH, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

BLASS, Frederick. *Philology of the Gospels*. Londres: Macmillan Co., 1898.

BLASS, F., e Debrunner. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Traduzido e revisado por Rorert W. Funk. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

BOWEN, C. R. *Studies in the New Testament*. Editado por R. J. Hutcheson. Chicago: University of Chicago Press, 1936.

BURTON, Ernest D. *Syntax of the Moods and Tenses in New Testament Greek*. 2ª edição. Chicago: University of Chicago Press, 1893.

CADBURY, Henry, Jr. *The Book of Acts in History*. New York: Harper & Brothers, 1955.

____. *The Making of Luke-Acts*. New York: Macmillan Co., 1927.

CLOGG, F. B. *An Introduction to the New Testament*. New York: Charles Scribner's Sons, 1937.

CONYBEARE, W. J., e HOWSON, J. S. The Life and Epistles of St. Paul. New York: Charles Scribner's Sons, 1894.

CREMER, Hermann. *Biblico-Theological Lexicon of New Testament Greek*. Traduzido por William Urwick. Edinburgh: T. & T. Clark, 1878.

DEISSMANN, Adolph. *Bible Sudies*. Traduzido por Alexander. Grieve. Edinburgh: T. &. T. Clark, 1901.

____. *Light from the Ancient East*. Traduzido por L. R. M. Strachan, New York: George H. Doran Co., 1927.

FARMER, W. R. Maccabees, Zealots, and Josephus. New York: Columbia University Press, 1956.

FARRAR, F. W. The Life and Work of St. Paul. New York: E. P. Dutton Co., 1896.

GOODSPEED, Edgar J. *An Introduction to the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1937.

GRANT, Robert M. *A Historical Introduction to the New Testament*. New York: Harper & Row, 1963.

HARNACK, Adolph. *The Acts of the Apostles*. Traduzido por J. R. Wilkinson. New York: G. P. Putnam's Sons, 1909.

____. The Date of the Acts and of the Synoptic Gospels. Traduzido por J. R. Wilkinson. New York: G. P. Putnam's Sons, 1911.

____. *Luke the Physician*. Traduzido por J. R. Wilkinson. Londres: Williams & Norgate, 1907.

HENSHAW, T. *New Testament Literature*. Londres: George Allen & Unwin, 1952.

HOBART, W. K. *The Medical Language of St. Luke*. Grand Rapids: Baker Book House, 1954 (reimpressão).

KITTEL, Gerhard (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Traduzido e editado por Geoffrey W. Bromiley, Vol. I. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.

KNOX, John. *Marcion and the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

LAKE, Kirsopp, e LAKE, Silva. *An Introduction to the New Testament*. New York: Harper & Brothers, 1937.

LIDDELL, Henry G., e SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Revisado por Henry S. Jones. Oxford: Clarendon Press, 1940.

LIGHTFOOT, J. B. *St. Paul's Epistle to the Galatians*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

MAJOR, H. D. A., MANSON, T. W., e WRIGHT, C. J. The Mission and Message of Jesus. New York: E. P. Dutton & Co., 1938.

MAJOR, Joseph B. *The Epistle of St. James*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 (reimpressão)

MOE, Olaf. *The Apostle Paul*. Traduzido por L. A. Vigness. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1950.

MOFFAT, James. An Introduction to the Literature of the New Testament. 3ª edição. New York: Charles Scribner's Sons, 1918.

MOULTON, James Hope. *A Grammar of New Testament Greek*, Vol. I, "Prologomena." 3ª edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1908.

MOULTON, James Hope, e MILLIGAN, George. The Vocabulary of the Greek Testament Ilustrated from the Papyri and Other Non-literary Sources. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949.

RAMSAY, W. M. *The Cities of St. Paul.* New York: A. C. Armstrong & Son, 1908.

____. *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen.* Grand Rapids: Baker Book House, 1949 (reimpressão).

ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research.* 5ª edição. New York: Harper & Brothers, s.d.

____. *Luke the Historian in the Light of Research.* New York: Charles Scribner's Sons, 1920.

SCHUERER, Emil. *A History of the Jewish People in the Time of Jesus Christ.* Edinburgh: T. & T. Clark, 1885.

SCOTT, E. F. *The Literature of the New Testament.* New York: Columbia University Press, 1936.

SELWYN, E. G. *The First Epistle of Peter.* 2ª edição. Londres: Macmillan & Co., 1947.

SMITH, James. The Voyage and Shipwreck of St. Paul. 4ª edição. Londres: Longmans, Green, and Co., 1880.

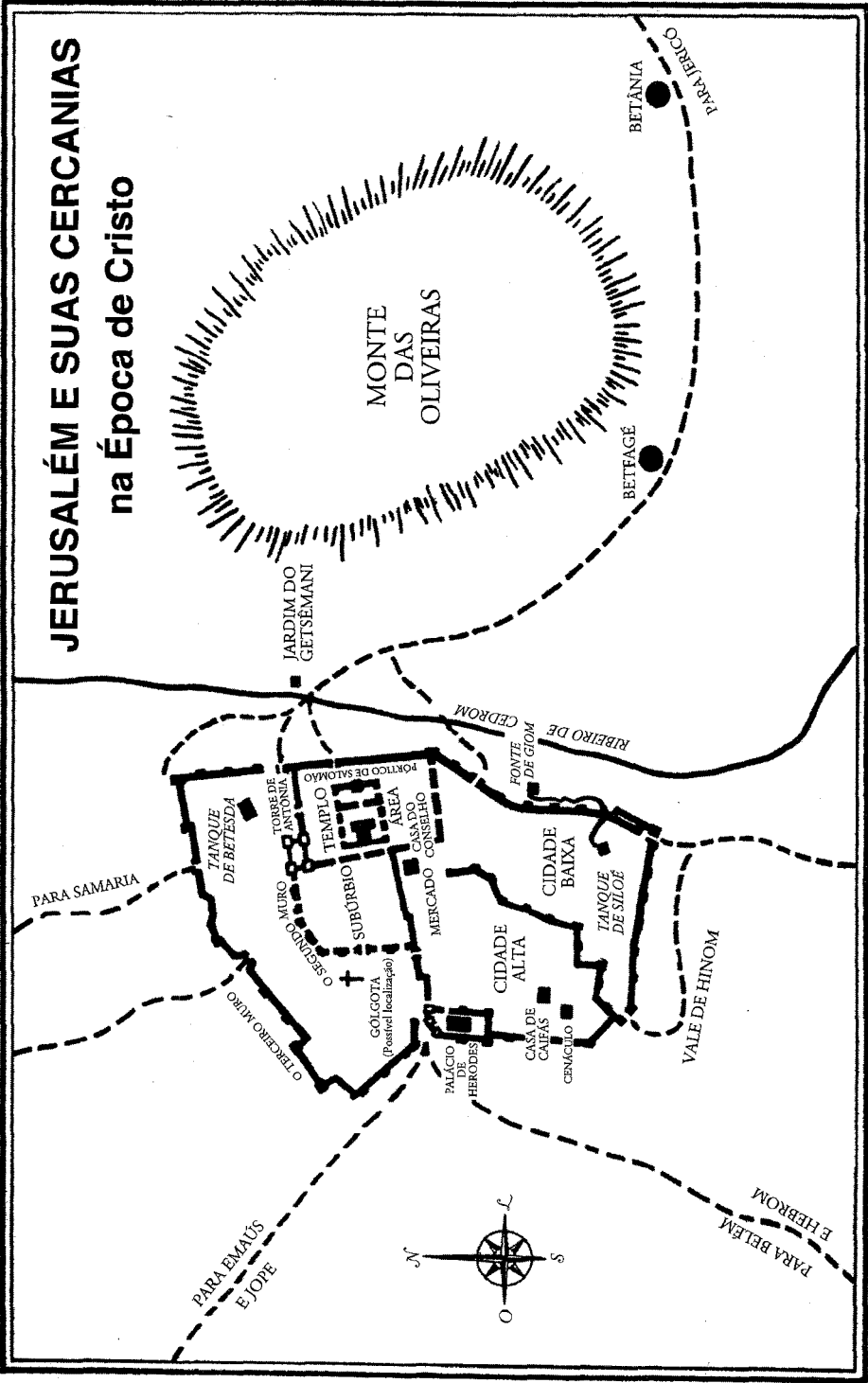
STONEHOUSE, Ned. *Paul Before the Areopagus.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.

THAYER, Joseph H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament.* Edição corrigida. New York: American Book Co., 1889.

TORREY, C. C. *The Composition and Date of Acts.* Cambridge: Harvard University Press, 1916.

WESLEY, John. *Works.* 14 vols. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

WIKENHAUSER, Alfred. New Testament Introduction. Traduzido por Joseph Cunningham. New York: Herder & Herder, 1958.

ZAHN, Theodor. *Introduction to the New Testament*. Traduzido por John Trout, *et al.* 3 vols. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 (reimpressão).

III. ARTIGOS

BLUNT, A. W. F. "Pentecost, Feast of." Revisado por D. R. Jones. *Dictionary of the Bible.* Editado por James Hastings. Edição revisada por F. C. Grant e H. H. Rowley. New York: Charles Scribner's Sons, 1963.

DOSKER, Henry E. "Pentecost." *The International Standard Bible Encyclopedia.* Editado por James Orr. Edição revisada. Chicago: Howard-Severance Co., 1929.

PURVES, G. T. "Pentecost." *A Dictionary of the Bible.* Editado por James Hastings, Vol. III. New York: Charles Scribner's Sons, 1900.

RAMSAY, W. M. "Roads and Travel (in NT)." *A Dictionary of the Bible.* Editado por James Hastings. New York: Charles Scribner's Sons, 1904.

TAYLOR, F. J. "Passion." A Theological Word Book of the Bible. Editado por Alan Richardson. Londres: SCM Press, 1950.

WHEATON, David H. "Passion." *Baker's Dictionary of Theology.* Editado por Everett F. Harrison .Grand Rapids: Baker Book House, 1960.

Mapa 1

N
O
L
S
SÍRIA
Damasco
Sidom
Sarepta
Monte Líbano
Monte Hermom
FENÍCIA
Tiro
Dã
Cesaréia de Filipe
MAR MEDITERRÂNEO
GALILÉIA
Ptolemaida
Corazim
Cafarnaum
Betsaida
Magdala
Mar da Galiléia
Caná
Tiberíades
Gergesa
GADARÁ
Nazaré
Monte Carmelo
Vale de Esdraelom
Monte Tabor
Naim
DECÁPOLIS
Bete-Bara
Cesaréia
SAMARIA
Samaria
Sicar
Rio Jordão
Gerasa
Antipátride
Jope
PERÉIA
Lida
Filadélfia
Jericó
Emaús
Betânia,
do outro lado do Jordão (*)
Jerusalém
Betânia
Azoto
Belém
JUDÉIA
Deserto Da Judéia
Mar Morto
Gaza
Hebrom
Berseba
ESTRADAS
NEGUEBE
EGITO
PALESTINA
na Época de Jesus

Mapa 2

JERUSALÉM E SUAS CERCANIAS
na Época de Cristo
PARA SAMARIA
PARA EMAÚS E JOPE
O TERCEIRO MURO
TANQUE DE BETESDA
TORRE DE ANTÔNIA
O SEGUNDO MURO
TEMPLO
PÓRTICO DE SALOMÃO
SUBÚRBIO
GÓLGOTA (Possível localização)
ÁREA
CASA DO CONSELHO
MERCADO
JARDIM DO GETSÊMANI
MONTE DAS OLIVEIRAS
PALÁCIO DE HERODES
CIDADE ALTA
CIDADE BAIXA
CASA DE CAIFÁS
CENÁCULO
FONTE DE GIOM
RIBEIRO DE CEDROM
TANQUE DE SILOÉ
VALE DE HINOM
PARA BELÉM E HEBROM
BETFAGÉ
BETÂNIA
PARA JERICÓ
N
O
L
S

O MUNDO MEDITERRÂNEO
na Época de Paulo
EUROPA
Mar Negro
PONTO
BITÍNIA
GALÁCIA
CAPADÓCIA
CILÍCIA
SÍRIA
Antioquia
Damasco
Samaria
Jericó
Jerusalém
Selêucia
Tarso
Sidom
Tiro
Ptolemaida
Cesaréia
Jope
Gaza
Salamina
CHIPRE
Pafos
Icônio
Listra
Derbe
Antioquia
PISÍDIA
PANFÍLIA
Perge
Mirra
Pátara
Rodes
RODES
ÁSIA
Hierápolis
Colossos
Laodicéia
Filadélfia
Tiatira
Sardes
Pérgamo
Adramítio
Esmirna
Éfeso
Mileto
Cnido
PATMOS
SAMOS
QUIOS
Mitilene
Assôs
Trôade
SAMOTRÁCIA
Mar Egeu
Filipos
Neápolis
Anfípolis
Apolônia
MACEDÔNIA
Tessalônica
Beréia
ACAIA
Atenas
Corinto
Cencréia
Nicópolis
Mar Adriático
ITÁLIA
Roma
Três Vendas
Praça De Ápio
Putéoli
Régio
Siracusa
SICÍLIA
MALTA
MAR MEDITERRÂNEO
Cabo Salmona
Bons Portos
CRETA
Laséia
Fenice
Cirene
LÍBIA
Alexandria
N
S
L
O

Mapa 3

Quadro A

Templo de Herodes

1. Santo dos Santos
2. Lugar Santo
3. Altar da Oferta Queimada
4. Átrio das Mulheres
5. Átrio de Israelitas
6. Átrio dos Sacerdotes

Quadro B

APARIÇÕES DE JESUS APÓS A RESSURREIÇÃO

(1) A MARIA MADALENA
(Marcos 16.9-11; João 20.11-18)

(2) A OUTRAS MULHERES
(Mateus 28.9-10; Lucas 24.9-11)

(3) A DOIS DISCÍPULOS no CAMINHO DE EMAÚS
(Marcos 16.12-13; Lucas 24.13-35)

(4) A SIMÃO PEDRO
(Lucas 24.33-35; 1 Coríntios 15.5)

(5) Aos DISCÍPULOS (na ausência de Tomé)
(Marcos 16.14; Lucas 24.36-48; João 20.19-25)

(6) A TOMÉ e OUTROS DISCÍPULOS
(João 20.26-31; 1 Coríntios 15.5)

(7) A SETE DISCÍPULOS no MAR DA GALILÉIA
(João 21.1-23)

(8) A MAIS DE QUINHENTAS PESSOAS
(1 Coríntios 15.6)

(9) A TIAGO
(1 Coríntios 15.7)

(10) Aos ONZE (A Grande Comissão)
(Mateus 28.16-20; Marcos 16.15-18)

(11) Aos DISCÍPULOS no MONTE DAS OLIVEIRAS
(Marcos 16.19-20; Lucas 24.50-53; Atos 1.9-12)

(12) Ao APÓSTOLO PAULO
(1 Coríntios 15.8)

Autores deste volume

JOSEPH H. MAYFIELD

Vice-presidente de Residência no Campus, professor de Filosofia e Novo Testamento Grego, Northwest Nazarene College, Nampa, Idaho. A.B., Pasadena College; M.A., University of Southern California; D.D., Pasadena College. Curso de graduação na Columbia University e na Claremont Graduate School.

RALPH EARLE

Professor de Novo Testamento, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. A.B., Eastern Nazarene College; M.A., Boston University; B.D., Th.D., Gordon Divinity School. Títulos de pós-doutorado foram obtidos nas universidades de Harvard e Edinburgh.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

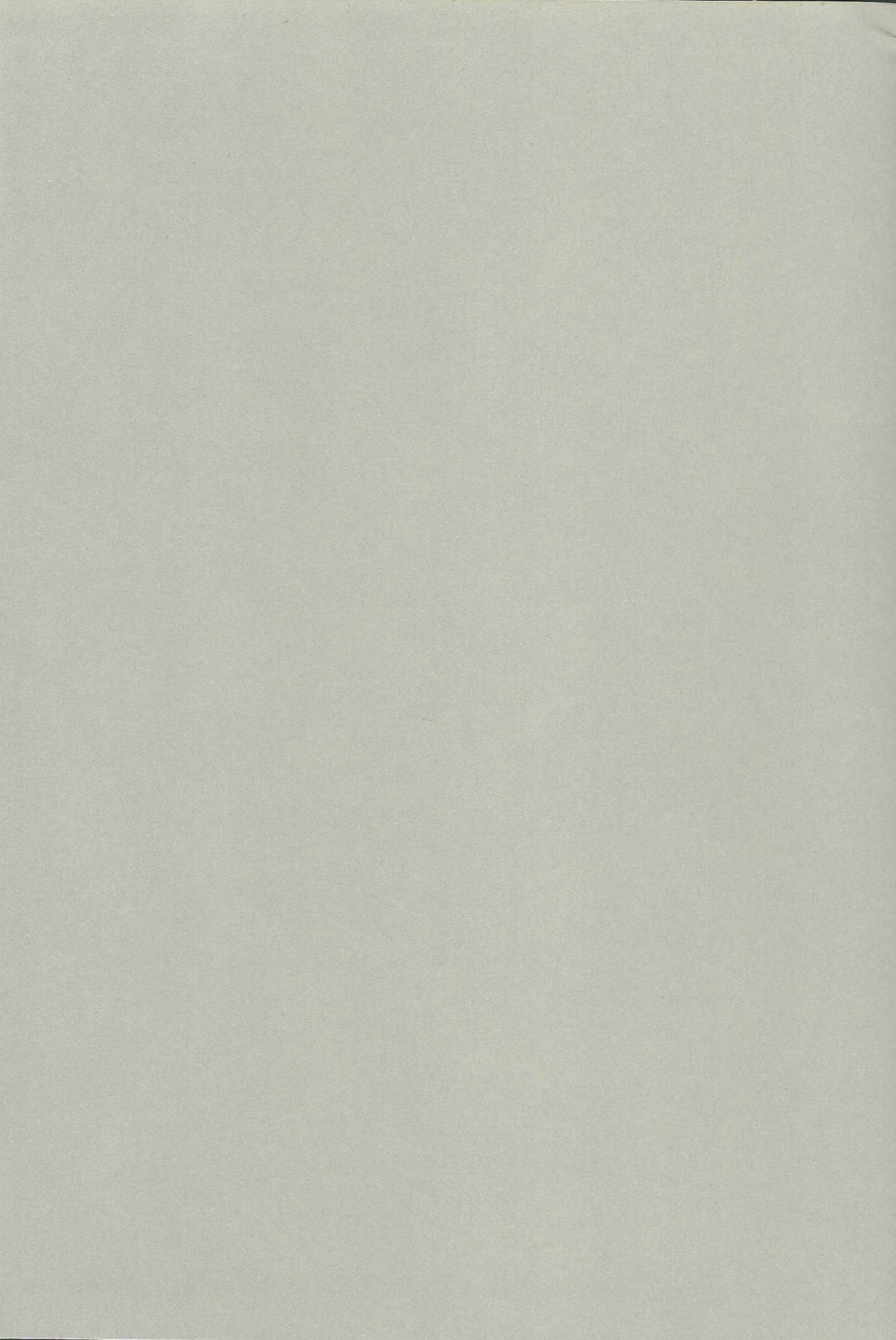
Em Dez Volumes

Volume I. Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio

Volume II. Josué; Juízes; Rute; 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; 1 e 2 Crônicas; Esdras; Neemias; Ester

Volume III. Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cantares de Salomão

Volume IV. Isaías; Jeremias; Lamentações de Jeremias; Ezequiel; Daniel

Volume V. Oséias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu; Zacarias; Malaquias

Volume VI. Mateus; Marcos; Lucas

Volume VII. João; Atos

Volume VIII. Romanos; 1 e 2 Coríntios

Volume IX. Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito; Filemom

Volume X. Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas; Apocalipse

Comentário Bíblico

Beacon

7

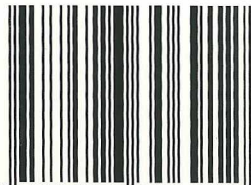
João a Atos

Ralph Earle
Joseph H. Mayfield

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0691-X
9 788526 306912

Referência / Comentário